
Um professor atormentado por seus pecados
se vê tentado por uma aluna angelical
O Inferno de Gabriel
Sylvain Reynard

O Inferno de Gabriel



O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

O Inferno de Gabriel

SYLVAIN REYNARD



ARQUEIRO

Título original: *Gabriel's Inferno*
Copyright © 2011 por Sylvain Reynard
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group,
um membro da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

Tradução do poema "A pulga", de John Donne, por Augusto de Campos.
© Augusto de Campos. Reproduzido mediante prévia autorização do tradutor.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Clarissa Peixoto e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Micha Stone e Amy Brokaw
imagem de capa: casal: Vasilchenko Nikita / Shutterstock;
homem: dundanim / Shutterstock; chamas: Fuat Kose / iStockphoto,
Alexander Chernyakov / iStockphoto; quarta capa: Eishier / Bigstock

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

geração de Epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Reynard, Sylvain
O inferno de Gabriel [recurso eletrônico] / Sylvain Reynard; [tradução de Fabiano Morais]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital.

Tradução de: Gabriel's Inferno
R353i Formato: epub
Requisitos do sistema: Multiplataforma
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-134-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano II. Título.

12-9470

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

In memoriam Maiae.

Resurgam.



Dante e Virgílio cruzando o rio Estige.
Gravura de Gustave Doré, 1870

PRÓLOGO

Florença, 1283

O poeta estava à beira da ponte, observando a jovem se aproximar. O mundo quase parou de girar enquanto ele admirava seus olhos grandes e escuros e a elegância de seus cachos castanhos.

A princípio, não a reconheceu. Sua beleza era de tirar o fôlego. Seus movimentos, graciosos e confiantes. Porém havia algo em seu rosto e em suas formas que lhe lembrou a jovem pela qual se apaixonara tempos atrás. Cada um deles havia seguido seu caminho, mas o poeta sempre lamentaria a perda de seu anjo, de sua musa, de sua amada Beatriz. Sem ela, sua vida era solitária e insignificante.

Agora, lá estava a sua bem-aventurança.

Quando ela se aproximou com suas acompanhantes, ele inclinou a cabeça e o corpo, numa saudação cavalheiresca. Não tinha esperanças de que sua presença fosse notada. Ela era perfeita e intocável, um anjo de olhos castanhos e vestes brancas resplandecentes, ao passo que ele era um velho miserável e cansado do mundo.

Ela já havia quase passado quando os olhos baixos dele notaram uma das sandálias dela hesitar bem à sua frente. Seu coração batia furiosamente no peito enquanto ele aguardava, sem conseguir respirar. Uma voz suave e gentil invadiu suas lembranças quando ela lhe dirigiu a palavra com ternura. Os olhos espantados do poeta se ergueram em direção aos dela. Durante anos ansiara por aquele instante, até sonhara com ele, mas nunca tinha imaginado que fosse encontrá-la de forma tão casual. E jamais ousara ter esperança de ser cumprimentado com tanta doçura.

Desprevenido, murmurou seus galanteios e se permitiu um sorriso – que lhe foi devolvido de forma dez vezes mais intensa por sua musa. O poeta sentiu o coração inflar à medida que seu amor por ela se multiplicava e queimava em seu peito como um inferno.

Infelizmente, a conversa entre eles foi breve demais e ela logo disse que precisava partir. O poeta fez uma mesura quando ela o deixou e então se empertigou para observar sua silhueta se afastar. A alegria de tê-la reencontrado foi mitigada por uma tristeza crescente ao se perguntar se algum dia voltaria a vê-la...

CAPÍTULO UM

A voz do professor Gabriel Emerson ecoou pela sala de aula até a atraente jovem de olhos castanhos sentada no fundo, imersa em seus pensamentos, de cabeça baixa, escrevendo furiosamente num caderno:

– Srta. Mitchell?

Dez pares de olhos se viraram para seu rosto pálido, de cílios longos, e para seus dedos brancos que seguravam a caneta com força. Em seguida, os mesmos dez pares de olhos voltaram ao professor, totalmente imóvel e de cara feia. Sua severidade contrastava com a simetria de seus traços, com os olhos grandes e expressivos e os lábios grossos. Ele tinha uma beleza rústica, mas, naquele momento, amargamente séria, o que comprometia o efeito agradável de sua aparência.

A jovem ouviu alguém pigarrear discretamente à sua esquerda. Olhou, surpresa, para o homem de ombros largos sentado ao seu lado. Ele sorriu e lançou um olhar para o professor na frente da sala.

Ela acompanhou seu olhar lentamente, deparando com um par de olhos azuis penetrantes e zangados. Engoliu em seco.

– Estou esperando que responda à minha pergunta, Srta. Mitchell. *Se estiver disposta a se juntar a nós*. – Sua voz era glacial, como os olhos.

Os demais alunos da pós-graduação se remexeram em suas cadeiras e trocaram olhares furtivos. Suas expressões diziam: *Que bicho mordeu o professor hoje?* Mas eles ficaram calados. (Todos sabem que alunos da pós detestam confrontar os professores por qualquer assunto que seja, quanto mais por grosserias.)

A jovem abriu a boca por um instante, mas tornou a fechá-la, fitando aqueles olhos azuis que a encaravam sem piscar, seus próprios olhos arregalados como os de um coelho assustado.

– Inglês é sua língua materna? – zombou ele.

Uma mulher de cabelos muito pretos sentada à direita do professor tentou abafar uma risada, transformando-a numa tosse nada convincente. Todos os olhos recaíram de novo sobre a coelhinha assustada. Sua pele adquiriu um tom vermelho vivo e ela abaixou a cabeça, finalmente escapando do olhar do professor.

– Já que a Srta. Mitchell parece estar concentrada em uma aula paralela numa língua estrangeira, alguém poderia fazer a gentileza de responder à minha pergunta?

A beldade à sua direita parecia ansiosa para fazer isso. Ela se virou para encará-lo e, radiante, respondeu à pergunta nos mínimos detalhes, exibindo-se ao gesticular enquanto citava Dante no original em italiano. Quando terminou, lançou um sorriso ácido para o

fundo da sala. Depois ergueu os olhos para o professor e suspirou. Só faltou se jogar no chão e roçar nas pernas do professor para mostrar que ela seria seu bichinho de estimação para sempre. (Não que ele fosse gostar disso.)

O professor franziu a testa de modo quase imperceptível, para ninguém em especial, e se virou para escrever no quadro. A coelhinha assustada pestanejou para conter as lágrimas e voltou a escrever. Graças a Deus, não chorou.

Poucos minutos depois, enquanto o professor continuava sua lenga-lenga sobre o conflito entre os guelfos e os gibelinos, um pedaço de papel dobrado surgiu em cima do dicionário de italiano da coelhinha assustada. A princípio, ela não notou, mas o homem bonito ao seu lado pigarreou baixinho, chamando novamente sua atenção. Ele abriu um sorriso mais largo, quase impaciente, e baixou os olhos para o papel.

Ela o viu e piscou. Observando com cautela as costas do professor, que circulava diversas palavras em italiano, levou o papel até o colo, onde o desdobrou discretamente.

Emerson é um babaca.

Ninguém teria notado, porque o homem ao seu lado era o único que estava olhando para ela. Mas, assim que leu essas palavras, o rosto dela corou de uma maneira diferente, duas nuvens cor-de-rosa surgindo na curva de suas faces, e ela sorriu. Não o suficiente para mostrar os dentes nem covinhas ou uma ou outra marca de expressão, mas ainda assim um sorriso.

Ela ergueu os olhos grandes para encará-lo, tímida. Um sorriso rasgado e simpático se espalhou pelo rosto dele.

– O que há de tão engraçado, Srta. Mitchell?

Seus olhos castanhos se dilataram de pavor. O sorriso de seu novo amigo desapareceu rapidamente ao se virar para encarar o professor.

Ela já sabia que seria melhor não olhar para aqueles olhos azuis e frios. Em vez disso, baixou a cabeça, mordeu o lábio inferior e começou a arrastá-lo de um lado para o outro.

– A culpa é minha, professor. Apenas perguntei em que página estávamos – intercedeu o homem simpático em favor dela.

– Essa não é uma pergunta apropriada para um doutorando, Paul. Mas, se quer saber, acabamos de começar o primeiro canto. Creio que consiga encontrá-lo sem a ajuda da Srta. Mitchell. Ah, e... Srta. Mitchell?

O rabo de cavalo da coelhinha assustada tremeu de forma quase imperceptível quando ela levantou a cabeça.

– Vá até a minha sala depois da aula.

CAPÍTULO DOIS

No fim da aula, Julia Mitchell enfiou rapidamente o pedaço de papel dobrado no dicionário de italiano, na página do verbete *asino*.

– Desculpe pelo que aconteceu. Eu sou Paul Norris.

O homem simpático estendeu a mão grande por sobre a mesa. Julia a apertou de leve e ele ficou admirado ao ver como a mão dela era pequena em comparação à sua. Se fechasse a mão, poderia machucá-la.

– Olá, Paul, eu sou Julia. Julia Mitchell.

– Prazer, Julia. Lamento que *o professor* tenha sido tão idiota. Não sei o que deu nele. – Paul chamou Emerson pelo título com uma dose considerável de sarcasmo.

Ela ficou um pouco vermelha e virou o rosto para seus livros.

– Você é nova aqui? – insistiu ele, entortando um pouco a cabeça como se tentasse capturar o olhar dela.

– Acabei de chegar. Da Universidade de Saint Joseph.

Paul assentiu como se isso significasse alguma coisa para ele.

– Veio fazer mestrado?

– Vim. – Ela gesticulou para a frente da sala de aula agora vazia. – Pode não parecer, mas pretendo me especializar em Dante.

Paul assobiou.

– Então está aqui por causa de Emerson?

Ela assentiu e ele percebeu que as veias no pescoço de Julia começaram a pulsar, à medida que seu coração acelerava. Como não conseguiu encontrar explicação para essa reação, resolveu ignorá-la. Mas se lembraria dela mais tarde.

– Não é nada fácil trabalhar com Emerson, por isso ele não tem muitos orientandos. Só eu e Christa Peterson, que você já deve ter conhecido.

– Christa? – Ela o encarou com uma expressão intrigada.

– A garota lá da frente. É a outra doutoranda dele, mas seu objetivo é ser a futura Sra. Emerson. Ela acabou de entrar para o curso e já começou a fazer biscoitos para o professor, aparecer na sala dele e mandar torpedos. É inacreditável.

Julia tornou a assentir, mas não disse nada.

– Christa parece desconhecer as regras rigorosas da Universidade de Toronto que proíbem o relacionamento entre professores e alunos.

Paul revirou os olhos e foi recompensado com um sorriso muito bonito. Pensou que precisava fazer Julia Mitchell sorrir com mais frequência. Mas, por enquanto, isso teria que ser adiado.

– É melhor você ir. Ele queria falar com você depois da aula. Está esperando.

Julia jogou suas coisas às pressas na mochila L. L. Bean surrada que usava desde os tempos de caloura na faculdade.

– Hum... não sei onde fica a sala dele.

– Vire a esquerda ao sair daqui, depois dobre à esquerda outra vez. A sala dele fica no final do corredor. Boa sorte. Se não nos encontrarmos antes, nos vemos na próxima aula.

Ela sorriu, agradecida, e saiu da sala.

Assim que dobrou à esquerda pela segunda vez, viu que a porta da sala do professor estava entreaberta. Ficou ali parada, nervosa, pensando se deveria bater primeiro ou enfiar a cabeça pela fresta. Após alguns instantes de indecisão, decidiu bater. Ela endireitou os ombros, respirou fundo, prendeu o ar e estendeu a mão. Foi então que o ouviu.

– Desculpe se não liguei de volta. Eu estava em aula! – disparou uma voz irritada, já bastante familiar. Houve um breve silêncio antes que ele prosseguisse: – Porque é a primeira aula do ano, seu imbecil, e porque, da última vez em que nos falamos, ela me disse que estava bem!

Julia recuou na mesma hora. Parecia que ele estava ao telefone, gritando com alguém. Não queria que Emerson gritasse com ela, então decidiu fugir e enfrentar as consequências mais tarde. Mas então o professor deu um soluço de cortar o coração. E disso ela não pôde fugir.

– É claro que eu queria estar aí! Eu a amava. É claro que queria estar aí. – Um segundo soluço soou detrás da porta. – Não sei a que horas vou chegar. Diga que estou indo. Vou direto para o aeroporto e pegarei o primeiro avião, mas não sei que tipo de voo eu vou conseguir tão em cima da hora. – Ele fez uma pausa. – Eu sei. Diga a eles que sinto muito. Muito mesmo... – A voz dele foi sumindo até se tornar um choro suave e trêmulo, e Julia o escutou pôr o telefone no gancho.

Sem pensar no que fazia, ela espiou com cuidado pela fresta da porta.

O homem de trinta e poucos anos estava chorando, com a cabeça apoiada em suas mãos de dedos longos, os cotovelos em cima da mesa. Ela ficou observando seus ombros largos se sacudirem. Ouviu a angústia e a tristeza brotarem de seu peito. E sentiu pena.

Queria ir até ele, oferecer consolo, abraçá-lo, acariciar seus cabelos e lhe dizer que sentia muito. Imaginou por alguns instantes como seria limpar as lágrimas daqueles olhos expressivos, cor de safira, e vê-los olhar para ela com carinho. Imaginou-se beijando o rosto dele, bem de leve, só para deixar clara sua compaixão.

Mas vê-lo chorar como se seu coração estivesse partido a petrificou por um momento e ela não fez nada disso. Quando finalmente se deu conta de onde estava, apressou-se a desaparecer de volta atrás da porta, pegou às cegas um pedaço de papel de dentro da mochila e escreveu:

Sinto muito.
Julia Mitchell

Então, sem saber bem o que fazer, fechou silenciosamente a porta da sala, prendendo o bilhete contra o batente.

◆◆◆

A timidez de Julia não era sua principal característica. Sua melhor qualidade, aquela que a definia, era sua compaixão – que não havia sido herdada de seus pais. O pai era um homem decente, mas severo e inflexível. A mãe, que já tinha morrido, não havia sido compassiva em nenhum sentido, nem mesmo com sua única filha.

Tom Mitchell era um homem de poucas palavras, mas bem conhecido e querido por quase todos. Era zelador na Universidade de Susquehanna e chefe dos bombeiros do distrito de Selinsgrove, na Pensilvânia. A brigada de incêndio era toda composta por voluntários, então ele e os demais bombeiros estavam sempre de sobreaviso. Ele cumpria seu dever com orgulho e dedicação, o que significava que quase nunca parava em casa, mesmo quando não estava atendendo a alguma emergência. Na noite da primeira aula de Julia na pós-graduação, ele telefonou para a filha do posto de bombeiros, feliz por ela finalmente ter decidido atender o celular.

– Como estão as coisas por aí, Jules? – Sua voz não denotava nenhuma emoção, mas ainda assim era reconfortante e a aqueceu como um cobertor.

Julia suspirou.

– Tudo bem. O primeiro dia foi... interessante, mas legal.

– Os canadenses estão tratando você direito?

– Ah, sim. São todos muito simpáticos. – *O problema são os americanos. Quer dizer, um americano.*

Tom pigarreou e Julia prendeu a respiração. Ela sabia, por anos de experiência, que o pai estava prestes a lhe dizer algo sério. Perguntou-se o que seria.

– Querida, Grace Clark faleceu hoje.

Julia se empertigou na cama de solteiro, o olhar perdido.

– Ouviu o que eu disse?

– Ouvi, sim.

– O câncer voltou. Eles acharam que ela estava curada. Mas a doença voltou e, quando descobriram, já estava nos ossos e no fígado. Richard e os filhos estão muito abalados.

Julia mordeu o lábio e conteve um soluço.

– Eu sabia que seria duro para você. Sei que considerava Grace uma segunda mãe, e era muito amiga da Rachel na escola. Tem falado com ela?

– Hum, não. Não tenho. Por que ela não me contou?

– Não sei bem quando descobriram que Grace estava doente de novo. Passei na casa deles hoje mais cedo e Gabriel nem estava lá. Isso criou um problemão. Não sei o que ele vai ter que enfrentar quando chegar. Existe muito rancor naquela família. – Tom praguejou em voz baixa.

– Você vai enviar flores?

– Acho que sim. Não sou muito bom com essas coisas, mas posso pedir ajuda a Deb.

Deb Lundy era a namorada de Tom. Julia revirou os olhos ao ouvir seu nome, mas guardou a reação negativa para si.

– Por favor, veja se ela pode mandar algo em meu nome. Grace adorava gardênias. Deb também pode assinar o cartão por mim.

– Deixe comigo. Precisa de alguma coisa?

– Não, estou bem.

– Precisa de dinheiro?

– Não, pai. A bolsa é suficiente para eu me manter se controlar os gastos.

Tom fez uma pausa e, antes mesmo que ele voltasse a abrir a boca, Julia já sabia o que o pai iria dizer.

– Sinto muito por Harvard. Quem sabe no ano que vem?

Julia endireitou os ombros e forçou um sorriso, por mais que seu pai não pudesse vê-lo.

– Quem sabe? Depois conversamos melhor.

– Tchau, querida.

Na manhã seguinte, Julia caminhou um pouco mais devagar até a universidade, ouvindo seu iPod. Em sua cabeça, escrevia e reescrevia um e-mail de pêsames e desculpas para Rachel.

A brisa de setembro era quente em Toronto e ela gostava disso. Gostava de estar perto do lago, do clima ensolarado, da cordialidade, das ruas limpas, sem lixo. Gostava do fato de estar em Toronto e não em Selinsgrove ou na Filadélfia – de estar a centenas de quilômetros de distância *dele*. Esperava apenas que pudesse continuar assim.

Ainda estava pensando no e-mail para Rachel quando entrou na sala do Departamento de Estudos Italianos para conferir seu escaninho. Alguém cutucou seu ombro.

Ela se virou, tirando os fones de ouvido.

– Paul... oi.

Paul sorria para ela, olhando para baixo. Julia era baixinha, ainda mais quando estava de tênis, e o topo da sua cabeça mal alcançava a parte de baixo do peito dele.

O sorriso de Paul sumiu ao perguntar, com uma expressão preocupada:

– Como foi seu encontro com Emerson?

Ela mordeu o lábio, um tique nervoso do qual não conseguia se livrar, principalmente por não ter consciência dele.

– Hum... não encontrei com ele.

Ele fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Soltou um pequeno grunhido.

– Isso... não é nada bom.

Julia tentou explicar a situação:

– A porta da sala estava fechada. Acho que ele estava ao telefone... não sei direito. Deixei um bilhete.

Paul notou o nervosismo dela e a maneira como suas sobrancelhas delicadamente arqueadas se franziram. Sentiu pena de Julia e amaldiçoou mentalmente o professor por ser tão grosso. Ela parecia se magoar com facilidade e Emerson não percebia como sua atitude afetava os alunos. Então Paul decidiu ajudá-la.

– Se ele estava ao telefone, não gostaria de ser interrompido mesmo. Vamos torcer para que tenha sido isso. Se não, eu diria que você está em maus lençóis. – Ele se empertigou, revelando toda sua altura e abrindo os braços de modo casual. – Se houver alguma consequência, me avise e verei o que posso fazer. Se ele gritar comigo, eu aguento. Mas não quero que grite com você. – *Porque, pelo visto, você morreria de pavor, Coelhinha Assustada.*

Julia pareceu querer dizer algo, mas ficou calada. Ela abriu um leve sorriso e concordou com a cabeça, como se agradecesse. Então foi até os escaninhos e esvaziou o seu.

A maior parte das correspondências não tinha importância. Algumas notificações do departamento, incluindo o aviso de uma palestra pública a ser ministrada pelo professor Gabriel O. Emerson, intitulada "*Luxúria no Inferno de Dante: O pecado mortal contra o ego"*. Julia releu o título várias vezes antes de conseguir absorvê-lo. Mas depois começou a cantarolar suavemente para si mesma.

Estava cantarolando quando notou um segundo aviso, mencionando que a palestra do professor Emerson tinha sido cancelada e seria remarcada. Ainda cantarolava ao ver o terceiro aviso, informando que todas as aulas, compromissos e reuniões do professor Emerson estavam cancelados até segunda ordem.

Por fim, sem parar de cantarolar, enfiou a mão no fundo do escaninho e retirou um pequeno pedaço de papel. Ela o desdobrou e leu:

Sinto muito.
Julia Mitchell

Continuou cantarolando enquanto tentava entender o que significava encontrar seu próprio bilhete no escaninho um dia depois de deixá-lo preso à porta do professor Emerson. Finalmente ficou em silêncio e seu coração parou de bater quando virou o papel e leu as palavras:

Emerson é um babaca.

CAPÍTULO TRÊS

Houve uma época em que, diante de um acontecimento tão embaraçoso como esse, Julia teria caído no chão e se enroscado em posição fetal, e possivelmente ficaria assim para sempre. Mas, aos 23 anos, já era mais dura do que isso. Então, em vez de ficar parada diante dos escaninhos, refletindo sobre como sua carreira acadêmica tinha sido curta, ela fez o que tinha que fazer na universidade e voltou para casa.

Afastando da mente todo e qualquer pensamento sobre sua carreira, Julia fez quatro coisas.

Primeiro, pegou algum dinheiro da reserva de emergência convenientemente guardada num pote plástico debaixo da sua cama.

Segundo, foi até a loja de bebidas mais próxima e comprou uma garrafa bem grande de tequila bem barata.

Terceiro, voltou para casa e escreveu um longo e-mail de desculpas e pêsames para Rachel. Fez questão de se esquecer de mencionar onde estava morando e o que estava fazendo e enviou a mensagem pela sua conta do Gmail, em vez de usar o e-mail da universidade.

Quarto, foi às compras. Como não tinha dinheiro para gastar, essa atividade foi apenas uma homenagem piegas e de certa forma melancólica a Rachel e Grace, que adoravam coisas caras.

Julia já não podia ir às compras quando foi morar em Selinsgrove e conheceu Rachel no penúltimo ano do ensino médio. E agora tirava leite de pedra para viver apenas com sua bolsa de estudos, sem poder trabalhar para complementar a renda. Como americana com visto de estudante, suas possibilidades de conseguir um emprego eram muito limitadas.

Enquanto passeava lentamente pelas belas vitrines da Bloor Street, ela pensou em sua mãe de consideração e em sua velha amiga. Parou em frente à loja Prada, lembrando-se da única vez em que Rachel a levara para comprar sapatos de grife. Julia ainda tinha aqueles Prada pretos de salto agulha, guardados numa caixa no fundo do armário. Ela só os usara uma vez, na noite em que descobriu que havia sido traída, e, por mais que quisesse tê-los destruído como destruíra o vestido, não foi capaz. Tinha sido um presente de boas-vindas de Rachel, que não fazia ideia do que esperava por Julia ao voltar para casa.

Depois ficou parada pelo que pareceu uma eternidade diante da vitrine da Chanel, chorando e pensando em Grace. Em como ela sempre a recebia com um sorriso e um abraço quando Julia a visitava. Em como, quando a mãe de Julia morreu em

circunstâncias trágicas, Grace lhe disse que a amava e que adoraria ser sua mãe, se ela permitisse. Em como Grace tinha sido uma mãe melhor do que Sharon, para vergonha de Sharon e constrangimento de Julia.

E, quando já havia chorado todas as suas lágrimas e as lojas começaram a fechar, voltou lentamente para o seu apartamento e começou a se torturar por ter sido uma péssima filha de consideração, uma amiga terrível e uma idiota insensível, incapaz de ao menos conferir se um papel estava em branco antes de deixar um bilhete para alguém que tinha acabado de perder a mãe.

O que devia ter passado pela cabeça dele ao encontrar aquele bilhete? Encorajada por duas ou três doses de tequila, Julia se permitiu fazer algumas perguntas simples. *E o que ele deve pensar de mim agora?*

Cogitou arrumar as malas e pegar um ônibus de volta para Selinsgrove, só para não ter que enfrentá-lo. Estava envergonhada por não ter percebido que era de Grace que o professor Emerson estava falando ao telefone naquele dia terrível. Mas nem imaginava que o câncer dela tinha voltado, quanto mais que ela houvesse morrido. Além do mais, Julia estava muito preocupada por ter começado com o pé esquerdo com o professor. A hostilidade dele foi chocante. Porém mais chocante ainda foi ver seu rosto aos prantos. Naquele momento, só conseguiu pensar em consolá-lo – e esse pensamento foi suficiente para distraí-la, impedindo-a de refletir sobre a causa da sua dor.

Não bastava que o coração dele tivesse acabado de ser dilacerado pela notícia da morte de Grace, sem que ele houvesse tido a oportunidade de se despedir ou dizer que a amava. Não bastava que alguém, provavelmente seu irmão Scott, o tivesse arrasado por ele não ter voltado para casa. Não, depois de ter sido devastado pela dor e chorado como um bebê, ele ainda teve a experiência encantadora de abrir a porta de sua sala para sair correndo até o aeroporto e deparar com o bilhete de pêsames dela. E com o que Paul tinha escrito no verso.

Que beleza.

Julia ficou surpresa que o professor não a tivesse expulsado do curso na mesma hora. *Talvez ele se lembre de mim.* Mais uma dose de tequila lhe permitiu ter esse último pensamento e, depois dele, mais nada, porque ela apagou no chão.

◆◆◆

Duas semanas depois, Julia sentia-se um pouco melhor ao conferir seu escaninho na universidade. Sim, era como se ela estivesse aguardando no corredor da morte sem esperança de suspensão da pena. Mas ela não largou tudo e voltou para casa.

Era verdade que Julia corava como uma colegial e era absurdamente tímida. Mas também era teimosa. Ela era tenaz. E queria muito estudar Dante. Se isso significasse tirar da cartola um cúmplice não identificado para escapar da pena de morte, ela estava

disposta a fazê-lo.

Só não tinha contado isso para Paul. Ainda.

– Julianne? Pode vir aqui um instante? – disse a Sra. Jenkins, a adorável e idosa assistente administrativa.

Obediente, Julia foi até a mesa dela.

– Você teve algum problema com o professor Emerson?

– Eu, hum... não sei.

Ela ficou vermelha e começou a morder a parte de dentro das bochechas.

– Recebi dois e-mails urgentes esta manhã me pedindo que marcasse uma reunião com você assim que ele voltasse. Os professores nunca fazem isso. Preferem marcar seus próprios compromissos. Mas, por algum motivo, ele insistiu que eu agendasse essa reunião e registrasse o encontro em sua ficha.

Julia assentiu e pegou sua agenda na mochila, esforçando-se ao máximo para não imaginar o que ele teria dito a seu respeito nos e-mails.

A Sra. Jenkins olhou para ela, esperando alguma reação.

– Amanhã está bem?

Julia ficou surpresa.

– Amanhã?

– O professor chega hoje à noite e quer encontrá-la amanhã, às quatro da tarde, na sala dele. É possível? Preciso responder ao e-mail com uma confirmação.

Julia tornou a assentir e anotou a hora da reunião em sua agenda, como se isso fosse preciso.

– Ele não falou sobre o que era, mas disse que era sério. Fico me perguntando o que isso quer dizer... – falou a Sra. Jenkins, distraída.

Julia acabou de resolver seus assuntos na universidade e voltou para casa, a fim de fazer as malas com a ajuda da Señorita Tequila.

◆◆◆

Na manhã seguinte, a maioria das roupas de Julia estava dentro de duas malas grandes. Sem querer admitir a derrota para si mesma (ou para a tequila), decidiu não pôr tudo nas malas. Assim, se viu à toa, ansiosa e precisando se distrair. Então fez a única coisa que qualquer estudante faria numa situação dessas, além de beber e cair na farra com outros estudantes: uma faxina no apartamento.

Não demorou muito. Mas, quando terminou, tudo estava na mais perfeita ordem, com um ligeiro perfume de limão e meticulosamente limpo. Julia se orgulhou bastante de seu feito e arrumou a mochila de cabeça erguida.

Enquanto isso, o professor Emerson atravessava a passos firmes os corredores do Departamento de Estudos Italianos, sem dar a menor atenção a qualquer aluno ou colega

que cruzasse seu caminho. Estava com um mau humor terrível, e ninguém teve coragem de se meter com ele.

Seu gênio já andava péssimo nos últimos tempos, mas sua rabugice tinha sido exacerbada pelo estresse e pela noite em claro. Fora amaldiçoado pelos deuses da Air Canada, acomodado ao lado de um pai com uma criança de 2 anos no voo de volta da Filadélfia. O bebê berrava e fez xixi na calça (e no professor Emerson), enquanto o pai dormia a sono solto. Ao tentar limpar sua calça Armani na penumbra do avião, Emerson havia refletido sobre a justiça da esterilização compulsória de pais negligentes.

Julia chegou para a reunião às quatro em ponto. Ficou satisfeita ao encontrar a porta de Emerson fechada. Porém sua satisfação logo passou quando ela percebeu que o professor estava lá dentro, rosnando para Paul.

Quando Paul saiu, dez minutos depois, visivelmente abalado, mas com a cabeça erguida no alto dos seus 1,90m, Julia olhou de relance para a saída de emergência. Cinco passos e ela estaria do outro lado da porta, livre, correndo para escapar da polícia por ter acionado desnecessariamente o alarme de incêndio. Parecia uma hipótese tentadora.

Paul olhou para ela e balançou a cabeça, balbuciando alguns xingamentos contra o professor antes de sorrir e dizer:

– Quer tomar um café comigo um dia desses?

Julia o encarou, surpresa. Estava um pouco desnorteada por causa da reunião, então, sem refletir muito, concordou.

Ele sorriu e se inclinou na direção dela.

– Seria mais fácil se você me desse seu telefone.

Ela ficou vermelha e pegou rapidamente um pedaço de papel. Depois de conferir se não havia nada escrito nele, rabiscou o número do seu celular.

Paul apanhou o papel, olhou para ele e afagou o braço de Julia.

– Acabe com ele, Coelhinha.

Julia não teve tempo de perguntar por que ele achava que seu apelido fosse ou devesse ser Coelhinha, pois uma voz atraente, porém irascível, a chamou:

– *Agora*, Srta. Mitchell.

Ela se encaminhou para a sala e parou, hesitante, junto à porta.

O professor Emerson parecia cansado. Estava com olheiras acentuadas e muito pálido, o que de certa forma fazia com que parecesse mais magro. Enquanto analisava um documento, passou a língua devagar pelo lábio inferior.

Julia ficou hipnotizada, observando sua boca sensual. Alguns instantes depois, com grande esforço, se concentrou nos olhos cor de safira do professor, parcialmente escondidos por óculos Prada de armação preta. Nunca o tinha visto de óculos; talvez ele só os usasse quando a vista estava cansada. A armação escura contrastava com o castanho de seus cabelos e o azul de seus olhos, tornando-se a coisa mais chamativa em

seu rosto. Na mesma hora ela percebeu que não só nunca tinha visto um professor tão atraente como jamais encontrara um que se preocupasse tanto com a própria aparência. Ele poderia estrelar uma campanha publicitária da Prada, coisa que nenhum outro professor jamais havia feito.

(Como se sabe, professores universitários não costumam ser admirados por seu tino para moda.)

Julia o conhecia bem o suficiente para saber que ele era volúvel. Também o conhecia bem o suficiente para saber que era, pelo menos nos últimos tempos, um defensor das boas maneiras e do decoro. Provavelmente poderia se sentar em uma de suas confortáveis poltronas de couro sem ser convidada, ainda mais se Gabriel se lembrasse dela. Mas, por causa do tom de voz dele, ficou de pé.

– Por favor, sente-se, Srta. Mitchell. – Sua voz era fria e dura, e ele apontou não para as poltronas, mas para uma cadeira de metal de aparência desconfortável.

Julia suspirou e andou até a cadeira dura que ficava bem em frente a uma das gigantescas estantes embutidas. Preferiria que ele a tivesse convidado a sentar em qualquer outro lugar, mas achou melhor não discutir.

– Traga a cadeira para a frente da minha mesa. Não vou ficar torcendo o pescoço para falar com você.

Nervosa, ela se levantou e obedeceu, largando a mochila no chão. Encolheu-se e ficou vermelha dos pés à cabeça quando vários objetos rolaram para fora da mochila, incluindo um absorvente interno que foi parar embaixo da mesa do professor Emerson, a poucos centímetros de sua maleta de couro.

Talvez ele só veja depois *que eu tiver ido embora.*

Envergonhada, Julia se agachou para guardar o restante das coisas. Ao terminar, a alça da velha mochila arrebentou e tudo que estava dentro caiu no chão com um estrondo. Papéis, canetas, seu iPod, o celular e uma maçã verde se espalharam pelo belo tapete persa do professor, e ela se ajoelhou às pressas.

Ó deuses dos pós-graduandos e eternos estabanados, me matem agora. Por favor.

– Você é comediante, Srta. Mitchell?

Diante do sarcasmo do professor, Julia retesou a coluna e ergueu o olhar para seu rosto. O que viu quase a levou às lágrimas.

Como alguém com um nome angelical podia ser tão cruel? Como uma voz tão melodiosa poderia ser tão dura? Ela ficou alguns instantes perdida nas profundezas frias de seus olhos, lembrando com saudade a época em que eles a haviam fitado com ternura. Mas, em vez de ceder ao desespero, respirou fundo e decidiu que era melhor se acostumar com o jeito dele agora, por maior e mais dolorosa que fosse a decepção.

Ela balançou a cabeça em silêncio e voltou a guardar suas coisas na mochila arrebentada.

– Quando faço uma pergunta, espero receber uma resposta. Você já deveria ter aprendido essa lição. – Ele a analisou por um instante, então olhou de volta para o documento em suas mãos. – Talvez não seja tão inteligente assim.

– O que disse, Dr. Emerson?

A própria Julia ficou surpresa com o tom de sua voz: suave, porém firme. Não sabia de onde tinha vindo aquela coragem, mas, por via das dúvidas, agradeceu mentalmente aos deuses dos pós-graduandos por terem vindo em seu auxílio.

– É *professor* Emerson – corrigiu ele. – Doutores você encontra em qualquer lugar. Até quiropráticos e podólogos se chamam de "doutores".

Devidamente subjugada, Julia tentou fechar o zíper da mochila arrebentada. Infelizmente, o zíper havia emperrado. Ela prendeu a respiração enquanto o puxava, tentando ressuscitá-lo e xingando mentalmente.

– Quer parar de mexer nesse farrapo ridículo que chama de mochila e sentar na cadeira como um ser humano?

Julia pôde ver que ele já estava mais do que furioso, então largou seu farrapo ridículo no chão e se sentou em silêncio na cadeira desconfortável. Cruzou as mãos, com o único intuito de evitar retorcê-las, e esperou.

– Você deve mesmo se achar uma comediante. Tenho certeza de que achou *isto* aqui engraçado – disse ele, atirando um pedaço de papel que caiu no chão, a poucos centímetros do tênis de Julia.

Abaixando-se para pegá-lo, ela viu que era uma fotocópia do terrível bilhete que havia deixado para ele no dia da morte de Grace.

– Posso explicar. Foi um engano. Eu não escrevi as duas...

– Não estou interessado em suas desculpas! Pedi que viesse à minha sala e você não veio.

– Mas o senhor estava ao telefone. A porta estava fechada e...

– A porta não estava fechada! – Ele jogou em sua direção algo que parecia um cartão de visita. – Imagino que eu também deveria achar isso engraçado.

Julia apanhou o objeto lançado e arquejou de espanto. Era um pequeno cartão de condolências, do tipo que costuma ser enviado com flores:

Sinto muito pela sua perda.
Meus pêsames.
Com amor,
Julia Mitchell

Ela o encarou e viu que o professor estava praticamente cuspindo de raiva. Julia piscou várias vezes, tentando encontrar as palavras para se explicar.

– Não é o que o senhor está pensando. Eu queria dizer que sentia muito e...

– Já não tinha dito isso no primeiro bilhete?

– Mas este deveria ser para a sua família, que...

– Deixe minha família fora disso!

Ele girou o corpo para o outro lado, fechou os olhos, tirou os óculos e esfregou o rosto com as duas mãos.

Julia havia sido transferida do reino da surpresa para o da estupefação. *Ninguém tinha explicado a ele*. Gabriel compreendera errado o seu cartão e ninguém havia desfeito o mal-entendido. Com um embrulho no estômago, ficou pensando no que aquilo tudo significava.

Inconsciente das reflexões dela, o professor pareceu fazer um esforço hercúleo para se acalmar. Fechou o arquivo e o largou com desdém em cima da mesa. Então fuzilou Julia com o olhar.

– Vejo que você veio para cá com uma bolsa para estudar Dante. Neste momento, sou o único professor que orienta trabalhos nessa área. Já que isto aqui não vai funcionar – disse ele, gesticulando entre os dois –, você vai ter que mudar o tema da sua dissertação e encontrar outro orientador. Também pode pedir transferência para outro departamento, ou, melhor ainda, para outra universidade. Informarei minha decisão ao diretor do programa. E ela já está valendo a partir deste momento. Agora, se me dá licença...

Ele girou a cadeira na direção do laptop e começou a digitar furiosamente.

Julia estava pasma. Enquanto continuava sentada ali, absorvendo silenciosamente não só seu sermão, mas também seu veredito, o professor falou, sem se dar o trabalho de erguer os olhos para ela:

– É só isso, Srta. Mitchell.

Julia não discutiu com ele, porque, na verdade, não adiantaria. Em vez disso, levantou-se da cadeira, ainda atordoada, e pegou sua mochila ofensiva. Abraçou-a contra o peito e saiu lentamente da sala, um tanto hesitante, parecendo um zumbi.

Ao sair do prédio e atravessar a Bloor Street, Julia percebeu que tinha escolhido o dia errado para sair de casa sem casaco. A temperatura havia diminuído e começara a chover. Sua blusa de manga fina ficou encharcada cinco passos depois de sair da universidade. Tinha se esquecido de levar um guarda-chuva, então teria que caminhar por três longos quarteirões até seu apartamento, debaixo de vento, frio e chuva.

Ó deuses do carma ruim e das tempestades, tenham piedade de mim.

Enquanto andava, refletiu sobre o que havia acontecido na sala do professor Emerson. Tinha feito duas malas na noite anterior, só para garantir, então de certa forma estava preparada para aquilo. Mas também havia nutrido uma esperança sincera de que ele fosse se lembrar. Tinha se permitido acreditar que ele seria gentil com ela. Mas não foi assim.

Ele não lhe permitira explicar a confusão envolvendo o bilhete. Entendera errado as flores e o cartão. E a expulsara do curso. Era o fim. Agora ela teria que voltar humilhada para a casa de Tom, em Selinsgrove... e *ele* ficaria sabendo de seu retorno e riria dela. Os *dois* ririam juntos dela. Julia, sua idiota. Achou que poderia deixar Selinsgrove para trás e ser alguém na vida. Achou que poderia fazer um mestrado e se tornar professora universitária... A quem ela estava enganando? Estava tudo acabado, pelo menos por aquele ano letivo.

Olhou para a mochila destruída e agora encharcada como se ela fosse um bebê e a apertou com força contra o peito. Depois da sua terrível demonstração de idiotice e falta de tato, nem mesmo sua dignidade lhe restava. E perdê-la na frente dele, depois de todos aqueles anos, era realmente insuportável.

Ela pensou no absorvente interno debaixo da mesa dele e soube que, quando ele se abaixasse para pegar a maleta às cinco da tarde, sua humilhação estaria completa. Pelo menos não estaria lá para testemunhar a reação de surpresa e repulsa do professor. Julia podia imaginar o ataque que ele daria.

A cerca de dois quarteirões de seu apartamento, o cabelo longo e castanho de Julia estava encharcado, as mechas pegajosas grudadas em sua cabeça. Seus tênis faziam barulho a cada passo. A água da chuva escorria pelo seu corpo como se ela estivesse debaixo de uma cachoeira. Carros e ônibus passavam a toda a velocidade e ela nem se dava o trabalho de desviar das ondas de água suja que a atingiam. Como as decepções da vida, ela simplesmente as aceitava.

Então outro carro se aproximou, dessa vez desacelerando para não molhar Julia ao passar. Era um Jaguar preto, que parecia novo.

O carro foi diminuindo a velocidade até parar. Quando Julia passou por ele, a porta do carona se abriu e uma voz masculina disse:

– Entre.

Ela hesitou; não era possível que o motorista estivesse falando com ela. Olhou em volta, mas era a única pessoa idiota o bastante para andar debaixo daquela chuva torrencial. Curiosa, ela se aproximou um passo.

Sabia muito bem que não deveria entrar no carro de um estranho, nem mesmo numa cidade canadense. Mas, quando olhou para o banco do motorista e viu dois olhos azuis penetrantes a encarando, andou lentamente em sua direção.

– Você vai pegar uma pneumonia e morrer. Entre. Vou levá-la em casa. – Sua voz estava mais suave, sem sinal de irritação. Era quase a voz de que ela se lembrava.

Então, só por causa dessa recordação, ela se sentou no banco do carona e fechou a porta, mentalmente pedindo desculpas aos deuses dos Jaguares por molhar o revestimento de couro preto impecável e os tapetes imaculados.

Ela se deteve ao ouvir as notas do *Noturno Op. 9*, *n*o 2 de Chopin e sorriu para si

mesma. Adorava aquela peça.

Então se virou para o motorista.

– Muito obrigada, professor Emerson.

CAPÍTULO QUATRO

O professor Emerson tinha feito uma curva errada. Talvez sua vida pudesse ser descrita como uma série de curvas erradas, mas essa tinha sido totalmente por acaso. Ele estava lendo um e-mail furioso do irmão em seu iPhone enquanto dirigia o Jaguar sob uma tempestade bem na hora do rush no centro de Toronto. Consequentemente, dobrou à esquerda em vez de à direita na altura do Queens's Park, pegando a Bloor Street. Isso significava que estava seguindo na direção oposta à do seu apartamento.

Não havia a menor chance de fazer um retorno na Bloor Street na hora do rush, e o tráfego estava tão intenso que ele não pôde nem parar, dobrar à direita e voltar. Foi assim que viu a Srta. Mitchell encharcada e patética, andando desalentada pela rua como uma sem-teto e, tomado por uma culpa repentina, a convidara a entrar no carro, que era o orgulho e a alegria de sua vida.

– Sinto muito por estar molhando seu estofamento – disse ela, hesitante.

Os dedos do professor Emerson apertaram o volante.

– Tenho uma pessoa para limpar quando está sujo.

Julia baixou a cabeça, pois sua resposta a magoou. Implicitamente, ele a havia comparado a uma sujeira. Mas era isso que ele a considerava agora: uma sujeira na sola de seu sapato.

– Onde você mora? – perguntou ele, tentando entabular uma conversa educada e segura pelo que esperava ser um curto período juntos.

– Na Madison. É logo adiante, à direita – respondeu ela, apontando.

– Eu sei onde fica a Madison – falou ele, irritado.

Observando-o pelo canto do olho, Julia se encolheu contra a janela do carona. Virou a cabeça para olhar para fora e mordeu o lábio inferior com força.

O professor Emerson praguejou baixinho. Mesmo com os cabelos escuros emaranhados e molhados, ela era bonita: um anjo de olhos castanhos que usava jeans e tênis. Sua mente se deteve por alguns instantes naquela descrição. O termo *anjo de olhos castanhos* lhe pareceu estranhamente familiar, mas, como não conseguiu recordar a fonte dessa referência, afastou-a da cabeça.

– Que número da Madison? – Ele baixou tanto o tom de voz que Julia mal conseguiu ouvi-lo.

– Quarenta e cinco.

Ele assentiu e, instantes depois, parou o carro em frente à casa de tijolos vermelhos de três andares que havia sido dividida em apartamentos.

– Obrigada – murmurou ela, levando rapidamente a mão à maçaneta para fugir.

– Espere – ordenou ele, esticando o braço para o banco de trás a fim de pegar um grande guarda-chuva preto.

Ela esperou e ficou pasma ao ver o professor dar a volta no carro e abrir a porta do carona, esperar com o guarda-chuva aberto enquanto ela e seu farrapo ridículo saíam do Jaguar e depois escoltá-la pela calçada até os degraus de entrada do prédio.

– Obrigada – repetiu ela, tentando abrir a mochila para pegar as chaves.

O professor ficou calado, se esforçando para esconder sua repulsa diante do farrapo ridículo. Ele a observou lutar com o zíper, então viu seu rosto ficar muito vermelho e agitado por não conseguir abri-lo. Lembrou-se da expressão dela ao se ajoelhar em seu tapete persa e lhe ocorreu que o problema com o zíper talvez fosse culpa sua.

Sem dizer uma palavra, arrancou a mochila das mãos dela e empurrou o guarda-chuva fechado em sua direção. Abriu o zíper com um puxão e estendeu a mochila de volta, convidando-a a pegar as chaves.

Ela encontrou as chaves, mas estava tão nervosa que as deixou cair. Quando as apanhou, suas mãos tremiam tanto que não conseguia localizar a chave certa no molho.

Perdendo a paciência, o professor arrancou o chaveiro das mãos dela e começou a testar as chaves na fechadura. Quando por fim abriu a porta, segurou-a para que Julia entrasse antes de lhe devolver o chaveiro.

Ela pegou de volta a mochila e murmurou um terceiro agradecimento.

– Vou acompanhá-la até o seu apartamento – anunciou ele, seguindo-a pelo corredor. – Uma vez um sem-teto me abordou na portaria do meu prédio. Todo cuidado é pouco.

Julia rezou em silêncio para os deuses das quitinetes, implorando-lhes que a ajudassem a encontrar rapidamente a chave de seu apartamento. Eles atenderam ao seu pedido. Quando estava prestes a desaparecer atrás da porta e fechá-la na cara do professor com firmeza mas sem grosseria, ela se deteve. Então, como se houvesse anos que o conhecesse, sorriu e perguntou educadamente se ele gostaria de uma xícara de chá.

Apesar de surpreso com o convite, o professor Emerson se viu dentro do apartamento dela antes mesmo de pensar se era uma boa ideia. Ao correr os olhos pelo espaço pequeno e modesto, concluiu que não, não era.

– Quer me dar seu casaco, professor? – A voz animada de Julia o distraiu.

– E onde você iria pendurá-lo? – disse ele, torcendo o nariz e notando com afetação que ela não tinha closet ou cabideiro próximo à porta.

Ela baixou cabeça.

O professor a observou morder o lábio, nervosa, e se arrependeu da grosseria na mesma hora.

– Desculpe – falou, entregando-lhe seu impermeável da Burberry do qual se orgulhava mais do que devia. – E obrigado.

Julia pendurou o casaco com cuidado num gancho atrás da porta e largou a mochila no chão de madeira.

– Entre e fique à vontade. Vou preparar o chá.

O professor Emerson andou até uma das duas únicas cadeiras que havia no apartamento e se sentou, tentando ocultar sua repulsa por respeito a ela. O lugar era menor do que seu lavabo e contava com uma cama pequena encostada na parede, uma mesa de carteado e duas cadeiras, uma pequena estante de livros e uma cômoda. Havia também um pequeno closet e um banheiro, mas não uma cozinha.

Ele correu os olhos pelo ambiente, em busca de provas de qualquer tipo de atividade culinária, até enfim notar um micro-ondas e uma chapa elétrica precariamente equilibrados em cima de uma penteadeira. Havia uma pequena geladeira no chão ao lado.

– Tenho uma chaleira elétrica – disse Julia, alegre, como se anunciasse que tinha um diamante da Tiffany.

Ele notou a água que continuava escorrendo de seu corpo, depois as roupas ensopadas e então, porque estava frio, começou a notar o que havia debaixo das roupas... e se apressou a sugerir, com alguma rispidez, que esquecesse do chá e fosse se secar.

Julia baixou a cabeça mais uma vez e ficou vermelha antes de se enfiar no banheiro. Voltou alguns segundos depois com uma toalha roxa enrolada no corpo, sobre as roupas molhadas, e outra na mão. Ela parecia prestes a engatinhar pelo chão para secar o rastro de água que havia deixado desde a porta até o meio da sala, mas o professor se levantou e a interrompeu.

– Deixe que eu cuido disso – falou. – É melhor colocar uma roupa seca antes que pegue uma pneumonia.

– E morra – acrescentou ela, mais para si mesma do que para ele, e desapareceu em seu closet, tentando não tropeçar nas duas malas grandes.

O professor se perguntou por que ela ainda não tinha desfeito as malas, mas então achou que aquilo não tinha importância.

Franziu as sobrancelhas enquanto secava a água do chão de madeira gasto e riscado. Quando terminou, olhou para as paredes e notou que elas provavelmente já tinham sido brancas, mas agora eram de um creme sujo, cheias de bolhas e descascadas. Inspecionou o teto e viu várias manchas grandes de umidade e o que imaginou ser o começo de mofo num dos cantos. Estremeceu diante da cena, perguntando-se por que uma garota bonita como Julia Mitchell moraria num lugar tão terrível, embora tivesse que admitir que o apartamento estava muito limpo e bem-arrumado. O que também era estranho.

– Quanto você paga de aluguel? – perguntou ele, fazendo uma pequena careta ao acomodar seus quase 1,90m de volta naquela coisa maldita que fazia as vezes de cadeira dobrável.

– Oitocentos por mês, taxas incluídas – respondeu ela antes de entrar no banheiro.

Com uma pontada de arrependimento, o professor Emerson pensou na calça Armani que havia jogado fora depois do voo de volta da Pensilvânia. Não conseguia suportar a ideia de usar algo que tivesse sido encharcado de urina, mesmo depois de lavado, então simplesmente se desfez dela. Mas o dinheiro que Paulina havia gasto naquela calça teria pagado um mês do aluguel da Srta. Mitchell. E ainda sobraria.

Olhando a pequena quitinete, ficava óbvio, de uma forma ao mesmo tempo dolorosa e patética, que ela havia tentado transformá-la num lar, apesar de todos os problemas. Pendurada ao lado da cama, havia uma grande reprodução do quadro *Dante e Beatriz*, de Henry Holiday. O professor a imaginou recostada no travesseiro, seus cabelos longos e lustrosos caindo em cascata ao redor do rosto, olhando para Dante antes de adormecer. Por uma questão de respeito, afastou esse pensamento e refletiu sobre como era estranho que os dois tivessem aquela mesma pintura. Ele a analisou e notou, surpreso, que Julia guardava uma extraordinária semelhança com Beatriz, algo em que não tinha reparado antes. O pensamento se retorceu em sua mente como um saca-rolha, mas ele se recusou a alimentá-lo.

Notou outras imagens menores, de várias cenas italianas, nas paredes descascadas do apartamento: um desenho do Duomo de Florença, um esboço da Catedral de São Marcos, em Veneza, uma fotografia em preto e branco do domo da Basílica de São Pedro, em Roma. Viu uma fileira de vasos com ervas enfeitando o peitoril da janela ao lado de um ramo solitário de filodendro que ela parecia estar tentando cultivar. Observou que as cortinas eram bonitas – de um lilás forte que combinava com a roupa de cama e os travesseiros. E sua estante ostentava vários volumes em inglês e italiano. O professor correu os olhos pelos títulos e ficou ligeiramente impressionado com sua coleção amadorística. Mas, no geral, o apartamento era velho, minúsculo, degradado e sem cozinha, e o professor Emerson não teria permitido que seu cachorro – se tivesse um – morasse num lugar como aquele.

Julia voltou usando o que parecia uma roupa de ginástica: um moletom com capuz e uma calça de ioga. Ela havia amarrado o cabelo num coque quase no topo da cabeça, com uma presilha. Mesmo vestida de forma tão informal, o professor notou que ela era muito atraente – extremamente atraente, a ponto de parecer uma sílfide, ousou pensar.

– Tenho os chás English Breakfast e Lady Grey – disse ela por sobre o ombro, agachando-se para ligar a chaleira elétrica na tomada atrás da penteadeira.

O professor a observou se ajoelhar, da mesma forma que havia feito em seu escritório, e balançou lentamente a cabeça. Aquela garota não tinha nenhuma arrogância ou orgulho egoísta e, embora ele soubesse que isso era bom, ficava incomodado por vê-la constantemente de joelhos, mesmo sem saber explicar por quê.

– English Breakfast. Por que você mora aqui?

Ela se levantou depressa diante de seu tom de voz ríspido. Manteve-se de costas para ele enquanto pegava um bule grande e marrom e duas xícaras de porcelana surpreendentemente bonitas com pires combinando.

– Esta é uma rua silenciosa, num bairro agradável. Não tenho carro e preciso ir andando para a faculdade. – Ela fez uma pausa, pondo uma pequena colher de chá de prata em cada um dos pires. – Este foi o melhor apartamento que encontrei dentro do que eu podia pagar.

Ela pousou as xícaras de chá elegantes sobre a mesa de carteado sem olhar para ele e voltou à penteadeira.

– Por que não foi morar no alojamento da universidade, na Charles Street?

Julia deixou alguma coisa cair, mas ele não conseguiu ver o que era.

– Eu tinha esperança de ir para outra universidade, mas não deu certo. Quando decidi vir para cá, não havia mais vagas no alojamento.

– E para qual universidade você pretendia ir?

Ela mordeu o lábio inferior e começou a movê-lo de um lado para outro.

– Srta. Mitchell?

– Harvard.

O professor Emerson quase caiu da cadeira desconfortável.

– Harvard? E o que está fazendo aqui?

Julia conteve um sorriso, como se soubesse o motivo por trás da raiva dele.

– Toronto é a Harvard do norte.

– Não seja sonsa, Srta. Mitchell. Eu lhe fiz uma pergunta.

– Sim, professor. E sei que o senhor sempre espera uma resposta às suas perguntas. – Ela arqueou uma sobrancelha e ele desviou o olhar. – Meu pai não podia arcar com a contribuição que deveria fazer para a minha educação, então a bolsa que me ofereceram não foi suficiente. Além disso, o custo de vida em Cambridge é muito mais alto do que em Toronto. Já tenho um financiamento estudantil de alguns milhares de dólares para pagar à Universidade de Saint Joseph, portanto decidi não me endividar ainda mais. É por isso que estou aqui.

Ela voltou a se ajoelhar para tirar a chaleira da tomada, enquanto o professor balançava a cabeça, chocado.

– Isso não estava na ficha que a Sra. Jenkins me deu – protestou ele. – Você deveria ter contado.

Julia o ignorou e começou a pôr as folhas de chá no bule.

Ele se inclinou para a frente em sua cadeira, gesticulando alucinadamente.

– Este lugar é horrível, não tem nem uma cozinha decente. O que você come?

Ela pousou o bule e um pequeno coador de chá de prata sobre a mesa, sentou-se na outra cadeira dobrável e começou a retorcer as mãos.

– Como muitos legumes e verduras. Posso fazer sopa e cuscuz na chapa. Cuscuz é muito nutritivo. – Sua voz tremeu um pouco, mas ela se esforçou para soar animada.

– Você não pode viver dessa porcaria. Cachorros comem melhor que isso!

Julia baixou a cabeça e ficou muito vermelha. De repente se viu obrigada a piscar para conter as lágrimas.

O professor a encarou por alguns instantes, então finalmente conseguiu vê-la. Enquanto fitava a expressão torturada que estragava seus belos traços, aos poucos começou a perceber que ele, o professor Gabriel O. Emerson, era um canalha egocêntrico. Ele a havia humilhado por ser pobre. Mas isso não era vergonha alguma. Ele mesmo tinha sido pobre, muito pobre. Ela era uma estudante inteligente e atraente. Não tinha do que se envergonhar. Ela não tinha para onde ir e tentara tornar sua casa confortável. Mas ele tinha ido até ali e dissera que o lugar não servia nem para um cachorro. Havia feito com que ela se sentisse imprestável e burra, quando não era nem uma coisa nem outra. O que Grace diria se pudesse ouvi-lo agora?

O professor Emerson era um babaca. Mas pelo menos agora sabia disso.

– Me perdoe – começou ele, titubeante. – Não sei o que me deu. – Ele fechou os olhos e começou a esfregá-los.

– O senhor acabou de perder sua mãe. – A voz gentil de Julia parecia surpreendentemente disposta a perdoá-lo.

De repente, algo estalou dentro dele.

– Eu não deveria estar aqui – falou, levantando-se depressa. – Preciso ir.

Julia o acompanhou até a porta. Pegou seu guarda-chuva e lhe entregou o casaco. Então ficou parada, com os olhos no chão e o rosto em chamas, esperando que ele fosse embora. Arrependeu-se de ter lhe mostrado sua casa, que estava claramente abaixo do nível dele. Poucas horas antes, havia se orgulhado da sua pequena, porém limpa, "toca de Hobbit". Agora, sentia-se um fracasso. Isso sem contar que ser humilhada outra vez na frente dele tornava tudo muito pior.

Ele meneou a cabeça para ela, ou para algo, resmungou algumas palavras e saiu.

Julia encostou na porta fechada e finalmente se permitiu chorar.

Ouviu uma batida.

Sabia quem era. Simplesmente não queria abrir.

Por favor, deuses das tocas de Hobbit supervalorizadas e que não servem nem para um cachorro, permitam que ele me deixe em paz.

A prece silenciosa e espontânea de Julia, no entanto, não foi atendida.

As batidas se repetiram, insistentes.

Ela secou rapidamente o rosto e abriu a porta, mas apenas uma fresta.

O professor piscava para ela, como se fosse difícil entender que ela havia chorado durante os breves instantes entre ele ter saído e voltado.

Ela pigarreou e baixou os olhos para os seus sapatos Brogue italianos, que ele arrastava de leve no chão.

– Quando foi a última vez que você comeu carne?

Julia riu e balançou a cabeça. Não conseguia se lembrar.

– Bem, vai comer hoje. Estou faminto e você vai jantar comigo.

Ela se permitiu um sorriso maldoso.

– Tem certeza, professor? Achei que isto aqui – disse, imitando o gesto que ele fizera mais cedo – não fosse funcionar.

Ele corou de leve.

– Esqueça isso por enquanto. Só que... – O professor correu os olhos pelas suas roupas, detendo-se talvez um pouco mais do que devia nas curvas de seus lindos seios.

Julia olhou para baixo.

– Posso me trocar.

– Seria melhor. Vista algo apropriado.

Ela o encarou com uma expressão muito magoada.

– Posso ser pobre, mas tenho algumas coisas bonitas. Nada de indecente, se estiver preocupado que eu o envergonhe com uma roupa vulgar.

O professor corou outra vez e se repreendeu mentalmente.

– Eu quis dizer... apropriado para um restaurante em que terei que usar terno e gravata. – Ele arriscou um sorriso de desculpas.

Os olhos de Julia percorreram sua camisa de botão e seu suéter, talvez se detendo um pouco mais do que devia na superfície plana de seus belos peitorais.

– Aceito, mas com uma condição.

– Você não está exatamente em posição de discutir.

– Então tchau, professor.

– Espere. – Ele enfiou o sapato italiano caro entre o batente e a porta, mantendo-a aberta. E nem se preocupou com as marcas que isso deixaria. – Diga.

Ela entortou a cabeça para o lado e o observou em silêncio antes de falar:

– Por que, depois de tudo o que o senhor me disse, eu deveria aceitar seu convite para jantar?

Ele a encarou, inexpressivo. Então ficou muito vermelho e começou a gaguejar:

– Eu, hum... quer dizer, acho que... você poderia dizer que nós... ou você...

Julia ergueu uma sobrancelha e começou a fechar lentamente a porta contra o pé dele.

– Espere. – O professor esticou a mão para segurar a porta e aliviar um pouco a pressão sobre o seu pé direito, que já começava a doer. – Porque o que Paul escreveu é verdade: *Emerson é um babaca.* Mas pelo menos agora sei disso.

Então Julia sorriu para ele e o professor se surpreendeu sorrindo também, involuntariamente. Ela ficava muito bonita quando sorria. Ele precisaria garantir que

sorrisse com mais frequência, por motivos puramente estéticos.

– Esperarei aqui.

Sem querer dar a ela uma chance de mudar de ideia, ele mesmo fechou a porta.

Do lado de dentro, Julia fechou os olhos e suspirou.

CAPÍTULO CINCO

O professor Emerson passou alguns minutos andando de um lado para outro no corredor, então encostou na parede e esfregou o rosto. Não sabia como havia chegado até ali ou o que o levara a se comportar daquela maneira, mas estava prestes a se envolver numa enrascada de proporções épicas. Tinha agido de forma antiética com a Srta. Mitchell na sua sala, chegando quase a assediá-la verbalmente. Depois lhe dera uma carona em seu carro, sem acompanhante, e entrara no apartamento dela. Todos esses comportamentos eram extremamente irregulares.

Se tivesse dado uma carona à Srta. Peterson, ela provavelmente teria se abaixado e aberto seu zíper com os dentes enquanto ele dirigia. O professor estremeceu diante dessa ideia. Agora, estava prestes a levar a Srta. Mitchell para jantar. Se isso não violava as regras da universidade, não sabia o que violaria.

Ele respirou fundo, tentando clarear as ideias. A Srta. Mitchell era uma calamidade ambulante. Tinha um extraordinário histórico de infortúnios, a começar por não ter conseguido ir para Harvard, e parecia arruinar tudo o que surgia em seu caminho – inclusive a calma e serenidade dele. Embora lamentasse que ela vivesse em condições tão deploráveis, não iria arriscar sua carreira para ajudá-la. Ela estaria fazendo valer seus direitos se fosse até o chefe do departamento no dia seguinte e fizesse uma denúncia de assédio contra Emerson. Mas ele não deixaria isso acontecer.

Atravessou o corredor com dois passos largos e ergueu a mão para bater à porta. Daria alguma desculpa esfarrapada, o que seria melhor do que simplesmente desaparecer. Mas parou assim que ouviu passos do lado de dentro.

Julia Mitchell abriu a porta e parou, com os olhos baixos. Usava um vestido preto simples porém elegante com gola em V e na altura dos joelhos. Os olhos do professor acompanharam as curvas suaves de seu corpo, descendo até as pernas surpreendentemente longas e bem torneadas. E seus sapatos... ela não sabia disso, mas o professor Emerson tinha um fraco por mulheres com sapatos de salto alto. Ele engoliu em seco, admirando seus estonteantes sapatos pretos de salto agulha, obviamente de grife. O professor queria tocá-los...

Julia pigarreou baixinho, e ele ergueu com relutância os olhos dos sapatos em direção ao seu rosto. Ela o encarava com uma expressão divertida.

Ela havia prendido o cabelo no alto da cabeça, mas vários cachos escapavam do coque e caíam delicadamente em volta de seu rosto. Usava maquiagem leve, duas pinceladas cor-de-rosa nas faces, claras como porcelana. E seus cílios pareciam ainda mais negros e longos do que ele se lembrava.

A Srta. Julianne Mitchell era *atraente*.

Ela vestiu um *trench coat* azul e trancou rapidamente a porta do apartamento. O professor fez um gesto para que ela fosse na frente e a seguiu em silêncio pelo corredor. Ao chegar à rua, abriu o guarda-chuva e ficou parado, um pouco constrangido.

Julia o encarou, intrigada.

– Seria mais fácil proteger nós dois se você pegasse meu braço. – Ele lhe ofereceu o braço esquerdo, que segurava o guarda-chuva. – Se não se incomodar – acrescentou.

Julia pegou seu braço e ergueu os olhos para ele com uma expressão carinhosa.

Entraram no carro e seguiram em silêncio pela zona portuária, uma região de que Julia tinha ouvido falar, mas que ainda não conhecia. Antes de entregar as chaves para o manobrista do restaurante, o professor pediu que Julia lhe passasse a gravata que estava no porta-luvas. Ela obedeceu, sorrindo diante do fato de ele ter uma gravata de seda imaculada, ainda na caixa, dentro do carro.

Quando Julia se moveu na direção dele, o professor sentiu o cheiro de seu perfume e fechou os olhos por um instante.

– Baunilha – murmurou.

– O quê? – perguntou ela, pois não tinha ouvido direito.

– Nada.

Ele tirou o suéter e ela foi presenteada com um vislumbre de seu peito e de alguns pelos pretos por trás do colarinho aberto da camisa. O professor Emerson era sexy. Seu rosto era atraente, e Julia imaginou que o que havia debaixo daquelas roupas também fosse. Esforçou-se ao máximo para não pensar muito no assunto, para seu próprio bem.

Mas isso não impediu que ela o observasse, com uma admiração muda porém deslumbrada, dar o nó na gravata com facilidade, sem auxílio de um espelho. Infelizmente, ela ficou um pouco torta.

– Não consigo... não estou vendo – falou ele, tentando, sem sucesso, ajeitar a gravata.

– Posso? – perguntou ela com timidez, não querendo tocá-lo sem sua permissão.

– Obrigado.

Os dedos habilidosos e ágeis de Julia endireitaram e alisaram a gravata, percorrendo delicadamente a parte de cima do colarinho até a nuca, onde ela o dobrou de novo para baixo. Quando tirou a mão, respirava depressa e seu rosto estava muito vermelho.

O professor não percebeu sua reação, pois estava ocupado demais pensando na estranha familiaridade das pontas de seus dedos e se perguntando por que os dedos de Paulina nunca haviam lhe dado essa sensação. Ele pegou seu paletó do cabide pendurado atrás do banco do motorista e o vestiu sem demora. Então, com um sorriso e um aceno de cabeça, os dois saíram do carro.

O Harbour Sixty Steakhouse era um ponto de referência em Toronto, um restaurante famoso e muito caro, popular entre presidentes de empresas, políticos e diversas outras

figuras de renome. O professor Emerson ia ali porque a carne deles era melhor do que qualquer outra que tivesse experimentado – e ele não tinha paciência para mediocridade. Assim, nem lhe passou pela cabeça levar a Srta. Mitchell a nenhum outro lugar.

Antonio, o maître, o recebeu calorosamente com um aperto de mãos firme e uma enxurrada de palavras em italiano.

O professor reagiu de forma igualmente calorosa, também em italiano.

– E quem é a bela jovem? – Antonio beijou as costas da mão de Julia, falando com ela, num italiano muito descritivo, sobre seus olhos, seus cabelos e sua pele.

Julia ficou vermelha e lhe agradeceu, respondendo de forma tímida, porém determinada, na língua do maître.

A Srta. Mitchell tinha uma voz linda, era verdade, mas, falando *italiano*, era celestial. Sua boca cor de rubi abrindo e fechando, a maneira delicada como ela quase cantava as palavras, sua língua despontando por entre os lábios úmidos de vez em quando... O professor Emerson ficou de queixo caído e teve que se lembrar de fechar a boca.

Antonio ficou tão surpreso e feliz com a resposta que beijou o rosto dela não só uma vez, mas duas, e se apressou a conduzi-los até os fundos do restaurante, onde lhes ofereceu sua melhor e mais romântica mesa para dois. O professor relutou antes de se sentar, percebendo o que Antonio estava fazendo. Já havia se sentado àquela mesa pouco tempo antes, mas com outra pessoa. Aquilo era um engano que ele precisava corrigir, mas, assim que pigarreou para esclarecer a situação, Antonio perguntou a Julia se ela aceitaria uma garrafa de um vinho vintage muito especial do vinhedo de sua família na Toscana.

Julia lhe agradeceu profusamente, mas explicou que talvez *Il Professore* preferisse algo diferente. Ele se sentou rapidamente, sem querer parecer mal-educado, e disse que ficaria encantado em aceitar seja lá o que fosse que Antonio tivesse oferecido. O maître ficou radiante e logo se retirou.

– Como estamos em público, acho que seria melhor você não se referir a mim como professor Emerson.

Julia abriu um sorriso largo e assentiu.

– Pode me chamar apenas de Sr. Emerson.

O Sr. Emerson estava ocupado demais analisando o cardápio para ver a maneira como os olhos de Julia se arregalaram antes que ela os baixasse.

– Você tem um sotaque toscano – observou ele em tom distraído, ainda sem encará-la.

– Tenho.

– Por quê?

– Passei meu último ano de faculdade em Florença.

– Seu italiano é muito bom para quem passou apenas o último ano da faculdade fora.

– Comecei a estudar ainda no ensino médio.

Ele olhou para o outro lado da mesa pequena e íntima e notou que ela se empenhava em evitar seu olhar. Analisava o cardápio como se fosse uma prova, arrastando seu belo lábio inferior entre os dentes.

– Você é minha convidada, Srta. Mitchell.

Julia lançou os olhos como uma flecha em direção aos dele, intrigada.

– Peça o que quiser, mas, por favor, que seja carne. – Ele sentiu necessidade de acrescentar essa ressalva, pois o objetivo daquele jantar era lhe oferecer algo mais substancial do que cuscuz.

– Não sei o que escolher.

– Posso fazer os pedidos, se preferir.

Ela assentiu e fechou o cardápio, ainda movendo o lábio inferior entre os dentes.

Antonio voltou, exibindo, orgulhoso, a garrafa de Chianti com o rótulo escrito à mão. Julia sorriu. Ele abriu a garrafa e serviu um pouco em sua taça.

Quase sem fôlego, o Sr. Emerson observou Julia girar habilmente o vinho na taça, erguendo-a em seguida para examiná-lo melhor à luz das velas. Então aproximou a taça do nariz, fechou os olhos e inalou. Levou-a aos lábios cheios e provou o vinho, mantendo-o na boca por alguns instantes antes de engolir. Abriu os olhos e, com um sorriso mais largo do que nunca, agradeceu a Antonio por aquele presente precioso.

Antonio ficou radiante e cumprimentou o Sr. Emerson por ter escolhido tão bem sua companhia para o jantar, exagerando um pouco no entusiasmo. Por fim, encheu as duas taças com seu vinho favorito.

Enquanto isso, o Sr. Emerson se ajeitava debaixo da mesa, pois a visão da Srta. Mitchell provando o vinho tinha sido a coisa mais erótica que já testemunhara na vida. Ela não era apenas atraente – era linda, como um anjo ou uma musa. E não apenas linda – era sensual e hipnotizante, mas também inocente. Seus belos olhos refletiam uma profundidade de sentimento e uma pureza radiante que ele nunca havia notado.

O Sr. Emerson obrigou-se a desviar os olhos dela, ajeitando-se uma última vez. De repente sentia-se sujo e bastante envergonhado por conta da reação que ela provocava nele. Uma reação da qual precisaria dar conta mais tarde naquela noite. Quando estivesse sozinho. Cercado pelo perfume de baunilha.

Ele fez os pedidos, escolhendo as maiores porções de filé mignon do cardápio. Quando a Srta. Mitchell protestou, ele descartou sua preocupação com um gesto, acrescentando que ela poderia levar as sobras para casa. Pelos cálculos dele, aquela refeição iria alimentá-la por alguns dias.

Ele se perguntou o que ela comeria depois disso, mas se recusou a ficar pensando no problema. Aquilo só estava acontecendo porque ele havia gritado e humilhado a Srta. Mitchell, e isso não iria se repetir. Depois dessa noite, o relacionamento deles seria estritamente profissional. E ela precisaria enfrentar sozinha as calamidades futuras.

Julia, por sua vez, sentia-se feliz por estar na companhia dele. Queria poder conversar com ele, *de verdade*, perguntar sobre sua família e o funeral. Queria consolá-lo pela morte da mãe. Queria lhe contar seus segredos e ouvi-lo sussurrar os dele. Mas ele a encarava com um olhar fixo e determinado, porém um tanto distante, e ela soube que não conseguiria o que queria. Então sorriu e brincou com os talheres, esperando que ele não se irritasse com seu nervosismo e suas válvulas de escape desesperadas.

– Por que começou a estudar italiano no ensino médio?

Julia arquejou. Seus olhos se arregalaram e sua linda boca vermelha se abriu.

O Sr. Emerson franziu as sobrancelhas diante dessa reação. Era completamente exagerada. Ele não tinha lhe perguntado o tamanho do seu sutiã. Seus olhos baixaram involuntariamente para o volume dos seus seios e então voltaram a encará-la. Ele ficou vermelho à medida que um número e um tamanho de taça lhe vinham à mente, como num passe de mágica.

– Hum... Eu me interessei primeiro por literatura italiana. Dante e Beatriz. – Ela dobrou e desdobrou o guardanapo de linho em seu colo, alguns cachos soltos pendendo para a frente em volta do seu rosto oval.

Ele pensou no quadro em seu apartamento e em sua extraordinária semelhança com Beatriz. Novamente, o pensamento se retorceu de forma provocativa em sua mente e ele o afastou.

– São interesses notáveis para uma garota tão jovem – comentou ele, permitindo-se memorizar sua beleza.

– Eu tive... um amigo que me apresentou a eles. – Ela soou angustiada e muito triste.

Ele percebeu que estava se aproximando bastante de uma velha ferida, então recuou depressa, tentando pisar num terreno mais confortável.

– Antonio ficou encantado com você.

Julia ergueu os olhos e abriu um lindo sorriso.

– Ele é muito gentil.

– A gentileza faz você desabrochar, não é? Como uma rosa.

As palavras escaparam de seus lábios antes que ele pudesse pensar no que dizia e, depois que foram pronunciadas e Julia o olhou cheia de ternura, era tarde demais para se retratar.

Foi a gota d'água. O professor Emerson passou a se concentrar exclusivamente em sua taça de vinho. Sua expressão se tornou carregada e ele começou a tratá-la com muita frieza. Julia notou a mudança, mas a aceitou e desistiu de puxar assunto.

Durante a refeição, um Antonio claramente fascinado passou mais tempo do que o necessário à mesa deles, conversando em italiano com a bela Julianne e convidando-a para um jantar com sua família no Clube Ítalo-Canadense no domingo seguinte. Ela aceitou educadamente o convite e mais tarde foi recompensada com um tiramisu, um

espresso, uma dose de *grappa* e, por fim, um pequeno chocolate Baci, servidos sucessivamente, sem pressa alguma. O professor Emerson não recebeu nenhum desses agrados, então apenas ficou ali sentado, taciturno, observando a Srta. Mitchell se deliciar.

Ao fim da noite, Antonio já havia entregado à Srta. Mitchell algo parecido com um grande cesto de comida, sem permitir que ela recusasse. Beijou o rosto dela várias vezes depois de ajudá-la a vestir o casaco e implorou ao professor que a levasse ali de novo em breve e com frequência.

O professor Emerson endireitou os ombros e fuzilou Antonio com um olhar duro.

– Isso não vai ser possível.

Dando-lhe as costas, saiu do restaurante, obrigando Julia a segui-lo, desanimada, com seu pesado cesto de comida.

Enquanto observava o casal incompatível se afastar, Antonio se perguntou por que o professor levaria uma criatura tão encantadora a um restaurante romântico e ficaria o tempo todo com cara de sofrimento, sentado como um monge, sem falar com ela.

Quando chegaram ao apartamento de Julia, o professor Emerson fez a gentileza de abrir a porta para ela e pegar o cesto no banco de trás do Jaguar. Olhou dentro dele, curioso, tirando algumas coisas do lugar para analisar melhor o conteúdo.

– Vinho, azeite, vinagre balsâmico, *biscotti*, um jarro de molho marinara caseiro feito pela esposa de Antonio, um pouco de comida. Estará muito bem alimentada pelos próximos dias.

– Graças a você – disse Julia com um sorriso, estendendo as mãos para pegar o cesto.

– Está pesado. Deixe que eu carregue.

Ele a escoltou até a entrada do prédio e esperou que abrisse a porta. Então lhe entregou a comida.

Ela começou a examinar os próprios sapatos e sentiu seu rosto ficar quente enquanto pensava no que deveria dizer.

– Obrigada, professor Emerson, por uma noite tão agradável. Foi muita generosidade sua...

– Srta. Mitchell – interrompeu ele –, não vamos tornar isto mais constrangedor do que já é. Peço desculpas pela... indelicadeza que demonstrei antes. Eu só poderia me justificar... bem, por motivos de cunho bastante pessoal. Então vamos apenas trocar um aperto de mãos e seguir em frente.

Ele estendeu a mão e ela a pegou. O professor apertou a mão de Julia, esforçando-se ao máximo para não machucá-la e tentando ignorar completamente a eletricidade que percorreu suas veias diante da sensação da pele macia e delicada dela contra a sua.

– Boa noite, Srta. Mitchell.

– Boa noite, professor Emerson.

E, com essas palavras, ela desapareceu dentro do prédio, afastando-se do professor de forma ligeiramente mais amigável do que naquela mesma tarde.

Cerca de uma hora depois, Julia estava sentada na cama, olhando a fotografia que sempre mantinha debaixo do travesseiro. Ficou assim por muito tempo, tentando se decidir se deveria destruí-la, deixá-la no lugar de sempre ou guardá-la numa gaveta. Adorava aquela foto. Adorava o sorriso no rosto dele. Era a fotografia mais bonita que já tinha visto, mas também era terrivelmente doloroso olhar para ela.

Ergueu os olhos para o lindo quadro pendurado sobre a cama e lutou para conter as lágrimas. Não sabia o que esperava do seu Dante, mas certamente não recebera nada parecido. Então, com a sabedoria que somente a experiência de ter seu coração partido podia lhe dar, Julia decidiu abrir mão dele de uma vez por todas.

Pensou em sua despensa improvisada agora cheia e na gentileza de Antonio. Pensou nas mensagens de voz de Paul, em como ele havia se mostrado preocupado em deixá-la sozinha com o professor e implorara que Julia telefonasse a qualquer hora para dizer se estava bem.

Ela arrastou os pés até a penteadeira, abriu a primeira gaveta e colocou a foto com reverência, mas também com determinação, bem no fundo, debaixo da lingerie sexy que nunca usara. E, com o contraste entre os três homens bem claro em sua mente, voltou para a cama, fechou os olhos e sonhou com um pomar de macieiras abandonado.

CAPÍTULO SEIS

Na sexta-feira, Julia encontrou um comunicado oficial em sua correspondência dizendo que o professor Emerson havia aceitado ser o orientador da sua dissertação. Ela estava olhando assombrada para o comunicado, se perguntando por que ele teria mudado de ideia, quando Paul surgiu atrás dela.

– Pronta?

Ela o recebeu com um sorriso e guardou o comunicado em sua mochila remendada. Eles saíram do prédio e começaram a descer a Bloor Street em direção à Starbucks mais próxima, que ficava a apenas meio quarteirão de distância.

– Quero saber do seu encontro com Emerson, mas antes preciso lhe contar uma coisa – disse Paul, sério.

Julia olhou para ele com algo parecido com ansiedade no rosto.

– Não se assuste, Coelhinha. Não vai doer.

Ele afagou seu braço. O coração de Paul era quase tão grande quanto ele próprio, por isso ele era muito sensível à dor alheia.

– Sei o que aconteceu com seu bilhete.

Julia fechou os olhos e praguejou.

– Paul, me desculpe. Eu iria lhe contar que fiz a burrice de escrever o recado no seu bilhete, mas não tive oportunidade. Não disse a ele que a letra era sua.

Paul apertou o braço de Julia para que ela parasse.

– Sei que não. *Eu* disse.

Julia ergueu os olhos para ele, pasma.

– Por que faria uma coisa dessas?

Enquanto vasculhava as profundezas dos grandes olhos castanhos de Julia, ele teve certeza de que faria qualquer coisa para evitar que alguém a magoasse. Mesmo que o preço fosse sua carreira acadêmica. Mesmo que isso significasse arrastar Emerson para trás do Departamento de Estudos Italianos e lhe dar a surra que ele e seu traseiro pretensioso tanto mereciam.

– A Sra. Jenkins me contou que Emerson tinha chamado você e calculei que ele pretendia lhe dar uma bronca daquelas. Encontrei uma cópia do seu bilhete numa pilha de papéis que ele deixou para mim. – Paul deu de ombros. – Ossos do ofício quando se é assistente de pesquisa de um perfeito idiota.

Paul puxou Julia de leve para instigá-la a continuar andando, mas só retomou o assunto depois de lhe comprar um enorme *latte* de baunilha sem açúcar. Quando ela se sentou como uma gata numa poltrona de veludo roxa e Paul se convenceu de que estava

aquecida e confortável, ele se voltou para Julia com uma expressão compreensiva.

– Sei que foi um acidente. Você ficou muito abalada depois daquela primeira aula. Eu deveria tê-la acompanhado até a sala dele. Julia, juro que nunca vi Emerson agir como naquele dia. Ele pode ser bastante arrogante às vezes, mas nunca tinha sido tão grosseiro com uma aluna antes. Foi algo doloroso de se ver.

Julia bebericou seu café e esperou que ele prosseguisse.

– Então, quando encontrei uma cópia do seu bilhete no meio das coisas que Emerson deixou para mim, não tive dúvidas de que ele lhe daria uma dura. Descobri o horário da sua reunião e marquei um encontro com ele antes. Então confessei que tinha escrito aquele bilhete. Até tentei convencê-lo de que eu tinha forjado sua assinatura de brincadeira, mas ele não engoliu.

– Você fez tudo isso por mim?

Paul sorriu e abriu casualmente seus braços grandes.

– Estava tentando ser um escudo humano. Achei que, se ele gritasse comigo, a raiva já teria passado quando chegasse a sua vez. – Ele analisou a expressão no rosto de Julia. – Mas não adiantou nada, adiantou?

Ela o olhou com gratidão.

– Ninguém nunca fez nada parecido por mim antes. Fico lhe devendo essa.

– Esqueça. Só queria que Emerson tivesse despejado toda a raiva em mim. O que ele falou para você?

Ela concentrou sua atenção no café e fingiu que não tinha ouvido a pergunta.

– Tão ruim assim, é? – Paul coçou o queixo, pensativo. – Bem, a raiva deve ter passado, porque ele foi educado com você na última aula.

Julia deu uma risadinha.

– Ah, claro. Mas não me deixou responder a uma única pergunta, nem mesmo quando levantei a mão. Estava ocupado demais deixando Christa Peterson falar tudo sozinha.

Paul observou sua indignação repentina e achou graça.

– Não se preocupe com Christa. Ela está prestes a ter sérios problemas com Emerson por causa da tese. Ele me disse que não gosta da direção que ela está tomando.

– Isso é péssimo. Ela já sabe?

Ele deu de ombros.

– Deveria ser capaz de perceber sozinha. Mas quem sabe? Está tão concentrada em seduzi-lo que tem sido negligente com o trabalho. É constrangedor.

Julia registrou tudo isso e arquivou em sua memória para pensar no assunto depois. Então se recostou na poltrona, relaxada, e aproveitou o resto da sua tarde com Paul, que era simpático, atencioso e a deixava feliz por estar em Toronto. Às cinco horas, sua barriga roncou e ela a abraçou, envergonhada.

Paul abriu um sorriso para diminuir o constrangimento de Julia. Ela era adorável em

todos os sentidos, até na maneira como sua barriga roncava.

– Você gosta de comida tailandesa?

– Gosto. Costumava ir a um tailandês ótimo na Filadélfia com... – Ela se deteve antes de falar o nome dele em voz alta.

O restaurante era aonde Julia sempre ia com *ele*. Ela se perguntou se *eles* costumavam ir lá agora, se comiam na sua mesa, riam do cardápio, zombavam dela...

Paul pigarreou baixinho para atrair gentilmente sua atenção de volta.

– Desculpe. – Ela abaixou a cabeça e mexeu dentro da mochila fingindo procurar alguma coisa.

– Tem um restaurante tailandês excelente nesta rua. Fica a alguns quarteirões daqui, então precisaríamos andar um pouco. Mas a comida é ótima. Se não tiver outros planos, gostaria de levá-la para jantar.

A única coisa que transmitia seu nervosismo era o fato de ele estar batendo o pé direito lenta e sutilmente no chão, o que Julia percebeu pelo canto do olho. Ela fitou seus olhos escuros e carinhosos e pensou por um instante em como a gentileza era muito mais valiosa que a paixão, respondendo que *sim* antes mesmo de poder cogitar dizer *não*.

Paul sorriu como se a aceitação lhe desse mais do que uma alegria secreta e pegou a mochila dela, jogando-a sem o menor esforço sobre o ombro.

– É um fardo pesado demais para você. – Ele escolheu cuidadosamente as palavras, olhando dentro dos olhos dela. – Deixe que eu carregue um pouco.

Julia sorriu para os dedos do próprio pé e o seguiu até a rua.

◆◆◆

O professor Emerson estava voltando do trabalho para casa a pé. Era uma caminhada curta, mas, quando o tempo estava ruim ou quando tinha algum compromisso à noite, ele ia de carro.

No caminho, pensava na palestra que daria na universidade, sobre a luxúria em Dante. A luxúria era um pecado no qual ele se pegava pensando frequentemente e com muito gosto. Na verdade, a ideia da luxúria e seus inúmeros prazeres era tão irresistível que o professor Emerson se viu obrigado a fechar o sobretudo, para que a visão um tanto espetacular na frente das suas calças não chamasse atenção.

Foi então que a viu. Ele parou, olhando para a morena atraente do outro lado da rua.

Julianne, a calamidade ambulante.

Só que ela não estava sozinha. Paul andava a seu lado, carregando o farrapo ridículo que ela chamava de mochila. Eles conversavam de forma descontraída, riam e caminhavam perto demais um do outro.

Então agora estamos carregando os livros dela, hein? Que coisa mais adolescente, Paul.

O professor Emerson viu quando as mãos deles se roçaram de leve, o que resultou num pequeno porém afetuoso sorriso da Srta. Mitchell. Um rosnado grave subiu pela garganta de Emerson e seus dentes ficaram à mostra.

O que foi isso?, pensou ele.

Emerson precisou de alguns instantes para se recompor. Encostou-se na vitrine da Louis Vuitton, tentando entender que droga havia acabado de acontecer. Ele era um ser racional. Usava roupas para cobrir sua nudez, dirigia um carro, comia com garfo e faca e usava guardanapos de linho. Tinha um trabalho bem remunerado que exigia habilidade e perspicácia intelectual. Controlava seus impulsos sexuais através de vários métodos civilizados e jamais possuiria uma mulher contra a vontade dela.

Ainda assim, enquanto olhava para a Srta. Mitchell e Paul, percebeu que era um animal. Algo primitivo. Selvagem. E parte dele quis ir até lá, arrancar as mãos de Paul e levar a Srta. Mitchell embora. Beijá-la até ela perder os sentidos, arrastar os lábios pelo seu pescoço e tomá-la para si.

Mas que porra é essa?

O pensamento deixou o professor apavorado. Além de ser um babaca esnobe, agora ele era um troglodita, capaz de quebrar o queixo dos outros, que acreditava ter alguma espécie de direito de propriedade sobre uma jovem que mal conhecia e que o odiava. Isso sem falar que ela era sua aluna.

Ele tinha que voltar para casa, deitar um pouco e respirar fundo até se acalmar. Então precisaria fazer outra coisa, algo mais forte, capaz de aplacar seu desejo. O professor Emerson seguiu seu caminho, afastando-se com grande sofrimento da visão dos dois jovens juntos. Sacou seu iPhone e apertou rapidamente alguns ícones na tela.

Uma mulher atendeu no terceiro toque.

– Alô?

– Oi, sou eu. Podemos nos encontrar hoje à noite?

◆◆◆

Na quarta-feira seguinte, Julia estava saindo do departamento depois da aula de Emerson quando ouviu uma voz conhecida chamá-la.

– Julia? Julia Mitchell, é você?

Ela se virou e foi puxada para um abraço tão apertado que achou que fosse sufocar.

– Rachel – conseguiu dizer, enquanto tentava respirar.

A garota loura e magra soltou um gritinho alto e agudo e tornou a abraçar Julia.

– Que saudade! Nem acredito que faz tanto tempo! O que está fazendo aqui?

– Rachel, eu sinto muito. Por tudo, pela sua mãe e... por tudo.

As duas amigas se abraçaram em silêncio por um bom tempo, compartilhando a tristeza que sentiam.

– Desculpe eu não ter ido ao funeral. Como está seu pai? – perguntou Julia, limpando as lágrimas com as mãos.

– Está perdido sem ela. Como todos nós. Está de licença, tentando resolver algumas coisas. Também estou de licença, mas não consegui ficar na cidade. Por que não me contou que estava aqui? – perguntou Rachel em tom de censura, chorando.

O olhar de Julia oscilava, inquieto, entre sua amiga e o professor Emerson, que tinha acabado de sair do edifício e a encarava boquiaberto.

– Eu não sabia se iria ficar. As primeiras duas semanas foram... hum... difíceis.

Rachel, que era muito inteligente, notou a energia estranha e um tanto hostil entre seu irmão adotivo e sua amiga, mas decidiu ignorá-la.

–Vou fazer um jantar para o Gabriel hoje à noite. Por que não se junta a nós?

Julia arregalou os olhos, como se tivesse sido invadida por um leve pânico.

Gabriel pigarreou.

– Ora, Rachel, sem dúvida a Srta. Mitchell já tem outros planos.

Julia percebeu o olhar dele, cheio de sentido, e começou a assentir em obediência.

Rachel se virou para o irmão.

– *Srta. Mitchell*? Ela era minha melhor amiga na escola e continuamos amigas até hoje. Você não sabia disso? – Rachel vasculhou os olhos do irmão e não encontrou nada, nenhuma centelha de reconhecimento. – Tinha esquecido que vocês não chegaram a se conhecer. Mesmo assim, essa formalidade toda é um exagero. Dá para relaxar um pouco?

Ela se virou novamente para Julia e viu a amiga tentando engolir a própria língua. Ou pelo menos era isso que parecia, pois ela quase ficou azul e começou a tossir.

– Acho melhor almoçarmos juntas outro dia. Tenho certeza de que o profe... o seu irmão quer você só para ele. – Julia forçou um sorriso, ciente de que Gabriel a fuzilava com o olhar por sobre a cabeça da irmã.

Rachel apertou os olhos.

– O nome dele é *Gabriel*, Julia. Qual o problema com você dois?

– Ela é minha aluna. Existem regras. – O tom de Gabriel se tornava cada vez mais frio e hostil.

– Ela é minha amiga, *Gabriel*. Que se danem as regras! – Rachel olhou do irmão para Julia e a viu baixando os olhos para os próprios sapatos, enquanto ele olhava de cara feia para as duas. – Alguém pode me dizer o que está havendo aqui?

Quando nem Julia nem Gabriel responderam, Rachel cruzou os braços e estreitou os olhos. Refletiu por alguns instantes sobre o comentário de Julia a respeito de como as primeiras semanas na universidade tinham sido difíceis e chegou a uma rápida conclusão.

– Gabriel Owen Emerson, você foi um babaca com Julia?

Julia abafou uma risada e Gabriel fechou ainda mais a cara. Apesar do silêncio, suas reações foram mais do que suficientes para Rachel saber que suas suspeitas estavam corretas.

– Bem, não tenho tempo para esse tipo de bobagem. Vocês vão ter que trocar dois beijinhos e fazer as pazes. Só vou ficar aqui uma semana e espero passar muito tempo com os dois. – Rachel pegou um em cada braço e os arrastou em direção ao Jaguar.

Rachel Clark era bem diferente do irmão adotivo. Era assistente na assessoria de imprensa da prefeitura da Filadélfia, o que poderia soar importante, mas não era. Na verdade, passava a maior parte dos dias lendo os jornais da região de cabo a rabo em busca de qualquer menção ao prefeito ou tirando fotocópias de *press releases*. Em dias de muita sorte, permitiam que ela atualizasse o blog do prefeito. No quesito aparência, Rachel possuía traços finos e um corpo esguio, com cabelos lisos e longos, sardas e olhos acinzentados. Também era muito extrovertida, o que às vezes irritava seu irmão muito mais velho.

Gabriel manteve os lábios cerrados com força durante o trajeto até o seu apartamento, enquanto as garotas tagarelavam no banco de trás como se fossem duas colegiais, dando risadinhas e trocando reminiscências. Ele não gostava da ideia de passar uma noite com as duas, mas sua irmã estava sofrendo e ele não queria fazer nada para aumentar ainda mais a sua dor.

Logo o grupo dois terços feliz estava subindo num elevador do Manulife Building, um impressionante arranha-céu de luxo na Bloor Street. Quando saíram no último andar, Julia notou que havia apenas quatro portas no corredor.

Uau! Esses apartamentos devem ser enormes.

Assim que entrou no hall e seguiu Gabriel até a ampla área de estar central, Julia percebeu por que ele tinha se sentido tão ofendido pela sua quitinete. Seu apartamento espaçoso ostentava janelas que iam do chão ao teto, enfeitadas com dramáticas cortinas de seda azul-claras, com vista ao sul para a Torre CN e o lago Ontário. O piso era de madeira de lei escura, adornado por tapetes persas, e as paredes eram de um tom marrom-acinzentado.

A mobília da sala de estar parecia ter sido comprada numa loja de luxo e ia desde um grande sofá de couro marrom com detalhes em tachas de metal, passando por duas poltronas do mesmo modelo, até uma terceira poltrona de veludo vermelho, virada para a lareira.

Julia olhou para a linda poltrona vermelha e para a otomana que compunha o conjunto com uma inveja considerável. Seria o lugar perfeito para se sentar num dia chuvoso, tomando uma xícara de chá e lendo seu livro favorito. Não que algum dia ela fosse ter essa chance.

A lareira era adaptada para gás e Gabriel havia prendido uma TV de plasma sobre o

consolo, como se fosse uma pintura. Varias obras de arte, pinturas a óleo e esculturas enfeitavam as paredes e parte da mobília. Ele possuía peças de vidro romanas e de cerâmica gregas dignas de um museu, intercaladas por reproduções de esculturas famosas, incluindo a *Vênus de Milo* e *Apolo e Dafne*, de Bernini. Na verdade, pensou Julia, ele tinha esculturas demais, todas de nus femininos.

Mas não havia fotos pessoais. Julia achou muito estranho que houvesse fotos em preto e branco de Paris, Roma, Londres, Florença, Veneza e Oxford, mas nenhuma da família Clark, nem mesmo de Grace.

No cômodo seguinte, perto da mesa de jantar grande e formal, havia um luxuoso aparador de ébano que Julia admirou com olhar apreciativo. As únicas coisas em cima dele eram um grande vaso de cristal e uma bandeja de prata ornamentada, com vários decantadores com líquidos cor de âmbar, um balde de gelo e taças de cristal à moda antiga. Pegadores de gelo de prata completavam a cena, enviesados sobre uma pilha de pequenos guardanapos de linho branco bordados com as iniciais *G. O. E.* Julia riu sozinha, imaginando como seriam aqueles guardanapos se o último nome de Gabriel fosse, por exemplo, *Davidson*.

Em suma, o apartamento do professor Emerson era esteticamente agradável, decorado com bom gosto, limpo, masculino e muito, muito frio. Por alguns instantes Julia se perguntou se ele alguma vez levava mulheres para aquele lugar gélido; então se esforçou ao máximo para não imaginar o que faria com elas. Talvez tivesse um quarto para esses propósitos, para que elas não sujassem seus artigos preciosos... Ela correu a mão pelo balcão de granito frio e negro da cozinha e estremeceu.

Rachel logo acendeu o forno e foi lavar as mãos.

– Gabriel, por que não mostra o apartamento para Julia enquanto preparo o jantar?

Julia abraçou a mochila contra o peito, não querendo pousar um objeto tão ofensivo sobre a mobília. Gabriel a pegou das suas mãos, largando-a no chão debaixo de uma pequena mesa. Ela sorriu, agradecida, e ele se viu retribuindo o sorriso.

Ele não queria mostrar o apartamento para ela. E certamente não lhe mostraria seu quarto e as fotografias em preto e branco que enfeitavam aquelas paredes. Mas, com Rachel ali para lembrá-lo das obrigações de um anfitrião (relutantemente) cortês, não tinha como evitar um tour pelos quartos de hóspedes.

E foi assim que ele se viu parado em seu escritório, um terceiro quarto convertido numa confortável biblioteca, com estantes de madeira escura que iam do chão ao teto. Julia ficou boquiaberta diante de todos aqueles livros – volumes novos e raros e, em grande parte, exemplares de capa dura em italiano, latim, francês, inglês e alemão. O quarto, como todo o restante do apartamento, era intencionalmente masculino. As mesmas cortinas azul-claras, o mesmo piso de madeira de lei escura, com um tapete persa antigo no centro.

Gabriel parou atrás de sua enorme mesa de carvalho com detalhes entalhados.

– Gosta? – perguntou ele, indicando sua biblioteca com um gesto.

– Muito – falou Julia. – É lindo.

Ela estendeu a mão para a poltrona de veludo vermelho, idêntica à que havia diante da lareira. Mas imaginou que ele não fosse gostar disso. O professor Emerson parecia do tipo que se incomodava quando mexiam nas suas coisas, por isso ela se deteve no último instante. Ele provavelmente lhe daria uma bronca por sujá-la com seus dedos imundos.

– Essa é minha poltrona preferida. É muito confortável, se quiser pode experimentá-la.

Julia sorriu como se tivesse recebido um presente e sentou-se com entusiasmo, dobrando as pernas embaixo do corpo e aconchegando-se como uma gata.

Gabriel poderia jurar tê-la ouvido ronronar. Ele sorriu ao vê-la daquele jeito, momentaneamente relaxada e quase feliz por causa de uma coisa tão banal. Por impulso, decidiu lhe mostrar um de seus objetos mais preciosos.

– Quero que veja uma coisa. – Ele a chamou com um gesto e ela parou diante da mesa.

Ele abriu uma gaveta e retirou dois pares de luvas de algodão brancas.

– Ponha as luvas – disse, entregando-lhe um dos pares.

Ela aceitou sem falar nada, imitando seus movimentos à medida que ele as calçava nos dedos longos.

– Este é um dos meus bens mais valiosos – explicou ele, retirando da gaveta uma grande caixa de madeira.

Pousou a caixa sobre a mesa e, por um instante terrível, Julia teve medo do que poderia encontrar dentro dela.

Uma cabeça? Talvez de um ex-aluno?

Ele abriu a caixa e retirou o que parecia um livro. Quando o abriu, ficou claro que era uma série de envelopes de papel cartonado, encadernados, cada um devidamente etiquetado em italiano. Ele folheou o conjunto com cuidado até chegar ao envelope que queria, então tirou algo de dentro dele, aninhando-o sobre as duas mãos.

Julia arquejou de espanto ao ver do que se tratava.

Gabriel sorriu, orgulhoso.

– Reconhece isto?

– Claro! Mas essas... não é possível que sejam as *originais*.

Ele riu baixinho.

– Infelizmente, não. Estaria além das possibilidades da minha modesta fortuna. As originais datam do século XV. Estas são reproduções, do século XVI.

O que ele tinha em mãos era uma famosa ilustração de Dante e Beatriz e as estrelas fixas do Paraíso, cujo original fora desenhado a bico de pena por Sandro Botticelli. A ilustração tinha cerca de 40 x 50cm e, embora fosse apenas tinta sobre pergaminho, a riqueza de detalhes era de tirar o fôlego.

– Como você conseguiu isso? Não sabia que existiam reproduções.

– Não só existem como provavelmente foram feitas por um ex-aluno de Botticelli. Mas este conjunto está *completo*. Botticelli fez cem ilustrações para a *Divina Comédia*, mas somente 92 delas sobreviveram. Eu tenho todas as cem.

Os olhos de Julia se arregalaram, brilhando de excitação.

– Você está brincando.

Gabriel gargalhou.

– Não, não estou.

– Fui ver os originais quando eles estavam emprestados à Galleria degli Uffizi em Florença. O Vaticano tem oito deles, se não me engano, e o restante pertence a um museu em Berlim.

– Exatamente. Achei mesmo que fosse gostar.

– Mas nunca vi as oito restantes.

– Ninguém viu. Deixe que eu lhe mostre.

O tempo voou enquanto Gabriel mostrava seus tesouros a Julia, que ficou admirando calada até que a voz de Rachel os chamou do corredor:

– Gabriel, por que não serve uma bebida a Julia? E pare de entediar minha amiga com as suas velharias!

Ele revirou os olhos e Julia deu uma risadinha.

– Como conseguiu essas reproduções? Por que não estão num museu? – perguntou ela, vendo-o guardar as ilustrações em seus respectivos envelopes.

Ele apertou os lábios com força.

– Não estão num museu porque me recuso a abrir mão delas. E ninguém sabe que estão comigo, exceto meu advogado, meu corretor de seguros e, agora, você.

Gabriel retesou a mandíbula, como se quisesse encerrar o assunto, então Julia decidiu não pressioná-lo.

O mais provável era que as ilustrações tivessem sido roubadas de um museu e Gabriel as houvesse comprado no mercado negro. Isso explicaria sua relutância em revelar a existência delas para o mundo. Julia estremeceu ao se dar conta de que tinha visto algo que menos de meia dúzia de pessoas vira antes. E elas eram tão bonitas... verdadeiras obras-primas.

– Gabriel... – Rachel estava à porta, ralhando com o irmão.

– Está bem. O que gostaria de beber, Srta. Mitchell? – Eles saíram do escritório e ele foi até a adega na cozinha.

– Gabriel! – repreendeu Rachel.

– Desculpe. Julianne?

Ela se assustou ao ouvir o nome pouco familiar sair dos lábios de Gabriel. Rachel notou sua reação estranha e sumiu atrás das portas de um armário, procurando as panelas e

frigideiras do irmão.

– Qualquer coisa, profe... Gabriel. – Julia fechou os olhos diante do prazer de finalmente poder chamá-lo pelo nome. Então acomodou-se em um dos bancos elegantes do balcão de café da manhã.

Gabriel pegou uma garrafa de Chianti e a pôs no balcão.

– Vou deixá-lo alcançar a temperatura ambiente – explicou ele para ninguém em especial.

Então pediu licença e desapareceu, provavelmente para vestir algo mais confortável.

– Julia – sussurrou Rachel, largando uma pilha de legumes em uma das duas cubas da pia. – O que está havendo entre você e Gabriel?

– Você vai ter que perguntar a ele.

– É o que pretendo fazer. Mas por que ele está agindo desse jeito tão estranho? E por que você não contou a ele quem era?

Julia parecia prestes a chorar.

– Achei que ele se lembraria de mim. Mas não. – Sua voz tremeu e ela baixou os olhos para o colo.

Intrigada com as palavras da amiga e com sua reação claramente emotiva, Rachel foi voando para o seu lado e lhe deu um abraço apertado.

– Não se preocupe. Estou aqui agora e vou dar um puxão de orelha nele. Ele tem um coração, em algum lugar, escondido debaixo de todo o resto. Eu sei, porque já vi. Agora me ajude a lavar esses legumes. O cordeiro já está no forno.

Quando Gabriel voltou, abriu o vinho, entusiasmado, sorrindo para si mesmo com malícia. Não perdia por esperar e sabia disso. Já tinha visto Julia provar vinho e agora teria a chance de rever sua performance erótica da noite anterior. Sentiu-se estremecer de ansiedade mais uma vez e desejou ter uma câmera de vídeo escondida em algum lugar do seu apartamento. Provavelmente seria óbvio demais pegar a câmera e tirar fotos dela.

Ele lhe mostrou a garrafa primeiro, percebendo e aprovando a expressão impressionada que cruzou o rosto dela ao ler o rótulo. Havia trazido aquele vintage especial da Toscana e detestaria desperdiçá-lo com alguém de paladar ignorante. Serviu um pouco do vinho na taça de Julia e recuou, observando, esforçando-se ao máximo para não sorrir.

Como da outra vez, Julia girou lentamente o vinho na taça. Observou-o sob a luz das lâmpadas halógenas. Fechou os olhos e inspirou. Então envolveu a borda da taça com seus lábios desejáveis e provou o vinho devagar, mantendo-o dentro da boca por alguns instantes antes de engolir.

Gabriel suspirou, observando seu pescoço comprido e elegante enquanto o vinho descia por sua garganta.

Quando Julia abriu os olhos, viu Gabriel se balançando de leve à sua frente, os olhos azuis mais carregados, a respiração alterada e a frente da sua calça cinza... Julia franziu a

testa para ele. Com força.

– Você está bem?

Ele passou a mão sobre os olhos e se obrigou a recuperar o controle.

– Sim. Desculpe.

Gabriel serviu uma generosa dose de vinho para ela e outra para si mesmo, então começou a bebericá-la de forma sensual, observando-a com atenção por sobre a borda da taça.

– Você deve estar faminto, Gabriel. Sei como fica uma fera quando está com fome – disse Rachel por sobre o ombro, mexendo algum tipo de molho no fogão.

– O que vamos comer com o cordeiro? – Ele observava Julia como um falcão, enquanto ela levava mais uma vez a taça até a boca sedutora e tomava um longo gole de vinho.

Rachel colocou uma caixa em cima do balcão da cozinha.

– Cuscuz!

Julia cuspiu o vinho, encharcando Gabriel e sua camisa branca. Chocada por ter engasgado tão de repente, deixou cair a taça, molhando a si mesma e o chão de madeira de lei da cozinha. A taça de cristal se estilhaçou aos pés do banco.

Gabriel começou a limpar as gotas de vinho da sua camisa cara, praguejando. Alto. Julia se ajoelhou e tentou apanhar depressa os cacos de vidro.

– Pare – disse ele baixinho, olhando para ela da beirada do balcão.

Julia continuou sua missão desesperada, lágrimas escapando de seus olhos.

– *Pare* – ordenou ele mais alto, dando a volta no balcão.

Ela transferiu alguns dos cacos de vidro para a outra mão e tentou pegar o restante, caco por caco, engatinhando no chão de forma patética, como um cachorrinho ferido arrastando uma pata quebrada.

– Pare! Pelo amor de Deus, mulher, *pare*. Vai se cortar toda.

Gabriel se agigantou sobre Julia, ameaçador, a raiva se despejando sobre ela como a ira divina.

Ele a agarrou pelos ombros e a pôs de pé, forçando-a a largar os cacos de vidro numa tigela em cima do balcão, antes de levá-la pelo corredor até o lavabo.

– Sente-se – falou ele.

Julia se sentou na tampa do vaso sanitário e deu um soluço contido, mas que a fez estremecer.

– Estenda as mãos.

As mãos delas estavam cobertas de vinho tinto e gotículas de sangue. Algumas lascas de vidro brilhavam entre os cortes. Gabriel xingou algumas vezes e balançou a cabeça, abrindo o armário de remédios.

– Você não ouve muito bem, não é?

Julia piscou para afastar as lágrimas, lamentando não poder usar as mãos para secá-las.

– E não obedece – acrescentou Gabriel, olhando para ela e parando de repente.

Não sabia por que havia parado e, se alguém lhe perguntasse o motivo mais tarde, ele daria de ombros e não poderia explicar. Mas, assim que interrompeu o que estava fazendo e viu aquela pobre criatura encolhida num canto, chorando, ele sentiu... alguma coisa. Algo que não era irritação, raiva, culpa ou desejo. Gabriel sentiu *compaixão* dela. E se arrependeu por tê-la feito chorar.

Ele se inclinou e, com as pontas dos dedos, começou a secar as lágrimas dela com muita ternura. Ouviu Julia gemer baixinho assim que ele a tocou e percebeu novamente como a sensação da pele dela lhe parecia muito familiar. Depois de secar suas lágrimas, aninhou seu rosto pálido entre as mãos, levantando seu queixo... então recuou depressa e começou a limpar seus machucados.

– Obrigada – murmurou ela, percebendo o cuidado com que ele retirava as lascas de vidro das suas mãos.

Ele usou um pinça, arrancando meticulosamente de sua pele até os caquinhos mais insignificantes.

– Não precisa agradecer.

Quando todo o vidro já havia sido retirado, ele embebeu algumas bolas de algodão em iodo.

– Vai arder.

Enquanto a observava se preparar para o seu toque, ele se encolheu um pouco. Não gostava da ideia de feri-la. Ela era tão delicada e frágil. Gabriel precisou de um minuto e meio até criar coragem para passar iodo nos cortes e, durante todo esse tempo, Julia ficou sentada, com os olhos arregalados e mordendo os lábios, esperando que ele simplesmente agisse logo.

– Pronto – falou ele com rispidez, limpando o que ainda havia de sangue. – Agora está melhor.

– Lamento ter quebrado sua taça. Sei que era de cristal.

A voz suave dela interrompeu os devaneios de Gabriel, que guardava de volta os artigos de primeiros socorros no armário de remédios.

Ele fez um gesto com a mão, descartando o comentário.

– Tenho dezenas delas. Há uma loja de cristais logo aqui embaixo. Posso comprar outra se precisar.

– Eu gostaria de pagar por ela.

– Não teria dinheiro para isso. – As palavras escaparam de sua boca sem que ele percebesse.

Gabriel observou, horrorizado, o rosto de Julia ficar vermelho e depois pálido. Ela baixou a cabeça, é claro, e mordeu a parte de dentro da bochecha.

– Srta. Mitchell, eu jamais aceitaria o seu dinheiro. Isso violaria as regras da

hospitalidade.

E você não suportaria fazer isso, não é mesmo?, pensou Julia.

– Mas manchei sua camisa. Deixe-me ao menos pagar a lavanderia.

Gabriel olhou para sua linda porém obviamente arruinada camisa branca e praguejou mentalmente. Gostava daquela camisa. Paulina a havia comprado para ele em Londres. E não havia a menor chance de a saliva de Julia misturada com o Chianti sair.

– Tenho várias dessa também – mentiu ele, com voz suave. – E tenho certeza de que essas manchas vão sair. Rachel vai me ajudar.

Julia arrastou seus dentes de cima pelo lábio inferior, de um lado para outro.

Gabriel notou o movimento e sentiu um pouco de enjoo, como se estivesse mareado, mas os lábios dela eram tão vermelhos e convidativos que ele não conseguia desviar o olhar.

Ele se inclinou para a frente e afagou a mão de Julia.

– Acidentes acontecem. Não é culpa de ninguém. – Ele sorriu e foi recompensado com um sorriso muito bonito.

Olhe só para ela. Realmente desabrocha diante da gentileza. Como uma rosa abrindo suas pétalas.

– Ela está bem? – perguntou Rachel, aparecendo de repente ao lado deles.

Gabriel recolheu sua mão rapidamente e suspirou.

– Sim. Mas parece que Julianne odeia cuscuz.

Ele deu uma piscada furtiva para ela e observou a vermelhidão se espalhar pelas suas faces, tomando conta da pele de porcelana. Ela era mesmo um anjo de olhos castanhos.

– Não tem problema. Posso fazer arroz pilaf.

Rachel saiu e foi seguida por Gabriel. Julia ficou sozinha, se esforçando para impedir que seu coração saltasse pela boca.

Enquanto Rachel guardava de volta na geladeira os grãos desdenhados, Gabriel foi até o quarto trocar a camisa suja, jogando-a no lixo com bastante pesar. Então foi se juntar à irmã na cozinha para limpar os cacos de vidro e o vinho do chão.

– Preciso lhe contar algumas coisas sobre Julia – começou Rachel por sobre o ombro.

Gabriel levou os cacos de vidro até a lata de lixo.

– Prefiro não saber.

– Qual é o seu problema? Ela é minha amiga!

– E é *minha* aluna. Eu não deveria ter nenhuma informação pessoal sobre ela. Essa amizade com você já revela um conflito de interesses que eu desconhecia.

Rachel endireitou os ombros e balançou a cabeça com teimosia, uma expressão carregada nos olhos acinzentados.

– Quer saber de uma coisa? Não estou nem aí! Gosto muito de Julia e mamãe também gostava. Então tente se lembrar disso da próxima vez que tiver vontade de gritar com ela.

O coração dela foi partido, seu babaca. Por isso passou um ano inteiro sem falar comigo. E agora que ela *finalmente* está saindo do casulo, e devo acrescentar que achei que ela não ia sair *nunca*, você a está empurrando de volta para dentro dele com a sua... com a sua arrogância e essa sua atitude superior! Então deixe de bancar o esnobe, como se fosse um Sr. Rochester, um Sr. Darcy, um Heathcliff ou qualquer personagem daqueles romances ingleses do século XIX e comece a tratá-la como o tesouro que ela é! Ou eu vou voltar aqui e lhe dar uma lição!

Gabriel se empertigou e fuzilou a irmã com o olhar.

Ela não recuou. Na verdade, pareceu crescer ainda mais. Quase ameaçadora.

– Está bem, Rachel – disse ele por fim.

– Ótimo. Não acredito que você não reconheceu o nome dela, depois de todas as vezes que eu falei quanto Julia adorava Dante. Quero dizer, quantos admiradores de Dante você conhece em Selinsgrove?

Ele se inclinou na direção dela e beijou sua testa franzida.

– Pegue leve comigo, Rachel. Tento não pensar em nada que esteja ligado a Selinsgrove, se puder evitar.

As palavras dele derreteram sua raiva e ela abraçou o irmão com força.

– Eu sei.

Algumas horas e mais uma garrafa cara de Chianti depois, Julia se levantou para ir embora.

– Obrigada pelo jantar. É melhor eu ir para casa.

– Nós levamos você de carro – ofereceu Rachel, sumindo para pegar seu casaco.

Gabriel fechou a cara e pediu licença para ir atrás dela.

– Não precisa. Posso ir andando. É perto – disse Julia, enquanto os irmãos se afastavam.

– De jeito nenhum. Já escureceu e não me importa que Toronto seja segura. Além do mais, está chovendo – gritou Rachel de volta antes de começar uma discussão acalorada com Gabriel.

Julia se encaminhou para a porta para não ter que ouvi-lo dizer que não queria levá-la em casa. Mas Rachel e Gabriel não demoraram a voltar e os três caminharam até o elevador. O celular de Rachel tocou.

– É Aaron. – Ela deu um abraço apertado em Julia. – Passei o dia inteiro tentando falar com ele, mas ele estava sempre em reunião. Vamos almoçar juntas algum dia. Não se preocupe, Gabriel, estou com a chave.

Rachel voltou para o apartamento, obrigando um Gabriel emburrado e uma Julia constrangida a pegarem sozinhos o elevador até a garagem.

– Você pretendia me contar quem era algum dia? – perguntou ele, com um leve tom de acusação na voz.

Julia balançou a cabeça e abraçou sua mochila ridícula com mais força.

Ele olhou para a mochila e decidiu, naquele instante, que ela precisava sumir. Se tivesse que ver aquela coisa horrorosa mais uma vez, perderia a cabeça. Além do mais, Paul a havia tocado, o que significava que estava contaminada. Ela teria que jogá-la fora.

Gabriel a conduziu até sua vaga na garagem e ela seguiu imediatamente para o lado do carona do Jaguar.

Ele apertou um botão e o Range Rover ao lado apitou.

– Hum, vamos neste aqui. A tração nas quatro rodas é melhor para a chuva. Não gosto de sair com o Jaguar com o tempo assim.

Julia tentou esconder sua surpresa diante da vergonha que Gabriel parecia sentir da sua própria riqueza, especialmente quando ele abriu a porta do carona e a ajudou a entrar no carro. Enquanto se acomodava no assento, ela se perguntou se Gabriel havia sentido a química entre eles ao tocar seu braço. Mas estava claro que sim.

– Você me fez passar por idiota. – disse ele, irritado, tirando o carro da garagem.

Ora, o que é isso, o mérito foi todo seu. O pensamento não verbalizado de Julia pairou entre eles, e ela se perguntou se ele seria bom em interpretar mensagens não verbais.

– Se eu soubesse, teria tratado você de outra forma. Melhor.

– Ah, é? E teria encontrado outro aluno para espezinhar? Nesse caso, que bom que direcionou sua raiva para mim. Assim não precisou descontar em mais ninguém.

Gabriel lançou-lhe um olhar frio.

– Isso não muda nada. Fico feliz que seja amiga de Rachel, mas ainda é minha aluna, o que significa que precisamos ser profissionais, Srta. Mitchell. E é melhor ter cuidado com a maneira como fala comigo a partir de agora.

– Sim, professor Emerson.

Ele procurou em seu rosto algum sinal de sarcasmo, mas não encontrou. Julia tinha os ombros encurvados e a cabeça baixa. Ele fizera sua pequena rosa murchar. Agora, qualquer desabrochar já havia sido completamente arruinado.

A sua *pequena rosa? Que merda é essa, Gabriel?!*

– Rachel está muito feliz por você estar aqui. Sabia que ela estava noiva?

Julia balançou a cabeça.

– Estava? Não está mais?

– Aaron Webster a pediu em casamento e ela aceitou, mas isso foi antes de Grace... – Ele suspirou. – Rachel não está com cabeça para planejar nada agora, então decidiu adiar. É por isso que está aqui.

– Ah, sinto muito. Coitada da Rachel. – Ela suspirou. – Coitado do Aaron. Sempre gostei muito dele.

Gabriel franziu a testa.

– Eles ainda estão juntos. Aaron a ama e concordou que ela precisava de um tempo.

Sempre houve muita... briga na casa dos meus pais quando eu aparecia por lá. Ela veio me ver para fugir. O que é irônico, na verdade, já que sou a ovelha negra da família e ela é a favorita.

Julia assentiu, como se compreendesse.

– Eu tenho um problema com a raiva, Srta. Mitchell. Tenho um péssimo temperamento. Não sei controlá-lo e, quando perco a cabeça, posso ser muito destrutivo.

Julia arregalou os olhos ao ouvir aquela declaração e sua boca se abriu um pouco, mas ela continuou calada.

– Não seria... nada apropriado que eu perdesse a cabeça perto de alguém como você. Seria muito prejudicial para nós dois.

O que ele dizia era tão honesto e assustador que suas palavras a queimaram como fogo.

– A ira é um dos pecados capitais – comentou ela e desviou o olhar para a janela, tentando aliviar a chama que ardia em seu corpo.

Ele riu com amargura.

– Incrivelmente, tenho todos os sete. Não se dê o trabalho de contar. Vaidade, inveja, ira, preguiça, avareza, gula, *luxúria*.

Ela ergueu uma sobrancelha, mas não se virou.

– Duvido que isso seja verdade.

– Não espero que entenda. Você é um ímã para desastres, Srta. Mitchell. Eu sou um ímã para pecados.

Então ela o encarou. Ele lhe abriu um sorriso com uma expressão resignada e recebeu de volta um olhar de compaixão.

– O pecado não pode ser atraído para um ser humano, professor. É o contrário.

– Não no meu caso. O pecado parece me encontrar até quando não estou procurando por ele. E não sou muito bom em resistir a tentações. – Ele a encarou, então voltou os olhos para a estrada. – Sua amizade com Rachel explica por que enviou gardênias. E por que assinou o cartão daquela maneira.

– Sinto muito por Grace. Eu também a amava.

Ele olhou dentro dos seus olhos. Eles eram gentis e sinceros, mas Gabriel viu também sinais de tristeza e de uma perda imensurável.

– Percebo isso agora – admitiu ele.

– Você tem rádio por satélite?

Ela apontou o painel e ele ligou o rádio e apertou um botão para sintonizar uma das estações programadas.

– Tenho. Geralmente ouço uma das estações de jazz, mas depende do meu humor.

Julia estendeu um dedo em direção ao rádio, mas então recolheu a mão.

Gabriel sorriu diante de sua hesitação, lembrando-se do modo como ela havia ronronado quando ele lhe deu permissão para se aninhar em sua poltrona favorita. Queria

fazê-la ronronar outra vez.

– Vá em frente. Pode escolher o que quiser.

Ela experimentou as estações programadas, que incluíam a CBC em língua francesa e a BBC News. O tempo todo sorriu diante das escolhas dele, até chegar à última, que se chamava Nine Inch Nails.

– Existe uma estação só para essa banda? – perguntou ela, incrédula.

– Existe. – Gabriel se remexeu um pouco no banco, como se ela tivesse descoberto um segredo constrangedor seu.

– E você gosta deles?

– Depende do meu estado de espírito.

Julia apertou o botão da estação de jazz.

Gabriel mais sentiu do que propriamente observou a reação visceral dela. Não a entendeu, mas decidiu não se aprofundar no assunto.

Julia detestava Nine Inch Nails. Ela mudava de estação sempre que alguma música deles tocava no rádio. Saía de qualquer sala ou prédio em que ouvisse a banda. O som de sua música, e especialmente da voz de Trent Reznor, lhe dava arrepios, embora nunca tivesse contado a ninguém por quê.

A primeira vez que os ouviu foi numa boate na Filadélfia. Estava dançando com *ele*, e *ele* se esfregava em seu corpo. A princípio, Julia não ligou, afinal, *ele* sempre fazia isso. Mas então aquela música começou a tocar e, na mesma hora, ela se sentiu um pouco enjoada. Primeiro por causa do ritmo estranho dos primeiros compassos; depois pela letra, que falava sobre trepar como um animal; e, por fim, por conta da expressão no rosto *dele* ao encostar a testa contra a dela e sussurrar, olhando bem dentro da sua alma.

Independentemente das crenças religiosas de Julia e de suas tentativas não muito convictas de rezar para deuses e divindades inferiores, naquele momento ela acreditou ter ouvido a voz do Diabo. Lúcifer em pessoa a havia segurado em seus braços e sussurrado para ela. E a ideia em si, aliada àquelas palavras, a apavorou.

Julia se libertou *dele* e fugiu para o banheiro feminino, olhando para a garota pálida e trêmula no espelho, perguntando-se o que tinha acabado de acontecer. Não sabia por que *ele* tinha falado daquela forma ou por que havia escolhido aquele momento para confessar. Mesmo assim, o conhecia bem o suficiente para saber que a letra repetida era uma confissão das suas intenções mais profundas e talvez mais sombrias e não apenas uma repetição impensada.

Mas Julia não queria trepar como um animal; ela queria ser amada. Renunciaria ao sexo para sempre se isso lhe garantisse o tipo de amor que inspirava a poesia e os mitos. Esse era o tipo de afeto que ela desejava desesperadamente, mas que no fundo não acreditava merecer. Queria ser a musa de alguém – ser venerada e adorada, de corpo e alma. Queria ser a Beatriz de um belo e nobre Dante e viver com ele no Paraíso para

sempre. Desejava ter uma vida que rivalizaria em beleza com as ilustrações de Botticelli.

E era por isso que, aos 23 anos, Julia Mitchell ainda era virgem e guardava a fotografia do homem que a havia tornado inacessível para qualquer outro no fundo da sua gaveta de roupas íntimas. Durante os últimos seis anos, ela dormira com a foto *dele* debaixo do travesseiro. Nenhum homem se comparava a *ele*, nem de longe; nenhum sentimento de afeto tinha se aproximado do amor e da devoção que *ele* inspirava. O relacionamento dos dois se resumia a uma única noite, que ela revivia em sua memória sem parar...

CAPÍTULO SETE

Julia parou sua bicicleta em frente à grande casa branca dos Clark e andou até a varanda. Ela nunca batia à porta quando os visitava, então subiu aos saltos a escada e abriu a porta de tela. A cena que encontrou a deixou em choque.

A mesa de centro de vidro da sala de estar estava destruída, o carpete respingado de sangue. Havia cadeiras e almofadas espalhadas por toda parte. Rachel e Aaron estavam enroscados no sofá, no meio da sala. Rachel soluçava.

Julia ficou parada, boquiaberta de pavor.

– O que aconteceu?

– Gabriel – respondeu Aaron.

– Gabriel? Ele está ferido?

– Ele está bem! – disse Rachel, rindo de forma quase histérica. – Está em casa há menos de 24 horas e já brigou com papai, fez mamãe chorar duas vezes e mandou Scott para o hospital.

Aaron continuava afagando as costas da namorada para consolá-la, com o rosto sério.

Julia arquejou de espanto.

– Por quê?

– Sei lá! Ninguém nunca sabe o que acontece com Gabriel. Ele começou a discutir com papai, então mamãe se meteu no meio dos dois e ele a empurrou. Scott disse que, se ele voltasse a encostar um dedo nela, o mataria. Então Gabriel lhe deu um soco e quebrou o nariz dele.

Julia baixou os olhos para os cacos de vidro manchados de sangue no carpete. Havia um monte de biscoitos esmigalhados em meio ao vidro, junto com os pedaços do que pareciam ter sido duas xícaras de café.

– E isto aqui? – perguntou ela, apontando para aquela bagunça.

– Gabriel empurrou Scott e ele caiu em cima da mesa de centro. Scott e papai estão no hospital, mamãe está trancada no quarto e eu vou passar a noite na casa de Aaron.

Rachel começou a arrastar o namorado em direção à porta.

Julia ficou onde estava, incapaz de se mover.

– Talvez seja melhor eu tentar falar com a sua mãe.

– Não posso ficar nem mais um minuto nesta casa. Minha família acabou de ser destruída. – Com essas palavras, Rachel fugiu com Aaron.

Julia pretendia subir as escadas para falar com Grace, mas ouviu um barulho vindo da cozinha, então seguiu para os fundos da casa, na ponta dos pés. A porta estava aberta e ela pôde ver alguém sentado na varanda, levando uma garrafa de cerveja aos lábios. Os

cabelos castanhos brilharam sob a luz do sol poente. Julia o reconheceu das fotografias de Rachel.

Antes que tivesse tempo de pensar melhor, seus pés atravessaram a porta e ela se sentou numa espreguiçadeira, a certa distância dele, os joelhos recolhidos debaixo do queixo. Julia abraçou as próprias pernas e olhou para ele.

Gabriel a ignorou.

Ela analisou sua silhueta, na esperança de gravar aquela visão em sua memória. Ele era muito mais bonito pessoalmente. Observou seus olhos azuis e injetados, impressionantes debaixo das sobrancelhas castanhas. Seguiu os contornos dos malares altos, do nariz reto e do queixo quadrado, notando a barba de dois ou três dias e uma covinha que marcava seu rosto como um beijo. Seu olhar pousou sobre os lábios carnudos dele, reparando como o inferior era curvilíneo e cheio, antes de se obrigar a arrastar os olhos, com relutância, em direção aos ferimentos.

Gabriel tinha cortes e sangue na mão direita e um hematoma na face esquerda. O punho de Scott tinha deixado sua marca, mas, surpreendentemente, Gabriel continuava consciente.

– Você está um pouco atrasada para o show das seis. Acabou há meia hora. – A voz dele era suave e quase tão agradável quanto seus traços. Julia pensou por um instante como seria ouvir aquela voz dizer seu nome.

Ela estremeceu.

– Tem um cobertor bem aqui – disse Gabriel sem olhar para Julia, afagando um grande cobertor de lã xadrez amontoado perto dele.

Julia o observou, desconfiada. Então, convencida de que a raiva dele havia passado, andou em sua direção e se sentou num banquinho ao seu lado, ainda mantendo uma distância segura entre eles. Perguntou-se quão rápido ele conseguiria correr. E quão rápido ela conseguiria fugir se ele a estivesse perseguindo.

Ele lhe entregou o cobertor.

– Obrigada – balbuciou ela, colocando-o em volta dos ombros.

Pelo canto do olho, ela reparou como ele havia acomodado sua altura considerável de forma casual numa espreguiçadeira. Seus ombros pareciam mais largos naquela jaqueta de couro preta, a superfície lisa de seu peito visível debaixo do tecido da blusa preta justa. Suas pernas longas preenchiam muito bem o jeans também preto, e Julia notou que ele parecia mais alto e mais pesado do que nas velhas fotos da irmã.

Ela queria dizer alguma coisa. Queria lhe perguntar por que tinha tanta raiva da família mais bondosa que ela conhecia. Só que era tímida demais para fazer isso – e estava com medo demais dele. Então perguntou se ele tinha um abridor de garrafas.

Ele franziu as sobrancelhas antes de sacar um abridor do bolso de trás e entregá-lo a ela. Ela agradeceu e continuou sentada ali, em silêncio. Gabriel se voltou para a

embalagem de cervejas já pela metade atrás dele, escolheu uma garrafa e a estendeu para ela.

– Deixe que eu abro – falou, sorrindo ao realmente olhar para ela pela primeira vez. Ele pegou o abridor de volta, tirou a tampa com um gesto ágil e bateu sua garrafa contra a dela. – Saúde.

Julia bebericou educadamente a cerveja, tentando não engasgar quando o líquido espumoso de sabor estranho encheu sua boca. Ela cantarolou, distraída, e esperou.

– Já havia tomado cerveja antes? – Gabriel sorriu.

Ela negou com a cabeça.

– Então fico feliz em ter sido o primeiro.

Ela corou e escondeu o rosto atrás dos cabelos longos, cor de mogno.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele, com uma expressão intrigada.

Julia se deteve, perguntando-se qual seria a melhor maneira de colocar a questão.

– Fui convidada para jantar. – *E esperava finalmente conhecer você*.

Gabriel riu.

– Parece que estraguei isso. Bem, Srta. Olhos Castanhos, ponha isso na minha conta.

– Quer me contar o que aconteceu? – Julia manteve a voz baixa, esforçando-se para que ela não tremesse.

– Quer me contar por que ainda não saiu correndo daqui? – Os olhos azuis de Gabriel encontraram os dela, encarando-a com uma expressão severa.

Ela tornou a baixar a cabeça, na esperança de que esse gesto submisso aplacasse sua repentina explosão de fúria. Sentar-se com Gabriel depois do que havia acontecido tinha sido uma tolice. Ele estava bêbado e não havia ninguém ali para socorrê-la caso ele ficasse violento. Essa era sua chance de fugir.

Inexplicavelmente, no entanto, Gabriel estendeu o braço para vencer a distância entre os dois. Passou os cabelos dela para trás dos ombros, os dedos passeando muito devagar entre os fios antes de ele recolher a mão. Julia absorveu a sensação e voltou a cantarolar baixinho, esquecendo-se por completo da pergunta.

– Você tem cheiro de baunilha – comentou Gabriel, mudando de posição para vê-la melhor.

– É o meu xampu.

Ele terminou sua cerveja e abriu outra, dando um gole generoso antes de se voltar para ela outra vez.

– Não deveria ser assim.

– Eles amam você, sabia? Não falam de outra coisa.

– O filho pródigo. Ou, talvez, um demônio. *O demônio Gabriel*.

Ele riu com amargura e terminou sua cerveja quase de uma golada só. Abriu outra.

– Eles estavam tão felizes por você voltar para casa. Foi por isso que sua mãe me

convidou para o jantar.

– Ela não é minha mãe. E talvez Grace a tenha convidado porque sabia que eu precisava de um anjo de olhos castanhos para me proteger.

Ele se inclinou para pousar a mão em seu rosto. Julia respirou fundo, surpreendida pelo toque, os olhos azuis e grandes de Gabriel encarando-a com uma expressão inebriada de admiração. Ele correu o polegar pela vermelhidão em sua face e hesitou, quase como se absorvesse o calor de sua pele. Quando tirou a mão, Julia quase gritou por perder aquele contato.

Ele largou a garrafa na varanda e se levantou depressa.

– O sol está se pondo. Que tal uma caminhada?

Ela mordeu o lábio. Sabia que não devia. Mas aquele era o Gabriel da fotografia e aquela provavelmente seria sua única chance de vê-lo e passar algum tempo em sua companhia. Depois do que acontecera mais cedo, Julia duvidava que ele fosse voltar para casa. Pelo menos por um bom tempo.

Ela largou o cobertor de lado e se levantou.

– Traga isso – disse Gabriel e, quando ela pôs o cobertor debaixo do braço, ele pegou a pequena mão de Julia.

Ela arquejou de surpresa. Sentiu um arrepio surgir nas pontas dos seus dedos e subir lentamente pelo braço, até atingir seu ombro e deslizar para o coração, fazendo-o bater muito mais depressa.

Ele aproximou a cabeça da dela.

– Você já segurou a mão de um homem antes? – Ela balançou a cabeça e Gabriel riu baixinho. – Então fico feliz em ter sido o primeiro.

Eles se embrenharam lentamente na mata e em poucos instantes sumiram de vista. Julia gostava da maneira como sua mão se encaixava na dele e como os dedos longos dele se curvavam atrás dos seus. Gabriel segurava sua mão com cuidado, porém com firmeza, apertando-a de vez em quando, talvez para certificá-la de sua presença. Julia começou a pensar que era assim que deveria ser segurar a mão de alguém. Não que tivesse experiência alguma no assunto.

Ela só havia se aventurado naquelas matas uma ou duas vezes antes, sempre com Rachel. Sabia que, se acontecesse algo de errado, provavelmente se perderia tentando encontrar o caminho de volta para casa. Afastou esses pensamentos e se concentrou exclusivamente na sensação de segurar a mão quente e forte do enigmático Gabriel.

– Eu costumava passar muito tempo aqui. É bastante tranquilo. Mais adiante, tem um velho pomar de macieiras. Rachel já levou você lá?

Julia balançou a cabeça.

Gabriel baixou o olhar para ela com o que parecia uma expressão séria.

– Você é calada demais. Pode falar comigo. Juro que não mordo.

Ele abriu um de seus sorrisos cativantes, que Julia reconheceu das fotografias da amiga.

– Por que você voltou para casa?

Ele ignorou a pergunta e continuou andando, mas ela notou que Gabriel havia começado a apertar sua mão com mais força. Ela fez o mesmo, como se quisesse mostrar que não estava com medo. Embora estivesse.

– Não queria voltar para casa. Não desse jeito. Perdi uma coisa e estou bebendo há semanas.

Ela ficou surpresa com a sinceridade de Gabriel.

– Mas, se perdeu uma coisa, talvez possa procurá-la.

Ele estreitou os olhos.

– O que perdi está perdido para sempre.

Ele começou a andar mais depressa e Julia teve que apertar o passo para acompanhá-lo.

– Vim para casa por causa de dinheiro. Para você ter uma ideia do meu desespero e de como estou totalmente ferrado. – A voz de Gabriel ficou mais suave e Julia o sentiu estremecer. – Eu estava ferrado antes mesmo de destruir tudo e todos. Antes mesmo de você aparecer.

– Sinto muito.

Ele deu de ombros e começou a puxá-la para a esquerda.

– Estamos quase chegando.

Passando por uma abertura entre as árvores, eles chegaram a uma pequena clareira cujo solo era coberto por grama espessa. Flores silvestres, ervas daninhas e tocos espalhavam-se pelo verde. A atmosfera era silenciosa e transmitia paz. Nas bordas da clareira havia várias macieiras envelhecidas, de aparência desgastada e abatida.

– Chegamos – disse ele, abrindo os braços num gesto amplo. – Bem-vinda ao Paraíso.

Ele puxou Julia até uma pedra grande na borda da clareira, levantando-a pela cintura para colocá-la em cima dela. Então subiu também. A pedra estava fria à sombra do sol poente, fazendo Julia sentir arrepios sob o jeans fino.

Gabriel tirou a jaqueta e a colocou sobre seus ombros.

– Você vai pegar uma pneumonia e morrer – falou, distraído, passando um braço em volta dela e puxando-a para perto de si.

O calor irradiava de seus braços nus e de sua blusa, aquecendo-a.

Ela respirou fundo e em seguida suspirou, contente e impressionada ao notar como se encaixava bem debaixo do braço dele. Como se tivesse sido feita para ele.

– Você é Beatriz.

– Beatriz?

– Beatriz, de Dante.

Ela ficou vermelha.

– Não sei quem é.

Gabriel deu uma risadinha, seu hálito quente contra o rosto dela enquanto esfregava o nariz em sua orelha.

– Eles não lhe contaram? Não disseram que o filho prodígio está escrevendo um livro sobre Dante e Beatriz?

Quando Julia não respondeu, ele levou os lábios até o topo de sua cabeça e pousou um beijo suave em seus cabelos.

– Dante era um poeta. Beatriz era sua musa. Ele a conheceu quando ela era muito jovem e a amou a distância a vida inteira. Beatriz foi quem o guiou pelo Paraíso.

Julia estava com os olhos fechados ouvindo sua voz, inalando o perfume que emanava da pele dele. Ele cheirava a almíscar, suor e cerveja, mas Julia ignorou essas distrações e se concentrou no perfume próprio de Gabriel, algo muito masculino e potencialmente perigoso.

– Existe um quadro de um artista chamado Holiday. Você parece a Beatriz dele.

Gabriel pegou a mão dela e levou seus dedos pálidos aos lábios, beijando-lhe a pele com reverência.

– A sua família ama você, Gabriel. Você deveria fazer as pazes com eles. – Julia ficou surpresa com suas próprias palavras, mas ele se limitou a puxá-la mais para perto.

– Eles não são minha família. Não exatamente. E já é tarde demais, Beatriz.

Julia se assustou ao ouvir o nome e percebeu que a cerveja já fizera efeito sobre ele. Mas não tirou a cabeça do seu ombro. Logo em seguida, Gabriel começou a acariciar seu braço, tentando chamar a atenção dela.

– Você acabou não jantando.

Ela balançou a cabeça.

– Não, não jantei.

– Devo alimentá-la?

Ela levantou a cabeça do seu ombro, por mais que ficasse triste ao fazer isso. Ele abriu um sorriso e andou até uma das macieiras. Analisou os ramos carregados de frutos e escolheu a maior e mais madura maçã vermelha, antes de pegar outra, menor. Guardou a segunda no bolso e voltou na direção dela.

– Beatriz. – Ele sorriu e lhe ofereceu a maçã.

Julia olhou para ela como se estivesse hipnotizada, como se a fruta fosse um tesouro.

Ele riu e abriu a mão, com a maçã na palma, como uma criança oferecendo um torrão de açúcar a um pônei. Julia aceitou a maçã e a levou imediatamente aos lábios, mordendo-a com força.

Gabriel a observou mastigar; a observou engolir. Então, com uma satisfação silenciosa, voltou à posição anterior, o braço firme em volta da cintura de Julia. Pressionou a cabeça dela contra seu ombro e começou a comer a pequena maçã que havia escondido no bolso.

Eles ficaram sentados ali, imóveis, enquanto o sol se punha. Antes que o pomar fosse engolido pela escuridão, Gabriel tirou o cobertor de baixo do braço de Julia e o estendeu sobre a grama.

– Venha, Beatriz – disse ele, estendendo a mão.

Julia sabia que seria uma grande burrice se sentar com ele no cobertor. Mas não se importava. Havia se apaixonado por ele desde a primeira vez em que Rachel lhe mostrara sua foto, que Julia roubou. Agora que ele estava ali, real, respirando, vivo, em carne e osso, a única coisa que poderia fazer era pegar sua mão.

– Você já se deitou ao lado de um homem e ficou olhando as estrelas? – Ele cobriu Julia com a manta e a observou se deitar de costas.

– Não.

Gabriel entrelaçou seus dedos nos dela e os pousou sobre o próprio coração. Ela sentiu os batimentos lentos sob o toque e encontrou conforto no ritmo constante.

– Você é linda, Beatriz. Como um anjo de olhos castanhos.

Julia virou a cabeça para poder olhar para ele e sorriu.

– Eu acho você lindo.

Tímida, ela começou a passar os dedos pelo seu queixo, maravilhada com a sensação da barba por fazer.

Ele sorriu ao sentir seu toque e fechou os olhos. Ela percorreu seus traços carinhosamente por um longo tempo, até seu braço começar a ficar cansado.

Ele abriu os olhos.

– Obrigado.

Julia sorriu e apertou sua mão, sentindo o coração dele saltar em resposta.

– Você já beijou um homem?

Ela ficou muito vermelha e balançou a cabeça.

– Então fico feliz em ser o primeiro.

Gabriel ficou de lado, apoiando-se no cotovelo, e se inclinou para a frente. Seus olhos brilhavam com ternura e ele sorriu para Julia.

Ela conseguiu fechar os olhos antes de a boca perfeita de Gabriel encontrar a sua. Então foi às nuvens.

Os lábios de Gabriel eram quentes e convidativos, e ele os espalhou pela sua boca com cuidado, como se tivesse medo de machucá-la. Sem saber beijar e ainda um pouco desconfiada, Julia manteve a boca fechada. Gabriel levou a mão até a curva do seu pescoço, acariciando a pele com o polegar enquanto seus lábios se moviam suavemente sobre os dela.

O beijo não foi como ela esperava.

Julia tinha imaginado que ele seria descuidado ou um pouco bruto. Que seu beijo seria desesperado, voraz e que talvez as pontas de seus dedos percorressem sua pele e

descessem pelo seu corpo até lugares que ela não estava pronta para permitir que ele tocasse. Mas Gabriel manteve as mãos onde estavam: uma acariciando a parte de baixo de suas costas e a outra no seu rosto. Seu beijo era carinhoso e doce – o tipo de beijo que ela imaginava que um homem daria em sua amada após uma longa separação.

Gabriel beijou Julia como se a conhecesse, como se ela fosse sua. Seu beijo era apaixonado e cheio de emoção, como se cada fibra de seu ser tivesse se derretido e se espalhado pelos seus lábios apenas para ser oferecida a ela. O coração de Julia acelerou. Ela nunca ousara esperar um primeiro beijo como aquele. Quando a pressão dos lábios dele começou a diminuir, teve vontade de chorar, sabendo que nunca mais seria beijada daquela forma novamente. Ele a havia tornado inacessível para qualquer outro homem. Para sempre.

Gabriel suspirou com força, soltou-a e pousou os lábios com carinho em sua testa.

– Abra os olhos.

Julia olhou para as duas esferas azuis, que estavam extraordinariamente límpidas e emocionadas, mas não conseguiu decifrar suas emoções. Ele sorriu e tornou a beijar sua testa antes de rolar de costas e olhar para as estrelas.

– Em que você está pensando? – perguntou ela, mudando de posição para se enroscar ao seu lado, mantendo-se perto, mas sem encostar no corpo dele.

– Estava pensando em quanto esperei por você. Esperei, esperei e você nunca veio. – Ele abriu um sorriso triste para Julia.

– Sinto muito, Gabriel.

– Você está aqui agora. *Apparuit iam beatitudo vestra*.

– Não sei o que significa isso – disse ela, encabulada.

– Significa *lá estava a sua bem-aventurança*. Mas, na verdade, deveria ser *lá estava a* minha *bem-aventurança*. Agora que você está aqui. – Ele a puxou para mais perto, passando o braço por trás do seu pescoço e descendo até a sua cintura, onde abriu bem a mão, com os dedos na base das suas costas. – Pelo resto da minha vida, eu sonharei com sua voz dizendo o meu nome.

Julia sorriu para si mesma na escuridão.

– Você já adormeceu nos braços de um homem antes, Beatriz?

Ela balançou a cabeça.

– Então fico feliz em ser o primeiro. – Ele a puxou de modo que sua cabeça pousasse no seu peito, perto do coração, e o corpo dela se encaixasse perfeitamente no seu. – Como a costela de Adão – sussurrou Gabriel em meio aos seus cabelos.

– Você precisa ir embora? – sussurrou ela de volta, correndo as mãos, hesitante, pelo peito dele, para cima e para baixo, de um lado para outro.

– Sim, mas não esta noite.

– Vai voltar? – A voz dela era quase um gemido.

Gabriel suspirou profundamente.

– Vou ser expulso do Paraíso amanhã, Beatriz. Nossa única esperança é que você me encontre depois. Procure por mim no Inferno.

Ele a colocou gentilmente de costas e pousou as mãos uma de cada lado da sua cintura, pairando sobre ela, com os olhos arregalados, fitando com todo o desejo e intensidade as profundezas da sua alma.

E então colou seus lábios aos dela...

CAPÍTULO OITO

Na manhã de quinta-feira, Rachel estava sentada ao balcão da cozinha de Gabriel, bebendo um *latte* e lendo com atenção a *Vogue* francesa. Não era seu tipo de leitura habitual. Sua mesa de cabeceira era cheia de livros sobre política, relações públicas, economia e sociologia. Ela tinha esperança de que algum dia um de seus superiores perguntasse sua opinião, em vez de lhe pedir que xerocasse a de outra pessoa. Mas agora estava de licença e tinha tempo para ler algo que não fosse relacionado à política municipal.

Sentia-se melhor naquela manhã. Muito melhor. Sua conversa com Aaron na noite anterior tinha corrido bem. Embora continuasse desapontado com o fato de o casamento ter sido cancelado, Aaron lhe falou diversas vezes como ela era mais importante para ele do que se casar.

"*Não precisamos nos casar agora. Podemos esperar até seu luto terminar. Mas ainda quero você, Rachel. E sempre vou querer. Como minha esposa, como minha amante... Neste momento, aceitarei qualquer coisa que puder me dar, porque amo você. Volte para mim.*"

As palavras de Aaron conseguiram penetrar a névoa de depressão e dor que pairava sobre a mente de Rachel. E, de repente, tudo ficou claro. Ela achou que estava fugindo de Scott, do pai e do fantasma da mãe, mas talvez estivesse fugindo de Aaron também. Porém, quando ouviu aquelas palavras... como se ela fosse capaz de deixá-lo ou de ao menos cogitar a hipótese de ficar longe dele.

O que ele disse quase partiu o coração de Rachel e a fez perceber quanto realmente queria ser sua esposa. E quanto estava determinada a não demorar muito resolvendo seus problemas para não fazê-lo esperar demais para ser seu marido. A vida era muito curta para ficar triste. Sua mãe havia lhe ensinado isso.

Gabriel entrou na cozinha usando seus óculos, deu um beijo na cabeça da irmã e deslizou um maço de dinheiro para ela. Rachel olhou desconfiada para o dinheiro e contou as notas, arregalando os olhos.

– Para que isso?

Ele pigarreou e se sentou ao seu lado.

– Você não vai às compras com Julianne?

Ela revirou os olhos.

– É *Julia*, Gabriel. E não, nós não vamos às compras. Ela está trabalhando num projeto qualquer com um tal de Paul. Depois ele vai levá-la para jantar.

Papa-anjo, pensou Gabriel. A expressão brotou em sua mente, de forma espontânea e

sem censura, e ele ficou tenso, um rosnado grave surgindo em seu peito.

Rachel deslizou o dinheiro de volta para ele e se concentrou de novo na revista.

Ele tornou a colocar o dinheiro na frente dela.

– Pegue.

– Por quê?

– Para comprar algo para sua amiga.

Rachel estreitou os olhos.

– Por quê? É muito dinheiro.

– Eu sei – disse ele baixinho.

– São 500 dólares. Sei que você tem dinheiro para esbanjar, mas isso é demais.

– Você já viu o apartamento dela?

– Não, você já?

Ele se remexeu no banco.

– Brevemente. Ela estava a pé na chuva, então a levei para casa e...

– E...? – Rachel passou o braço por sobre o ombro do irmão e se inclinou para perto dele com um sorriso travesso. – Desembuche.

Gabriel empurrou o braço dela para longe e a fuzilou com o olhar.

– Não foi nada disso. Mas por alguns instantes vi onde ela mora, quando a deixei em casa e é horrível. Ela nem tem cozinha.

– Não tem cozinha? Como assim?

– Ela é tão pobre quanto um rato de igreja. Sem falar naquele arremedo asqueroso de mochila que ela carrega para cima e para baixo. Gaste esse dinheiro numa pasta decente para ela. Não me importa, mas faça alguma coisa. Porque, se eu vir aquela mochila mais uma vez, vou pôr fogo nela.

Gabriel levou as mãos aos cabelos castanhos e as deixou lá, inclinando o corpo alto sobre o balcão da cozinha. Com a perspicácia que somente uma irmã poderia ter, Rachel o analisou. Gabriel parecia ser o jogador de pôquer ideal: impassível, sem emoções, frio. Não apenas frio como a brisa de outono. *Gelado*, na verdade. Como uma pedra contra a pele à sombra do sol poente. Rachel achava que essa frieza era seu pior defeito – sua capacidade de dizer e fazer coisas sem pensar nos sentimentos dos outros, incluindo sua própria família.

Mas, apesar de todos os defeitos, Gabriel era o seu favorito. E, como a caçula da família e dez anos mais nova que ele, Rachel também era a favorita do irmão. Gabriel nunca havia brigado com ela, como costumava fazer com Scott e com o pai. Mesmo nos seus piores momentos, não havia a menor chance de que ele machucasse Rachel de propósito. Ela só havia sido magoada ao vê-lo machucar outras pessoas. Especialmente a si mesmo.

Rachel sabia que, se você observasse com atenção, ele seria um péssimo jogador de

pôquer. Dava muita bandeira, revelava de várias formas sua agitação interior. Fechava os olhos se estivesse prestes a perder a cabeça. Esfregava o rosto quando se sentia frustrado. Andava de um lado para outro caso estivesse irritado ou amedrontado. Era exatamente isso que ele estava fazendo, e Rachel se perguntou do que o irmão estaria com medo.

– Por que está tão preocupado com ela? Não foi tão amigável assim durante o nosso jantar. Nem quis chamá-la de *Julia*.

– Ela é minha aluna. Tenho que ser profissional.

– Profissionalmente cruel?

Gabriel parou e fez uma careta.

– Tudo bem – cedeu Rachel. – Vou aceitar o dinheiro por Julia e vou comprar uma pasta para ela. *Mas preferiria comprar sapatos*.

Gabriel se sentou num banco.

– Sapatos?

– Sim. E se nós comprássemos algo para ela vestir? Julia gosta de coisas bonitas, só não tem dinheiro para comprá-las. E é linda, você não acha?

Gabriel sentiu uma ereção debaixo da sua calça de lã cinza. Aproximou as coxas para esconder o fato perturbador da irmã.

– Gaste o dinheiro no que quiser, mas precisa trocar aquela mochila.

– Ótimo! Vou comprar algo fabuloso para ela. Mas provavelmente vou precisar de mais dinheiro... e deveríamos levá-la a algum lugar especial para que ela possa usar as roupas novas. – Rachel pestanejou, lançando um olhar travesso para o irmão.

Sem discutir ou regatear, ele sacou um cartão de visita da carteira, pegou sua caneta-tinteiro Montblanc e desatarraxou lentamente a tampa.

– Pessoas normais ainda usam esse tipo de caneta, ou só medievalistas? – perguntou ela, inclinando-se com uma expressão indagadora. – Estou surpresa por você não usar uma pena.

Gabriel fechou a cara.

– Esta é uma *Meisterstück 149* – falou, como se isso devesse significar alguma coisa.

Rachel revirou os olhos enquanto ele usava sua reluzente caneta de ouro 18 quilates para escrever uma breve mensagem no verso do cartão de visita com uma caligrafia firme, porém antiquada. Seu irmão era tão presunçoso!

– Pronto. – Ele deslizou o cartão de visita pelo balcão. – Tenho uma conta na Holt Renfrew. Mostre isso para a gerente. Ela vai levar você até Hilary, minha *personal shopper*, que vai colocar tudo na minha conta. Só não perca o controle, Rachel. E pode ficar com o dinheiro para você. Feliz aniversário, com seis meses de antecedência.

Ela se inclinou para lhe dar um beijo no rosto.

– Obrigada. O que é essa Holt Renfrew?

– É a Saks Fifth Avenue canadense. Tem de tudo lá. Mas não se esqueça da mochila. É

minha única exigência. O resto não passa de... detalhes sem importância. – A voz dele soou rabugenta de uma hora para outra.

– Está bem. Mas por que está tão irritado por causa de uma mochila L. L. Bean? Todo mundo usava isso na faculdade. Até eu tinha uma. Antes de crescer e descobrir a Longchamp.

– Sei lá. – Gabriel tirou os óculos e começou a esfregar os olhos.

– Humm. Devo acrescentar lingerie à minha lista de compras? Você gosta dela... gosta dela? – perguntou Rachel com um sorriso implicante.

Ele rosnou.

– Quantos anos você tem mesmo, Rachel? Não esqueça que ela é minha aluna. Isso não é um romance, mas uma penitência.

– Penitência?

– Sim, penitência. Por um pecado. Pelo meu pecado.

Rachel deu uma risada sarcástica.

– Você é mesmo medieval. Que pecado cometeu contra Julia? Além de ter sido um babaca?! Você nem a conhece...

Ele pôs os óculos de volta, remexendo-se desconfortavelmente no banco. Ficava excitado só de pensar em pecado e na Srta. Mitchell. Os dois juntos. No mesmo quarto. Ele e ela. E nada mais... exceto talvez um par de sapatos de salto de grife... que ele finalmente poderia tocar...

– Gabriel? Estou esperando.

– Não preciso confessar meus pecados para você, Rachel. Só preciso expiá-los. – Ele arrancou a revista das mãos da irmã.

Ela trincou os dentes.

– Você sabe francês? Entende de moda feminina?

Gabriel baixou os olhos e viu que a revista estava aberta na foto retocada de uma modelo com os braços e pernas abertos usando um biquíni branco *très petit*. Seus olhos se arregalaram.

Rachel cruzou os braços, irritada, e o fuzilou com o olhar.

– Não venha esbravejando para cima de mim. Não sou uma de suas alunas e não vou tolerar suas grosserias.

Ele suspirou e começou a esfregar os olhos outra vez, ajeitando minimamente os óculos.

– Me desculpe – murmurou, devolvendo-lhe a revista, mas não antes de dar mais uma bela olhada na modelo, apenas por motivos de pesquisa, *bien sûr*.

– Por que você está tão tenso? Anda tendo problemas com mulheres? Aliás, você tem namorada? Qual foi a última vez que teve uma? E, a propósito, que fotos são aquelas no seu...

Ele se apressou a interrompê-la.

– Não vou ter essa conversa com você. Não fico perguntando com quem você trepa.

Rachel conteve uma resposta zangada e respirou fundo.

– Vou perdoar você por esse comentário, embora tenha sido insensível e grosseiro. Quando estiver de joelhos, expiando seus pecados, inclua também o pecado da inveja, está bem? Você sabe que eu só tive Aaron. E acho que sabe também que o que fazemos juntos vai muito além *do que você disse*. Qual é o seu problema?

Gabriel balbuciou um pedido de desculpas, mas se recusou a olhar para ela. De todo modo, seu comentário tinha alcançado o objetivo, que era desviar a atenção de Rachel de suas perguntas. Então ele não sentiu remorso. Não mesmo.

Rachel brincou com o cartão de visita do irmão por alguns instantes, tentando se acalmar.

– Se você não gosta de Julia, deve sentir pena dela. Por quê? Só porque ela é pobre?

– Não sei. – Ele suspirou e balançou a cabeça.

– Julia traz à tona o lado protetor das pessoas. Sempre foi um pouco triste e perdida. Mas não se deixe enganar, ela tem fibra. Sobreviveu a uma mãe alcoólatra e a um namorado que...

Os olhos azuis de Gabriel se lançaram em direção aos dela, interessados.

– Quem? – perguntou ele.

– Você disse que não queria saber da vida pessoal dela. O que é uma pena, na verdade. Se não tivessem uma relação profissional, talvez você fosse gostar de Julia. Poderiam ser amigos.

Ela sorriu para o irmão, provocativa, mas Gabriel manteve os olhos no balcão da cozinha e começou a esfregar o queixo, distraído.

Rachel tamborilou no balcão.

– Quer que eu diga a ela que a pasta e as outras coisas são presentes seus?

– É claro que não! Eu poderia ser despedido por isso. Alguém poderia tirar conclusões precipitadas e eu seria arrastado para uma audiência com o Comitê Disciplinar.

– Achei que você não pudesse ser demitido sem justa causa.

– Não interessa – balbuciou ele.

– Então quer gastar todo esse dinheiro com Julia e não se importa que ela não saiba que os presentes são seus? Isso é um tanto *Cyrano de Bergerac*, não acha? Parece que seu francês é melhor do que eu imaginava.

Ele se levantou, ignorando-a, foi até a grande máquina de *espresso* num dos balcões e deu início ao processo um tanto trabalhoso de preparar o café perfeito, de costas para a irmã irritante.

Ela suspirou.

– Está bem. Você quer fazer algo de bom por Julia. Pode chamar de penitência se

quiser, mas talvez esteja apenas sendo gentil. Duplamente gentil, porque quer fazer isso em segredo para não constrangê-la nem dar a impressão de que ela lhe deve alguma coisa. Estou impressionada. Um pouco.

– *Quero que as pétalas dela se abram* – murmurou Gabriel.

Rachel ignorou a confissão, achando que ele estivesse apenas resmungando, pois não conseguia acreditar que o irmão houvesse dito o que ela de fato ouvira. Era bizarro demais.

– Não acha que deveria tratar Julia como adulta e dizer a ela que os presentes sãos seus? Deixar que ela decida se deve ou não aceitá-los?

– Ela não os aceitaria se soubesse que são meus. Sua amiga me odeia.

Rachel deu uma gargalhada.

– Julia não é o tipo de garota que odeia as pessoas. É boa demais para isso. Mas, se o odiasse, provavelmente seria porque você mereceu. No entanto, você tem razão, ela não aceita caridade. Nunca me deixou comprar nada para ela, a não ser em ocasiões muito especiais.

– Então diga a ela que a está compensando por todos os presentes de Natal que não pôde dar. Ou que é um presente de Grace.

Eles trocaram um olhar expressivo.

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas.

– Mamãe era a única pessoa de quem Julia aceitaria caridade, porque a considerava sua mãe também.

Num piscar de olhos, Gabriel estava do seu lado, abraçando-a e tentando consolá-la da melhor forma possível.

No fundo, ele sabia exatamente o que estava fazendo ao convencer a irmã a comprar coisas bonitas e femininas para a Srta. Mitchell. Estava construindo sua estrada para o inferno, tentando comprar sua absolvição, o perdão pelos seus pecados. Nunca havia reagido dessa maneira a uma mulher. Mas não, Gabriel não se permitiria embarcar nessa ideia. Não fazia o menor sentido.

Ele sabia que vivia no inferno. Aceitava isso. Quase nunca reclamava. Mas, verdade seja dita, queria desesperadamente fugir. Porém, para seu infortúnio, não tinha um Virgílio ou uma Beatriz para ajudá-lo. Suas preces não eram atendidas e suas tentativas de redenção eram sempre frustradas por algum motivo. Em geral, uma mulher de salto alto e longos cabelos louros, que arrastaria as unhas longas pelas suas costas, gritando seu nome sem parar...

Considerando as atuais circunstâncias, o melhor que ele poderia fazer em termos de redenção era pegar o dinheiro sujo do pai e esbanjá-lo com um anjo de olhos castanhos. Um anjo que não tinha dinheiro para alugar um apartamento com cozinha e que desabrocharia por alguns instantes quando sua melhor amiga lhe desse um vestido bonito

e um novo par de sapatos.

Gabriel queria fazer mais do que lhe comprar uma pasta, embora nunca fosse admitir seu verdadeiro desejo. Ele queria fazer Julianne sorrir.

Enquanto os irmãos discutiam penitência, perdão e mochilas ridículas, Paul esperava Julia em frente à Biblioteca Robarts, a maior do campus da Universidade de Toronto. Embora por ora Julia apenas desconfiasse disso, a verdade era que, no pouco tempo em que a conhecia, Paul havia passado a gostar muito dela.

Ele estava acostumado a ter muitos amigos – mulheres, em sua maioria. E já havia namorado bastante, tanto garotas equilibradas quanto problemáticas. Seu relacionamento mais recente havia terminado. Allison queria continuar em Vermont e ser professora primária. Ele queria ir para Toronto, estudar e se tornar professor universitário. Depois de dois anos de relacionamento a distância, o namoro acabara. Mas sem drama algum – nada de pneus de carro furados ou fotografias queimadas. Eram até amigos e Paul se orgulhava disso.

Mas, agora que havia conhecido a Coelhinha, Paul começava a perceber como um relacionamento com alguém com quem compartilhava interesses e objetivos profissionais poderia ser muito excitante e gratificante.

Paul era antiquado. Acreditava em cortejar as mulheres, em ir com calma. Assim, estava satisfeito em apenas construir uma amizade com a bela e tímida Coelhinha até conhecê-la bem o bastante para revelar seus sentimentos. E até estar seguro de que eles eram correspondidos. Estava determinado a passar tempo com ela, tratá-la bem e lhe dar muita atenção e, se outro homem aparecesse nesse meio-tempo para tentar roubar o seu lugar, ele teria intimidade suficiente para mandá-lo *dar o fora*.

Julia lamentava não poder ir às compras com Rachel, mas já havia prometido a Paul que passaria o dia com ele na biblioteca. Ela precisava começar a escrever sua proposta de dissertação agora que o professor Emerson tinha concordado em orientá-la. Sentia-se mais do que motivada a se sair bem no curso e a encantá-lo com sua proposta, embora soubesse que, a julgar pelo comportamento dele, provavelmente não conseguiria nem uma coisa nem outra.

– Oi. – Paul a cumprimentou calorosamente, apressando-se a tirar a mochila pesada dos ombros de Julia e pendurá-la no seu. Mal sentiu o peso.

Julia sorriu para ele, contente por ser ver livre do peso por alguns instantes.

– Obrigada por aceitar ser meu guia. Da última vez em que estive aqui, acabei me perdendo. Fui parar numa seção obscura no quarto andar, totalmente dedicada a cartografia – disse ela, estremecendo.

Paul riu.

– A biblioteca é enorme. Vou lhe mostrar a coleção de Dante no nono andar e depois levá-la até a minha sala.

Paul segurou a porta para Julia passar e ela se sentiu uma princesa. Ele era muito educado e não usava isso como uma arma. Julia pensou em como alguns indivíduos, cujos nomes não vinham ao caso, usavam suas boas maneiras para intimidar e controlar o próximo, ao passo que outros, como Paul, as usavam para honrar as demais pessoas e fazer com que elas se sentissem especiais. Muito especiais.

– Você tem uma sala? – perguntou ela enquanto eles mostravam suas identificações para o segurança que ficava diante dos elevadores.

– Mais ou menos. – Ele segurou a porta do elevador para que Julia entrasse primeiro. – Ela fica bem ao lado da seção de Dante.

– Eu também posso ter uma?

Paul fez uma careta.

– Elas valem ouro. São quase impossíveis de conseguir. Especialmente quando você ainda está no mestrado. – Notando a pergunta nos olhos de Julia, ele se apressou a acrescentar: – Acho alunos de mestrado tão importantes quanto os de doutorado, mas não há salas para todos. A que eu tenho nem é minha, é do Emerson.

Se Paul não tivesse deixado Julia apertar o botão para o nono andar, a teria visto empalidecer de leve e a escutaria respirar fundo. Mas não notou nada disso.

Assim que chegaram ao nono andar, ele a conduziu com toda a paciência pela coleção de Dante, mostrando-lhe as fontes primárias e secundárias. E então a observou, encantado, passar a mão pelas lombadas dos livros com amor, como se cumprimentasse velhos amigos.

– Julia, posso fazer uma pergunta pessoal?

De repente, ela ficou quase imóvel, folheando um livro em formato in-quarto com a capa de couro desgastada. Cheirou o livro demoradamente para se acalmar e assentiu.

– Emerson me pediu que pegasse sua ficha com a Sra. Jenkins e...

Ela virou a cabeça para encará-lo, os olhos arregalados, sem piscar. *Ah, não*, pensou.

Ele levantou as mãos para tranquilizá-la.

– Não li a ficha. Não se preocupe. – Ele riu baixinho. – De toda forma, não tem nada muito pessoal naquelas fichas. Pelo que entendi, Emerson queria tirar algo que havia acrescentado nela. Mas foi o que ele fez depois que me surpreendeu.

Julia ergueu as sobrancelhas, esperando que Paul prosseguisse.

– Ele telefonou para Greg Matthews, o chefe do Departamento de Literatura e Línguas Românicas de Harvard.

Ela pestanejou devagar, pensando no que estava ouvindo.

– Como você sabe disso?

– Eu estava tirando umas cópias e acabei ouvindo a conversa de Emerson ao telefone. Ele perguntou a Matthews sobre você.

– Por que ele faria isso?

– Era justamente o que eu queria lhe perguntar. Ele exigiu saber por que não tinham bolsas generosas para alunos de mestrado. Ele estudou lá. Matthews já era chefe do departamento quando Emerson concluiu o doutorado.

Não acredito. Ele estava conferindo minhas informações? É claro. Típico dele não acreditar que eu fui aceita em Harvard. Julia fechou os olhos e se apoiou na estante para não perder o equilíbrio.

– Eu não estava ouvindo o que Matthews dizia. Só Emerson.

Ela manteve os olhos fechados e esperou o próximo golpe. Só esperava que Paul o desferisse logo e que não fosse tão pesado.

– Não sabia que você tinha entrado em Harvard, Julia. Isso é incrível. Emerson perguntou se você realmente tinha sido aceita e em que colocação.

– É claro – murmurou ela. – Sou de uma cidadezinha da Pensilvânia. Cursei uma universidade jesuíta com cerca de sete mil alunos. Como poderia entrar em Harvard?

Paul fechou a cara. *Pobre Coelhinha. Aquele desgraçado fez mesmo um estrago e tanto nela. Eu deveria acabar com a raça dele.*

– O que há de errado com as escolas católicas? Fiz minha graduação na St. Mike's, em Vermont, e recebi uma ótima educação. Eles tinham um especialista em Dante no Departamento de Inglês e um especialista em cultura florentina no Departamento de História.

Julia assentiu como se o tivesse ouvido. Mas não tinha.

– Espere, você ainda não ouviu a história toda. O fato é que Matthews tentou convencê-lo a mandar você de volta para lá para o doutorado. Disse que ficou muito bem colocada. O que é excelente, vindo dele. Eu me candidatei e fui rejeitado de cara. – Ele sorriu sem muito entusiasmo, por não saber como ela reagiria a essa informação. – Então, se não for uma pergunta pessoal demais, por que você não foi para Harvard?

– Eu não queria vir para cá – sussurrou ela, com a voz cheia de culpa. – Sabia que ele estava aqui. Mas não tive escolha. Devo milhares de dólares em empréstimo estudantil para a Saint Joseph... não tinha condições financeiras de ir para Harvard. Minha esperança era terminar o mestrado rápido e ir para lá no ano que vem. Se conseguir uma bolsa maior, não vou precisar pegar empréstimo para fazer o doutorado.

Paul assentiu como se quisesse tranquilizá-la. Quando ela se virou para examinar os livros com mais atenção, ele a observou. Julia parecia não se dar conta da informação que acabara de revelar. Suas palavras lhe disseram muito mais do que o motivo pelo qual ela não havia ido para Harvard.

Enquanto ela abria e fechava volumes empoeirados, seus olhos se arregalando e um sorriso brincando em seus lindos lábios, ele percebeu que o apelido *Coelhinha* era ainda mais adequado do que ele havia pensado antes. Sim, ela de fato se parecia com um coelho que poderia ser encontrado numa campina ou em algum lugar parecido. Mas

também se parecia muito com o coelho de pelúcia do famoso livro de Margery Williams *The Velveteen Rabbit*.

Paul jamais diria isso em voz alta e, se alguém lhe perguntasse se ele conhecia o livro, seria capaz de mentir olhando nos olhos da pessoa. Mas Allison adorava aquela história e, no começo do namoro, tinha exigido que ele o lesse para entendê-la melhor. E Paul, com seus mais de 90 quilos, nascido e criado nas fazendas de Vermont, tinha lido o maldito livro às escondidas porque a amava.

Por mais que não admitisse, também adorava aquela história.

Ao olhar para a Coelhinha, teve a sensação de que, da mesma forma como o coelho de pelúcia do livro, ela também ansiava desesperadamente se tornar Real. Ser amada. E a espera havia cobrado um preço alto. Não em sua aparência física, que era bem atraente (embora, na opinião de Paul, ela fosse muito magra e pálida, mas nada que uma boa dose de leite e laticínios de Vermont não pudesse resolver), mas em sua alma, que ele também achava bonita, porém triste.

Antes de conhecê-la, Paul nem sabia se acreditava em almas. Mas agora era impossível não acreditar. No fundo, esperava que um dia ela se tornasse o que queria, que alguém a amasse e ela deixasse de ser uma coelhinha assustada para se tornar outra coisa. Algo mais corajoso. Algo feliz.

Sem querer se deixar levar por devaneios literários, Paul decidiu rapidamente que precisava distrair a Coelhinha das suas tristezas. Então tornou a sorrir para ela. Em seguida, a conduziu até uma porta com uma placa de metal que dizia, em letras cursivas muito elegantes: *Professor Doutor Gabriel O. Emerson. Departamento de Estudos Italianos.*

Julia notou, intrigada, que nenhuma das outras portas tinha placas de metal como aquela. Também notou que Paul havia colado uma ficha de arquivo com seu próprio nome debaixo dela. Imaginou o professor Emerson aparecendo e rasgando a ficha por puro despeito. Então notou o nome completo de Paul: Paul V. Norris, Mestre.

– O V é de quê? – perguntou, apontando a placa improvisada.

Paul pareceu constrangido.

– Não gosto do meu nome do meio.

– Também não gosto do meu. E vou entender se não quiser me dizer qual é. – Ela sorriu, voltando seu olhar, ansiosa, para a porta fechada.

– Você vai rir.

– Duvido. Meu sobrenome é *Mitchell*. Não é nenhum motivo de orgulho.

– Eu acho bonito.

Julia ficou vermelha, mas só um pouco.

Paul suspirou.

– Promete que não vai contar a ninguém?

– É claro. E vou lhe dizer o meu nome do meio: é Helen.

– Também é lindo. E é uma grande honra ser batizada em homenagem a Helena de Troia. – Ele respirou fundo e fechou os olhos. Então esperou. Quando já não conseguia mais prender a respiração e seus pulmões clamavam por oxigênio, ele exalou rapidamente, dizendo: – *Virgil*.

Ela o encarou, incrédula.

– Virgil? *Virgilio, il poeta romano?*

– É. – Ele abriu os olhos e a estudou por um instante, preocupado que Julia risse da sua cara.

– Você está se especializando em Dante e seu nome do meio é *Virgil*? Sério?

– É um nome de família. Meu bisavô se chamava Virgil... Ele nunca leu Dante, acredite. Era leiteiro em Essex, Vermont.

Julia sorriu, admirada.

– Acho um nome lindo. E também é uma grande honra ser batizado em homenagem a um nobre poeta.

Os olhos de Paul se encheram de ternura e ele a fitou com admiração.

Julia desviou o olhar, encabulada.

Paul pigarreou para diminuir a repentina tensão entre os dois.

– Emerson nunca usa esta sala, só quando vem deixar coisas para mim. Mas é dele. É ele quem paga por ela.

– Elas não são gratuitas?

Paul balançou a cabeça e destrancou a porta.

– Não. Mas valem muito o investimento, porque têm ar condicionado e aquecimento, internet wireless e você pode guardar aqui livros sem precisar dar baixa na recepção. Então, se precisar de alguma coisa, pode trazer para cá, mesmo que seja algum material de referência que não possa sair da biblioteca.

Julia olhou para o espaço pequeno porém aconchegante como se fosse a Terra Prometida, seu olhos se arregalando ao passar pela grande mesa de trabalho embutida, pelas cadeiras confortáveis e estantes que iam do chão ao teto. Uma pequena janela oferecia uma vista muito bonita do centro da cidade e da Torre CN ao longe. Ela se perguntou quanto custaria morar numa sala daquelas em vez de na sua toca de Hobbit que não servia nem para um cachorro.

– Na verdade – disse Paul, tirando alguns papéis de uma das prateleiras –, pode ficar com esta prateleira. E vou lhe dar minha chave reserva.

Ele enfiou a mão no bolso, pegou uma chave e anotou um número num pedaço de papel.

– Este é o número da porta, caso você tenha dificuldade de encontrá-la. E aqui está a chave.

Julia ficou imóvel, boquiaberta.

– Não posso aceitar. Ele me odeia, não vai gostar nada disso.

– Ele que se foda.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

– Desculpe. Não costumo falar palavrão... não muito. Na verdade, não na frente de garotas. Quero dizer, *mulheres*.

Ela assentiu, mas não era *exatamente* por isso que estava surpresa.

– Emerson nunca aparece aqui. Você pode guardar seus livros, ele vai achar que são meus. Se não quiser que ele a veja, não precisa estudar aqui dentro. Só dê uma passada quando eu estiver. Fico muito tempo aqui. Então, se ele vir você, vai achar que estamos trabalhando juntos. Ou algo assim.

Ele sorriu, acanhado. Queria mesmo que ela *tivesse a chave*, saber que ela poderia passar por ali a qualquer momento. Ver as coisas dela na prateleira... estudar e trabalhar ao seu lado.

Mas Julia não queria esse tipo de compromisso.

– Por favor.

Ele pegou sua mão pálida e a abriu com gentileza. Sentiu que ela hesitava, então correu o polegar pelas costas de sua mão, para tranquilizá-la. Apertou a chave e o papel contra a palma de Julia e fechou seus dedos, tomando muito cuidado para não forçar demais e acabar por machucá-la. Sabia que Emerson já a havia machucado o suficiente.

– "O Real não é o que você é; é algo que acontece. E, neste momento, você precisa que algo de bom lhe aconteça."

Julia teve um sobressalto ao ouvir aquelas palavras, pois ele não sabia quanto eram verdadeiras.

Ele está citando o...? Impossível!

Julia ergueu os olhos e os cravou nos dele, carinhosos e amigáveis. Não via nada de calculista ou cruel naquele olhar. Talvez Paul gostasse dela de verdade. Ou talvez apenas sentisse pena. Quaisquer que fossem suas motivações misteriosas, ela escolheu acreditar que o universo não era completamente sombrio e decepcionante e que ainda havia vestígios de bondade e virtude nele. Por isso aceitou a chave, baixando a cabeça.

– Não chore, Coelhinha.

Paul estendeu a mão para afastar uma lágrima que ainda não havia caído. Mas mudou de ideia e baixou a mão ao lado do próprio corpo.

Julia se virou para o outro lado, envergonhada pelo repentino e intenso turbilhão de emoções que sentia por ter recebido aquela chave e por ouvi-lo citar sua adorada literatura infantil. Enquanto Julia buscava freneticamente qualquer coisa com que se distrair, seu olhar pousou sobre um CD solitário em uma das prateleiras. Ela o pegou. O *Réquiem* de Mozart.

– Você gosta de Mozart? – perguntou, girando a caixa de acrílico nas mãos.

Paul desviou o olhar.

Julia ficou surpresa. Fez menção de guardar o CD de volta, com medo de ter deixado Paul constrangido ao mexer em seus objetos pessoais, mas ele a deteve.

– Tudo bem, pode olhar. Mas não é meu. É do Emerson.

Mais uma vez Julia se sentiu gelar da cabeça aos pés e um pouco enjoada.

Dessa vez Paul notou sua reação e começou a falar muito rápido:

– Não conte a ninguém, mas eu o roubei.

Ela arqueou as sobrancelhas.

– Eu sei, é horrível. Mas ele ficava ouvindo a *mesma faixa* desse maldito CD *sem parar* enquanto eu catalogava parte da sua biblioteca pessoal. *Lacrimosa, lacrimosa, lacrimosa*. Eu não aguentava mais! É deprimente. Então roubei o CD do seu escritório e o escondi aqui. Problema resolvido.

Julia fechou os olhos e riu.

Ele sorriu de alívio diante de sua reação.

– Você não escondeu muito bem. Eu o encontrei em... o quê? Uns 30 segundos? – disse ela com uma risadinha, entregando-lhe o CD.

Delicadamente ele passou os cabelos longos de Julia para trás de seus ombros, para poder ver o rosto dela.

– Por que não o esconde na sua casa? – sugeriu ele.

Por instinto, ela se retesou e recuou um passo.

Paul a observou baixar a cabeça e morder o lábio inferior. Perguntou-se o que teria feito... será que não deveria ter tocado nela? Será que estava preocupada que Emerson descobrisse que ela estava com o CD?

– Julia? – falou ele baixinho, sem tentar se aproximar. – Desculpe. Fiz algo de errado?

– Não. Nada. – Ela olhou para ele nervosa e pôs o CD de volta na prateleira. – Eu adoro o *Réquiem* de Mozart e *Lacrimosa* é minha parte favorita. Não sabia que ele também gostava. Estou só... hum... surpresa.

– Leve emprestado – ofereceu Paul, colocando o CD nas mãos dela. – Se Emerson perguntar, direi que está comigo. Você pode passar as músicas para o seu iPod e me devolver na segunda.

Julia olhou para o CD.

– Não sei...

– Está comigo há uma semana e Emerson não procurou por ele. Talvez tenha mudado de humor. Ele começou a ouvi-lo depois que voltou da Filadélfia, não sei por quê...

Julia enfiou o CD impulsivamente em sua mochila velha.

– Obrigada.

Ele sorriu.

– Por você eu faço tudo, Julia.

Ele queria segurar a mão dela. Ou pelo menos afagá-la por um instante. Mas percebia que ela estava nervosa, então lhe deu bastante espaço e a conduziu pelo corredor, prosseguindo o tour pela biblioteca.

– Hum, o Festival de Cinema de Toronto começa neste fim de semana. Tenho ingressos para alguns dos filmes de sábado. Gostaria de ir comigo? – Ele tentou soar causal enquanto a levava até os elevadores.

– Que filmes?

– Um é francês e o outro é alemão. Prefiro filmes europeus. – Ele sorriu sem muita convicção. – Posso trocar os ingressos por algo mais local...

Julia balançou a cabeça.

– Também gosto do cinema europeu. Desde que tenha legenda. Meu francês é quase inexistente e, em alemão, só sei palavrões.

Paul apertou o botão para chamar o elevador e se virou, lançando-lhe um olhar demorado e analítico. Então abriu um sorriso travesso.

– Você sabe palavrões em alemão? Como aprendeu isso?

– Quando estudei na Saint Joseph, morei na International House. Uma das alunas de intercâmbio era de Frankfurt e ela vivia falando palavrão... mesmo. No final do semestre, estávamos todos xingando em alemão. Era uma coisa bem "alojamento estudantil". – Sua pele ficou um pouco rosada e ela arrastou os tênis no chão.

Como Paul estava cursando o doutorado, Julia deduziu que ele provavelmente já havia feito cursos de língua francesa e alemã. Sem dúvida caçoaria do seu amadorismo em línguas estrangeiras, como Christa tinha feito depois de uma aula. Ela esperou um comentário irônico ou um gesto de desdém.

Mas ele apenas sorriu e segurou a porta do elevador para ela.

– Meu alemão é terrível. Talvez você possa me ensinar a xingar, já seria um avanço.

Julia se virou para ele e retribuiu o sorriso.

– Talvez. E adoraria ir ao cinema com você no sábado. Obrigada pelo convite.

– É um prazer.

Paul estava satisfeito consigo mesmo. A adorável Julia iria ao Festival de Cinema com ele e, depois, poderiam jantar juntos. Ainda tinha que levá-la ao seu restaurante indiano favorito. Ou talvez devesse fazer isso naquela noite mesmo e levá-la ao bairro chinês depois da sessão dupla de cinema. Depois, poderiam ir ao Greg's para tomar um sorvete caseiro... E, no fim de semana seguinte, a convidaria para ir com ele ver o novo projeto do arquiteto Frank Gehry para a Galeria de Arte de Ontário.

Enquanto continuavam o tour, Paul decidiu que seria paciente. Muito paciente. E cauteloso sempre que estendesse a mão para lhe oferecer uma cenoura ou para acariciar seus pelos macios. Senão, sabia que acabaria afugentando a Coelhinha e não teria a

oportunidade de ajudá-la a se tornar Real.

◆◆◆

Na manhã seguinte, Julia se sentou em sua cama estreita com seu velho laptop, trabalhando na proposta de dissertação e ouvindo Mozart. O gosto musical do professor Emerson a surpreendia. Como podia passar de Nine Inch Nails *àquilo*? Será que só ouvia Mozart por causa de Grace? Ou haveria algum outro motivo para ele estar se torturando ao repetir, sem parar, a mesma faixa depressiva?

Julia fechou os olhos e se concentrou nos versos de *Lacrimosa*, cantados alto e de forma assombrosa pelo coro de várias vozes em latim...

O dia das lágrimas
em que o culpado renascerá das cinzas para o julgamento.
Tenha piedade, Ó Senhor, deste homem.
Misericordioso Senhor Jesus, conceda-lhe descanso.
Amém.

O que há de errado com Gabriel para ficar ouvindo isso sem parar? E o que o fato de eu me sentir próxima dele ao ouvir esta música diz a meu respeito? Eu apenas substituí a foto dele por este CD – só não estou dormindo com ele debaixo do travesseiro.

Tenho sérios problemas.

Julia balançou a cabeça e tentou se concentrar em sua proposta de dissertação, distraindo-se do som daquele lamento clássico com pensamentos sobre Paul e os acontecimentos do dia anterior.

Ele tinha sido muito prestativo. Além de lhe dar a chave da sala do professor, oferecera conselhos sobre como estruturar sua proposta de dissertação e a fizera rir mais de uma vez – mais do que Julia tinha rido em muito tempo. Paul era um cavalheiro: abria portas para ela e carregava sua mochila feia e pesada. Julia não conseguia deixar de gostar dele. Era bom estar com alguém bonito e gentil – uma combinação rara e muitas vezes desprezada. Também sentia-se grata pelas orientações dele. Afinal, quem melhor que Virgílio, que havia guiado Dante pelo Inferno, para orientá-la em sua proposta de dissertação?

Ela queria que sua proposta impressionasse o professor Emerson, que o fizesse perceber que ela era uma aluna capaz e inteligente. Mas sabia que era provável que ele fosse discordar dela sobre essas duas coisas, independentemente do que o professor Greg Matthews, de Harvard, tivesse dito a seu respeito. E Julia estaria mentindo se dissesse que não estava tentando fazer com que, de forma subliminar, ele se lembrasse dela.

Ela se perguntou o que era pior: que Gabriel tivesse se esquecido dela? Ou que tivesse

se tornado o professor Emerson? Julia sentia aversão por esse segundo acontecimento, então, na medida do possível, se recusava a pensar nele. Se pudesse escolher, preferiria que Gabriel tivesse se esquecido dela, mas ainda fosse o homem doce e gentil que a beijou no velho pomar, a vê-lo se tornar o professor Emerson, cheio de vícios, mesmo que ainda se lembrasse dela.

A proposta de dissertação de Julia era bem direta. Ela pretendia comparar o amor cortês manifestado no relacionamento entre Dante e Beatriz com a paixão ardente apresentada na relação adúltera entre Paolo e Francesca, dois personagens do círculo dedicado aos luxuriosos no *Inferno* de Dante. Julia planejava analisar as virtudes e desvantagens da castidade, assunto pelo qual nutria considerável interesse, e compará-las ao erotismo subliminar na *Divina Comédia*.

Enquanto trabalhava em sua proposta, se pegou olhando várias vezes para o quadro de Holiday, pendurado sobre a cama, e para um cartão-postal com a imagem da escultura *O beijo*. Rodin havia esculpido Paolo e Francesca de forma que seus lábios não se tocavam; ainda assim, a obra era sensual e erótica. Ao visitar o Museu Rodin, em Paris, Julia havia desistido de comprar uma réplica da escultura por achá-la provocante demais. E de cortar o coração.

Em vez disso, contentou-se com um cartão-postal, que colou na parede.

Embora seu francês se limitasse a palavras como *boulangerie* e *fromagerie*, ela sabia que o título original da escultura de Rodin, *Le Baiser*, era parte de sua subversão. *Baiser,* em francês, poderia tanto significar a inocência de um beijo quanto descrever o aspecto animalesco de uma relação sexual. Você poderia dizer *le baiser* para se referir a um beijo, mas, se dissesse *Baise-moi*, era como se estivesse implorando por sexo. Tanto a inocência quanto a súplica estavam presentes no abraço daqueles dois amantes, cujos lábios nunca se tocavam: estavam juntos, porém separados por toda a eternidade. Julia queria libertá-los da imobilidade daquele abraço e esperava que sua dissertação lhe permitisse fazer isso.

De tempos em tempos, ao longo dos anos, Julia havia se permitido pensar no velho pomar atrás da casa dos Clark, relembrar seu primeiro beijo com Gabriel e parte do que tinha acontecido depois, mas na maioria das vezes só fazia isso em seus sonhos. Raramente – quase nunca na verdade – pensava na manhã seguinte, com suas lágrimas e histeria. Era uma lembrança dolorosa demais. Uma traição que ela revisitava apenas em seus pesadelos... e, para sua infelicidade, com muita frequência. Esse era o motivo para Julia nunca o ter procurado.

O celular tocou, interrompendo seu trabalho.

– Oi, Julia. Você tem planos para hoje à noite?

Era Rachel. Julia conseguia ouvir Gabriel resmungando ao fundo.

Na mesma hora, desligou o som do computador, para que ele não ouvisse Mozart pelo

telefone. Esperou, prendendo a respiração, para saber se ele tinha ouvido.

– Julia? Ainda está na linha?

– Sim, estou aqui.

Pelos resmungos de Gabriel, Julia não conseguia dizer se ele estava irritado ou reclamando à toa. Nenhum dos dois comportamentos a surpreenderia.

– O que foi? Você está bem?

– Sim, estou ótima. Não tenho planos. Nada para esta noite.

Julia mordeu o lábio, invadida por uma onda de alívio. Ele não tinha ouvido o CD. Pelo menos era o que parecia.

– Ótimo. Quero sair para dançar.

– Ora, por favor. Você sabe que eu detesto boates. Não sei dançar e a música é sempre tão alta!

Rachel riu com gosto.

– Engraçado você dizer isso. Gabriel falou quase a mesma coisa. Menos a parte de não saber dançar. Ele *acha* que sabe, apenas se recusa.

Julia se empertigou na cama.

– Gabriel também iria?

– Tenho que voltar para casa daqui a dois dias. Ele vai me levar a um restaurante bacana para jantar, depois quero sair para dançar. Ele não está dando pulos de alegria, mas também não disse que não. Achei que seria divertido se você nos encontrasse depois do jantar. O que me diz?

Julia fechou os olhos.

– Eu adoraria, Rachel. Mas não tenho nada para vestir. Desculpe.

Rachel deu uma risadinha.

– Use um pretinho básico. Algo simples. Tenho certeza de que tem alguma coisa que sirva.

Nesse exato momento, a campainha tocou.

– Só um instante, Rachel, tem alguém batendo aqui.

Julia foi até o corredor e viu um entregador parado em frente à porta do prédio.

Ela abriu.

– Pois não?

– Entrega para Julia Mitchell. É você?

Ela assentiu e assinou o recibo de um pacote retangular bem grande.

– Obrigada – balbuciou, colocando o pacote debaixo do braço e levando o celular à orelha. – Rachel, ainda está aí?

A amiga parecia estar às gargalhadas.

– Sim. Quem era?

– Uma entrega. Para mim.

– Bem, o que é?

– Não sei. É uma caixa grande.

– Abra.

Julia trancou a porta do apartamento e largou a caixa em cima da cama. Encaixou o celular entre a orelha e o ombro para poder continuar falando enquanto abria o pacote.

– A caixa tem uma etiqueta... Holt Renfrew. Não sei por que alguém me mandaria um presente... Rachel, não acredito!

Julia ouviu risadas do outro lado da linha.

Ela abriu a caixa e encontrou um lindo vestido de festa violeta, de um ombro só. Julia não reconheceu a marca, Badgley Mischka, mas era um dos vestidos mais femininos que já tinha visto.

Ao lado do vestido havia uma caixa de sapatos. Ao abri-la, encontrou um par de Louboutins pretos de couro envernizado. Olhou, incrédula, para as solas vermelhas, os saltos muito altos e os belos laços de veludo na parte da frente. Julia sabia que aqueles sapatos deviam valer no mínimo um mês do seu aluguel.

No canto da caixa da encomenda, quase como se tivesse sido acrescentada à última hora, havia uma pequena bolsa de mão enfeitada com contas.

Por alguns instantes, Julia se sentiu a Cinderela.

– Você gostou de tudo? – perguntou Rachel. – Foi a vendedora que montou o conjunto. Eu só pedi para ver vestidos roxos. – Julia conseguia ouvir a hesitação da amiga do outro lado da linha.

– É lindo, Rachel. É tudo lindo. Mas como você sabia os meus tamanhos?

– Eu não sabia. Pareciam os mesmos da época da faculdade, mas tive que chutar. Você vai ter que experimentar o vestido para ver se serve.

– Mas é coisa demais. Só esses sapatos... Não posso aceitar...

– Julia, por favor. Estou tão feliz por termos nos reencontrado! Além disso e de eu ter conseguido me reaproximar de Gabriel, nada de bom me aconteceu desde que mamãe ficou doente. Por favor, não me prive disso também.

Rachel sabe mesmo deixar uma pessoa se sentindo culpada.

Julia respirou fundo, lentamente.

– Não sei...

– O dinheiro não é meu. É da família. Desde que mamãe morreu... – Rachel deixou a frase pela metade, na esperança de que sua amiga tirasse suas próprias (e equivocadas) conclusões.

E foi exatamente o que ela fez.

– Sua mãe iria querer que você gastasse o dinheiro dela com você mesma.

– Mamãe queria que todos que amava fossem felizes e isso inclui você. Ela não teve muita chance de mimá-la depois... do que aconteceu. Tenho certeza de que ela sabe que

voltamos a nos falar e está sorrindo para nós lá de cima. Faça mamãe feliz por mim, Julia.

Julia sentiu seus olhos arderem à medida que se enchiam de lágrimas. Rachel se sentia culpada por ser tão manipuladora. Gabriel, por sua vez, não sentiu vontade de chorar nem culpa, só desejava que as duas se entendessem de uma vez para que ele pudesse usar a droga de seu próprio telefone.

– Posso pagar parte do valor? Pelos sapatos, pelo menos?... Aos poucos.

Gabriel devia ter ouvido o que ela falou, pois xingava e protestava em voz alta ao fundo. Ele estava murmurando algo sobre um rato e uma igreja. Seja lá o que isso significasse.

– Gabriel! Deixe que eu resolvo isso – falou Rachel.

Julia conseguiu ouvir trechos do princípio de discussão entre eles.

– Se é o que você quer, ótimo. (*Para, Gabriel.*) Mas é a nossa última noite juntos e quero que esteja conosco. Então vá se arrumar. Depois pensamos na questão do dinheiro. Muito depois. Quando eu estiver de volta à Filadélfia. E aposentada.

Julia suspirou e silenciosamente fez uma prece de agradecimento a Grace, que sempre tinha sido tão boa para ela.

– Obrigada, Rachel. Fico lhe devendo essa. De novo.

Rachel deu um gritinho.

– Gabriel! A Julia vai com a gente!

Julia afastou o telefone do ouvido por causa do grito da amiga.

– Esteja pronta às nove que vamos buscar você. Gabriel disse que sabe chegar aí.

– Isso é bem tarde. Tem certeza?

– Ah, por favor! Foi Gabriel quem escolheu a boate e, segundo ele, ela não abre antes das nove. Vamos chegar até cedo demais. Vá se arrumando com calma e nos vemos à noite. Você vai ficar maravilhosa!

Julia desligou e ficou admirando seu lindo vestido novo. Rachel tinha o mesmo espírito generoso da mãe. Era uma pena que Gabriel não tivesse sido contaminado por esse espírito...

Ela se perguntou como conseguiria dançar com aqueles sapatos sensuais e perigosos. Em seguida, pensou na perspectiva excitante e ligeiramente assustadora de dançar com um certo professor.

Mas Rachel disse que ele se recusa a dançar. Típico.

Num arroubo de inspiração, Julia foi até sua penteadeira e abriu com cautela a gaveta de roupas íntimas. Sem olhar para a fotografia escondida no fundo dela, pegou a pequena e sexy tira de pano que só com muito boa vontade poderia ser chamada de *roupa íntima* – e mesmo assim se você considerasse "roupa íntima" qualquer coisa usada por baixo de um vestido.

Julia segurou a tira de pano na palma da mão (sim, ela era minúscula a esse ponto) e meditou diante dela, como se fosse uma imagem de Buda. Então, sem pensar muito no assunto, decidiu usá-la, na esperança de que, como um talismã ou um amuleto, lhe desse a coragem e a confiança de fazer o que precisava fazer. O que queria fazer. Que era lembrar a Dante quanto ele havia perdido ao abandoná-la.

Beatriz já não queria saber de *lacrimosa*.

CAPÍTULO NOVE

O Lobby era um bar e lounge sofisticado na Bloor Street. Gabriel, no melhor estilo dantesco, sempre se referia ao clube como *O Vestíbulo*, pois gostava da ilusão de que que os frequentadores eram como os pagãos virtuosos que passavam a eternidade na versão de Dante para o Limbo. Porém a verdade era que o Lobby e seus clientes tinham muito mais em comum com os vários círculos do Inferno.

Gabriel não queria levar Julianne ali, muito menos Rachel, pois aquele era seu local de caça, aonde sempre ia para saciar seus apetites. Muitas pessoas o conheciam ali, ou tinham ouvido falar a seu respeito, e ele temia o que elas poderiam dizer – as indiscrições que poderiam escapar de lábios vermelho-sangue.

Mas ele se sentia confortável no Lobby, confiante de que poderia controlar o ambiente. Não havia a menor hipótese de Gabriel levar Rachel e Julianne a um ambiente que não pudesse controlar. Só por aquela noite, ele seria Beowulf em vez de Dante, um guerreiro em vez de um poeta. Andaria com sua espada desembainhada nas mãos e mataria Grendel e todos os seus parentes se eles ousassem *olhar* para seu precioso carregamento. Embora conseguisse ver a grande hipocrisia daquilo tudo, passou por cima dela para fazer Rachel feliz.

Quando Rachel e Julia saltaram do táxi e o seguiram obedientemente até a porta do Lobby, depararam com uma fila enorme. Gabriel ignorou as pessoas na fila e se aproximou do segurança, um negro grande e careca com brincos de diamante. Ele apertou a mão de Gabriel, cumprimentando-o com formalidade:

– Sr. Emerson.

– Ethan, gostaria de lhe apresentar minha irmã, Rachel, e sua amiga, Julianne – disse Gabriel, indicando as jovens, ao que Ethan sorriu e meneou a cabeça, dando um passo para o lado para que eles entrassem.

– O que foi isso? – sussurrou Julia para Rachel enquanto eles entravam num espaço preto e branco moderno, decorado com bom gosto.

– Meu irmão está na lista VIP. Não pergunte – respondeu Rachel, franzindo o nariz.

Gabriel as conduziu até os fundos do clube. Tinha reservado uma área exclusiva chamada Salão Branco – um nome inventivo escolhido em função de sua decoração monocromática. As duas amigas se sentaram num banco branco acolchoado, acomodando-se nas almofadas de pele. De onde estavam, conseguiam ver a pista de dança, localizada bem no centro da boate, com acesso para todos os salões privativos. Não havia ninguém dançando.

Rachel lançou um olhar de admiração para sua *protégée*.

– Julia está linda, não está, Gabriel? Deslumbrante.

A pele de Julia adquiriu um tom incomum de vermelho, e ela começou a puxar a bainha do vestido.

– Rachel, por favor – sussurrou.

– O que foi? Ela não está linda? – Rachel fechou a cara para o irmão, que lançava um olhar de alerta para ela.

– Vocês duas não estão nada mal – disse ele, sem dar o braço a torcer. Ele transferiu o peso do corpo para outra perna, como se estivesse com dor.

Julia balançou de leve a cabeça e praguejou baixinho, perguntando-se por que se importava tanto com a opinião de Gabriel e por que era tão difícil para ele ser simpático. Ao seu lado, Rachel deu de ombros. O dinheiro era dele mesmo. E, se Gabriel não se importava em gastar quase dois mil dólares para que Julia ficasse *nada mal*, quem era ela para discutir? Só que sua óbvia falta de entusiasmo indicava que a amiga provocava alguma reação nele. Então Rachel resolveu encarar o desafio.

– Ei, Julia – começou ela, certificando-se de que Gabriel estava ouvindo e observando-o de canto de olho –, como foi seu encontro com Paul?

A pele de Julia continuava tão vermelha quanto antes.

– Foi ótimo. Ele é um verdadeiro cavalheiro. Bem à moda antiga.

Ela resistiu à tentação de se virar para ver se Gabriel estava ouvindo. Não precisava ter se importado. Rachel estava atenta pelas duas.

– E ele levou você para jantar?

– Sim. Ao Nataraj, o restaurante indiano favorito dele. Amanhã vai me levar para uma sessão dupla do Festival de Cinema e depois vamos ao bairro chinês.

– Ele é bonitinho?

Julia ficou encabulada.

– Não sei se um jogador de rúgbi pode ser chamado de *bonitinho*. Mas ele é charmoso e gentil. E me trata como uma princesa.

– *Papa-anjo*.

Rachel e Julia se viraram para Gabriel, incertas se tinham ouvido o que achavam que tinham ouvido. Julia ergueu as sobrancelhas e fechou a cara, desviando o olhar.

Satisfeita por ter provocado em Gabriel uma reação proporcional à sua mais recente infração, Rachel se virou no banco para conferir a maquiagem no espelho atrás delas. Estava tirando o excesso de batom Chanel cor-de-rosa quando parou de repente, olhando para alguém que vinha na direção deles.

– Gabriel, aquela mulher está comendo você com os olhos!

Como se respondesse à exclamação de Rachel, uma garçonete de cabelos tingidos de louro se aproximou.

– Sr. Emerson! Que prazer revê-lo. – A garçonete se inclinou, exibindo o decote

bastante generoso e pousando sua mão de unhas bem-feitas no ombro de Gabriel, o esmalte coral brilhando na penumbra.

Julia fez uma careta involuntária e se perguntou se a garçonete planejava usar aquelas unhas para fazer algo contra Gabriel, ou se apenas as exibia para afugentar outras mulheres.

A loura meneou a cabeça para elas.

– Meu nome é Alicia e vou atender vocês hoje.

– Abra uma conta para mim, por favor. Pode pôr todas as nossas bebidas nela. E acrescente uma para Ethan e outra para você, claro. – Gabriel colocou uma nota dobrada na mão da garçonete, libertando seu ombro.

Ela sorriu de leve e guardou o dinheiro.

– O que as moças vão beber? – perguntou ela, sem desgrudar os olhos de Gabriel, com um sorriso provocante no rosto, a ponta da língua despontando entre seus lábios cor de coral.

– Um Cosmo para mim – disse Rachel.

Julia congelou.

– E você? – perguntou à amiga, cutucando-a.

– Eu... não sei – gaguejou Julia, perguntando-se o que poderia pedir sem passar vexame.

Em um lugar como o Lobby, não poderia simplesmente beber uma cerveja ou *shots* de tequila, que eram seus venenos habituais.

– Dois Cosmos, então – disse Rachel. – É um ótimo drinque, Julia. Você vai adorar.

Então, sem olhar para a garçonete, Gabriel pediu:

– Uma dose dupla de Laphroaig 25 anos, caubói, por favor. E peça ao barman um copinho de aperitivo com água mineral sem gás.

A garçonete foi embora e Rachel começou a rir.

– Só você mesmo para transformar um pedido de bebida em algo tão pretensioso – disse ela.

Julia riu, gostando de ver a irritação de Gabriel ante o comentário da irmã.

– O que é Laphroaig? – perguntou Julia.

– É um uísque escocês *single malt*.

– E a água mineral?

– Só uma ou duas gotas para apurar o sabor. Pode provar quando chegar. – Ele arriscou um pequeno sorriso para Julia, que desviou o olhar para seus lindos sapatos.

Gabriel seguiu seus olhos e se viu hipnotizado. Rachel não fazia ideia de como tinha acertado na compra. Cada centavo tinha valido a pena simplesmente para poder ver as pernas perfeitas da Srta. Mitchell alongadas por aqueles sapatos incríveis. Ele se remexeu desconfortavelmente em seu assento, esperando que a mudança de posição

aliviasse o aperto de sua excitação cada vez maior.

Não funcionou.

– Gabriel, fique aqui esperando pelas bebidas que Julia e eu vamos dançar um pouco.

Antes que Julia pudesse protestar, Rachel já a havia puxado para a pista de dança, fazendo um gesto para o DJ aumentar a música e se pondo a dançar com entusiasmo.

Julia, por sua vez, estava constrangida. Notou que Gabriel tinha mudado de lugar a fim de poder olhar para ela, recostando-se no banco e observando com um olhar fixo e intenso. Perguntou-se se ele teria notado que ela não usava calcinhas tradicionais por baixo do vestido.

Será que os homens percebem esse tipo de coisa? Marcas de calcinha?

Ela não conseguia desviar a atenção, enquanto os olhos de Gabriel deslizavam preguiçosamente por todo o seu corpo, parando por mais tempo que o necessário nas pernas nuas bem torneadas e nas solas vermelhas dos seus sapatos.

– Não consigo dançar com esses saltos – protestou Julia no ouvido de Rachel.

– Besteira. Deixe os pés parados e mexa o corpo. Aliás, você está linda. Meu irmão é um idiota.

Julia deu as costas para o professor e começou a dançar, fechando os olhos e se deixando levar pela música. Era uma sensação maravilhosa. Assim que foi capaz de se esquecer da presença de Gabriel e de seus penetrantes olhos azuis, até conseguiu se divertir. Um pouco.

Será que ele pode ver as marcas da lingerie sob o vestido? Ah, que se dane. Espero *que ele esteja vendo. Espero que seja uma tortura para ele. Aproveite o espetáculo, professor, porque é o máximo que você vai conseguir.*

Quando a música estava terminando, Rachel se aproximou do DJ com um sorriso e perguntou quais eram as próximas músicas que ele tinha programado. A resposta deve ter lhe agradado, pois ela deu um soco no ar de forma bem pouco feminina e quase soltou um gritinho.

– Excelente! – exclamou, atravessando de novo a pista até Julia, pegando as mãos da amiga e a fazendo girar.

Agora que Julia e Rachel estavam dançando (e obviamente se divertindo), pessoas vinham de vários salões privativos para se juntar a elas, inclusive um homem louro muito atraente.

– Oi – arriscou ele, aproximando-se de Julia e se movendo ao ritmo da música.

– Oi – respondeu ela, sentindo-se um pouco em evidência.

Julia pensou naquele velho clichê sobre as mulheres associarem a dança com o sexo. Se isso fosse verdade, aquele homem devia ser muito bom de cama, pois dançava muito bem e de um jeito bastante viril. Na verdade, era de tirar o fôlego.

– Nunca vi você aqui antes – disse ele com um sorriso.

Julia notou que os dentes dele eram muito brancos. E, por um instante, se esqueceu de responder, concentrada no surpreendente tom de azul de seus olhos.

– Eu sou Brad. Qual o seu nome? – Ele se inclinou para a frente, quase roçando a orelha nos lábios dela para ouvir a resposta por cima da música.

Ela ficou um pouco nervosa com essa proximidade.

– Julia.

– É um prazer, Julia. Que nome lindo!

Ela indicou que tinha ouvido e lançou um olhar desesperado para Rachel, na esperança de que a amiga fosse vir salvá-la. Mas Rachel estava ocupada demais dançando de olhos fechados, parecendo que adorava a música que estava tocando.

– Posso lhe pagar uma bebida? Estou com uns amigos numa mesa lá na frente. – Ele gesticulou vagamente, mas Julia não acompanhou seu movimento.

– Obrigada, mas estou com uma amiga.

Ele sorriu, sem se deixar abater, e chegou um pouco mais perto.

– Traga sua amiga, também. Seus olhos são lindos. Eu jamais me perdoaria se deixasse você escapar sem pedir seu telefone.

– Hum... não sei...

– Então pelo menos deixe eu lhe dar o meu.

Julia lançou outro olhar para Rachel, o que foi uma péssima decisão, pois não viu Brad se aproximar mais. Acabou pisando no pé esquerdo dele e Brad fez uma careta de dor. Julia se desequilibrou.

Brad a segurou antes que ela caísse e a manteve junto de seu peito. Ela precisava admitir que, para alguém de terno, Brad tinha o peitoral bastante musculoso e os braços surpreendentemente fortes.

– Calma, minha linda. Desculpe por ter feito você tropeçar. Tudo bem? – Ele manteve a mão esquerda no braço dela e ergueu a direita para afastar os cachos de seus olhos. Sorriu para ela.

– Tudo. Obrigada por não me deixar cair.

– Eu seria um idiota se deixasse você escapar, Julia.

Ela notou que o sorriso de Brad não era nada assustador. Ele parecia até simpático. O terno indicava que ele tinha ido para lá direto do trabalho, que provavelmente ficava no centro da cidade, talvez alguma grande empresa, um lugar que ainda obrigasse os jovens a usarem terno e gravata. E sapatos pretos muito reluzentes.

Ele era confiante, pensou ela, mas não arrogante. E suas palavras, embora escolhidas com cuidado, não pareciam calculadas. Era, talvez, o tipo de pessoa com quem ela poderia namorar por um tempo, mas duvidava que tivessem muito em comum. Certamente não planejava voltar a dançar num futuro próximo. Embora dançar com ele...

Julia era tímida demais para estender a conversa. Ela abriu a boca para dizer que sentia

muito, mas então alguém pegou seu outro braço e, com o próprio corpo, tirou Brad do caminho de modo eficaz. Julia sentiu um arrepio, como um choque elétrico, e ela soube na mesma hora de quem eram aqueles dedos longos e frios em volta do seu braço nu.

– Você está bem? – perguntou Gabriel, falando alto e olhando apenas para Julia. Seu tom calmo e preocupado contrastava totalmente com a raiva inexplicável em seus olhos.

Sem conseguir entender aquela ira, Julia não respondeu. Ela pareceu confusa, o que Brad percebeu de pronto.

– Esse idiota está machucando você? – perguntou ele, se empertigando e fechando a cara para Gabriel. Então deu um passo à frente, parecendo bastante ameaçador.

Julia balançou a cabeça em resposta, ainda um pouco chocada.

– Ela está comigo – rosnou Gabriel, sem nem se dar o trabalho de virar a cabeça para Brad, mas conseguindo que ele recuasse um pouco. – Venha – ordenou a Julia, puxando-a da pista de dança em direção ao lugar onde estavam antes.

Julia lançou um olhar de desculpas para Brad por sobre o ombro e foi embora sem oferecer resistência.

Gabriel lhe entregou seu drinque enquanto tentava recuperar o fôlego. Estava surpreso consigo mesmo e com seu impulso de resgatar Julia antes de sequer refletir sobre as consequências.

Ela bebia o Cosmopolitan, tentando entender o que tinha acontecido, quando Gabriel se virou para ela, segurando com força seu copo de uísque já pela metade.

– Você precisa ter mais cuidado. Um lugar desses pode ser muito perigoso para uma garota como você. E você, minha cara, é um desastre esperando para acontecer.

Ela trincou os dentes.

– Eu estava bem. Ele foi muito gentil!

– Ele pôs as mãos em você.

– E daí? Nós estávamos *dançando*, eu tropecei e ele me segurou para que eu não caísse! Não ouvi *você* me chamando para dançar.

Gabriel se recostou no banco e a encarou com um sorrisinho.

– Isso tiraria toda a graça de *observar*, você não acha?

Ela virou a cabeça para o outro lado, jogando os cabelos e desviando seus olhos dos dele, duas safiras iluminadas pelo uísque. Na pista de dança, Brad tentava fazer contato visual com ela. Com a linguagem corporal, Julia tentava indicar que ela e Gabriel não estavam juntos. Um lampejo de compreensão surgiu nos olhos de Brad e ele assentiu, desaparecendo em seguida.

– Eu prometi que deixaria você provar. – Gabriel deslizou para mais perto de Julia e segurou o copo perto dos seus lábios.

Ela sentiu o cheiro da bebida e se virou de lado.

– Não.

– Eu insisto. – A voz dele ficou mais firme.

Julia bufou e tentou tirar o copo da mão de Gabriel, mas ele o segurou firme.

– Deixe-me alimentar você – sussurrou ele, o tom de voz repentinamente áspero.

Ele parecia a personificação do sexo. Ou, pelo menos, de como Julia imaginava que o sexo seria se tivesse olhos azuis brilhantes e um queixo arrogante e estivesse sentado num banco branco, tentando pressionar um copo contra a sua boca.

Ah, Gabriel. Ah, Gabriel. Ah, Gabriel. Ah... meu Gabriel.

– Posso tomar sozinha – sussurrou ela, insegura.

– É claro que pode. Mas para quê, se estou aqui para fazer isso por você? – rebateu ele, o sorriso revelando seus dentes perfeitos.

Julia não queria derramar seu precioso uísque por acidente, então permitiu que Gabriel pressionasse o copo em seu lábio inferior, o que ele fez de forma lenta e sensual. Ela fechou os olhos e se concentrou por um instante na sensação do vidro frio e liso contra sua boca. Ele inclinou de leve o copo e o líquido de sabor defumado penetrou seus lábios e escorreu para dentro de sua boca aberta e passiva.

Julia ficou surpresa por ele estar sendo tão ousado com ela, tão sensual. Porém ficou mais surpresa ainda quando o uísque incendiou sua boca, queimando-lhe a língua. Ela engoliu depressa.

– Que horror! – falou. – Parece que engoli uma fogueira!

Ele recuou e estudou seu rosto. Ela estava corada e cheia de energia.

– É a turfa. É preciso aprender a gostar. Talvez você decida que *deseja* gostar depois de prová-lo algumas vezes. – Gabriel sorriu com malícia, metade da sua boca se repuxando para cima.

Ela balançou a cabeça, tossindo.

– Duvido. Aliás, já sou bem grandinha, sei cuidar de mim mesma. Então, a menos que eu peça sua ajuda, por favor, me deixe em paz.

– Até parece. – Ele gesticulou vagamente para a pista de dança. – Grendel e seus parentes comeriam você viva na primeira oportunidade. E nem tente discutir comigo.

– Como é que é?! Quem você pensa que é?

– Alguém que sabe reconhecer ingenuidade e inocência. Agora beba seu drinque devagarzinho como uma boa menina e pare de agir como se estivesse à vontade em um lugar como este. – Gabriel lançou-lhe um olhar sombrio e terminou seu uísque de um gole só. – *Calamidade ambulante*.

– O que você quer dizer com "ingenuidade e inocência"? O que exatamente está insinuando, Gabriel?

– Você quer que eu desenhe?

Ele fez uma careta e baixou o tom da voz até um sussurro, inclinando-se na direção dela. Julia revirou os olhos involuntariamente ao sentir o hálito quente dele descer pelo

seu pescoço nu.

– Você cora como uma adolescente, Julianne. E percebo sua inocência. Está mais do que claro que ainda é virgem. Então pare de fingir ser quem não é.

– Ora, seu... seu...! – Julia se afastou dele enquanto tentava pensar em uma palavra ofensiva o suficiente. "Babaca" lhe parecia leve demais, então recorreu à sua forma em italiano, mais forte: – *Stronzo!*

A princípio, Gabriel pareceu furioso, então seu rosto se acalmou e ele riu. O tipo de risada que faz a pessoa jogar a cabeça para trás, fechar os olhos e levar as mãos à barriga.

Julia estava possessa. Ficou ali sentada, fervilhando, bebendo seu Cosmo muito depressa e se perguntando como Gabriel poderia saber a verdade a seu respeito mesmo a conhecendo havia tão pouco tempo. Rachel com certeza não... Ela balançou a cabeça. Rachel jamais faria isso. Era uma informação pessoal de Julia e ela não comentaria com ninguém além de Aaron. E Aaron era cavalheiro demais para contar a qualquer outra pessoa.

Enquanto Gabriel sorria, Julia lamentou por ele ter arruinado sua chance de conhecer um cara que parecia simpático. Provavelmente não teria dado seu telefone a Brad, pois não fazia esse tipo de coisa, mas queria que a decisão tivesse sido dela, não do seu professor. Ele era mesmo um babaca. E estava na hora de isso mudar.

Poucos minutos depois, a garçonete loura apareceu e entregou a Julia uma caixinha dourada.

– Para você.

– Sinto muito, mas deve ser um engano. Não pedi isso.

– Claro que não, querida. É presente de um dos rapazes da mesa dos funcionários do banco. E ele disse que vai ficar arrasado se você recusar. – Ela abriu um sorriso sedutor para Gabriel. – Posso lhe servir mais uma bebida, Sr. Emerson?

– Acho que estamos satisfeitos, obrigado.

Ele manteve os olhos fixos em Julia, observando-a revirar a pequena caixa na mão. Dentro, encontrou uma única trufa, embalada em papel dourado, e um cartão de visita.

Brad Curtis, MBA
Vice-Presidente, Mercados de Capitais
Banco de Montreal
55 Bloor Street West, 5º Andar
Toronto, Ontário
Tel. 416-555-2525

Ela virou o cartão e leu as palavras escritas numa letra muito firme:

Julia,
Lamento termos começado com o pé esquerdo.
O chocolate me faz lembrar seus lindos olhos,
Brad.
Por favor, me ligue: 416-555-1491

Julia virou novamente o cartão e um sorriso se espalhou por seu rosto oval. Ele tinha feito uma brincadeira. Não a rejeitara por ser extremamente desajeitada. E não a havia chamado de *virgem* como se fosse um palavrão. Ele tinha admirado seus olhos e a achara atraente.

Ela desembrulhou a trufa com cuidado e a pôs na boca. *Divina*. Como ele sabia que ela adorava chocolates caros? Só podia ser o destino. Julia fechou os olhos e se deliciou com o sabor intenso e amargo, passando a língua pelos lábios para garantir que não perderia nada. Um gemido involuntário escapou de sua boca.

Por que não conheci alguém como ele quando era caloura na Saint Joseph?

Enquanto isso, Gabriel mordia o nó do dedo indicador como um animal enlouquecido. Mais uma vez, a visão da Srta. Mitchell desfrutando um dos pequenos prazeres da vida era uma das coisas mais eróticas que já tinha visto. O modo como os olhos dela se arregalaram ao ver a trufa, o rubor em suas lindas faces diante da expectativa de prová-la, a maneira como ela gemeu com a boca entreaberta e lambeu os restos de cacau grudados nos lábios cor de rubi... era demais.

Então, é claro, ele teve que estragar tudo.

– Não me diga que você comeu isso.

Julia virou a cabeça rapidamente. Ela havia se esquecido de que Gabriel estava ali, imersa em seu próprio êxtase quase orgástico induzido pelo chocolate.

– Estava uma delícia.

– Ele pode ter drogado você. Não lhe ensinaram a não aceitar doces de estranhos, garotinha?

– Imagino que não haja problema em aceitar *maçãs*, não é, Gabriel?

Ele estreitou os olhos ao ouvir sua resposta sem sentido. Havia algo ali que Gabriel não estava entendendo.

– E não sou nenhuma garotinha – esbravejou ela.

– Então pare de agir como se fosse. Você não vai guardar isso, vai? – Ele gesticulou para a caixa, que agora despontava de sua bolsa de mão.

– Por que não? Ele me pareceu simpático.

– Você teria coragem de fazer isso? Pegar um homem qualquer num bar?

As sobrancelhas de Julia se juntaram e seu lábio inferior começou a tremer.

– Eu não estava *pegando* ninguém! Como se você nunca tivesse *pegado* uma mulher

num bar e levado para casa. Aliás, isso eu *nunca* fiz. Não que seja da sua conta, *professor*.

O rosto de Gabriel ficou muito vermelho. Ele não poderia contradizê-la; não seria hipócrita a esse ponto. Mas, por algum motivo, o que havia acabado de acontecer entre a Srta. Mitchell e Grendel, o sujeito louro, o tirara do sério. Ele se apressou em chamar a garçonete para pedir outro uísque.

Julia, por sua vez, pediu outro Cosmopolitan, torcendo para que a forte mistura frutada a ajudasse a esquecer o homem cruel, porém cativante, que estava sentado tentadoramente perto dela, mas que ela jamais poderia ter.

Quando Rachel voltou, deixando-se cair, exausta, no banco, Julia se levantou e pediu licença. Seguiu pelo corredor dos fundos, procurando o banheiro feminino. A arrogância e o paternalismo de Gabriel a haviam deixado furiosa. Ele não a queria, mas também não aceitaria que ninguém mais a tivesse. Qual era o problema dele?

Ela estava tão concentrada em Gabriel que não notou um homem parado no corredor. Esbarrou nele e foi jogada para trás, caindo perigosamente em direção ao chão. Por sorte, ele conseguiu segurá-la.

– Obrigada – murmurou ela, erguendo os olhos para o rosto de Ethan, o segurança, que parecia achar graça da situação.

– De nada – disse ele, soltando-a imediatamente.

– Estava procurando o banheiro.

Ele apontou com seu celular.

– Fica para o outro lado. – Então, voltando ao texto que estava escrevendo antes da trombada, ele praguejou: – Droga.

– Quebrei alguma coisa?

Ethan balançou a cabeça.

– Não, só estou tendo... problemas com um torpedo.

Julia abriu um sorriso simpático.

– Sinto muito.

– Eu também. – Ele a avaliou com o olhar. – Estou impressionado. Emerson nunca costuma *chegar* com mulheres.

– Por que não?

Ethan deu uma risada sarcástica.

– Está falando sério? Olhe à sua volta. Quantos casais você acha que chegaram juntos aqui?

– Ah... – exclamou ela. – Ele vem muito aqui?

Ethan a estudou com cautela, perguntando-se quanto deveria revelar.

– Acho que você deveria perguntar isso a ele.

Julia pareceu enojada.

Quando Ethan viu sua expressão, tentou tranquilizá-la.

– Ei, ele veio com você hoje. Isso quer dizer alguma coisa, não?

Ela olhou para as mãos e brincou com as próprias unhas.

– Hum... ele não está exatamente *comigo*. Na verdade, sou só uma amiga da irmã dele.

Ela parecia triste, com aqueles olhos castanhos enormes e o lábio trêmulo. Ethan tentou pensar em algo para distraí-la.

– Julianne, você por acaso não falaria italiano, falaria?

Ela sorriu.

– Pode me chamar de Julia. E, sim, falo. Estudo italiano na universidade.

O rosto de Ethan se iluminou.

– Pode me ajudar a escrever um torpedo para a minha namorada? Ela é italiana. Queria impressioná-la.

– O italiano de Gabriel é melhor do que o meu. É melhor pedir a ele.

– Está brincando? Eu quero o Sr. Emerson bem longe da minha garota. Já vi como as mulheres reagem a ele. Só faltam se atirar para cima dele.

Julia voltou a se sentir enojada, mas afastou sua repulsa.

– Claro, posso traduzir o que você quiser.

Ethan lhe entregou o celular e ela começou a digitar as palavras em italiano. Riu baixinho ao ouvir algumas das frases mais íntimas, mas, no geral, ficou impressionada com Ethan, que, apesar da aparência durona e rude, se importava o suficiente com a namorada para lhe dizer quanto a amava e garantir a ela que estava mantendo distância das mulheres do Lobby. Já estava acabando de digitar quando alguém surgiu atrás deles e pigarreou.

Julia se virou e deparou com um conhecido par de olhos azuis zangados.

– Sr. Emerson – falou o segurança.

– Ethan – rosnou Gabriel.

Julia não teve certeza se ouvira bem. Parecia que Gabriel tinha produzido um rosnado grave no peito, como um animal, mas isso era impossível.

Ela pressionou a tecla Enviar no celular e o entregou de volta a Ethan.

– Prontinho. Mensagem enviada.

– Obrigado, Julia. Vou mandar uma bebida para você. – Ethan meneou a cabeça para Gabriel e desapareceu numa curva do corredor.

Julia começou a andar em direção ao banheiro.

– Aonde você pensa que vai? – perguntou Gabriel, indo atrás dela.

– Ao banheiro. O que você tem com isso?

Ele estendeu a mão e segurou seu pulso, roçando o polegar nas veias que pulsavam debaixo de sua pele branca. Ela arquejou.

Gabriel a puxou até eles estarem escondidos num corredor longo e escuro e a encostou

contra uma parede. Continuou apertando seu pulso, saboreando a sensação da pulsação acelerada de Julia sob seus dedos e colocando a outra mão na parede, ao lado do ombro dela. Julia estava presa.

Gabriel se deteve por um instante para sentir seu perfume de baunilha e lambeu os lábios, mas seus olhos não estavam nem um pouco felizes.

– Por que deu seu telefone para ele? Ele vive com outra mulher, sabia? E agora ele paga bebidas para você e a chama de *Julia*?

– Esse é o meu nome, professor! Você é o único que não quer usá-lo. E agora, mesmo que quisesse, eu não deixaria. Acho melhor me chamar de *Srta. Mitchell* para sempre. E não dei meu telefone para ele.

– Você digitou seu número no telefone dele. Quer dizer que se oferece para vários homens ao mesmo tempo?

Julia balançou a cabeça, irritada demais para responder, e tentou passar por baixo do cotovelo de Gabriel, mas ele a agarrou pela cintura.

– Dance comigo.

Ela soltou uma risada irônica.

– Nem sonhando.

– Não banque a difícil.

– A dificuldade está só começando, professor.

– *Tome cuidado*. – O tom de voz dele era ameaçador.

Julia esperou passar o frio na espinha que esse tom lhe causou.

– Por que não enfia uma faca no meu coração e acaba logo com isso? – sussurrou ela, olhando bem fundo nos olhos dele. – Já não me machucou o suficiente?

Gabriel a soltou imediatamente e recuou.

– *Julianne*.

Ele pronunciou o nome dela como algo entre uma censura e uma pergunta. Franziu as sobrancelhas e assumiu uma expressão muito transtornada, mas não irritada. Magoada, talvez.

– Sou mesmo tão mau assim? – A voz dele soou baixa, quase um sussurro.

Julia balançou a cabeça negativamente e encurvou os ombros.

– Não tenho intenção de machucá-la. Longe disso.

Ele observou a postura intencionalmente submissa de Julia, os olhos se apressando em buscar sua boca. Observou os lábios dela se projetarem um pouco para fora, trêmulos. Os olhos correndo de um lado para outro, nervosos.

Ela está assustada, seu idiota. Pegue leve!

– Você disse que eu não a chamei para dançar. Bem, estou chamando agora. – Sua voz ficou consideravelmente mais suave. – Julianne, me daria a honra de dançar comigo? Por favor?

Ele abriu um sorriso cativante e inclinou um pouco a cabeça... o gesto sedutor que era sua marca registrada. Mas não obteve o efeito desejado, pois Julia não levantou a cabeça. Ele estendeu a mão para deslizar os dedos com carinho pelo pulso dela, como se tentasse pedir desculpas à sua pele. (Não que sua pele fosse aceitar.)

Instintivamente, Julia levou a mão ao pescoço, de repente sentindo como se o descontrole emocional de Gabriel tivesse lhe causado algum dano físico. Ele olhou para aquela mão que vibrava contra o pescoço branco como um lençol e, mais uma vez, notou que as veias azuis de Julia tremiam no ritmo das batidas de seu coração.

Como um beija-flor, pensou ele. *Tão pequena. Tão frágil. É preciso ter cuidado com ela...*

Ela engoliu em seco e buscou, ansiosa, uma maneira de escapar.

– Por favor – repetiu ele, os olhos brilhando na escuridão.

– Eu não sei dançar.

– Mas estava dançando agora mesmo.

– Mas não músicas lentas. Vou pisar nos seus pés e machucá-lo com esses saltos. Ou tropeçar, cair e fazer você passar vergonha. E já está irritado comigo... – O lábio inferior dela começou a tremer de forma mais visível.

Ele deu um passo à frente e ela se espremeu mais contra a parede, quase como se tentasse atravessá-la para fugir de Gabriel. Ele pegou sua mão e a levou, de forma pomposa, aos lábios. Então, com um sorriso firme no rosto, se aproximou mais alguns centímetros, inclinando a cabeça para baixo e colando a boca à orelha dela. A proximidade e a sensação do hálito dele se espalhando pela sua pele fizeram Julia estremecer.

– Julianne, como eu poderia ficar irritado com alguém tão doce? Prometo que não vou me zangar nem me sentir envergonhado. Você vai conseguir dançar comigo. – O sussurro dele era estimulante e suave, sensual e sedutor, uma mistura de uísque e hortelã. – *Venha*.

Ele segurou a mão dela com mais firmeza e aquela mesma eletricidade familiar percorreu a pele de Julia. Enquanto aguardava pela resposta, Gabriel sentiu que seu toque a acalmava e ficou intrigado com aquela reação estranha. Era como se seu charme estivesse funcionando, mesmo que momentos antes ela estivesse tremendo.

– Por favor, professor – sussurrou ela, os olhos fixos na frente da camisa dele, relutando em encará-lo.

– Achei que poderíamos ser Gabriel e Julianne esta noite.

– Você não quer dançar comigo. É só o efeito do uísque.

As sobrancelhas dele se arquearam de repente e ele teve que conter uma resposta grosseira. Ela o estava provocando, quase como se soubesse exatamente como e quando fazer isso.

– Só uma música lenta. É tudo o que peço.

– Por que você iria querer dançar com uma virgem? – sussurrou ela, subitamente fascinada com os laços em seus sapatos.

Gabriel se empertigou.

– Não uma virgem qualquer, mas *você*, Julianne. Achei que gostaria de dançar com alguém que não pretende molestá-la na pista nem tomar liberdades com você numa boate cheia de homens sexualmente agressivos.

Ela pareceu desconfiada, mas continuou em silêncio.

– Estou tentando manter os lobos à distância – disse ele em voz baixa.

Um leão tomando conta dos lobos, pensou ela. *Que conveniente.*

Ele não estava brincando. Seus olhos azuis intensos e sérios a encaravam com firmeza, a ponto de deixá-la nervosa.

– Dance uma música comigo e eles saberão que devem deixar você em paz. Do jeito que a coisa está agora, isso já seria um avanço. – Ele abriu um leve sorriso. – Se eu tiver sorte, ninguém irá incomodar você pelo resto da noite e não vou precisar vigiá-la tão de perto.

Ela ficou irritada por ser tratada daquela forma, mas cedeu, percebendo que, àquela altura da vida, Gabriel estava acostumado a conseguir o que queria – sempre.

Mas nem sempre foi assim, não é mesmo, Gabriel?

– Que música gostaria de dançar? – Ele a convenceu a voltar para o salão, pousando a mão na base das suas costas. – Posso pedir o que quiser. Que tal Nine Inch Nails? "Closer", talvez?

Ele sorriu para indicar que estava brincando. Mas Julia não olhava para ele, e sim para o chão, para não tropeçar e dar vexame ou envergonhar o professor. Mesmo assim, quando ouviu o nome *daquela* canção sair dos lábios dele, congelou.

Julia parou tão de repente que ele quase trombou contra as costas dela. Com as pontas dos dedos, Gabriel sentiu o corpo dela gelar e na mesma hora se arrependeu amargamente de ter sugerido aquela música. Ele se moveu para o lado a fim de olhar o rosto dela e ficou muito perturbado com o que viu.

– Julianne, olhe para mim.

Ela prendeu a respiração.

– Por favor – acrescentou ele.

Obediente, Julia ergueu seus grandes olhos para ele. Debaixo dos cílios longos, Gabriel viu medo e um desconforto extremo, e algo aconteceu dentro dele.

– Foi uma brincadeira. De mau gosto. Me perdoe. Eu nunca pediria essa música para dançar com você. Seria a pior forma de blasfêmia expor alguém como você àquelas palavras.

Julia pestanejou, confusa.

– Sei que fui um... *stronzo* esta noite. Mas vou escolher algo agradável. Prometo.

Sem querer largá-la, por medo de que ela saísse correndo, Gabriel a levou até a cabine do DJ e deslizou uma nota para ele, sussurrando seu pedido. O DJ assentiu com um sorriso, cumprimentando Julia antes de procurar a canção solicitada.

Gabriel conduziu Julia até a pista de dança e a puxou para perto, mas não demais. Notou que as mãos dela, tão menores que as suas, tinham começado a suar. Não lhe ocorreu que essa reação fosse por causa da música que ele tinha mencionado. Não, pensava apenas que Julia tinha aversão a ele e que só havia piorado as coisas ao insultá-la e sufocá-la, quando tudo o que queria era salvá-la dos lobos que haviam surgido para farejar debaixo da sua saia.

Por que estou tão preocupado? Ela não é uma criança. E nem é minha amiga.

Ele a sentiu estremecer e, novamente, se arrependeu por ter sido tão ríspido com Julia. Ela era muito delicada e sensível. Não deveria ter dito que sabia que ela era virgem. Foi uma tremenda grosseria. Grace teria ficado estarrecida com sua falta de tato, e com toda a razão.

Talvez devesse compensar a bela Julianne dançando com ela de forma carinhosa e mostrando que, apesar dos pesares, podia ser um cavalheiro. Gabriel pôs a mão espalmada na base das costas de Julia. Imediatamente, sentiu a respiração dela acelerar.

– Relaxe – sussurrou ele, sem querer roçando os lábios em seu rosto.

Gabriel juntou seu corpo ao dela, certificando-se de que Julia podia sentir o peito dele contra o seu. Força e rigidez encontraram maciez e delicadeza enquanto eles roçavam um contra o outro. Gabriel não poderia se comportar melhor.

Julia não reconheceu a música que ele havia pedido. O vocalista cantava em espanhol e a letra não lhe parecia familiar, embora reconhecesse o verso *besame mucho* e soubesse o que significava. O arranjo em si era um jazz latino lento, e os dois deslizaram devagar àquele som. Gabriel a conduziu pela pista como um profissional. O fato de ter escolhido uma canção tão obviamente romântica a fez ruborizar.

Eu beijei muito você, Gabriel, numa noite gloriosa. Mas você não lembra. Será que lembraria se eu o beijasse outra vez?...

Julia sentiu o dedo mindinho dele roçar a parte de cima da sua calcinha por sobre o vestido e se perguntou se Gabriel saberia o que havia debaixo do seu dedo. A ideia de que ele talvez soubesse fez uma explosão de calor se espalhar pela pele dela. Julia manteve os olhos fixos nos botões da camisa dele.

– Seria melhor se olhasse nos meus olhos. Fica mais fácil de seguir meus passos.

Então Julia notou o sorriso dele, largo e sincero, como ela não via havia anos. Seu coração disparou e ela também abriu um sorriso radiante em resposta, baixando a guarda (mas não sua calcinha especial) por um breve instante.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

– Seu rosto me parece familiar. Tem certeza de que Rachel nunca nos apresentou numa das vezes em que estive lá em casa?

Os olhos de Julia se iluminaram com o que poderia ser esperança.

– Não, ela não nos apresentou, mas nós...

– Eu poderia jurar que já vi você antes. – Ele franziu a testa, confuso.

– Gabriel? – instigou ela, tentando mostrar a verdade com os olhos.

Ele suspirou com força, balançando a cabeça.

– Não, acho que não. Mas você me faz lembrar a Beatriz do quadro de Holiday. Não é engraçado que você tenha esse quadro em casa?

Se Gabriel soubesse o que procurar, ou se fosse capaz de interpretá-la um pouco melhor, teria visto que Julia pareceu ficar um pouco enjoada e que qualquer esperança desapareceu de seu rosto.

Ela mordeu o lábio sem perceber.

– Um... amigo me falou sobre o quadro. Foi por isso que o comprei.

– Seu amigo tem bom gosto.

Algo na resposta dela o aborreceu, mas ele achou que seu mal-estar fosse em consequência de ela estar tão tensa em seus braços. Gabriel suspirou e colou a testa à dela, seu hálito quente contra o rosto de Julia. Ele cheirava a Laphroaig e a algo inconfundivelmente "gabrieliano" e perigoso.

– Julianne, eu juro que não mordo. Você não precisa ficar nervosa.

Ela se retesou, embora soubesse que ele estava tentando acalmá-la. Mas Gabriel já a havia transtornado muitas vezes e ela estava cansada disso. Não era uma marionete com a qual ele poderia se divertir a seu bel-prazer só porque outro homem lhe enviou uma trufa. Aquela dança parecia apenas uma chance para ele declarar sua superioridade.

– Não acho que isso seja muito profissional – começou ela, os olhos repentinamente em chamas.

O sorriso sumiu do rosto de Gabriel e os olhos dele lampejaram em direção aos dela.

– Não, Srta. Mitchell, não é. Não estou sendo nem um pouco profissional com você. Mas acho que não seria apenas uma desculpa se eu disser que queria dançar com a garota mais bonita da boate.

A linda boca de Julia se abriu um pouco, mas então ele a observou apertar os lábios com força.

– Não acredito em você.

– Não acredita que é de longe a mulher mais bonita daqui? Com todo o respeito à minha irmã, claro. Ou que eu, um canalha com o coração de gelo, fosse querer dançar uma música bonita com você?

– Não me faça de boba – retrucou ela, irritada.

– Não estou fazendo, *Julianne*.

Ele apertou o braço em volta da cintura de Julia e ela arquejou, pois o gesto mexeu com ela por dentro. Ele sabia disso, é claro, e já esperava uma reação. O que não sabia era que já a havia tocado ali antes, que tinha sido o primeiro homem a tocá-la daquele jeito. E sua pele nunca tinha se recuperado da ausência de seu toque.

Gabriel observou a irritação que ela demonstrou em seguida, divertindo-se bastante.

– Quando não está me olhando de cara feia, você fica muito bonita, com seus olhos grandes e meigos. É atraente de qualquer jeito, mas, nessas horas, parece um anjo. É quase como se fosse... você se parece com...

Um lampejo de reconhecimento atravessou de repente o rosto dele e Julia parou de dançar.

Ela apertou a mão de Gabriel e fitou seus olhos, instigando-o a lembrar.

– O que foi, Gabriel? Pareço com alguém que você conhece?

A expressão em seu rosto desapareceu tão rapidamente quanto havia surgido e ele balançou a cabeça, sorrindo para ela com indulgência.

– Foi só um devaneio passageiro. Não se preocupe, Srta. Mitchell, nossa dança está quase acabando. Você logo se verá livre de mim.

– Quem me dera isso fosse possível – murmurou ela.

– O que disse? – Gabriel tornou a colar sua testa à dela.

Sem pensar em como aquele gesto seria íntimo, ele soltou a mão de Julia e afastou devagar um dos cachos do seu cabelo, os dedos se demorando muito mais do que o necessário no pescoço dela.

– Você é linda – sussurrou ele.

– Estou me sentindo a Cinderela. Rachel me deu o vestido e os sapatos – disse Julia, apressando-se em mudar de assunto.

Ele recolheu a mão.

– Você se sente mesmo a Cinderela?

Ela fez que sim com a cabeça.

– É tão fácil fazê-la feliz – disse Gabriel, mais para si mesmo do que para ela. – Seu vestido é muito bonito. Rachel devia saber qual é sua cor favorita.

– Como você sabe que roxo é minha cor favorita?

– Roxo é o que não falta no seu apartamento.

Ela fez uma careta ao se lembrar da única visita de Gabriel à sua toca de Hobbit.

Gabriel queria fazê-la olhar para ele. Só para ele.

– Seus sapatos também são maravilhosos. – Os olhos dele se deslocaram do alto da cabeça de Júlia até os pés.

Ela deu de ombros.

– Estou com medo de acabar caindo.

– Eu não deixaria isso acontecer.

– Rachel é muito generosa.

– Ela é mesmo. Assim como Grace era.

Julia assentiu.

– Mas eu não. – O comentário dele soou quase como uma pergunta, e seus olhos buscaram os dela.

– Nunca falei isso. Na verdade, acho que você pode ser muito generoso quando quer.

– Quando eu quero?

– Sim. Eu estava com fome e você me alimentou. – *Duas vezes*, pensou Julia.

– Você estava *com fome*? – A voz de Gabriel soou ríspida, horrorizada, e ele parou de dançar. – Estava *passando fome*? – Os olhos dele ficaram duros, transformando-se em duas joias azuis gélidas, e sua voz esfriou até a temperatura de um filete de água escorrendo por uma geleira.

– Também não é assim, professor. Tinha apenas um pouco de fome de... carne. E por maçãs. – Julia ergueu os olhos para ele com timidez, esperando aplacar seu repentino mau humor.

Gabriel estava irritado demais para perceber o comentário sobre maçãs. Seu próprio estômago se revirou diante da pobreza dos alunos da pós-graduação (uma realidade que ele conhecia muito bem) e da pobre e faminta Srta. Mitchell. Não era de espantar que fosse tão pálida e magra.

– Fale a verdade. Você tem dinheiro suficiente para se manter? Se precisar, falarei com o chefe do departamento na segunda-feira para que ele aumente sua bolsa. Por Deus, lhe dou meu cartão adicional hoje mesmo. Simplesmente não vou deixar que passe fome. De jeito nenhum.

Julia ficou calada por alguns instantes, espantada com a reação dele.

– Estou bem, professor. O dinheiro é suficiente se eu controlar os gastos. Cozinhar no meu apartamento é um problema, mas juro que não estou passando fome.

Aos poucos, Gabriel voltou a dançar, conduzindo-a com suavidade.

Ele tornou a olhar para seus lindos sapatos.

– Vai vender esses sapatos para fazer compras? Ou pagar o aluguel?

– Claro que não! Foram um presente de Grace, de certa forma. Nunca vou me desfazer deles. Não importa o que aconteça.

– Promete que se estiver precisando muito de dinheiro falará comigo? Por Grace?

Julia desviou o olhar, preferindo ficar calada.

Ele suspirou e baixou a voz:

– Sei que não mereço, mas peço que confie em mim só nessa questão. Você promete?

Ela respirou fundo e prendeu o ar.

– Isso é muito importante para você?

– Sim. Muito.

Ela soltou ruidosamente a respiração.

– Então eu prometo.

– Obrigado – disse ele, suspirando de alívio.

– Rachel e Grace sempre foram muito boas comigo, principalmente depois que minha mãe morreu.

– Quando ela morreu?

– Durante meu último ano no ensino médio. Eu morava com meu pai em Selinsgrove na época e ela, em St. Louis.

– Meus pêsames.

– Obrigada. – Ela moveu a boca como se fosse dizer algo mais, porém se deteve.

– Tudo bem – sussurrou ele. – Pode falar. – Ele olhou nos olhos dela, encorajando-a, mas por um instante Julia esqueceu o que queria dizer. Contudo, logo se recompôs.

– Hum... eu ia dizer que, se um dia precisar conversar com alguém... sobre Grace, quero dizer. Sei que Rachel está voltando para a Filadélfia. Mas eu continuarei aqui... é óbvio. Não que isso fosse ser muito profissional, mas estarei por aqui. Hum. Bem, é isso.

Ela evitou os olhos de Gabriel e ele sentiu seu corpo inteiro se retesar, como se ela estivesse se preparando para algo terrível.

O que eu fiz com essa pobre garota? Ela está morrendo de medo de que eu vá dar um coice nela ou algo assim.

Gabriel sabia que merecia aquela desconfiança, então resolveu enchê-la de gentilezas... pelo menos até o fim da música, quando eles voltariam a agir com todo o profissionalismo. Então ele tornaria a ficar distante, mas sem perder a ternura.

– Julianne, olhe para mim. Sabe, não tenho nada contra me olharem nos olhos.

Julia o fitou, hesitante.

– É uma oferta muito gentil. Obrigado. Não gosto de falar sobre certos assuntos, mas não me esquecerei de você. – O sorriso dele voltou e, dessa vez, não desapareceu. – Você é ao mesmo tempo caridosa e bondosa, duas das mais importantes virtudes celestiais. Na verdade, estou certo de que possui todas as sete.

Especialmente a castidade, pensaram os dois ao mesmo tempo. *E ele considera isso um motivo de piada*, refletiu Julia.

– Nunca dancei assim, para ser sincera – disse ela em tom melancólico.

– Então fico feliz em ser o primeiro – retrucou ele, apertando sua mão com ternura.

Julia ficou petrificada.

– Julianne? O que houve?

Os olhos dela ficaram vidrados e sua pele, muito gelada. Gabriel observou o rubor que se espalhara em suas faces havia menos de dois minutos desaparecer por completo e sua pele ficar muito pálida. Julia se recusava a encará-lo e, quando ele passou a mão pela sua cintura, era como se ela nem conseguisse senti-la.

Quando Julia saiu do seu transe, estado de choque ou fosse lá o que fosse, Gabriel tentou fazê-la falar com ele, porém ela estava abalada demais. Ele não fazia ideia do que podia ter acontecido, então chamou Rachel com um gesto e pediu que ela levasse Julia ao banheiro. Em seguida, foi até o bar e pediu uma dose dupla de uísque, que engoliu às pressas antes de elas voltarem.

Gabriel decidiu que era hora de irem para casa. Estava claro que a Srta. Mitchell não se sentia bem e, além do mais, *O Vestíbulo* não era lugar para ela em hipótese alguma. Ele sabia que, a partir de certa hora da noite, os homens ficavam bêbados e abusados; as mulheres, bêbadas e excitadas. Não queria que sua irmã caçula e a bela e virginal Srta. Mitchell fossem expostas a nenhum desses comportamentos. Então pagou a conta e pediu que Ethan chamasse dois táxis. Sua intenção era pagar o taxista da Srta. Mitchell e instruí-lo a esperar em frente à casa dela e só partir depois que ela tivesse entrado em segurança.

Porém, para infelicidade do pobre Gabriel, Rachel tinha outros planos:

– Boa noite, Julia! Gabriel, nos encontramos no seu apartamento. Obrigada por levá-la em casa pessoalmente!

Rachel entrou depressa num dos táxis e bateu a porta. Entregou ao taxista uma nota de 20 dólares para que ele arrancasse antes que Gabriel pudesse dar um passo sequer.

Sua irritação agora tinha um motivo bem diferente, pois estava óbvio o que a irmã tentava fazer. De todo modo, as chances de Rachel topar com algum vagabundo no saguão do Manulife Building, com seus vigias 24 horas, eram bem menores que as da Srta. Mitchell na Madison Avenue. Então ele não poderia criticar sua decisão.

Gabriel ajudou Julia a entrar no táxi e entrou em seguida. Quando pararam em frente ao prédio dela, recusou seu dinheiro com um gesto e pediu ao taxista que o esperasse ali. Acompanhou Julia até a porta e ficou parado sob a luz fraca da entrada enquanto ela procurava as chaves.

Julia as deixou cair, claro, pois ainda estava trêmula por conta do que havia acontecido na boate. Gabriel as pegou, testando as chaves na fechadura até conseguir abrir a porta. Devolveu-lhe o chaveiro e passou o dedo ao longo das costas da mão dela. Então ficou parado ali, encarando-a com uma expressão estranha no rosto.

Julia inspirou com força e começou a falar com seus sapatos pretos de bico fino (um pouco elegantes demais, até para Gabriel), pois não conseguiria dizer o que precisava e ao mesmo tempo fitar aqueles olhos lindos, porém frios:

– Professor Emerson, quero lhe agradecer por abrir portas para mim e por ter me convidado para dançar. Tenho certeza de que foi ultrajante ter sido obrigado a se comportar dessa forma com uma aluna. Sei que só está me tolerando por causa de Rachel e que, assim que ela for embora, tudo vai voltar ao normal. Prometo não contar nada a ninguém. Sou muito boa em manter segredos.

Após uma pausa, ela prosseguiu:

– Vou solicitar outro orientador para a minha dissertação. Sei que não me acha muito inteligente e que só mudou de ideia quanto a me expulsar do programa porque sentiu pena de mim, por causa do meu apartamento. Pelo que me disse esta noite, ficou bem claro que me considera inferior e que é um estorvo ter que falar com uma virgem idiota. Adeus.

Com o coração pesado, Julia se virou para entrar no prédio.

Gabriel deu um passo à frente, bloqueando a passagem.

– Já terminou? – perguntou, com voz ríspida.

Ela o encarou com os olhos arregalados, trêmula.

– Você fez seu discurso. Creio que a boa educação me dê direito de réplica. Então, se me permite...

Ele se afastou da porta e parou, olhando para ela com uma expressão quase de fúria contida.

– Abro portas para você porque é assim que uma dama deve ser tratada. E você é uma dama, Srta. Mitchell. Nem sempre me comportei como um cavalheiro, mas Grace se esforçou bastante para me ensinar isso. Quanto a Rachel, ela é um amor de garota, mas muito sentimental. Gostaria que eu recitasse sonetos debaixo de sua janela como um adolescente. Então vamos deixar minha irmã fora disso, está bem? Quanto a você, se Grace a adotou como fez comigo, foi porque viu algo de muito especial em você. Ela possuía o talento de curar as pessoas com seu amor. Infelizmente, tanto no seu caso quanto no meu, talvez tenha chegado um pouco tarde demais.

Julia ergueu as sobrancelhas ante essa última afirmação, perguntando-se em silêncio o que ela significaria, mas não teve coragem de questioná-lo.

– Eu a convidei para dançar porque queria sua companhia. Sua mente é sagaz, e sua personalidade, cativante. Se quiser outro orientador, é direito seu. Mas, para ser franco, estou decepcionado. Nunca pensei que você fosse de desistir facilmente. Se acha que faço as coisas por pena, é porque não me conhece. Sou um canalha egoísta e egocêntrico que mal se dá conta dos problemas de outros seres humanos. Para o inferno com o seu discurso, para o inferno com sua baixa autoestima e para o inferno com o programa da pós. – Ele bufou de frustração, esforçando-se para não erguer a voz. – Sua virgindade não é motivo de vergonha e certamente não é da minha conta. Eu só queria fazer você sorrir e...

A voz de Gabriel se perdeu e ele levou a mão ao queixo de Julia. Ergueu o rosto dela com cuidado e seus olhares se cruzaram.

Quando se deu conta, estava se inclinando em sua direção, o rosto dele se aproximando do dela, seus lábios a poucos centímetros de distância. Tão perto que ela conseguia sentir o hálito quente de Gabriel.

Uísque e hortelã...

Os dois respiraram fundo, sorvendo o perfume um do outro. Ela fechou os olhos e passou a língua rapidamente no lábio inferior. Esperou.

– *Facilis descensus Averni* – sussurrou ele, as palavras fatídicas e sobrenaturais atingindo-a na própria alma. – A descida para o Inferno é fácil.

Gabriel se empertigou, soltou o queixo dela e caminhou até o táxi, batendo a porta do carro ao entrar.

Julia abriu os olhos e viu o veículo se afastar. Então recostou-se na porta, as pernas bambas como gelatina.

CAPÍTULO DEZ

Quando estavam no Lobby, houve momentos em que Julia ficou convencida de que Gabriel se lembrava dela. Mas foram momentos fugazes, efêmeros, e desapareceram como teias de aranha sopradas pelo vento. Então Julia, que era muito honesta, começou a duvidar de si mesma.

Talvez seu primeiro encontro com Gabriel tivesse sido um sonho. Talvez tivesse se apaixonado por sua fotografia e, depois que Rachel e Aaron saíram, acabou imaginando tudo aquilo. Talvez tivesse adormecido sozinha no pomar, o triste cenário da ilusão desesperada e solitária de uma menina que havia crescido num lar desfeito e que nunca antes tinha se sentido amada.

Era possível.

Quando todas as pessoas no mundo acreditam numa coisa e você é a única que acredita no contrário, é muito tentador aceitar o ponto de vista delas. Julia precisaria apenas esquecer, negar e reprimir. E então seria igualzinha aos outros.

Só que ela era mais forte do que isso. Não, ela não havia se sentido preparada para discutir com Gabriel publicamente por ele ter falado de sua virgindade, pois isso chamaria atenção demais para um fato do qual ela, em parte, se envergonhava. Também não queria forçá-lo a reconhecê-la e a se lembrar da noite que haviam passado juntos, pois tinha um coração muito puro e não gostava de obrigar ninguém a nada.

Ao ver a confusão no rosto de Gabriel enquanto dançavam e perceber que a mente dele não lhe permitia lembrar, ela recuou. Ficou apreensiva quanto ao efeito que aquela descoberta impactante e repentina poderia causar nele e, com medo de que sua mente talvez se estilhaçasse como o vidro da mesa de centro de Grace, decidiu não fazer nada.

Julia era uma boa pessoa. E às vezes a bondade não revela tudo o que sabe. Às vezes, ela espera o momento certo e faz o melhor que pode com o que tem em mãos.

O professor Emerson não era o homem pelo qual ela havia se apaixonado no pomar. Na verdade, Julia chegara à conclusão de que havia alguma coisa muito errada com o professor. Ele não era apenas taciturno e deprimido, mas *perturbado*. E, por conta de sua familiaridade com o vício da própria mãe, ela se preocupava que ele tivesse tendência ao alcoolismo. Mas, como era uma boa pessoa, não iria magoá-lo como ele a havia magoado, forçando-o a encarar algo que ele não queria ver.

Ela seria capaz de fazer qualquer coisa por Gabriel, aquele homem com quem havia passado a noite no bosque, se ele lhe desse o menor sinal de que a desejava. Desceria ao Inferno e o procuraria até encontrá-lo. Arrombaria os portões e o arrastaria de volta. Seria como Sam para Frodo e o seguiria até as entranhas da Montanha da Perdição.

Mas ele não era o seu Gabriel. Seu Gabriel estava morto. Não existia mais. Restavam apenas vestígios dele no corpo de um clone rude e torturado. Gabriel quase partira seu coração uma vez. E ela não permitiria que fizesse isso de novo.

Antes de Rachel partir de Toronto para reencontrar Aaron e a distopia que era sua família, ela insistiu em ver a quitinete da amiga. Havia dias que Julia vinha adiando essa visita, e o próprio Gabriel tinha encorajado a irmã a simplesmente aparecer por lá de surpresa. Sabia que, assim que a irmã visse onde a amiga morava, faria pessoalmente as malas de Julia e a forçaria a se mudar para um lugar melhor, de preferência o quarto de hóspedes de Gabriel.

(Ninguém sabia como ele reagiria a essa sugestão, mas provavelmente diria algo como *nem fodendo*.)

Então, na manhã de domingo, Rachel bateu à porta de Julia para tomar um chá e se despedir antes de Gabriel levá-la ao aeroporto.

Julia estava nervosa. Como um santo medieval obstinado, possuía a virtude da tolerância, então dificilmente se importava com desconfortos ou privações, por maiores que fossem. Consequentemente, não tinha achado sua toca de Hobbit tão ruim assim quando assinou o contrato de locação. Era segura, limpa e estava dentro do orçamento. Mas acreditar nisso e mostrar seu apartamento a Rachel eram duas coisas bem diferentes.

– Olhe, o apartamento é pequeno. Mas não se esqueça de que estou vivendo de bolsa e que recebo um valor fixo. Não posso arranjar emprego aqui porque não tenho visto de trabalho. E não teria condições de morar num apartamento como o de Gabriel nem em qualquer lugar com a metade de todo aquele luxo – explicou Julia ao conduzir a amiga até a quitinete.

Rachel assentiu e largou uma grande caixa quadrada em cima da cama.

Gabriel a havia alertado sobre o tamanho da quitinete. Tinha lhe dito para não fazer uma cena, pois ainda nutria um arrependimento secreto por conta da maneira terrível como se comportara em sua primeira e única visita à casa de Julia.

Mesmo assim, nada que seu irmão ou sua amiga lhe disseram seria capaz de preparar Rachel para o que viu atrás daquela porta. O lugar era pequeno, velho e tudo nele parecia barato ou de segunda mão, exceto as cortinas simples, a roupa de cama e as outras coisas que Julia havia trazido de sua casa. Mas a favor de Rachel é preciso dizer que ela deu uma volta na quitinete (o que levou apenas uns cinco passos), olhou o armário, inspecionou o banheiro e parou na "área" da cozinha, estudando a pequena e patética chapa e o micro-ondas antigo, caindo aos pedaços. Só então levou as mãos ao rosto e começou a chorar.

Julia ficou parada onde estava, sem saber o que fazer. Sabia que a feiura perturbava Rachel, mas tinha tentado deixar sua quitinete bonita, usando seus tons favoritos de roxo. A amiga bem que poderia reconhecer ao menos isso.

Pouco depois, Rachel caiu em si, secando as lágrimas e dando uma risadinha.

– Desculpe. São os hormônios e as noites maldormidas. Tenho andado emotiva por causa de minha mãe. Ainda teve toda essa história com meu pai, Aaron e o casamento. Ah, Julia, quem me dera poder levar você para casa comigo, para morar conosco na Filadélfia. Nós temos tanto espaço! E a nossa cozinha é maior do que seu apartamento inteiro!

Julia deu um abraço apertado na amiga até ela abrir um sorriso.

– Gabriel disse que você é muito meticulosa com o seu chá. Ele ficou impressionado com a maneira como o prepara. E você sabe que *nada* impressiona meu irmão. Então vou simplesmente me enroscar na sua linda cama lilás e aprender como você faz.

Rachel se deixou cair sobre o edredom de Julia, colocando a caixa grande no colo e tentando parecer alegre por consideração à amiga.

Julia ficou surpresa que Gabriel tivesse se lembrado do chá, visto que, durante aquela visita, estivera ocupado demais criticando seus hábitos alimentares. No entanto, ela afastou esse pensamento e se concentrou em fazer Rachel se sentir em casa e ajudá-la a esquecer seus problemas. Logo as duas estavam sentadas na cama, segurando suas xícaras de porcelana e mordiscando trufas de chocolate, que Julia havia comprado para comemorar, usando parte do seu fundo de emergência.

Rachel correu um dedo pela borda da xícara.

– Preciso lhe contar uma coisa sobre Gabriel.

– Não quero saber.

Rachel olhou para Julia e fechou a cara.

– Por que não?

– Porque ele é meu professor. É... mais seguro se fingirmos que não nos conhecemos. Confie em mim.

Rachel balançou a cabeça.

– Ele me disse algo parecido, sabia? Mas vou repetir o que falei para ele: *Não me interessa*. Ele é meu irmão e eu o amo. E existem algumas coisas que você precisa saber.

Julia concordou com um suspiro.

– Gabriel me mataria se soubesse que estou lhe contando isso, mas acho que vai tornar mais fácil para você entender a atitude dele. Mamãe chegou a lhe contar como o adotou?

– Ela só conversava comigo sobre coisas felizes: o orgulho que tinha dele, ou como ele se saiu bem em Princeton e Oxford. Nunca me falou sobre sua infância.

– Mamãe o encontrou quando ele tinha 9 anos, vagando pelo hospital em Sunbury. Ele estava viajando com a mãe, que era uma louca alcoólatra, e aí ela ficou doente. Os dois foram parar em Sunbury e a mãe dele morreu de pneumonia, se não me engano. Enfim, mamãe encontrou Gabriel e ele não tinha um centavo. Não podia nem comprar um refrigerante na máquina do corredor. Ela ficou ainda mais transtornada quando entrou

em contato com os parentes da mãe dele e eles lhe disseram que ficasse com ele. Mamãe sabia que a família de Gabriel não o queria. E, apesar de todo o esforço dos meus pais, acho que ele nunca se sentiu em casa conosco. Nunca se tornou um Clark de verdade.

Julia pensou em Gabriel como um garotinho assustado e faminto e se esforçou para conter as lágrimas. Imaginou os olhos grandes e azuis em seu rosto pálido porém angelical. Sua cabeleira castanha desgrenhada e rebelde. Roupas sujas e uma mãe louca. Julia sabia o que era ter uma mãe alcoólatra. Sabia o que era chorar de noite até dormir, desejando que alguém, qualquer pessoa, a amasse. Ela e Gabriel tinham mais em comum do que Julia gostaria de admitir. Muito mais.

– Sinto muito, Rachel. Não sabia disso.

– Não estou tentado justificar a grosseria dele. Só estou lhe contando quem ele é. Sabia que, depois daquela briga horrível entre ele e Scott, mamãe acendia uma vela todas as noites e a colocava na janela? Ela achava que, se Gabriel estivesse em Selinsgrove e visse a vela, saberia que ela estava à sua espera, que o amava, e então subiria os degraus da nossa varanda e entraria.

Julia balançou a cabeça. Não sabia disso, mas acreditava que fosse verdade. Grace era assim mesmo: de uma generosidade sem limites.

– Ele finge estar bem, mas na verdade está arrasado. E, no fundo, odeia a si mesmo. Eu lhe disse para tratar você bem, então acredito que o comportamento dele vá melhorar. Se isso não acontecer, me avise, que darei um jeito nele.

Julia bufou, sarcástica.

– Ele praticamente me ignora. Não passo de uma simples aluna do mestrado, como ele não me deixa esquecer.

– Acho difícil de acreditar. Duvido que ele fosse olhar com tanta intensidade para uma "simples" aluna.

Julia se ocupou com seu chocolate.

– Ele olha para mim? – Ela estava se esforçando ao máximo para parecer relaxada, mas sua voz soava artificial, trêmula até.

– O tempo todo. Você não notou? Peguei Gabriel olhando para você durante o jantar na casa dele e na boate. Sempre que você tomava uma bebida, na verdade. E, quando dei uma piscadela para ele, me olhou de cara feia. – Rachel fitou a amiga, pensativa. – Vejo vocês dois juntos e fico com a impressão de que estou por fora de alguma coisa... Ele sabia que eu ia sair para fazer compras esta semana e não só me incentivou como ainda me deu dinheiro.

– E daí? Foi legal da parte dele. É para isso que servem os irmãos mais velhos. O que você comprou?

– O dinheiro era para você, não para mim.

Julia fez uma careta e se virou na cama, cruzando as pernas, para encarar a amiga.

– E por que ele faria isso?

– Me diga você – rebateu Rachel, inclinando a cabeça.

– Sei lá. Ele tem sido um grosso comigo desde que cheguei aqui.

– Bem, ele me deu o dinheiro e me mandou comprar um presente para você. Foi bem específico. Então, aqui está. – Rachel pôs a caixa no colo de Julia.

– Não quero. – Ela tentou devolvê-la, balançando a cabeça.

– Pelo menos abra para ver o que é – insistiu Rachel.

Então Julia abriu a caixa. Lá dentro, encontrou uma bela bolsa a tiracolo tipo carteiro, de couro italiano marrom-chocolate. Ela ergueu a bolsa pela alça e a analisou. A etiqueta dizia Fendi.

Puta merda, pensou Julia.

– E aí? O que você acha?

– Eu... não sei – gaguejou ela, olhando perplexa para a bolsa linda e clássica.

Rachel a pegou das mãos da amiga e começou a remexer dentro dela, murmurando sobre as costuras internas, os vários compartimentos e a qualidade do acabamento.

– Está vendo como é perfeita? É funcional e ao mesmo tempo feminina, pois é uma bolsa a tiracolo, e não uma pasta. E é italiana. E nós duas sabemos que você e Gabriel têm uma queda... pela Itália – acrescentou ela, depois de uma pausa que tinha o objetivo de instigar alguma reação.

Imediatamente, Julia ficou vermelha e nervosa, e isso disse a Rachel tudo o que precisava saber, mas ela escolheu não deixar a amiga ainda mais sem graça.

– Eu não deveria ter dito que foi um presente dele. Gabriel foi bem claro quanto a isso. Mas é claro que o ignorei – concluiu ela com uma risadinha.

– Seu irmão quis me dar esse presente porque não gosta da minha mochila velha. A simples existência dela ofende as suscetibilidades aristocráticas de Gabriel, então ele achou que poderia usar você para me persuadir a jogá-la fora. Mas não vou fazer isso. É uma L. L. Bean. Eles oferecem garantia vitalícia! Vou mandá-la para o Maine e eles vão trocá-la. Gabriel pode pegar a bolsa italiana dele e enfiar você sabe onde.

Rachel ficou chocada por alguns instantes.

– Gabriel tem dinheiro de sobra. Não vai fazer falta para ele.

– Professores não ganham tão bem assim.

– Tem razão. Mas ele herdou a grana.

– De Grace?

– Não, do pai biológico dele. Alguns anos atrás, um advogado foi atrás de Gabriel e lhe disse que seu pai tinha morrido e lhe deixara uma fortuna. Nem sei se antes disso ele sabia o nome do pai. A princípio, Gabriel recusou a herança, mas depois mudou de ideia.

– Por quê?

– Não sei. Foi depois da briga com Scott. Passei muito tempo sem falar com Gabriel

depois disso. Mas, quanto ao dinheiro, acho que meu irmão está tentando gastá-lo antes que ele possa render alguma coisa. Então não pense nisso como um presente de Gabriel, mas como uma forma de ele se vingar do pai. Meu irmão *quer* se desfazer do dinheiro. E quer lhe dar algo bonito. Ele mesmo me disse isso.

Julia balançou a cabeça.

– Não posso aceitar. Não me interessa de onde veio nem por quê.

Rachel lançou um olhar magoado à amiga.

– Por favor, Julia. Gabriel esteve afastado de nós por tanto tempo. Finalmente está me deixando voltar à vida dele. Não posso perdê-lo agora, depois de tudo... – O rosto de Rachel se contorceu e ela pareceu muito transtornada.

– Sinto muito, mas isso é demais. Ele é meu professor... pode lhe causar problemas!

Rachel segurou a mão de Julia.

– Você vai denunciá-lo?

– Claro que não.

– Ótimo, porque você devia achar que é um presente de aniversário atrasado meu e de mamãe. – Os olhos de Rachel se arregalaram quando ela se deu conta do seu erro. – Oh, meu Deus, Julia, o seu aniversário! Eu esqueci. Desculpe.

Julia trincou ligeiramente os dentes.

– Eu não comemoro mais. É muito difícil... não consigo...

– Você voltou a ter notícias *dele*?

Julia ficou enjoada na mesma hora.

– Só quando *ele* está bêbado ou irritado com alguma coisa. Mas troquei o número do meu celular quando vim para cá, para ele não poder me ligar mais.

– Canalha – exlcamou Rachel. – Bem, eu não deveria lhe dizer que a bolsa é presente de Gabriel, mas não poderia mentir para você. Sei quanto machuca quando as pessoas mentem e não faria uma coisa dessas.

As duas trocaram um olhar expressivo. Julia refletiu sobre aquele presente de Gabriel e todas as suas implicações, explícitas ou veladas. Não queria receber nenhum presente dele. Ele a havia rejeitado, pura e simplesmente. Por acaso poderia manter aquela bolsa na sua pequena toca de Hobbit? Poderia usá-la, levá-la para a faculdade, sabendo o tempo todo que tinha sido presente dele? Ciente de que ele a olharia com uma expressão presunçosa, pensando que havia feito algum tipo de favor a ela? Não por Gabriel. Nem sonhando.

Antes mesmo que as palavras se formassem na mente de Julia, Rachel percebeu o que ela estava prestes a fazer.

– Se não aceitar a bolsa, ele vai saber que algo saiu errado. E vai jogar a culpa em mim.

Julia o xingou mentalmente. *Ó deuses de todos os especialistas em Dante pedantes e esnobes, façam que ele tenha uma urticária em* il pene*. Por favor. Com doses extras de*

coceira.

Mas, por Rachel, Julia faria tudo.

– Está bem. Vou aceitar por você. Mas, por favor, pode falar para Gabriel não me comprar mais nada? Estou começando a me sentir como uma daquelas crianças amparadas pela UNICEF.

Rachel meneou a cabeça para a amiga, abriu um sorriso e mordeu seu chocolate. Lambeu o cacau dos lábios e fechou os olhos. Estava delicioso.

Julia segurou a bolsa contra o peito, como se fosse um escudo, e inalou o cheiro gostoso do couro. *Gabriel quis me dar um presente. Deve sentir algo por mim, mesmo que seja somente pena. E agora tenho algo dele além de uma foto... algo que será meu para sempre.*

Ela esperou alguns instantes antes de mudar cuidadosamente de assunto.

– Pode me contar o que aconteceu no funeral? Mandei flores com um cartão e Gabriel as viu, mas não sabia por que eu tinha enviado.

– Eu soube. Vi as gardênias e Scott me disse que eram suas, mas o cartão sumiu antes que eu tivesse uma oportunidade de explicar para Gabriel. Eu estava arrasada. Meus irmãos estavam brigando e tentei mantê-los separados antes que alguém acabasse sendo jogado pela janela. Ou contra a mesinha de centro.

Julia pensou em vidro estilhaçado e sangue num carpete branco e estremeceu.

– Por que eles estão sempre brigando?

Rachel suspirou.

– Não era assim antes. Gabriel mudou depois que foi para Harvard... – A voz dela foi sumindo aos poucos, misteriosamente.

Julia não se sentiu à vontade para pressioná-la, então continuou calada.

– Como você sabe, Gabriel ficou anos sem voltar para casa depois da briga com Scott e, quando começou a ir lá de novo, ficava poucos dias. Insistia em dormir num hotel, o que deixava mamãe de coração partido. Scott não deixava Gabriel esquecer as coisas que ele tinha feito mamãe passar.

Rachel comeu outra trufa, pensativa.

– Scott admirava Gabriel. Ficou muito magoado quando as coisas entre eles desandaram. Hoje em dia, mal se falam e, quando se falam... – Ela estremeceu. – Não sei o que teria sido de mim sem Aaron. Provavelmente teria fugido, e para nunca mais voltar.

– Uma família problemática é melhor que não ter família – disse Julia com brandura.

Rachel pareceu ficar triste.

– Bem, é isso que somos agora. Nós éramos a família Clark... agora, somos uma *família problemática*. Uma mãe morta, um pai devastado pelo sofrimento, uma ovelha negra de temperamento explosivo e um irmão cabeça-dura chamado Scott. E eu.

– Scott tem namorada?

– Ele estava saindo com uma mulher do trabalho, mas eles terminaram pouco antes de mamãe ficar doente.

– Sinto muito.

Rachel suspirou.

– Minha família é como um romance de Charles Dickens, Julia. Não, é pior. É uma mistura doentia de Arthur Miller e John Steinbeck, com uma pitada de Dostoiévski e Tolstói para completar.

– Isso é mesmo tão ruim?

– É, porque tenho a sensação de que também tem um pouco de Thomas Hardy por trás disso tudo. E você sabe como odeio esse escritor. Filho da puta confuso.

Julia pensou um pouco e, para o bem da amiga, torceu para que o romance de Hardy que mais se aproximasse da experiência de Rachel Clark fosse *O prefeito de Casterbridge*, em vez de *Tess dos d'Urbervilles* ou, Deus a livrasse, *Judas, o obscuro*.

(Infelizmente, Julia não refletiu sobre qual romance de Hardy melhor descreveria suas próprias experiências...)

– Depois que mamãe morreu, tudo virou um caos. Papai está falando em se aposentar e vender a casa. Quer se mudar para a Filadélfia para ficar mais perto de mim e de Scott. Quando perguntou a Gabriel se ele se importava que a casa fosse vendida, meu irmão surtou e se embrenhou no bosque. Só voltamos a vê-lo horas depois.

Julia respirou fundo e começou a mexer na bolsa nova.

Rachel pôs a xícara sobre a mesa de carteado e foi ao banheiro, por isso não notou que alguma coisa que dissera havia perturbado profundamente a amiga. Quando ela voltou, Julia já havia se acalmado, graças a um esforço considerável, e estava despejando mais água quente no bule de chá.

Rachel fitou a amiga com um olhar preocupado.

– O que Gabriel disse quando estavam dançando para deixar você tão incomodada? Aliás, meu espanhol está bem enferrujado, mas "Besame Mucho" é uma canção muito sexy! Você prestou atenção na letra?

Julia se concentrou no chá e se esforçou ao máximo para não ficar ofegante. Ela sabia que estava prestes a mentir para Rachel e essa não era uma decisão fácil.

– A única coisa sobre a qual conversamos foi o fato de ele saber que eu sou virgem.

– Que babaca! Por que ele faz esse tipo de coisa? – Rachel balançou a cabeça. – Ah, mas ele vai me pagar. Ele tem umas fotos no quarto e eu vou...

– Não precisa se incomodar. É verdade. Por que eu deveria tentar esconder? – Julia mordeu o lábio. – Só não entendo como ele descobriu. Não é o tipo de coisa que eu costume mencionar numa conversa civilizada: *Boa tarde, professor Emerson. Meu nome é Srta. Mitchell e sou uma virgem de Selinsgrove, Pensilvânia. É um prazer conhecê-lo.*

Rachel gesticulou, descartando o comentário da amiga.

– Pense bem. Ele está sempre cercado de mulheres. Tenho certeza de que achou você diferente. Provavelmente era a única garota da boate, além de mim, que não parecia estar no cio.

Julia pareceu enojada, e com razão, mas não teceu nenhum comentário.

– Quando você saiu da pista de dança, parecia que tinha visto um fantasma. Como imagino que tenha ficado na noite em que viu Si...

– Por favor, Rachel. Não. Não consigo falar sobre aquela noite. Não posso nem pensar nela.

– Eu seria capaz de atropelá-lo pelo que *ele* fez com você. Talvez ainda faça isso. *Ele* ainda está morando na Filadélfia? Me dê o endereço.

– Por favor – implorou Julia, cruzando os braços, como se quisesse se proteger.

Rachel puxou a amiga para um abraço carinhoso.

– Não se preocupe. Você ainda vai ser feliz. Vai se apaixonar por um homem lindo e ele a amará tanto que o peito dele vai chegar a doer. Então vocês se casarão, terão uma filhinha e serão felizes para sempre. Na Nova Inglaterra, acho. Pelo menos a história que eu escreveria para você seria assim.

– Espero que sua história se torne realidade. Eu gostaria de acreditar que uma coisa dessas seja possível, até mesmo para mim. Senão, simplesmente não sei...

Rachel sorriu.

– Você, mais do que ninguém, merece um final feliz. Apesar de tudo o que aconteceu na sua vida, não é uma pessoa amarga. Não é fria. Só é reservada e um pouco tímida, o que não é problema nenhum. Se eu fosse uma fada madrinha, concederia seu maior desejo sem pensar duas vezes. Secaria suas lágrimas e lhe diria para não chorar mais. Eu gostaria que Gabriel tivesse se inspirado um pouco em você, Srta. Julia. Ele poderia ter aprendido uma coisinha ou outra sobre como lidar com um coração partido.

Rachel soltou a amiga, olhando com atenção para ela antes de voltar a falar.

– Sei que é pedir demais, mas será que você poderia cuidar de Gabriel para mim?

Julia se inclinou propositalmente sobre o bule de chá, enchendo de novo as xícaras, para que Rachel não visse seu rosto.

– A única coisa que Gabriel sente por mim é desprezo. Ele só está me tolerando por sua causa.

– Isso não é verdade. Acredite, não é. Eu vi como ele olha para você. Ele pode ser... frio. Mas, fora seus pais biológicos, duvido que Gabriel já tenha odiado alguém, além dele mesmo. Nem mesmo Scott durante a pior briga dos dois.

Julia deu de ombros.

– Não posso fazer nada.

– Não estou pedindo que faça, na verdade. Só fique de olho. E, se o vir... começando a

agir de forma estranha, ou se ele se meter em problemas, me ligue. A qualquer hora do dia ou da noite.

Julia assumiu uma expressão incrédula.

– Estou falando sério, Julia. Tenho medo de que, sem mamãe por perto, ele volte a se afundar na escuridão. E não posso perdê-lo novamente. Às vezes tenho a sensação de que ele está à beira de um precipício muito alto e que o menor movimento, a brisa mais fraca, pode fazê-lo cair. Não posso deixar que isso aconteça.

As sobrancelhas de Julia estavam arqueadas e ela assentiu.

– Vou fazer tudo que puder.

Rachel fechou os olhos e suspirou.

– Eu me sinto tão melhor sabendo que você está por perto. Você pode ser o anjo da guarda dele. – Ela riu baixinho. – Talvez um pouco da sua boa sorte acabe passando para Gabriel.

– Não tenho boa sorte, e você deveria saber disso melhor que ninguém.

– Você conheceu Paul. Ele parece legal.

Julia sorriu.

Rachel ficou feliz ao ver seu sorriso.

– Paul não me parece o tipo que se importaria com o fato de você ser... bem, *você sabe*. Não que haja algo de errado nisso.

Julia riu.

– Pode falar, Rachel, não é nenhum palavrão. E não, duvido que Paul fosse se importar com a minha virgindade. Mas não conversamos sobre esse tipo de coisa.

Poucos minutos depois, Rachel se despediu de Julia com um abraço e pegou um táxi para voltar ao apartamento do irmão.

– Quando eu finalmente acabar de resolver a pilha monumental de questões que ainda não resolvi, vou organizar um casamento. Espero que você seja minha madrinha.

Julia sentiu lágrimas surgirem nos cantos dos seus olhos.

– Claro. É só me dizer a data. E, se você precisar, também posso ajudá-la a organizar tudo.

Rachel mandou um beijo para ela pela janela do táxi.

– Estava com medo desta viagem, mas agora me sinto muito feliz por ter vindo. Pelo menos dois pedaços partidos da minha vida estão se juntando de novo. E, se Gabriel for escroto com você, em qualquer sentido, é só me ligar que eu pego um avião na mesma hora!

Depois que Rachel foi embora, Julia e Gabriel se viram forçados a abrir mão da sua confiável e fiel versão de Santa Luzia, a protetora de Dante. Mas, como uma verdadeira santa, ela havia realizado todas as suas missões antes de voltar para casa e plantara sementes que logo germinariam, de maneiras inesperadas.

CAPÍTULO ONZE

No fim da tarde de quinta, Julia e Paul estavam na Starbucks da Bloor Street, saboreando seus cafés e conversando, enroscados num sofá de veludo lilás. Estavam perto um do outro, mas não perto demais. Próximos o bastante para Paul admirar a beleza dela, mas distantes o suficiente para que Julia pudesse observar os olhos grandes e gentis dele sem se sentir muito nervosa. Ou sufocada.

– Você gosta de Nine Inch Nails? – perguntou ela, segurando o café com as duas mãos.

Paul se surpreendeu.

– Hum, não. Não gosto. – Ele deu de ombros. – Acho meio perturbador. Por quê? Você gosta?

Julia sentiu um calafrio.

– Detesto.

Ele tirou um CD de sua pasta e o entregou a ela.

– Gosto desse tipo de música. Algo que eu possa ouvir enquanto escrevo minha tese.

– Que grupo é esse? Hem. Nunca ouvi falar – comentou ela, virando a caixa do CD na mão.

– Eles têm uma música que eu acho que você vai gostar, "Half Acre". Talvez você já tenha ouvido, pois tocava no comercial de uma seguradora. E ninguém berra, grita ou lhe diz que quer fo... – Paul se interrompeu de repente e ficou vermelho. Vinha se esforçando bastante para controlar os palavrões perto dela, mas não estava dando muito certo.

Ela fez menção de lhe devolver o CD, mas ele se recusou a aceitá-lo.

– Comprei para você. O nome do álbum é *Rabbit Songs*. Canções de coelhos para uma Coelhinha.

– Obrigada, mas não posso aceitar.

Ele pareceu ofendido. E magoado.

– Por que não?

– Simplesmente não posso. Mas obrigada mesmo assim.

Paul olhou para a bolsa nova ao lado de Julia. Estreitou os olhos.

– Você aceitou uma bela bolsa de alguém. Presente de Natal adiantado de um namorado?

– Não tenho namorado – disse ela, constrangida. – A mãe da minha melhor amiga queria me dar essa bolsa. Ela faleceu recentemente.

– Sinto muito, Coelhinha. Eu não sabia.

Paul afagou a mão de Julia e colocou o CD no sofá, entre os dois. Percebeu que ela não

recuou. Em vez disso, usou a outra mão para vasculhar sua bolsa em busca do CD do professor Emerson e devolvê-lo a Paul, sem desentrelaçar seus dedos dos dele.

– O que posso fazer para convencê-la a aceitar meu presente? – Paul se virou para guardar o Mozart de Emerson na pasta, e Julia não podia ver seu rosto.

– Nada. Já ganhei presentes demais nos últimos dias. Tenho coisas de sobra.

Paul se empertigou e sorriu.

– Deixe-me tentar convencê-la, então. Você tem mãos tão pequeninas. Menores até que as da chuva. – Paul ergueu as mãos deles, unidas, em direção à luz das lâmpadas. A de Julia parecia minúscula encaixada na sua.

Julia o encarou, intrigada.

– Que bonito. Você inventou agora?

Paul recostou a cabeça no sofá e levou a mão dela para mais perto, correndo o polegar pela linha da vida em sua palma, quase como se tentasse ler sua mão com as pontas dos dedos.

– Não. Estou parafraseando o poema *nalgum lugar em que nunca estive*, de e. e. cummings. Nunca o ouviu?

– Não, mas gostaria. – Julia soou muito tímida de repente.

– Então eu o lerei para você algum dia. – Paul fitou seus olhos castanho-escuros com um sorriso esperançoso.

– Vou adorar.

– Não é Dante, mas é lindo. – O polegar dele encontrou o centro da sua linha da vida e o pressionou muito de leve. – Sempre me lembro de você quando leio esse poema. Você é o lugar em que eu nunca estive: a sua fragilidade e suas mãos pequeninas.

Julia se inclinou para a frente para esconder o rubor repentino em seu rosto e tomou um gole de café, mas permitiu que ele continuasse a acariciar a palma da sua mão com ternura. O movimento de levar o café aos lábios fez seu velho suéter roxo deslizar de cima dos seus ombros de forma um tanto provocante, revelando alguns centímetros da alça do sutiã de algodão branco e um pedaço curvilíneo de pele clara.

Paul imediatamente soltou a mão dela e puxou o suéter de volta, tapando a alça de aparência inocente. Ele desviou o olhar e manteve a mão no ombro dela, para que o suéter ficasse no lugar.

– Pronto – disse baixinho. – Melhor assim.

Então recuou depressa, como se não quisesse abusar da boa vontade de Julia, voltando a pousar os dedos sobre os dela, titubeante, ainda temeroso de que ela fosse recolher a mão a qualquer momento.

Julia observou, sem fôlego, o que ele estava fazendo, como se aquilo acontecesse em câmera lenta. Algo em sua atitude a comoveu. Era um gesto íntimo, porém muito inocente. Ele a *cobriu*. Cobriu a menor e mais inocente parte do seu corpo, escondendo-a

de olhos intrometidos e possivelmente devassos. Ao fazer isso, deixou claros seu respeito e sua consideração. Julia estava sendo reverenciada por Virgílio.

Aquele simples gesto, galante e cavalheiresco, abriu caminho para Paul entrar em seu coração. Não completamente, mas um pouquinho. Até o Vestíbulo, por assim dizer. Se a atitude dele fosse um reflexo do que havia em sua alma, então Julia acreditava que Paul não se importaria que ela fosse virgem; que, pelo contrário, quando descobrisse, aceitaria isso de um modo gentil.

Não iria ridicularizá-la ou expô-la. Manteria qualquer segredo dela apenas entre os dois. Não a trataria como um animal a ser violado. Não iria querer dividi-la com ninguém.

Então ela fez algo impensado: inclinou-se para a frente e o beijou, mas de forma tímida e inocente. O sangue não lhe subiu às faces, ela não sentiu arrepio nem a pele incendiar. Os lábios de Paul eram macios e ele reagiu com hesitação. Julia sentiu sua surpresa na maneira como ele cerrou rapidamente o maxilar. Paul ficou tenso. Sem dúvida chocado com a ousadia dela. Julia lamentou isso.

Lamentou também que aqueles não fossem os lábios de Gabriel. E que aquele beijo não fosse igual ao dele.

No instante seguinte, ela foi tomada por uma grande onda de tristeza e se amaldiçoou por ter provado tempos atrás algo que jamais voltaria a ter. No momento em que sentira aquele primeiro gosto, fora totalmente arruinada. Provar da maçã era saber, e agora ela sabia.

Julia recuou antes que Paul tivesse a chance de rejeitá-la, perguntando-se como tinha conseguido ser tão ousada. Imaginando o que ele acharia dela agora. *Acabei de dar um beijo de despedida no meu único amigo em Toronto*, pensou ela. *Que droga*.

– Coelhinha.

Paul lançou-lhe um olhar cheio de ternura e ergueu a mão para acariciar seu rosto com a ponta dos dedos. O toque dele não era como um choque, mas suave e tranquilizador. Até sua pele era gentil.

Ele a envolveu com os braços, puxando-a para junto do peito a fim de acariciar seus cabelos e sussurrar algo doce em seu ouvido... algo que pudesse tranquilizá-la... que pudesse apagar a mistura de confusão e dor que ele via em seu rosto. Seus sussurros foram interrompidos pela chegada de uma harpia de asas enormes, que usava saltos de dez centímetros, batom vermelho e carregava um copo de papel em cada mão.

– Ora, ora, que coisa mais aconchegante.

Uma voz fria e dura como aço interrompeu o momento de ternura do casal e, quando Julia ergueu a cabeça, deparou com os olhos castanhos severos de Christa Peterson.

Julia se empertigou e tentou se afastar de Paul, mas ele a segurou depressa.

– Christa – cumprimentou ele.

– Confraternizando com alunas do mestrado, Paul? Que democrático da sua parte – ironizou ela, ignorando Julia.

– Cuidado com o que diz, Christa. – O tom dele era de alerta. – Dois cafés hoje? Que exagero. Vai virar a noite? – perguntou Paul, apontando os copos que ela segurava.

– Você nem imagina – ronronou ela. – Um é para mim e o outro é para Gabriel, é claro. Oh, me desculpe. Não tinha visto que era você, Julianne. Imagino que para você ele ainda seja professor Emerson. – Christa cacarejava como uma galinha velha.

Julia levantou uma sobrancelha, mas resistiu à tentação de dar uma lição em Christa ou arrancar com um soco aquele sorriso esnobe da sua cara. Afinal, era uma dama. E gostava da sensação do braço de Paul em volta dos seus ombros, como se ele não quisesse tirá-lo dali. Pelo menos por enquanto.

– Você nunca o chamou de *Gabriel* na frente dele, Christa. Eu a desafio a fazer isso da próxima vez que o vir.

Christa o encarou com um olhar duro, furiosa. Depois sorriu.

– *Você me desafia*? Que engraçado. É assim que se fala em Vermont? Os fazendeiros falam assim uns com os outros quando estão catando estrume? Depois da nossa reunião, Gabriel e eu devemos ir ao Lobby tomar uns drinques. Ele gosta de passar lá depois do trabalho. Tenho certeza que vamos trocar mais do que, hum... *primeiros nomes* esta noite. – A língua de Christa despontou por entre os lábios e ela começou a lamber a curva de um deles com languidez.

Julia se empertigou.

– Ele vai levar você lá? – Paul soou incrédulo.

– Vai. Ah, se vai.

Julia teve ânsia de vômito, mas a conteve em silêncio. A ideia de Gabriel com aquela... *piranha* era extremamente nauseante. Até a garçonete do Lobby seria melhor para ele do que Christa.

– Você não faz o tipo dele – murmurou Julia.

– O que você disse?

Ela encarou os olhos apertados e desconfiados de Christa e considerou suas opções por breves segundos. Então decidiu que a cautela era a melhor forma de coragem.

– *Não acredite no que dizem sobre ele*.

– Ele quem?

– O Lobby. Não é grande coisa.

Christa lançou um sorriso gélido para Julia.

– Como se o segurança fosse deixar você entrar. O Lobby é um clube exclusivo.

Christa olhou Julia da cabeça aos pés, como se ela fosse um animal de segunda categoria. Como se fosse um pônei velho e meio cego num minizoológico. De repente, Julia se sentiu muito constrangida e feia. Lágrimas arderam em seus olhos, mas ela as

conteve com bravura.

Paul percebeu claramente o que a Srta. Peterson estava fazendo ao analisar Julia e desdenhá-la. Sentiu Julia estremecer ao ver Christa afiar as garras como uma gata. Então, a contragosto, soltou os ombros dela e deslizou até a beira do sofá, flexionando os braços.

Não me obrigue a levantar, vadia, pensou.

– Por que eles não deixariam Julia entrar, Christa? Só aceitam acompanhantes profissionais?

Christa ficou muito vermelha.

– O que você sabe sobre isso, Paul? É praticamente um monge! Ou talvez seja isso o que os monges fazem... pagam pelo serviço. – Ela lançou um olhar expressivo para a nova e cara bolsa de Julia.

– Christa, ou você cala a boca agora mesmo, ou vou me levantar. E, se isso acontecer, todo o meu cavalheirismo vai para o espaço.

Paul a fuzilou com o olhar e teve que se lembrar de que não deveria bater em uma mulher. E, no fundo, Christa era uma mulher, não uma porca anoréxica no cio. Paul jamais teria comparado Christa a uma vaca, pois considerava as vacas criaturas muito nobres (principalmente as da raça Holstein).

– Não precisa ficar nervosinho – retrucou ela, irritada. – Tenho certeza de que não faltam motivos. Talvez o Lobby não a deixe entrar por uma questão de QI. Pelo que Gabriel diz, você não é muito brilhante, Julianne.

Christa sorriu, triunfante, e Julia baixou a cabeça, sentindo-se muito pequena. Paul ficou de pé. Não bateria em Christa; apenas a faria calar a boca. E talvez a arrastasse até a saída ou algo asism. Não precisava ter se dado o trabalho.

– Ah, é mesmo? E o que mais *Gabriel* diz?

Os três viraram a cabeça devagar e depararam com os olhos azuis do especialista em Dante, que havia se aproximado silenciosamente do grupo. Nenhum deles sabia o que exatamente o professor tinha ouvido ou quanto tempo fazia que estava parado ali. Mas os olhos deles faiscavam e Julia sentia sua raiva irradiar na direção de Christa, assomando como uma nuvem. Mas, por sorte, não em cima dela. Não dessa vez.

Formigam-me os dedos da mão, algo maligno vem em nossa direção, pensou Paul.

– Paul. – Gabriel meneou a cabeça com frieza, seus olhos saltando para o espaço perceptível entre Julianne e seu assistente.

Papa-anjo. Isso mesmo, pode ir tirando as mãos de cima dela, seu merda.

– Srta. Mitchell, que prazer revê-la – disse Gabriel, abrindo um sorriso um tanto forçado. – *Notável*, como sempre.

Sim, anjo de olhos castanhos, ouvi o que ela disse para você. Não se preocupe, vou lhe dar uma lição.

– Srta. Peterson. – A voz de Gabriel ficou fria e ele fez um gesto para que ela o seguisse, como se chamasse um cachorro.

Você olhou para Julianne como se ela fosse lixo. Vou garantir que nunca mais faça isso.

Julia o observou recusar o café que Christa havia comprado e caminhar até o balcão para pedir outra coisa. Viu também os ombros de Christa tremerem de raiva.

Paul se virou para Julia e suspirou.

– Bem, onde nós estávamos?

Ela respirou fundo e precisou de um minuto para se concentrar antes de fazer o que tinha que ser feito.

– Eu não deveria ter beijado você. Lamento. – Julia baixou os olhos para a bolsa de couro, muito constrangida.

– Eu não lamento. Só lamento que você lamente. – Paul aproximou seu rosto do dela e sorriu. – Mas tudo bem. Não estou chateado.

– Não sei o que me deu. Não é do meu feitio... sair beijando as pessoas assim.

– Mas eu não sou *qualquer pessoa*, sou? – Ele a encarou com uma expressão inquisitiva. – Há muito tempo que quero beijar você. Acho que desde aquela primeira aula. Mas teria sido cedo demais.

Paul tentou convencer Julia a encará-lo, mas ela desviou o olhar. Virou-se para duas pessoas que discutiam em outra mesa. Suspirou.

– Julia, nada precisa mudar por causa desse beijo. Pense nele como um momento de carinho entre dois amigos. Não precisa acontecer de novo, a menos que você queira. – Ele estudou o rosto dela, preocupado. – Seria melhor assim? Se deixássemos as coisas como estão?

Ela assentiu e se encolheu.

– Desculpe, Paul. Você tem sido muito legal comigo.

– Você não me deve nada. Não estou pedindo nada em troca. Sou legal com você porque quero. Foi por isso que lhe comprei esse CD. É por isso que aquele poema me faz pensar em você. Você me inspira. – Paul se aproximou para sussurrar em seu ouvido, ciente de que, de repente, um par de olhos cor de safira se focava nele. – Por favor, não se sinta obrigada a fazer nada que não queira. Serei seu amigo aconteça o que acontecer. – Ele fez uma pausa. – Foi um beijo entre amigos. Mas, daqui em diante, podemos nos limitar aos abraços, se você preferir. E se um dia quiser algo mais...

– Não estou pronta – disse ela, de certa forma surpresa por ter encontrado tão rapidamente palavras honestas.

– Eu sei. Foi por isso que não retribuí o beijo direito, por mais que quisesse. Mas foi gostoso. Obrigado. Sei que não deixa qualquer um se aproximar de você, que é cautelosa quanto a isso. Fico honrado por ter me beijado.

Ele afagou a mão de Julia e sorriu novamente. Ela abriu a boca para dizer algo, mas ele começou a falar antes:

– Eu seria capaz de quebrar o pescoço de Christa pelo que ela disse. Não vou nem me dar o trabalho de falar com ela da próxima vez.

Ele lançou um olhar para a mesa do professor, notando, com algum alívio, que os furiosos olhos cor de safira agora se achavam concentrados em Christa, que estava cabisbaixa e à beira das lágrimas.

Julia deu de ombros.

– Não me importo.

– Eu me importo. Vi como ela olhou para você. E senti sua reação: você se encolheu. Caramba, Julia, você se *encolheu*. Por que não a mandou para o inferno?

– Não faço esse tipo de coisa se puder evitar. Tento não me rebaixar ao nível dela. Às vezes fico tão... surpresa que alguém esteja sendo cruel comigo que não consigo pensar. Fico sem ação.

– As pessoas são... cruéis com você? – Paul começou a ficar com raiva.

– Às vezes.

– Emerson? – perguntou ele, num sussurro.

– Ele está melhorando. Você viu como ele agiu agora mesmo. Foi legal comigo.

Paul assentiu com relutância. *Emerson, babaca*.

Julia mexeu as mãos, nervosa.

– Não quero parecer... como São Francisco de Assis nem nada assim, mas qualquer um pode gritar palavrões. Por que eu deveria ser como ela? Por que não pensar que às vezes, só às vezes, o mal pode ser vencido com o silêncio? E deixar que as pessoas ouçam quanto são odiosas com seus próprios ouvidos, sem nenhuma distração. Talvez, às vezes, a bondade baste para expor o mal como ele realmente é. Em vez de tentarmos impedi-lo fazendo mais mal ainda. Não que eu seja boa. Não acho que seja. – Ela se deteve e olhou para Paul. – Não estou falando coisa com coisa.

Ele se limitou a sorrir.

– É claro que está. Discutimos isso no meu curso sobre Santo Tomás de Aquino: o mal é sua própria punição. Olhe para Christa. Você acha que ela é feliz? Como poderia ser, agindo dessa forma? Algumas pessoas são tão egocêntricas e iludidas que nem todos os gritos do mundo seriam capazes de convencê-las de seus próprios defeitos.

– Ou reavivar suas próprias memórias – murmurou Julia, lançando um olhar para a outra mesa e balançando a cabeça.

◆◆◆

No dia seguinte, ela estava no Departamento de Estudos Italianos, conferindo a correspondência em seu escaninho antes da aula. Ouvia o CD que Paul lhe dera, que por

fim havia aceitado e transferido para o iPod. Ele estava certo: Julia tinha se apaixonado imediatamente pelo disco. E descobrira que era muito melhor escrever sua proposta de dissertação ao som dele do que de Mozart. *Lacrimosa* era deprimente demais.

Depois de encontrar o escaninho vazio por alguns dias, finalmente recebeu correspondências. Três, na verdade.

A primeira era um anúncio da nova data da palestra do professor Emerson, "*Luxúria no Inferno de Dante: O pecado mortal contra o ego"*. Julia anotou a nova data e planejou perguntar a Paul se ele gostaria de acompanhá-la.

A segunda era um pequeno envelope cor de creme. Ela o abriu e ficou surpresa ao encontrar um vale-presente da Starbucks. Tinha sido personalizado, percebeu Julia, e a imagem no cartão era uma lâmpada grande. O texto impresso dizia: *Você é brilhante, Julianne*.

Julia virou o cartão e viu que o valor era de 100 dólares. *Cacete! Isso é café à beça*. Era óbvio quem o havia mandado e por quê. Mesmo assim, ela ficou muito surpresa. Até pegar a terceira correspondência.

Era um envelope longo e liso, que ela se apressou em abrir. A direção do Departamento de Estudos Italianos lhe dava os parabéns por ter recebido uma bolsa de estudos complementar. Ela parou de ler quando chegou ao valor: cinco mil dólares por semestre, a serem acrescentados à bolsa que já recebia.

Ó deuses dos estudantes pobres que moram em tocas de Hobbit minúsculas que não servem nem para um cachorro, obrigada, obrigada, obrigada.

– Julianne, você está bem? – A voz da Sra. Jenkins, reconfortante e gentil, soprou como uma brisa pelo seu corpo em estado de choque.

Ela foi cambaleando até a mesa da Sra. Jenkins e lhe entregou, sem palavras, a carta de concessão.

– Ah, sim, eu já sabia. – Ela abriu um sorriso afetuoso. – Impressionante, não é? Essas bolsas complementares são muito raras. Na segunda-feira pela manhã recebemos um telefonema dizendo que uma fundação havia doado milhares de dólares para esse fim.

Julia assentiu, ainda chocada.

A Sra. Jenkins baixou os olhos para a carta.

– Fico me perguntando quem será ele.

– Ele quem?

– A pessoa que dá nome à bolsa.

– Não li até o fim.

A Srta. Jenkins ergueu a carta e apontou para um trecho impresso em negrito.

– Diz aqui que você recebeu a Bolsa *M. P. Emerson*. Estava me perguntando quem poderia ser esse tal de M. P. Emerson. Seria parente do professor? Se bem que *Emerson* é um nome bastante comum. Deve ser só coincidência.

CAPÍTULO DOZE

O professor Emerson viu uma luz por baixo da porta da sua sala na biblioteca, mas, como Paul havia colado uma folha de papel pardo sobre a pequena janela que havia na porta, não pôde olhar para dentro. Ficou surpreso por encontrar seu assistente trabalhando até tão tarde numa noite de quinta-feira. Eram dez e meia e a biblioteca fecharia em meia hora.

Pegou suas chaves no bolso e abriu a porta sem bater. Ficou completamente desconcertado com o que viu dentro da sala. A Srta. Mitchell estava enroscada, numa cadeira, com a cabeça pousada sobre os braços elegantemente dobrados em cima da mesa. Seus olhos estavam fechados e a boca, entreaberta, mas não exatamente sorridente. Tinha as faces avermelhadas pelo sono e seu peito subia e descia devagar, de forma tranquila, como as ondas do mar numa praia silenciosa. Ele ficou parado diante da porta, em transe, pensando que seu ressonar sozinho daria um excelente CD de relaxamento. Podia se imaginar dormindo ao som dele.

O laptop dela estava aberto e Gabriel viu o protetor de tela – um *slide show* de ilustrações feitas à mão do que parecia ser uma história infantil, algo com animais, incluindo um coelho branco de aparência engraçada, com orelhas longas que lhe caíam até os pés. Havia música no ar e Gabriel notou que o som saía do seu computador. Ele viu um CD com um coelho na capa. Começou a se perguntar por que a Srta. Mitchell era tão obcecada por coelhos.

Será que ela tem um fetiche pela Páscoa? Gabriel estava no meio de uma reflexão muito complexa sobre como seria tal fetiche quando finalmente voltou a si. Entrou na sala às pressas e fechou a porta, tomando o cuidado de trancá-la. Não seria nada bom se os dois fossem flagrados juntos daquele jeito.

Observou sua figura serena, sem querer incomodá-la ou interromper o que parecia ser um sonho muito agradável. Agora ela estava sorrindo. Ele localizou o livro que tinha ido pegar e se preparou para deixá-la em paz, mas então seus olhos repararam num pequeno caderno de anotações que estava quase ao alcance dos dedos dela.

Nele estava escrito *Gabriel. Meu Gabriel.*

A visão de seu nome escrito várias vezes, de forma amorosa porém aleatória, no caderno dela o atraiu como um suave canto de sereia e fez um arrepio percorrer sua espinha. Ele ficou petrificado por alguns instantes, com a mão no ar.

É claro que havia a possibilidade de aquele ser outro Gabriel. Parecia incrível demais que ela escrevesse seu nome e o chamasse de seu.

Ao olhar para ela, Gabriel teve certeza de que, se ficasse ali, tudo iria mudar. Sabia

que, se a tocasse, não conseguiria resistir ao impulso – inegável, primitivo – de tomar a bela e pura Srta. Mitchell para si. Ela estava ali, esperando por ele, chamando seu nome, o perfume de baunilha intenso naquele espaço pequeno e quente demais.

Meu Gabriel. Ele imaginou a voz dela deslizando pelo seu nome como a língua de um amante na pele... Sua mente viajava à velocidade da luz enquanto ele se imaginava puxando-a para os seus braços. Beijando-a, abraçando-a. Sentando-a em cima da mesa e pressionando o corpo entre os seus joelhos, as mãos dela puxando seus cabelos, seu suéter, sua blusa, desfazendo o nó de sua gravata-borboleta e atirando-a no chão.

Os dedos dele explorariam seu cabelo cacheado e traçariam linhas carinhosas ao longo do seu pescoço, fazendo cada pedaço de pele, cada poro explodir em tons de vermelho. Ele esfregaria o nariz em seu rosto, sua orelha, seu pescoço perfeito, cor de leite. Sentiria sua pulsação latejante e seria estranhamente apaziguado pelo ritmo, conectado aos batimentos do seu coração, sobretudo quando ele começasse a acelerar ao seu toque. Será que, quando estivessem bem próximos, seus corações bateriam em sincronia? Ou isso era apenas o capricho de um poeta?

A princípio, ela se mostraria tímida. Mas ele insistiria, sem perder a gentileza, sussurrando palavras docemente sedutoras em meio aos seus cabelos. Diria tudo o que Julia quisesse ouvir e ela acreditaria. As mãos dele desceriam lentamente de seus ombros em direção às suas lindas e inocentes curvas e Gabriel ficaria maravilhado ao notar sua receptividade à medida que ela desabrochasse sob o seu toque.

Pois nenhum homem a havia tocado daquela forma antes. A seu tempo, ela também ficaria ardorosa e suscetível. Ah, muito suscetível. Eles se beijariam e seria como um choque elétrico – intenso e explosivo. Suas línguas se entrelaçariam, iniciando uma dança desesperada, como se nunca tivessem beijado antes.

Ela estaria vestindo roupas demais. Ele a incitaria a tirá-las e daria beijos suaves em cada centímetro de sua pele perfeita como porcelana. Especialmente em seu lindo pescoço, com suas veias azuladas. Ela enrubesceria como Eva, mas ele afastaria seu nervosismo com beijos. Logo estaria nua e aberta diante de Gabriel, pensando apenas nele e em sua admiração embevecida, e não na sensação do ar frio da sala contra sua carne pálida e rosada.

Ele a louvaria com juras e odes e murmuraria apelidos carinhosos em seu ouvido, mas eles não a deixariam envergonhada. *Meu amor, meu doce, querida, minha adorada...* Faria com que ela acreditasse em sua adoração, e essa crença não estaria de todo equivocada.

Por fim, as provocações e carícias fugiriam ao controle, então ele a deitaria de costas com cuidado, segurando sua nuca. Manteria a mão ali até o fim, por medo de machucá-la. Não iria querer que sua cabeça ficasse batendo contra a mesa.

Ele não era um amante cruel. Não seria bruto ou indiferente. Seria erótico e passional,

mas também carinhoso. Pois sabia da condição dela. E gostaria que, em sua primeira vez, tivesse tanto prazer quanto ele. Mas a queria com as pernas abertas debaixo do seu corpo, ofegante e convidativa, de olhos arregalados, sem piscar, incendiados de desejo.

Sua outra mão se estenderia pela base das suas costas, aquele pedaço delicioso e arqueado de pele, e ele olharia dentro dos seus olhos grandes e úmidos enquanto ela ofegava e gemia. Ele a faria gemer. Só ele.

Ela morderia os lábios, os olhos semicerrados, quando Gabriel deslizasse para dentro dela, sussurrando para ela *relaxar* e se entregar a ele. Naquela primeira vez, seria mais fácil para ela assim. Ele iria com calma, sem pressa. Aos poucos, sem violência. Chegaria a parar, talvez?

Seu belo e perfeito anjo de olhos castanhos... O peito dela subindo e descendo depressa, a vermelhidão em suas faces se espalhando por todo o corpo. Ela seria como uma rosa diante dos seus olhos e desabrocharia debaixo dele. Pois ele seria gentil e ela se abriria. Gabriel ficaria observando, em transe, quase como se a cena se desenrolasse em câmera lenta... visão, olfato, audição, paladar, tato... à medida que ela deixava de ser uma donzela para se tornar uma dama, o hímen rompido, tudo por causa dele. Tudo por causa dele.

Hímen? Haveria sangue. Pois o pecado sempre é pago com sangue. E com uma pequena morte.

O coração de Gabriel parou por uma fração de segundo. Depois voltou a esmurrar seu peito duas vezes mais rápido quando uma nova certeza o invadiu. Uma poesia metafísica, da sua época de estudante no Magdalen College, havia muito tempo esquecida, veio aos seus lábios. Naquele instante, pôde ver com muita clareza que ele, o professor Gabriel O. Emerson, aspirante a sedutor da adorável e inocente Julianne, era uma pulga.

As palavras de John Donne ecoaram em seus ouvidos:

Repara nesta pulga e apreende bem
Quão pouco é o que me negas com desdém.
Ela sugou-me a mim e a ti depois,
Mesclando assim o sangue de nós dois.
E é certo que ninguém a isto alude
Como pecado ou perda de virtude.
Mas ela goza sem ter cortejado
E incha de um sangue em dois revigorado:
É mais do que teríamos logrado.

Gabriel sabia por que seu subconsciente havia escolhido aquele momento para impingir

a ele a poesia de John Donne: ela era um argumento em defesa da sedução. Donne se dirigia a sua possível amante, uma virgem, e argumentava que a perda da sua virgindade era tão sem importância quanto esmagar uma pulga. Ela deveria se entregar a ele depressa, sem pensar duas vezes. Sem hesitação nem arrependimento.

Assim que essas palavras lhe ocorreram, Gabriel teve certeza de que eram perfeitas para ele. Perfeitas para o que pretendia fazer com ela. Perfeitas para se autojustificar.

Provar. Tomar. Sorver. Pecar. Sugar. Abandonar.

Ela era pura. Ela era inocente. Ele a desejava.

Facilis descensus Averni.

Mas não seria ele que a faria sangrar. Nunca mais, pelo resto da sua vida, faria outra garota sangrar. Todos os pensamentos sobre sedução e sobre trepar louca e apaixonadamente em cima de mesas e cadeiras, entre paredes, estantes de livros e janelas, desapareceram no mesmo instante. Ele não iria possuí-la. Não iria marcá-la e tomar para si algo sobre o qual não tinha direito.

Gabriel Emerson era um pecador contumaz, que nunca se arrependia por completo. Sabia que era a luxúria que regia seu interesse pelo sexo frágil e por seu próprio prazer. Essa sede nunca deu lugar a algo mais, a algo que se parecesse com amor. Ainda assim, apesar dessa e de outras fraquezas morais, apesar de sua constante incapacidade de resistir à tentação, ainda restava a Gabriel um último princípio. Uma linha que ele jamais cruzaria.

O professor Emerson não seduzia virgens. Jamais tirava a virgindade de uma mulher, mesmo que fosse oferecida espontaneamente. Ele não saciava sua sede com inocência. Alimentava-se apenas daquelas que já haviam provado a fruta e queriam mais. Ele não violaria seu último princípio moral por uma ou duas horas de prazer com uma encantadora aluna em sua sala na biblioteca. Até um anjo caído tem seus princípios.

Gabriel deixaria a virtude dela intacta. Iria deixá-la como a encontrou, um ruborizado anjo de olhos castanhos, cercada de coelhos, enroscada como uma gata em sua pequena cadeira. Ela poderia dormir sem que a incomodassem, beijassem, tocassem ou molestassem. A mão dele se fechou sobre a maçaneta e, quando estava prestes a destrancar a porta, ouviu barulho de movimento atrás de si.

Ele suspirou e baixou a cabeça. Não havia imaginado uma noite de prazer com ela por ódio, mas sim por amor – por conta da bondade pela qual ansiava e desejava que tivesse feito parte de sua vida. E talvez por amor à lembrança de quem tinha sido, antes de todos os pecados e vícios fincarem raízes e crescerem, como ramos espinhosos e retorcidos, sufocando suas virtudes. Gabriel tirou a mão da maçaneta e respirou fundo. Endireitou os ombros e fechou os olhos, perguntando-se o que poderia dizer a ela.

Ele se virou devagar e viu a Srta. Mitchell gemer baixinho e se espreguiçar. Ela pestanejou e abafou um bocejo com as costas da mão.

Seus olhos se arregalaram ao ver o professor Emerson parado diante da porta. Espantada, deu um gritinho e se levantou da cadeira com um salto, colocando-se contra a parede. Encolheu-se, confusa, o que quase partiu o coração de Gabriel. (O que pelo menos teria provado que ele tem um coração.)

– Shh. Julianne, sou eu.

Ele ergueu as mãos, num gesto de rendição, e tentou desarmá-la com um sorriso.

Julia ficou chocada. Momentos antes, estava sonhando acordada com Gabriel. E agora lá estava ele. Ela esfregou os olhos. Ele continuava ali, encarando-a. Julia beliscou o próprio braço. Ele continuava ali.

Puta merda. Ele me pegou.

– Sou eu, Julianne. Você está bem?

Ela piscou rapidamente e voltou a esfregar os olhos.

– Eu... não sei.

– Há quanto tempo está aqui?

– Hum... não sei. – Ela estava ao mesmo tempo tentando despertar e se lembrar de tudo.

– Paul está com você?

– Não.

De certa forma, Gabriel ficou aliviado.

– Como entrou aqui? Esta é a minha sala.

Julia lançou um olhar para ele, estudando sua reação. *Estou ferrada. E Paul também. Agora Emerson vai expulsá-lo do programa.*

Ela deu um passo rápido à frente, derrubando a cadeira e uma pilha de livros. Um monte de folhas de caderno soltas voou pelos ares no meio da confusão e começou a cair ao redor dela como flocos de neve gigantes e listrados. Gabriel achou que ela parecia um anjo num globo de neve de uma criança, com toda aquela brancura flutuando ao seu redor.

Linda, pensou.

Ela começou a catar o que havia derrubado, tentando reorganizar tudo. Pedia desculpas sem parar, como se rezasse um rosário, murmurando algo sobre ter pegado emprestada a chave de Paul. Ela sentia muito. Muito mesmo.

Com um só passo, Gabriel estava ao seu lado, pousando a mão no ombro dela de forma gentil porém firme.

– Está tudo bem. Você é bem-vinda aqui. Calma.

Julia fechou os olhos e obrigou a si mesma e ao seu coração a desacelerarem. Foi muito difícil. Estava morrendo de medo de que ele perdesse a paciência e expulsasse Paul de sua preciosa sala. Para sempre.

Gabriel respirou fundo e os olhos dela se arregalaram, vidrados na mão dele em seu

ombro.

Gabriel aproximou a cabeça do seu rosto e baixou os olhos para ela.

– Julianne? Você ficou pálida. Está se sentindo bem?

Ele não sabia o que fazer. Por que ela estava agindo de forma tão estranha? Talvez estivesse fraca de fome ou por causa do sono. A sala estava muito quente. Ela havia deixado o aquecedor ligado. Gabriel a segurou antes de ela desmaiar, agarrando-a com força e puxando-a para o seu peito. Ela ainda não estava inconsciente.

– Julianne?

Ele afastou os cabelos dos olhos dela e acariciou seu rosto.

Julia murmurou algo e Gabriel notou que ela não havia desmaiado, mas se apoiava nele como se não tivesse forças para se levantar. Ele continuou a segurá-la para que ela não caísse sobre a cadeira virada no chão.

– Você está bem?

Ele começou a se mexer para fazer com que ela se sentasse, mas Julia se agarrou a ele, enlaçando seu pescoço com os braços sem nenhuma hesitação. Gabriel gostou de sentir o corpo dela pressionado contra o dele, então a abraçou com força, abaixando-se de um jeito um tanto furtivo para sentir o cheiro de seus cabelos. *Baunilha*. O corpo miúdo dela se encaixava perfeitamente no seu, como se suas formas se complementassem. Era espantoso.

– O que aconteceu? – balbuciou ela contra o suéter de Gabriel, que era de um verde chamativo, escolhido de forma consciente para contrastar com o azul dos seus olhos.

– Não sei. Talvez tenha ficado tonta por ter se levantado tão depressa. E está quente aqui dentro.

Ela abriu um sorriso fraco, que derreteu o coração dele.

Julia queria desesperadamente beijá-lo. Ele estava tão perto. Cinco centímetros e aqueles lábios seriam dela... novamente. E os olhos de Gabriel estavam carinhosos e cheios de ternura... e ele estava sendo gentil...

Gabriel se afastou por alguns instantes, testando para ver se ela iria cair. Quando percebeu que Julia continuava de pé, ele a apoiou com cuidado na mesa e levantou a cadeira. Então recuou até a porta da sala e ajeitou a gravata.

– Não me importo nem um pouco que você use a sala. Só fiquei surpreso ao encontrá-la aqui. Na verdade, fico feliz que Paul tenha sugerido a você que a usasse. Não tem problema. – Ele sorriu para acalmá-la, observando-a segurar a superfície da mesa para se apoiar. – Estava procurando um livro que Paul pegou emprestado. – Ele ergueu o livro e voltou a olhar para Julia.

Movendo-se devagar, com cuidado, ela se levantou e começou a empilhar os livros sobre a mesa e a pegar as folhas que tinham caído no chão.

– Você iria encontrar Paul hoje à noite?

– Ele foi a uma conferência em Princeton. Vai apresentar um trabalho amanhã.

Julia o encarou, cautelosa, e, ao ver que a cabeça dele estava inclinada e que ele ainda sorria, relaxou. Um pouco.

– Princeton. Claro. Tinha esquecido. Bonita bolsa. – Gabriel abriu um sorriso calculado para ela, gesticulando para a bolsa apoiada na parede.

Julia ficou vermelha, esforçando-se ao máximo para não revelar que sabia a verdade.

– Mas parece que tem alguma coisa viva dentro dela. Estou vendo um par de orelhas saindo de um dos compartimentos.

Ela se virou. Gabriel tinha razão. Dava para ver duas orelhas marrons despontando de dentro da bolsa, quase como se ela tivesse contrabandeado um bicho de estimação para a biblioteca. Julia ficou mais vermelha ainda.

– Posso? – perguntou ele, apontando a bolsa, mas sem se mover antes de receber sua permissão.

Hesitante, Julia pegou o bichinho de pelúcia e o entregou para ele, mordendo os lábios de vergonha.

A Srta. Mitchell obviamente tem um fetiche por coelhos.

Gabriel segurou o coelho de pelúcia entre o polegar e o indicador, estudando-o com curiosidade, como se não soubesse do que se tratava. Ou como se, num acesso de fúria, o bichinho fosse imitar o famoso coelho do filme *Monty Python em busca do cálice sagrado* e voar sobre a sua jugular. Gabriel levou a mão ao pescoço, como se quisesse se proteger, e resistiu à tentação repentina de dizer *Ni*.

O coelho de pelúcia era marrom e macio, feito de veludo ou algum material parecido. Tinha orelhas compridas, membros curtos e bigodes muito simpáticos. Ficava de pé com facilidade. Estranhamente, lhe pareceu familiar. Algo que Grace poderia ter tido e amado. Algo que poderia ter feito parte de uma infância que ele nunca teve.

Em volta do seu pescoço, alguém havia amarrado um laço muito malfeito com uma fita cor-de-rosa. Gabriel analisou o laço e concluiu que tinha sido feito por alguém com uma leve deficiência (com todo o respeito) ou de mãos muito grandes, sem as habilidades motoras refinadas de alguém que fosse bom em atividades manuais (como ele próprio). Havia também um cartão.

Sem querer constrangê-la ainda mais, ele sorriu e lançou um breve olhar para o cartão, tentando ter um vislumbre da mensagem.

C,
Alguém para lhe fazer companhia enquanto eu estiver viajando.
Nos vemos quando eu voltar.
Seu
Paul.

O Papa-anjo ataca novamente, pensou Gabriel, irritado.

Ele entregou o coelho de volta para Julia.

– É... hum... uma graça.

– Obrigada.

– Mas quem é *C*?

Julia se virou de costas para guardar o último presente de Paul na bolsa, tomando muito cuidado para não prender as orelhas do coelho no zíper.

– É um apelido meu.

– Mas por que essa letra? Por que não algo que comece com B, por exemplo?

Julia fechou a cara para ele. *Como o quê? Boba? Burra? Babaca? Besta?*

– *Bela* – disse Gabriel. Então ficou vermelho, pois a palavra lhe escapara sem querer. – Você ficou horas dormindo aqui, com um CD que se chama *Rabbit Songs* e um coelhinho de pelúcia como companhia? Não sabia que gostava tanto de coelhos.

Julia pareceu ficar constrangida.

– Você tem bom gosto para música.

– Obrigada.

Ela se apressou em desligar seu velho laptop e o guardou com cuidado na bolsa, junto com o CD.

– A biblioteca vai fechar daqui a pouco. O que seria de você se eu não tivesse aparecido?

Ela olhou ao redor, um pouco confusa.

– Não sei.

– Se ninguém notasse a luz acesa quando conferisse este andar, você poderia ter ficado presa aqui a noite inteira. Sem nada para comer. – Ele deixou escapar um sorriso diante dessa ideia. – O que vai fazer para evitar que isso não volte a acontecer?

Ela olhou rapidamente à sua volta.

– Programar o despertador de Paul?

Ele assentiu como se estivesse satisfeito com a resposta. Mas não estava.

– Está com fome?

– É melhor eu ir, professor. Lamento ter invadido seu espaço pessoal.

Se ao menos você soubesse como suas palavras são verdadeiras, Julianne.

– Srta. Mitchell, pare. – Ele deu um passo à frente enquanto ela pegava a bolsa nova com uma das mãos e limpava a mesa com a outra. – Você já jantou?

– Não.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram como duas nuvens carregadas.

– A que horas almoçou?

– Meio-dia.

Ele fez uma careta.

– Isso faz quase onze horas. O que comeu?

– Um cachorro-quente da carrocinha em frente à biblioteca.

Gabriel praguejou.

– Não pode viver à base dessas porcarias. E eu *nunca* comeria carne na rua. Você prometeu que me avisaria se estivesse passando fome e hoje desmaiou nos meus braços. – Ele olhou para o seu Rolex Day-Date de ouro branco. – Está muito tarde para levá-la para comer carne. O Harbour Sixty já fechou. Por que não janta comigo em outro lugar? Estava trabalhando até agora na minha palestra e também não comi nada.

Julia o encarou.

– Tem certeza?

A expressão de Gabriel ficou carregada.

– Srta. Mitchell, não sou do tipo que faz convites à toa. Se a convidei para jantar, tenho certeza. Então, aceita ou não?

– Muito obrigada, mas não estou vestida para jantar fora. – A voz dela parecia cetim sobre aço.

Julia ergueu uma sobrancelha para ele. Havia superado o susto inicial de ter sido pega na sala de Gabriel e agora estava totalmente desperta e irritada com o tom de voz dele.

Os olhos de Gabriel a percorreram lentamente, detendo-se para observar seus belos contornos e parando por um bom tempo em seus tênis. Detestava ver mulheres de tênis, pois achava um desperdício. Ele pigarreou.

– Você está ótima assim. A cor da sua blusa ressalta o tom rosado da sua pele e as manchas caramelo dos seus olhos. Está muito bonita, na verdade. – Gabriel sorriu para ela com um pouco mais de ternura do que devia e desviou o olhar.

Tenho manchas caramelo *nos olhos? Desde quando? E quando foi que ele olhou por tempo suficiente para notar?*

– Costumo ir a um lugar perto do meu apartamento durante a semana, especialmente quando está tarde. Eu pago o jantar e nós podemos conversar sobre sua proposta de dissertação. Informalmente, é claro. O que acha?

– Obrigada, professor.

Houve uma rápida troca de olhares e ambos abriram sorrisos carinhosos e hesitantes.

Gabriel esperou pacientemente que ela arrumasse tudo antes de abrir passagem e acenar em direção ao corredor.

– Primeiro as damas.

Julia agradeceu e, quando passou, ele estendeu a mão e pegou a alça da bolsa, tocando de leve um de seus dedos. Ela recuou por instinto e deixou a bolsa cair.

Por sorte, ele a segurou.

– É uma excelente bolsa. Eu gostaria de carregá-la um pouco. Se não se importa. – Gabriel sorriu para ela, que voltou a ficar vermelha.

– Obrigada – balbuciou Julia. – Gostei mesmo dela. É perfeita.

Gabriel não tentou puxar conversa até eles chegarem ao restaurante, que se chamava Caffé Vollo e ficava na Yonge Street. Era um restaurante modesto, porém aconchegante, que oferecia talvez a melhor e mais extensa carta de cervejas de Toronto. Também contava com um excelente chef italiano, por isso tinha a melhor cozinha do bairro no que dizia respeito a comida italiana simples. O restaurante em si era pequeno, com apenas dez mesas, complementadas durante o verão por um terraço. A decoração era rústica e incluía algumas antiguidades, como bancos de igreja reformados e antigas mesas de fazenda. Julia achou o ambiente um pouco parecido com uma adega alemã, como o restaurante Vinum, ao qual ela havia ido com amigos quando estivera em Frankfurt.

Gabriel gostava dali porque eles serviam sua cerveja trapista favorita, a Chimay Première, que ele gostava de beber acompanhada de uma pizza napolitana. (Como sempre, não aceitava a mediocridade.) Como Gabriel era um cliente assíduo e bastante exigente, lhe foi oferecido o melhor lugar da casa, uma discreta mesa para dois num cantinho perto da grande janela panorâmica, com vista para a loucura que era a Yonge Street à noite.

Travestis, universitários, membros de fraternidades, policiais, casais felizes, tanto gays quanto héteros, celebridades se misturando ao povão, yuppies passeando com seus animais de estimação pretensiosos, ecoativistas, moradores e artistas de rua, possíveis criminosos, mafiosos russos, um ou mais professores ou membros do governo, etc. Era uma amostra diversificada e fascinante do comportamento humano, ao vivo e de graça.

Julia se sentou com cautela num banco de igreja reformado e se cobriu com a manta de pele de cordeiro que o garçom havia jogado sobre o encosto, apertando-a em volta do corpo.

– Está com frio? Posso pedir a Christopher que nos acomode perto da lareira. – Gabriel fez menção de chamar o garçom, mas Julia o deteve.

– Eu gosto de observar as pessoas – falou ela, tímida.

– Eu também – admitiu ele. – Mas assim você fica parecendo o Abominável Homem das Neves.

Julia ficou vermelha.

– Perdão – apressou-se em acrescentar Gabriel. – Mas sem dúvida podemos conseguir algo melhor que uma manta que só Deus sabe onde já esteve. Provavelmente já enfeitou o chão do apartamento de Christopher. E quem sabe que tipo de saliência aconteceu em cima dela?

Sério que ele acabou de usar a palavra saliência *numa frase?*

Então o professor Emerson tirou graciosamente seu suéter de caxemira verde e o entregou a ela. Julia o aceitou, largando de lado a manta do Abominável Homem das Neves. Ela vestiu o suéter, que era bem grande.

– Melhor? – perguntou ele com um sorriso, tentando ajeitar o cabelo despenteado.

– Melhor – disse ela, também sorrindo e se sentindo bem mais aquecida e muito confortável, envolvida pelo calor e pelo perfume de Gabriel.

Julia dobrou bastante os punhos do suéter, pois os braços dele eram muito maiores que os dela.

– Você foi ao Lobby na quinta-feira? – perguntou ela.

– Não. Agora, por que não me fala sobre a sua proposta de dissertação? – O tom de voz dele ficou imediatamente sério e professoral.

Por sorte, Christopher os interrompeu nesse instante para anotar seus pedidos, o que deu a Julia alguns minutos preciosos para organizar seus pensamentos.

– As saladas Caesar são muito boas e as pizzas napolitanas também. Mas talvez sejam um pouco grandes para uma pessoa só. Você é boa de boca? – perguntou Gabriel.

Julia ficou boquiaberta.

– Quero dizer, se importa de dividir um prato comigo? Se preferir, é claro que pode pedir o que quiser. Talvez não queira salada ou pizza. – Gabriel fechou a cara, esforçando-se ao máximo para não ser um professor impositivo e dominador por pelo menos cinco minutos.

Christopher batia os pés no chão sem fazer barulho, pois não queria que o professor notasse sua impaciência. Já o vira irritado e não gostaria de assistir de novo a esse espetáculo. Mas talvez ele se comportasse de outra forma, agora que tinha uma companhia feminina (o que era a prescrição profissional de Christopher para qualquer tipo de distúrbio de personalidade, brando ou grave).

– Sim, gostaria de dividir uma pizza e uma salada. Obrigada. – A voz baixa de Julia encerrou o assunto.

Ele fez o pedido e logo em seguida Christopher voltou trazendo as Chimays, que Gabriel havia insistido que Julia experimentasse.

– Saúde – falou ele, batendo seu copo no dela.

– *À la santé* – respondeu Julia.

Ela bebericou devagar, incapaz de esquecer sua primeira cerveja e com quem a havia tomado. Tinha sido uma *lager* americana. Esta era de um marrom-avermelhado, ao mesmo tempo doce e maltada. Julia gostou bastante do sabor e soltou um gemido de aprovação.

– Custa mais de 10 dólares a garrafa – sussurrou ela, sem querer envergonhar Gabriel ou a si mesma ao exprimir em voz alta sua incredulidade.

– Mas é a melhor. E é preferível beber uma garrafa dessas em vez de duas Budweiser, que, francamente, é a mesma coisa que beber água de banho da pior qualidade. Não acha?

Só posso imaginar que qualquer "água de banho" seja ruim de beber, professor

Emerson, mas, se você diz... Seu doente.

– Bem, sou todo ouvidos – incentivou ele. – No que está pensando? Quase posso ver as engrenagens girando dentro da sua cabecinha.

Ele cruzou os braços sobre o peito e sorriu, como se a cabecinha dela lhe proporcionasse uma diversão secreta e sem limites.

Julia ficou indignada. Não gostou que ele tivesse se referido à sua cabeça no diminutivo, pois parecia indicar desdém por suas capacidades intelectuais. Então decidiu contra-atacar.

– Que bom que tive a chance de conversar com você em particular – começou ela, tirando dois envelopes da bolsa. – Não posso aceitar nada disso. – Ela deslizou o vale-presente da Starbucks e a carta de concessão da bolsa complementar por sobre a mesa.

Gabriel olhou para os dois, reconhecendo-os na mesma hora, e franziu as sobrancelhas.

– Por que acha que sou o responsável por isso? – Ele empurrou os envelopes de volta.

– Meus poderes de dedução. Você é o único que me chama de *Julianne*. E é o único com uma conta bancária gorda o suficiente para financiar uma bolsa. – Ela tornou a devolver os envelopes.

Ele se deteve por alguns instantes. Será que era mesmo o único que chamava Julianne pelo seu verdadeiro nome? Do que as outras pessoas a chamavam?

Julia.

– Você precisa aceitar. – Ele arrastou os envelopes de volta uma segunda vez.

– Não, não preciso. Presentes me deixam muito sem graça e este vale da Starbucks já é demais. Isso sem falar na bolsa. Nunca vou conseguir lhe devolver o dinheiro, e já devo muita coisa à sua família. Não posso aceitar. – Julia os arrastou mais uma vez na direção dele.

– Você *pode* e *vai* aceitar. O vale-presente é insignificante. Gasto mais que isso em café num único mês. Preciso demonstrar de alguma forma tangível que respeito sua inteligência. Falei algo em um momento de descuido e a Srta. Peterson distorceu minhas palavras. Na verdade, nem é um presente. Está mais para uma restituição. Difamei você, agora estou lhe fazendo um elogio. Você precisa aceitar, ou essa injustiça vai continuar mal resolvida, e me recuso a acreditar que tenha me perdoado por meu abuso verbal em frente a um de seus colegas. – Ele tornou a arrastar os envelopes até o outro lado da mesa, fuzilando-a com o olhar.

Julia se concentrou em sua gravata-borboleta elegante para se distrair do azul flamejante dos seus olhos. Perguntou-se como ele teria conseguido dar um nó tão perfeito e simétrico. *Talvez contrate um profissional especializado em dar nós em gravatas. Alguém com cabelos louros tingidos e salto alto. E unhas muito compridas.*

Julia arrastou o vale da Starbucks de volta para ele, desafiadora. E, para sua grande surpresa, Gabriel o guardou no bolso, seu rosto ficando vermelho.

– Não vou ficar jogando pingue-pongue com este papel a noite toda – explodiu ele. – Mas a bolsa não pode ser devolvida. O dinheiro não é meu. Eu apenas falei dos seus méritos ao Sr. Randall, diretor da organização filantrópica.

– E da minha pobreza – balbuciou Julia.

– Se tem algo a me dizer, Srta. Mitchell, faça o favor de falar num tom de voz audível.

Os olhos de Gabriel faiscaram em direção aos dela, que faiscaram de volta.

– Não acho que isso seja muito *profissional*, professor Emerson. Você me transferir milhares de dólares através de uma bolsa, seja lá como tenha conseguido fazer isso. Parece que está tentando me comprar.

Gabriel respirou fundo e contou até dez para não explodir com ela.

– Comprar você? Acredite, Srta. Mitchell, eu jamais pensaria numa coisa dessas! Estou profundamente ofendido. Se eu tivesse o menor interesse em você, certamente não precisaria comprá-la.

As sobrancelhas de Julia saltaram para cima e ela olhou para Gabriel de cara feia. Muito feia. *Cuidado com o que diz.*

Gabriel ficou constrangido diante daquele olhar, o que era uma experiência rara para ele. Julia se deliciou.

– Não me entenda mal. Apenas quis dizer que jamais iria *querer* tratá-la como uma mercadoria. Você não é o tipo de garota que possa ser comprada, não é verdade?

Julia o encarou com frieza antes de desviar o olhar. Ela balançou a cabeça e fitou a saída, perguntando-se se deveria tentar fugir dali.

– Por que sempre faz isso? – sussurrou ele alguns minutos depois.

– O quê?

– Me provocar.

– Eu não... eu... não estou provocando você. Estou afirmando um fato.

– Ainda assim, *é* extremamente provocante. Sempre que tento conversar com você como uma pessoa normal, você me provoca.

– Você é meu professor.

– Sim, e irmão mais velho da sua melhor amiga. Será que não podemos ser apenas Gabriel e Julianne por uma noite? Ter uma conversa agradável, um jantar mais agradável ainda e tudo o mais? Pode não parecer tão óbvio para você, mas estou tentando ser humano. – Ele fechou os olhos, frustrado.

– Está?

Foi uma pergunta inocente, feita de boa-fé. Julia tapou a boca com a mão ao perceber como ela havia soado em voz alta.

Os olhos azuis de Gabriel se abriram devagar, mas ele não mordeu a isca do seu desaforo. Nem se enfureceu. Pelo menos não naquele momento.

– Se quer ser profissional, então aja de acordo. Uma mestranda normal receberia uma

carta de concessão de bolsa, ficaria profundamente grata pela sua boa sorte e aceitaria o dinheiro. Então aja com *profissionalismo*, Srta. Mitchell. Eu poderia ter escondido minha relação com a bolsa, mas preferi tratá-la como adulta. Escolhi respeitar sua inteligência e não enganá-la. Mesmo assim, tomei o cuidado de ocultar essa relação do nosso departamento. Meu nome não está publicamente ligado à organização filantrópica, então ninguém pode chegar a mim através dela. E *Emerson* é um sobrenome muito comum. Ninguém acreditaria se você revelasse que estou por trás do financiamento.

Ele pegou seu iPhone no bolso, abriu o aplicativo de bloco de notas e começou a digitar.

– Eu não iria reclamar... – começou Julia.

– Poderia ter *agradecido*.

– Obrigada, professor Emerson. Mas tente ver as coisas do meu ponto de vista: não quero bancar a Heloísa enquanto você faz o papel de Abelardo.

Ela olhou para os seus talheres e começou a ajeitá-los até que estivessem simetricamente alinhados.

No mesmo instante Gabriel se lembrou de vê-la fazer aquilo antes, quando eles estavam jantando no Harbour Sixty. Ele largou seu telefone sobre a mesa e olhou para Julia com uma expressão de angústia, que foi redobrada pela culpa que sentia pelo que quase acontecera em sua sala na biblioteca. Sim, ele havia chegado muito perto de sucumbir aos encantos da Srta. Mitchell e de pôr em risco o futuro de Abelardo, pois Rachel sem dúvida o castraria se descobrisse que ele havia seduzido sua amiga. Por milagre, no entanto, seu autocontrole se mostrara superior ao do antigo filósofo.

– Eu *jamais* seduziria uma aluna.

– Então, obrigada – murmurou ela. – E obrigada pelo *gesto* de me oferecer a bolsa, embora eu não possa prometer que irei aceitá-la. Sei que é um valor pequeno para você, mas para mim significaria passagens de avião para passar o Dia de Ação de Graças, o Natal, o recesso de primavera e a Páscoa em casa. E dinheiro para muitas coisas extras com as quais eu não poderia arcar no momento. Incluindo comer carne, de vez em quando.

– Por que gastar o dinheiro com passagens de avião? Imaginei que fosse usá-lo para garantir um apartamento melhor.

– Duvido que possa rescindir meu contrato de aluguel. Além disso, visitar meu pai é importante para mim. Ele é a única família que tenho. E gostaria de ver Richard antes que ele venda a casa e se mude para a Filadélfia.

Na verdade, valeria a pena aceitar a bolsa só para poder visitar Richard e o pomar. Será que minha macieira preferida continua lá?... Será que alguém notaria se eu entalhasse minhas iniciais no tronco dela?...

Gabriel fez um careta, por vários motivos.

– Não preferiria voltar para casa?

Ela balançou a cabeça.

– Meu pai quer que eu vá de avião passar o Natal com ele, em vez de ir de ônibus. Mas os preços da Air Canada são um absurdo. Eu teria vergonha de aceitar que ele comprasse as passagens para mim.

– Nunca sinta vergonha de aceitar um presente quando a outra pessoa não quer nada em troca.

– Você parece até Grace falando. Ela costumava dizer esse tipo de coisa.

Ele se remexeu na cadeira e coçou involuntariamente a nuca.

– Com quem acha que aprendi sobre generosidade? Não foi com minha mãe biológica.

Julia encarou Gabriel, mas dessa vez não piscou nem ficou vermelha. Então suspirou e guardou a carta de concessão de volta em sua bolsa, decidindo pensar mais um pouco sobre qual a melhor maneira de lidar com aquilo depois que estivesse longe da presença magnética do professor. Discutir com ele não a levaria a lugar nenhum. E, nesse sentido, assim como em tantos outros, ele era idêntico a Pedro Abelardo: sensual, inteligente e sedutor.

Ele a examinou detidamente.

– Mas, apesar de tudo o que tentei fazer, o que admito não ter sido muita coisa, você ainda está passando fome?

– Gabriel, tenho uma relação muito delicada com o meu estômago. Me esqueço de comer quando estou ocupada, preocupada, ou... triste. Não é uma questão de dinheiro. É assim que eu funciono. Por favor, não se preocupe. – Ela voltou a ajeitar os talheres.

– Então... você está triste?

Ela bebericou devagar a cerveja e ignorou a pergunta.

– Dante entristece você?

– Às vezes, sim – sussurrou ela.

– Mas outras...?

Julia ergueu os olhos para ele e um sorriso meigo se abriu em seu rosto.

– Não consigo evitar, ele me deixa delirantemente feliz. Às vezes, quando estou estudando *A divina comédia*, sinto que estou fazendo o que nasci para fazer. Como se tivesse encontrado minha vocação, minha paixão. Já não sou mais aquela garotinha tímida de Selinsgrove. Sou capaz disso. É algo que sei fazer bem. Estudar Dante faz com que eu me sinta... importante.

Ela falou mais do que devia. Deu informações demais. A cerveja tomada depressa, o sangue que lhe subiu à cabeça, o perfume forte dele pairando no ar bem debaixo do seu nariz por conta do suéter. Nunca deveria ter dito tudo aquilo, e logo para ele.

Mas Gabriel se limitou a observá-la com certa ternura, o que a surpreendeu.

– Você é tímida – murmurou ele. – Mas isso não é um defeito. – Ele pigarreou. –

Invejo seu entusiasmo por Dante. Eu costumava me sentir assim. Mas isso foi há muito tempo. – Gabriel tornou a sorrir para ela e desviou o olhar.

Julia se inclinou sobre a mesa e baixou a voz:

– Quem é M. P. Emerson?

Os olhos azuis dele ficaram alarmados e se lançaram em direção aos dela, ardendo com a intensidade de dois raios laser.

– Preferiria não falar nesse assunto.

O tom dele não foi ríspido, apenas muito frio. Julia percebeu que havia tocado num nervo tão exposto que ainda vibrava de dor. Precisou de um instante para se recompor e, antes de ter pensado bem sobre a sensatez da sua pergunta, falou:

– Você está tentando ser meu amigo? Foi por isso que me ofereceu a bolsa?

Gabriel fechou a cara.

– Rachel convenceu você disso?

– Não. Por quê?

– Ela acha que deveríamos ser amigos. Mas vou lhe dizer o mesmo que disse a ela: é impossível.

Julia sentiu um nó na garganta e engoliu em seco.

– Por quê?

– Ética profissional. Professores não podem ser amigos de alunos. E, mesmo que fôssemos apenas Julianne e Gabriel dividindo uma pizza, você não deveria querer ser minha amiga. Sou um ímã para o pecado, e você não. – Ele abriu um sorriso triste. – Então, como pode ver, é um caso perdido. *Abandonai toda a esperança, vós que aqui entrais*.

– Não gosto de pensar em nada como um caso perdido – sussurrou ela para os seus talheres.

– Aristóteles disse que a amizade só pode existir entre *duas* pessoas virtuosas. Portanto, a amizade entre nós dois é impossível.

– Ninguém é verdadeiramente virtuoso.

– Você é. – Os olhos de Gabriel se incendiaram, fitando os dela com algo parecido com paixão e admiração.

– Rachel disse que você está na lista VIP do Lobby – Julia se apressou em mudar novamente de assunto, ainda sem pensar no que dizia.

– É verdade.

– Ela fez mistério sobre isso. Por quê?

Gabriel fez uma careta.

– Por que você acha?

– Se eu soubesse, não perguntaria.

Ele fixou seu olhar nela e baixou a voz.

– Sou um frequentador assíduo do clube. Embora não tenha ido muito ultimamente.

– Por que você vai lá? Não gosta de dançar. É só para beber? – Julia correu os olhos pelo interior simples, porém confortável, do Caffé. – Este lugar é tão bom para beber quanto qualquer outro. Acho o ambiente muito mais agradável. É *gemütlich*, aconchegante.

E não parece ter nenhuma piranha à vista.

– Não, Srta. Mitchell, geralmente não vou ao *Vestíbulo* para beber.

– Então por quê?

– Não é óbvio? – perguntou ele, franzindo as sobrancelhas. Em seguida, balançou a cabeça. – Talvez não seja para alguém como você.

– O que isso quer dizer? *Alguém como eu*?

– Que você não sabe o que está me perguntando – explodiu ele, encarando-a com raiva. – Ou então não me faria dizer! Quer mesmo saber por que vou lá? Para encontrar mulheres para *trepar*, Srta. Mitchell. – A essa altura, ele já estava furioso e a fuzilava com o olhar. – Feliz agora? – rosnou.

Julia respirou fundo e prendeu o ar. Quando já não conseguia mais segurá-lo, balançou a cabeça e expirou.

– Não – disse baixinho, olhando para as próprias mãos. – Por que isso me deixaria feliz? Fico enojada, na verdade. Muito enojada. Você não faz ideia de quanto.

Gabriel suspirou com força e levou as duas mãos à nuca. Não estava irritado com ela; estava irritado consigo mesmo. E sentia vergonha. Parte dele queria rechaçá-la de propósito – desnudar-se diante dela, sem esconder nada –, para que o visse como realmente era: uma criatura tenebrosa e sinistra desmascarada pela sua virtude. Então talvez ela fosse embora.

Talvez seu subconsciente já estivesse tentando fazer isso, com aqueles ataques ridículos e nada profissionais. Ele nunca deveria ter dito o que acabara de dizer para um aluno, muito menos para uma aluna, mesmo que fosse verdade. Ela o estava destruindo, pouco a pouco, e ele não entendia como.

Os olhos azuis de Gabriel encontraram os dela. E o que Julia viu em seu rosto pálido e bonito foi remorso.

– Me perdoe. Eu sei que lhe causei repugnância. – Ele falava muito baixinho. – Mas acredite quando digo que essa é a melhor reação que você poderia ter. *Deveria* sentir repulsa por mim. Sempre que me aproximo de você, é como se a *corrompesse*.

– Não me sinto corrompida.

Ele a encarou com um olhar triste.

– É porque não sabe o que isso significa. E, quando perceber, será tarde demais. Adão e Eva não se deram conta do que perderam até serem expulsos do Paraíso.

– Disso eu entendo muito bem – balbuciou Julia. – E não aprendi lendo Milton.

Nesse momento Christopher trouxe a pizza, interrompendo de forma muito eficiente a conversa desconfortável. Gabriel serviu a salada e a pizza de Julia, certificando-se de que ela ficasse com mais parmesão ralado e *croûtons* do que ele, mesmo que adorasse as duas coisas.

Enquanto comiam e Julia pensava na última refeição silenciosa que eles haviam feito juntos, começou a tocar uma canção tão bonita que ela baixou o garfo e ficou ouvindo.

Gabriel também parou a fim de escutar e começou a cantarolar baixinho, em tom quase inaudível. Era algo sobre céu e inferno, virtudes e vícios.

Julia se espantou ao notar como a letra parecia assustadoramente adequada. Mas então Gabriel se deteve, repentinamente inseguro, e se concentrou na pizza. Ela lançou um olhar em sua direção, boquiaberta. Não sabia que ele cantava. E ouvir sua voz perfeita cantar aquelas palavras...

– Que música linda. De quem é?

– Chama-se *You and Me*, de Matthew Barber. Você prestou atenção no verso que falava sobre *virtudes e vícios*? Acho que já sabemos qual termo se aplica a cada um de nós.

– É bonito, mas triste também.

– Sempre tive uma queda por coisas bonitas e tristes. – Ele a encarou com cautela antes de desviar o olhar. – Creio que deveríamos começar a falar sobre sua proposta de dissertação agora, Srta. Mitchell.

Julia notou que a máscara profissional estava novamente firme no rosto dele. Respirou fundo e começou a descrever seu projeto, citando os nomes de Paolo e Francesca, Dante e Beatriz. Então foi interrompida pelo telefone de Gabriel.

O tom de chamada eram as batidas do Big Ben. Ele levantou um dedo pedindo que Julia fizesse uma pausa e olhou para a tela do iPhone. Uma expressão perturbada cruzou seu rosto.

– Preciso atender. Desculpe. – Gabriel se levantou e atendeu o telefone com um movimento rápido. – Paulina?

Ele se afastou um pouco, mas Julia ainda conseguia ouvi-lo.

– O que houve? Onde você está? – A voz dele ficou abafada.

Julia se ocupou com sua cerveja e seu jantar, perguntando-se quem seria Paulina. Nunca tinha ouvido aquele nome antes. Gabriel pareceu profundamente transtornado ao ver a identificação na tela do telefone.

Será que M. P. Emerson é... Paulina? Uma ex-mulher, talvez? Ou M. P. é somente um código para alguma outra coisa e ele está apenas me fazendo de boba?

Gabriel voltou uns quinze minutos depois. Não se sentou. Estava muito agitado, pálido e quase tremendo.

– Tenho que ir. Sinto muito. Já paguei o jantar e pedi a Christopher que chame um táxi

quando você acabar.

– Posso ir andando. – Julia se esticou para pegar sua bolsa.

Ele levantou a mão para detê-la.

– Nem pensar. Não a esta hora, sozinha, na Yonge Street. Tome. – Ele deslizou pela mesa uma nota dobrada. – Para o táxi. E para o caso de você querer beber ou comer mais alguma coisa. Por favor, fique e termine seu jantar. E leve as sobras para casa, sim?

– Não posso aceitar seu dinheiro. – Ela fez menção de lhe devolver a nota, mas ele lançou um olhar trêmulo em sua direção.

– Por favor, Julianne. Agora, não. – Ele esfregava os olhos com uma das mãos.

Julia sentiu pena dele, então resolveu não discutir.

– Sinto muito ter que deixá-la sozinha. Eu...

Ele lamentava, e muito, por algum motivo. Estava angustiado, gemia involuntariamente. Sem pensar, Julia pegou sua mão em um gesto de compaixão e solidariedade. Ficou surpresa quando Gabriel não recuou nem empurrou a mão dela para longe.

Em vez disso, apertou seus dedos no mesmo instante, como se estivesse grato por aquele toque. Abriu os olhos e os baixou para Julia, começando a mover lentamente os dedos ao longo das costas da mão dela. Foi tudo muito natural e carinhoso. Como se ele já tivesse feito aquilo mil vezes. Como se ela fosse sua. Gabriel ergueu a mão, levando-a para perto da boca, e ficou observando a conexão que os dois haviam estabelecido.

– *Ainda sinto aqui o cheiro de sangue; todos os perfumes das Arábias não conseguiriam purificar esta pequena mão* – sussurrou ele. Gabriel beijou a mão dela com reverência, mas era para a sua que olhava. – Boa noite, Julianne. Nos vemos na quarta-feira, se eu ainda estiver aqui.

Julia assentiu. Ela o observou sair do restaurante e começar a correr assim que seus pés tocaram a calçada. Só depois que Gabriel se foi ela percebeu que ainda estava com seu suéter e que, escondido dentro da nota de cinquenta dólares, ele havia deixado o vale-presente da Starbucks, com uma mensagem no verso do envelope:

J,

Não achou que eu fosse desistir tão fácil, achou?

Nunca sinta vergonha de aceitar um presente quando a outra pessoa não quer nada em troca.

Eu não quero.

Seu

Gabriel

CAPÍTULO TREZE

Na manhã seguinte, Julia ainda não tinha decidido o que fazer em relação à bolsa complementar. Não queria fazer nada que pudesse expor a generosidade de Gabriel às mentes desconfiadas da administração da universidade, pois sabia quanto isso seria perigoso para ele.

Também não queria se expor e comprometer sua imagem de estudante que levava o mestrado a sério, por isso relutava em ir ao diretor do departamento para explicar por que não estava interessada na bolsa, que seria um acréscimo impressionante a seu currículo. E estudantes sérios deveriam se preocupar mais com esse tipo de coisa do que com tolices como orgulho pessoal.

Em termos clássicos, a Srta. Mitchell estava entre Cila (proteger Gabriel e a si mesma) e Caríbdis (agarrar-se ao seu orgulho). Para azar do seu orgulho, o verdadeiro perigo estava em rejeitar a bolsa, o que poderia ser evitado se ela simplesmente aceitasse o dinheiro. Julia não gostou nem um pouco disso. Especialmente depois da generosidade de Rachel ao lhe comprar vestido e sapatos novos e da tentativa nem tão secreta de Gabriel de substituir sua mochila velha.

Ela não havia contado a Gabriel que tinha devolvido sua mochila L. L. Bean e que esperava ansiosamente que lhe enviassem uma nova. E estava decidida a usá-la assim que chegasse, só para reafirmar sua independência.

Na sexta-feira à tarde, cansada de esperar uma resposta, Julia enviou uma breve mensagem de texto para Rachel, contando-lhe sobre a bolsa que ganhara e perguntando se ela sabia quem era M. P. Emerson.

Rachel respondeu na mesma hora:

G fez o quê? Nunca ouvi falar da fundação. Nem de MPE.
MP = mãe biológica de G? Avó? Bjs, R.
P.S.: A. diz oi e obrigado

Julia olhou intrigada a mensagem de Rachel, mas a sugestão da amiga lhe pareceu convincente. M. P. devia ser a avó de Gabriel, pois Julia não conseguia imaginá-lo batizando uma bolsa em homenagem a alguém que odiava. E ela não tinha dúvidas de que Gabriel sentia ódio da mãe biológica.

Mas era possível que ele não tivesse lhe contado toda a verdade com relação a isso, pois havia segredos que Gabriel não contava nem para a irmã. Então, num arroubo de coragem motivado por umas duas doses de tequila, Julia enviou outro torpedo

perguntando se Gabriel tinha uma namorada em Toronto a quem ela pudesse perguntar sobre a bolsa. A resposta chegou imediatamente, mas por e-mail:

Julia!

Primeiro, chega de torpedos! As teclas são pequenas demais.

Até onde sei, Gabriel NUNCA teve namorada. Nunca apresentou ninguém à mamãe ou ao papai, nem quando ainda estava no ensino médio. Uma vez Scott até insinuou que ele era gay. Mas Scott não entende nada disso.

Você viu como o apartamento de Gabriel é decorado? E as fotos no quarto dele? Espere aí. Você viu as fotos??? Bem, com certeza ele não tem nenhuma namorada aí. Acho que só "amizades coloridas". Mas ele agiu de uma forma estranha quando perguntei. Pelo amor de Deus, ele tem 33 anos. Estar solteiro nessa idade já não tem o menor charme.

Tem certeza de que ele não inventou essa história de M. P. Emerson? Vou perguntar a Scott e escrevo pra você de novo. Não quero importunar papai com o assunto, ele está um caco e... bem, você sabe.

Aaron e eu estamos indo às ilhas da Rainha Carlota. Vamos passar duas semanas enfiados numa cabana de madeira. Nada de internet. Nada de celular. Só nós dois, paz, sossego e uma Jacuzzi ao ar livre.

Por favor, não deixe Gabriel cair do precipício até eu voltar.

Beijos, R.

P.S.: Aaron quer dizer oi pessoalmente.

Oi, Julia. Aqui é o Aaron.

Obrigado por ter cuidado tão bem da minha noiva enquanto ela estava no Canadá. Quando Rachel voltou, era outra pessoa e sei que não foi por causa de Gabriel.

Todos sentimos sua falta no enterro e adoraríamos que viesse passar o Dia de Ação de Graças conosco. Se já não tiver planos de voltar para casa, será que poderia pelo menos pensar no assunto? Vai ser duro por aqui sem Grace. Richard precisa da família por perto (e Rachel também) e isso inclui você.

Sempre tenho milhas sobrando, poderia mandar uma passagem.

Pense com carinho.

Adoro você, garota,

Aaron.

Julia secou uma lágrima que não conseguira conter diante da doçura de Aaron, sentindo-se feliz e aliviada que ele e a noiva continuassem tão apaixonados. Ela daria tudo para ser amada dessa forma...

Perguntou-se por que a oferta das milhas de Aaron não lhe pareceu apenas caridade e

por que ela já estava considerando aceitar sua proposta tão gentil. Então lhe ocorreu que Grace tinha razão. Quando o outro não quer nada em troca e um presente é oferecido por amor – ou por amizade, que não deixa de ser um tipo de amor –, não é vergonha nenhuma aceitá-lo. Se Julia aceitasse a oferta de Aaron, poderia recusar a bolsa de Emerson e ainda estar presente no primeiro Dia de Ação de Graças de Richard sem Grace.

Ao pensar nela, Julia também se perguntou se uma pequena oração, pedindo tanto por ela própria quanto por Gabriel, seria eficaz, pois Grace era uma verdadeira santa, uma mãe celestial, que sem dúvida enviaria ajuda para seus filhos. Santa Luzia ia sair de férias com seu amado Aaron, então, numa noite solitária de sexta-feira, Julia voltou sua atenção para os céus e implorou à sua mãe celestial que intercedesse em suas vidas, acendendo uma vela em memória de Grace na janela de sua pequena quitinete. E, antes de se enfiar em sua cama de solteiro com o coelhinho de pelúcia, decidiu aceitar o presente de Aaron, como prova de sua recém-descoberta predisposição à caridade e capacidade de engolir o orgulho quando fosse adequado. O que significava, de forma nada surpreendente, que seu pecado capital não era tão grave assim.

◆◆◆

Paul estava viajando e Julia se viu passando um longo sábado na sala do professor Emerson na biblioteca, trabalhando em sua proposta de dissertação. Parte dela esperava em segredo que o professor a surpreendesse outra vez, mas isso não aconteceu. Então as palavras dele lhe vieram à mente: "*Nos vemos na quarta-feira, se eu ainda estiver aqui.*"

Julia se deu conta de que, apesar do que Rachel dissera, era provável que Gabriel tivesse uma namorada chamada Paulina. Lembrou que o tom de chamada eram as batidas do Big Ben. Será que ela estava em Londres? Seria inglesa? Ou haveria algo naquelas batidas que Gabriel considerava importante? Julia leu o artigo sobre o Big Ben na Wikipedia, mas não encontrou nada de especialmente esclarecedor.

Ela não era ingênua, apesar do que Gabriel pudesse pensar. Sabia que ele já não era virgem quando o conheceu. Ainda assim, saber e ter a informação esfregada na sua cara eram duas coisas bem diferentes.

Seus pensamentos vagaram para Gabriel e Paulina (ou alguma outra garota sem rosto e sem nome), pele contra pele, os corpos entrelaçados. Viu Gabriel beijar os lábios dessa garota e explorar o corpo dela com a boca, as mãos e os olhos. Viu Gabriel dando e recebendo prazer de alguma loura alta e perfeita. Imaginou-o em êxtase, gritando o nome dela, olhando no fundo de seus olhos enquanto seu corpo chegava ao clímax. Pensou em Gabriel se unindo à alma de outra mulher, pertencendo a ela. Será que essa mulher o amaria? Seria carinhosa com ele? Queria que ele se tornasse um homem melhor, ou apenas desejava seu corpo, sua paixão, sua natureza animal? Será que se importava que,

por trás daqueles belos olhos, houvesse a alma de um homem há muito desaparecido, ferido e necessitado de redenção e cura? Ou apenas o arrastaria ainda mais para o fundo, cativando-o com seu corpo e suas unhas longas?

A ideia de Gabriel levando outra garota, qualquer uma, para a cama, talvez para a sua alma, a magoava profundamente. Era devastador pensar que outra mulher tivesse aquecido sua cama por mais de uma noite – pois ela queria ser essa mulher, para sempre.

Por mais triste e sórdido que fosse imaginar essas coisas, isso não a impediu de continuar usando, de forma um tanto patética, o suéter dele na biblioteca e cruzar os braços sobre o peito num abraço, só para se envolver com sua maciez e seu perfume. Isso parecia o mais próximo que ela iria chegar de ter o corpo dele junto ao seu.

Julia tirou o CD de Paul para ouvir Yael Naim. Adorou a música "Far Far", embora não fizesse ideia de quão apropriada era a letra de Yael. Ela havia passado a maior parte da vida esperando que coisas boas acontecessem, mantendo suas esperanças e sonhos em segredo. Mas logo chegaria o dia em que precisaria realizar alguma coisa.

A música era reconfortante e distraiu sua mente, o que lhe possibilitou avançar bastante na proposta de dissertação. Julia trabalhou nela até a hora de a biblioteca fechar.

Ao sair de lá, pôs os fones nos ouvidos, ignorou a carrocinha de cachorro-quente, preferindo comprar uma vitamina de manga extragrande. Então seguiu para casa, bebericando seu jantar e refletindo. Imersa em pensamentos, perguntando-se onde Gabriel estava e o que estaria fazendo, quase não viu Ethan, que acenou quando ela passou pela grande fila na frente do Lobby.

– Ei, Ethan. – Ela sorriu, tirando os fones.

Ele a chamou com um gesto.

– Oi, Julia. Obrigado mais uma vez por ter me ajudado com a mensagem para Raphaela. Ela adorou. – Ethan teria ficado vermelho se pudesse. Seus olhos negros brilharam e ele abriu um largo sorriso. – Ela está me ensinando italiano agora.

Julia sorriu, contente por ele e a namorada estarem felizes.

– Então, como está o movimento hoje à noite? Muita gente? – Ela olhou para a longa fila.

– Já vou deixar mais algumas pessoas entrarem, mas antes tenho que tirar alguém lá de dentro.

– Sério? Isso não parece nada bom.

Ele balançou a cabeça.

– Seu amigo está aí enchendo a cara. O barman se recusa a servir mais bebida para ele, o que significa que preciso colocá-lo num táxi e mandá-lo para casa.

As sobrancelhas de Julia se arquearam de surpresa. *Gabriel está aqui? Mas... e Paulina?*

– Na última vez em que tentei expulsá-lo do clube, ele me deu um soco. Estou só

esperando um dos outros seguranças vir me substituir na fila. Provavelmente terei que levar reforços para conseguir arrancar o Sr. Emerson de lá. – Ele estudou Julia com o olhar. – A não ser que você consiga convencê-lo a sair sem criar problemas.

Julia balançou a cabeça com energia.

– Está brincando? Ele não me ouve. Nem somos amigos.

– Não foi essa a impressão que tive quando vocês vieram aqui, mas entendo. Sem problema. – Ele deu de ombros casualmente e conferiu seu relógio.

Julia tomou um gole da vitamina e pensou na promessa que tinha feito a Rachel. Ela se perguntou se aquele seria um caso em que estava moralmente obrigada a tomar conta de Gabriel. *E se eu for embora e ele acabar sendo preso? Ele tentou ser legal comigo esta semana. Não posso ignorar isso. Seria ruim para o meu carma.*

– Hum... eu posso tentar falar com ele. Ver se ele concorda em sair sozinho – sugeriu ela, hesitante. – Não quero que ele vá preso.

– Nem eu. Queremos ver nossos VIPs felizes. Mas ele está entornando doses duplas desde que chegou e o barman não pode mais servi-lo. Talvez ele ouça a voz da razão e aceite ir para casa curar a bebedeira com uma noite de sono. – Ethan moveu a corda de veludo para que Julia passasse.

– Não estou vestida para entrar – disse Julia, olhando seus tênis, o jeans rasgado e o suéter perfumado, porém largo, de Gabriel.

– Você está ótima. Agora, preste atenção, se ele estiver bêbado demais, ou se você achar que não vai conseguir, volte na mesma hora. Ele pode dar muito trabalho quando fica assim.

Julia sabia muito bem como Gabriel ficava quando estava bêbado, mas se lembrou também de que ele tinha sido carinhoso com ela naquela noite, tantos anos antes.

Ela entrou na boate, torcendo para que ninguém a reconhecesse. Soltou rapidamente seu rabo de cavalo e ajeitou o cabelo em volta do rosto, usando-o como um véu para se esconder dos olhares curiosos. Rezou desesperadamente aos deuses das boates para que mantivessem Brad Curtis, MBA, longe dela naquela noite. Não queria encontrá-lo vestida daquele jeito. Abotoou o casaco trespassado azul-marinho de cima a baixo, pois não queria que Gabriel visse que ela estava com o suéter dele – ainda.

Não demorou muito a encontrá-lo. Ele estava sentado no bar, conversando com uma mulher atraente virada de costas para Julia. Não olhava para a morena, que passava a mão por seus cabelos e o puxava pela gravata, mas para o copo de uísque vazio. Não parecia feliz, mas isso provavelmente se devia mais à sua companheira de copo do que a qualquer outra coisa.

A vários metros de distância, Julia tinha uma visão privilegiada da cena e notou que a piranha que estava praticamente no colo dele, com o decote pairando diante da boca de Gabriel, era ninguém menos que Christa Peterson. *Puta merda. Ele está planejando ir*

para casa com ela?

Então Julia não teve mais dúvida de que aquela era uma situação em que precisava cuidar de Gabriel. Se ele fosse para a cama com Christa, não só violaria as regras da universidade e colocaria sua carreira em risco como provavelmente também acabaria envolvido numa enrascada pessoal com aquela aspirante a Sra. Emerson. Era mais do que provável que Christa estivesse tentando seduzi-lo para se vingar do que tinha acontecido na Starbucks no começo daquela semana, quando Gabriel saiu em defesa de Julia.

De qualquer modo, ela não permitiria que Chista o seduzisse.

Tire as mãos do meu Precioso, Gollum.

Ela deu meia-volta e foi até a porta, onde sussurrou para Ethan:

– Preciso da sua ajuda. Ele está com uma garota que não pode levar para casa. É aluna dele. Preciso separar os dois antes de colocá-lo num táxi.

Ethan deu de ombros.

– Não posso fazer nada nesse caso. É problema dele.

– E se uma das garçonetes derramasse uma bebida em cima dela? Isso a obrigaria a ir ao banheiro e talvez eu conseguisse convencer Gabriel a sair comigo.

– Você acha que pode fazer isso?

Julia pestanejou, pensando na resposta por um instante.

– Não sei. Se os separarmos, terei mais chances. Duvido que ele consiga pensar direito com aqueles peitos falsos na cara.

Ó deuses de todos os mestrandos que estão se esforçando ao máximo para fazer uma boa ação por uma velha amiga, ajudem-me a tirar aquela piranha de cima do pau dele. Por favor.

Ethan riu.

– Um pouco arriscado, você não acha? Mas tudo bem, tenho certeza de que o barman vai nos ajudar. Ele tem senso de humor. Se Emerson criar problemas para você, mande o barman me chamar, o.k.?

– O.k.

Ethan fez uma chamada pelo rádio e, dois minutos depois, fez um sinal para Julia ir atrás de Gabriel. Ela respirou fundo, endireitou os ombros e voltou a entrar na boate. Gabriel gargalhava. Devia ter achado algo muito engraçado, pois estava urrando, com a cabeça jogada para trás e as mãos na barriga.

Julia tinha que admitir que ele ficava ainda mais bonito quando ria. Estava usando uma camisa social verde-clara com os dois primeiros botões abertos. Por baixo dela, havia uma camiseta branca como a neve, da qual despontavam pelos. Graças a Deus, tinha abandonado os anos 1950 e tirado a gravata-borboleta. Agora usava uma gravata de seda preta, com riscos da mesma cor, que pendia afrouxada em volta do pescoço. A calça

social preta lhe caía bem e os sapatos também pretos eram muito lustrosos e pontudos.

Em suma: ele estava bêbado, mas continuava perfeito.

– Professor?

Ele parou de rir e olhou para Julia, um largo sorriso se espalhando em seu rosto. Parecia muito feliz em vê-la. Feliz *demais*.

– Srta. Mitchell! A que devo este inesperado prazer? – Ele tomou sua mão e a apertou contra os lábios, segurando-a ali por alguns instantes.

Julia franziu a testa. Ele estava sendo simpático e até flertava com ela. Só podia estar bêbado mesmo, embora não parecesse.

(Ou então tinha recebido um transplante de personalidade de alguém charmoso, como, digamos, Daniel Craig.)

– Pode me ajudar a pegar um táxi? Preciso voltar para casa. – Julia puxou sua mão de volta, encolhendo-se ao perceber como sua desculpa tinha sido esfarrapada.

– Por você, Srta. Mitchell, eu faço tudo. Tudo *mesmo*. Posso lhe pagar uma bebida antes? – Ele sorriu, separando algumas notas e as entregando ao barman.

– Hum, não. Já tenho uma. – Julia estendeu sua vitamina e a balançou debaixo do nariz dele.

O barman arregalou os olhos para o copo de lanchonete, mas fechou a conta de Gabriel e voltou a cuidar do seu trabalho.

– Por que está bebendo isso? Combina com cuscuz? – perguntou Gabriel com uma risadinha.

Julia mordeu os lábios.

Imediatamente, Gabriel parou de rir e fechou a cara, puxando o lábio dela com o polegar de forma um tanto bruta, até soltá-lo dos dentes.

– Pare com isso. Não quero que sangre. – Ele recolheu o polegar e aproximou seu rosto do dela. Perto demais. – Eu fiz uma piada sobre cuscuz.

Julia ainda estava tentando recuperar o fôlego depois da onda de calor que sentiu quando o polegar dele tocou seus lábios.

– Tudo bem. Não foi engraçado. É falta de educação fazer piada com a pobreza dos outros. E você é uma menina tão doce.

Julia cerrou os dentes, perguntando-se até que ponto conseguiria tolerar sua atitude condescendente antes de decidir deixar Gabriel (e o pau dele) nas garras de Christa.

– Professor, eu...

– Eu estava conversando com uma pessoa agora mesmo. Você a conhece... ela é uma verdadeira megera. – Gabriel lançou um olhar embriagado e preguiçoso por todo o salão antes de tornar a encará-la. – Mas ela já foi. Ainda bem. É uma víbora.

Julia assentiu e abriu um sorriso.

– Ela olhou você como se fosse lixo, mas eu dei uma lição nela. Se voltar a incomodar

você, vai ter que procurar outro orientador. Pode ficar tranquila.

Ele voltou a aproximar seu rosto do de Julia e passou a língua pelos lábios vermelhos e perfeitos devagar, *muito* devagar.

– Você não deveria estar num lugar como este. Já não passou da sua hora de dormir? Você deveria estar dormindo na sua caminha lilás, enroscada como uma gatinha. Uma gatinha linda com enormes olhos castanhos. Eu bem que gostaria de acariciar seu pelo.

Julia arqueou as sobrancelhas. *De onde ele tira essas coisas?*

– Hum... eu preciso mesmo ir para casa. Agora. Não quer me ajudar a encontrar um táxi? Por favor, professor? – Julia gesticulou vagamente em direção à porta, tentando criar certa distância entre os dois.

Ele pegou o sobretudo na mesma hora.

– Desculpe. Deixei você voltar para casa sozinha na quinta passada. Não vou permitir que aconteça de novo. Vou levar você para casa, gatinha.

Ele lhe estendeu o braço de maneira muito respeitável e antiquada, e ela o aceitou, perguntando-se quem estava guiando quem. Quando chegaram do lado de fora, Ethan já estava segurando aberta a porta de um táxi.

– Srta. Mitchell – sussurrou Gabriel, pousando a mão na parte de baixo das suas costas e conduzindo-a gentilmente em direção ao táxi.

– Pensando melhor, posso ir andando – protestou ela, tentando sair do caminho.

Mas Gabriel insistiu. E Ethan também, provavelmente porque estava tentando tirar os dois dali antes que Gabriel decidisse que não queria ir embora e lhe desse um soco na cara. Então, para não perder tempo e evitar Christa, o Gollum que poderia voltar a qualquer momento para tentar pegar seu Precioso, Julia entrou no táxi e deslizou para o outro lado do banco.

Gabriel entrou em seguida. Julia empinou um pouco o nariz para não ficar embriagada só com o cheiro de todo o uísque que ele havia bebido. Ethan entregou algumas notas para o motorista e fechou a porta, acenando para Julia enquanto o carro se afastava.

– Manulife Building – falou Gabriel para o motorista.

Julia estava prestes a corrigir o professor e dar seu endereço quando Gabriel a interrompeu.

– Você não foi ao *Vestíbulo* para tomar uma bebida.

Ele estudava as roupas dela, seus olhos se detendo com uma expressão um tanto voraz na pele dos seus joelhos exposta pelo jeans rasgado.

– Dei azar. Estava no lugar errado na hora errada.

– Não acho – sussurrou ele, um sorriso brincado nos cantos dos seus lábios. – Eu diria que deu muita *sorte*. E, agora que encontrei você, acho que eu também.

Ela suspirou. Era tarde demais para pedir ao motorista que voltasse. Eles seguiam na direção oposta à da sua casa. Julia precisaria garantir que o professor entrasse no prédio

dele em segurança antes de poder voltar andando para o seu apartamento. Ela balançou a cabeça e tomou um gole generoso da sua vitamina.

– Você estava me vigiando? – perguntou Gabriel, lançando-lhe um olhar desconfiado. – A pedido de Rachel?

– É claro que não. Eu estava voltando para casa da biblioteca quando vi você pela janela.

– E resolveu entrar para falar comigo? – Ele parecia surpreso.

– Sim – mentiu Julia.

– Por quê?

– Só conheço duas pessoas em Toronto, professor. Você é uma delas.

– Que pena. Suponho que Paul seja a outra pessoa.

Julia o encarou com cautela, mas ficou calada.

– *Papa-anjo.*

Ela fechou a cara.

– Por que fica chamando Paul assim?

– Porque é isso que ele é, Srta. Mitchell. Ou melhor, é isso que ele *quer* ser. Mas só por cima do meu cadáver. Pode dizer isso a ele. Diga-lhe que, se quiser comer o anjo, vai ser por sua própria conta e risco.

Julia arqueou as sobrancelhas. Ela já o vira bêbado antes, é claro, e sabia que sua embriaguez oscilava entre momentos de absoluta lucidez e total desvario.

Como exatamente alguém pode "comer" um anjo? Anjos são criaturas imateriais, espirituais. São assexuados. Gabriel, você é um especialista em Dante muito doentio.

Pouco depois, chegaram ao prédio de Gabriel e saíram do táxi. Não era longe para Julia voltar a pé para casa, apenas uns quatro quarteirões. Além do mais, ela não tinha dinheiro para pegar outro táxi. Sorriu para Gabriel, lhe desejou uma boa noite e parabenizou a si mesma por ter feito um favor a Rachel. Em seguida, ela e sua vitamina de manga começaram sua longa e solitária caminhada de volta.

– Perdi minhas chaves – disse Gabriel enquanto ela se afastava, tateando os bolsos da calça, precariamente apoiado numa palmeira-anã. – Mas encontrei meus óculos! – Ele ergueu a armação Prada.

Julia fechou os olhos e respirou fundo. Queria deixá-lo ali. Queria transferir a responsabilidade por seu bem-estar a outro bom samaritano; algum morador de rua que estivesse de passagem. Mas ao olhar o rosto confuso de Gabriel e ver que ele começava a pender para o lado, como se fosse cair e levar a pobre palmeira-anã junto (uma planta que nunca tinha feito mal a ninguém), Julia entendeu que ele precisava de sua ajuda. Gabriel havia sido o garotinho de Grace um dia, e ela não poderia simplesmente abandoná-lo. E, no fundo do coração, também sabia que um gesto de bondade, por menor que fosse, nunca era um desperdício.

Pelo amor de Dante, ele não consegue nem encontrar as chaves. Com um suspiro, ela jogou o resto da vitamina no lixo.

– Venha.

Ela abraçou a cintura de Gabriel, encolhendo-se um pouco quando ele jogou o braço sobre seu ombro, apertando-a de forma quase "simpática" demais.

Eles se arrastaram em direção ao hall e acenaram para o porteiro, que reconheceu Gabriel e abriu a porta. Assim que chegaram ao elevador, Gabriel pareceu ficar ainda mais embriagado. Parou ali, com os olhos fechados e a cabeça jogada para trás, gemendo de vez em quando. Julia aproveitou para procurar as chaves em seus bolsos e as encontrou rápida e facilmente quando arrancou o sobretudo da Burberry das mãos dele.

– Você me pegou, sua gatinha safada. Achei que não fosse para casa com homens que conhece em bares.

Mesmo bêbado, o professor Emerson continuava sendo um babaca.

– Não *peguei* você, professor. Estou *deixando* você em casa. E, se continuar com isso, eu vou deixá-lo *de vez* – murmurou Julia, subitamente irritada.

Ela precisou de várias tentativas para acertar a chave do apartamento. Quando conseguiu, ajudou Gabriel a entrar. Pretendia deixá-lo ali, supondo que ele conseguiria se virar sozinho, mas então ele começou a resmungar que estava se sentindo mal. Ela o imaginou engasgando no próprio vômito e morrendo no chão do banheiro, sozinho e sem amigos, como um roqueiro decadente. Por isso decidiu ficar o tempo necessário para levá-lo até o quarto e se certificar de que ele não iria vomitar (e morrer). Colocou as chaves e o sobretudo dele na mesa do hall. Tirou rapidamente o seu casaco e o deixou em cima de sua bolsa.

Gabriel estava encostado na parede, de olhos fechados, o que significava que não notaria que ela ainda estava usando seu suéter, como uma adolescente apaixonada.

– Venha, professor.

Julia o pegou pela cintura e passou o braço dele em volta do seu ombro, tentando arrastá-lo pelo corredor.

– Para onde você está me levando? – Ele olhou à sua volta.

– Para a cama.

Gabriel começou a rir. Fincou os pés no chão e encostou-se de novo na parede, encarando Julia.

– Qual é a graça?

– Você, Srta. Mitchell – sussurrou ele, a voz ficando rouca de repente. – Está me levando para a cama, mas ainda nem me beijou. Não acha que deveríamos *começar* nos beijando? Talvez namorar no sofá por algumas noites? E só *depois* irmos para a cama? Ainda não tive a chance de enchê-la de carinhos, sua gatinha safada. E você é virgem, não é?

Julia ficou furiosa, especialmente com o último comentário.

– Você nunca namorou na vida. E não estou levando você para a cama para *isso*, seu idiota, mas para você *dormir* e curar esse porre. Agora vamos.

– Julianne, me beije. Um beijo de boa-noite. – Os olhos de Gabriel se arregalaram, fixando-se nela. Ele baixou a voz até um sussurro suave: – Aí vou para a cama como um bom menino. E talvez, se for uma gatinha bem-comportada, eu deixe você ir comigo.

Julia prendeu a respiração. Ele já não parecia bêbado, mas incrivelmente lúcido, e seus olhos a acariciavam, detendo-se mais do que deviam sobre seus seios. Ele começou a lamber os lábios.

Lá vem o sorriso sedutor... em cinco, quatro, três, dois, um... aí está. (Ainda bem que, no seu atual estado de espírito, Julia estava imune a sorrisos sedutores.)

Ela o soltou na mesma hora e recuou, evitando seus olhos, pois encarar o brilho *daquele* sorriso era como fitar o sol. Ele se descolou da parede e deu um passo na direção dela, encurralando-a contra a parede oposta. E Gabriel continuou a se aproximar.

Julia arregalou os olhos. Era uma emboscada. E ele parecia faminto.

– Por favor, não. Por favor, não... me machuque – choramingou ela.

Uma ruga se formou na testa de Gabriel. Ele estendeu as mãos e segurou o rosto dela com delicadeza, virando-o um pouco para que Julia encarasse seus olhos ousados e brilhantes.

– Nunca. – E, com isso, colou seus lábios aos dela.

Assim que eles se conectaram, pele com pele, Julia perdeu a capacidade de raciocinar e se deixou levar pela emoção. Nunca se sentiu tão viva. A boca de Gabriel mal se movia sobre a sua. Seus lábios eram quentes, úmidos e surpreendentemente macios. Julia não sabia se ele a estava beijando daquela forma porque estava bêbado ou por algum outro motivo, mas era como se suas bocas tivessem se congelado juntas. Como se a conexão entre os dois, tão intensa e real, não pudesse ser rompida nem por um segundo. Julia não teve coragem de mover a boca, com medo de que ele a soltasse e nunca mais voltasse a beijá-la.

Gabriel pressionou seu corpo contra o dela num gesto firme, porém gentil, acariciando seu rosto com ternura. Ele não abriu a boca. Mas o sentimento que fluiu entre os dois era mais poderoso do que nunca. A pulsação de Julia latejava em seus ouvidos e ela sentiu que ruborizava e ficava quente enquanto pressionava o corpo contra o peito dele, vencendo a distância que os separava e o abraçando. Pôde sentir os músculos de Gabriel debaixo da camisa. Quase conseguia sentir o coração dele bater contra o seu próprio peito. Ele foi tão gentil, tão carinhoso... Sua boca a deixou querendo mais – muito mais.

Não saberia dizer por quanto tempo se beijaram, mas, quando ele a soltou, Julia estava atordoada. Foi transcendental. Emocionante. A concretização momentânea do desejo mais profundo de seu coração. Uma enxurrada de lembranças e sonhos relacionados ao

pomar invadiu sua mente. Nada daquilo era um capricho de sua imaginação: aquela atração era real e deixava sua alma em alvoroço. Ela se perguntava se ele teria sentido o mesmo, mas achava que não. Talvez fosse imune a esse tipo de sentimento.

– Bela Julianne – murmurou ele, cambaleando para trás. – Doce como mel.

Gabriel lambeu os lábios como se saboreasse o gosto dela, qualquer vestígio de lucidez desaparecendo de repente. Ele fechou os olhos e caiu contra a parede, quase desmaiando.

Quando ela voltou a si – o que levou mais de um minuto –, conseguiu arrastá-lo até o quarto. E tudo teria terminado bem... se Gabriel não tivesse naquele instante vomitado em cima dela. Em seu lindo e caro suéter de caxemira verde.

Diante daquela visão e daquele cheiro, Julia, que tinha o estômago muito sensível, arquejou e teve ânsia de vômito. *Sujou até o meu cabelo! Ó deuses de todos os bons samaritanos, venham correndo ao meu socorro!*

– Desculpe, Julianne. Desculpe por ter sido um garotinho travesso. – Gabriel soava como uma criança.

Ela prendeu a respiração e balançou a cabeça.

– Não tem problema. Venha.

Ela o arrastou até a suíte e conseguiu colocá-lo de joelhos diante do vaso sanitário antes que ele voltasse a vomitar.

Tapando o nariz, Julia tentava se distrair observando seu banheiro elegante e espaçoso. Banheira grande para duas ou mais pessoas? Confere. Boxe grande para duas ou mais pessoas com chuveiro no teto? Confere. Toalhas brancas grandes e felpudas para limpar vômito. Confere.

Quando Gabriel terminou, ela lhe entregou uma toalha de rosto para limpar a boca. Ele gemeu alto e ignorou sua oferta. Então Julia se agachou e limpou seu rosto gentilmente antes de lhe dar água nas mãos em concha para enxaguar a boca.

Ela o encarou. Apesar do desastre que era sua família e das suas incertezas quanto a se iria se casar, ela às vezes pensava como seria ter um bebê – um garotinho ou uma garotinha que se parecesse com ela e seu marido. Observando Gabriel passar mal, imaginou como seria ser mãe e cuidar de um filho doente. A vulnerabilidade dele cortou seu coração, pois ela nunca a vira, exceto naquela única vez, quando ela o flagrou chorando por Grace em sua sala.

Grace ficaria feliz em saber que estou cuidando do filho dela.

– Vai ficar bem se eu deixar você sozinho por um minuto? – perguntou Julia, afastando os cabelos macios dele de cima dos olhos.

Gabriel voltou a gemer de olhos fechados, o que ela interpretou como sinal de que ele ficaria bem. Mas Julia achou difícil deixá-lo. Então, enquanto ele ficava sentado ali, gemendo, ela o mimou um pouco, acariciando seus cabelos e conversando com ele como se Gabriel fosse um bebê.

– Está tudo bem, Gabriel. Está tudo bem. Tudo o que eu sempre quis foi ser boa para você... cuidar um pouco de você... por mais que você nunca tenha tomado conta de mim.

Quando ficou convencida de que poderia deixá-lo sozinho por alguns minutos, Julia foi ao quarto dele e começou a vasculhar suas gavetas em busca de qualquer coisa que pudesse vestir. Resistiu ao impulso de revirar suas roupas íntimas em busca de algum prêmio para levar para casa (ou vender no eBay) e pegou a primeira cueca samba-canção que encontrou. Era preta, tinha o brasão do Magdalen College e parecia pequena demais para a bunda bem torneada de Gabriel.

Até as cuecas dele são pretensiosas, pensou Julia, procurando uma camiseta.

Ela foi ao banheiro de hóspedes e rapidamente despiu suas roupas sujas e tomou uma ducha só para tirar o vômito do cabelo e o fedor da pele. Em seguida vestiu as roupas dele e enrolou uma toalha na cabeça.

Então tentou dar um jeito no desastre que havia se tornado o suéter de caxemira de Gabriel. Limpou-o o melhor que pôde, deixando-o um pouco de molho na pia. Por fim, decidiu deixá-lo secar em cima do balcão de mármore. Ele precisaria mandar aquele suéter para a lavanderia (ou queimá-lo). Julia pegou o restante das suas roupas, colocou-as na máquina de lavar e voltou ao banheiro principal.

Gabriel estava sentado no chão, encostado na parede, com o cotovelo apoiado nos joelhos dobrados e o rosto nas mãos. Continuava gemendo.

Julia limpou rapidamente a privada e se ajoelhou ao lado dele. Não gostava da ideia de deixá-lo com as roupas sujas de vômito, mas também não gostava da ideia de despi-lo. Ele provavelmente a acusaria de tentar seduzi-lo ou algo do tipo, e ela não queria ter que lidar com um professor Emerson bêbado e irritado. Ou com um professor Emerson sóbrio e irritado. Pois, assim como um dragão, ele poderia se voltar contra você num segundo, caso se sentisse importunado.

– Gabriel, você está todo sujo de vômito. Está me entendendo? Quer ficar assim mesmo ou... – Ela deixou sua voz sumir aos poucos.

Ele balançou a cabeça, revelando algo parecido com entendimento, e tentou tirar a gravata. É claro que não teve muito sucesso. Então Julia desfez o nó com cuidado e puxou a gravata lentamente pela sua cabeça. Enxaguou-a da melhor forma que pôde, deixando-a sobre a pia. Ele também teria que mandá-la para a lavanderia.

Enquanto Julia estava de costas para ele, Gabriel começou a desabotoar sua camisa. Mas a tarefa se mostrou muito mais difícil que o normal e ele começou a xingar e a puxar os botões, quase os arrancando.

Julia bufou.

– Deixe comigo. – Ela tornou a se ajoelhar ao lado dele, afastou seus dedos longos e desabotoou a camisa rapidamente.

Ele sacudiu os ombros para se livrar da roupa e logo começou a tirar a camiseta que

usava por baixo. Como estava desorientado, não conseguiu soltar a camiseta da cabeça, então ficou ali sentado, com ela em volta dos cabelos como um turbante.

Era muito engraçado. Julia conteve o riso, desejando ter um celular à mão para tirar uma foto dele. Ela adoraria usar aquela imagem como papel de parede do seu computador. Libertou-o da camisa e se sentou de volta sobre os calcanhares, perdendo o fôlego.

O peito nu de Gabriel era estonteante. Na verdade, todo o seu corpo era um exemplo de perfeição. Ele tinha braços grandes e musculosos, ombros largos e o peitoral maravilhosamente definido. No dia a dia, parecia magro, pensou Julia, especialmente quando seu corpo estava escondido por suéteres e paletós. Mas não havia nada de magro em Gabriel. Absolutamente nada.

E ele tinha uma tatuagem, o que a surpreendeu. Julia tinha visto fotos de Gabriel e Scott sem camisa – tiradas durante férias de verão, antes de ela se mudar para Selinsgrove. Mas poderia jurar que Gabriel não tinha tatuagens naquelas fotos. Só poderia ter sido feita nos últimos seis ou sete anos.

A tatuagem ficava do lado esquerdo do peito, sobre o mamilo, e se estendia até o esterno. Era a figura de um dragão medieval enroscado em volta de um grande coração, esmagando-o com as duas patas da frente. O coração era realista, não estilizado, e as garras do dragão se enterravam tão profundamente na carne que escorria sangue das feridas.

Julia ficou boquiaberta diante daquela imagem sinistra e perturbadora. O dragão era verde e preto, com um rabo farpado em espiral e asas grandes e esvoaçantes. Sua boca estava aberta e cuspia fogo. Mas o que chamou sua atenção foi a inscrição em tinta preta gravada no coração. Ela conseguiu discernir as letras *M A I A*. Maia. Ou seria uma sigla, M.A.I.A.?

Julia não fazia ideia de quem era Maia ou o que significava M.A.I.A. Nunca tinha ouvido Rachel nem ninguém da família Clark mencionar aquele nome. Não achava que uma tatuagem combinasse com Gabriel – nem com o que ela conhecera brevemente antes nem com o que estava começando a conhecer novamente. Muito menos uma tatuagem tão grande e impressionante.

Ele tem uma tatuagem dessas e usa gravata-borboleta? Com suéter?

Ela se perguntou que outras surpresas haveria escondidas em sua pele, e seus olhos desceram um pouco mais. Mesmo com ele sentado, Julia não pôde deixar de notar os músculos bem definidos do abdome e o V profundo que descia pelo cós da calça de lã.

Puta merda. O professor Emerson deve malhar – e muito. Será que posso tirar uma foto dessa barriga para usar como protetor de tela?

Julia ficou vermelha e desviou o olhar. Ela estava sendo má ao devorá-lo com os olhos daquele jeito. Não gostaria que ninguém fizesse isso com ela, especialmente se estivesse

vulnerável. Então, sentindo-se muito culpada, juntou as roupas sujas dele e a toalha que havia usado para limpar o vômito que pingara no tapete persa do quarto e as levou para a área de serviço. Apressou-se em colocar tudo na máquina de lavar, acrescentou o sabão e ligou. Foi à cozinha pegar um copo e uma garrafa de água na geladeira.

Na sua ausência, Gabriel havia conseguido se arrastar e se sentar na beira da imponente cama com lençóis de seda que ficava no meio do quarto. Estava descalço e vestindo apenas uma cueca samba-canção preta, completamente despenteado.

Puta merda.

Embora provavelmente não houvesse nada mais sexy no mundo do que a visão de Gabriel seminu sentado na beira da cama, Julia desviou o olhar e deixou a água na mesa de cabeceira. Queria perguntar como ele estava, mas achou que talvez fosse melhor lhe dar um tempo. Então se afastou e correu os olhos pelo quarto. Ficou perplexa com o que viu.

O gosto de Gabriel por fotografias em preto e branco ficava ainda mais evidente ali, pois cada parede estava enfeitada com um par delas, todas de tamanho gigante e enquadradas em imponentes molduras pretas. Mas o que realmente surpreendeu Julia foi o conteúdo das fotos.

Eram eróticas. Imagens de nus, predominantemente femininos, embora algumas mostrassem um homem e uma mulher juntos, com os rostos e as genitálias escondidos ou sombreados. Dispostas com bom gosto, eram muito bonitas, e Julia não as chamaria de obscenas. Mas eram altamente sensuais e voluptuosas, muito mais sofisticadas do que pornografia comum – e bem mais excitantes.

Uma mostrava um casal de lado, virados um para o outro e montados numa espécie de banco. Seus troncos estavam unidos, as mãos dele nos cabelos longos e claros dela. Julia ficou vermelha ao imaginar se a foto havia sido tirada antes, durante ou depois de o belo casal ter feito amor.

Em outra, havia uma mulher de costas, com um par de mãos masculinas, uma espalmada no meio das costas dela e a outra na bunda. Uma tatuagem se estendia do lado direito do quadril dela, mas a mensagem estava em árabe, supôs Julia, e ela não pôde entendê-la.

No entanto, foram as duas fotos maiores penduradas sobre a cama que mais chamaram sua atenção.

Uma delas mostrava uma mulher deitada de barriga para baixo. Um homem pairava acima dela, quase como um anjo negro, beijando uma de suas omoplatas e espalmando a mão esquerda na base das suas costas. A foto fez Julia se lembrar de *O beijo do anjo*, de Rodin, a ponto de ela se perguntar se o fotógrafo não teria se inspirado na escultura.

A outra fotografia fez Julia perder o fôlego, pois era a mais explícita de todas, e sua crueza e agressividade lhe causaram uma repulsa imediata. Mostrava uma mulher

deitada de bruços, vista de lado, com apenas a parte que ia da metade do tronco até o joelho enquadrada. Por cima dela, via-se parte de um corpo masculino. A mão dele apertava com força sua bunda, contra a qual se pressionava o quadril dele. O homem tinha o glúteo volumoso e dedos longos e elegantes. Julia ficou transtornada com aquela foto e desviou o olhar na mesma hora, constrangida.

Por que alguém teria uma foto dessas pendurada na parede? Ela balançou a cabeça. Diante daquelas imagens, uma coisa ficava bem clara: *o professor Emerson tinha tara por costas.*

A julgar pela decoração e pela escolha das obras de arte, o quarto de Gabriel parecia servir a um único propósito: ser um caldeirão fervilhante de luxúria. Pelo que tinha observado, a intenção devia ser mesmo essa, apesar da óbvia e palpável frieza do ambiente – que combinava com a atmosfera glacial do restante do apartamento. Naquele espaço de paredes marrom-acinzentadas, era como se um vento frio soprasse das fotografias e da seda azul da roupa de cama e das cortinas, assim como da pouca mobília toda preta do quarto, dominado por aquela cama gigantesca, com a cabeceira alta entalhada com detalhes rebuscados e pés baixos igualmente rebuscados.

Medieval, pensou Julia. *Bem apropriado.*

Mas sua atenção logo passou das fotografias para outra coisa, ainda mais surpreendente. Julia olhou, chocada, para o quadro na parede oposta à cama.

Estranhamente deslocada em meio às fotografias eróticas em preto e branco, havia uma pintura a óleo pré-rafaelita, em cores vivas e gloriosas. Era uma reprodução em tamanho natural do quadro de Henry Holiday de Dante e Beatriz, o mesmo que ficava pendurado diante da cama dela.

Os olhos de Julia se lançaram da pintura para Gabriel e então de volta para a pintura. Ela o imaginou adormecendo todas as noites a observar o rosto de Beatriz. Era a última coisa que ele via antes de dormir e a primeira ao acordar. Julia não sabia que ele tinha aquele quadro. Ela o havia comprado por causa dele. Seria possível que ele a tivesse comprado por causa dela?

Julia estremeceu diante dessa ideia. Independentemente de quem entrasse no seu quarto, independentemente de que garota Gabriel levasse para casa para aquecer sua cama, Beatriz estava sempre ali. Sempre presente.

Mas ele não lembrava que ela era Beatriz.

Julia balançou a cabeça para afastar esses pensamentos e convenceu gentilmente Gabriel a deitar. Ela o cobriu com os lençóis e o edredom de seda. Então sentou-se ao lado dele na cama, observando-o enquanto ele a encarava.

– Eu estava ouvindo música – sussurrou ele, como se desse continuidade a uma conversa.

Ela franziu as sobrancelhas, confusa.

– Que tipo de música?

– "Hurt", na voz de Johnny Cash. Sem parar.

– Para que ouvir isso?

– Para lembrar.

– Oh, Gabriel. Por quê?

Julia piscou para conter as lágrimas, pois aquela era a única música composta por Trent Reznor que ela conseguia ouvir sem sentir ânsia de vômito, mas sempre a fazia chorar.

Ele não respondeu.

Julia se inclinou sobre ele.

– Gabriel, querido, não ouça mais esse tipo de música, está bem? Nada de *Lacrimosa* ou Nine Inch Nails. Saia da escuridão e vá em direção à luz.

– Onde está a luz? – murmurou ele.

Julia suspirou profundamente.

– Por que você bebe tanto?

– Para esquecer – disse ele, fechando os olhos.

Agora que ele estava de olhos fechados, Julia pôde admirá-lo. Ele devia ter sido um adolescente muito bonito, com aqueles grandes olhos cor de safira, lábios desejáveis e cabelos castanhos sensuais. Talvez tivesse sido tímido, em vez de revoltado e triste. Talvez tivesse sido nobre e bondoso. Se a diferença de idade entre Julia e ele fosse menor, Gabriel poderia tê-la beijado na varanda da casa dela, a levado ao baile da escola e feito amor com ela pela primeira vez em uma manta, sob as estrelas, no velho pomar atrás da casa dos pais dele. Num universo perfeito, essa também poderia ter sido a primeira vez dele.

Julia pensou em quanta dor uma alma, a sua alma, podia suportar antes de definhar por completo, então se virou para ir embora. Ele estendeu a mão quente para segurá-la.

– Não me deixe – sussurrou. Seus olhos estavam quase fechado, e a expressão neles era de súplica. – Por favor, Julianne.

Ele sabia quem ela era, mas, por algum motivo, ainda queria que ela ficasse. Havia tanto desespero em seus olhos e em sua voz... Julia não poderia lhe dizer não naquelas condições.

Ela tomou a mão de Gabriel na sua e tornou a se sentar ao lado dele.

– Não vou deixá-lo. Agora, durma. Você está cercado de luz. De muita luz.

Um sorriso brincou nos lábios perfeitos de Gabriel e ela o ouviu suspirar. A pressão da mão dele sobre a sua diminuiu um pouco. Ela respirou fundo e prendeu o ar, passando de leve o dedo nas sobrancelhas dele. Quando ele não se mexeu nem abriu os olhos, Julia os acariciou, um de cada vez. Era algo que sua mãe costumava fazer quando ela era criança e não conseguia dormir. Mas isso tinha sido muito tempo atrás, muito antes de sua mãe a abandonar para ir atrás de interesses mais importantes para ela.

Gabriel continuava sorrindo, então Julia tomou coragem e passou a mão por seus cabelos. Sentir as mechas rebeldes entre os dedos lhe trouxe à mente um dia que havia passado numa fazenda na Toscana, durante seu ano de intercâmbio. Um rapaz italiano a havia levado para um campo e os dois tinham caminhado juntos, as mãos dela flutuando por cima do matagal. O cabelo de Gabriel era leve e macio.

Ela começou a acariciar seus cabelos, como Grace devia ter feito um dia. Gabriel permitiu que os dedos dela descessem pelo seu rosto, traçando as linhas de sua mandíbula angulosa e roçando de leve sua barba por fazer. Ela tocou uma covinha muito discreta em seu queixo e começou a passar as costas da mão nos malares pronunciados. Nunca voltaria a estar tão perto dele. Se estivesse acordado, Gabriel não a deixaria fazer aquilo. Sem dúvida teria mordido sua mão e voado em seu pescoço.

Seu peito perfeito subia e descia ao ritmo de sua respiração agora regular. Ele parecia ter adormecido.

Ela olhou para o pescoço dele, para os músculos dos seus ombros e a parte de cima dos braços, para a clavícula e o peitoral. Se ele fosse mais claro, pareceria uma escultura romana feita de mármore frio e branco. Mas um resquício de bronzeado do verão deixava sua pele quase dourada sob a luz da lâmpada.

Julia beijou dois de seus próprios dedos e os pousou com carinho sobre os lábios entreabertos dele.

– *Ti amo, Dante. Eccomi Beatrice*. Eu te amo, Dante. Aqui estou eu, Beatriz.

Neste exato momento, o telefone de Gabriel tocou.

Ela pulou de susto. O toque era muito alto. Gabriel começou a se mexer, o barulho perturbando seu sono. Então Julia o atendeu:

– Alô?

– Posso saber quem está falando? – exigiu uma voz de mulher, chocada e estridente.

– É da casa de Gabriel Emerson. Quem é *você*?

– Aqui é Paulina. Passe para ele!

O coração de Julia bateu duas vezes e parou antes de voltar a acelerar. Ela se levantou, levando o aparelho sem fio até o banheiro e fechando a porta.

– Ele não pode atender no momento. É uma emergência?

– Como assim, *não pode*? Diga que é Paulina e que quero falar com ele.

– Hum... ele está indisposto.

– Indisposto? Preste atenção, sua putinha, role Gabriel na cama e passe o telefone para ele. Estou ligando da...

– Ele não pode falar agora. Por favor, ligue de novo amanhã.

Julia apertou o botão para desligar, interrompendo as palavras furiosas de Paulina, sentindo-se totalmente enojada.

Ela é mandona demais para ser apenas um caso. Deve ser amante dele – e deve estar

furiosa por eu ter atendido. Talvez fique com tanta raiva que acabe terminando com Gabriel.

Julia se encolheu diante do azar que insistia em persegui-la e tirou a toalha que estava enrolada em seu cabelo, pendurando-a para secar. Voltou ao quarto e devolveu o telefone à sua base. Pretendia deixar Gabriel sozinho com seus sonhos e dormir no quarto de hóspedes, pois prometera que não iria abandoná-lo.

De repente, dois olhos azuis se arregalaram e começaram a olhar através dela.

– Beatriz – sussurrou ele, estendendo a mão.

Julia estremeceu.

– *Beatriz* – sussurrou ele novamente, fitando os olhos dela com uma expressão de reconhecimento, sem pestanejar.

– Gabriel?

Ela conteve um soluço.

CAPÍTULO CATORZE

Os olhos de Gabriel se fecharam por um segundo apenas, e um sorriso lento e doce se abriu em seu rosto. Por fim, seu olhar se encheu de carinho e ternura.

– Você me encontrou.

Julia mordeu a parte de dentro da bochecha, obrigando-se a não chorar ao ouvir a voz dele. Aquela era a voz de que se lembrava. E Julia havia esperado tanto por ela. Tinha esperado que ele voltasse por muito, muito tempo.

– Beatriz.

Ele segurou sua mão, puxando-a para junto de si. Mexeu-se na cama para acomodá-la, envolvendo-a com os braços, enquanto ela descansava a cabeça em seu peito nu.

– Achei que tinha se esquecido de mim.

– Nunca – disse ela, as lágrimas começando a escorrer de forma incontrolável. – Pensei em você todos os dias.

– Não chore. Você me encontrou.

Gabriel fechou os olhos e virou a cabeça, a respiração começando a voltar ao normal. Julia ficou deitada ali, muito quieta, sem querer que seus soluços o perturbassem, esforçando-se ao máximo para não balançar a cama enquanto deixava o sofrimento e o alívio atravessarem seu corpo. Lágrimas escorriam por seu rosto branco, pingando na pele morena e tatuada dele.

Seu Gabriel havia se lembrado dela. Seu Gabriel enfim retornara.

– Beatriz. – Ele a abraçou com mais força pela cintura e se moveu para sussurrar em seus cabelos ainda úmidos: – Não chore.

Com os olhos fechados, Gabriel pressionou os lábios contra a testa dela, uma, duas, três vezes.

– Senti tanto sua falta. Tanto – sussurrou Julia, seus lábios se movendo sobre a tatuagem.

– Você me encontrou – murmurou ele. – Eu deveria ter esperado. *Amo você*.

Julia então chorou ainda mais, agarrando-se a ele como se estivesse se afogando e Gabriel fosse seu salva-vidas. Beijou de leve o peito dele e correu os dedos pelo seu abdome.

Em resposta, os dedos de Gabriel percorreram a pele arrepiada dos braços dela, antes de deslizarem para dentro do tecido folgado de sua blusa. Ele deslizou os dedos na pele de Julia até enfim pousar a mão na base das suas costas. Então suspirou fundo e pareceu retornar ao mundo dos sonhos.

– Eu amo tanto você, Gabriel, que chega a doer – disse Julia, descansando a mão sobre

o coração dele, que batia devagar.

Sussurrou as palavras de Dante de volta para ele, ligeiramente modificadas:

Há tanto que o Amor me tem cativo
E habituado ao seu jugo,
Que, se antes me causava estorvo,
Agora parece encarecer meu coração.
Assim, quando ele me priva da minha coragem
E meu espírito parece ser soprado para longe,
Sinto atravessar minha alma
Tamanha douçura que meu rosto empalidece,
Então o Amor me tem de tal forma em seu poder,
Que meu espírito me faz ouvir
Sempre a clamar
Pelas boas-vindas do meu Gabriel.
A cada vez que o vejo, é o que acontece,
E é tão singelo que ninguém pode compreender.

Quando suas lágrimas secaram, Julia deu alguns beijos hesitantes nos lábios serenos e macios de Gabriel e caiu num sono profundo e sem sonhos nos braços de seu amado.

◆◆◆

Quando acordou, já passava das sete horas. Gabriel ainda dormia profundamente, chegando a roncar. Pelo visto, nenhum dos dois tinha se mexido a noite inteira. Aquele provavelmente tinha sido o segundo sono mais tranquilo de sua vida.

Ela não queria se mexer. Não queria se afastar dele nem um centímetro. Queria ficar deitada em seus braços para sempre e fingir que eles nunca haviam se separado.

Ele me reconheceu. Ele me ama. Até que enfim.

Julia nunca tinha se sentido amada antes. Não de verdade. Ah, *ele* tinha sussurrado isso; e sua mãe, gritado, mas só quando estava bêbada, de modo que as palavras nunca haviam penetrado sua consciência. Ou seu coração. Julia nunca havia acreditado nelas, pois seus atos contradiziam as palavras. Mas acreditava em Gabriel.

Então, naquela manhã, pela primeira vez na vida, Julia se sentiu amada. Abriu um sorriso tão largo que achou que seu rosto fosse se partir em dois. Pressionou os lábios no pescoço de Gabriel e esfregou o rosto em sua barba por fazer. Ele gemeu baixinho e a abraçou com mais força, mas sua respiração regular e profunda indicava que ainda estava dormindo.

Julia tinha bastante experiência com alcoólatras para saber que, ao acordar, Gabriel

estaria de ressaca e provavelmente mal-humorado. Por isso não tinha pressa de despertá-lo. Sentia-se grata por, pelo menos na noite anterior, Gabriel ter sido um bêbado inofensivo e galanteador. O tipo com o qual ela sabia lidar. Era o outro tipo que a assustava.

Ela passou cerca de uma hora desfrutando seu perfume e calor, deleitando-se com a proximidade dele, passando as mãos, hesitante, pela parte de cima do seu corpo. Descontando a noite que havia passado com ele no bosque, aqueles momentos eram os mais felizes de sua vida. Mas, depois de um tempo, ela precisou se levantar.

Soltou-se sorrateiramente dos braços dele e foi até o banheiro na ponta dos pés, fechando a porta ao entrar. Notou um frasco de colônia Aramis sobre a penteadeira. Pegou o frasco, abriu-o e sentiu o perfume. Não era o aroma de que ela se lembrava da noite no pomar. Seu cheiro então tinha lhe parecido mais natural, selvagem até.

Este é o novo cheiro de Gabriel. E, como ele, é de tirar o fôlego. E agora ele é meu...

Ela escovou os dentes, prendeu o cabelo num nó bagunçado no topo da cabeça e foi procurar um elástico ou um lápis para segurá-lo no lugar. Depois seguiu para a área de serviço e transferiu suas roupas limpas, porém úmidas, para a secadora. Só poderia voltar para casa depois que elas estivessem secas. Mas, agora que Gabriel se lembrava dela, não tinha intenção de ir embora.

E quanto a Paulina? Ou M.A.I.A.? Julia afastou essas perguntas da cabeça, simplesmente porque eram irrelevantes. Gabriel a amava. É claro que iria despachar Paulina.

E quanto ao fato de ele ser meu professor? E se ele for alcoólatra?

Tempos antes, ela havia prometido a si mesma que jamais se envolveria com um alcoólatra. Mas, em vez de enfrentar essa possibilidade, Julia reprimiu de forma consciente todas as pequenas e incômodas dúvidas que surgiam, pois queria acreditar que o amor deles superaria todos os obstáculos.

Não tenha eu restrições ao casamento de almas sinceras, pensou ela, evocando Shakespeare como um talismã contra seus medos. Ela acreditava que os vícios de Gabriel tinham origem em sua solidão e seu desespero. Mas, agora que eles haviam se reencontrado, seu amor bastaria para resgatá-los da escuridão. Juntos, seriam muito mais fortes e saudáveis do que eram separados.

Enquanto ponderava essas questões em seu coração, Julia remexia os armários da cozinha muito bem guarnecida de Gabriel. Não sabia o que ele iria querer de café da manhã, considerando que estaria de ressaca. Sua mãe sempre recusava comida, preferindo tomar um drinque, como um Seabreeze, que, aos 8 anos, Julia (infelizmente) já sabia preparar. Mesmo assim, quando terminou de comer seus ovos mexidos e o bacon e tomar o café, preparou o mesmo para Gabriel.

Sem saber se ele precisaria do veneno que o derrubara na noite anterior, mas querendo

lhe dar essa opção, ela preparou um Walters. Encontrou a receita num livro de drinques e escolheu usar (esperava que acertadamente) seu uísque menos estimado, pois não queria profanar seu melhor *single malt* com suco.

Julia estava maravilhada por ter a chance de mimar um pouco Gabriel, então se esmerou bastante ao preparar sua bandeja de café da manhã. Cortou alguns ramos de salsa do herbário sobre o balcão da cozinha e os pôs sobre as rodelas de laranja dispostas em forma de leque ao lado do bacon. Chegou a embrulhar os talheres num guardanapo de linho, dobrando-o de um jeito um pouco irregular. Queria ter habilidade para fazer uma dobradura mais elaborada – um pavão, talvez, ou um leque –, e decidiu pesquisar como fazer isso na próxima vez que se sentasse diante do computador.

Então Julia criou coragem, foi ao escritório de Gabriel, encontrou um bloco de papel e uma caneta tinteiro em cima da grande mesa de madeira e escreveu um bilhete:

Outubro de 2009
Querido Gabriel,
Eu havia perdido as esperanças, até que você olhou
nos meus olhos na noite passada e finalmente me viu.
Apparuit iam beatitudo vestra.
Aqui está sua bem-aventurança.
Sua Beatriz.

Julia deixou o bilhete encostado na taça que usou para servir o suco de laranja. Sem querer acordá-lo ainda, pôs a bandeja inteira, com o drinque e tudo, em sua geladeira grande e quase vazia. Então apoiu-se na porta dela e suspirou de satisfação.

De repente, a rotina de deusa do lar de Julia foi interrompida por alguém batendo à porta.

Puta merda, pensou ela. *Será que é...?*

A princípio, não soube o que fazer. Deveria esperar e ver se Paulina tinha a chave? Ou correr de volta para os braços de Gabriel e se esconder? Depois de esperar por cerca de um minuto, foi vencida pela curiosidade e se viu caminhando em direção à porta na ponta dos pés.

Ó deuses de todas as mestrandas que acabaram de reencontrar sua alma gêmea depois de seis anos de muito sofrimento, por favor, não permitam que a (em breve) ex-amante dele estrague tudo. Por favor.

Julia respirou fundo e olhou pelo olho mágico. O corredor estava vazio. Ela notou alguma coisa no chão. Hesitante, entreabriu a porta e esticou a mão, suspirando aliviada quando ela se fechou sobre a edição de sábado do *Globe and Mail*.

Tornando a sorrir, contente por seu jubiloso reencontro com Gabriel não ter sido

arruinado pela amante dele, Julia pegou o jornal e trancou a porta depressa. Ainda sorrindo, serviu-se de um copo de suco de laranja e se acomodou na poltrona de veludo vermelho em frente à lareira, com os pés descalços apoiados na otomana do mesmo tecido. Suspirou de alegria.

Se duas semanas antes, quando Julia estava visitando o apartamento de Gabriel com Rachel, você tivesse lhe perguntado se ela imaginava que um dia estaria sentada na preciosa poltrona dele numa manhã de domingo, ela teria dito que *não*. Teria achado impossível, mesmo com a intercessão celestial de Grace. Mas, agora que estava ali, sentia-se muito feliz.

Acomodou-se para uma manhã preguiçosa, com o jornal e um suco de laranja, e decidiu que sua felicidade merecia um pouco de música cubana, mais especificamente *Buena Vista Social Club*. Enquanto ouvia "Pueblo Nuevo" em seu iPod, folheou a seção de cultura do jornal de Gabriel. Uma exposição de arte florentina estava para ser inaugurada no Royal Ontario Museum. As obras viriam emprestadas da Galleria degli Uffizi. Talvez Gabriel não se importasse de levá-la à exposição. Um *encontro*.

Sim, eles tinham perdido o baile de formatura e todas as festas na Universidade de Saint Joseph. Mas Julia tinha certeza de que todas as oportunidades desperdiçadas agora lhe seriam recompensadas em dobro e que recuperariam o tempo perdido. Contente, ela se pôs de pé quando, em seus ouvidos, o trompetista começou a tocar alguns compassos de "Stormy Weather" como contraponto à melodia cubana. Julia começou a cantar alto, alto demais, dançando com seu copo de suco de laranja e a roupa íntima pretensiosa de Gabriel, sem perceber o homem seminu que se aproximava por trás dela.

– Que porra é essa?

– Aaaaaaaaaaaaiiiiiiiii!

Julia gritou e deu um pulo, assustada com aquela voz ríspida e furiosa. Tirou depressa os fones de ouvido e se virou. Ficou arrasada com o que viu.

– Eu lhe fiz uma pergunta! – explodiu Gabriel, seus olhos transformados em duas poças azul-escuras. – O que você está fazendo com a *minha* cueca, pulando na *minha* sala de estar?

Julia poderia jurar ter ouvido seu coração se partindo. Ou seria apenas o último prego no caixão em que seu amor morto descansava, embora não fosse em paz?

Talvez tenha sido o tom da voz dele, irritado e autoritário. Talvez o fato de que aquela pergunta era suficiente para ela perceber que ele não a via mais como sua Beatriz e que todos os seus sonhos e suas esperanças tinham *morrido* logo depois de terem nascido. Mas, qualquer que fosse a verdadeira explicação, o iPod e o suco de laranja de Julia escaparam dos seus dedos. O copo se estilhaçou no mesmo instante, fazendo seu iPod deslizar sobre uma poça cada vez maior de líquido amarelo aos seus pés.

Julia passou alguns instantes olhando aquele desastre, tentando entendê-lo. Era como se

não compreendesse como um copo poderia se quebrar e fazer uma bagunça tão grande. Por fim, ajoelhou-se para catar os cacos de vidro e começou a repetir duas perguntas sem parar em sua cabeça.

Por que ele está tão irritado comigo? Por que não se lembra?

Gabriel baixou os olhos para ela. Usava apenas sua cueca samba-canção, o que o deixava meio sexy e meio ridículo. Seus punhos estavam cerrados e Julia viu os tendões se destacarem em seus braços magníficos.

– Você não se lembra do que aconteceu ontem à noite, Gabriel?

– Não, graças a Deus, não. Levante-se! Você se ajoelha mais do que uma puta qualquer – esbravejou ele, com os punhos cerrados, olhando enfurecido para sua posição servil.

Julia levantou a cabeça de repente. Ela buscou seus olhos, notando sua total amnésia e irritação. Era como se Gabriel tivesse atravessado seu corpo com uma espada. Ela sentiu a lâmina penetrar e trespassar seu coração, que começou a sangrar lentamente.

É como a tatuagem dele, pensou Julia. *Ele é o dragão; eu sou o coração sangrento.*

Naquele instante de silenciosa compreensão, aconteceu uma coisa extraordinária. Algo que estivera seis anos dormente dentro dela *finalmente* veio à tona.

– Vou ter que acreditar no que diz quanto ao comportamento das prostitutas, Emerson. Quem poderia saber melhor do que você? – rosnou.

Então, como aquele comentário irônico não curou por completo a ferida cada vez maior em seu coração, ela corajosamente deixou de limpar a sujeira, colocando-se de pé com um salto. E perdeu de vez a compostura.

– Não *ouse* falar comigo desse jeito, seu bêbado patético! – vociferou Julia. – Quem você pensa que é, *porra*? Depois de tudo o que fiz por você ontem à noite? Eu deveria tê-lo deixado nas mãos de Gollum. Deveria ter deixado que ela trepasse com você na frente de todo mundo no bar do Lobby.

– Do que você está falando?

Julia se inclinou para ele, os olhos faiscando, o rosto vermelho e os lábios tremendo. Ela vibrava de raiva à medida que a adrenalina percorria suas veias. Queria socar Gabriel. Queria tirar aquela expressão de seu rosto com os próprios punhos. Queria arrancar os cabelos dele e deixá-lo careca. Para sempre.

Gabriel sentiu seu perfume, erótico e convidativo, e passou involuntariamente a língua pelos lábios. Mas essa não era a coisa certa a fazer diante de uma mulher tão irritada quanto Julia.

Ela jogou a cabeça para trás, furiosa, e saiu a passos firmes pelo corredor, murmurando vários palavrões exóticos em inglês e em italiano. E, quando eles se esgotaram, passou para o alemão, sinal inconfundível de que estava mesmo possessa.

– *Haub ab! Verpiss dich!* – exclamou ela da área de serviço.

Gabriel esfregou lentamente os olhos. Apesar de sentir uma das piores dores de cabeça

que já tivera na vida por causa da ressaca, ele até que estava gostando de ver Julia com suas roupas, passionalmente irritada, gritando com ele em vários idiomas. Era a segunda coisa mais erótica que já vira. O que não vinha de forma alguma ao caso.

– Como você aprendeu a xingar em alemão? – Ele a seguiu até a área de serviço, onde ela tirava suas roupas da secadora.

– Vá à merda, Gabriel!

Nesse instante, ele foi distraído por um sutiã de renda preta jogado em cima da secadora de forma casual, porém um tanto provocativa. Olhou para a peça e notou que o número e o tamanho de taça que tinha imaginado na noite em que a levara para jantar no Harbour Sixty estavam corretos. Gabriel se parabenizou em silêncio.

Ele arrastou os olhos em direção aos dela. Fagulhas dançavam neles, pequenas manchas reluzentes cor de caramelo sobre chocolate preto, como um sundae brilhante.

– O que está fazendo?

– O que parece que estou fazendo? Estou dando o fora daqui antes que estrangule você com uma das suas gravatas-borboleta ridículas.

Gabriel fechou a cara, pois sempre achara suas gravatas elegantes.

– Quem é Gollum?

– A vadia da Christa Peterson.

Gabriel franziu a testa. *Christa? Ela parece mesmo o Gollum.*

– Esqueça Christa. Ela não me interessa. Nós transamos? – Gabriel cruzou os braços e a voz dele ficou séria.

– Nos seus sonhos, Gabriel!

– Isso não é uma negação, Srta. Mitchell. – Ele pousou a mão no braço dela, forçando-a a parar o que estava fazendo. – E não me diga que isso também não é um sonho seu.

– Tire suas mãos de mim, seu babaca arrogante! – Julia puxou o braço de volta com tanta força que quase caiu para trás. – É claro que você teria que estar bêbado para querer trepar *comigo*.

Gabriel ficou vermelho.

– Pare com isso. Quem falou em trepar?

– O que mais você faria? Sou apenas a putinha maluca que fica de joelhos de cinco em cinco minutos. Considere-se um homem de sorte por não se lembrar do que aconteceu! Com certeza não foi nada memorável.

Gabriel segurou o queixo dela com firmeza, erguendo-o e levando o rosto de Julia a poucos centímetros do seu.

– Eu mandei você *parar com isso*. – Ele a encarou com os olhos faiscantes. Julia viu neles um alerta grave. – Você não é nenhuma puta. E nunca mais se refira a si mesma desse jeito. – O tom de voz de Gabriel era frio como um cubo de gelo.

Ele a soltou e deu um passo muito largo para trás, o peito arquejante e os olhos em

chamas. Ele os fechou com força e começou a respirar fundo. Mesmo com a mente confusa e embriagada, sabia que aquilo tinha ido muito mais longe do que devia. Precisava se acalmar, e rápido. Depois teria que acalmá-la, antes que ela tomasse alguma atitude drástica.

A expressão nos olhos dela dizia tudo: ele a havia encurralado como a um animal. Ela estava com raiva, magoada, assustada e triste – uma gata furiosa e ferida, com as garras de fora e lágrimas brilhando nos cantos dos olhos. Ele tinha provocado isso. Havia feito isso com ela, um anjo de olhos castanhos, ao compará-la com uma puta e não se lembrar do que acontecera entre os dois na noite anterior.

Você deve tê-la seduzido, para ela estar agindo desse jeito... Emerson, você é um canalha de marca maior. E acabou de arruinar sua carreira.

Enquanto ele pensava – o que fazia lentamente –, Julia viu uma oportunidade e a aproveitou. Xingando-o bem alto, pegou suas roupas e correu em direção ao quarto de hóspedes, batendo e trancando a porta.

Tirou a cueca samba-canção dele, largando-a com desdém no chão, e vestiu às pressas suas meias e o jeans úmido. Quando percebeu que tinha deixado o sutiã em cima da secadora, decidiu simplesmente ir embora sem ele. *Gabriel pode acrescentá-lo à sua coleção. Desgraçado.* Resolveu não trocar de camiseta, pois a dele era menos transparente que a sua. E, se Gabriel a exigisse de volta, ela arrancaria os olhos dele a unhadas.

Julia colou a orelha à porta, tentando ouvir algum movimento no corredor. Como não conseguiu ter certeza se escutava alguma coisa, teve alguns preciosos momentos para pensar.

Havia perdido a cabeça e agido como uma idiota. Sabia como Gabriel podia ser. Tinha visto a mesa de centro estilhaçada e os respingos de sangue no carpete de Grace. Embora tivesse certeza de que Gabriel jamais, em hipótese alguma, fosse bater nela, não fazia ideia do que o professor Emerson era capaz, se provocado.

Mas ele a deixara tão irritada! E Julia nunca tivera a chance de extravasar sua fúria contra ele. Era como se toda aquela raiva reprimida estivesse gritando para sair. Ela precisava deixar aquilo para trás; precisava virar a página de uma vez por todas. Tinha desperdiçado sua vida desejando alguém que não era real, uma aparição passageira, provocada pelo álcool, e isso finalmente iria acabar.

Você gritou com ele e o xingou. Saia logo daqui antes que ele fique violento.

Enquanto Julia se vestia, Gabriel cambaleou até a cozinha em busca de algo para diminuir o estrago que o uísque tinha feito em sua mente. Abriu a porta da geladeira e se apoiou nela, banhando-se em seu brilho fluorescente.

Seus olhos azuis percorreram o conteúdo da geladeira até encontrarem uma grande bandeja branca, muito bonita. E muito feminina, com comida, suco de laranja e o que

parecia ser um drinque.

E o que era aquilo...? *Não acredito, ela até* enfeitou *a bandeja.*

Gabriel ficou ali parado, olhando. A Srta. Mitchell parecia uma boa pessoa, mas qual era a probabilidade de ter preparado o café da manhã para ele se não tivessem transado? A bandeja, enfeitada daquele jeito, parecia a prova da sua sedução e, por isso, embrulhou seu estômago.

Mesmo assim, Gabriel sentiu-se grato por ela ter preparado um drinque, que ele tomou com voracidade. Era exatamente o antídoto de que sua cabeça latejante precisava e, em poucos momentos, ele sentiu algum alívio.

Preguiçosos, seus olhos focaram o bilhete apoiado na taça de suco de laranja. Leu-o devagar, sem entender bem por que a Srta. Mitchell se dirigiria a ele daquela maneira. Releu o bilhete várias vezes, finalmente concentrando sua atenção nas seguintes palavras:

Apparuit iam beatitudo vestra.
Aqui está sua bem-aventurança.
Sua Beatriz.

Jogou o bilhete de lado, irritado. Se aquilo não confirmava que eles tinham ido para a cama, provava ao menos que a Srta. Mitchell estava apaixonada. Não era de espantar que tivesse sido tão fácil seduzi-la e convencê-la a lhe entregar sua virgindade. Alunas se sentiam atraídas por figuras de autoridade e desenvolviam um apego inadequado por elas. No caso de Julianne, ela os via como os personagens de sua pesquisa: ela era Beatriz, e ele, seu Dante. Uma paixão simples, porém proibida, à qual ele havia se entregado num torpor egoísta e embriagado. Agora, tinha perdido o apetite. *O que Rachel vai dizer quando descobrir?*

Amaldiçoando sua falta de autocontrole, ele se dirigiu para o seu quarto, passando pela porta do quarto de hóspedes, que continuava fechada. Lampejos da noite anterior dançavam diante de seus olhos. Ele se lembrou de beijar Julianne no corredor e da sensação da pele dela em suas mãos. Lembrou-se de desejá-la intensamente, da doçura dos seus lábios, do calor do seu hálito contra o rosto dele, da maneira como ela tremeu ao seu toque. Embora não conseguisse se lembrar do ato em si, ou do prazer do corpo nu dela contra o seu, lembrava-se de estar deitado na cama e olhar seu rosto. De sentir a mão dela em seu rosto, pedindo que ele caminhasse em direção à luz. O semblante dela era como o de um anjo. Um belo anjo de olhos castanhos.

Ela veio me salvar e veja só como a tratei. Tirei a virgindade dela e nem me lembro. Ela merecia algo melhor. Muito melhor.

Gabriel emitiu o gemido de uma alma torturada, vestiu um jeans e uma camiseta velha

e procurou seus óculos. Quando estava prestes a sair do quarto, ele se deteve, o olhar inexplicavelmente atraído pela pintura a óleo na parede.

Beatriz.

Gabriel se aproximou até ficar a poucos centímetros do rosto adorável dela, sua figura pálida familiar e reconfortante. Seu anjo de olhos castanhos. Um vislumbre de algo impossível passou diante de seus olhos, mas, como uma pequena nuvem de fumaça, desapareceu. Ele estava de ressaca e não conseguia pensar direito.

Julia destrancou a porta sem fazer barulho e deu uma olhada no corredor. Estava vazio. Caminhou na ponta dos pés até a cozinha, calçou os tênis e correu até a porta da frente. Gabriel estava à sua espera.

Scheisse. Merda.

– Você não pode ir embora antes de me dar algumas respostas.

Julia engoliu em seco.

– Deixe-me sair ou vou chamar a polícia.

– Se chamar a polícia, direi que você invadiu meu apartamento.

– E eu direi que você me manteve aqui contra a minha vontade e que me machucou.

Mais uma vez, ela falava sem pensar, o que não era nada inteligente. E agora o ameaçava com inverdades. Qualquer coisa que tivessem feito juntos havia sido consensual, inocente e carinhosa... e estava completamente acabada. Mas Gabriel não sabia disso.

– Por favor, Julianne. Não me diga que... – Os olhos dele se arregalaram e seu rosto se retorceu de dor. – Por favor, diga que eu não fui... violento. – Gabriel ficou quase verde, tamanha a sua repulsa, e levou a mão trêmula aos óculos. – Eu a machuquei muito?

Julia se perguntou por quanto tempo deveria deixá-lo na expectativa, mas decidiu acabar logo com seu sofrimento. Fechou os olhos e bufou.

– Você não me machucou. Pelo menos não fisicamente. Só queria que alguém o colocasse na cama e lhe fizesse companhia. Implorou para que eu ficasse, na verdade, mas só como amiga. Para você ter uma ideia, foi mais gentil comigo na noite passada do que esta manhã. Acho que gosto mais de você bêbado.

– Nunca pense isso, Julianne. – Gabriel balançou a cabeça e suspirou. – E ainda estou bêbado. Mas aliviado por não ter tirado sua virgindade.

Ela respirou fundo, com força, e Gabriel observou uma expressão magoada macular seus lindos traços.

– Mas suas roupas...

Gabriel olhou para o peito dela, para os mamilos que apontavam, lindos, por baixo da camiseta preta. Tentou não devorá-la com os olhos, mas foi em vão.

– Isso é algum tipo de brincadeira? – explodiu ela. – Sério que não se lembra?

– Tenho lapsos de memória... quando bebo, às vezes não sei... – Ele começou a

balbuciar palavras sem sentido.

A paciência de Julia se esgotou.

– Você vomitou em cima de mim. Por isso estou usando suas roupas. Não há nenhum outro motivo, acredite.

Uma expressão de alívio e constrangimento cruzou o rosto dele.

– Lamento – falou. – E peço desculpas se a insultei. Não quis dizer nada daquilo que falei mais cedo, eu juro. Fiquei chocado ao encontrá-la aqui e, pela maneira como estava vestida, achei que... – Ele fez um gesto vago com a mão.

– Mentira.

Gabriel olhou de cara feia para ela, obrigando-se a manter a cabeça fria.

– Se alguém da universidade ficar sabendo que você dormiu aqui, eu poderia ter sérios problemas. Nós dois, na verdade.

– Não vou contar a ninguém, Gabriel. Apesar do que você pensa, não sou burra.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Sei que não é burra. Mas, se Paul ou Christa ficarem sabendo, então eu...

– É só nisso que está interessado? Em salvar a sua pele? Bem, não se preocupe, já fiz isso por você. Arranquei Christa de cima do seu pau ontem à noite, antes que você pudesse consumar seu relacionamento professor-aluna. Deveria me agradecer!

A expressão de Gabriel ficou dura e ele franziu os lábios.

– *Obrigado*, Srta. Mitchell. Mas se alguém vir você saindo daqui...

Julia jogou as mãos para o alto, frustrada. Ele era mesmo incrivelmente estúpido.

– Se alguém me vir, direi que estava ajoelhada na frente do seu vizinho, ganhando o dinheiro do cuscuz. Tenho certeza de que é uma desculpa plausível.

Num piscar de olhos, a mão de Gabriel voltou ao queixo dela, dessa vez segurando-o com mais força.

– Pare com isso. Já lhe disse para não falar esse tipo de coisa.

Julia ficou petrificada, mas apenas por um instante, então se libertou bruscamente.

– Tire suas mãos de mim – sibilou.

Ela tentou passar por Gabriel, rezando para que sua reação não fosse bater nela, mas ele segurou a maçaneta, apoiando-se na porta.

– Mas que droga! *Pare com isso!* – Ele levantou a mão, na esperança de impedi-la.

Por instinto, ela se agachou e recuou. Gabriel entendeu o que significava aquele movimento e se sentiu mal.

– Julianne, por favor. – Ele baixou a voz até um sussurro quase inaudível e lançou-lhe um olhar de súplica: – Não vou bater em você. Só quero conversar. – Levando uma das mãos à cabeça, fez uma careta. – Fiz uma coisa terrível quando não estava com a cabeça no lugar. Fiquei com medo de ter tratado você mal ontem à noite. Explodi, mas só estou com raiva de mim mesmo.

Ele se deteve por um instante, então prosseguiu:

– Tenho grande estima por você. Muito grande. Como poderia ser diferente? Você é... linda, inocente e meiga. Não gosto de vê-la rastejando no chão como um animal ou uma escrava. Deixe a porra do copo quebrado onde está... não me importa. Você se lembra das palavras autodepreciativas que me disse quando a levei para casa depois que saímos do *Vestíbulo*? Elas têm me assombrado desde aquele dia. Então, tenha piedade de mim e pare de se depreciar. Não aguento ver isso. – Ele pigarreou duas vezes. – Não me lembro de nada que tenha acontecido com a Srta. Peterson, mas sinto muito. Fui um idiota e você me salvou. *Obrigado*.

Ele fez uma pausa e ajeitou os óculos devagar.

– O que aconteceu na noite passada não pode voltar a acontecer. Peço desculpas por ter beijado você. Sem dúvida foi uma experiência repugnante, ter um bêbado nojento colocando a boca na sua. Perdão.

Julia soltou um arquejo alto, perdendo o ar. O pedido de desculpas de Gabriel a magoou. Ao que parecia, ele não se lembrava do beijo da mesma forma que ela. E isso a perturbou muito.

– Ah, isso – disse ela com frieza. – Já tinha até esquecido. Não foi nada.

Gabriel arqueou as sobrancelhas. Por algum motivo, sua expressão ficou mais carregada e ele fechou a cara.

– Nada? Foi muito mais do que nada.

Ele a encarou por alguns instantes, em dúvida se deveria mencionar o bilhete que ela havia deixado na bandeja.

– Você está irritada. Eu ainda estou bêbado. Vamos acabar logo com isto antes que piore. – De repente seu tom de voz ficou tenso e frio: – Adeus, Srta. Mitchell.

Ele destrancou a porta e a segurou para ela.

Assim que passou para o corredor, ela se deteve e se virou para encará-lo.

– Gabriel?

– Sim?

– Preciso lhe dizer uma coisa.

– Diga – falou ele, austero.

– Paulina ligou na noite passada, enquanto você estava... indisponível. E eu atendi.

Ele tirou os óculos e começou a esfregar os olhos.

– Merda. O que ela disse?

– Me chamou de putinha e me disse para rolar você na cama e lhe entregar o telefone. Insisti que você estava indisposto.

– Ela disse o que queria?

– Não.

– Você disse a ela quem era? Falou seu nome?

Julia negou com a cabeça.

– *Graças a Deus* – murmurou ele.

Julia fechou a cara. Esperava que ele fosse se desculpar por Paulina. Mas Gabriel não fez isso. Na verdade, não parecia nada impressionado com o comportamento dela, como se estivesse mais preocupado que *Julia* pudesse transtorná-la, e não o contrário.

Ela só pode ser amante dele.

Julia o fuzilou com o olhar e seu corpo começou a vibrar de raiva.

– Você implorou para que eu o encontrasse, que o procurasse no Inferno. Foi exatamente onde achei você. E, por mim, pode ficar para sempre onde está.

Ele recuou um passo, colocando os óculos de volta, estreitando os olhos até eles virarem duas fendas.

– Do que você está falando?

– Nada. Para mim chega, professor Emerson. – Ela lhe deu as costas e caminhou até o elevador.

Ele a observou se afastar, com os pensamentos nebulosos e sem foco. No instante seguinte, correu atrás dela.

– Por que escreveu aquele bilhete ridículo?

Foi como se ele tivesse cravado um punhal em seu coração. Ela endireitou os ombros e tentou manter a voz firme:

– Que bilhete?

– Você sabe muito bem que bilhete! O que você deixou na geladeira.

Julia deu de ombros de modo teatral.

Ele a pegou pelos ombros e a girou.

– Isto é um jogo para você?

– Claro que não! Me solte.

Julia se libertou dele e apertou o botão do elevador, implorando para que ele viesse salvá-la. Sentia-se humilhada e furiosa, tola e insignificante. Jamais conseguiria fugir de Gabriel rápido o bastante, nem que descesse correndo pelas escadas.

Ele se aproximou um passo.

– Por que assinou o bilhete daquela forma?

– Que importância tem isso?

Ele ouviu o elevador se aproximar e soube que tinha poucos segundos para obter as respostas de que precisava. Fechou os olhos, as palavras dela retumbando em seus ouvidos. *Ela o procurou no Inferno*. Ele havia implorado para que o anjo de olhos castanhos tentasse encontrá-lo. Mas é claro que isso não tinha acontecido. Alucinações não atendem a súplicas.

Mas e se Beatriz não fosse uma alucinação? E se... Ele sentiu algo parecido com medo percorrer sua pele. Mais uma vez, o impossível flutuou diante dos seus olhos. Se ele se

concentrasse, poderia vê-la em sua memória, mas não conseguia distinguir seus traços.

Uma campainha anunciou a chegada do elevador.

Os olhos dele se abriram.

Julia entrou e balançou a cabeça para ele, para sua expressão confusa, para a embriaguez que ainda flutuava em seus olhos. Tudo dependia daquele instante. Ela poderia lhe contar a verdade ou manter em segredo o que acontecera entre eles, como sempre tinha feito. Como vinha fazendo havia seis malditos anos.

Quando a porta começou a se fechar, ela viu uma onda de compreensão invadir Gabriel.

– *Beatriz?* – sussurrou ele.

– Sim – disse ela, movendo-se para manter contato visual com ele até o último segundo possível. – Eu sou Beatriz. Você me deu meu primeiro beijo. Eu adormeci em seus braços no pomar.

Gabriel saltou para a frente tentando impedir que a porta do elevador se fechasse.

– Beatriz! Espere!

Era tarde demais. A porta se fechou ao som daquele nome. Ele apertou o botão furiosamente, na esperança de que ela voltasse a se abrir.

– Não sou mais Beatriz.

Enquanto o elevador começava sua descida lenta, porém irreversível, Julia desatou a chorar.

Gabriel encostou a testa e as palmas das mãos no aço frio da porta do elevador.

O que foi que eu fiz?

CAPÍTULO QUINZE

O velho Sr. Krangel olhou pelo olho mágico e não viu nada fora do comum. Tinha ouvido vozes, um homem e uma mulher discutindo, mas não conseguiu ver ninguém. Chegara até a escutar um nome: *Beatriz*. Mas não conhecia nenhuma moradora chamada Beatriz naquele andar. E agora o corredor parecia vazio.

Já havia saído uma vez naquela manhã, para devolver o jornal de sábado do vizinho que não conhecia, deixado por engano em sua porta. Os Krangel não assinavam o jornal, mas a Sra. Krangel sofria de demência e o pegara e escondera no apartamento deles no dia anterior.

Ligeiramente irritado por sua manhã de domingo ter sido interrompida por uma *kemfn* no corredor, o Sr. Krangel abriu a porta e pôs a cabeça para fora. A menos de quinze metros de distância, viu um homem apoiado na porta do elevador. Os ombros dele sacudiam.

O Sr. Krangel ficou constrangido com aquela visão patética, mas também momentaneamente hipnotizado.

Não reconheceu o homem e não estava disposto a se apresentar. Sem dúvida, um homem adulto zanzando descalço pelo trigésimo andar de um prédio residencial, vestido como se estivesse dentro de casa e... fazendo fosse o que fosse, não era o tipo de pessoa que ele gostaria de conhecer. Homens da geração dele *nunca* choravam. Nem ficavam sem meias no corredor de um prédio. A menos que fossem... *estranhos*. Ou morassem na Califórnia.

O Sr. Krangel recuou depressa, fechou e trancou sua porta e interfonou para denunciar ao porteiro que um homem descalço estava chorando no corredor depois de ter uma *kemfn* acalorada com uma mulher chamada Beatriz.

Ele levou cinco cansativos minutos para explicar ao porteiro o que era uma *kemfn*. Lamentou isso alto e bom som, pondo a culpa no Conselho Escolar do Distrito de Toronto e em seu currículo limitado, feito para brancos anglo-saxões e protestantes.

◆◆◆

Era fim de outubro e já fazia frio em Toronto. Julia caminhava lentamente de volta para casa, triste, sem nada quente por baixo do casaco, pois havia deixado para trás o suéter sujo do professor Emerson. Abraçou o próprio peito com força, limpando do rosto lágrimas de raiva e resignação.

As pessoas passavam por ela e lançavam-lhe olhares de compaixão. Os canadenses

eram assim: compassivos, mas educadamente distantes. Julia se sentiu grata pela compaixão e mais ainda por ninguém parar e perguntar por que ela estava chorando. Sua história era longa e tortuosa demais para ser contada.

Julia nunca se perguntava por que coisas ruins aconteciam com pessoas boas, pois já sabia a resposta: coisas ruins aconteciam com todo mundo. Não que isso servisse de desculpa ou justificativa para fazer mal a outro ser humano. Ainda assim, todos tinham uma experiência em comum: a do sofrimento. Ninguém deixava este mundo sem verter uma lágrima, sentir dor ou navegar pelos mares da tristeza. Por que a vida dela deveria ser diferente? Por que ela receberia um tratamento especial, privilegiado? Até Madre Teresa sofreu, e ela era uma santa.

Julia não se arrependia de ter cuidado do professor Emerson quando ele estava bêbado, mesmo que sua boa ação tivesse sido punida. Pois, se você realmente acredita que um gesto de bondade nunca é um desperdício, deve se agarrar a essa crença mesmo quando sua bondade é retribuída com patadas.

Estava envergonhada por ter sido tão burra, tola e ingênua a ponto de achar que Gabriel se lembraria dela depois de uma noite de bebedeira e que as coisas voltariam a ser (apesar de nunca terem sido de fato) como naquela noite no pomar. Julia sabia que havia se deixado levar pela fantasia romântica de um conto de fadas, sem pensar nem por um instante em como era o mundo real, o Gabriel real.

Mas foi real – a antiga fagulha continuava ali. Quando ele me beijou, quando me tocou, a eletricidade ainda estava lá. Ele deve ter sentido também, não foi só imaginação minha. Julia se apressou em afastar esses pensamentos. *Está na hora de crescer. Chega de contos de fadas. Ele não se importava o suficiente para se lembrar de você em setembro e agora tem Paulina.*

Quando entrou em sua pequena toca de Hobbit, tomou um banho demorado e vestiu seu pijama de flanela mais velho e confortável – cor-de-rosa claro com estampa de patinhos de borracha. Jogou a camiseta de Gabriel no fundo do armário, na esperança de esquecê-la ali. Enroscou-se na cama, abraçou seu coelhinho de pelúcia e adormeceu, física e emocionalmente esgotada.

Enquanto Julia dormia, Gabriel lutava contra sua ressaca e combatia a tentação de mergulhar numa garrafa de uísque e nunca mais vir à tona. Não tinha ido atrás dela. Não descera correndo pelas escadas os trinta andares para encontrá-la no saguão do prédio. Não havia pegado o elevador seguinte e disparado pela rua para alcançá-la.

Em vez disso, cambaleou de volta para o apartamento e se afundou numa poltrona, chafurdando na náusea e na autodepreciação. Amaldiçoou a grosseria com que a havia tratado, não só naquela manhã, mas desde a primeira aula, em setembro. Uma grosseria agravada pelo fato de Julia ter suportado tudo em silêncio, como uma santa, sabendo o tempo todo quem e o que ela era para ele.

Como posso ter sido tão cego?

Gabriel pensou na primeira vez em que a vira. Ele tinha voltado para Selinsgrove deprimido e desesperado. Mas Deus interviera, um verdadeiro *deus ex machina*. Enviara um anjo para resgatá-lo do inferno – um anjo delicado, de olhos castanhos, que usava calça jeans e tênis, com um rosto lindo e uma alma pura. Ela o havia consolado em sua escuridão e lhe dera esperança. Parecia nutrir um afeto sincero por ele, apesar de suas imperfeições.

Ela me salvou.

Como se não bastasse tê-lo salvado, o anjo aparecera diante dele uma segunda vez, no mesmo dia que Gabriel perdera a outra força do bem em sua vida, Grace. O anjo surgira em sua aula sobre Dante, lembrando-o da verdade, da beleza e da bondade. E sua reação foi destratá-la e ameaçar expulsá-la do curso. Então, hoje pela manhã, ele foi cruel e a comparou a uma prostituta.

Eu é que sou o papa-anjo agora. Ferrei tudo com o anjo de olhos castanhos. Gabriel amaldiçoou a ironia de ter nome de anjo e foi até a cozinha pegar o bilhete dela.

Segurando a bela e frágil mensagem nas mãos, pôde ver sua própria feiura – não a do corpo, mas a da alma. O bilhete de Julianne e a bandeja de café da manhã que ela havia preparado contrastavam com o pecado de Gabriel de maneira óbvia, condenatória e totalmente implacável.

Ela não teria como saber disso, mas, naquele momento, as palavras que dissera a Paul na semana anterior fizeram sentido. Às vezes as pessoas conseguem ouvir sozinhas quanto são odiosas. Às vezes, a bondade é suficiente para expor o mal como ele realmente é.

Gabriel largou o bilhete no balcão e enterrou o rosto nas mãos.

◆◆◆

Quando Julia finalmente acordou, já passava das dez da noite. Ela bocejou, se espreguiçou e preparou uma tigela muito deprimente de mingau de aveia instantâneo, mas não conseguiu comer nem metade. Então resolveu conferir sua caixa postal.

Ela havia desligado o celular ao chegar à casa de Gabriel na noite anterior, pois esperava um telefonema de Paul. Não estava com cabeça para falar com ele, nem antes nem agora, embora soubesse que ele provavelmente fosse capaz de animá-la. Só queria ficar sozinha.

Foi com o coração pesado que conferiu suas mensagens, começando pela mais antiga. Franziu as sobrancelhas ao perceber como a caixa de entrada estava cheia. Ela nunca ficava assim, pois as únicas pessoas que ligavam eram seu pai, Rachel e Paul, que sempre deixavam mensagens curtas.

Oi, Julia, sou eu. É sábado à noite e correu tudo bem na conferência. Estou levando

uma lembrança de Princeton para você. É pequena, então não se preocupe. Você deve estar trabalhando na biblioteca. Me ligue mais tarde. [Pausa significativa...] Estou com saudades.

Julia suspirou e apagou a primeira mensagem de Paul, passando para a seguinte.

Oi, Julia. Eu de novo. É domingo de manhã e devo estar de volta amanhã à noite. Quer sair para jantar comigo um pouco mais tarde que o normal? Tem um sushi bar ótimo perto do seu apartamento. Me ligue. Estou com saudades, Coelhinha.

Julia apagou a segunda mensagem de Paul e escreveu um breve torpedo para ele, dizendo que tinha ficado gripada e que estava pondo o sono em dia. Telefonaria para ele quando estivesse melhor e lhe desejava uma boa viagem de volta. Não disse que estava com saudades.

A próxima mensagem era de um número local que ela não reconheceu.

Julianne... hum, Julia. Aqui é Gabriel. Eu... por favor, não desligue. Sei que a minha voz é a última coisa que você quer ouvir agora, mas estou ligando para rastejar aos seus pés. Na verdade, estou em frente ao seu prédio, na chuva. Estava preocupado com você e queria ter certeza de que chegou bem em casa.

Gostaria de voltar à manhã de hoje e de lhe dizer que nunca vi nada mais bonito do que você na minha sala de estar, dançando feliz. Que tenho uma sorte incrível por você ter me salvado e passado a noite inteira ao meu lado. Que sou um idiota, um canalha, e não mereço a sua bondade. Eu sei que magoei você, Julia, e sinto muito.

[Respiração profunda, seguida de um suspiro] *Eu não deveria ter deixado você ir embora hoje de manhã. Não daquele jeito. Deveria ter corrido atrás de você e implorado que ficasse. Eu estraguei tudo, Julia.*

Deveria ter me humilhado pessoalmente. É isso que estou tentando fazer agora. Por favor, venha aqui fora para eu poder pedir desculpas. Pensando bem, não venha, não – vai acabar pegando uma pneumonia. Só venha até a porta e me escute através do vidro. Vou ficar aqui, esperando você. Anote o número do meu celular...

Julia fez uma careta e apagou a mensagem, sem nem salvar o número dele. Ainda com seu pijama velho, abriu a porta do apartamento e atravessou o corredor. Não tinha intenção de ouvir Gabriel; queria apenas saber se ele ainda estava esperando na chuva.

Ao olhar para a escuridão lá fora, pressionou o nariz contra o vidro da porta, que ficou embaçado. O professor não estava à vista. Julia se perguntou quanto tempo ele teria esperado. Perguntou-se também se ele tinha ido até a sua casa sem um guarda-chuva. Ela sentiu a coluna se retesar, mas disse a si mesma que não se importava.

Ele que pegue pneumonia. Seria bem feito!

Antes de se virar para ir embora, notou um buquê de jacintos roxos encostado numa das pilastras da entrada. O buquê estava amarrado por um grande laço cor-de-rosa e havia um cartão Hallmark no meio das flores. No envelope estava escrito *Julia*.

Sério, professor Emerson? Não sabia que a Hallmark fazia cartões especiais para "a garota/aluna que eu xinguei depois de lhe dizer que queria enchê-la de carinhos e de vomitar em cima dela". Julia deu as costas para o buquê e voltou para o seu apartamento, balançado a cabeça e resmungando.

Enroscando-se na cama com seu laptop, decidiu pesquisar sobre jacintos roxos na internet, para conferir se Gabriel (ou a florista) estava tentando lhe enviar alguma mensagem subliminar. Num site de horticultura, encontrou o seguinte: *jacintos roxos significam tristeza, pedido de perdão ou desculpas.*

Bem, se você não tivesse sido tão babaca, Gabriel, não precisaria ter comprado jacintos ou implorar pelo meu perdão. Idiota. Ainda balançando a cabeça com irritação, Julia deixou o laptop de lado e conferiu a última mensagem de voz. Era de Gabriel e havia sido deixada poucos minutos antes.

Julia, eu queria dizer isso pessoalmente, mas não posso esperar. Simplesmente não aguento.

Eu não estava chamando você de puta hoje de manhã. Juro que não. Foi uma comparação terrível, que eu nunca deveria ter feito, mas não estava chamando você de puta. É que não gosto de vê-la de joelhos. É algo que realmente... me incomoda. Sempre. Você deveria ser venerada, adorada e tratada com dignidade. Nunca deve se ajoelhar. Nunca, Julia, diante de ninguém. Pode pensar o que quiser de mim, mas essa é a verdade.

Eu deveria ter me desculpado na mesma hora pelo que Paulina lhe disse. Acabei de dar uma bronca nela e queria lhe transmitir suas desculpas. Ela quer que você saiba que sente muito. Ela e eu temos um... hum... [tosse] *é complicado. Você já deve imaginar por que ela tirou aquela conclusão. A culpa é do meu... hum... do meu histórico, não por sua causa. Lamento que ela tenha insultado você. Prometo que não vai acontecer de novo.*

Obrigado por ter preparado meu café. Hum... [pausa muito longa] *ver a bandeja que você arrumou mexeu comigo. Não sei descrever como. Julia, ninguém nunca fez nada parecido para mim antes. Ninguém. Nem Grace, nem nenhuma amiga, nenhuma amante, ninguém. Eu... você foi, em todos os sentidos, boa, gentil e generosa. E eu fui, em todos os sentidos, egoísta e cruel.* [Pigarro]

[Voz rouca] *Por favor, Julia, precisamos conversar sobre o seu bilhete. Estou com ele na minha mão e não vou largá-lo. Mas preciso lhe explicar algumas coisas sérias e não me sinto confortável para fazer isso ao telefone. Sinto muito pelo que aconteceu hoje de manhã. A culpa foi toda minha e quero consertar tudo. Por favor, me diga como e eu o farei. Me ligue.*

Julia tornou a apagar a mensagem dele e, como da outra vez, não salvou o número. Desligou o telefone, deixou-o na mesa de carteado, ao lado do laptop, e voltou para a

cama, tentando tirar a voz triste e torturada de Gabriel da cabeça.

Durante os dois dias seguintes, Julia não saiu do apartamento. Na verdade, passou todo o tempo alternando pijamas, tentando se distrair com música alta e uma série de livros velhos de Alexander McCall Smith. Seus romances passados em Edimburgo eram os favoritos dela, por serem divertidos, ligeiramente misteriosos e inteligentes. Aqueles livros lhe davam vontade de comer comida escocesa, como mingau de cereais, biscoitos amanteigados Walker's e queijo cheddar da ilha de Mull (não necessariamente nessa ordem).

Embora houvesse tido uma experiência realmente traumatizante com Gabriel logo depois de passar a noite em seus braços, estava mais determinada do que nunca a não deixar que ele a destruísse. Ela já tinha sido destruída antes; por *ele*. Então jurou de todo o coração que jamais permitiria que seu espírito fosse destruído novamente. Por ninguém.

Para isso, tomou três decisões.

Primeiro, não largaria as aulas de Emerson, pois precisava daquele curso de Dante para provar sua competência.

Segundo, não abandonaria a faculdade nem voltaria para Selinsgrove como uma covarde.

Terceiro, iria encontrar outro orientador para sua dissertação e daria entrada na papelada o mais rápido possível, sem Emerson saber.

Por volta da meia-noite de terça-feira, ela finalmente ligou o celular de novo para conferir as mensagens. A caixa postal estava cheia outra vez. Ela revirou os olhos ao descobrir, como era de esperar, que a primeira mensagem era de Gabriel. Tinha sido enviada na segunda-feira de manhã.

Julianne... deixei algo para você ontem à noite na frente do seu prédio. Você viu? Leu o cartão? Por favor, leia.

Aliás, tive que ligar para Paul Norris para conseguir o número do seu celular. Inventei uma desculpa sobre precisar falar com você a respeito da dissertação, caso ele pergunte.

Você sabia que esqueceu seu iPod aqui? Fiquei surpreso ao descobrir que gosta de Arcade Fire. Ando ouvindo muito "Intervention", embora tenha ficado mais surpreso ainda que alguém tão equilibrada e feliz como você possa ouvir uma música tão trágica. Gostaria de poder devolvê-lo pessoalmente.

Gostaria também que você falasse comigo. Que gritasse e me xingasse. Jogasse as coisas na minha cara. Qualquer coisa, menos silêncio, Julianne. [Longo suspiro] *Só alguns instantes do seu tempo, é tudo o que peço. Me ligue.*

Julia apagou a mensagem e, no mesmo instante, foi até a porta do prédio, usando seu pijama de lã xadrez. Pegou o cartão no buquê de flores e o rasgou em pedacinhos, que

jogou na grama. Fez a mesma coisa com os jacintos roxos já murchos. Então inalou profundamente o ar gelado da noite e voltou correndo para dentro do prédio, batendo a porta ao entrar.

Quando se acalmou, ouviu a mensagem seguinte, que também era de Gabriel. Ele havia telefonado à tarde.

Julianne, você sabia que Rachel está em alguma ilha canadense esquecida por Deus? Sem acesso a telefones celulares ou e-mails? Inacreditável. Tive que ligar para Richard, porque ela não atendia o telefone. Estava tentando falar com ela para que entrasse em contato com você, já que se recusa a responder minhas mensagens.

Estou preocupado. Andei falando com as pessoas e há dias ninguém, nem mesmo Paul, tem notícias suas. Vou lhe mandar um e-mail formal, porque a universidade tem acesso à minha conta. Espero que ouça esta mensagem antes de lê-lo, senão vai achar que estou sendo um babaca outra vez. Mas não estou. Só preciso parecer um babaca mandando um e-mail oficial. Se for me responder, lembre-se de que alguém do departamento pode ler as mensagens. Então tome cuidado com o que disser.

Nos vemos na aula amanhã. Se não estiver lá, vou ligar para o seu pai e pedir que ele vá atrás de você. Até onde sei, você já pode estar num ônibus de volta para Selinsgrove. Me ligue, por favor. Venho me controlando desde sábado para não bater à sua porta.

[Longa pausa] *Só quero saber se você está bem. Duas palavras, Julia. Mande um torpedo com duas palavras, dizendo que está bem. É tudo que peço.*

Julia ligou rapidamente o computador e acessou o e-mail da universidade. Ali, como uma bomba em sua caixa de entrada, havia uma mensagem do professor Gabriel O. Emerson:

Prezada Srta. Mitchell,

Preciso falar com você sobre um assunto de considerável urgência.

Por favor, entre em contato comigo o mais rápido possível. Pode me telefonar no número 416-555-0739 (celular).

Cordialmente,

Prof. Gabriel O. Emerson

Professor Associado

Departamento de Estudos Italianos

Centro de Estudos Medievais

Universidade de Toronto

Julia deletou o e-mail e a mensagem de voz sem pensar duas vezes. Digitou uma breve mensagem para Paul, explicando que estava doente demais para ir à aula na tarde seguinte e pedindo a ele que repassasse o recado para o professor Emerson. Agradeceu a

Paul pelos seus vários e-mails, pediu desculpas por não ter respondido antes e perguntou se ele gostaria de acompanhá-la numa visita ao Royal Ontario Museum para ver a exposição de arte florentina quando ela melhorasse.

No dia seguinte, passou boa parte da tarde redigindo um e-mail de sondagem à professora Jennifer Leaming, do Departamento de Filosofia. Jennifer era especialista em Santo Tomás de Aquino e também tinha interesse por Dante. Embora Julia não a conhecesse pessoalmente, Paul tinha feito um curso com ela e gostara bastante. Ela era jovem, divertida e muito popular entre os alunos – o oposto do professor Emerson. Julia esperava que a professora Leaming considerasse orientar sua dissertação e aventou essa possibilidade em seu e-mail.

Ela queria conversar com Paul sobre a mudança e ouvir seus conselhos, mas não podia fazer isso. Ele ia achar que Emerson a havia expulsado do curso e provavelmente o confrontaria. Então enviou o e-mail para a professora Leaming e torceu para que ela o recebesse com bons olhos e respondesse depressa.

Mais tarde naquela mesma noite, Julia checou o correio de voz e, novamente, havia uma mensagem de Gabriel.

Julianne, é quarta à noite. Senti sua falta na aula. Você ilumina qualquer ambiente só por estar nele, sabia? Lamento nunca ter lhe dito isso antes.

Paul falou que você está doente. Quer que eu lhe mande uma canja? Sorvete? Suco de laranja? Posso mandar entregar essas coisas. Você não precisaria me ver. Por favor, deixe-me ajudá-la. Me sinto muito mal em saber que está no seu apartamento, sozinha e doente, sem que eu possa fazer nada.

Pelo menos sei que está em segurança e não num ônibus da Greyhound em algum lugar. [Pausa. Pigarro.]

Eu me lembro de termos nos beijado. Você retribuiu meu beijo, Julia, sei que sim. Não sentiu nada? Existe algo entre nós. Ou, pelo menos, existia.

Por favor, precisamos conversar. Não pode esperar que eu descubra quem você é e não tenha a chance de conversar com você sobre isso. Preciso explicar algumas coisas. Mais do que algumas, está bem? Apenas retorne minha ligação. Tudo que peço é uma conversa. Acho que você me deve isso.

O tom das mensagens de Gabriel ficava cada vez mais desesperado. Julia desligou o telefone, reprimindo de forma consciente sua compaixão inata. Sabia que a universidade tinha acesso ao e-mail de Gabriel, mas não se importava. Aquilo precisava parar. Ela nunca conseguiria seguir em frente se ele continuasse a importuná-la. E ele não parecia disposto a desistir tão cedo.

Então Julia digitou uma mensagem para ele e a enviou para o endereço de e-mail da universidade, despejando sua mágoa e sua raiva em cada palavra:

Dr. Emerson.

Pare de me assediar.

Não quero mais saber do senhor. Quero esquecer que o conheci. Se não me deixar em paz, serei obrigada a dar queixa contra o senhor por assédio. E, se telefonar para o meu pai, farei isso imediatamente.

Se acha que vou deixar algo tão insignificante me afastar do mestrado, está muito enganado. Preciso de um novo orientador para minha dissertação, não de uma passagem de ônibus para casa.

Cordialmente,

Srta. Julia H. Mitchell,

Mera Aluna da Pós-Graduação,

Prostituta Que Vive de Joelhos

P.S.: Recusarei a bolsa M. P. Emerson na semana que vem. Parabéns, professor Abelardo. Ninguém nunca fez com que eu me sentisse tão vulgar quanto o senhor na manhã do último domingo.

Julia apertou o botão de *enviar* sem reler a mensagem e, num acesso de rebeldia, tomou duas doses de tequila e colocou para tocar a canção "All the Pretty Faces", dos Killers. Alto. No *repeat*.

Foi um momento Bridget Jones para ninguém botar defeito.

Julia pegou uma escova de cabelo no banheiro e a usou como microfone, enquanto cantava e dançava vestida com seu pijama, que dessa vez era estampado de pinguins, parecendo consideravelmente ridícula. E sentindo-se estranhamente... perigosa, ousada e rebelde.

Nos dias que se seguiram ao e-mail revoltado de Julia, não houve nenhum contato por parte de Emerson. Todos os dias ela esperava notícias, mas ele continuava em silêncio. Até a quinta-feira seguinte, quando Julia recebeu outra mensagem de voz.

Julianne, você está com raiva e magoada – eu entendo isso. Mas não deixe que sua raiva a impeça de receber o que você *conquistou por ser a aluna mais bem colocada na avaliação da banca examinadora deste ano.*

Por favor, não permita que o fato de eu ter sido um canalha faça com que você abra mão de um dinheiro que poderia usar para ir visitar seu pai.

Sinto muito por ter feito você se sentir vulgar. Tenho certeza de que, quando me chamou de Abelardo, não foi um elogio. Mas Abelardo se importava de verdade com Heloísa e eu me importo com você. Então, nesse sentido, somos mesmo parecidos. Ele também a magoou, como eu magoei você. Mas ficou profundamente arrependido por isso. Você leu as cartas que Abelardo escreveu para ela? Leia a sexta carta e veja se

muda sua opinião a respeito dele... e de mim.

A bolsa nunca havia sido concedida porque eu nunca tinha encontrado alguém especial o suficiente para recebê-la, até conhecer você. Se a devolver, o dinheiro vai ficar parado na conta da fundação, sem beneficiar a ninguém. Não vou permitir que outra pessoa o receba, porque ele é seu.

Eu estava tentando transformar uma coisa ruim em algo bom. Mas fracassei, assim como fracassei em todo o resto. Tudo o que toco é contaminado ou destruído... [Longa pausa]

Mas, se tem algo que posso *fazer por você, é ajudá-la a encontrar outro orientador para sua dissertação. A professora Katherine Picton é minha amiga e, embora esteja aposentada, concordou em encontrá-la para conversar sobre a possibilidade de orientar seu projeto. Essa será uma excelente oportunidade, em vários sentidos. Ela me pediu que você entrasse em contato com ela diretamente por e-mail, o mais rápido possível, no endereço KPicton arroba UToronto ponto CA.*

Sei que é oficialmente tarde demais para você abandonar meu curso, mas tenho certeza de que é esse o seu desejo. Entrarei em contato com uma de minhas colegas e perguntarei se ela pode supervisionar um curso extracurricular no seu caso, o que lhe possibilitará ter créditos suficientes para se formar, mesmo que abandone minhas aulas. Vou assinar o requerimento de desistência e cuidar dos trâmites para você junto à Secretaria da Pós-Graduação. É só dizer a Paul o que quer fazer e lhe pedir que me dê o recado. Sei que não quer falar comigo.

[Pigarro] *Paul é um bom rapaz.*

[Murmurando] Audentes fortuna iuvat.

[Pausa – voz se reduz quase a um sussurro.] *Fico triste que queira não ter me conhecido. Passarei o resto da minha vida lamentando ter desperdiçado minha segunda chance de conhecê-la. E sempre estarei consciente da sua ausência.*

Mas não voltarei a incomodá-la. [Dois pigarros]

Adeus, Julianne. [Longa, longa pausa antes de finalmente desligar.]

Julia ficou pasma. Sentou-se, boquiaberta, com o celular na mão, tentando entender aquela mensagem. Repetiu-a várias vezes, buscando desvendar as palavras, mas a única parte em que acreditou de imediato foi na citação de Virgílio: *A sorte favorece os corajosos*.

Somente o professor Emerson seria capaz de aproveitar uma mensagem de voz pedindo desculpas para reafirmar sua erudição e lhe dar uma palestra improvisada sobre Pedro Abelardo. Julia venceu sua própria irritação, decidindo *não* seguir a sugestão dele de ler as cartas do filósofo. Em vez disso, voltou sua atenção para a parte mais interessante da mensagem, a menção à professora Katherine Picton.

Katherine era uma especialista em Dante de 70 anos, formada em Oxford, que havia

lecionado em Cambridge e em Oxford antes de aceitar uma vaga de professora catedrática no Departamento de Estudos Italianos da Universidade de Toronto. Ela era famosa por ser severa, exigente e brilhante, e sua erudição rivalizava com a de Mark Musa. Julia sabia que escrever uma dissertação bem-sucedida sob a orientação da professora Katherine Picton significaria um grande impulso em sua carreira. A professora poderia encaminhá-la para fazer doutorado em qualquer lugar: Oxford, Cambridge, Harvard...

Gabriel estava dando a Julia a maior oportunidade profissional de sua vida, embrulhada num grande laço reluzente: uma oportunidade muito mais valiosa do que uma bolsa a tiracolo ou a bolsa de estudos complementar M. P. Emerson. Mas será que havia algo por trás daquele presente?

É uma penitência, pensou Julia. *Ele está tentando compensar todo o mal que me fez.*

Gabriel estava pedindo um favor a Katherine Picton, por Julia. Professores eméritos quase nunca orientavam teses de doutorado, muito menos dissertações de mestrado. Aquele era um tremendo favor, pelo qual Gabriel certamente havia precisado queimar todas as suas fichas com Katherine.

Tudo por mim.

Depois de analisar aquela nova informação por todos os ângulos, Julia pôs tudo de lado para se concentrar na única questão que enchia seu coração de pavor.

Gabriel está me dizendo adeus?

Ela ouviu a mensagem mais três vezes e, com uma dose considerável de autocensura, chorou até dormir. Afinal, apesar de toda a sua rebeldia, uma chama dentro dela reconhecia Gabriel como sua alma gêmea. E essa chama não poderia ser extinta, a menos que Julia estivesse disposta a extinguir parte de si mesma.

Bem cedo na manhã seguinte, Julia telefonou para Paul sob o pretexto de planejar encontrá-lo antes da aula de Emerson. Esperava que ele lhe dissesse que o professor adoecera, partira misteriosamente para a Inglaterra ou contraíra gripe suína e cancelara seu curso pelo restante do semestre. Infelizmente, não houve nada disso.

Julia decidiu que continuaria a frequentar o curso de Dante, só para o caso de Gabriel não conseguir subsituí-lo por um curso extracurricular. Na verdade, se Katherine Picton aceitasse ser sua orientadora, Julia acreditava que suportaria ser aluna de Emerson pelas últimas cinco semanas do semestre. Então, naquela mesma tarde, foi até a sala do departamento para conferir seu escaninho, antes de se encontrar com Paul.

Ficou um pouco intrigada ao encontrar um grande envelope acolchoado. Ao pegá-lo, notou que não havia nome algum escrito. Tampouco continha endereço de devolução ou qualquer coisa que indicasse o remetente.

Correu o dedo pela aba adesiva, abrindo-o rapidamente. Ficou chocada com o que encontrou. Aninhado no interior do envelope, como as penas de um corvo, havia um

sutiã de renda preto. O sutiã *dela*. O que ela havia deixado, infelizmente, em cima da secadora de Gabriel.

Aquele desgraçado.

Julia ficou com tanta raiva que começou a tremer. Como ele ousava deixar o sutiã dela *no escaninho*? *Qualquer um* poderia estar ao seu lado quando ela abrisse o envelope. *Ele está tentando me humilhar? Ou acha isso engraçado?* (Julia não notou que o iPod também estava lá dentro.)

– Oi, linda.

Ela pulou no ar e deu um grito.

– Desculpe, não quis assustar você.

Ela ergueu os olhos e encontrou os de Paul, pretos e bondosos, e notou que ele a encarava com uma expressão confusa.

– Você está uma pilha de nervos hoje. O que é isso? – perguntou, apontando o envelope.

– Lixo. – Ela enfiou o envelope em sua nova mochila L. L. Bean e abriu um sorriso forçado. – Pronto para a aula de Emerson? Acho que vai ser boa.

– Duvido. Ele está de péssimo humor outra vez. É melhor você não se meter com Emerson hoje. Há duas semanas que ele está desse jeito. – Paul assumiu uma expressão muito séria. – Não quero um repeteco do que aconteceu da última vez que ele estava assim.

Julia jogou o cabelo para trás e sorriu. *Na verdade, acho que você deveria dizer para Emerson não se meter comigo. Estou fervendo de raiva, recebi um sutiã de renda preto e estou usando um fio dental. É ele que está encrencado, não eu.*

– Fico muito feliz que esteja se sentindo melhor. Estava preocupado com você.

Paul pegou a mão de Julia, a abriu e depositou nela uma coisa fria. Então tornou a fechar os dedos dela e os apertou com carinho. Julia recolheu a mão e abriu os dedos. Encontrou um lindo chaveiro de prata, com um *P* listrado que se balançava como um pêndulo.

– Por favor, aceite. Sei que não tem um chaveiro decente, e queria que soubesse que pensei em você quando estive fora. Então, por favor, não recuse.

As faces de Julia assumiram um tom rosado.

– Não vou recusar – falou ela. – Não quero ser o tipo de pessoa que retribui a bondade alheia com patadas. Sei bem quanto isso é ruim. – Ela olhou rapidamente à sua volta, certificando-se de que eles estavam sozinhos. – Obrigada, Paul. Também senti saudades.

Julia se aproximou dele e, hesitante, passou um braço em volta de suas costas largas, apertando o chaveiro na mão. Pressionou o rosto contra os botões da camisa dele e o abraçou.

– Obrigada – disse, com um suspiro, enquanto ele a envolvia com seus braços longos e

musculosos.

Ele pousou cuidadosamente os lábios nos cabelos de Julia.

– De nada, Coelhinha.

Sem que eles percebessem, um certo especialista de olhos azuis e temperamental tinha acabado de passar pela porta, ansioso por saber se um certo objeto havia chegado à sua dona. Ele ficou petrificado ao deparar com o jovem casal trocando murmúrios e envolvido num abraço.

O papa-anjo volta a atacar.

– Quem andou retribuindo sua bondade com patadas? – perguntou Paul, sem notar o dragão parado atrás dele em silêncio, soltando fogo pelas ventas.

Julia continuou calada e, inconscientemente, o abraçou com mais força.

– Diga para mim, Coelhinha, que darei uma lição nele. Nela. Em quem quer que seja. – Os lábios de Paul se moviam contra os cabelos dela. – Você sabe que é especial para mim, não sabe? Se precisar de alguma coisa, é só me pedir. Qualquer coisa. Está bem?

Ela suspirou em seu peito.

– Eu sei.

O dragão de olhos azuis deu meia-volta e saiu bruscamente dali, xingando alguma coisa sobre um *papa-anjo* e desaparecendo no corredor.

Julia se afastou primeiro.

– Obrigada, Paul. E obrigada pelo presente. – Ela ergueu o chaveiro e sorriu.

Eu poderia olhar para esse sorriso para sempre, pensou ele.

– Não tem de quê.

Logo em seguida, eles foram para a sala de aula. Julia se esforçou para não encarar Gabriel, rindo baixinho de uma das brincadeiras de Paul. A mão dele pressionou com intimidade a base das suas costas enquanto ele a conduzia até seus lugares. À frente da sala, Gabriel fervia de raiva, os dedos longos e brancos agarrando com força as beiradas do atril.

Tire as mãos das costas dela, papa-anjo.

O professor encarou Paul com um olhar hostil até ser distraído pela mochila de Julia. Perguntou-se como ela havia se recuperado de seu estado lamentável e por que Julia não estava usando o presente que ele lhe dera. Isso o torturou.

Será que Rachel lhe disse que o presente era meu?

Gabriel mexeu de leve em sua gravata-borboleta, chamando atenção para ela de propósito. Usava-a como sinal de auto-humilhação. Para que Julia percebesse. Mas ela não estava olhando para ela e não pareceu notar. Conversava com Paul em sussurros, rindo, os longos cabelos negros soltos, as faces ligeiramente rosadas e a boca... Julia era ainda mais bonita do que ele lembrava.

– Srta. Mitchell, preciso falar com você depois da aula, por favor.

Gabriel sorriu na direção dela e baixou os olhos para seus sapatos lustrosos, remexendo os pés. Estava prestes a começar a aula quando foi interrompido por uma voz baixa, porém determinada, vinda do fundo da sala:

– Sinto muito, professor, mas não posso. Tenho um compromisso inadiável depois da aula.

Julia olhou para Paul, que deu uma piscadela.

Gabriel levantou a cabeça devagar para encará-la. Dez alunos prenderam a respiração e se recostaram em suas cadeiras, temendo que o professor fosse explodir ou que seu olhar fosse lançar um punhal pela sala. Ela o estava provocando. E ele sabia disso. Seu tom de voz, a proximidade física de Paul, a maneira como jogou o cabelo para trás do ombro com uma das mãos...

Por um instante, Gabriel foi distraído pela curva de seu pescoço, por sua pele delicada, pelo perfume de baunilha que ou flutuava em sua direção ou era evocado por sua memória. Queria dizer algo, exigir que Julia falasse com ele, mas sabia que não podia fazer isso. Perder a paciência agora apenas a afastaria mais ainda e então ele a perderia. Não podia deixar que isso acontecesse.

Gabriel piscou. Rapidamente.

– Claro, Srta. Mitchell. Essas coisas acontecem. Por favor, mande um e-mail para marcarmos uma reunião.

Ele tentou sorrir, mas não conseguiu. Apenas metade de sua boca se moveu para cima, como se estivesse sofrendo de paralisia facial.

Julia lançou um olhar vazio na direção dele. Não ficou vermelha. Não piscou. Seu rosto estava simplesmente... inexpressivo.

Gabriel notou o modo como ela o encarava, com uma expressão que nunca tinha visto em seu rosto, e começou a entrar em pânico. *Estou tentando ser legal, e ela me olha como se eu nem existisse. Será que é tão surpreendente assim que eu possa ser simpático? Que consiga manter o controle?*

Paul passou a mão por baixo da mesa e apertou de leve o cotovelo de Julia. Seu toque a distraiu e ela olhou em sua direção, mas ele balançou a cabeça, lançando os olhos para a frente da sala e então de volta para ela.

Julia pareceu despertar de seu devaneio.

– Claro, professor. Marcamos para outro dia.

Ela desviou os olhos e, sem denotar nada, esperou que a aula começasse.

A mente de Gabriel estava a mil. Se não conseguisse falar com ela naquele dia, não conseguiria se explicar por dias, talvez semanas. Não aguentaria esperar tanto tempo. Estar separado dela o devorava por dentro. Quanto mais demorasse, menos receptiva Julia ficaria à sua explicação. Precisava fazer alguma coisa. Precisava encontrar outra maneira de se comunicar com ela. Imediatamente.

– Hoje, em vez de termos uma aula normal, darei uma palestra. Farei uma análise da relação entre Dante e Beatriz. Em especial, do que aconteceu quando Dante a encontrou pela segunda vez e foi rejeitado.

Julia conteve seu espanto e olhou para ele, horrorizada.

– Lamento ter que fazer isso – a voz dele assumiu um tom conciliador –, mas não tenho escolha. Houve um mal-entendido que precisa ser sanado antes que seja tarde demais.

Seu olhar cruzou com o dela por poucos segundos e então ele baixou os olhos para suas anotações. É claro que elas eram inúteis para aquela palestra em especial.

O coração de Julia disparou. *Ah, não. Ele não seria capaz...*

Gabriel respirou fundo e começou:

– Beatriz representa muitas coisas para Dante. Acima de tudo, um ideal de feminilidade. Beatriz é bela, inteligente e cativante. Possui todos os traços de caráter que Dante julga essenciais à mulher ideal. Ele a encontra pela primeira vez quando os dois são muito jovens. Jovens demais para que tivessem qualquer tipo de relacionamento. Em vez de macular o amor dos dois com um envolvimento banal ou vulgar, ele decide reverenciá-la a distância, em respeito a sua idade e inexperiência.

Ele fez uma pausa.

– O tempo passa. Ele reencontra Beatriz, que amadureceu e se tornou uma jovem talentosa, ainda mais inteligente e bela. Agora, os sentimentos de Dante são muito mais fortes, embora ele esteja casado com outra mulher. Para dar vazão a seu amor, ele escreve vários sonetos para Beatriz, mas nenhum para a esposa. Dante não conhece Beatriz. Tem pouco contato com ela. Mas isso não o impede de adorá-la de longe. Quando ela morre, aos 24 anos, ele a exalta em sua obra. Em seu mais famoso trabalho, *A Divina Comédia*, Beatriz persuade Virgílio a guiar Dante pelo Inferno, pois ela, como uma das almas redimidas do Paraíso, não pode descer até lá para salvá-lo. Depois que Virgílio conduz Dante em segurança pelo Inferno, Beatriz se junta a ele para guiá-lo pelo Purgatório até o Paraíso. Em minha palestra de hoje, quero propor a seguinte questão: onde estava Beatriz e o que ela fez no período entre seus dois encontros com Dante? Ele a esperou por anos e anos. Ela sabia onde ele morava. Era muito amiga da família dele. Se realmente se importava com Dante, por que não escreveu para ele? Por que não tentou entrar em contato com ele? Acredito que a resposta seja óbvia: o relacionamento dos dois era completamente unilateral. Dante se importava com Beatriz, mas Beatriz não se importava *nem um pouco* com Dante.

Julia quase caiu da cadeira.

Todos os alunos o escutavam com atenção, fazendo várias anotações, embora Paul, Julia e Christa, que entendiam muito mais de Dante, não vissem quase nada de novo naquela palestra. Exceto a última parte, que não tinha absolutamente nada a ver com Dante Alighieri e Beatriz Portinari.

Gabriel lançou um olhar para Julia, detendo-se nela por mais tempo do que devia, antes de se voltar para Christa com um sorriso, como se flertasse com ela. Julia ficou furiosa. Ele estava fazendo aquilo de propósito. Olhava para ela e depois se concentrava em Christa, o Gollum, só para lhe mostrar como seria fácil substituí-la.

Ótimo. Se ele quer fazer esse joguinho, azar o dele.

Julia começou a bater com a caneta em seu caderno, fazendo um barulho alto o suficiente para chamar atenção. Quando os olhos apertados de Gabriel correram pela sala em busca da origem do barulho e pararam em sua mão esquerda, ela arrastou a direita até a de Paul e a segurou com força. Paul a fitou, abrindo um sorriso de derreter o coração, e Julia ergueu os olhos para encará-lo. Ela entreabriu os lábios e lhe ofereceu o sorriso mais adorável e doce de que era capaz.

Algo que era metade um grunhido, metade um pigarro fez-se ouvir na frente da sala, obrigando Paul a desviar os olhos de Julia e encarar o rosto muito irritado do professor Emerson. No mesmo instante, ele largou a mão de Julia.

Então, com um sorriso afetado e continuando sua palestra, Gabriel se virou para escrever no quadro. Alguns alunos ficaram chocados ao ver o que ele havia escrito:

Na vida real, Beatriz não viu o menor problema em deixar Dante no Inferno, pois não tinha interesse em manter sua promessa.

Julia foi a última pessoa a levantar a cabeça, pois ainda estava bufando de raiva. Quando finalmente olhou para o quadro, Gabriel estava encostado nele, de braços cruzados e uma expressão muito presunçosa no rosto. Naquele exato momento, Julia decidiu que, mesmo que fosse expulsa da universidade, iria arrancar aquela expressão de seu rosto. Imediatamente.

Levantou a mão e esperou que ele a chamasse.

– Isso é muito arrogante e egoísta, professor.

Paul apertou seu braço, puxando-a um pouco para o lado.

– Você está louca? – sussurrou.

Julia o ignorou e prosseguiu:

– Por que colocar a culpa em Beatriz? Ela é a vítima dessa história. Dante a conheceu quando ela tinha menos de 18 anos. Eles não poderiam ficar juntos, a menos que ele fosse pedófilo. Está nos dizendo que Dante era pedófilo, professor?

Uma das alunas arquejou de espanto.

Gabriel fechou a cara.

– É claro que não! Ele nutria um amor tão verdadeiro por ela que nem o tempo que ficaram separados foi capaz de apagar. Se Beatriz houvesse tido a coragem de perguntar, Dante teria dito isso a ela. Sem dúvida.

Julia inclinou a cabeça e estreitou os olhos.

– É difícil acreditar nisso. Depois de certa época, tudo na vida de Dante parecia girar em torno de sexo. Ele não conseguia se relacionar com as mulheres de outra forma. E certamente não passou as noites em casa sozinho esperando por Beatriz. Então, não devia se importar tanto assim com ela.

O rosto de Gabriel ficou muito vermelho e ele descruzou os braços, dando um passo em direção a ela. Paul levantou imediatamente a mão, tentando distrair o professor, mas Gabriel o ignorou e se aproximou mais.

– Ora, ele é um homem e precisa de... hum... companhia. E, se isso torna a questão mais palatável, aquelas mulheres eram apenas *amigas prestativas*. Nada mais. Sua atração por Beatriz continuava inalterada. A espera simplesmente o levou ao desespero, pois era óbvio que ele jamais voltaria a vê-la. E a culpa é dela, não dele.

Ela abriu um sorriso doce enquanto preparava sua faca.

– Se isso é amor, prefiro o ódio. E em que essas *amigas* eram tão *prestativas*, professor? Hein? Elas não eram amigas, mas *parceiras sexuais*. Um amigo não iria querer o bem da outra pessoa? Que ela fosse feliz? Em vez de ficar se agarrando a prazeres fugazes como um velho pervertido, viciado em sexo?

Julia viu Gabriel se encolher, mas ignorou sua reação e continuou a atacar:

– Todos sabem que os casos de Dante eram anônimos e licenciosos. Ele costumava escolher suas mulheres nos bordéis, se não me engano, e após usá-las simplesmente as jogava fora. Não me parece que Beatriz fosse se interessar por alguém desse tipo. Isso sem falar que ele tinha uma amante chamada Paulina.

Na mesma hora, dez pares de olhos intrigados se voltaram para ela. Julia ficou muito vermelha, mas prosseguiu, um tanto nervosa:

– Eu... eu li um texto de uma mulher da Filadélfia que encontrou provas do relacionamento dos dois. Beatriz tinha todo o direito de não demonstrar afeto por Dante e rejeitá-lo. Ele era um mulherengo egoísta, cruel e arrogante que tratava as mulheres como brinquedos para seu bel-prazer.

A essa altura, Christa e Paul se perguntavam o que tinha acontecido com seu curso, pois nenhum dos dois sabia de uma especialista em Dante da Filadélfia ou de uma amante chamada Paulina. Ambos prometeram a si mesmos passar mais tempo na biblioteca dali em diante.

Gabriel lançou um olhar furioso para os fundos da sala.

– Acho que sei de que *mulher* a senhorita está falando, mas ela não é da Filadélfia, e sim de uma cidadezinha provinciana do interior da Pensilvânia. E não sabe do que está falando, então deveria manter seus julgamentos para si.

O rosto de Julia parecia pegar fogo.

– Este é um argumento *ad hominem*. Seu lugar de origem não diminui sua

credibilidade. E Dante e sua família também eram de uma cidadezinha provinciana. Não que Dante fosse admitir isso, é claro.

Os ombros de Gabriel estremeceram um pouco enquanto ele tentava se controlar.

– Eu não chamaria a Florença do século XIV de *provinciana*. E, com todo o respeito à mulher em questão, isso não passa de pesquisa malfeita. E digo mais: a cabeça dessa mulher está cheia de abobrinhas ridículas e ela não tem prova alguma, por menor que seja, para sustentar suas conjecturas.

– Eu não teria tanta pressa de descartar as provas dela, professor, a não ser que esteja disposto a discuti-las detalhadamente. E o senhor não apresentou uma argumentação, apenas um ataque violento – rebateu Julia, arqueando as sobrancelhas e estremecendo.

Paul pegou a mão dela debaixo da mesa e a apertou.

– Pare – sussurrou, baixo o suficiente para que só Julia ouvisse. – Agora mesmo.

O rosto de Gabriel voltou a ficar vermelho e ele começou a respirar pela boca.

– Se essa mulher quisesse saber como Dante realmente se sentia com relação a Beatriz, saberia onde encontrar a resposta. Então não ficaria falando sobre coisas das quais não tem *a menor* ideia. E fazendo tanto ela mesma quanto Dante passarem vergonha. *Em público*.

Christa olhou do professor Emerson para Julia e de volta para ele. Havia alguma coisa errada ali, com certeza, mas ela não conseguia perceber o quê. Estava determinada a descobrir.

Gabriel se voltou para o quadro e começou a escrever, tentando se acalmar.

Dante achou que fosse um sonho.

– A linguagem que Dante usa para descrever seu primeiro encontro com Beatriz tem algo de onírico. Por vários *motivos pessoais*, ele não confiava em seus próprios sentidos. Não sabia direito quem ela era. Na verdade, há quem defenda que Dante achava que Beatriz fosse um anjo. Portanto, Beatriz está completamente equivocada ao supor, anos depois, que ele se lembrava de tudo sobre seu primeiro encontro e ao se ressentir por isso, sem lhe dar a chance de se explicar. Se ele achava que Beatriz era um anjo, não tinha esperanças de que ela fosse voltar. Dante poderia ter lhe explicado tudo isso, se ela não o houvesse rejeitado sem lhe dar essa oportunidade. Então, também nesse caso, o fato de Beatriz não conseguir enxergar a questão com clareza é culpa dela mesma. Não dele.

Christa levantou a mão e Gabriel assentiu com relutância para ela, aguardando, muito tenso, sua contribuição.

Mas Julia falou primeiro:

– A discussão sobre o primeiro encontro dos dois é obviamente irrelevante, já que

Dante deve tê-la reconhecido quando a viu pela segunda vez, mesmo achando que tinha sido um sonho. Por que fingiu não reconhecê-la?

– Ele não fingiu. Ela lhe parecia familiar, mas estava mudada, adulta, e isso o deixou confuso. Além disso, ele estava perturbado por outras questões pessoais – disse Gabriel com a voz atormentada.

– Estou certa de que é disso que ele tentou se convencer para poder dormir à noite, quando não estava enchendo a cara nos bares do centro de Florença.

– Julia, já chega. – Dessa vez, a voz de Paul foi mais alta que um sussurro.

Christa estava prestes a exclamar algo quando Gabriel levantou a mão para que ela se calasse.

– Isso não tem nada a ver com o assunto!

Ele respirou fundo e soltou o ar depressa, tentando em vão manter suas emoções sob controle. Baixou a voz e olhou apenas para ela, ignorando a maneira como Paul moveu o corpo, para que pudesse se colocar entre o professor e Julia, se necessário.

– Alguma vez já se sentiu sozinha, Srta. Mitchell? Já ansiou por companhia, mesmo que ela fosse apenas carnal e passageira? Às vezes, isso é tudo o que resta. Então, mesmo sabendo o que essa companhia é, você a aceita de bom grado, *pois não tem escolha*. Em vez de ser tão arbitrária e hipócrita em sua avaliação do estilo de vida de Dante, deveria tentar ter um pouco de compaixão.

Gabriel se calou ao perceber que havia revelado muito mais do que pretendia. Julia o encarou com frieza e esperou que ele continuasse.

– Dante era assombrado pela lembrança de Beatriz. E isso só piorou as coisas, pois nenhuma mulher chegava aos pés dela. Ninguém era tão bela, tão pura, ou o fazia se sentir da mesma forma. Ele nunca deixou de desejá-la, estava apenas desesperado diante da ideia de nunca voltar a vê-la. Acredite, se ela tivesse se aproximado dele antes e lhe dito quem era, Dante teria largado tudo e todos por Beatriz. Imediatamente.

Gabriel fitou com desespero os olhos castanho-escuros de Julia.

– O que ele deveria fazer, Srta. Mitchell? Hein? Beatriz o rejeitou. Só lhe restava uma coisa de valor na vida, que era sua carreira. Quando ela ameaçou lhe tirar isso, o que mais ele poderia fazer? Foi obrigado a abrir mão de Beatriz, mas a escolha foi *dela*, não dele.

Julia sorriu ao ouvir seu desabafo, sabendo que ele tinha terminado.

– A sua palestra foi *muito* esclarecedora, professor. Mas ainda tenho uma pergunta. Está dizendo que Paulina não é amante de Dante? Que ela é apenas uma amiga que ele comia de vez em quando?

Um estalo alto ecoou pela sala de aula. Todos os alunos olharam chocados para o professor Emerson ao perceber que ele tinha quebrado o marcador do quadro branco em dois. A tinta preta se espalhava pelos seus dedos como uma noite sem estrelas. Um fogo

azul incendiou seus olhos.

Chega. Chega dessa merda, pensou ele.

Num gesto protetor, Paul puxou Julia para junto de si, curvando seu corpo para ela enquanto observava os ombros do professor começarem a tremer de raiva.

– Vocês estão liberados. Para a minha sala, Srta. Mitchell. Agora!

O professor Emerson enfiou com raiva suas anotações e livros dentro da pasta e saiu da sala, batendo a porta atrás de si.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Os alunos ficaram sentados na sala agora silenciosa, chocados. Como a maioria deles não era especialista em Dante, o conflito logo foi considerado apenas uma discussão divertida (embora incomum) entre pesquisadores da mesma área. Acadêmicos podiam ser bastante passionais com relação a seus estudos; todo mundo sabia disso. Alguns, como Julia e o professor, mais que o normal. Aquela aula tinha sido um desastre, é claro, mas nem tão surpreendente assim. Nada tão bizarro, pensou Paul, quanto algumas coisas que aconteceram no semestre anterior, durante o curso da professora Singer sobre Métodos de Tortura Medieval... cujas aulas se revelaram surpreendentemente *práticas*.

Quando os alunos perceberam que o espetáculo de vale-tudo que tinham acabado de testemunhar terminara e que não haveria segundo round, começaram a sair, com exceção de Christa, Paul e Julia.

Christa fitou Julia com os olhos apertados e saiu atrás do professor como um patinho atrás da mãe.

Paul fechou os olhos e gemeu.

– Você é suicida?

Julia pareceu despertar de um sonho.

– Como assim?

– Por que provocou Emerson desse jeito? Ele está só esperando um motivo para se livrar de você!

Só então Julia se deu conta do tamanho da encrenca em que havia se metido. Era como se ela tivesse se transformado em outra pessoa, cuspindo veneno e raiva, sem pensar nem por um instante na plateia à sua volta. E, agora que havia extravasado essa raiva, sentia-se esvaziada, como um balão murcho no fim de uma festa infantil. Começou a guardar suas coisas na mochila lentamente, tentando se preparar para o que sem dúvida seria uma conversa muito, *muito* desagradável na sala do professor.

– Não acho que deva ir à sala dele – disse Paul.

– Eu não quero ir.

– Então não vá. Mande um e-mail dizendo que está passando mal e que sente muito.

Julia cogitou essa hipótese por alguns instantes. Era muito tentadora. Mas ela sabia que só teria chance de salvar sua carreira se fosse uma mulher *madura*, enfrentasse seu castigo e deixasse para juntar os cacos da sua vida pessoal mais tarde. Se é que isso seria possível.

– Se eu não for, ele vai ficar mais irritado ainda e pode até me expulsar do curso. E

preciso terminar essa disciplina para conseguir me formar em maio.

– Então vou com você. Melhor ainda, vou falar com ele antes. – Paul se empertigou, revelando toda sua altura, e cruzou os braços.

– Não, você tem que ficar fora disso. Vou até lá pedir desculpas e deixar que ele grite comigo. E, quando tiver conseguido o que quer, vai me deixar ir embora.

– *A misericórdia não é coisa que se imponha* – murmurou Paul. – Não que ele tenha noção disso. Aliás, por que vocês estavam discutindo? Dante não teve amante alguma chamada Paulina.

Julia piscou depressa.

– Encontrei um artigo sobre Pia de'Tolomei. Paulina era um dos apelidos dela.

– Pia de'Tolomei não foi amante de Dante. Há boatos de amantes e filhos ilegítimos, você não estava totalmente errada. Mas, sinto muito, Julia, Emerson tem razão: ninguém acredita que Pia tenha sido amante dele. Ninguém.

Julia mordeu o lábio, pensativa.

– Mas ele não me deixou explicar. E eu meio que... perdi a cabeça.

– Perdeu mesmo. Se tivesse sido qualquer outro aluno, eu diria que ele fez por merecer. *Aquele escroto*. Mas, no seu caso, era claro que ele iria fazer tempestade em copo d'água. – Paul balançou a cabeça. – Deixe-me falar com ele.

– Ele está orientando sua tese, não pode ser dar ao luxo de irritá-lo, Paul. Se ele exagerar na dose, eu vou embora. E dou queixa contra ele por assédio.

Paul baixou os olhos para ela com uma expressão muito preocupada.

– Não gosto nada disso. Ele está furioso.

– O que ele pode fazer? Emerson é o professor grande e mau. Eu sou a pequena aluna. Ele tem todo o poder.

– O poder tem um efeito estranho nas pessoas.

– O que quer dizer com isso?

Paul botou a cabeça para fora da sala de aula para ver se não havia ninguém no corredor.

– Emerson é um pervertido. Andou envolvido com a professora Singer, o que significa que ele... – Paul se interrompeu de repente e balançou a cabeça.

– Significa que ele... o quê?

– Se ele estiver assediando você ou tentando obrigá-la a *fazer alguma coisa*, me avise, que posso ajudá-la. Nós podemos formalizar uma queixa.

Julia o encarou, inexpressiva.

– Não tem nada de sinistro acontecendo. Ele é só um professor grosseiro que não gosta que o contradigam. Vou à sala dele com o rabo entre as pernas e, com alguma sorte, ele não vai me expulsar do curso.

– Espero que tenha razão. Emerson sempre foi profissional com seus alunos. Mas, com

você, é diferente.

Paul acompanhou Julia até a sala do professor e, sem aviso, bateu à porta.

Emerson a abriu depressa, seus olhos ainda dois lápis-lazúlis faiscantes, cheios de raiva.

– O que você quer? – cuspiu ele, fuzilando Julia com o olhar.

– Só um minuto do seu tempo – disse Paul com calma.

– Agora não. Amanhã.

– Mas, professor, eu...

– Amanhã, Sr. Norris. Não abuse da minha paciência.

Paul lançou um olhar muito preocupado para Julia e balbuciou:

– Sinto muito.

O professor esperou Paul desaparecer numa curva do corredor antes de abrir passagem para Julia entrar. Em seguida fechou a porta e caminhou até a janela.

Abandonai toda a esperança, vós que aqui entrais...

O escritório do professor estava escuro, a única luz acesa era a luminária em sua mesa. Ele havia fechado as persianas e se mantinha o mais longe possível dela, enquanto esfregava os olhos com os dedos sujos de tinta.

Julia passou a mochila para a frente do corpo, segurando-a com as duas mãos, como um escudo. O professor continuou calado; então, para se manter ocupada, ela correu os olhos pela sala. Seu olhar pousou sobre a cadeira desconfortável na qual havia se sentado em setembro, durante sua terrível primeira reunião com o professor. Ela havia sido destruída, seus restos espalhados sobre o tapete persa em pequenos pedaços retorcidos.

Os olhos de Julia se desviaram dos pedaços no chão para o professor e de volta para eles. *Ele destruiu uma cadeira. Uma cadeira de* metal.

Ele abriu os olhos e Julia viu uma calma estranha e perigosa naquele azul profundo. Ele era um dragão em sua caverna. E ela estava desarmada.

– Se você fosse qualquer outra pessoa, já estaria expulsa do curso.

Julia tremeu ao ouvir o tom da voz dele. Era enganosamente calmo e suave, como seda roçando sua pele nua. Mas, por trás dessa fachada, frio como aço.

– Essa foi a mais repugnante demonstração de comportamento infantil que já vi. Sua atitude desrespeitosa é totalmente inaceitável. Além disso, não posso nem começar a expressar a raiva que sinto pelo que disse sobre Paulina. *Nunca mais* fale dela. Fui claro?

Julia engoliu em seco, mas estava transtornada demais para responder.

– Eu perguntei se *fui claro*! – rosnou ele.

– Sim.

– Meu autocontrole é, com muito boa vontade, tênue. É melhor não abusar dele. E espero que lute suas batalhas, em vez de manipular Paul para salvá-la de sua estupidez. Ele tem seus próprios problemas.

Julia baixou a cabeça para o carpete, evitando os olhos dele, que pareciam brilhar na escuridão.

– Acho que você *quis* que eu perdesse a cabeça. Quis que eu ficasse com raiva e fizesse uma cena, para ter uma justificativa para fugir. Seu desejo era que eu me comportasse como todos os outros canalhas abusivos que maltrataram você. Bem, não sou um canalha abusivo, e não vou fazer isso.

Ela fitou os destroços retorcidos da cadeira (um móvel inocente que, em sua curta vida, nunca fizera *nada* de mal a ninguém) e então voltou a olhar para o professor. Mas não discutiu.

Ele passou a língua pelos lábios.

– Isto é um jogo para você? Hein? Está nos jogando um contra o outro, como se isso fosse um musical de Prokofiev? Ele é Pedro, eu sou o Lobo. E qual seria o seu papel? O da pata?

Julia balançou a cabeça.

– O que aconteceu hoje durante a minha aula *nunca mais* vai se repetir. Entendido?

– Sim, professor.

Ela segurou a maçaneta, mas a porta estava trancada.

– Vou pedir desculpas à turma.

– E nos expor a mais fofocas? Nem pensar. Por que não quis falar comigo? Um telefonema. Um encontro. Pelo amor de Deus, eu poderia ter falado com você através de uma porta. Mas, em vez disso, você finalmente decide falar comigo no meio da porra da *minha* aula.

– Você deixou um sutiã no meu escaninho... Eu pensei...

– Use a cabeça! – explodiu ele. – Se eu tivesse mandado pelo correio, haveria como rastrear o envio. Seria muito mais incriminatório. E eu não iria deixar seu iPod largado no meio de uma tempestade.

Julia ficou confusa com esse último comentário, aparentemente despropositado, mas preferiu não questioná-lo.

– Eu que comecei esse desastre ao mudar o tema da aula, mas você o terminou, Julianne, e com o equivalente a uma bomba de hidrogênio. Você *não* vai abandonar meu curso. Entendido? *Não* vai abandonar o mestrado. Vamos fingir que essa discussão nunca aconteceu e esperar que os outros alunos estejam muito ocupados com suas próprias vidas para notar alguma coisa.

Gabriel a encarou com um olhar impassível.

– Venha cá – ordenou, apontando um ponto no carpete.

Ela deu alguns passos à frente.

– Você devolveu a bolsa?

– Ainda não. O chefe do Departamento de Estudos Italianos contraiu gripe suína.

– Mas já marcou uma reunião?

– Sim.

– Quer dizer que marcou uma reunião com ele, mas não teve a cortesia de me enviar uma mensagem de texto de duas palavras quando eu estava desesperado para saber como você estava – rosnou ele.

Julia pestanejou.

– Você vai cancelar a reunião.

– Mas não quero o dinheiro e...

– Vai cancelar a reunião, aceitar o dinheiro e manter a boca calada. Você fez essa bagunça, agora eu vou ter que limpá-la. – Ele a fuzilou com um olhar sombrio. – Entendido?

Julia prendeu a respiração e assentiu com alguma relutância.

– O e-mail que você me enviou foi lamentável, um verdadeiro tapa na cara depois de todas as mensagens que deixei. Não ouviu meus recados? Ou simplesmente os apagou?

– Ouvi.

– Mas não acreditou neles. E com certeza não os respondeu. Você usou a palavra *assediar* no e-mail que me mandou. O que pretendia com isso?

– Hum... não sei.

Gabriel venceu a distância que os separava, parando a poucos centímetros dela.

– É bem possível que seu e-mail já tenha sido interceptado por alguém. Mesmo que eu o apague, e já fiz isso, alguém ainda pode encontrá-lo. E-mails são para sempre, Julianne. Nunca mais me mande um. Fui claro?

– Sim.

– Você é a única pessoa que consegue me tirar *completamente* do sério.

Julia lançou um olhar para a porta, desejando poder escancará-la e fugir.

– Olhe para mim – bufou ele.

Ela o encarou.

– Vou ter que minimizar os estragos. Já cuidei de Christa e agora vou ter que cuidar de Paul. Graças a você. Christa é uma ameaça, mas Paul era um bom assistente de pesquisa.

Era *um bom assistente de pesquisa*?

– Por favor, não o dispense. Foi por minha culpa que ele veio falar com você. Vou me certificar de que ele não diga nada a ninguém.

– É ele que você quer? – O tom de voz de Gabriel era glacial.

Julia remexeu em sua mochila.

– *Responda*.

– Eu tentei.

– E?

– E nada.

– Não me pareceu *nada* quando vi você nos braços dele em frente aos escaninhos. Não me pareceu *nada* quando ele bateu à minha porta, como um cavaleiro pronto a me enfrentar para defendê-la. Por que não me diz o que quer, Julianne? Ou agora você só atende por *Coelhinha*? – A voz de Gabriel transbordava de sarcasmo.

Julia arregalou os olhos de surpresa, mas ficou calada. Não sabia o que dizer.

– Está bem. Eu desisto. – Ele acenou com desdém em direção à porta. – Paul pode ficar com você.

O cérebro de Julia levou alguns instantes para conseguir mandar seus pés se encaminharem para a porta. Ela se moveu cabisbaixa, com os ombros curvados, parecendo muito com uma borboleta cujas asas tivessem sido arrancadas. Mas não tinha sido expulsa do curso. Um pequeno consolo para algumas das outras coisas que acabara de perder.

Gabriel permaneceu imóvel enquanto ela tentava abrir a porta, lutando contra a maçaneta. Um gemido escapou de seus lábios. O professor surgiu atrás dela e estendeu o braço para destrancar a porta, roçando do lado esquerdo de seu quadril. Como ela não se afastou, ele se aproximou mais, colando os lábios à sua orelha.

– Então toda essa agonia foi em vão?

Julia conseguia sentir o calor irradiando do peito dele em direção a seus ombros. A seda da gravata-borboleta de Gabriel roçou seus cabelos e se enrolou neles, arrastando-se em seu pescoço, que se arrepiou.

– Você se expôs a fofocas maliciosas a troco de nada.

– Você foi cruel.

– Você também.

– Você me magoou.

– Você também me magoou. A vingança é tudo aquilo que sonhou que ela fosse? – Gabriel continuava a sussurrar, seu hálito quente acariciando-lhe o rosto. – Você deixou de ser uma coelhinha para se transformar numa gata furiosa. Bem, me arranhou feio hoje, gatinha. Verteu sangue com cada palavra. Está feliz agora que me humilhou diante dos meus alunos, expondo todos os meus pecados secretos? Foi uma verdadeira fogueira das vaidades, com você encarregada de atear as chamas.

Ele aproximou ainda mais os lábios da orelha dela e o ar que saía de sua boca fez Julia estremecer.

– *Você é covarde*.

– Não sou.

– Mas está indo embora.

– Você está me mandando para ele.

– Não estou porra nenhuma! Você sempre faz o que as pessoas mandam? Onde está a gata furiosa agora?

– Sou apenas uma aluna, professor Emerson. O poder está todo em suas mãos. Você poderia... me destruir.

– Bobagem. É o que você acha? Que isto aqui é um delírio de poder? – Gabriel arrancou a mochila das mãos tensas de Julia e a jogou de lado. Então girou seu corpo e pegou o rosto dela, acariciando-o. – Acha mesmo que eu seria capaz de destruí-la? Depois de tudo o que passamos juntos?

– Não sou eu que tenho problemas de memória. Acha que estou feliz? Acha que é isso que eu quero? Estou *triste*. Finalmente encontrá-lo, depois de tantos anos, e vê-lo assim? Não consigo nem reconhecer você!

– Você nunca me deu uma chance. Como eu poderia saber o que quer, Julianne, se você não fala comigo? Você não me diz nada!

– Não é gritando que vai me convencer a conversar com você!

A boca de Gabriel encostou na dela, apaixonadamente, mas apenas por alguns instantes, até ele se descolar dos seus lábios e sussurrar em seu ouvido:

– Converse comigo.

O lábio inferior dele deslizou de forma tentadora pelo lóbulo da orelha de Julia.

Ela ficou calada, sentindo a energia entre os dois mudar, como uma serpente devorando o próprio rabo, engolindo-se por inteira, raiva e paixão se alimentando mutuamente.

– Diga-me o que quer ou vá embora.

Como ela não respondeu, Gabriel se afastou devagar. Perder contato com o corpo dele embrulhou o estômago de Julia e suas palavras saíram de um ímpeto, sem que ela pudesse pensar no que dizia:

– Eu nunca quis nenhuma outra pessoa.

Ele olhou dentro dos olhos dela e a beijou. Seus lábios se tocaram com intensidade, seus hálitos quentes se misturando, as bocas molhadas e escorregadias. A mão direita de Gabriel acariciou o rosto de Julia e passou lentamente pela sua orelha antes de pousar sobre a nuca. Ele esfregou o polegar pela sua pele, instigando-a a relaxar. Seus lábios bailaram juntos, deslizando um contra o outro. Após alguns instantes, ele inclinou a cabeça de Julia ligeiramente para trás – uma súplica silenciosa.

Abra-se para mim.

Julia não conseguia respirar. Como poderia, diante de uma sensação tão intensa? O gosto de hortelã, o cheiro da colônia Aramis, o hálito dele que a consumia. Quando ela não respondeu à sua súplica, a língua de Gabriel despontou devagar, explorando, hesitante, o lábio inferior dela, antes de se curvar sobre ele e habilidosamente puxá-lo para dentro de sua boca. Julia respirou fundo, com força, ante aquela sensação estranha, porém íntima.

Gabriel sugou o lábio dela, puxando-o, atiçando-o. Era tudo muito novo, mas ao mesmo tempo estranhamente familiar. A paixão continuava ali, mas a raiva tinha dado

lugar a uma eletricidade estimulante que queimava e estalava em volta deles, à medida que Julia enfim se abria para ele.

Gabriel sentia o maxilar dela tenso. Tirou a mão esquerda do rosto de Julia, deslizou-a até a curva do seu queixo e começou a acariciá-lo, tentando fazer com que ela relaxasse. Ao sentir a tensão se dissipar sob seus dedos, ele ficou mais ousado. A ponta de sua língua rolou pelo lábio inferior de Julia e, bem devagar, tocou a língua dela. Como se estivessem se apresentando timidamente, suas línguas se encontraram primeiro como amigas, de forma acanhada e carinhosa, mas depois como amantes, de forma sensual e erótica, à medida que o calor explodia em suas bocas.

Foi melhor do que Gabriel imaginava – muito melhor do que em seus sonhos ou em sua imaginação. Ela era real. *Beatriz* era real. Naquele momento, enquanto pressionava os lábios contra os dela e explorava sua boca, pôde dizer que Julia pertencia a ele, de corpo e alma. Mesmo que só por aqueles instantes.

Tão doce, pensou Julia. *Tão quente*.

Ela o puxou mais para perto, passando as mãos hesitantes pelo cabelo dele, atraindo-o até seu corpo pequeno estar imprensado entre a porta e o corpo alto e musculoso de Gabriel. Ele moveu a mão direita para a parte de trás da cabeça dela, evitando que batesse na porta, e gemeu.

Ele gemeu por minha causa.

O gemido foi alto, feroz e erótico. Julia se lembraria pelo resto da vida desse som e de como ele vibrou em seus lábios, ecoando dentro de sua boca. Ela sentiu o sangue correr em seu corpo, quente e grosso, à medida que sua pele desabrochava sob o toque dele. Aquilo era tudo que sempre desejara: sentir os braços de Gabriel em volta dela e os lábios dele nos seus.

Não havia Paul. Não havia Christa. Não havia universidade. Apenas eles dois.

Os lábios de Gabriel a envolveram, se apossaram dela. Uma chama se acendeu dentro de Julia enquanto seus corpos se moviam juntos, curvas macias contra aço rígido. Ela inspirou freneticamente, mas não conseguiu ar suficiente. Sua cabeça ficou leve.

Os dois estavam tão colados que Gabriel poderia jurar que sentia o coração dela bater por baixo da blusa. A mão esquerda dele deslizou sob a bainha da blusa de Julia, arrastando-se em direção à pele nua da base de suas costas. Ele tornou a gemer espalhando os dedos por aquele vale, tomando-o para si. Não precisava vê-lo para saber que era belo e precioso.

Até... Julia começar a ficar ofegante, a respiração difícil e irregular. Gabriel não queria parar. Seu desejo era carregá-la até sua mesa e deitá-la de costas para que terminassem o que haviam começado. Queria explorar cada centímetro do corpo de Julia, olhar fundo em seus olhos escuros à medida que desvendava os segredos de seu corpo. Mas a prudência falou mais alto e ele desacelerou os movimentos, por mais que a simples ideia

de se separar dela fizesse seu corpo doer.

Ele a abraçou apertado, ainda protegendo sua cabeça, e deu três beijos inocentes na boca aberta de Julia. Roçou os lábios, suaves como as asas de um anjo, por todo o seu pescoço, até onde ele se unia ao ombro. Após depositar mais um beijo no lóbulo de sua orelha, tocando-o de leve com a ponta da língua (mais uma promessa do que uma despedida), Gabriel parou.

Deslizou as mãos pelos braços dela, pousando-as em seu quadril. Ali, traçou desenhos complexos com os polegares, instigando-a a abrir os olhos. No silêncio da sala, poderia jurar que conseguia ouvir as batidas de seus corações, num ritmo frenético porém sincronizado. Julia fazia isso com ele. Enfeitiçava seu sangue, sua carne. Gabriel baixou os olhos para ela, maravilhado, e roçou mais uma vez os lábios por sua boca entreaberta. Ela não esboçou nenhuma reação. Gabriel a observou com mais atenção, ligeiramente em pânico.

– Julia? Querida? Você está bem?

O coração dele parou de bater quando ela caiu em seus braços.

Não havia desmaiado. Não exatamente. Tinha sido apenas subjugada pela intensidade da sensação e pela falta de comida decente. Mas sabia que ele a estava segurando com firmeza e sussurrando palavras gentis em seu ouvido.

Gabriel acariciou seu rosto com as pontas dos dedos. Como não obteve nenhuma resposta, pressionou os lábios na testa dela.

– Beatriz?

Julia abriu os olhos.

– Por que está me chamando assim?

– Porque esse é o seu nome – murmurou ele, acariciando seus cabelos. – Você está bem?

Ela inspirou e expirou profundamente.

– Acho que sim.

Ele beijou sua testa mais uma vez.

De repente Julia se lembrou da fúria de Gabriel e dos seus olhos azuis estranhamente brilhantes.

– Isto está errado. Você é meu professor. Estou muito encrencada.

Ela tentou se libertar dos seus braços, mas ele se recusou a soltá-la. Ela se encostou na porta.

– O que eu fui fazer?

Ela levou a mão trêmula até a testa.

A expressão de Gabriel ficou carregada e ele a soltou.

– Você me decepciona, Julianne. Não sou indiscreto. Prometo que vou protegê-la.

Ele pegou sua mochila e a pôs no ombro, segurando sua pasta com uma das mãos e

passando o outro braço pela cintura de Julia, puxando-a para si.

– Venha comigo.

– Paul está esperando.

– Paul que se dane.

Julia piscou várias vezes, depressa.

– Você não passa de um bichinho de estimação para ele.

– Não sou um bichinho de estimação! Sou amiga dele. Paul é meu único amigo em Toronto.

– Eu gostaria de ser seu amigo – falou Gabriel, baixando os olhos para ela. – E vou manter minha pequena amiga bem perto de mim, para garantir que ela não fuja de novo.

– Isto é... complicado. E perigoso.

Julia se obrigou a esquecer a sensação dos lábios dele contra os seus e a se concentrar nos obstáculos intransponíveis. Mas era impossível, ainda mais com os sons que ele fez enquanto a beijava ecoando em seus ouvidos.

Aqueles *gemidos*.

– Você não parecia achar nada complicado e perigoso quando estava saltitando pelo meu apartamento com minha cueca. Também não achou complicado quando deixou uma bandeja na minha geladeira com algo que só poderia ser descrito como um bilhete de amor. Por que tudo é mais complicado agora que eu a beijei?

– Porque nós fomos... expostos.

Gabriel fechou a cara.

– Não fomos, não. Além do e-mail, o único indício que demos em público foi uma discussão, que é algo aberto a interpretações. A obrigação de provar qualquer coisa está nas mãos dos nossos inimigos. Vamos negar tudo.

– É isso que você quer fazer?

– Que alternativa nós temos? Além do mais, no momento da aula ainda não havia um relacionamento.

Ele se agachou para pegar um chaveiro no chão.

– Isto é seu?

Ela estendeu a mão.

– Sim.

– *P* de Princeton? Ou de Paul? – zombou Gabriel, balançando o chaveiro diante dela.

Julia o pegou com uma careta e o guardou na mochila.

Gabriel sorriu diante da reação dela.

– Espere aqui enquanto vejo se Paul está lá fora de arma em punho, esperando para alvejar o lobo e salvar a pata.

Ele lançou um breve olhar para o corredor vazio.

– Rápido. Vamos pela escada.

Gabriel puxou Julia para fora da sala e fechou a porta.

– Você consegue andar? Podemos pegar um atalho pelo Victoria College e subir a Charles Street. Ou então posso chamar um táxi – sussurrou ele, abrindo a porta das escadas para ela.

– Para onde você está me levando?

– Para casa.

Ela relaxou um pouco.

– Para a *minha* casa – esclareceu Gabriel, aproximando o rosto do dela.

– Achei que eu tirasse você completamente do sério.

Gabriel recuou seu rosto e se empertigou, revelando toda a sua altura.

– E tira. Completamente. Mas são seis da tarde e você está desmaiando de fome. E depois do que aconteceu, não vou levar você a um lugar público de jeito nenhum. E, não posso preparar um jantar decente na sua casa.

– Mas você ainda está irritado. Dá para ver nos seus olhos.

– Tenho certeza de que você também está irritada comigo. Mas, com alguma sorte, vamos superar isso. Neste momento, tudo em que consigo pensar quando olho para você é em beijá-la.

Gabriel a soltou e começou a conduzi-la pelas escadas.

– Paul pode me levar para casa.

– Já falei que Paul que se dane. Você é a *minha* Beatriz. Seu lugar é *comigo*.

– Gabriel, eu não sou a Beatriz de ninguém. Esses delírios precisam parar.

Ele pousou a mão em seu braço para detê-la.

– Os delírios não são exclusividade de nenhum de nós dois. Nossa única esperança é nos darmos tempo para descobrir quem somos de verdade e então decidir se essa é uma realidade com a qual poderemos viver. Já tive aborrecimentos suficientes com você para uma vida inteira e vou colocar um ponto final nisso esta noite. Vamos nos sentar e ter a conversa que eu quis ter há dez dias. Não vou perdê-la de vista até que isso aconteça. Ponto final.

Bastou Julia olhar a expressão determinada dele para perceber que não fazia sentido discutir. Enquanto Gabriel a conduzia por uma porta lateral até os fundos do prédio, ela pegou o celular e enviou um torpedo cheio de culpa para Paul. Disse que tinha ido para casa, que estava bem, mas envergonhada demais para falar sobre o assunto.

Paul estava à espera de Julia, zanzando perto dos elevadores, mantendo-se fora de vista. Tinha passado duas vezes diante da porta do professor, mas não conseguira ouvir nada. Não queria criar atrito com Emerson esperando em frente à sala dele.

Assim que recebeu a mensagem, correu até a sala de Emerson. Bateu à porta, mas ninguém atendeu. Paul desceu as escadas às pressas, na esperança de alcançá-la.

◆◆◆

Gabriel entrou em seu apartamento depois de Julia.

– Você almoçou?

– Não me lembro.

– Julianne! Comeu alguma coisa de manhã?

– Tomei um café...

Ele xingou baixinho.

– Precisa se cuidar melhor. Não me admira que esteja tão pálida. Venha.

Ele a conduziu até a poltrona de veludo vermelho e a obrigou a se sentar, levantando seus pés e pousando-os cuidadosamente sobre a otomana.

– Não preciso ficar aqui. Posso lhe fazer companhia na cozinha.

Gabriel lançou-lhe um olhar firme porém carinhoso, abriu o gás e acendeu a lareira. Permitiu-se passar a mão pela cabeça dela, jogando seus cabelos para trás.

– Em dias como este, gatinhas devem ficar enroscadas numa poltrona diante do fogo. Está mais segura aqui do que num dos bancos da cozinha. Vou preparar um jantar, mas preciso dar uma saída para comprar algumas coisas. Você fica bem, sozinha?

– Claro, Gabriel. Não sou nenhuma inválida.

– Se sentir muito calor, desligue o interruptor que o inferno se apaga.

Ele se inclinou e deu um beijo no topo da cabeça dela antes de sair.

– Prometa que não vai embora antes de eu voltar – gritou da porta.

– Prometo. – Julia se perguntou se ele estava mesmo preocupado em perdê-la.

Pensou no que havia acontecido durante a aula e no episódio na sala dele. Ficou se perguntando se tinha sido a falta de comida ou o beijo de Gabriel que a deixara tonta. Não teria sido a primeira vez que ele a afetava dessa maneira...

Julia fechou os olhos só por um instante, deixando o rugido abafado do fogo zumbir em seus ouvidos, mas acabou adormecendo profundamente.

O som de uma voz feminina, apaixonada e emotiva, flutuava pelo ar. Julia reconheceu a música antes de abrir os olhos. “Non, je ne regrette rien”. Gabriel tinha posto Edith Piaf para tocar. Era uma excelente escolha.

Ao abrir os olhos, viu Gabriel sorrindo para ela, parecendo muito um anjo atormentado – um anjo de cabelos negros, uma boca feita para o pecado e olhos azuis penetrantes. Ele havia colocado uma camisa preta de botão e uma calça também preta, as mangas da camisa enroladas para cima, revelando braços musculosos.

– Julianne? – Ele sorriu e estendeu a mão para ela.

Julia a pegou e ele a conduziu até a sala de jantar. Gabriel tinha arrumado a mesa com uma toalha de linho branco e acendera as velas nos candelabros de prata rebuscados. Ela notou os pratos de porcelana, as taças de cristal e os talheres de prata para dois, além de uma garrafa de champanhe.

Veuve Clicquot Ponsardin vintage 2002, ela leu no rótulo.

– Gostou? – Ele parou atrás dela e esfregou seus braços.

– É lindo – disse Julia, lançando um olhar desconfiado para o champanhe caro.

– Então, permita-me. – Ele puxou uma cadeira para ela se sentar e lhe entregou um guardanapo de linho branco. – Resolvi tentar uma segunda vez com as flores. Por favor, não as destrua como fez com as outras.

Gabriel abriu um sorriso irônico e apontou um vaso de vidro alto e moderno que continha um arranjo de jacintos roxos.

– Se for uma boa menina, deixarei você ler o cartão – sussurrou ele, servindo-lhe uma taça de champanhe. Sem esperar para vê-la provar a bebida, ele desapareceu na cozinha.

Lançando um breve olhar por sobre o ombro para se certificar de que não estava sendo observada, Julia pegou o cartão no meio das flores.

Minha querida Julianne,
se quiser saber o que sinto por você,
é só me perguntar.
Seu
Gabriel

Mas que convencido, pensou Julia antes de pôr o cartão de volta no lugar.

Enquanto esperava ali, contrariada, uma série de coisas diferentes chamaram sua atenção. Gabriel tinha escolhido Edith Piaf como música ambiente e agora ela cantava "La Vie en Rose". A toalha de mesa, a mesa para dois, o champanhe, as flores... ele não se dera tanto trabalho por Rachel.

Toda aquela briga e paixão em sua sala havia incendiado os corpos dos dois. E a maneira como Gabriel a havia beijado... Julia nunca tinha sido beijada daquele jeito antes, nem mesmo por *ele*. Estremeceu de prazer ao lembrar. Era uma sensação nova, mas nem um pouco indesejável.

Preliminares.

Julia sabia que ele precisara fazer um grande esforço para conseguir parar de beijá-la, como se estivesse em guerra consigo mesmo. A tensão entre os dois tinha sido quase palpável. Ela sabia que Gabriel era um homem muito sexual, a quem nunca faltavam mulheres, como ele mesmo admitira. Agora que a havia provado sóbrio, era *ela* que ele queria. Era uma sensação avassaladora, ser cobiçada por um homem tão tentador e sensual. Ela se sentia como Psiquê sendo desejada por Cupido. E não poderia negar a atração que sentia por Gabriel, ou a maneira como ficou excitada quando ele a beijou.

Mas Julia guardou isso para si, o que tornava irrelevantes todas as outras reflexões românticas ou sexuais. Decidiu esperar até depois da salada para lhe dizer tudo.

Gabriel se sentou ao seu lado à cabeceira da mesa, pegou o copo d'água e fez um

brinde àquela noite juntos. Só quando seus copos se tocaram Julia percebeu que ele não estava bebendo champanhe.

– Não vai beber o Veuve Clicquot? – perguntou ela, incrédula.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– *Non, seulement de l'eau ce soir. Mon ange.*

Julia revirou os olhos, não porque o francês de Gabriel fosse ruim, mas por ele dizer que beberia apenas água naquela noite.

– Você pode até achar difícil de acreditar, mas não bebo o tempo todo. Também não espero que termine essa garrafa sozinha. Podemos guardar um pouco para preparar Mimosas para o café da manhã.

Julia arqueou as sobrancelhas. *Café da manhã? Você confia mesmo no seu taco, Casanova.*

– Procurei um vintage de 2003 na minha adega, mas tive que me contentar com um 2002.

Julia levou alguns instantes para perceber a importância daquele ano. Quando entendeu, ficou vermelha e baixou os olhos para as mãos. Gabriel a observou por sobre seu prato de salada, mas ficou calado. Esperava uma reação mais verbal, mas logo supôs que ela estivesse sobrecarregada pelas turbulências daquele dia.

Ela está nervosa, trêmula e com o rosto vermelho.

De vez em quando Gabriel estendia a mão para acariciar a pele do seu pulso, só para tranquilizá-la. Sempre que cruzavam olhares, ele parava o que estava fazendo e sorria para ela de modo encorajador, esperando que Julia iniciasse uma conversa. Mas ela apenas baixava a cabeça e olhava o prato... até que a melodia de uma certa canção encheu seus ouvidos.

Besame, besame mucho...

Gabriel a observou atentamente. Quando ela reagiu à música e o tom rosado de sua pele ficou mais forte, ele piscou.

– Você se lembra dessa música?

– Sim.

– Fala espanhol? – Ele a encarou, ansioso pela resposta.

– Nem uma palavra.

– Que pena. A letra é muito bonita. – Ele abriu um sorriso um tanto triste e ela desviou o olhar.

Gabriel cantava e a observava – o movimento dos olhos dela, a agitação de suas mãos, o rubor de sua pele. Quando a canção terminou, ele sorriu, se levantou e deu um beijo demorado no topo da sua cabeça.

Gabriel tirou os pratos, tornou a encher a taça dela e serviu as entradas, *spaghetti con limone* com alcaparras e camarão tigre. Esse não era um prato comum, e era um dos

pratos favoritos de Julia, que ficou surpresa que ele o tivesse feito. Talvez Rachel...

Ela balançou a cabeça. Aquilo era entre ela e Gabriel. Mais ninguém. Só o fantasma de Paulina que os assombrava...

– Você não é o mesmo homem que conheci no pomar – disse Julia num tom de voz inexpressivo, encorajada pelo champanhe.

Gabriel largou o garfo e franziu as sobrancelhas.

– Tem razão, sou muito melhor agora.

Julia soltou uma gargalhada amarga.

– Impossível! Ele foi carinhoso e muito, muito gentil. Jamais teria sido tão frio e indiferente quanto você tem se mostrado.

– Você não sabe do que está falando. – Gabriel a olhou nos olhos. – Nunca menti para você. Por que iria começar agora?

Julia ficou vermelha de raiva.

– Não vou deixar sua escuridão me consumir.

Gabriel ficou confuso diante dessa hostilidade repentina e sentiu-se tentado a chamar a atenção dela por isso. Surpreendentemente, no entanto, limitou-se a inclinar a cabeça. Julia o observou molhar o dedo com água Perrier e deslizá-lo pela borda da taça, de forma suave e sensual. A melodia do cristal começou a invadir seus ouvidos.

De repente, Gabriel parou.

– Você acha que a escuridão pode consumir a luz? É uma teoria interessante. Vamos ver se funciona. – Ele gesticulou em direção aos candelabros. – Pronto. Acabei de jogar um pouco da minha escuridão naquelas velas. Viu como deu certo?

Ele abriu um sorriso sarcástico e voltou a comer.

– Você sabe do que eu estou falando! Não se faça de bobo.

Os olhos de Gabriel ficaram sombrios.

– Não tenho nenhuma intenção de *consumir* você, mas não vou mentir e dizer que não me sinto atraído pela sua luminosidade. Se eu sou a escuridão, você é uma estrela. Na verdade, estou bastante cativado pela *luce della tua umilitate*.

– Não vou deixar você trepar comigo.

Ele se recostou em sua cadeira com uma expressão de espanto e repulsa no rosto. Decidiu silenciosamente que aquela seria a última taça de champanhe dela.

– Desculpe, mas por acaso eu lhe pedi isso? – A voz dele pareceu suave e inabalada, o que deixou Julia ainda mais irritada.

Mentiroso. Mentiroso. Lindos olhos azuis em chamas.

Gabriel lançou-lhe um sorriso impertinente, observando o rosto de Julia por sobre a borda de sua taça. Limpou os lábios com o guardanapo e aproximou seu rosto do dela, até eles estarem a centímetros de distância.

– Se eu fosse lhe pedir alguma coisa, Srta. Mitchell, não seria isso.

Ele sorriu, tornou a se encostar e terminou seu jantar quase alegremente, sem dizer mais uma palavra.

Julia fervia de raiva. Sabia que ele a estava observando. Sentia os olhos de Gabriel percorrerem seu rosto, sua boca e seus ombros, que tremiam. Nada escapava àqueles olhos azuis penetrantes. Tinha a sensação de que ele conseguia ler sua alma.

– Julianne.

Ele moveu sua mão por baixo da mesa para pegar a mão dela e tirá-la de cima do colo e, ao fazer isso, tocou de leve sua coxa.

A voz dele era gentil e suave e Julia sentiu o calor de seu toque se alastrar até os dedos dos pés.

– Olhe para mim.

Ela tentou recolher a mão, mas ele a segurou firme.

– *Olhe para mim quando eu falar com você.*

Julia ergueu os olhos para ele devagar. O olhar dele era mais carinhoso e menos ameaçador que seu tom de voz, mas tinha uma intensidade extraordinária.

– Eu nunca faria isso com você. Fui claro? Não se trepa com um anjo.

– Então o que se pode fazer com um anjo? – perguntou ela, com a voz um pouco trêmula.

– *Alguém como eu* trataria seu anjo com carinho. Tentaria conhecê-la e desvendar seus mistérios. Começaria nutrindo uma... amizade, talvez.

Ela se contorceu sob seu toque.

– Uma amizade colorida?

– Julianne... – O tom de voz de Gabriel escondia um alerta. Ele soltou sua mão e a encarou por alguns instantes. – É pedir demais que você acredite que eu *queira* conhecer você? Que eu queira ir com calma?

– Sim.

Ele reprimiu um palavrão.

– Isso é novidade para mim, Julianne. Até certo ponto, seu preconceito é justificável, mas não abuse deliberadamente da minha paciência.

– Nós dois sabemos que professores nunca são amigos de seus alunos.

– Mas nós poderíamos ser – ele sussurrou, afastando com carinho o cabelo dela para trás do ombro e permitindo que seus dedos roçassem o pescoço de Julia. – Se for isso o que você quer.

Ela não sabia como reagir a essa proposta chocante, então se virou para o outro lado.

– Eu não seduzo virgens, Julia. Não ofereço risco a sua virtude. – E, com essas palavras, ele recolheu os pratos e desapareceu na cozinha.

Julia terminou seu champanhe em duas goladas rápidas.

Ele é um mentiroso. Se eu não tivesse me recusado, teria dado seu sorriso típico,

arrancado minhas roupas e aberto minhas pernas antes mesmo de minha calcinha ter caído no chão. E provavelmente me faria copiar uma das poses de suas fotografias em preto e branco. Então Paulina ligaria bem no meio.

Gabriel voltou e se apressou em tirar a taça e a garrafa de champanhe da frente dela. Poucos minutos depois, lhe trouxe um *espresso* servido com uma lasquinha de casca de limão. Julia ficou surpresa. Era difícil imaginá-lo descascando um limão, mas, de qualquer modo, lá estava ela: uma lasquinha perfeita e fresca.

– Obrigada, Gabriel. *Espresso Roma* é meu favorito.

Ele a encarou com um olhar presunçoso.

– Achei que era hora de lhe oferecer algo não alcoólico, antes que você vomitasse em mim.

Julia fechou a cara. Ela estava ótima. Sentia-se um pouco mais desinibida, porém totalmente ciente de seus atos. Ou pelo menos *achava que sim*.

– O que você escreveu no cartão? No que deixou em frente ao meu prédio.

Gabriel ficou tenso.

– Então você não leu?

– Eu estava com raiva.

Ele deu de ombros.

– Então talvez tenha sido melhor assim. – Ele virou as costas e saiu.

Julia tomou lentamente o *espresso*, tentando adivinhar o que ele teria escrito. Devia ter sido algo muito íntimo, para deixá-lo tão transtornado. Ela se perguntou se os pedaços do cartão ainda estariam no canteiro em frente ao prédio e se conseguiria juntá-los de volta.

Minutos depois, Gabriel voltou com um pedaço de bolo de chocolate e um garfo.

– Sobremesa?

Ele arrastou a cadeira para sentar perto dela. Perto demais, na verdade.

– Julianne – cantarolou em seu ouvido –, sei que gosta de chocolate. Comprei esse bolo para lhe fazer um agrado.

Ele segurou o garfo debaixo do nariz dela, para que Julia sentisse o cheiro. Ela lambeu os lábios sem querer. Parecia delicioso. Estendeu a mão para pegar o garfo dele, mas Gabriel o puxou de volta para si.

– Não. Vai ter que me deixar alimentá-la.

– Não sou criança.

– Então pare de agir como se fosse. *Confie em mim*. Por favor.

Julia virou o rosto e balançou a cabeça, resistindo à tentação de observá-lo levar o garfo aos próprios lábios e lamber um pouco da cobertura.

– *Hummmmm*. Sabe, dar de comer a alguém é o maior gesto de cuidado e afeto... É como se doar através da comida. – Gabriel suspendeu outra garfada de bolo sob o nariz

dela. – Pense bem. O padre nos dá de comer na eucaristia, nossas mães nos dão de comer quando somos bebês, nossos amigos fazem o mesmo em jantares e festas, os amantes quando se alimentam um do corpo do outro... e, às vezes, da alma um do outro. Você não quer que eu lhe dê de comer? Se não quer se alimentar do meu corpo, pelo menos coma o bolo que comprei para você.

Gabriel deu uma risadinha. Como Julia não respondeu, ele se concentrou apenas na sobremesa. Ela fechou a cara. Se Gabriel achava que aquele espetáculo repugnante de pornografia gastronômica chamaria sua atenção e talvez a deixasse um pouco excitada e incomodada até ela ficar na palma da sua mão...

...estava absolutamente certo.

A visão de Gabriel comendo o bolo de chocolate era a coisa mais erótica que ela já vira. Ele saboreava cada migalha, lambendo os lábios e o garfo de forma sugestiva. Às vezes, fechava os olhos e gemia, fazendo sons vorazes e guturais que eram dolorosamente familiares. Ele se debruçava sobre o prato com movimentos lentos e sinuosos, os tendões de seus braços muito visíveis, estendendo-se para a frente e recuando em seguida, seus olhos ardentes fitando os dela a cada gesto ritmado e previsível.

Antes que ele chegasse ao último pedaço, Julia sentiu o ar à sua volta ficar quente e sufocante. Seu rosto estava vermelho, a respiração, ofegante, e gotas de suor brotavam em sua testa. Enquanto isso, mais embaixo...

O que ele está fazendo comigo? Parece até que...

– Última chance, Julia.

Ele balançou o garfo na frente dela.

Julia tentou resistir. Tentou virar a cabeça para o outro lado, mas, quando abriu a boca para recusar o pedaço de bolo, ele passou o garfo pelos seus lábios, enfiando-o em sua boca.

– Hummmm – murmurou ele, abrindo um sorriso largo que mostrava todos os seus dentes brancos e perfeitos. – Essa é a minha gatinha obediente.

Julia ficou ainda mais vermelha e passou os dedos pelos lábios, recolhendo as últimas migalhas. Ele tinha razão, o bolo era uma delícia.

– Ora, não foi tão ruim, foi? Viu como é bom ser bem cuidada? – sussurrou ele. – Viu como é bom ser bem cuidada... por mim?

Ela estava começando a se perguntar se tinha alguma chance de resistir àquela sedução. Todo e qualquer pensamento sobre o que ele dissera a respeito da sua virtude desapareceu da cabeça de Julia como um milagre.

Gabriel estendeu a mão e segurou sua mão, levando os dedos dela à boca.

– Você se sujou um pouco de chocolate – sussurrou, olhando para Julia por baixo dos cílios. – Posso?

Julia respirou fundo. Não sabia bem o que ele pretendia fazer, então ficou calada.

Ele sorriu com malícia diante do seu silêncio e enfiou os dedos dela na boca, um a um, chupando-os devagar e passando a língua sem pressa pelas suas pontas.

Julia mordeu o lábio para conter um gemido à medida que sua pele explodia em chamas. *Puta merda, Gabriel*. Quando ele terminou, ela fechou os olhos e secou o suor da testa.

Ele a observou em silêncio pelo que pareceu uma eternidade.

– Você está exausta – falou de repente, soprando as velas. – É hora de dormir.

Julia abriu os olhos quando ele se inclinou sobre ela.

– E a nossa conversa?

– Já falamos demais por hoje. Nossa conversa vai ser longa. É melhor que estejamos de cabeça fresca.

– Por favor, Gabriel. Não faça isso. – A voz dela soou grave e desesperada.

– Uma noite. Passe a noite comigo e, se quiser ir embora amanhã, não tentarei impedi-la.

Ele a levantou com cuidado e a puxou para si, apertando-a contra o peito.

Julia ficou calada, sentindo desaparecer o pouco autocontrole que lhe restava. Ele havia esgotado suas forças e minado sua resistência. Talvez fosse o champanhe. Talvez o drama daquele dia e o encontro explosivo que os dois tiveram na sala dele. Fosse qual fosse a explicação, Julia não conseguia mais resistir. Seu coração já batia num ritmo febril, suas entranhas derretendo por causa do calor que se espalhava pelo seu corpo. E, mais embaixo, perto do útero, o desejo começava a se agitar de forma nada sutil.

Ele vai me consumir. Vai consumir meu corpo e minha alma.

Em seus sonhos, sempre era a Gabriel que ela entregava sua virgindade. Mas não daquele jeito. Não sentindo uma desesperança tão grande e com aquela emoção indecifrável brilhando nos olhos dele.

Ele a carregou pelo corredor até o quarto e a pôs com ternura no centro de sua cama grande e medieval. Acendeu algumas velas e as espalhou pelo cômodo, em cima das mesas de cabeceira, da cômoda e do aparador sob o quadro de Dante e Beatriz. Então apagou todas as luzes e entrou no banheiro.

Julia quis aproveitar essa oportunidade para examinar as fotos, mas elas não estavam lá. As paredes estavam vazias, exceto pela reprodução do quadro de Holiday e de seis ganchos e pedaços de arame que denunciavam que antes havia algo pendurado ali.

Por que ele as tirou? Quando?

Julia ficou feliz que as fotos não estivessem mais nas paredes. Tinha medo de como pareceriam à luz bruxuleante das velas, as imagens impiedosas e satânicas na penumbra, representando o destino que logo recairia sobre ela. Nua, sem nome, sem rosto, sem alma. Ela só esperava que a última foto, a mais agressiva, não fosse o que ele tinha em

mente para a sua primeira vez.

Será que era isso que ele iria querer? Será que rasgaria suas roupas e a viraria bruscamente de barriga para baixo para penetrá-la por trás... sem ao menos olhar dentro dos seus olhos enquanto tirava sua virgindade, sem um beijo, sem amor, apenas agressividade e dominação? Julia só conhecia suas preferências sexuais pelas fotografias e pelo fato de ele ter se referido ao que fazia com as mulheres como *trepar*.

A respiração dela começou a acelerar à medida que o pânico a invadia. Ela ouviu uma antiga voz em sua cabeça, falando sobre trepar como um animal.

Gabriel voltou usando uma blusa verde-escura e uma calça de pijama xadrez de lã. Deixou um copo d'água na mesa de cabeceira ao lado de uma das velas e puxou as cobertas.

Ela se encolheu, mas ele fingiu não notar e se estendeu de lado, apoiando-se em um cotovelo diante das suas pernas e puxando-as para perto do peito. Desamarrou seus tênis e tirou suas meias, acariciando com ternura as solas dos seus pés e seus dedos, fazendo-a gemer a contragosto.

– Relaxe, Julianne. Não resista. Isso deveria ser gostoso – murmurou ele, mais para si mesmo do que para ela.

Num determinado momento Julia pensou tê-lo ouvido dizer *la sua immagine*. Mas não tinha certeza. Ele falava baixo, como se rezasse.

Julia se perguntou se ele estava se referindo a ela ou a Beatriz e a quais deuses devassos estaria se dirigindo. Implorou que, em vez de ouvi-lo, eles a ajudassem a escapar.

Por favor, não deixem que ele me consuma.

– Se bem me lembro, você gostou da minha cueca samba-canção do Magdalen College. Se quiser usá-la, está na primeira gaveta. Já não cabe mais em mim.

Julia fungou.

– Os seus quadros... aqueles que havia aqui. É isso que você quer fazer?

As mãos de Gabriel pararam de massagear seus pés.

– Do que você está falando?

Ela lançou um olhar nervoso para onde a sexta fotografia ficava e então voltou a encarar Gabriel. Em instantes, a surpresa no rosto dele deu lugar a uma expressão horrorizada.

– É claro que não! Quem você pensa que eu sou? – A voz dele era um sussurro trágico e ofendido. – Você está aqui, está cansada. Não quero correr o risco de perdê-la outra vez antes de conversarmos. – Ele sorriu por um instante. – Quero lhe preparar uma bandeja de café da manhã enfeitada com salsa e fatias de laranja, não tirar sua virgindade. E certamente não daquele jeito. – Ele pareceu enojado. – Não sou um bárbaro.

Julia não respondeu, então ele pôs os pés dela debaixo das cobertas. Cobrindo-a como se ela fosse uma criança, beijou de leve sua testa, afastando o cabelo de seu rosto.

– Que tal se tentássemos nos perdoar? Nós dois fomos magoados e desperdiçamos muitos anos. Não vamos perder mais tempo tirando conclusões precipitadas.

Ele se levantou e esfregou os olhos com as costas das mãos.

– De todo modo, é bem possível que você não me queira amanhã – murmurou Gabriel. Então caiu em si e abriu um pequeno sorriso. – Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Enquanto Julia se revirava sozinha na cama, podia ouvir o aparelho de som de Gabriel tocar baixinho. Ela não reconhecia a música, mas acabou pegando num sono leve ao som dos arpejos que imitavam o barulho de uma cachoeira.

Mais tarde, Gabriel estava deitado de costas na cama de hóspedes, com o braço dobrado sobre o rosto. Oscilava entre a vigília e os sonhos quando sentiu um pequeno movimento à sua esquerda. Um corpo quente se aproximou, puxando as cobertas com cuidado.

O corpo se aninhou ao lado dele. Ele sentiu cachos longos e macios deslizarem pelo seu peito nu. Ouviu um suspiro discreto e satisfeito quando um braço deslizou por seu abdome musculoso, repousando ali. Gabriel deu um beijo carinhoso na testa posicionada sobre a sua tatuagem e passou o braço pelos ombros dela, descendo a mão até a base das costas e, enfiando, hesitante, os dedos por baixo da blusa, até entrar em contato com sua pele lisa e suave. E com as covinhas logo acima da cintura de uma cueca samba-canção grande demais.

O corpo quente voltou a suspirar e pressionou lábios macios em seu pescoço, sentindo a barba por fazer.

– Eu tentei me manter longe... – disse Julia, insegura –, mas não consegui.

– Eu tentei não lamber o chocolate dos seus dedos. Mas não consegui. – O tom de Gabriel era bem-humorado, mas havia uma certa tristeza por trás dele.

– Por que tirou as fotografias do seu quarto?

Ele se contorceu em seus braços.

– Porque fiquei envergonhado.

– Não ficou da outra vez.

– Aquilo foi antes de decidir levar um anjo para a minha cama.

Mãos preguiçosas, porém cheias de curiosidade, acariciaram a pele nua, explorando-a de forma gentil porém ávida. Suspiros se misturaram na escuridão enquanto duas almas respiravam em sincronia. Dois corações bateram compassados, se reconhecendo. E duas mentes angustiadas e confusas finalmente encontraram alívio.

Logo antes de pegar no sono, Gabriel teve a impressão de ouvi-la falar dormindo; não palavras completas, apenas murmúrios que ficavam cada vez mais desesperados, culminando num nome que ele nunca tinha ouvido antes:

– *Simon*.

CAPÍTULO DEZESSETE

Quando Julia acordou, bocejou, se espreguiçou, estendeu a mão e... nada. Gabriel tinha ido embora e o seu lado da cama estava frio. Ela ficou inquieta. Aquela era uma sensação estranha, que ela nunca havia tido. Sentiu o estômago embrulhar por alguns instantes.

Quando enfim se levantou, viu um pequeno bilhete sobre a mesa de cabeceira, apoiado numa taça de água com rodelas de limão. O bilhete tinha sido escrito com uma caneta-tinteiro.

Bela Julianne,
Saí para comprar alguma coisa especial para o café da manhã.
Por favor, use o banheiro da suíte, que é o melhor.
Deixei alguns itens de higiene pessoal para você.
Pode pegar o que precisar na minha cômoda e no meu closet.
Por favor, não vá embora.
Seu
Gabriel

P.S. Perdoe minha ousadia, mas você dormindo nos meus braços hoje de manhã foi de longe a coisa mais bonita que já vi na vida.

Uau. Como ele consegue fazer isso?, pensou ela, ficando muito vermelha. Gabriel sem duvida era bom com as palavras... e com flores, música, bolos de chocolate... Ela levou a mão à testa e tentou se recompor. Bolo de chocolate era sua nova sobremesa favorita. E a lembrança das pontas dos seus dedos na boca quente de Gabriel e o modo como sua língua habilidosa...

Concentre-se, Julia. Você precisa tomar um banho. Frio, de preferência.

Ela bebeu rapidamente a água que ele havia deixado. Na última vez em que dormira na cama dele, fora tratada de um modo bastante rude no dia seguinte, na sala de estar. Embora Gabriel tivesse sido carinhoso com ela na noite anterior, Julia tinha medo de que ele voltasse a ser grosseiro pela manhã.

Abriu a porta do quarto de hóspedes e pôs a cabeça para fora, em busca de algum sinal de vida. Quando se convenceu de que estava sozinha, caminhou a passos lentos até a suíte, fechando a porta ao entrar. Pegou suas roupas e entrou no banheiro grande de Gabriel, tomando o cuidado de trancar a porta.

Ele tinha deixado outro bilhete com uma taça de suco de laranja, decorada com fatias da fruta. *Gabriel tem mesmo uma queda por enfeites*.

Julianne,
Espero que encontre tudo o que precisa aqui.
Se não, Rachel deixou várias coisas no armário do banheiro de hóspedes. Por favor, pegue o que quiser.
Minhas roupas estão à sua disposição.
Escolha um suéter, pois o tempo esfriou hoje.
Seu
Gabriel

Julia bebericou o suco de laranja enquanto examinava os itens dispostos sobre a cômoda com uma precisão militar: uma escova de dentes nova, ainda na embalagem; pasta de dentes; um aparelho de barbear descartável novo (que ela examinou com a sobrancelha arqueada); vários artigos de higiene pessoal da marca Bliss, de aparência feminina e perfumados com aroma de baunilha e bergamota; uma esponja de banho lilás.

Será que ele tinha pedido a Rachel que comprasse aqueles artigos para hóspedes? Ou era o tipo de homem que sempre tinha esponjas novas para situações como aquela? Talvez as cores respeitassem algum tipo de código: lilás para virgens, vermelha para Paulina, preta para a professora Singer, verde para as piranhas que levava para casa... Julia duvidava que a lilás já tivesse sido usada antes.

Uma esponja virgem para uma virgem... que adequado.

Ela se deteve. Gabriel tinha pedido perdão e tentado, de forma sutil, sugerir que Julia não tirasse conclusões precipitadas a seu respeito. E lá estava ela, fazendo exatamente isso, só por causa de uma esponja.

Olhando ao seu redor, encontrou um roupão de banho de algodão pendurado atrás da porta e um par de chinelos femininos ao lado da banheira. Eram grandes demais para ela e também teriam sido para os pés de Rachel. Dessa vez, a reação negativa de Julia se limitou a um revirar de olhos.

Ela demorou alguns minutos para entender como funcionava o chuveiro, que era muito sofisticado e complexo, com várias configurações de ducha, pressão e temperatura. Julia queria abrir apenas a ducha central, que era a maior de todas e, naturalmente, acionada pela última alavanca que ela puxou.

Enquanto se banhava com o aroma de baunilha, Julia ponderou sobre questões muito sérias. Suspeitava que Gabriel fosse querer ter a tal conversa o mais cedo possível. Seria difícil. E o que ela faria depois? Tentaria ser amiga dele? Para quê?

Julia percebeu que, caso se concentrasse demais no futuro, jamais conseguiria lidar

com o passado, pelo menos não como devia. Por isso decidiu se concentrar apenas nas interações que eles já haviam tido, incluindo a grosseria e a condescendência de Gabriel para com ela durante o último semestre. Ele precisava se explicar e ela teria que ouvir sem tirar conclusões precipitadas. Então lhe diria exatamente o que pensava a seu respeito.

Seria doloroso para os dois. Julia ficava triste ao pensar que nunca tivera um relacionamento saudável, quando uma das coisas que mais queria na vida era ser amada. E Gabriel, apesar de vir de uma boa família, mesmo que adotiva, e de ser inteligente, bonito e rico, provavelmente era incapaz de ter um relacionamento romântico.

Os relacionamentos da mãe dela estavam longe de terem sido saudáveis ou normais e, muito jovem, Julia assistira a vários deles, um desfile interminável de conflitos. Em contraste, o relacionamento de seu pai com Deb Lundy era bem normal, embora talvez não muito sério. Julia achava que eles cuidavam um do outro, mas esse cuidado era frio e pequeno, como uma estrela distante.

O amor de Gabriel queimaria como o sol, isso considerando que ele seja capaz de amar. É óbvio que prefere o sexo ao amor, ou talvez simplesmente confunda os dois. O que é pior? Achar que sexo é amor ou acreditar que os dois possam andar separados e preferir o sexo?

Julia deixou a água cair sobre seu corpo, tentando não pensar na atração inexplicável que sentia por ele. *O que eu não daria para ter ao menos uma fração da felicidade que Grace e Richard tinham. O casamento deles era o ideal. Eles sempre se dirigiam um ao outro com carinho. E eram tão apaixonados...*

Julia saiu do chuveiro e, pouco depois, estava com uma toalha grossa e branca enrolada no cabelo, vestida apenas com o roupão de Gabriel. Pelo menos achava que fosse de Gabriel. Não tinha o cheiro dele. Calçou os chinelos e foi procurar algumas roupas no quarto. Encontrou um par de meias, uma camiseta branca e uma cueca samba-canção de Princeton na cômoda. Achou que tudo fosse servir mais ou menos. Em seguida, entrou no closet de Gabriel, grande e imaculado, e acendeu a luz. Deparou com várias fileiras de roupas meticulosamente organizadas.

Começou a mexer numa pilha de suéteres e cardigãs, quase todos de caxemira, dispostos com esmero numa prateleira com divisórias de madeira. Não demorou a encontrar o suéter verde que havia pegado emprestado antes e notou, satisfeita, que ele tinha voltado a ficar impecável. Tomou coragem, levou o suéter ao nariz e respirou fundo, sorrindo de prazer ao notar que ele tinha cheiro de colônia Aramis, o cheiro de Gabriel. Ele devia tê-lo usado depois que voltou da lavanderia.

Só então algo brilhante chamou sua atenção. Recostadas na parede, meio escondidas atrás dos cabides de casacos esportivos e paletós, ela viu as molduras com as fotografias em preto e branco. A que estava na frente era a que costumava ficar em cima da cama.

Era levemente erótica e quase terna.

Ele não deveria ter vergonha dessa. Julia desejou que suas costas fossem tão bonitas quanto aquelas. E parte dela desejou que Gabriel a olhasse da maneira que o homem na foto olhava para a mulher. Só uma vez.

Ela voltou rapidamente para o banheiro e encarou seu rosto no espelho. Parecia cansada. Estava pálida, como sempre, com olheiras. Seus olhos estavam vidrados e dava para ver as veias em seu pescoço. Parecia doente, na verdade, depois de duas semanas de drama e noites maldormidas. O contraste entre a pele clara e os cabelos pretos também não ajudava. Nem o fato de que Rachel havia se esquecido de deixar cosméticos para as hóspedes de Gabriel. Claramente um descuido de sua parte.

Depois de se vestir, Julia foi à cozinha. Não havia nem sinal de Gabriel. Ela guardou suas roupas sujas na mochila e pegou seu telefone e o envelope que encontrara no escaninho. Deixando-se cair num dos bancos do balcão, conferiu rapidamente a caixa postal. Havia cinco mensagens de Paul, uma mais urgente que a outra, culminado com a que dizia que ele estava em frente ao seu prédio na Madison Avenue, tocando a campainha.

Scheisse. Ela jamais conseguiria explicar o que tinha acontecido. Mas também não poderia ignorá-lo, então inventou uma desculpa às pressas e enviou um torpedo para ele.

Oi, Paul. Desculpe. Não ouvi a campainha. Será que está com defeito? Emerson me deu uma bronca, mas não me expulsou do curso (ufa). Preciso encontrar outro orientador. Trabalhando nisso. Nos falamos depois e obrigada, Julia.

Esperava que a mensagem o mantivesse ocupado até ela inventar uma explicação melhor. Talvez precisasse conversar com Gabriel sobre isso, para eles combinarem suas versões.

Estava intrigada com algo que Gabriel dissera na véspera sobre o conteúdo do envelope que havia deixado em seu escaninho. Ao abri-lo, além do sutiã de renda preto, encontrou o iPod. Pegou-o, pôs os fones de ouvido e navegou pelos menus até chegar à lista *Adicionadas Recentemente.* Gabriel havia adicionado duas músicas.

A primeira era "Prospero's Speech", de Loreena McKennitt. Para sua surpresa, Julia ouviu uma voz feminina melancólica cantar versos da peça *A Tempestade*, de Shakespeare:

Mas libertai-me de minha prisão
Com o auxílio de vossas boas mãos:
Vosso hálito gentil minhas velas há de inflar
Para que, em meu intuito de agradar,

Eu não fracasse. Quisera eu ter
A arte de enfeitiçar, os espíritos em meu poder,
Mas ao desespero estou fadado,
A menos que seja libertado
Por uma prece tão contundente e pia,
Que todo o pecado expia.
Assim como desejais de vossos crimes o perdão
Eu vos rogo, concedei-me a libertação.

Julia ouviu a música mais duas vezes, impressionada tanto com a linguagem quanto com a melodia. Havia muito tempo que sabia que Gabriel era intenso. Grace tinha dito isso. E Julia experimentara sua intensidade durante seu primeiro encontro, quando ele olhou em seus olhos como se ela fosse a primeira mulher que via na vida.

– Julianne?

Ela soltou um gritinho e tapou a boca com a mão. Gabriel estava parado diante dela com três sacolas pequenas em uma das mãos e um buquê de lírios-roxos na outra. Sem desgrudar os olhos dele, tirou os fones dos ouvidos. Ele lançou um olhar curioso para o iPod e sorriu.

Julia retribuiu o sorriso. Em resposta, Gabriel se inclinou na direção dela e beijou de leve suas faces, primeiro a esquerda, depois a direita. Julia pensou que ele a beijaria na boca e ficou decepcionada. Ainda assim, uma fagulha saltou dos lábios dele, fazendo seu coração disparar. Ela ficou vermelha e baixou os olhos.

– Bom dia, Julianne. Que bom que decidiu ficar. Dormiu bem? – A voz de Gabriel era gentil.

– Dormi, sim... mais tarde.

Gabriel estendeu a mão por trás dela para largar as compras e as flores no balcão da cozinha.

– Eu também. – Ele não fez menção de tocá-la, mas seguiu o olhar dela até suas mãos.

Julia tremeu um pouco ao pensar no que ele tinha feito com os dedos dela na noite anterior.

– Está com frio?

– Não.

– Está tremendo. – As sobrancelhas de Gabriel se juntaram, um vinco se formando no meio. – Estou deixando você nervosa?

– Um pouco.

Ele foi até a cozinha e começou a tirar as compras das sacolas.

– O que você comprou? – perguntou ela, gesticulando para os sacos.

– Folhados e uma baguete. Tem uma padaria francesa na esquina que faz o melhor *pain*

au chocolat da cidade. Também comprei um queijo na queijaria aqui de baixo, frutas e uma surpresa.

– Uma surpresa?

– Isto. – Ele sorriu e esperou.

Ela franziu o nariz.

– Não vai me dizer o que é?

– Se eu disser, vai deixar de ser surpresa.

Ela revirou os olhos, o que fez Gabriel rir.

– *Baci* – disse ele.

Julia se deteve. *Beijos?*

Por sua reação, Gabriel percebeu que ela não havia entendido o duplo sentido. Pegou algo numa das sacolas e pousou na palma da mão direita, que estendeu para ela, como se oferecesse um torrão de açúcar a um cavalo.

Julia percebeu a semelhança e olhou de nariz empinado para o pequeno bombom embrulhado em papel-alumínio.

– Achei que gostasse – disse ele, com um traço de mágoa na voz. – Quando Antonio lhe deu um no Harbour Sixty, você disse que eram seus favoritos.

– E são. Mas não devo aceitar bombons de nenhum homem, lembra? Se não me engano, foi essa a ordem que você me deu no Lobby.

Apesar do que dissera, Julia pegou o bombom e o desembrulhou com avidez, enfiando-o na boca.

– Eu não fico lhe dando ordens.

Ela o encarou, pasma, enquanto mastigava e engolia seu bombom.

– Você só pode estar brincando!

– Não.

– Em que planeta você vive? *Olá, meu nome é Gabriel e sou do planeta dos mandões sem noção.*

Ele fechou a cara.

– Muito engraçado, Julianne. – Gabriel pigarreou e perscrutou os olhos dela. – Deixe de brincadeiras por um instante. Você acha que fico lhe dizendo o que fazer?

– Gabriel, é só isso que você faz. Só sabe se dirigir às pessoas dando ordens: *faça isso, faça aquilo, venha cá*. Além disso, como Paul, parece achar que meu lugar é num zoológico. Ou num livro infantil.

A simples menção ao nome de Paul fez Gabriel fechar ainda mais a cara.

– Alguém precisava remediar nossa situação ontem. Eu estava tentando nos proteger. E pedi para falar com você, Julianne. Passei dias tentando entrar em contato, mas você me desprezou.

– O que eu deveria fazer? Você parece uma montanha-russa e eu não queria mais andar

nela. Nunca sei quando vai ser carinhoso e sussurrar algo que me deixa sem fôlego ou dizer algo tão *cruel* que corta o meu... – Ela se interrompeu.

Gabriel pigarreou.

– Peço desculpas por ter sido cruel. Nada justifica isso.

Julia murmurou alguma coisa enquanto ele a observava.

– Tenho... dificuldade em falar com você às vezes. Nunca sei o que está pensando e só é direta quando está furiosa. Como agora.

Ela fungou.

– Não estou furiosa.

– Então preciso que converse comigo. – A voz dele voltou a ficar suave.

Gabriel decidiu se arriscar e começou a acariciar os cachos longos e úmidos.

– Você tem cheiro de baunilha.

– É o seu xampu.

– Então acha que sou mandão?

– Acho.

Gabriel suspirou.

– É o hábito, imagino. Virei um grosso depois de tantos anos morando sozinho. Perdi o costume de ser atencioso. Mas a partir de agora vou prestar atenção à maneira como falo com você. Quanto a Paul e aos apelidos de bicho que ele lhe deu, é uma afronta chamar você de coelhinha. Coelhos são servidos de entrada. Isso precisa parar. Mas *gatinha*... me parece bem... meigo.

– Não quando você tem 23 anos, é baixinha e está tentando ser levada a sério na universidade.

– E quando você tem 23 anos, é linda e, ao dizer isso, um acadêmico de 33 na verdade quer dizer que a acha extremamente *sexy*?

Julia se afastou.

– Não zombe de mim, Gabriel. É maldade sua.

– Eu jamais faria isso. – Ele a encarou com expressão séria. – Julianne, olhe para mim.

Ela manteve os olhos no chão.

Gabriel esperou com alguma impaciência até ela voltar a encará-lo.

– Eu nunca zombaria de você. E certamente não sobre uma coisa dessas.

Ela fez uma careta e olhou para longe.

– Mas talvez *gatinha* seja algo que um amante diria.

Julia ficou vermelha. Ele terminou de tirar as compras das sacolas e, um bom tempo depois, se virou para ela.

– Significou muito para mim ter você nos meu braços na noite passada. Obrigado.

Ela desviou o olhar.

– Olhe para mim, por favor – pediu ele baixinho.

Os olhares deles se cruzaram e Julia ficou surpresa com a expressão de Gabriel. Ele parecia *preocupado*.

– Você está envergonhada por ter ido para a minha cama?

Ela balançou a cabeça.

– Aquilo me fez lembrar da nossa primeira noite juntos.

– A mim também – sussurrou ela.

– Desculpe não ter estado lá quando você acordou. Despertei ao raiar do dia. Ver você dormindo profundamente me fez lembrar do desenho *La Scapigliata*, de Leonardo da Vinci. Você estava tão serena com a cabeça pousada sobre o ombro. E muito, muito bonita. – Ele se inclinou sobre o balcão e deu um beijo carinhoso na testa de Julia. – Então... dormiu bem?

– Muito bem. Por que acendeu velas no seu quarto?

Gabriel passou o polegar por uma das sobrancelhas de Julia.

– Você já me falou o que achava da escuridão. Queria que visse tanto o quadro de Holiday quanto a mim. Não sabia como estava se sentindo com relação a passar a noite aqui. Tive medo de que acabasse fugindo.

– Foi muito, hum... atencioso da sua parte. Obrigada.

A mão de Gabriel se deteve sobre o rosto de Julia, seus olhos azuis fitando os dela.

– Sou um bom amante, Julianne, em todos os sentidos.

Quando ele recuou, ela tentou, quase em vão, recuperar o fôlego.

– Por que me detestava tanto? – perguntou ela.

– Nunca detestei você. Fiquei confuso e perdi a cabeça na primeira aula. Você me parecia familiar. Fiz uma pergunta para poder ver o seu rosto. Quando me ignorou, explodi. Não estou acostumado a ser ignorado.

Ela mordeu de leve o lábio.

– Sei que não é desculpa, estou apenas lhe dando uma explicação. O simples fato de olhar para você despertou emoções muito fortes. Eu não sabia de onde elas vinham, então fiquei com raiva. Meu ressentimento logo se tornou algo terrível. Mas tratei você com uma grosseria imperdoável. – Gabriel estendeu a mão para soltar o lábio dela dos dentes. – Fui punido por isso. Scott ligou para me dizer que Grace tinha morrido sussurrando meu nome, porque eu não estava lá. Ele me falou que ela ficou angustiada em seu leito de morte por minha culpa...

Julia pegou a mão dele e a beijou sem pensar.

– Sinto muito.

Então ele levou seus lábios aos dela e a beijou com intensidade. Eles ficaram imóveis por alguns instantes, até Gabriel começar a trocar o peso de seu corpo de um pé para outro.

– Estou com fome – murmurou Julia, interpretando o sinal dele.

– Devo alimentar você?

Julia fez que sim, sentindo muito calor ao se lembrar de como ele lhe dera de comer na noite anterior.

– *Latte* ou *espresso*? – Ele se voltou para a máquina de *espresso*.

– *Latte*, por favor.

Ela se deteve por um instante, observando-o, antes de analisar com mais atenção as flores que ele havia comprado.

– Pode colocar as flores na água, por favor? Tem um vaso de cristal em cima do aparador na sala de jantar. Se quiser, pode tirar os jacintos da noite passada ou deixá-los onde estão.

Ela foi até o aparador, admirando mais uma vez sua beleza cor de ébano, e pegou o vaso vazio.

– Escutei você ouvindo música na noite passada. Algo muito bonito.

– Acho música clássica relaxante. Espero que não tenha incomodado você.

– Nem um pouco. Por que escolheu lírios-roxos?

– *Fleur-de-lis* – ele limitou-se a dizer, colocando o *latte* que havia servido numa taça, ao estilo parisiense, diante dela. – E sei que roxo é sua cor favorita.

– Lírios são minhas flores favoritas – comentou ela com timidez, mais para si mesma do que para ele.

– As minhas também, provavelmente porque representam Florença. Mas, no seu caso, imagino que a associação tenha um significado mais profundo. – Ele deu uma piscadela impertinente e começou a preparar o café da manhã.

Julia ficou um pouco irritada. Sabia do que ele estava falando: os lírios simbolizavam Maria na Idade Média, portanto foram associados à virgindade. Ao presenteá-la com essas flores, Gabriel estava saudando sua pureza. Algo que ela era obrigada a admitir ser uma atitude estranha para um possível amante.

Talvez ele estivesse falando sério quando disse que queria ser meu amigo.

Ela foi até a sala de jantar, levando as flores e o café. Sentou-se e bebericou o *latte*, pensando no que dizer a ele.

Logo em seguida, Gabriel se juntou a ela, levando o café da manhã. Ele se sentou à cabeceira, ao lado de Julia.

– *Buon appetito.*

Julia logo chegou à conclusão de que estava comendo melhor na casa de Gabriel do que em toda a sua vida, com exceção do tempo que passara na Itália. À sua frente, havia um prato de frutas frescas, *pain au chocolat* e fatias de baguete com queijo, mais especificamente brie, mimolette e gorgonzola. Ele havia até enfeitado o prato com salsa e rodelas de laranja.

Ele ergueu sua taça de champanhe e esperou que ela fizesse o mesmo.

– São Bellinis, não Mimosas. Achei que você fosse preferir.

Eles brindaram e Julia tomou um gole. *Parece um suco de pêssego borbulhante*, pensou. Era muito melhor do que suco de laranja.

– Você é muito bom nisso – disse ela.

– Em quê?

– Seduzir garotas com comida. Tenho certeza de que quando suas convidadas dormem aqui também não querem ir embora.

Gabriel pousou o garfo no prato de modo um tanto brusco e limpou a boca com seu guardanapo de linho.

– Não tenho o hábito de *entreter* quem dorme aqui. E certamente nunca deste jeito. – Ele a fuzilou com o olhar. – Achei que seria óbvio que *você* é diferente, que está sendo tratada de forma diferente. – Ele balançou a cabeça. – Mas devo ter me enganado.

– Você disse que iríamos conversar – atalhou ela, mudando de assunto.

– Sim. – Ele a encarou por alguns instantes. – Gostaria de lhe fazer algumas perguntas e também tenho algumas coisas a dizer.

– Não concordei em ser interrogada.

– Não é exatamente um interrogatório. Só quero fazer algumas perguntas, pois quando a encontrei pela primeira vez não estava totalmente sóbrio. Então me perdoe se não tenho uma ideia mais clara do que realmente aconteceu. – Havia um certo sarcasmo no tom de Gabriel.

Ela espetou um morango com o garfo e o girou. *Muito bem. Ele que faça suas perguntas. Também tenho algumas a fazer e não serão nada bonitas.*

– Antes de começarmos, acho que deveríamos definir algumas regras. Gostaria de falar com você sobre o passado antes de discutirmos o presente ou o futuro. Concorda?

– Concordo.

– E prometo manter segredo de tudo o que me disser. Espero que tenha a mesma gentileza para comigo.

– É claro.

– Gostaria de estabelecer mais alguma regra?

– Hum, só a de que seremos sinceros um com o outro.

– Totalmente. Agora, quantos anos você tinha quando nos conhecemos?

– A mesma idade de Rachel – começou ela, evasiva. Quando Gabriel a encarou com um olhar intenso, ela acrescentou: – Dezessete.

– *Dezessete?*

Gabriel xingou várias vezes e tomou um gole generoso do seu Bellini. Ficou claramente abalado pela revelação, o que a deixou mais do que surpresa.

– Por que foi me ver naquela noite?

– Eu não estava lá para isso. Tinha sido convidada para jantar, mas, quando cheguei,

Rachel e Aaron estavam saindo. Ouvi um barulho e encontrei você na varanda.

Gabriel pareceu refletir sobre o que ela disse.

– Sabia quem eu era?

– Eles falavam de você o tempo todo.

– Sobre o desastre que eu era?

– Não. Ninguém nunca falou mal de você, pelo menos não na minha frente. Nem mesmo depois. Só coisas boas.

– O que aconteceu na manhã seguinte?

Essa era a parte sobre a qual Julia não queria falar. Ela ignorou a pergunta e começou a comer seus folhados, sabendo que Gabriel não esperava que ela respondesse de boca cheia.

– Isso é importante, Julianne. Quero saber o que aconteceu. Minhas lembranças do dia seguinte não são muito claras.

Julia lançou um olhar para ele e engoliu em seco.

– Ah, é? Bem, então vou esclarecer tudo para você. Acordei antes de o sol nascer, sozinha no meio da floresta. *Você me abandonou*. Fiquei apavorada, então peguei a manta e fui embora. Mas não conseguia me lembrar do caminho e ainda estava escuro. Fiquei quase *duas horas* vagando, desesperada, até finalmente encontrar o caminho de volta para a casa dos seus pais. – Julia começou a tremer. – Achei que nunca fosse conseguir sair dali.

– Então você foi para lá – sussurrou ele.

– Do que você está falando?

– Eu não a abandonei.

– Então como chama isso?

– Devo ter acordado pouco antes. Você dormia nos meus braços e eu não quis acordá-la, mas precisava... me aliviar. Então me afastei de onde estávamos. Depois parei a fim de fumar um cigarro e colher algumas maçãs para o nosso café da manhã. Quando voltei, você tinha sumido. Voltei para casa, mas você não estava lá. Imaginei que tivesse ido embora e subi para dormir no meu antigo quarto.

– Você achou que eu tivesse ido embora?

– Achei. – Ele a encarou com um olhar firme.

– Eu chamei seu nome, Gabriel! Gritei por você.

– Não ouvi. Eu estava de ressaca e talvez tenha me afastado demais.

– Você não fumou enquanto estava comigo – disse ela, soando desconfiada.

– Não, não fumei. E parei pouco depois.

– Por que não tentou me encontrar?

Gabriel desviou os olhos, com uma expressão de culpa.

– Fui acordado pela minha família, exigindo que eu enfrentasse as consequências da

noite anterior. Quando perguntei onde estava Beatriz, Richard disse que eu estava delirando.

– E Rachel?

– Fui embora antes de ela voltar. Ela se recusou a falar comigo por meses.

– Não minta para mim, Gabriel. Levei sua jaqueta de volta. Dobrei, coloquei em cima da manta e a deixei na varanda. Era uma pista. E ninguém viu minha bicicleta?

– Não sei o que eles viram. Grace me entregou a jaqueta, mas ninguém falou de você nem mencionou seu nome. Quero dizer, não que eu fosse reconhecê-lo. Era como se você fosse um fantasma.

– Como pode ter achado que havia sido um sonho? Você não estava tão bêbado.

Ele fechou os olhos e cerrou os punhos. Julia observou os tendões saltarem em seus braços.

Gabriel abriu os olhos, mas os manteve fixos na mesa.

– Eu estava de ressaca e confuso. Além disso, estava chapado de cocaína.

Julia quase pôde ouvir seu conto de fadas se chocando contra o muro intransponível da realidade. Seus olhos se arregalaram e ela respirou fundo.

– Rachel nunca lhe contou o que causou a briga? – perguntou Gabriel. – Quando Richard foi me buscar no aeroporto em Harrisburg, percebeu que eu tinha tomado alguma coisa. Ele vasculhou meu quarto antes do jantar e achou as drogas. Quando me confrontou, perdi a cabeça.

Julia fechou os olhos e apoiou a cabeça nas mãos.

Gabriel ficou calado, esperando que ela dissesse alguma coisa.

– Cocaína – sussurrou ela.

Gabriel se remexeu na cadeira.

– Sim.

– Passei a noite na floresta, sozinha, com um viciado em cocaína de 27 anos, chapado e bêbado. Que burrice!

Ele cerrou os dentes.

– Julianne, você *não* é burra. Eu que fiz besteira. Nunca deveria ter levado você para lá nas condições em que eu estava.

Ela soltou o ar lentamente e seus ombros começaram a tremer.

– Olhe para mim, Julianne.

Ela balançou a cabeça.

– Eu vi seu pai naquela manhã.

Julia lançou um olhar para ele.

– Viu?

– Você sabe como é a vida numa cidade pequena. A fofoca começou quando Richard levou Scott para o hospital e nenhum deles quis explicar como ele tinha se machucado.

Seu pai ficou sabendo e passou por lá para ver se podia ajudar.

– Ele nunca comentou nada comigo.

– Richard e Grace estavam constrangidos. Sem dúvida seu pai quis poupá-los das fofocas. Como só eu e você sabíamos o que tinha acontecido entre nós... – A voz dele foi sumindo aos poucos e ele balançou a cabeça. – Por que não contou para Rachel?

– Eu estava traumatizada. E me sentia humilhada.

Gabriel se encolheu. Pegou a mão de Julia, seus olhos em chamas fitando os dela.

– Você não se lembra do que aconteceu entre nós?

Julia puxou a mão de volta.

– É claro que me lembro! Por que acha que fico tão perturbada? Às vezes eu ficava pensando naquela noite e acreditava no que você tinha dito. Tentava me convencer de que você devia ter tido outro motivo para ir embora. Outras vezes, tudo em que conseguia pensar era em como você me abandonou ali e tinha pesadelos sobre estar perdida na floresta. Mas sabe o que é mais doentio? Eu esperava que você voltasse. Por anos e anos esperei que batesse à minha porta e dissesse que me amava. Que tinha falado sério ao dizer que estava feliz por ter me encontrado. Não é patético?

– Não tem *nada* de patético nisso. Concordo que pode ter parecido que eu a abandonei, mas juro que não foi assim. E, acredite, se eu tivesse achado, mesmo que por um instante, que você era real e morava em Selinsgrove, teria batido à sua porta. – Ele pigarreou e Julia sentiu o tremor do seu joelho saltitando debaixo da mesa. – Sou dependente químico. Preciso ter controle sobre as coisas e as pessoas e isso nunca vai mudar.

– Está usando alguma coisa agora?

– É claro que não! Você acha que eu faria isso com você?

– Se você é dependente, é dependente. O fato de eu estar aqui não faz diferença.

– Para mim, faz.

– Personalidades suscetíveis a vícios podem se tornar dependentes de qualquer coisa: drogas, álcool, sexo, pessoas... e se você ficar viciado em mim?

– Já estou viciado em você, Beatriz. Só que você é muito mais perigosa do que a cocaína.

Julia arqueou as sobrancelhas, surpresa.

Gabriel voltou a pegar sua mão, acariciando as veias que se destacavam em seu punho pálido e fino.

– Estou me abrindo para você. Sou destrutivo. Emocionalmente instável. Tenho um péssimo gênio. Parte disso tem a ver com meu vício, e parte tem a ver com o meu... passado. Será que eu estava tão errado ao tê-la em tão alta conta que minha única explicação para sua existência fosse achar que você era um produto de uma mente desesperada ou o ápice da criação divina?

As palavras e a expressão no rosto de Gabriel eram tão intensas que Julia precisou se libertar da mão dele. A combinação da sua voz e da sensação dos seus dedos longos e frios acariciando suas veias... Ela teve medo de que sua pele pegasse fogo e se consumisse numa pilha de cinzas.

– Você ainda usa drogas?

– Não.

– Nem recreativamente?

– Não. Depois do meu comportamento detestável em Selinsgrove, Grace me convenceu a procurar ajuda. Eu pretendia me matar, só precisava de dinheiro para resolver algumas coisas. A noite que passei com você mudou tudo. Quando eles me falaram que não havia ninguém chamada Beatriz, imaginei que você tivesse sido uma alucinação ou fosse um anjo. E, de qualquer modo, pensei que alguém, Deus talvez, tivesse se apiedado de mim e enviado você para me salvar. *Lo seme di felicità messo de Dio nell' anima ben posta*.

Julia fechou os olhos ao ouvir as palavras do *Convívio* de Dante. *A semente da felicidade depositada por Deus em uma mente bem-disposta.*

Gabriel pigarreou.

– Scott concordou em não dar queixa na polícia se eu começasse um tratamento imediatamente. Então Richard me levou de carro para a Filadélfia no mesmo dia e me internou. Depois da desintoxicação inicial, ele me levou de volta a Boston e me colocou numa clínica de reabilitação para que eu pudesse ficar perto do meu... trabalho. – Ele tornou a se remexer na cadeira.

Julia abriu os olhos, uma expressão transtornada em seu rosto.

– Por que você queria se matar, Gabriel?

– Não posso contar.

– Por que não?

– Não sei o que pode acontecer se eu trouxer esses velhos demônios à tona, Beatriz.

– Você ainda é suicida?

Ele pigarreou outra vez.

– Não. Parte da minha depressão era causada pelas drogas. Parte dela por... outros fatores da minha vida com os quais tentei aprender a lidar. Você sabe tão bem quanto eu que um suicida é alguém que perdeu a esperança. Eu encontrei a minha ao conhecer você.

Os olhos dele brilharam intensamente e Julia decidiu mudar de assunto.

– Sua mãe era alcoólatra?

– Era.

– E seu pai?

– Não falo sobre ele.

– Rachel me contou do dinheiro.

– Essa foi a única coisa boa que ele fez na vida – rosnou Gabriel.

– Isso não é verdade – falou Julia baixinho.

– Por que não?

– Porque ele fez você.

Na mesma hora, a expressão de Gabriel se tornou mais suave e ele pressionou os lábios nas costas da mão dela.

– Seu pai era alcoólatra? – perguntou ela.

– Não sei. Ele era presidente de uma empresa de Nova York e morreu de ataque cardíaco. Não tentei descobrir mais sobre ele.

– Você é alcoólatra?

– Não.

Julia dobrou cuidadosamente seu guardanapo de linho, os dedos trêmulos, e empurrou a cadeira para trás, afastando-a da mesa.

– Fico feliz que não esteja usando drogas e que esteja se recuperando. Mas não vou me envolver com um alcoólatra. A vida é curta demais para eu ficar presa a esse tipo de tristeza.

Ele a encarou com firmeza, perscrutando seus olhos.

– Concordo. Mas, se passasse algum tempo comigo, perceberia que não sou alcoólatra. E juro que não vou me embebedar novamente. Foi um azar você ter visto justamente a única vez em que fiquei bêbado nos últimos seis meses.

– Minha mãe teve vários períodos de abstinência, mas nunca conseguiu ficar definitivamente sóbria. E se você voltar a usar drogas? Sem contar esse delírio sobre Beatriz. Não sou ela, Gabriel. Você quer um ideal, ou uma ilusão induzida pelas drogas, não a mim.

– Eu estou limpo há seis anos. Não acabei de sair da reabilitação. Admito que meus defeitos são muito graves, mas quero conhecer você. Saber como você é de verdade. Não quero nada além disso. E, sim, Julianne, sei que você é mais do que apenas um sonho. A sua realidade é muito mais bela e fascinante do que qualquer fantasia. Entre você e o sonho, eu nunca escolheria o sonho.

Julia secou rapidamente uma lágrima que escorreu em seu rosto.

– Você não me conhece. Nunca me conheceu. Segurou a Beatriz de Dante em seus braços naquela noite, a imagem evocada pelos escritos dele e pelo quadro de Holiday.

Gabriel balançou a cabeça.

– O que senti foi real. O que fiz foi real.

– Você achou que era real, mas isso faz parte da ilusão.

– Foi real, Julia. Foi tudo. Assim que a toquei, eu soube... e quando voltei a tocá-la... *eu me lembrei de você.* Meu corpo se lembrou. Só minha mente tinha esquecido.

– Já não sou mais aquela garotinha. E você desprezou à primeira vista a mulher que me

tornei.

– Isso não é verdade. Você se tornou uma linda jovem.

– Você quer uma gatinha de estimação.

– Não, Beatriz.

– Para de me chamar assim – disse ela, com os dentes cerrados.

– Desculpe, Julianne. Sei que magoei você. Sei que tenho um lado obscuro. Deixe-me provar que posso ser bom!

– Tarde demais. Não consigo.

Por mais doloroso que isso fosse, ela se encaminhou para a porta, pegando sua mochila e seu casaco no caminho.

– E quanto à noite passada? – perguntou Gabriel, indo atrás dela. – Não significou nada para você?

– O que deveria ter significado? Me diga! – Ela apertou a mochila contra o peito e encostou-se na parede.

Ele pôs as mãos nos ombros de Julia e se inclinou para mais perto.

– Preciso explicar? Você não sentiu?

Gabriel aproximou o rosto do dela, seus lábios a centímetros da boca de Julia. Ela conseguia sentir o hálito quente dele contra a sua pele e estremeceu.

– Senti o quê?

– O seu corpo e o meu juntos. Você veio a *mim* na noite passada, Julianne. Foi para a minha cama. Por que fez isso? Por que me disse que não conseguia ficar longe de mim? Nós somos almas gêmeas, como descreveu Aristófanes: uma alma em dois corpos. Você é minha outra metade. Minha *bashert*.

– *Bashert?* Você sabe o que isso significa? *Bashert* é *bashert*, Gabriel. *Destino é destino*. Pode significar o que você quiser, não tem que ser eu.

Ele lhe abriu um sorriso largo.

– Seu conhecimento linguístico nunca para de me impressionar.

– Conheço essa palavra.

– É claro que conhece, minha querida. Porque você é inteligente. – Ele tocou seu pescoço de leve com a ponta dos dedos, acariciando-o.

– Gabriel, pare. – Ela o afastou para poder pensar com clareza. – Você está limpo, mas não deixa de ser um dependente. E sou filha de uma alcoólatra. Não vou deixar isso acontecer.

– Eu não mereço você. Sei disso. *Conosco i segni dell'antica fiamma*. Senti na primeira vez em que peguei sua mão. Na primeira vez em que a beijei. E estava tudo presente na noite passada: cada sentimento, cada lembrança, cada sensação que tive antes. Foi real. Se olhar para mim e me disser que não significou nada para você, eu a deixarei em paz.

Ela fechou os olhos para bloquear suas súplicas e a declaração de que ele reconhecia *os*

sinais da antiga paixão.

– Você não consegue, não é? Sua pele se lembra de mim e seu coração também. Você tentou fazer com que eles esquecessem, mas não adianta. Lembre-se de mim, Beatriz. Lembre-se do seu primeiro.

Os lábios de Gabriel encontraram seu pescoço e Julia sentiu sua pulsação acelerar ao toque dele. Seu corpo era um traidor; não iria mentir. Não ouviria a voz da razão. Ele poderia lhe pedir qualquer coisa nessas condições, e ela seria obrigada a ceder. A ideia lhe causou desespero.

– Por favor, Gabriel.

– Por favor, o quê? – sussurrou ele, espalhando beijos suaves como as asas de um anjo no pescoço de Julia, finalmente se detendo para sentir o sangue dela fluir em uma veia sob seus lábios.

– Por favor, me deixe ir embora.

– Não posso. – Ele arrancou a mochila e o casaco das mãos dela e os largou no chão.

– Não confio em você.

– Eu sei.

– Você vai me destruir, Gabriel.

– Jamais.

Gabriel aninhou o rosto dela nas mãos e, no instante em que Julia fechou os olhos, se deteve. Ela esperou os lábios macios e úmidos dele entrarem em contato com os seus, mas isso não aconteceu. Ela esperou mais um pouco. Então abriu os olhos.

Gabriel a fitava com os olhos arregalados, gentis e cheios de ternura. Ele sorriu. Começou a acariciar seu rosto, sentindo-o, explorando cada curva, cada linha, como se as memorizasse. Desceu até o pescoço, deslizando a ponta de um dedo para cima e para baixo. Julia estremeceu.

Ele colou os lábios à orelha de Julia.

– Relaxe, meu amor – falou, mordiscando o lóbulo de sua orelha e esfregando o nariz provocativamente em seu pescoço. – Deixe-me mostrar a você o que posso fazer quando vou com calma.

Ainda segurando o rosto dela, roçou os lábios em sua testa, seu nariz e seu queixo. Somente quando Julia fechou os olhos pela segunda vez ele cobriu sua boca com os lábios. A essa altura, Julia já estava sem fôlego.

Assim que seus lábios se tocaram, uma onda de adrenalina, calor e energia os invadiu. Mas Gabriel foi cauteloso, não se afobou. Seus lábios acompanharam os de Julia, movendo-se de forma ritmada, o leve atrito fazendo a pele deles se arrepiar. Porém ele não abriu a boca. Levou as mãos aos cabelos dela. Afundou os dedos em seus cachos com carinho, massageou sua cabeça e depois deslizou as mãos para baixo.

Julia foi menos sutil ao agarrar a nuca de Gabriel, puxando seus cabelos e enrolando-os

entre os dedos. Suas bocas continuaram coladas. Gabriel passou a língua suavemente pelos lábios dela, saboreando-a, hesitante, antes de tomar o lábio inferior de Julia entre os seus.

Era tentador. Era provocante. Era o beijo mais lento que ele já dera na vida. E fez seu coração acelerar. Julia gemeu e Gabriel inclinou a cabeça dela para trás. Mas não tinha pressa. Esperou que o maxilar dela relaxasse e, somente quando Julia não aguentava mais esperar e sua língua saiu, hesitante, ao encontro da dele, Gabriel se permitiu aceitar seu convite.

Ela teria reagido febrilmente, mas Gabriel controlou o beijo, pois queria que fosse carinhoso, gentil e lento. Levou uma eternidade para deslizar as mãos do rosto para o pescoço de Julia e massagear seus ombros. E outra eternidade para que essas mesmas mãos escorregassem ao longo da sua espinha e se enfiassem debaixo de suas roupas para encontrar a pele nua. Durante todo esse tempo, ele explorava sua boca como se jamais fosse ter uma segunda chance.

Gabriel arfou e gemeu quando suas mãos desceram em direção às covinhas que tinha descoberto nas costas dela na noite anterior. Já havia pensado nelas como um território não mapeado, encontrado primeiro em suas próprias explorações, embora não tivesse o menor direito de tomá-lo para si.

Os dedos de Gabriel deslizaram na pele de Julia enquanto ela grunhia e se agarrava a ele. Aqueles sons impotentes lhe pareciam mais eróticos do que qualquer gemido libidinoso que já tivesse ouvido. Eles o dilaceravam e incendiavam por dentro. Então pressionou o corpo contra o dela, curvas macias e delicadas contra força e rigidez, trocando sutilmente de posição para que as suas próprias costas ficassem coladas à parede, pois não queria machucá-la nem fazer com que Julia se sentisse encurralada.

Julia sorvia a respiração dele, quente e úmida. Ele era o seu oxigênio. Não conseguia parar de beijar tempo suficiente para respirar de verdade, então sua cabeça começou a ficar leve. Isso tornou a sensação dos lábios de Gabriel ainda mais intensa e ela não resistiu. Apenas se entregou, lambendo, sugando, se contorcendo...

Gabriel afastou-a alguns centímetros, interrompendo o beijo.

Deixou seus polegares acompanharem a curva da pele nua da cintura dela. Julia inspirou depressa e ele a abraçou com força, sentindo a pressão de seus seios contra o peito.

– Você precisa se acostumar aos meus lábios, Julia, porque pretendo beijá-la muitas vezes. – Ele beijou seus cabelos e sorriu para ela, parecendo verdadeiramente feliz.

Quando Julia enfim recuperou a voz, ela soou trêmula:

– Gabriel, não posso prometer nada. Não concordei com nada. Um beijo não vai mudar as coisas.

O sorriso de Gabriel desapareceu, mas ele continuou a segurá-la firme. Estendeu um

dedo para afastar uma mecha de cabelo de seu rosto.

– Me dê uma chance. Podemos ir com calma e tentar curar um ao outro.

– Na noite passada você falou em sermos amigos. Amigos não se beijam assim.

Ele riu.

– Podemos ser amigos. Podemos seguir o modelo do amor cortês, se você preferir. Só precisarei me lembrar disso da próxima vez que for beijá-la. E você também.

Julia afastou o olhar.

– Não confio em você o bastante para ser algo além disso. E, mesmo que confiasse, você encontrou a garota errada. Vai ficar terrivelmente decepcionado.

– Do que está falando?

– Você nunca vai ficar satisfeito só comigo e, assim que se der conta disso, vai querer ir embora. Então, tenha piedade de mim e escolha alguém mais sexualmente compatível, antes que um de nós acabe se machucando.

Ela observou o rosto de Gabriel ficar mais vermelho e seus olhos se incendiarem. Esperou que ele explodisse.

– O que ele fez com você?

Essa não era a pergunta que ela esperava.

– Não sei do que você está falando.

Gabriel a observou com atenção, estudando sua expressão. Afastou-se da parede e se empertigou, endireitando os ombros.

– Não sei o que ele fez para prejudicar tanto sua autoestima, mas *eu* não sou *ele*. Nossa noite no pomar não serviu para lhe mostrar que nossa conexão não se baseia em sexo? – Ele acariciou os cabelos de Julia por alguns instantes com uma delicadeza que contrastava com a rispidez do seu tom de voz. – Eu seria capaz de matá-lo por ter feito isso com você – sussurrou –, por ter oprimido seu espírito. Não vou negar que cedi às tentações e fui tudo, menos monogâmico. Mas quero algo mais, algo real. E sei que você também quer. Qual a probabilidade de seu próximo namorado ser virgem? Quase nula. Sua autoestima será um problema independentemente de com quem você se envolva, não só comigo. E não valeria a pena perder tempo com um homem que a abandonasse por sua falta de experiência sexual. Você precisa ter fé, Julia, precisa ter esperança. Caso contrário, nunca vai se permitir ser amada por ninguém.

– Você nem me conhece.

– Eu a conheço melhor do que você imagina e estou decidido a descobrir o que ainda não sei. Me ensine, Beatriz. Vou me matricular em sua universidade e ser seu aluno. Me ensine a cuidar de você.

– Por favor, Gabriel. Deixe de brincadeira!

– Não estou brincando. Existem muitas coisas que não sabemos a respeito um do outro. E estou ansioso por descobri-las e explorá-las.

– Não quero ser dividida com ninguém.

Ele resmungou.

– Não tenho o hábito de dividir o que é precioso para mim. Não vou permitir que outro homem ponha as mãos em você, e isso inclui Paul e qualquer outro papa-anjo.

– Também não quero dividir você.

– Eu?

– Sim.

– Bem, isso é óbvio.

– Não, não é.

– Como assim? – perguntou ele, ofendido.

– Não quero que durma com mais ninguém, mesmo enquanto ainda estou... me decidindo. Como demonstração de boa-fé.

– Combinado.

Julia riu.

– Você fala como se fosse fácil! Está disposto a abrir mão de todas as outras mulheres de uma hora para outra, só para investir na *possibilidade* de ter alguma coisa comigo? Não acredito.

– Vou ganhar muito mais do que estou perdendo. E pretendo deixar isso claro para você, quantas vezes for necessário. – Ele se inclinou para perto dela e deu um beijo em seu rosto.

– Paulina... – sussurrou ela.

Gabriel continuou a beijá-la, descendo até onde seu pescoço encontrava o ombro.

– Não se preocupe com ela.

– Não vou dividi-lo com Paulina.

– Não será necessário. – Ele soou impaciente.

– Paulina é sua mulher?

Ele recuou e lançou-lhe um olhar duro.

– É claro que não. Quem você pensa que eu sou?

– Ex-mulher?

– Julianne, pare. Não, ela não é minha ex-mulher. Fim de papo.

– Quero saber quem ela é.

– Não.

– Por quê?

– Por motivos que prefiro não discutir. Eu lhe disse que não vou dormir com ela e não vou. Isso deveria ser suficiente para você.

– E quanto a M.A.I.A.?

Ele assumiu uma expressão hostil.

– Não.

– Vi a tatuagem no seu peito, Gabriel. Vi as letras.

Ele cruzou os braços.

– Não posso.

– Então também não posso. – Ela estendeu a mão para baixo, a fim de pegar a mochila e o casaco.

Ele a deteve.

– Julianne, me diga quem deixou você tão insegura com relação a si mesma e a sua sexualidade. Foi Simon?

Ela se encolheu.

– Me conte.

– Não fale o nome dele na minha frente.

– Foi você quem falou. Quando estava dormindo. Parecia angustiada. Me conte.

– Não.

– Por que não?

– Porque me faz mal – sussurrou ela, implorando mentalmente para que ele mudasse de assunto.

Aos poucos, uma ideia sombria e perturbadora tomou conta da mente de Gabriel. E, uma vez instalada, ele não conseguiu mais se livrar dela.

– Julianne, ele... obrigou você?

Ela baixou a cabeça.

– Não, Gabriel. Eu sou virgem.

Ele se deteve por um instante e expirou devagar.

– Você ainda seria virgem mesmo que ele a tivesse obrigado a alguma coisa. Seria virgem para mim.

A voz de Gabriel soou tão angustiada e sincera que o coração de Julia quase desmoronou.

– É muito nobre da sua parte dizer isso. Mas não fui estuprada.

Ele fechou os olhos por um instante e suspirou com força.

– Nós dois temos segredos que não queremos revelar. Não vou mentir para você, mas não posso lhe contar tudo. Não hoje. E, pela expressão em seus olhos, sei que tem alguns segredos muito dolorosos que não quer me contar. Eu aceito isso. Não vou pressioná-la a falar sobre eles. – Ele passou o braço pela cintura de Julia e a puxou para si.

– Então vamos ter segredos? – Ela soou intrigada.

– Por enquanto, sim.

– Ainda temos o problema de eu ser sua aluna.

Gabriel tornou a beijá-la para evitar que ela continuasse falando.

– Este é outro segredo que vamos ter que guardar. Querida, não quero continuar esta conversa neste maldito corredor. Por favor, volte para a mesa e acabe de tomar seu café.

Podemos continuar conversando ou simplesmente comer em silêncio. Mas, por favor, não vá embora.

Julia lançou um olhar em direção à porta.

– Preciso saber o que você sente por mim, Gabriel – começou ela, insegura. – Preciso saber que isso não é apenas um jogo. Você gosta de mim? De quem eu sou de verdade?

Ele a encarou com um olhar intrigado.

– É claro que gosto de você. E gostaria de conquistar seu carinho. Você decidirá o que vai acontecer depois disso.

Julia estendeu os dedos, hesitante, para acariciar os cabelos dele. Gabriel fechou os olhos e relaxou ao toque dela, respirando profundamente. Quando Julia parou, ele abriu os olhos e ela viu a voracidade que havia neles.

Ele sorriu e a voracidade foi substituída por outra coisa.

Esperança. Reconhecer a esperança no rosto de Gabriel fez os olhos dela se encherem de lágrimas.

– Não foi assim que eu imaginei – disse ela, chorando e limpando o rosto com as costas da mão. – Reencontrar você foi muito diferente do que eu tinha sonhado. E você não é quem eu pensava que fosse.

– Eu sei. – Ele a envolveu com seus braços e beijou de leve sua testa.

– Eu me apaixonei por você quando tinha 17 anos, Gabriel. Minha primeira paixão de verdade. E o homem por quem me apaixonei nem era você. Desperdicei toda a minha vida por causa de uma ilusão.

– Sinto muito se a decepcionei. Queria ser um cavaleiro, em vez de um dragão. Mas não sou. – Gabriel recuou e olhou bem no fundo dos olhos dela. – Tudo está em suas mãos. Você pode me salvar ou me exilar. Basta uma palavra.

Julia pressionou o rosto no peito dele, perguntando-se se algum dia tivera escolha.

CAPÍTULO DEZOITO

Oi, Paul. Desculpe. Não ouvi a campainha. Será que está com defeito? Emerson me deu uma bronca, mas não me expulsou do curso (ufa). Preciso encontrar outro orientador. Trabalhando nisso. Nos falamos depois e obrigada, Julia.

Paul olhou, confuso, para a mensagem que acabara de receber de Julia. Uma campainha quebrada? Parecia bastante *conveniente*. Não sabia se ela o estava rejeitando por vergonha da discussão com Emerson ou por algum outro motivo. De todo modo, não podia ir atrás dela para descobrir. Emerson lhe enviara por e-mail uma lista de livros para ele buscar na biblioteca e entregar na sua sala até uma da tarde.

Paul enviou uma breve resposta para Julia dizendo que estava feliz por ela estar bem, e foi andando a passos rápidos de sua casa até a Biblioteca Robarts.

◆◆◆

Julia estava sentada no sofá de couro, virada para trás, com o queixo apoiado nos braços dobrados. A vista das janelas panorâmicas de Gabriel era extraordinária. De onde estava, conseguia ver um bom pedaço do centro e parte do lago Ontário. As árvores da cidade tinham mudado de cor e agora estavam salpicadas de dourado, amarelo, laranja e vermelho-vivo. Faziam Julia se lembrar de algumas paisagens canadenses que Paul a havia levado para ver na Galeria de Arte de Ontário.

Ela havia se oferecido para ajudar Gabriel a lavar a louça depois do café da manhã, mas ele fingiu não ouvir. Deu um beijo em sua testa e disse para ela relaxar, como se isso fosse uma opção. Observar o horizonte de Toronto permitiu a ela se concentrar em algo bonito enquanto repassava em sua cabeça, sem parar, a conversa que eles haviam tido, tentando compará-la aos seus encontros anteriores.

Como podia ter sido tão cega? E por que os Clark haviam escondido o vício de Gabriel? Sempre a trataram como se fosse da família. Mas nem mesmo Rachel mencionara o assunto uma vez sequer, a não ser que se levasse em conta seus recentes comentários sobre o "lado negro" dele. Será que os Clark sempre falavam por metáforas, como poetas metafísicos? Nesse caso, Julia precisaria de um curso de crítica literária para interpretá-los.

Gabriel encostou-se na lareira, observando-a. Julia parecia extraordinariamente à vontade em seu sofá, olhando pela janela como uma gata. Mas os ombros tensos denunciavam sua preocupação. Ele se sentou ao seu lado, deixando de propósito um

espaço considerável entre os dois. Como Julia não fez menção de se aproximar ou sequer de olhar para ele, Gabriel estendeu a mão e sorriu.

– Ei, venha cá.

Julia pegou a mão dele com relutância e, quando se deu conta, estava sendo puxada para o lado. Ele a envolveu com os braços e beijou seus cabelos.

– Melhor assim.

Ela suspirou e fechou os olhos.

– Confortável? – perguntou Gabriel.

– Sim.

Gabriel sentiu o corpo dela relaxar. Depois de tudo o que haviam discutido, ficou surpreso que Julia conseguisse relaxar ao lado dele.

– Quando foi abraçada assim pela última vez? – perguntou ele, acariciando seus cabelos de um jeito aparentemente despreocupado, quando na verdade estava morrendo de preocupação.

– Ontem à noite.

Ele riu.

– Acho que me lembro disso. Mas e antes?

– Não lembro.

Julia parecia estar na defensiva, então ele resolveu não pressioná-la.

Ela deve ter uma enorme carência de afeto físico. Mães alcoólatras não têm condições de cuidar dos filhos. E esse tal de Simon provavelmente nunca a abraçava... a menos que estivesse tentando tirar sua roupa.

Gabriel ficou furioso só de pensar que alguém pudesse tratá-la com tanta negligência. Sabia que algo no contato entre os dois a acalmava, da mesma forma que acontecia com ele. E isso o levou a acreditar que Julia tinha pouca experiência com esse tipo de contato físico positivo.

– Tem algum problema se eu abraçar você assim? – sussurrou ele contra os seus cabelos.

– Não.

– Que bom. – Ele correu os dedos pelos contornos do rosto de Julia, afastando uma mecha de cabelo. – Tão linda... – sussurrou. – Tão encantadora...

Eles ficaram sentados assim até Julia decidir fazer a pergunta que vinha remoendo em sua cabeça.

– A foto que ficava em cima da sua cama, do homem beijando uma mulher no ombro... onde a encontrou?

Gabriel frisou os lábios.

– Em lugar nenhum.

– Então como...

– Isso tem importância?

– Se não quer me dizer, tudo bem. Eu a vi no seu closet quando estava procurando um suéter. É uma foto muito bonita.

Julia tentou se desvencilhar, mas ele a segurou firme.

– Você acha mesmo? – A voz de Gabriel ficou suave e ele ergueu seu queixo para olhar nos olhos dela.

– Acho – murmurou Julia.

– E as outras?

– Nem tanto.

Gabriel pareceu ficar convencido.

– Fui eu que tirei as fotos.

– Você? – Ela recuou, surpresa.

– Sim, eu.

– Mas elas são...

– Eróticas?

– Sim.

Ele sorriu com malícia.

– É tão difícil acreditar que eu possa tirar uma fotografia bonita e erótica, Srta. Mitchell?

– Não sabia que você era fotógrafo. E não são fotos comuns.

– Não sou exatamente um fotógrafo. Mas acho que ficaram boas. Tenho outras.

Julia ficou boquiaberta. *Outras?*

– E as mulheres?

Ele se remexeu no sofá.

– As mulheres são... ou melhor, eram amigas minhas.

– Modelos?

– Não.

Julia fez uma careta, confusa, até finalmente entender a resposta. Então, com as sobrancelhas erguidas, lançou um olhar muito surpreso para Gabriel.

Ele suspirou e começou a esfregar os olhos.

– Sim, eu sei que foi de muito mau gosto expô-las daquele jeito. E certamente foi péssimo sujeitar você a elas, sendo tão pessoais. Foi por isso que senti necessidade de retirá-las antes de levar você ao meu quarto. Mas as fotos foram tiradas com o consentimento delas. Algumas chegaram a implorar para serem fotografadas, na verdade. Além disso, você talvez tenha notado que eu também estou em mais de uma delas, então eu era bem mais do que um observador safado.

Ela reprimiu sua pergunta sobre qual das fotografias era de Paulina e se afastou dele, completamente chocada.

– Aquele é você?

– Sim.

– É você naquela de que eu falei antes?

As sobrancelhas de Gabriel se juntaram.

– Não fique tão surpresa. Achei que me considerasse atraente.

– Mas você está nu.

Sentindo-se muito agitada, Julia começou a balançar furiosamente uma das mãos diante do rosto, abanando sua pele acalorada.

Gabriel soltou uma risada gostosa e a puxou para perto.

– Estou nu em *todas* as fotos. – A voz dele, sussurrada em seu ouvido, transbordava sexo. – Aquela era minha foto preferida, embora eu não gostasse muito da mulher que está nela. – Ele abriu um sorriso lento e beijou o topo da cabeça de Julia. – Gostaria de tirar uma foto sua.

– Nem pensar.

– Você é linda, Julianne. Uma foto do seu sorriso, do seu perfil ou do seu pescoço seria muito mais bonita do que qualquer peça de arte que eu tenha, incluindo o quadro de Holiday.

Ela balançou a cabeça.

– Voltarei a lhe pedir mais para a frente. Agora, que tal se eu fizer uma reserva para hoje à noite no Scaramouche? É um dos meus restaurantes favoritos.

– Acho que jantar fora não é uma boa ideia. – Julia ainda estava tentando recuperar o fôlego.

– Por que não?

– Você mesmo disse que não deveríamos ser vistos em público.

Gabriel fechou a cara.

– Mas eu conheço o dono. Posso reservar a mesa do chef, para ficarmos longe dos curiosos. A não ser que queira voltar ao Harvour Sixty para ver Antonio. Ele vive insistindo que eu a leve lá outra vez.

– Sério?

– Sério. Ele me contou tudo sobre quando você foi comer com ele e a família dele no Clube Ítalo-Canadense.

– Antonio foi muito gentil comigo.

Gabriel assentiu e fez menção de beijá-la, mas Julia colocou uma das mãos no peito dele.

– Não posso jantar com você hoje. Tenho uma reunião com Katherine Picton amanhã e ainda não me preparei.

– Amanhã?

– A professora Picton me convidou para tomar um chá na casa dela. Ela me assusta um

pouco.

– Espere só até conhecê-la. Ela parece uma vovó, mas não se deixe enganar: é brilhante e não tem paciência para brincadeiras. Não joga conversa fora nem fala de assuntos pessoais. E vai querer que você a chame de professora Picton.

– Só mesmo esses pretensiosos de Oxford preferem ser chamados de professor isso, professor aquilo – balbuciou Julia.

Gabriel ficou de cara feia até Julia piscar para ele, mostrando que estava brincando.

– Ela é muito formal, mas é uma acadêmica incrível e, se conseguir trabalhar com ela, isso será muito bom para você. É só se comportar da melhor forma possível que tenho certeza de que ela irá aceitá-la. Quero dizer, dentro dos limites dela.

Julia estremeceu e a reação de Gabriel foi abraçá-la mais forte.

– Não se preocupe, ela vai se interessar pela sua proposta. Certamente vai querer que faça mudanças, mas, se eu fosse você, aceitaria as correções sem discutir. Ela sabe o que faz.

– Sem dúvida ela tem coisas mais importantes para fazer durante a aposentadoria do que orientar mestrandos.

– Ela me devia um favor. Eu lhe disse que tinha uma aluna brilhante que, por ser amiga da minha família, não se sentia confortável em ser orientada por mim. Então Katherine concordou em encontrar você. Ela é bastante cética no que diz respeito aos jovens de hoje: não acha que sejam tão talentosos ou esforçados quanto eram no tempo em que ela era estudante. Por isso não me prometeu nada.

– Não precisava ter feito isso por mim.

Gabriel enrolou um cacho de cabelo de Julia em volta de um de seus dedos.

– Queria lhe fazer uma gentileza. Sinto muito que não tenha conseguido ir para Harvard.

Julia baixou o olhar.

– Isso me trouxe de volta para você, não trouxe?

Ele sorriu e seus olhos brilharam.

– É, trouxe.

Depois daquele momento intenso, ele mexeu o corpo para poder conferir as horas em seu Rolex. Resmungou.

– O que foi? – perguntou ela.

– Preciso ir. Tenho uma reunião.

– É melhor eu ir também.

Ela saiu do sofá e foi depressa pegar a mochila e procurar o casaco.

Gabriel atravessou a sala com três passos e pousou a mão sobre o ombro dela.

– Fique. Não vou demorar.

Ela mordeu o lábio inferior e o arrastou entre os dentes, pensativa.

Gabriel o soltou da mordida.

– Pare com isso. Fico nervoso quando vejo você fazendo isso.

Ele recolheu o polegar depressa, para evitar que ela interpretasse mal seu gesto, mas não antes de tocar sua língua sem querer. Era difícil dizer quem tinha sido o responsável por isso.

– Sobre o que é sua reunião?

Gabriel começou a esfregar os olhos.

– É com Christa. Vai ser desagradável. Mas seria muito mais fácil se eu soubesse que você vai estar aqui me esperando.

– Tenho tanto trabalho para fazer. Além disso, preciso telefonar para Paul. Parece que ele foi ao meu apartamento ontem à noite ver se eu estava bem. – Julia começou a falar mais rápido: – Mandei uma mensagem dizendo que estou. Falei que não tinha sido expulsa do curso, mas que precisaria encontrar um novo orientador. Não sei como vou explicar a ele que provavelmente será Katherine Picton.

Gabriel ficou furioso.

– Você não deve explicações a Paul. Diga-lhe que ele não tem nada com isso.

– Ele é meu amigo.

– Então invente alguma relação entre a sua tentativa de entrar em Harvard e Katherine. Ela é amiga de Greg Matthews.

Julia assentiu e começou a abotoar o casaco.

– Espere.

Ele foi até o escritório. Quando voltou, alguns minutos depois, pôs um velho livro de capa dura em suas mãos.

Ela leu o título: *The Figure of Beatrice: A Study in Dante*, de Charles Williams. Era um estudo sobre a figura de Beatriz na obra de Dante.

– Quero que fique com isso.

– Gabriel, pare de me dar presentes. – Julia estendeu o livro de volta para ele.

– Você vai impressionar Katherine se estiver familiarizada com este livro. Ela é fã de Dorothy L. Sayers, que foi buscar muitos de seus insights sobre a *Divina Comédia* em Williams. – Ele pigarreou. – Não quero nada em troca, Julianne. Você não tem do que se envergonhar.

Ela olhou para o exemplar e passou a mão pela encadernação antiga.

– Pelo menos fique com ele até Katherine concordar em ser sua orientadora.

– Obrigada.

– De nada. Agora precisamos falar sobre outra coisa.

Ela ergueu os olhos para Gabriel, nervosa.

– Seria muito mais fácil se você não fosse minha aluna, mas você é. Pelo menos por enquanto.

Ela respirou fundo.

Gabriel esfregou os olhos.

– Desculpe. Isso não soou bem. O que quero dizer é que não posso ser seu orientador, por motivos óbvios. Mas ainda temos o problema do curso.

– Se eu largar seu curso, não poderei me formar em maio. Você disse nas mensagens que me mandou que poderia conseguir um curso extracurricular para substituí-lo, mas isso não adiantaria para mim. Preciso de um curso de Dante para minha especialização e para a dissertação.

– As regras que proíbem relacionamentos entre alunos e professores não dizem respeito só a orientandos. Isso significa que não posso ter um relacionamento com você enquanto for minha aluna. No próximo semestre, é claro, a situação vai mudar completamente. Não seria mais seu professor.

Ela sabia disso. Estava explícito na Declaração de Direitos e Deveres dos Alunos. Membros do corpo docente não podiam dormir com alunos. Ponto final. Do contrário...

Naturalmente, Julia não tinha planos de dormir com Gabriel. Ela se perguntou se ele se lembrava disso.

– Não vou perder você novamente – sussurrou ele. – E não vou impedi-la de fazer o que veio fazer aqui. Então, precisamos encontrar uma solução. Enquanto isso, vou ter uma conversa com meu advogado.

– Seu advogado?

– Uma conversa preliminar, confidencial, sobre o que a universidade pode fazer se eu sair com uma aluna matriculada no meu curso.

Julia pousou uma mão trêmula na manga da camisa dele.

– Você quer perder seu emprego?

– É claro que não – respondeu ele, ríspido.

– Já coloquei sua carreira em risco uma vez. Não vou fazer isso de novo. Vamos ter que ficar longe um do outro e, quando este semestre terminar, poderemos voltar a falar no assunto. Você pode, sei lá, mudar de ideia e decidir que não me quer. – Ela baixou os olhos para os tênis e remexeu, nervosa, os dedos dos pés.

– Isso não vai acontecer, Julianne.

– Ainda estamos só nos conhecendo. Talvez cinco semanas de amizade seja exatamente do que precisamos.

– Amigos saem para jantar. Que tal amanhã à noite?

Ela se obrigou a balançar a cabeça.

– Por que você não me liga? Prometo que vou atender.

Gabriel franziu as sobrancelhas.

– Então quando vamos voltar a nos ver?

– Na próxima quarta, na aula.

– Isso é muito longe.

– Tem que ser assim, professor. – Julia deu um meio sorriso e se encaminhou para a porta.

– Não está esquecendo nada?

Ela conferiu rapidamente a mochila para se certificar de que estava com suas chaves.

– Acho que não.

Gabriel foi atrás dela, o olhar carregado por alguns instantes.

– Não vai dar um beijo de despedida no seu pobre e solitário Gabriel? – sussurrou ele, com a voz intencionalmente sedutora.

Julia engoliu em seco.

– Amigos não se beijam do jeito que nos beijamos.

Ele se aproximou, até as costas de Julia estarem pressionadas contra a porta.

– Só um beijinho inocente. Palavra de escoteiro.

– Você é escoteiro?

– Não.

Gabriel ergueu sua mão lentamente para não assustá-la e acariciou de leve seu rosto. Abriu um sorriso irresistível e ela se viu sorrindo de volta. Pressionou seus lábios contra os de Julia, com firmeza, mas também com carinho, e os manteve ali.

Julia esperou que ele fizesse alguma coisa, que abrisse a boca, se movesse, mas Gabriel não fez nada. Ficou totalmente imóvel, aplicando uma pressão sutil contra os seus lábios, até recuar e abrir um pequeno sorriso.

– Não foi tão ruim, foi? – Ele deu uma risadinha, percorrendo o contorno do seu queixo com a ponta de um dedo.

Ela balançou a cabeça.

– Adeus, Gabriel.

Enquanto a porta de entrada se fechava atrás dela, ele se encostou na parede e esfregou os olhos.

◆◆◆

Quando Gabriel voltou para casa, depois de uma reunião muito desagradável e um tanto pitoresca com Christa, pegou uma garrafa de água Perrier na geladeira e digitou o número de John Green, seu advogado. Fazia um bom tempo que não precisava de seus serviços e preferia que fosse assim. John tinha alguns clientes de índole duvidosa, mas era o melhor, e Gabriel sabia disso, especialmente no que dizia respeito ao código penal canadense. John, no entanto, não era especialista em leis trabalhistas, algo que frisou para Gabriel mais de uma vez durante a conversa de meia hora que tiveram.

– Vou logo avisando: se o desrespeito a essa proibição violar os termos do seu contrato de trabalho, estará fazendo isso por sua própria conta e risco, ciente de que poderá perder

o emprego. Então, deixe-me perguntar o seguinte: você foi para a cama com ela?

– Não – respondeu Gabriel, lacônico.

– Ótimo. Não vá por enquanto. Meu conselho é que mantenha distância dessa garota até eu voltar a entrar em contato com você. Quantos anos ela tem?

– Quem?

– A garota, Gabriel, o rabo de saia.

– Se voltar a se referir a ela desse jeito, vai perder um cliente.

John fez uma pausa. Ele sabia que Gabriel era difícil e brigão. E John não tinha energia para uma discussão ao telefone.

– Deixe-me colocar de outra forma: a jovem em questão, quantos anos ela tem?

– Vinte e três.

John suspirou aliviado.

– Ótimo. Pelo menos não é menor de idade.

– Vou fingir que não ouvi isso.

– Preste atenção, Emerson, eu sou seu advogado. Deixe-me fazer meu trabalho. Não posso lhe dar uma opinião bem fundamentada sobre a sua situação se não souber de todos os fatos. Uma das minhas sócias processou a Universidade de Toronto no ano passado. Vou pedir a ela que me atualize sobre esse assunto. Por enquanto, fique longe dessa garota. E não durma com ela de jeito nenhum. Entendido?

– Sim.

– E, se me permite ser mais explícito, não tenha nenhum tipo de atividade sexual com ela, de qualquer natureza. Não queremos nos ver envolvidos num debate à la Clinton sobre o que constitui uma relação sexual. Não faça nada com ela, mesmo que seja consensual.

– E se nosso envolvimento for romântico, mas não sexual?

John se deteve por um instante e começou a limpar o ouvido com o dedo mindinho.

– Desculpe, acho que não entendi direito.

– Se eu estiver saindo com ela, mas sem que haja contato sexual.

John soltou uma gargalhada.

– Está de sacanagem comigo, Emerson? Não acredito em você, e sou pago para isso. Pode ter certeza que ninguém vai acreditar.

– A questão não é essa. A questão é: se eu não estiver tendo relações sexuais com minha aluna, nosso relacionamento viola a política da universidade?

– Ninguém vai acreditar que você está tendo um relacionamento com uma aluna que não envolva sexo, especialmente com a sua reputação. É claro que seu empregador é que tem o ônus de fornecer provas do relacionamento, a não ser que sua namoradinha dê queixa contra você, ou alguém os flagre numa situação comprometedora. Ou que ela engravide.

– Isso não vai acontecer.

– É o que todo mundo diz, Emerson.

Gabriel pigarreou.

– Sim, mas, neste caso, não há a menor chance. Por mais de um motivo.

John revirou os olhos e decidiu não dar uma aula de biologia ao professor.

– De todo modo, se você fosse pego, ainda que não haja relação sexual, provavelmente receberia uma advertência por conduta imprópria, não mais que isso. Mas não posso afirmar sem antes ler as regras, e preciso saber da minha sócia que tipo de precedentes a universidade possui para esses casos.

– Obrigado.

– Tome cuidado. Se algo vier à tona, é você que vai se ferrar, não eu. Sou pago de qualquer maneira. – John pigarreou. – E... Gabriel?

– Sim?

– Se eu fosse você, me manteria longe de problemas pelos próximos dias. Nada de garotas, brigas, bebedeira ou coisa do tipo. Qualquer litígio com a universidade irá expor seu passado, não se esqueça. Então vamos tentar mantê-lo como está, o.k.?

– Está bem, John.

E, com essas palavras, Gabriel desligou o telefone e pegou suas chaves, decidido a extravasar sua frustração no clube de esgrima.

◆◆◆

Quando Julia chegou ao seu prédio, vasculhou o canteiro em busca de fragmentos do cartão de Gabriel. Infelizmente, tudo o que encontrou foram alguns pedaços rasgados, que não eram suficientes para reconstituir a mensagem.

Passou o dia quase inteiro lendo o livro de Charles Williams, fazendo anotações que esperava poderem ajudá-la em seu encontro com Katherine. Precisava admitir que a precaução de Gabriel tinha sido quase providencial. O domínio que Williams possuía da obra de Dante lhe ofereceu muitas sugestões para sua dissertação.

Antes de dormir, ela se sentou na cama ouvindo seu iPod e pensando em Gabriel. Ele havia transferido duas canções para ela. A segunda era “Dante’s Prayer”, também de Loreena McKennitt. Era uma música muito comovente, que levou Julia às lágrimas. Naquela noite, voltou a dormir com a fotografia que estava em sua gaveta debaixo do travesseiro, refletindo sobre uma série de coisas.

Gabriel era dependente químico. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que, se um dia o vício voltasse a dominá-lo, também a dominaria, arrastando-a a profundezas nas quais ela não queria habitar.

Além disso, qualquer relacionamento com Gabriel tinha o potencial de prejudicar a carreira de ambos. Assim que o envolvimento deles fosse descoberto, ele passaria a ser o

jovem e talentoso professor que conquistou uma de suas alunas, o que o tornaria motivo de insinuações maldosas nas festas da universidade. Ela seria a putinha que abriu as pernas para se formar porque não era inteligente o bastante para conseguir isso de outra forma. Mesmo que esperassem até o fim do semestre, a fofoca mancharia a reputação deles.

Por fim, ela se apaixonara por Gabriel Emerson aos 17 anos. Talvez isso explicasse a intensidade do que havia entre eles, o modo como ele a olhava ou os sentimentos que vinham à tona quando ela estava em seus braços. Julia tentou reprimir esses sentimentos durante os anos que ele esteve longe; tentou sufocá-los, envolvendo-se com outras pessoas. Mas, aninhada nos braços de Gabriel na noite anterior, uma onda de emoção a tinha dominado, e todas suas frágeis defesas foram arrastadas para o mar como um castelo de areia. O amor que sentia por ele continuava ali, uma pequena chama que ardia de tal forma que nem toda a água do oceano conseguiria apagar.

Então talvez agora não tivesse escolha, por já ter feito sua escolha antes. Quando ele lhe pediu sua mão e ela a estendeu sem questionar. No instante em que Gabriel a tocou, Julia soube que pertencia a ele. Desde então, ele sempre havia estado ali, nas sombras, como um fantasma que se recusava a ir embora. E agora o fantasma tinha decidido que a queria.

Mas Julia acreditava que ele nunca, nunca iria amá-la.

◆◆◆

Na manhã seguinte, ela conferiu sua caixa postal e ficou surpresa ao encontrar uma mensagem de Gabriel. Ele havia ligado depois de ela ter dormido.

Julianne, você prometeu que atenderia o telefone. [Suspiro.] *Suponho que esteja tudo bem e que você esteja no banho ou coisa parecida. Me ligue quando receber esta mensagem.*

Lamento não ter podido levá-la para jantar hoje à noite, mas gostaria que jantássemos juntos amanhã. Será que podemos pelo menos conversar sobre o assunto? [Pausa] *Me ligue,* principessa*. Por favor.*

Julia imediatamente salvou o número dele no celular, mas registrou seu nome como "Dante Alighieri". Quando retornou a ligação, caiu na caixa postal.

Oi, sou eu. Hum, desculpe não ter visto sua mensagem ontem à noite. Acabei pegando no sono. É claro que adoraria encontrá-lo, mas acho que sairmos para jantar é muito arriscado. Quero conhecê-lo novamente, Gabriel, e espero que possamos encontrar uma maneira segura para que isso aconteça. Desculpe ter perdido sua ligação.

Ela passou boa parte da sexta-feira trabalhando em sua proposta de dissertação. Manteve o celular ligado, por via das dúvidas. Mas Gabriel não telefonou. Paul, sim. A conversa foi curta, pois o professor Emerson o interrompeu na sala de estudos. Como

Emerson parecia estar muito mais bem-humorado, Paul ficou apenas um pouco reticente em acreditar que ele havia pegado leve com Julia. E ela se esforçou ao máximo para eliminar essa reticência. Crise solucionada.

Após sua reunião muito interessante com Katherine, Julia voltou para casa e fez uma refeição modesta, que consistiu numa sopa de tomate. Depois do jantar, tomou um banho e se enrolou numa toalha roxa que mal a cobria dos seios às nádegas e foi até o armário pegar um pijama de flanela para dormir. Tendo em vista o frio de fim de outubro e a proximidade do Dia das Bruxas, decidiu que o pijama com estampa de abóboras de Halloween seria o mais apropriado.

Ouviu alguém bater à janela.

Julia soltou um gritinho de susto. Uma voz abafada vinda do lado de fora começou a falar bem alto, e as batidas continuaram com toda a força. Ela correu até a janela, abriu as cortinas e deparou com o rosto preocupado de Gabriel.

– Você quase me matou de susto! – exclamou ela, abrindo a janela muito antiga e tentando puxá-la para cima com uma das mãos enquanto segurava a toalha com a outra, apreensiva.

– Você não atendeu o telefone. Nem a campainha. Achei que tinha acontecido alguma coisa. Fui até o quintal e vi que as luzes estavam acesas.

Gabriel notou que ela estava enrolada e enfiou os dedos debaixo da janela.

– Deixe isso comigo. – Com um só movimento, ele ergueu a janela e lhe entregou duas sacolas de papel.

– O que é isso?

– Nosso jantar. Agora me dê licença, está frio aqui fora. – Ele pousou as mãos sobre o parapeito, tentando erguer seu corpo.

– O que está fazendo?

– Entrando pela janela. O que parece que estou fazendo?

– Eu poderia deixar você entrar pela porta, como um ser humano normal – protestou ela, largando as sacolas de papel em cima da mesa de carteado.

Gabriel a observou com um olhar um tanto voraz enquanto passava as pernas pela janela.

– Não nua desse jeito. – Ele fechou a janela com força, passou o trinco e cerrou as cortinas. – Você devia se vestir.

Julia estremeceu quando ele estendeu um dedo para acariciar a pele do seu ombro nu.

Suave, macia, molhada e quente, pensou ele.

Ela prendeu a toalha mais firme em volta do corpo e desviou seu olhar do dele. Estava quase nua e ainda molhada do banho, e a visão dessas duas coisas juntas fez Gabriel se contorcer. Mais de uma vez.

– Por favor, vá se vestir, Julianne. – A voz dele soou grave e rouca.

Imaginando que ele estivesse envergonhado, a reação de Julia foi recuar imediatamente.

– Vou me trocar no banheiro – murmurou ela.

Julia se apressou em pegar uma roupa de ginástica e seus velhos chinelos.

– Por que não liga o aquecedor? – perguntou ele enquanto ela corria para o banheiro.

– *Está* ligado.

– Nem parece. Está quase tão frio aqui dentro quanto lá fora. E você vai acabar doente se ficar andando pela casa de toalha.

Julia fechou a porta do banheiro, encerrando a conversa.

Gabriel se acomodou e olhou em volta em busca do termostato, mas obviamente não havia nenhum. Logo estava de quatro no chão, lutando com um radiador velho que era a única fonte de calor no apartamento. *Como ela pode viver assim? Está um gelo aqui dentro.*

Quando Julia saiu do banheiro, encontrou Gabriel ainda de casaco, ajoelhado diante do radiador como se fosse um altar. Ela deu uma risadinha.

– Você fica mais de joelhos do que devia, professor.

Ele a fuzilou com o olhar.

– Muito engraçado, Julianne. Este radiador é inútil. Você tem algum aquecedor de ambiente?

– Tem um elétrico no banheiro. Mas não costumo usá-lo.

Ele balançou a cabeça, levantando-se, e passou por ela. Ligou o aquecedor elétrico no máximo e deixou a porta do banheiro escancarada.

– Deixe-me aquecer um pouco este apartamento. Seu cabelo está molhado, você vai ficar resfriada. Vou preparar um chá para você – ofereceu-se Gabriel, pendurando seu casaco atrás da porta de entrada.

– Eu mesma posso fazer o chá – disse ela baixinho.

– Deixe comigo. – Ele deu um beijo em sua testa e pegou a chaleira elétrica, enchendo-a com água da torneira e voltando a ficar de quatro para ligá-la à tomada atrás da penteadeira.

Julia se esforçou bastante para não olhar o modo como aquela calça de lã preta moldava sua bunda muito atraente. Para se distrair, comparou o comportamento atual de Gabriel com o da primeira vez que ele fora à sua toca de Hobbit. Era como se existissem dois dele e Julia agora estivesse recebendo a visita do mais simpático. *O novo modelo é tão bonito quanto o antigo, porém infinitamente mais atraente.*

– Agora – disse ele, olhando ao seu redor – só preciso aquecer você.

Gabriel fixou o olhar nela e a puxou para um abraço, esfregando as mãos em suas costas.

– Você está bem?

– Estou.

– Por que não atendeu o telefone?

– Mas eu só não atendi quando estava dormindo ou no banho.

– Fiquei preocupado. Você não atendeu ontem à noite nem quando liguei há uma hora.

– Eu estava lavando a cabeça.

Gabriel enterrou o rosto no pescoço dela, sentindo seu perfume. *Baunilha*.

– Julianne – começou, erguendo a mão esquerda para tocar seu rosto.

Ela pestanejou depressa.

– O que foi?

Gabriel ficou calado.

Ela o encarou, surpresa. Os olhos dele estavam sombrios e intensos.

Ele inclinou a cabeça e começou a dar beijos muito suaves ao longo do seu pescoço, começando logo abaixo do lóbulo da orelha e descendo pela clavícula. Uma faísca de desejo lampejou no ventre dela. Os lábios de Gabriel mal tocavam sua pele e mesmo assim faziam cada gota de sangue de seu corpo disparar para aquele ponto. O toque dele nunca tinha sido tão erótico, tão afetuoso.

Gabriel venerou a curva do seu pescoço, subindo e descendo sem parar, a língua despontando de vez em quando para provar sua pele. Havia momentos em que esfregava o rosto com carinho no nariz ou no queixo dela, a barba por fazer arranhando de leve sua pele.

Julia gemeu e fechou os olhos, subindo as mãos pelas costas dele até chegarem a seus cabelos. As pontas de seus dedos se moviam como se tivessem vontade própria, acariciando sua nuca, bem acima da gola da camisa.

– Hum... – gemeu ela.

– Está gostando? – sussurrou ele, interrompendo os beijos carinhosos.

Ela murmurou em aprovação.

– Quero lhe dar prazer, Julianne. Mais do que você imagina.

Ele deu especial atenção à pele em volta da orelha dela e logo abaixo do contorno do seu maxilar, provocando-a um pouco com a língua.

– Diga se estou conseguindo.

Ela mal ouviu a pergunta, muito concentrada na miríade de sensações que percorriam seu corpo e no calor que se espalhava por sua carne. Já não sentia frio. Não sentia mais nada além dele.

– Você me dá prazer, Gabriel – sussurrou ela, atordoada.

– Esta é uma declaração de desejo – sussurrou ele em seu ouvido, fazendo-a estremecer. – Se fôssemos amantes, eu a beijaria assim para demonstrar minha intenção de levá-la para a cama. E você nem imagina o prazer que teria ali. Mas, por enquanto, posso apenas manifestar quanto a desejo. Não vou me permitir tocar seus lábios por

medo de não ser capaz de parar.

Julia gemeu mais alto ainda e Gabriel prosseguiu sua exploração, tirando o cabelo de cima dos ombros dela. Não poderia tê-la beijado mais suavemente. Pôs a ponta do lóbulo da orelha de Julia na boca, puxando-o de leve, traçando com delicadeza seus contornos com a língua.

– Se eu provar sua boca agora, não responderei pelos meus atos. Então a única coisa que posso fazer é adorar seu lindo pescoço. Sei que em poucos segundos você irá se afastar, antes que a tentação fique forte demais. Já é forte demais. Você não faz ideia de quanto eu a desejo. – A voz de Gabriel estava rouca, sua respiração parecia bastante acelerada.

Julia sentiu as pernas ficarem bambas e começou a desfalecer... Foi então que a chaleira elétrica apitou. Gabriel deu um beijo inocente no rosto dela e foi preparar o chá, enquanto Julia se sentava, trêmula, numa das cadeiras. Seu coração batia tão depressa que ela achou que estava tendo um ataque cardíaco. Inclinou a cabeça para a frente, segurando-a entre as mãos viradas para cima.

Se fico tão transtornada quando ele me beija, como vai ser quando...

– Que chá você quer, querida? – Havia uma certa diversão na voz de Gabriel ao vê-la tentar recuperar o fôlego.

É claro que ele mesmo só tinha conseguido recuperar o ar tão depressa porque tinha se afastado. E era muito mais habilidoso do que ela em esconder seus sentimentos, mas não sua reação física.

– Lady Grey. Está na lata ao lado do bule. – A voz de Julia falhava.

– Não costumo tomar chá, então não vai ficar tão bom quanto o seu. Mas espero que seja potável.

Julia arqueou uma sobrancelha ante o adjetivo que ele escolheu, mas agradeceu educadamente quando Gabriel colocou o bule de chá, a xícara e o pires à sua frente.

– Comprei algumas coisas para o jantar. Você já comeu?

– Tomei uma sopa.

– Julianne. – Ele se sentou ao lado dela e lançou-lhe um olhar severo. – Sopa não é refeição.

– Acho que já me disseram isso antes.

Ela revirou os olhos e Gabriel riu.

As primeiras coisas que tirou da sacola foram uma garrafa de vinho e um saca-rolha.

– Você tem taças de vinho?

– Tenho.

Julia foi buscá-las na pequena cozinha. Ainda tinha ressalvas quanto à relação de Gabriel com o álcool, especialmente tendo em vista o passado dele. Mas, por ora, decidiu lhe conceder o benefício da dúvida.

Quando voltou à mesa, leu o rótulo do vinho: *Serego Alighieri Vaio Armaron Amarone 2000*.

– É quem eu acho que é? – perguntou, apontando a garrafa.

Gabriel pegou sua mão e pressionou os lábios contra a palma.

– Sim, o filho de Dante comprou o vinhedo no século XIV e a família Masi produz vinho até hoje.

Ele recostou-se na cadeira dobrável e a encarou em silêncio. Julia parecia assombrada.

– Não sabia que a família dele tinha um vinhedo.

– É um ótimo vinho. Embora, considerando nosso passado, talvez você ache a escolha piegas demais, não?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não acho.

– Tive que trabalhar até tarde, mas queria jantar com você, então fui ao Pusateri's e pedi comida para viagem. Temos *manicotti*, salada Caesar e um filão de pão. Que tal?

Ao olhar para a comida disposta à sua frente, o apetite de Julia voltou na mesma hora.

– O que são esses? – Ela apontou para uma embalagem de celofane de biscoitos com uma rena no rótulo.

Gabriel sorriu.

– Biscoitos de lima-da-pérsia de uma confeitaria chamada Dancing Deer Baking Company. São os meus favoritos. Por que não me deixa cuidar disso enquanto seca o cabelo e toma seu chá?

Ele estendeu a mão para passá-la pelos cachos longos e molhados de Julia.

– Por que está sempre me alimentando?

A mão dele parou.

– Já disse, eu gosto de lhe dar prazer. – Ele recolheu a mão, com uma expressão intrigada no rosto. – É assim que um homem age quando está interessado numa mulher, Julianne. Ele é atencioso e faz as vontades dela. – Ele sorriu com malícia. – Talvez esteja tentando mostrar que, se sou tão atencioso com seus desejos gastronômicos, serei ainda mais com... outros apetites.

Julia ficou vermelha e Gabriel levou a mão ao seu rosto.

– Sua pele é linda – sussurrou ele. – Como uma rosa desabrochando pela primeira vez. – Ele a observou com um olhar de admiração. – Rachel parou de corar assim que começou a dormir com Aaron.

– Como você sabe disso?

– Se bem me lembro, todos nós notamos. Num momento ela estava lendo *O pequeno príncipe* e, no outro, comprando lingerie.

Julia mordeu o lábio, pensativa.

– Eu adorava esse livro.

– “Só se pode ver bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos” – disse Gabriel.

– Exatamente – murmurou ela. – Gosto da parte em que a raposa fala com o príncipe sobre cativar. Ela decide que quer ser cativada, quer ser a raposa do príncipe, embora saiba que isso irá torná-la mais vulnerável.

– Julianne, acho que você deveria secar o cabelo agora.

Gabriel tirou a mão de seu rosto e se levantou depressa, dando-lhe as costas, supostamente para preparar o jantar. Mas Julia ficou intrigada, sem saber por que ele havia ficado tão perturbado.

◆◆◆

Depois do jantar, eles se sentaram na cama, como se estivessem num sofá. Gabriel encostou alguns travesseiros na parede e se recostou, com o braço em volta da cintura de Julia.

– Desculpe a falta de conforto – disse ela, humilde.

– Não estou desconfortável.

– Sei que detesta este apartamento. Ele é pequeno, frio e... – Ela indicou a sala com um gesto.

– Vou me arrepender pelo resto da vida do que lhe disse quando você teve a gentileza de me convidar para entrar. Não detesto o seu apartamento. Como poderia? – Gabriel entrelaçou os dedos dela com os seus. – É onde você está.

– Obrigada.

– Obrigado por tornar tudo belo pelo simples fato de existir.

Ela sorriu e Gabriel levou as mãos deles à boca, beijando com ternura os dedos de Julia, um a um.

– Agora me fale da reunião com Katherine.

Antes de começar a falar, Julia teve que esperar seus dedos pararem de formigar.

– Ela foi exatamente como você disse. Mas ficou feliz que eu tivesse lido Charles Williams. Acho que serviu para amolecê-la um pouco. E concordou em ser minha orientadora.

– O que ela achou da sua proposta?

– Pouco original, então sugeriu que, em vez de comparar o amor cortês com a luxúria, eu o comparasse com os aspectos da amizade entre Virgílio e Dante. Em vez de discorrer sobre amor e luxúria, discorrerei sobre amor e amizade.

– Está satisfeita com isso?

– Acho que sim. No próximo semestre vou fazer o curso da professora Leaming sobre Santo Tomás de Aquino, que vai tratar desse tema.

Gabriel assentiu.

– Conheço a professora Jennifer Leaming. Ela é muito boa.

Julia remexeu no edredom.

Gabriel pousou a mão sobre a dela.

– O que foi?

– Nada.

– Nada de segredos, Julianne. O que foi?

– Mandei um e-mail para a professora Leaming há uma semana, perguntando se ela teria interesse em ser minha orientadora. Isso foi antes de termos a nossa... hum... conversa.

Os olhos de Gabriel ficaram frios por alguns instantes.

– E o que ela respondeu?

– Nada.

– Jennifer é muito ocupada. Ela ainda está em período probatório, então duvido que tenha tempo de orientar alunos de fora do Departamento de Filosofia. – Ele fez uma pausa. – Você não acreditou quando falei que iria procurar outra pessoa para orientá-la?

Julia pareceu constrangida.

– Acreditei, sim.

– Então por que agiu pelas minhas costas?

– Eu queria tentar resolver a situação sozinha.

Gabriel apertou os lábios, transformando sua boca numa linha tensa.

– E isso por acaso deu certo?

– Não.

– Cedo ou tarde, você vai ter que confiar em mim. Especialmente no que diz respeito a assuntos ligados à universidade. Ou isto não vai funcionar.

Ela assentiu, mordendo de leve a parte de dentro da boca.

– Como foi a reunião com Christa?

– Prefiro não falar disso. Ela é uma praga.

Julia tentou em vão conter um sorriso.

– Christa está muito ocupada tentando salvar sua proposta de tese para nos causar problemas. Não vou aceitar o projeto dela como está, o que significa que ela vai ter que encontrar outro orientador. E, como você sabe, por enquanto sou o único que orienta teses sobre Dante.

– Então Christa está fora?

– Eu disse a ela hoje que lhe daria até o dia 18 de dezembro para me entregar uma proposta aceitável. E isso foi bondade minha. Então, não se preocupe mais com ela. O futuro acadêmico de Christa está por um fio, e sou eu que estou segurando a ponta.

Ótimo, pensou Julia.

– Tive uma conversa interessante com meu advogado hoje.

Ela tomou outro gole de vinho e esperou que ele prosseguisse.

– Ele falou que iria avaliar os termos da proibição, mas foi muito enfático ao me alertar contra qualquer tipo de relacionamento com você enquanto eu for seu professor.

Ela corou.

– Isso inclui beijos?

– Sem dúvida, mas ele deixou claro que a principal preocupação da universidade é com relações sexuais. Então, se continuarmos sendo castos e discretos durante este semestre, acho que não teremos problemas.

Julia ficou ainda mais vermelha e olhou dentro da taça de vinho.

– Então, Srta. Mitchell, é melhor manter suas mãos longe de mim até eu entregar suas notas. Depois disso, bem... – Ele abriu um sorriso sugestivo.

– Você não pode me beijar num minuto e dar a nota do meu trabalho no outro.

– A esta altura, eu não conseguiria ser imparcial com a sua nota nem se me esforçasse muito. Vou pedir a Katherine que avalie seu trabalho.

– Ela não vai achar isso estranho?

Ele sorriu.

– Invento uma desculpa. E compro uma garrafa de Lagavulin 16 anos para ela. Isso seria capaz de ressuscitar os mortos.

– O que você está propondo ainda é um relacionamento... de certo modo.

Gabriel aninhou o rosto dela entre as mãos.

– Mas não é tão grave e nos deixa em uma situação muito menos delicada junto à administração. Vou pedir a meu advogado que analise todas as brechas.

– Não quero ser uma brecha.

– E não é. Não para mim. Quer que eu me afaste por cinco semanas e não me encontre com você de forma alguma? Que eu não segure sua mão nem a abrace? É isso que você quer?

Julia refletiu por um instante e a ideia embrulhou seu estômago. Ela balançou a cabeça.

– Quero que continuemos nos encontrando, como amigos, é claro. Você ainda está decidindo se confia em mim e ainda estamos nos conhecendo. Se a universidade não sabe, não pode nos prejudicar.

Gabriel retirou a taça de vinho das mãos dela e a colocou ao lado da sua sobre a mesa de carteado. Quando voltou, puxou Julia para junto de si, a ponto de quase sentá-la em seu colo.

– Podemos fingir que estamos no ensino médio e que moramos em Selinsgrove. Mal começamos a namorar e, como somos adolescentes bem-comportados e um pouco antiquados, fizemos um voto de castidade.

– Parece que andou pensando bastante nisso.

– Tenho uma imaginação fértil e detalhada no que diz respeito a você – sussurrou ele. –

E talvez deseje que tivéssemos sido adolescentes juntos.

– Então isto está virando um caso?

Gabriel ficou calado por alguns instantes.

– Tinha pensado em algo menos vulgar. Mas, Julianne, muito do que nossa relação vai ser ou deixar de ser está nas suas mãos.

Ela assentiu para indicar que tinha entendido e os dois ficaram em silêncio. Por fim, Julia fechou os olhos, inspirando o perfume dele e sentindo-se estranhamente tranquilizada pelo ritmo constante das batidas do seu coração. Gabriel acariciava seus cabelos e sussurrava para ela em italiano.

– Julianne?

Silêncio.

– Julia?

Quando se inclinou para baixo, Gabriel percebeu que ela havia adormecido. Não queria acordá-la. Mas também não iria embora sem se despedir e queria que Julia trancasse a porta depois que ele saísse.

Ele a ergueu com cuidado, colocando-a sob as cobertas, com medo de que ela acordasse. Mas Julia não acordou. Gabriel observou suas formas pequenas, a maneira como seu peito subia e descia ao ritmo da respiração suave, seus lábios entreabertos. Ela era linda. Era doce.

Não conseguia se lembrar da última vez que havia passado uma noite inocente com uma bela mulher que não fosse da sua família. Uma noite inocente repleta de desejo, paixão e anseios irresistíveis... Ele a queria.

Mas o velho conflito interior assomava em sua mente. Não queria corrompê-la, torná-la como ele. Não queria deixá-la vulnerável ou fazê-la sangrar, em sentido algum. Duvidava de sua capacidade de se envolver fisicamente com ela e não perder o controle, pois o simples fato de vê-la enrolada numa toalha quase mandara sua determinação pelos ares.

Este é o resultado de anos de luxúria desenfreada: agora você nem consegue mais cortejá-la como um cavalheiro. Quer fazer amor com essa garota em vez de trepar com ela, mas será que é capaz disso? Consegue se envolver sexualmente com ela sem tratá-la como um brinquedo bonito criado apenas para a sua satisfação carnal? É capaz de amar sem pecado?

Os pensamentos de Gabriel o atormentavam enquanto ele olhava para o cordeiro de faces rosadas que confiava nele o bastante para adormecer em seus braços, sem perceber a paixão que queimava suas veias. Ele esvaziou os bolsos e desligou o iPhone antes de ir ao banheiro. Baixou a temperatura do aquecedor e tirou rapidamente as roupas, ficando apenas de camiseta e cueca samba-canção. Passou alguns instantes analisando o xampu e os produtos de banho de Julia, decorando os nomes para garantir que os teria em seu

banheiro na próxima vez que ela o visitasse. Definitivamente, preferia baunilha a qualquer outro perfume. *Embora baunilha e chocolate...*

Ele apagou as luzes e deitou na cama de solteiro, pequena demais para duas pessoas. Aquilo fez Gabriel sentir saudade das camas do alojamento estudantil de Princeton e do Magdalen College. Ou quase. Mal dava para dormir naquelas camas, longe de serem as ideais para qualquer tipo de atividade sexual. Sorte que isso estava fora de cogitação para aquela noite.

Quando Gabriel se virou de lado, sua mão se fechou sobre um pedaço de papel pequeno e liso preso debaixo do travesseiro. Ele o tirou de lá e o ergueu contra o raio de luar que atravessava a cortina. O que viu o deixou mais do que surpreso: uma velha fotografia sua, da época em que estudava em Princeton. Ele reconheceu o suéter da equipe de remo da universidade.

Como ela conseguiu isto? Há quanto tempo tem esta foto? Ele voltou a guardar a fotografia embaixo do travesseiro, os cantos de sua boca se voltando para cima de espanto. Algo parecido com esperança começou a aquecer suas entranhas.

Gabriel nunca tinha gostado muito de dormir de conchinha. Era íntimo demais para ele. Mas, naquela noite, era tudo o que queria. Ele aconchegou seu corpo ao de Julia e estendeu o braço esquerdo sobre a cintura dela, pousando a mão com cuidado em sua barriga. Os dois se encaixavam perfeitamente. Gabriel suspirou de alegria ao sentir o calor da jovem aninhada em seus braços, seu nariz enterrado nos cabelos longos e macios, que cheiravam a baunilha.

◆◆◆

Por volta das três da manhã, Julia abriu os olhos. Um braço forte a segurou mais firme e o cheiro de Gabriel invadiu suas narinas. Estava em seus braços, o peito dele contra as suas costas. Embora aparentemente tivesse se movido em reação ao susto dela, o som da respiração de Gabriel indicava que ele ainda dormia.

Julia olhou para ele na escuridão. Quantos anos havia esperado para dormir ao lado dele outra vez? Ela se virou devagar, deitando de costas. Com os olhos fechados e uma expressão tranquila, ele parecia muito mais jovem. Quase como um garoto – um rapaz gentil de cabelos castanhos e lábios rosados, que sorria inocentemente ao dormir. Julia expressou sua admiração com um suspiro.

Os olhos dele se abriram. Gabriel precisou de alguns instantes para discernir o rosto de Julia no escuro, mas, quando conseguiu, se inclinou e pressionou os lábios contra os dela.

– Tudo bem? – sussurrou ele.

– Você ainda está aqui.

– Não iria embora sem me despedir. Não consegue dormir?

– Achei que isto fosse um sonho.

Gabriel sorriu para ela.

– Só para mim.

– Você é lindo, Gabriel. Sempre foi, sabia?

– É a crueldade da natureza: o anjo caído mantém sua beleza. Mas sou feio por dentro.

Ela o beijou com força, tentando transmitir a verdade das palavras que estava prestes a dizer antes mesmo de pronunciá-las:

– Uma pessoa feia por dentro não teria comprado uma bolsa para mim e mantido sua generosidade em segredo.

Gabriel a encarou.

– Há quanto tempo você sabe?

– Rachel me contou.

– E isso fez com que ficasse mais ou menos propensa a aceitar o presente?

– Na época, meio a meio.

– Percebi que você não a está usando mais – sussurrou ele, levantando a mão para afastar os cabelos do rosto dela.

– Vou voltar a usá-la.

– Então gostou?

– Muito. Obrigada.

Ele esfregou seu nariz de leve contra o dela e sorriu.

– Você era apenas bonita aos 17, Julianne. Agora é estonteante.

– Qualquer um é bonito no escuro – sussurrou ela.

– Isso não é verdade. – Ele a beijou antes de recuar bruscamente, obrigando-se a parar.

Julia pousou a cabeça no peito dele e fechou os olhos, ouvindo os batimentos regulares do seu coração e tentando não sorver com demasiada voracidade a energia que fluía entre os dois.

– Acaba de me ocorrer, Julia, que parece que só consigo que você me dê respostas honestas quando estamos na mesma cama.

Ela ficou vermelha e, embora estivesse escuro, Gabriel percebeu. Ele riu baixinho.

– Por que acha que isso acontece?

– Quando estamos na cama, você é carinhoso comigo. Eu me sinto... segura.

– Não sei se é tão seguro estar comigo, Julianne, mas prometo que sempre serei carinhoso com você. Especialmente na cama.

Ela o abraçou forte e assentiu, como se entendesse todas as implicações do que ele dizia. Mas não entendia. Como poderia?

– Você vai voltar para casa para o Dia de Ação de Graças?

– Vou. Preciso telefonar para o meu pai e dar a boa notícia.

– Prometi a Richard que iria para casa. Você... consideraria viajar comigo?

– Seria bom.

– Ótimo. – Ele suspirou e esfregou os olhos. – Não vai ser um feriado agradável.

– Não gosto do Dia de Ação de Graças. Mas Grace sempre fazia com que fosse legal.

– Não era bom com a sua família?

Julia se remexeu na cama.

– Nós não comemorávamos.

– Por que não?

– Era eu quem cozinhava quando minha mãe estava na reabilitação. E, sempre que eu tentava fazer algo especial... – Ela balançou a cabeça.

Gabriel a abraçou com mais força.

– Pode me contar – sussurrou ele.

– Você não vai querer ouvir.

Ela tentou se virar para o outro lado, mas Gabriel a segurou.

– Não quis deixar você chateada. Só estou tentando conhecê-la melhor.

O tom da voz de Gabriel a atraiu, mais irresistível do que suas palavras ou seus braços. Ela respirou fundo.

– Durante meu último Dia de Ação de Graças em St. Louis, Sharon estava enchendo a cara com um de seus namorados. Mas a idiota aqui resolver fazer uma receita da Martha Stewart de frango assado, batatas recheadas e legumes. – Ela fez uma pausa.

– Tenho certeza de que ficou uma delícia – incentivou Gabriel.

– Nunca cheguei a saber.

– Por quê?

– Tive uma espécie de acidente.

– Julianne? – Ele tentou erguer o queixo dela para olhar dentro de seus olhos, mas Julia se recusava a encará-lo. – O que aconteceu?

– Não tínhamos mesa de jantar. Então montei uma mesa de carteado na sala de estar e a arrumei para três pessoas. Foi uma burrice, na verdade. Não deveria ter me dado o trabalho. Arrumei toda a comida numa bandeja para servi-la, então o namorado da minha mãe esticou o pé e me fez tropeçar.

– De propósito?

– Ele viu que eu estava vindo.

Gabriel ferveu de raiva, cerrando os punhos.

– Eu saí voando. Os pratos se quebraram. Foi comida para todo lado.

– Você se machucou? – perguntou ele com os dentes trincados.

– Não me lembro. – A voz de Julia ficou imediatamente fria.

– Sua mãe a ajudou?

Ela negou com a cabeça.

Um rosnado grave brotou da garganta de Gabriel.

– Eles riram. Devo ter ficado ridícula de quatro no chão, chorando, coberta de molho. O frango escorregou e foi parar debaixo de uma cadeira. – Ela se interrompeu, pensativa. – Fiquei um bom tempo ali, de joelhos. Você teria tido um derrame se tivesse me visto.

Gabriel conteve a vontade de esmurrar a parede atrás de sua cabeça.

– Não teria tido um derrame. Teria dado uma surra nele e precisaria me controlar para não bater na sua mãe.

Julia correu um dedo ao longo da mão dele.

– Eles ficaram entediados e foram trepar no quarto. Nem se deram o trabalho de fechar a porta. Esse foi meu último Dia de Ação de Graças com Sharon.

– Meu Deus, Julia. – Gabriel a abraçou forte.

– Limpei a sujeira para eles não se zangarem comigo e peguei um ônibus. Fiquei andando sem rumo até encontrar uma missão do Exército da Salvação. Eles estavam anunciando uma ceia de Ação de Graças para os desabrigados. Perguntei se precisavam de voluntários na cozinha e eles me puseram para trabalhar.

– Foi assim que passou seu Dia de Ação de Graças?

Ela deu de ombros.

– Não podia ir para casa e o pessoal da missão foi legal comigo. Depois que os desabrigados foram servidos, jantei um peru com os voluntários. Eles até fizeram uma quentinha para eu levar. Também me deram torta. – Julia fez outra pausa, ficando pensativa novamente. – Ninguém nunca assou uma torta para mim.

Ele pigarreou.

– Julianne, por que seu pai não tirou você dela?

– Não era sempre tão ruim. – Julia começou a mexer na camisa dele, prendendo o tecido de algodão macio entre os dedos e puxando-o de leve.

– Ai. Cuidado. – Gabriel deu uma risadinha. – Você está arrancando os poucos pelos que tenho no peito.

– Desculpe. – Nervosa, Julia alisou o tecido com os dedos. – Hum, meu pai morou conosco até os meus 4 anos, quando mamãe o expulsou de casa. Então ele voltou para Selinsgrove, onde tinha crescido. Costumava me chamar para passar os domingos com ele. Um dia, estávamos conversando ao telefone e deixei escapar que um dos namorados de mamãe tinha entrado no meu quarto na noite anterior, nu, pensando que fosse o banheiro.

Ela pigarreou e começou a falar depressa, para Gabriel não ter a chance de fazer *aquela pergunta*.

– Papai surtou, querendo saber se o tal homem tinha tocado em mim. Ele não tinha. Meu pai quis conversar com Sharon e, quando expliquei que eu não deveria incomodá-la quando ela estivesse com um namorado em casa, ele me mandou ir para o meu quarto e trancar a porta. Mas é claro que a minha porta não tinha tranca. Na manhã seguinte, bem

cedo, papai apareceu para me levar para Selinsgrove. Imagino que tenha sido bom que o tal namorado já não estivesse por lá quando ele chegou. Acho que meu pai o teria matado.

– Então você foi embora?

– Sim. Papai disse a Sharon que, se ela não se livrasse dos namorados e parasse de beber, me tiraria dela para sempre. Ela concordou em ir para uma clínica de reabilitação e fui morar com ele.

– Quantos anos você tinha?

– Oito.

– Por que não ficou morando com seu pai?

– Ele nunca estava em casa. Tinha um emprego que o mantinha muito ocupado e às vezes precisava trabalhar nos fins de semana. Além disso, era bombeiro voluntário. Quando o ano letivo terminou, ele me mandou de volta para St. Louis. Sharon já havia saído da clínica e estava trabalhando como manicure num salão. Ele achou que eu ficaria bem.

– Mas você voltou a morar com ele depois?

Ela hesitou.

– Pode me contar, Julianne. – Ele a abraçou com força e esperou, fazendo carinho em seu seus cabelos. – Não tem problema.

Ela engoliu em seco. Com dificuldade.

– No verão antes de eu completar 17 anos, papai me levou de volta para a casa dele.

– Por quê?

– Hum... Sharon me bateu. Caí contra o balcão da cozinha e bati com a cabeça. Liguei para o meu pai do hospital e disse que, se ele não fosse me buscar, eu ia fugir. E foi isso. Nunca mais voltei a ver minha mãe.

– Você tem uma cicatriz?

Ela levou a mão de Gabriel à sua nuca, pressionando os dedos dele contra uma protuberância onde os cabelos não cresciam mais.

– Sinto muito por tudo isso. – Ele passou os dedos pela cicatriz algumas vezes e pressionou os lábios contra ela. – Sinto muito que tenha passado por essas coisas. Se eu pudesse, daria uma surra em todos eles...

– Tive muita sorte, na verdade. Sharon só me bateu uma vez.

– Pelo que me contou, você não teve sorte alguma.

– Tenho sorte agora. Ninguém me bate aqui. E tenho um amigo que me alimenta.

Gabriel balançou a cabeça e praguejou.

– Você deveria ter recebido carinho, deveria ter sido venerada e tratada como uma princesa. Rachel foi tratada assim.

– Não acredito em contos de fadas – sussurrou ela.

– Eu gostaria de fazer você acreditar. – Ele se inclinou para beijar a testa de Julia.

– A realidade é melhor do que a fantasia, Gabriel.

– Não se a realidade *for* a fantasia.

Ela balançou a cabeça, mas sorriu.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro.

O sorriso dela desapareceu.

– Você tem alguma cicatriz?

O rosto de Gabriel permaneceu impassível.

– Não se pode bater em algo que não se sabe que está lá.

Julia se aproximou dele, pressionando o rosto contra a curva do seu pescoço.

– Sinto muito.

– É difícil saber o que é pior: baterem em você ou ser ignorado. Acho que depende do tipo de dor que você prefere.

– Lamento, Gabriel. Eu não sabia.

Julia entrelaçou seus dedos aos dele. Respirando fundo, perguntou:

– Você vai para casa agora?

– Só se você quiser que eu vá. – Ele tornou a acariciar seus cabelos, tomando o cuidado de evitar a cicatriz.

Ela pousou a cabeça nos ombros dele e suspirou.

– Quero que fique comigo.

– Então vou ficar.

Julia adormeceu, mas Gabriel continuou acordado, refletindo sobre as cicatrizes que ela havia revelado, perguntando-se, nauseado e com raiva, que outras teria mantido em segredo.

– Julia? – sussurrou.

A respiração regular dela e o fato de não ter respondido lhe indicaram que ela estava dormindo.

– Não vou deixar ninguém machucar você. – Ele beijou seu rosto de leve. – Muito menos eu mesmo.

CAPÍTULO DEZENOVE

Na manhã seguinte, Julia acordou com o barulho do chuveiro. Ainda estava tentando entender como outra pessoa que não era ela poderia estar no seu banheiro quando a água foi desligada e um homem alto, de cabelos castanhos, enrolado numa pequena toalha roxa atravessou a porta. Ela arregalou os olhos, surpresa, e arquejou, tapando a boca com a mão.

– Bom dia – falou Gabriel, segurando a toalha enrolada abaixo da cintura com uma das mãos e pegando suas roupas com a outra.

Julia ficou olhando. E não era para o rosto dele.

O cabelo molhado de Gabriel estava todo espetado e bagunçado. Gotas d'água escorriam pelos ombros e pelo peito e brilhavam sobre sua tatuagem. Mesmo um observador casual perderia o fôlego diante dos contornos de seus tendões, músculos e veias, de sua simetria e seu equilíbrio, de suas proporções perfeitas e seus traços clássicos. E nem de longe Julia era uma observadora casual, pois tinha passado a noite inteira com aquele mesmo corpo em sua cama, abraçado a ela. E, dentro daquele corpo, havia uma mente fora do comum e uma alma muito profunda e apaixonada.

Contudo, era para o físico dele que Julia estava olhando e, por um instante, a palavra *semideus* passou por sua cabeça.

Gabriel sorriu.

– *Eu disse "bom dia"*, Julianne.

Ela fechou a boca.

– Hum... bom dia.

Gabriel se aproximou, inclinou-se e deu um beijo firme, porém carinhoso, com a boca aberta, nos lábios dela. Algumas gotas d'água respingaram nos lençóis à sua volta.

– Dormiu bem?

Ela assentiu devagar, sentindo-se bem mais quente do que devia.

– Você está muito calada. – Ele se empertigou e abriu um sorriso malicioso.

– Você está seminu.

– Sim. Prefere que eu fique completamente nu? – Ele mexeu na toalha de um jeito provocativo e tornou a sorrir.

O choque foi quase demais para Julia.

– Estou brincando, querida. – Ele a beijou outra vez, franzindo as sobrancelhas.

Um pensamento desagradável lhe ocorreu. Ele recuou com uma expressão muito séria no rosto.

– Eu me esqueci do que aconteceu com você em St. Louis. Quando era criança – falou

ele. – Desculpe-me por aparecer desse jeito sem pedir licença. Agi sem pensar.

Julia olhou na direção dele em muda admiração e sorriu, encabulada.

– Não tem problema. Estava só distraída. Você parece feliz esta manhã.

Ele sorriu.

– Dormir na mesma cama que você me faz bem. Posso preparar seu café da manhã?

– Hum... claro. Mas não tenho cozinha, lembra?

– Sou um homem habilidoso – disse ele, com um sorriso sincero.

A ternura de Gabriel fez Julia superar a vergonha que sentia daquele espaço improvisado para cozinhar.

Gabriel entrou no banheiro e, antes de fechar a porta atrás de si, soltou a toalha roxa. Julia foi presenteada com um vislumbre da bunda mais linda que se pode imaginar.

Ela ficou boquiaberta.

◆◆◆

Na noite seguinte, Rachel voltou de sua viagem romântica com Aaron e foi logo conferir sua caixa postal. Depois de uma ligação histérica para o pai, ela telefonou imediatamente para Gabriel e lhe deixou uma mensagem.

Que merda está acontecendo aí, Gabriel? O que você fez com a Julia? Ela só sumiu uma vez na vida, quando foi totalmente humilhada pelo ex-namorado! O que você fez com ela, porra? Juro por Deus que estou prestes a pegar um avião. Me ligue...

A propósito, papai mandou um oi. Ele está feliz por você ter ligado. Será que sua mão vai cair se você telefonar uma vez por semana? Ele resolveu voltar a trabalhar porque não aguenta ficar sozinho em casa. Aliás, colocou a casa à venda.

Então, consideravelmente preocupada com a melhor amiga, Rachel telefonou para Julia e também lhe deixou uma mensagem.

Julia, o que o Gabriel fez? Ele estava gritando como um louco na minha caixa postal. Agora não quer atender o telefone, então não consigo ouvir a versão dele da história. Não que eu ache que ele vá me dizer a verdade. Enfim, espero que você esteja bem e sinto muito mesmo. Não sei o que ele fez, mas, por favor, não suma de novo. Não neste momento, nosso último Dia de Ação de Graças lá em casa. Papai a colocou à venda. Aaron ainda quer dar uma passagem para você, então me ligue, está bem? Eu adoro você.

Mais tarde, Rachel voltou à sua vida normal na Filadélfia, esperando, ansiosa, notícias do irmão e da melhor amiga. E planejando discretamente um casamento.

Assim que Gabriel convenceu a irmã a não pegar um avião para Toronto a fim de lhe dar uma surra e conversou com Richard sobre desistir de vender a casa, ele deixou uma mensagem na caixa postal de Julia, que não atendeu porque estava ao telefone com o pai.

Você nunca atende. [Ligeiramente irritado] *Não tem um serviço de chamada em*

espera? Pode contratar um, por favor? Não me interessa quanto custa. Eu pago. Estou cansado de deixar mensagens. [Respiração funda] *Imagino que Rachel tenha entrado em contato com você. Ela está furiosa comigo, mas acho que consegui convencê-la de que nós tivemos uma desavença acadêmica e que agora já trocamos beijos e fizemos as pazes.* [Risadinha] *Bem, não mencionei a parte dos beijos.*

Será que pode ligar para ela e tranquilizá-la, antes que minha irmã cumpra a promessa de pegar um avião e vir para cá? [Suspiro... Respiração funda] *Julianne, eu gostei de acordar do seu lado ontem. Muito mais do que posso dizer em uma caixa postal. Diga-me que em breve poderei acordar do seu lado de novo.* [Voz mais baixa, ardente] *Estou sentado em frente à lareira, desejando que você estivesse aqui nos meus braços. Me ligue,* principessa*.*

◆◆◆

Enquanto isso, Julia falava com o pai.

– Que bom que você vem para casa, Jules. Estarei trabalhando, mas vamos poder passar algum tempo juntos... – Tom tossiu, tentando limpar a garganta.

– Ótimo. Rachel quer que eu dê um pulo na casa dela também. Ela vai se casar e acho que precisa de ajuda com os preparativos, agora que Grace se foi.

– Deb me convidou para jantar com ela e os filhos. Tenho certeza de que colocaria mais um lugar à mesa para você.

– De jeito nenhum – balbuciou Julia.

– Por que não?

– Desculpe, pai. Adoraria ver Deb, mas não vou. Não mesmo.

Tom hesitou por um tempo, constrangido.

– Também não preciso ir. Eu... hum... vejo Deb o tempo todo. – Ao ouvir isso, Julia revirou os olhos. – A que horas devo pegar você no aeroporto?

– Na verdade, Gabriel Emerson está morando aqui em Toronto. Ele mencionou que talvez fosse para casa no feriado. Se formos viajar no mesmo horário, vou perguntar aos Clark se podem me dar uma carona.

Tom ficou calado por alguns instantes.

– Gabriel está aí?

– Ele é professor da universidade. Faço um curso com ele.

– Você nunca me disse isso. Jules, fique longe dele.

– Por quê?

– Porque ele significa problema.

– Por que está dizendo isso?

Tom pigarreou.

– Ele nem veio ver a mãe quando ela estava morrendo. Nunca passa um tempo com a

família. Não confio nele e certamente não quero vê-lo perto da minha filha.

– Pai, ele é irmão de Rachel. Ela sabe que vou passar o Dia de Ação de Graças aí. Ela deve nos pegar no aeroporto de qualquer forma.

– Seja como for, não carregue nada que seja de Gabriel no avião e não aceite nada dele que pareça suspeito. Você vai passar pela alfândega.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que estou preocupado com você. Não posso me preocupar com minha única filha?

Julia controlou a vontade de responder algo cruel ou grosseiro.

– Vou comprar minha passagem e aviso como vai ser.

– Está bem. Depois conversamos melhor.

E, com essas palavras, a conversa nada esclarecedora de Julia com Thomas Mitchell chegou ao fim.

Ela passou a hora seguinte convencendo Rachel de que sim, ela estava bem, e não, Gabriel não estava mais agindo como um babaca (o que talvez fosse surpreendente). Também convenceu Aaron de que sua bolsa era suficiente para pagar a passagem. Mencionou o conflito logístico com seu pai e prometeu que se juntaria à família Clark para o jantar de Ação de Graças na quinta à noite.

Sentindo-se consideravelmente exausta, passou mais uma hora convencendo Gabriel de que não era uma boa ideia eles dormirem juntos todas as noites, ainda mais porque havia a chance de alguém ligado à universidade vê-los entrando ou saindo do apartamento de um deles. Gabriel acabou concordando, embora a contragosto, mas fez Julia prometer que dormiriam juntos em no máximo sete dias.

Ela não queria ser a culpada por Gabriel perder o emprego, por isso estava decidida a limitar as possibilidades de os dois serem vistos juntos. Também havia decidido não passar todas as noites na cama dele, pois sabia quais seriam as consequências disso. Ainda estava se esforçando para confiar nele, e sua relutância era mais do que justificável, uma vez que Gabriel tinha mudado de atitude a seu respeito havia tão pouco tempo. E ele praticamente admitira quase não conseguir controlar a paixão que sentia por ela.

Julia não estava disposta a ser coagida a fazer coisas que não estava preparada para fazer. Não queria se entregar a Gabriel e voltar para o seu apartamento se sentindo usada e sozinha, como tantas vezes se sentira depois de se encontrar com *ele*. Não, Gabriel não era *ele*. Mas isso não a deixava menos insegura, por mais que quisesse confiar nele.

Apesar de toda a sua cautela, Julia dormia muito melhor com Gabriel do que sozinha e, a cada dia que deixava de vê-lo, seu coração sofria.

◆◆◆

Na manhã de segunda-feira, a campainha de Julia tocou. Era um entregador com uma grande caixa branca. Ela assinou o recibo e, quando voltou ao apartamento, abriu o cartão anexado ao embrulho. As iniciais *G.O.E.* estavam impressas no alto do cartão.

Querida Julianne,
Obrigado por ter se aberto comigo na noite de sexta-feira.
Você tem um coração de leão.
Eu adoraria cativá-la, lentamente,
mas sem as lágrimas e sem dizer adeus.
Seu
Gabriel

P.S. Criei um e-mail pessoal, que está à sua disposição:
goe717@gmail.com

Julia abriu a caixa e imediatamente sentiu um aroma delicioso. Ficou espantada ao encontrar um vaso de vidro grande, cheio d'água. Sete gardênias boiavam na superfície. Ela retirou com cuidado o vaso da caixa e o colocou em cima da mesa de carteado, respirando fundo à medida que o perfume enchia a sala.

Releu o cartão de Gabriel e, animada, ligou o laptop para enviar um rápido e-mail para seu novo endereço.

Querido Gabriel,
Obrigada pelas gardênias. São lindas.
Obrigada pelo cartão.
Obrigada por ter me ouvido.
Espero que possamos nos reencontrar em breve.
Bjs,
Julia

◆◆◆

Na tarde de quarta-feira, Julia encontrou Paul perto dos escaninhos antes da aula do professor Emerson. Eles conversaram amenidades por um tempo antes de serem interrompidos, de forma um tanto grosseira, pelo celular de Julia. A ligação era de Dante Alighieri (um milagre!), então, naturalmente, ela atendeu.

– Preciso atender – murmurou para Paul, em tom de quem pede desculpas, antes de ir para o corredor.

– Alô?

– Julianne?

Ela abriu um sorriso largo ao ouvir a voz de Gabriel.

– Oi.

– Quer jantar comigo?

Ela olhou à sua volta para se certificar de que estava sozinha.

– Hum, o que tem em mente?

– Um jantar na minha casa. Não nos vemos desde sábado. Estou começando a achar que você só quer se comunicar por e-mail agora que tem meu novo endereço – disse Gabriel com uma risadinha.

Julia respirou fundo, feliz por ele não estar irritado com ela.

– Andei ocupada me preparando para minha próxima reunião com Katherine. E você está trabalhando na palestra, então...

– Preciso vê-la.

– Também quero vê-lo. Mas vamos nos encontrar em alguns minutos.

– Precisamos falar sobre isso. Vamos ter que fingir que não houve nada na última aula. Eu provavelmente vou ignorar sua presença, só por garantia. Queria falar com você antes, para que não ficasse chateada. – Ele se interrompeu por um instante. – Naturalmente, tudo o que mais quero é tocá-la, mas temos que manter as aparências.

– Entendo.

– Julianne... – começou ele, baixando a voz. – Estou tão incomodado com isso quanto você. Mas gostaria que aceitasse jantar comigo hoje, para eu ter a chance de compensá-la. Depois, podemos passar uma noite tranquila diante da lareira, aproveitando a companhia um do outro. Antes de irmos para a cama.

As faces de Julia se incendiaram.

– Eu adoraria, mas estava planejando trabalhar na dissertação a noite inteira. Ainda não terminei de fazer as correções que Katherine pediu e vou me encontrar com ela amanhã à tarde. Ela é muito exigente.

Ele começou a resmungar.

– Sinto muito, Gabriel, mas quero agradar Katherine.

– E quanto a me agradar?

– Eu... – Julia ficou sem palavras.

Ele bufou, um pouco zangado.

– Promete que nos encontraremos na sexta à noite, então?

– Depois da sua palestra?

– Tenho um jantar em seguida. Gostaria que me encontrasse no meu apartamento depois.

– Não vai estar muito tarde?

– Não para o que tenho em mente. Você prometeu, lembra?

Julia sorriu ao se dar conta de que havia acabado de descobrir um novo tipo, mais maduro, de festa do pijama.

– E então? Nos vemos na sexta à noite? – Ele baixou a voz até um sussurro sedutor.

– Sim. Vou ter que inventar uma desculpa para Paul. Vamos à palestra juntos.

A linha ficou em silêncio.

– Alô? – Julia andou até outra parte do corredor, tentando encontrar um sinal melhor. – Ainda está aí?

– Estou. – De repente, o tom de voz de Gabriel se tornara glacial.

Scheisse, pensou ela.

Ele ficou calado por mais alguns instantes antes de voltar a falar:

– Nós não tínhamos um acordo de não dividir o outro com mais ninguém?

Duas vezes Scheisse.

– Hum... claro.

– Eu cumpri minha parte.

– Gabriel, por favor...

Ele a interrompeu:

– Diga-me que entendi errado o que você acabou de dizer.

– Nós somos amigos. Ele me pediu que o acompanhasse à palestra. Não achei que houvesse problema.

– Você gostaria de me ver com outras amigas mulheres? Indo a eventos públicos com elas?

– Não – sussurrou Julia.

– Então tenha a mesma consideração comigo.

– Por favor, não fique zangado.

O pedido dela foi recebido com silêncio.

– Ele é o único amigo que tenho. Estudar numa cidade estranha é muito... solitário.

– Achei que eu fosse seu amigo.

– É claro que é. Mas preciso de alguém para conversar sobre os estudos e tudo o mais.

– Qualquer assunto relacionado à universidade deveria ser discutido comigo.

– Por favor, não me faça desistir do único amigo que tenho além de você. Aí sim ficarei isolada, já que não posso estar ao seu lado o tempo todo.

Gabriel se encolheu.

– Você disse a ele que estava saindo com alguém?

Julia engoliu em seco.

– Não. Achei que fosse segredo.

– Por favor, Julianne. Você é mais inteligente do que isso. – Ele bufou alto. – Está bem. Admito que precise de um amigo, mas ele precisa saber que você não está mais disponível. Ele está obstinado demais e isso pode se tornar um problema.

– Vou dizer a ele que tenho um novo namorado. Daqui a duas semanas, devemos ir ao museu para ver...

Gabriel rosnou ao telefone.

– Não vão, não! Eu vou levar você.

– Em público? Como?

– Deixe que eu resolvo isso. Então imagino que ele estará carregando seus livros para a aula daqui a alguns minutos, certo? – O tom dele ficou sarcástico.

– Por favor, Gabriel.

Ele suspirou.

– Está bem. Vamos esquecer isso. Mas ficarei de olho nele. Quanto à sexta-feira, vou lhe dar uma chave, ou então aviso ao porteiro que você pode entrar.

– Combinado.

– Até daqui a pouco.

◆◆◆

Quando Julia e Paul chegaram à sala de aula, o professor já estava lá. Ele os encarou, fez uma careta para Paul e voltou a atenção para suas anotações. Notou, satisfeito, que Julia estava usando a bolsa a tiracolo. Isso lhe deu um grande prazer.

Os demais alunos, entre eles Christa, olharam algumas vezes de Julia para o professor e vice-versa. Era quase como se estivessem assistindo a uma partida de tênis.

Julia se sentou no seu lugar de sempre, ao lado de Paul, e na mesma hora assumiu uma postura respeitosa.

– Não fique nervosa. Ele passou a semana inteira de bom humor. Não acho que vá perturbá-la hoje. – Paul se aproximou muito mais do que devia para sussurrar em seu ouvido: – Ele deve ter tirado o atraso no fim de semana.

Na frente da sala, o professor Emerson tossiu alto, até Paul se afastar de Julia.

Ela, por sua vez, ficou desconcertada com o comentário de Paul. Manteve a cabeça baixa, escrevendo copiosamente em seu caderno. Era uma boa distração, pois a impedia de pensar na manhã de domingo e em como Gabriel era por baixo das roupas, *molhado do banho, soltando uma pequena toalha roxa...*

O professor mal olhou para ela e em nenhum momento lhe pediu que comentasse algo ou respondesse a alguma pergunta. Em suma, para muitos alunos ali presentes, que esperavam alguma diversão, a aula foi uma decepção colossal. Christa, no entanto, adorou saber que o Universo tinha finalmente voltado aos eixos e tudo estava (quase) dentro dos conformes.

– Vocês estão todos convidados para a palestra que darei sobre a luxúria no *Inferno* de Dante, no Victoria College, sexta-feira, às três da tarde. Estão liberados. Até semana que vem. – O professor arrumou suas coisas rapidamente e saiu da sala sem nem olhar para

trás.

Paul se inclinou para perto de Julia.

– Posso acompanhá-la até em casa? Poderíamos comprar comida tailandesa no caminho.

– Nem devo jantar, vou ficar estudando direto. Mas seria ótimo se você me acompanhasse. Preciso lhe contar uma coisa...

◆◆◆

Na sexta pela manhã, Julia estava parada diante do seu armário, pensando no que vestir. Sabia que Gabriel não tinha gostado de vê-la sentada com Paul. E sabia que iria encontrá-lo mais tarde no seu apartamento, onde passaria a noite. Já tinha até deixado a bolsa pronta para aquela visita.

Queria causar boa impressão. Queria que, em meio a todas as outras mulheres, Gabriel reparasse nela e a achasse bonita. Então, pela primeira vez naquele semestre, Julia decidiu se arrumar para ir à aula. Pôs um vestido, meias opacas e um par de botas até o joelho, todos pretos. Rachel a convencera a comprar as botas alguns anos antes. Escolheu joias simples – brincos de pérolas que pertenceram à sua avó Mitchell – e jogou uma pashmina roxo-escura sobre os ombros, com medo de que seu decote, embora comportado, fosse demais para uma palestra durante o dia.

Julia e Paul foram dos primeiros a chegar ao grande auditório. Apressaram-se em escolher lugares perto da última fileira, no corredor, para não chamarem muita atenção. Os membros do corpo docente geralmente ficavam com os melhores lugares, na frente, e os alunos jamais ousariam interferir nessa tradição.

Assim que Julia chegou, sentiu a presença dele. Uma estranha tensão pairava entre os dois, mesmo a distância. Também sentia os olhos de Gabriel sobre ela, e sabia que ele a observava. Sabia que ele logo estaria de cara feia. Uma olhadela para a frente do auditório confirmou suas suspeitas. Gabriel estava fuzilando Paul com os olhos, enquanto este mantinha a mão na base das costas de Julia, conduzindo-a até seus lugares.

Gabriel lançou um breve sorriso para ela, correndo os olhos por seu corpo, pousando-os um pouco mais do que devia nos saltos das botas. Virando-se para outro lado, continuou a conversar com um dos professores.

Julia parou alguns instantes para admirar a aparência de Gabriel. Ele estava lindo como sempre, com um terno Armani preto muito elegante, uma camisa com punho francês e uma gravata de seda preta. Usava óculos e sapatos sociais que, graças a Deus, não eram pontudos. Para sua surpresa, no entanto, usava um colete desabotoado por baixo do paletó, e Julia notou que um relógio de ouro pendia de um dos botões, a corrente conduzindo até um pequeno bolso.

– Olhe só para ele. Colete e relógio de bolso? – murmurou Paul, balançando a cabeça. –

Quantos anos esse cara tem? Aposto que tem um retrato no sótão que está envelhecendo bem depressa.

Julia conteve um sorriso, mas ficou calada.

– Sabe o que ele me obrigou a fazer ontem?

Ela negou com a cabeça.

– Tive que embalar algumas de suas preciosas canetas, fazer seguro para o pacote e enviá-lo para uma clínica de canetas-tinteiro. Dá pra acreditar nisso?

– O que é uma clínica de canetas-tinteiro?

– Uma oficina de restauração de canetas-tinteiro que atende uns doentes de merda que têm muito mais dinheiro do que precisam. E tempo sobrando também.

Julia deu uma risadinha e desligou seu celular.

◆◆◆

Já recuperado da gripe suína, o professor Jeremy H. Martin, chefe do Departamento de Estudos Italianos, deu as boas-vindas ao público de cerca de cem pessoas e ofereceu uma descrição entusiástica da pesquisa e das conquistas do professor Emerson. Julia ficou observando Gabriel se remexer em sua cadeira, desconfortável, como se todos aqueles elogios o incomodassem. Ele cruzou seu olhar com o de Julia, que lhe abriu um sorriso de incentivo. Ela notou os ombros dele relaxarem.

O professor Martin tinha orgulho do professor Emerson e fazia questão de deixar isso bem claro. Em sua opinião, Gabriel era um dos contratados mais promissores do departamento e havia correspondido a todas as expectativas nele depositadas. Havia entrado para o quadro permanente antes do previsto, impulsionado pela publicação do seu primeiro livro pela Oxford University Press e estava a caminho de se tornar um acadêmico do naipe de Katherine Picton. Ou pelo menos assim esperava o professor Martin.

Depois de uma salva de palmas não muito entusiasmada, Gabriel foi até o centro do palco, espalhou suas anotações sobre o atril e tornou a conferir se estava tudo em ordem com sua apresentação. Deteve-se por alguns instantes, correndo os olhos pela plateia – o professor Martin sorria de expectativa, a Srta. Peterson havia deslizado para a frente em seu assento e passava dedos hábeis por seu decote cavado, enquanto seus colegas continuavam calados, aparentemente interessados no tema da palestra.

Havia, no entanto, uma surpreendente exceção sentada na primeira fila. Aquela professora não tinha o menor interesse em seus méritos acadêmicos. Não, seus interesses eram muito mais libidinosos, e Gabriel teve a impressão de que ela os manifestava naquele momento, a língua rosada umedecendo lábios cor de sangue. Ela era uma devassa. Uma predadora. E Gabriel ficou muito desconfortável pelo fato de ela o estar encarando com seus olhos de serpente, sentada no mesmo ambiente que Julia. Sabia que

seu passado estava à espreita em toda parte, mas rezava para que as duas nunca se conhecessem.

Fazendo um certo esforço para desviar os olhos da professora loura, ele abriu um sorriso forçado para a plateia. Apressou-se em buscar o rosto bonito de Julia, tirou forças de sua expressão cheia de ternura e começou:

– Minha palestra se chama "*Luxúria no Inferno de Dante: O pecado mortal contra o ego"*. A primeira pergunta que talvez lhes venha à mente é por que a luxúria seria um pecado contra o ego, uma vez que é sempre direcionado a outra pessoa, tratando-se do uso de outro ser humano para gratificação pessoal e sexual.

Um riso de desdém abafado, vindo da primeira fileira, chegou aos ouvidos de Gabriel, mas ele o ignorou.

– A noção de pecado de Dante é formada em grande parte pela obra de Santo Tomás de Aquino. Em sua célebre *Summa Theologiae*, Aquino defende que qualquer maldade ou pecado é uma forma de autodestruição. Ele supõe que, em princípio, a natureza dos seres humanos é boa e racional. Aquino acredita que essa natureza, a do animal racional, foi criada por Deus com o propósito de perseguir a bondade e, mais especificamente, as virtudes. Quando uma pessoa abandona esse propósito natural, fere a si mesma, pois faz algo que não foi criada para fazer. Entra em guerra consigo e com sua própria natureza.

A Srta. Peterson se inclinou para a frente, como se prestasse total atenção.

– Por que Aquino tinha essa visão peculiar do pecado? – prosseguiu Gabriel. – Um dos motivos é porque ele aceitava a afirmação de Boécio de que a bondade e a existência são permutáveis. Em outras palavras, tudo o que existe possui uma parcela de bondade por ter sido criado por Deus. E, por mais maculada, corrompida ou pecaminosa que seja uma criatura, enquanto existir ela ainda possuirá alguma bondade.

Gabriel apertou um botão e o primeiro slide surgiu na tela à sua esquerda. Julia reconheceu a ilustração de Lúcifer, de Botticelli.

– Segundo essa visão, ninguém, nem mesmo Lúcifer, aprisionado em gelo nas profundezas do *Inferno* de Dante, é totalmente mau. O mal precisa se alimentar do bem, como um parasita. Se toda a bondade de uma criatura fosse eliminada, essa criatura não poderia mais existir.

Gabriel sentiu um par de olhos sagazes se fixarem nele, zombando dele por causa de sua aceitação tola de conceitos tão burgueses quanto *bem* e *mal*.

Ele pigarreou.

– A ideia de que até mesmo um anjo caído condenado a viver seus dias no Inferno ainda possa ter alguma bondade dentro de si pode parecer estranha para muitos de nós. – Ele lançou um olhar para Julia, encarando-a por tempo suficiente para que ela notasse uma espécie de súplica em seus olhos. – Uma bondade que implora para ser reconhecida, apesar de o pecado ser como um vício triste e desesperado para o anjo caído.

Outra ilustração de Botticelli apareceu na tela, de Dante e Beatriz e as estrelas fixas do Paraíso. Julia reconheceu a cena: era a mesma que Gabriel havia lhe mostrado em sua coleção particular.

– Tendo como pano de fundo a questão do bem e do mal, analisemos Dante e Beatriz. A relação entre os dois é um exemplo típico de amor cortês. No contexto da *Divina Comédia*, Beatriz está relacionada a Virgílio. Pede que ele conduza seu amado Dante pelo Inferno pois não pode ir até lá, uma vez que reside permanentemente no Paraíso. Ao estabelecer essa relação entre Beatriz e Virgílio, Dante expressa a noção de que o amor cortês está ligado à razão, e não à paixão.

Quando ouviu o nome de Beatriz, Julia começou a se remexer na cadeira, mantendo o rosto abaixado, para não deixar nada transparecer. Paul percebeu e interpretou mal aquela reação, pegando a mão dela e a apertando com carinho. Eles estavam sentados longe demais para que Gabriel visse o que estava acontecendo, mas ele notou que Paul havia se virado para Julia, sua mão desaparecendo perto do colo dela. A cena o distraiu por alguns instantes.

Ele pigarreou, ao que os olhos de Julia se lançaram em sua direção e ela puxou a mão de volta rapidamente.

– Mas e quanto à luxúria? Se o amor é um coelho, então a luxúria é um lobo. Dante diz isso explicitamente quando identifica a luxúria como um pecado de uma selvageria digna desse animal: um pecado em que a paixão sobrepuja a razão.

Diante dessa colocação, Christa deslizou até a beirada da sua cadeira, inclinando-se para a frente, fazendo com que seu decote pudesse ser visto do palco. Infelizmente para ela, Gabriel não percebeu, pois estava ocupado demais passando para o slide seguinte, a escultura *O beijo*, de Rodin.

– Dante incluiu Paolo e Francesca no Círculo dos Luxuriosos. Surpreendentemente, a história da queda dos dois está ligada à tradição do amor cortês. Quando se entregaram à luxúria, ambos estavam lendo a respeito do adultério entre Lancelot e Guinevere. – Gabriel sorriu com malícia. – Talvez esse seja o equivalente medieval a assistir pornografia como preliminar.

Risadas comedidas ecoaram pelo auditório.

– No caso de Paolo e Francesca, a paixão subjugou a razão, que deveria impedi-los de se relacionarem porque um deles tinha compromisso com outra pessoa.

Gabriel lançou um olhar significativo para Paul. Mas seu assistente achou que o olhar tinha sido direcionado a outra pessoa, possivelmente Julia ou alguma das mulheres sentadas à sua frente, por isso não fez nada. Diante da falta de reação de Paul, os olhos azuis de Gabriel ficaram verdes como os de um dragão. Só faltava ele começar a cuspir fogo.

– Talvez isso se assemelhe à sensação de propriedade que existe entre um casal quando

eles estão se cortejando. Se outra pessoa começa a se permitir alguns dos privilégios que deveriam ser exclusivos do casal, sem dúvida o resultado será raiva e ciúmes. – A voz de Gabriel ficou mais incisiva.

Julia se contorceu, deslocando-se um pouco para a esquerda para se afastar de Paul.

– Mas o fato de Dante ver em Lancelot e Guinevere, assim como em Paolo e Francesca, uma corrupção do amor cortês tradicional mostra que ele reconhece os perigos muito reais apresentados por seu envolvimento com Beatriz. Se a paixão de Dante sobrepujasse sua razão, isso arruinaria a vida de ambos e os exporia a um escândalo. Desse modo, o destino de Paolo e Francesca é um alerta para Dante manter a castidade de seu amor por Beatriz. O que é não nada fácil, em vista da grande beleza e do encanto dela e da profundidade e da força do desejo que ele sente.

Julia ficou vermelha.

– Deixem-me ser bem claro: apesar de eles terem ficados separados um do outro por anos e anos, Dante a deseja. Ele a quer por inteiro. A castidade dele se torna ainda mais virtuosa por causa da intensidade e do desespero de seu desejo.

Gabriel fez uma pausa e os olhos de serpente da professora loura seguiram os dele até Julia. Quando a loura fez contato visual com ele, Gabriel a fuzilou com o olhar antes de prosseguir.

– Na filosofia de Dante, a luxúria é um amor inapropriado, mas, ainda assim, um tipo de amor. Por esse motivo, é o menos grave dos sete pecados capitais, e é por isso que Dante posiciona o Círculo dos Luxuriosos logo abaixo do Limbo. A luxúria está relacionada ao maior dos prazeres terrenos...

Gabriel lançou um olhar para Julia, que o encarou de volta, petrificada.

– O sexo é adequadamente entendido como uma experiência não só física como espiritual: uma união arrebatadora de dois corpos e duas almas, que seria como a alegria e o êxtase da união com o Divino no Paraíso. Dois corpos unidos pelo prazer. Duas almas unidas pela conexão entre seus corpos e pela entrega sincera, passional e altruísta de todo o seu ser.

Julia tentou não se remexer na cadeira ao se lembrar de como se sentiu na noite em que Gabriel levou seus dedos à boca, um a um, lambendo o chocolate deles. Parecia que a sala estava começando a ficar bem quente e várias pessoas se reviraram em seus lugares.

– Talvez seja pedantismo afirmar que, se a pessoa se contiver e não se entregar por completo durante a relação sexual, não chegará ao orgasmo. O resultado é tensão, frustração e um parceiro insatisfeito. O momento do orgasmo é a antecipação de um prazer absolutamente transcendental, sincero e arrebatador. O tipo de prazer em que todos os anseios e desejos mais profundos de um indivíduo são satisfeitos de forma total e avassaladora.

Gabriel sorriu consigo mesmo ao ver Julia cruzar e descruzar as pernas, deliciando-se

com a reação dela enquanto fazia uma pausa para tomar um gole de água.

– A ideia de um orgasmo simultâneo, do êxtase de um parceiro se confundindo com o do outro, ressalta a intimidade compartilhada da união física e espiritual. Ofegar, se contorcer, tocar, desejar e por fim, gloriosamente, gozar.

Gabriel se deteve, lutando para não olhar para Julia e chamar atenção para seu rosto vermelho e cabisbaixo. Ele pigarreou e abriu um pequeno sorriso malicioso.

– Alguém está tonto?

Risadas divertidas, porém contidas, ecoaram pela sala. Christa levantou seus cabelos de cima do pescoço e se abanou com um exemplar do livro de Gabriel.

– Acredito que minhas palavras tenham ilustrado a teoria de Dante, ou seja, a de que a luxúria é forte o suficiente para distrair a mente, reino da razão, e levá-la a se concentrar em questões terrenas e carnais, em vez de contemplar questões celestiais e, mais especificamente, Deus. Sem dúvida alguns de vocês prefeririam correr para casa e se jogar nos braços de seus amados a continuar aqui escutando minha palestra enfadonha.

Ele deu uma risadinha, ignorando ostensivamente a professora na primeira fila, que o provocou mostrando um objeto pequeno, porém obsceno, dentro de sua bolsa.

– Em contraste com a luxúria, que é um pecado capital, há o amor. Santo Tomás de Aquino afirma que um amante se relaciona com o amado como se este fosse parte de si mesmo.

Depois disso, a expressão de Gabriel ficou mais leve e um sorriso doce se espalhou por seu rosto.

– As alegrias e a beleza da intimidade sexual, expressadas no ato unificador do sexo, são o fruto natural do amor. Nesse caso, como deve estar claro, o sexo não se iguala à luxúria. Daí a distinção moderna no discurso contemporâneo entre, se me perdoam a vulgaridade, trepar e fazer amor. Mas o sexo também não é idêntico ao amor, como demonstra a tradição do amor cortês. É possível amar uma amiga de forma inocente e passional, sem ter relações sexuais com ela. No *Paraíso* de Dante, a luxúria é transformada em caridade, a manifestação mais pura e genuína de amor. No Paraíso, a alma se liberta de qualquer anseio, pois todos os seus desejos são satisfeitos, e ela se enche de alegria. Já não sente culpa de seus pecados anteriores, mas goza de total liberdade e contentamento. Infelizmente, o tempo me impede de entrar numa discussão mais detalhada sobre o Paraíso.

Ele fez uma pausa.

– Na *Divina Comédia*, encontramos a dicotomia luxúria/caridade e uma manifestação poderosa da castidade do amor cortês, conforme demonstrado na relação entre Dante e Beatriz. A ideia do amor cortês talvez seja mais bem expressa nas palavras da própria Beatriz: *Apparuit iam beatitudo vestra*. Eis que surge sua bem-aventurança. Não consigo imaginar palavras mais verdadeiras. Obrigado.

O auditório explodiu numa salva de palmas e em murmúrios de aprovação. O professor então começou a responder às perguntas da plateia. Como sempre, os membros do corpo docente em regime de dedicação exclusiva foram os primeiros a falar, enquanto os alunos esperavam pacientemente sua vez.

(A universidade, como a Europa da Idade Média, era organizada num sistema de classes.)

Julia ficou sentada ali, imóvel, tentando absorver o que pensava ter ouvido durante a palestra de Gabriel. Estava repetindo para si mesma algumas de suas afirmações mais profundas quando Paul se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

– Veja só: Emerson vai ignorar Christa.

De onde estavam, eles não conseguiam enxergar o decote de Christa (graças a Deus). Ela continuava inclinada para a frente, agora com a mão no ar, tentando chamar a atenção do professor. Ele pareceu ignorá-la deliberadamente, apontando para outras pessoas e oferecendo respostas fundamentadas. Algum tempo depois, o professor Martin se levantou para indicar que o tempo para perguntas estava esgotado. Só então Christa abaixou a mão, uma careta obscurecendo seus traços delicados.

Após uma segunda salva de palmas, Gabriel desceu do palanque. Foi imediatamente cumprimentado por uma professora morena, de altura mediana, que parecia ter entre 35 e 40 anos. Eles trocaram um aperto de mãos.

Paul riu com sarcasmo.

– Viu só? Emerson jamais permitiria que Christa lhe fizesse uma pergunta durante uma palestra aberta. Tem medo de que ela se levante a atire um sutiã para ele, ou que erga um cartaz dizendo "Eu amo Emerson".

Julia deu uma risadinha e ficou observando a professora morena conversar com Gabriel antes de se afastar para falar com outra pessoa.

– Fiquei surpreso por ninguém ter corrigido o erro dele – disse Paul, coçando, pensativo, suas costeletas.

– Que erro?

– Emerson atribuiu *Apparuit iam beatitudo vestra* a Beatriz, quando todo mundo sabe que a frase é de Dante. É o que ele diz em *A vida nova*, quando encontra Beatriz pela primeira vez.

Julia sabia disso, é claro, mas jamais teria comentado o equívoco. Então ficou calada.

Paul deu de ombros.

– Tenho certeza de que foi apenas um deslize. Ele é capaz de citar aqueles textos de cor em italiano e em inglês. Só achei engraçado o Professor Perfeito cometer um erro em público e não ser corrigido por ninguém. – Ele deu uma risadinha. – Talvez tenha sido por isso que Christa levantou a mão.

Julia assentiu. Ela sabia que o erro de Gabriel tinha sido proposital. Mas não contaria a

ninguém, muito menos a Paul.

Ele a olhou de cima a baixo com uma expressão admirada.

– Você está bonita hoje. Quer dizer, está sempre bonita, mas hoje está simplesmente... radiante. – O rosto dele se transformou, assumindo uma expressão séria. – Espero não estar ofendendo seu namorado ao dizer isso. Como ele se chama mesmo?

– Owen.

– Bem, dá para ver nos seus olhos que está muito feliz por ter voltado com ele. Depois de semanas vendo você triste, fico contente por isso.

– Obrigada – balbuciou ela.

– Então, por que o vestido?

Ela correu os olhos pelo auditório.

– Não sabia se as pessoas se arrumavam para essas ocasiões. Sabia que todos os professores estariam aqui e quis vir bem-vestida.

Paul riu.

– A maioria das acadêmicas não se importa nem um pouco com moda. – Ele balançou a cabeça e tocou a mão de Julia com carinho. – Espero que seu ex a trate bem desta vez. Ou terei que ir à Filadélfia dar uma lição nele.

A essa altura, Julia mal ouvia. Sua atenção estava voltada para uma professora loura, estilo mignon, que cumprimentava Gabriel com dois beijos no rosto.

Ela ergueu as sobrancelhas, surpresa.

E você ainda me repreendeu por causa de Paul, professor. Achei que tivéssemos um acordo...

Paul falou alguma coisa baixinho.

– O quê? – perguntou ela.

– Bem, a palestra foi ótima. Agra você entende por que decidi trabalhar para ele. – Paul lançou um olhar significativo para Gabriel. – Mas olhe só para eles.

Como se aproveitasse a deixa, a loura jogou a cabeça para trás e riu espalhafatosamente, e Emerson abriu um sorriso tenso. Ela devia ter menos de 1,50m de altura, com cabelos muito claros puxados para trás e presos num coque de aparência severa. Usava óculos Armani vermelhos e quase quadrados, e um terno preto que parecia caro, ressaltado por uma saia lápis apertada que mal roçava os seus joelhos. Julia também notou que a mulher usava sapatos pretos de saltos muito altos e meias arrastão.

Era bonita, mas parecia deslocada entre todos aqueles acadêmicos. E havia em sua presença algo decididamente agressivo.

– Aquela é a professora Singer – disse Paul com uma careta.

– A loura?

– Isso. A mulher de cabelo preto à esquerda dela é a professora Leaming. Ela é ótima. Você precisa conhecê-la. Mas mantenha distância de Singer. Ela é uma víbora.

O estômago de Julia se revirou enquanto ela observava a professora Singer pegar o braço de Gabriel de um jeito íntimo demais, enterrando as garras no paletó dele e ficando na ponta dos pés para sussurrar algo em seu ouvido. O rosto dele continuou totalmente impassível.

– Por que diz isso?

– Já viu o site dela?

– Não.

– Considere-se uma felizarda. Você ficaria chocada com o tipo de coisa de que ela gosta. O apelido dela é *Professora Agonia*.

Relutante, Julia afastou os olhos do espetáculo doentio que os professores Agonia e Emerson representavam e começou a torcer as mãos. Perguntou-se se o primeiro nome da Professora Agonia seria Paulina.

Enojada com a cena, pegou seu casaco e se levantou.

– Acho que está na hora de irmos.

– Eu levo você em casa. – Paul a ajudou a vestir o casaco como um cavalheiro.

Eles deixaram os seus lugares e já se encaminhavam para a saída quando o professor Martin cruzou olhares com Paul e o chamou com um gesto.

– Espere só um instante, por favor.

Julia tornou a sentar, brincando com os botões do casaco para se distrair.

Gabriel não estava olhando para ela e, pela sua linguagem corporal, ela imaginou que ele a estivesse evitando. Paul conversou rapidamente com o chefe do departamento antes de se voltar para trás e apontar na direção dela. O chefe assentiu e deu tapinhas nas costas de Paul. Quando voltou, ele estava radiante.

– Bem, você nunca vai adivinhar o que ele queria.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Fomos convidados para o jantar em homenagem à palestra de Emerson.

– Você está brincando.

– Não. Pelo jeito, tinham verba para convidar um ou dois alunos, e o chefe do departamento resolveu me chamar. Quando falei que estava com você, ele a convidou para me fazer companhia. – Paul deu uma piscadela. – A pobre da Christa não está na lista. Parece que hoje é o seu dia de sorte.

Neste instante, Gabriel olhou para Julia por trás de Paul. Ele estava incomodado, com raiva até, e balançava a cabeça para ela. Lançou um breve olhar para Paul e voltou a encará-la, ainda balançando a cabeça.

Julia franziu os lábios, teimosa. *Como Gabriel pode fica com ciúmes de Paul com a Professora Agonia se atirando em cima dele desse jeito? Isso é que chamo de dois pesos e duas medidas.*

– Não precisamos ir se você não quiser. – Paul pigarreou. – Sei que Emerson tem sido

um babaca com você. Provavelmente não vai querer comer uma paella para comemorar o sucesso dele.

– Seria indelicado recusar um convite do chefe do departamento – falou Julia.

– Acho que tem razão. Prometo que vai ser divertido. Iremos ao Segovia, que é um ótimo restaurante. Mas o jantar é só às sete. Quer ir à Starbucks? Ou a algum outro lugar? – Paul estendeu a mão para ajudá-la a se levantar.

– Starbucks está ótimo.

Poucos minutos depois de sair do prédio, Julia finalmente teve coragem de fazer a pergunta que a estava incomodando:

– Você conhece bem a professora Singer? – Ela tentou soar causal.

– Não. Mantenho distância dela. – Paul xingou mais de uma vez. – Quem me dera poder *apagar* da minha memória os e-mails que ela mandou para Emerson. Eles ficaram gravados no meu cérebro.

– Qual o primeiro nome dela?

– Ann.

CAPÍTULO VINTE

Julia fez questão de pagar o café – fez isso às escondidas, com um vale-presente da Starbucks. Quando eles enfim entraram no Segovia, foram recebidos por um hispânico de aparência agradável que se apresentou como o dono do restaurante. Para sua alegria, Paul respondeu em espanhol.

O interior do Segovia ostentava paredes de um amarelo-vivo, pintadas com os desenhos que Picasso fizera de Dom Quixote e Sancho Pança. Um violonista clássico estava sentado a um canto, tocando arranjos de Andrés Segovia. E, perto dali, uma série de mesas longas tinha sido disposta num quadrado, bem no centro do salão, marcando o espaço reservado para o jantar do corpo docente. Julia não gostou da ideia de se sentar à mesma mesa que a Professora Agonia e, se pudesse escapar dali sem ofender o professor Martin, teria feito isso.

Paul escolheu dois lugares em um dos cantos mais afastados da mesa, consciente do sistema de classes, que não reservava a eles um lugar de honra. Enquanto ele conversava com o garçom *en español* sobre o cardápio, Julia refletiu em silêncio sobre o ciúme de Gabriel e ligou sorrateiramente seu celular para lhe enviar um torpedo. No entanto, havia uma mensagem à sua espera:

Não venha para o jantar. Invente uma desculpa para Paul.
Espere por mim no meu apto; o porteiro vai deixar você entrar.
Explico mais tarde. Por favor, faça o que estou pedindo. – G

Julia ficou olhando sem ação para a tela até Paul cutucá-la.

– Quer uma bebida?

– Hum, acho que não é mais época de sangria, mas adoraria se eles tivessem.

– Nossa sangria é excelente – disse o garçom antes de se afastar para repassar seus pedidos ao barman.

Julia lançou um olhar de desculpas a Paul.

– Recebi uma mensagem de Owen. Desculpe a indelicadeza.

– Não se preocupe – falou Paul, concentrando-se no cardápio enquanto ela preparava rapidamente uma resposta:

Meu celular estava desligado. Tarde demais, já estou aqui.
Não precisa ter ciúmes, vou para casa com você.
Vai me ter na sua cama até amanhã de manhã. – J

Ela guardou o celular na bolsa, rezando para Gabriel não ficar zangado. *Ó deuses de todos as alunas que têm (acrescente aqui uma descrição apropriada para meu relacionamento com Gabriel) com professores superprotetores e ciumentos, por favor, evitem que ele faça uma cena. Não na frente dos seus colegas.*

Infelizmente para Julia e para quem quer que tivesse lhe enviado um torpedo, a bolsa abafou o alerta de recebimento de mensagem que tocou logo em seguida.

Vinte minutos depois, o restante dos convidados já havia chegado. A professora Leaming e alguns outros acadêmicos estavam sentados do lado de Paul. Na extremidade oposta, Gabriel estava entre os professores Martin e Singer.

Quando viu Gabriel e seus companheiros de mesa, Julia começou a bebericar sua sangria com mais entusiasmo do que devia, na esperança de que o garçom lhe trouxesse outra para aliviar a tensão que pairava no ar. A sangria era deliciosa e cheia de pedaços de frutas cítricas, o que a agradou bastante.

– Está com frio? – Paul gesticulou para a pashmina roxa elegantemente enrolada nos ombros dela.

– Não exatamente. – Ela retirou a pashmina devagar e a pôs em cima da bolsa.

Paul desviou educadamente o olhar quando a pele pálida e delicada do pescoço e do colo de Julia ficou visível. Ela era linda, e seu corpo, embora pequeno, era abençoado com seios generosos que lhe proporcionavam um colo muito bonito e proporcional.

Imediatamente, um par de olhos azuis ciumentos atravessou a mesa como um raio, assimilando com voracidade sua pele recém-exposta antes de se desviar.

– Paul, qual é a história com a professora Singer? – Julia manteve a voz baixa atrás de sua taça de vinho.

Ele viu Singer se sentar perto demais de Emerson, e percebeu quando o professor sutilmente afastou sua cadeira. A professora reagiu aproximando a sua. Mas Julia não percebeu nada disso.

– Ela e Emerson tiveram um caso. Parece que estão voltando. – Paul deu uma risadinha. – Acho que acabamos de descobrir por que ele passou a semana tão bem-humorado.

Os olhos de Julia se arregalaram e ela ficou enjoada.

– Então ela era... namorada dele?

Paul aproximou a cadeira para que a professora Leaming não ouvisse a conversa. É claro que o fato de um dançarino de flamenco ter aparecido e estar se apresentando ao som dos acordes altos de um violão clássico facilitou muito sua tarefa.

– Só um instante. – Ele passou um prato de tapas para Julia. – Experimente isso. É chouriço com queijo Manchego e torradas com Cabrales, um *blue cheese* espanhol.

Ela se serviu, mordiscando os petiscos e ansiosa pela resposta dele.

– Singer não tem namorados. Ela gosta de dor. E de controle. Sabe como é... – Paul

deixou a voz sumir sugestivamente.

Julia pestanejou, incrédula.

– Você já viu *Pulp Fiction*? – perguntou ele.

Ela negou com a cabeça.

– Não gosto de Quentin Tarantino. É macabro demais.

– Então digamos apenas que ela gosta de ser bastante medieval... em sua vida particular... com o traseiro dos outros. E não se importa nem um pouco que as pessoas saibam disso. Ela pesquisa esse tipo de coisa e publica artigos na internet.

Julia engoliu depressa um pedaço de chouriço.

– Então quer dizer que ele...

– É tão doente quanto ela. Mas é um ótimo pesquisador, como você viu hoje à tarde. Tento não pensar no que ele faz com sua vida pessoal. Acho que amantes deveriam ser carinhosos um com o outro. Não que amor tenha alguma coisa a ver com o que eles fazem.

Paul correu os olhos pelo salão, cauteloso, antes de sussurrar no ouvido de Julia:

– Acho que, se você se importa com uma pessoa a ponto de fazer sexo com ela, deveria respeitá-la, e não tratá-la como um objeto. Deveria ser responsável, cuidadoso e nunca, nunca machucá-la. Mesmo que ela seja perturbada o bastante para implorar que você faça isso.

Julia estremeceu e tomou um gole generoso de sua segunda sangria.

Ele se recostou na cadeira.

– Sou incapaz de me relacionar com alguém que deseje qualquer tipo de dor, quanto mais durante o sexo, que deveria ter a ver com prazer e afeto. Você acha que Dante teria amarrado Beatriz e lhe dado uma surra de chicote?

Julia hesitou, mas acabou balançando a cabeça.

– Durante a minha graduação na St. Mike's, fiz um curso sobre a Filosofia do Sexo, do Amor e da Amizade. Um dos temas abordados foi o do consentimento. Sabe aquele senso comum de que não há problema, desde que dois adultos estejam de comum acordo? Nosso professor perguntou se achávamos que um ser humano poderia consentir com uma injustiça, como vender a si próprio como escravo.

– Ninguém quer ser escravo.

– No mundo da Professora Agonia, eles querem. Algumas pessoas se vendem como escravos sexuais... voluntariamente. Isso quer dizer que a escravidão é aceitável se o outro quiser assumir esse papel? Será que uma pessoa pode consentir racionalmente em se escravizar, ou ela é simplesmente irracional por querer isso para si?

Julia começou a se sentir bastante desconfortável com aquela conversa, ainda mais tão perto da Professora Agonia e de Gabriel, então tomou rapidamente o restante da sangria e logo mudou de assunto.

– Qual o tema da sua tese, Paul? Acho que você nunca me disse.

Ele deu uma risadinha.

– O prazer e a visão beatífica. É uma comparação entre os pecados capitais associados ao prazer, como luxúria, gula e avareza, e o prazer da visão beatífica no Paraíso. Emerson é um excelente orientador, mas, como falei, mantenho distância de sua vida pessoal. Embora ache que ele provavelmente daria um ótimo estudo de caso para o Segundo Círculo do Inferno.

– Não entendo por que as pessoas não se contentam com a gentileza – refletiu Julia, mais para si mesma do que para Paul. – A vida já é dolorosa demais.

– Este é o mundo em que vivemos. – Ele lhe ofereceu um sorriso sincero. – Espero que seu namorado seja carinhoso com você. Agradeça por ter encontrado alguém que não goste de nada doentio.

Nesse exato momento, eles foram interrompidos pelo garçom e Paul não pôde ver a cor sumir das faces e dos lábios de Julia. Ela lançou um olhar involuntário para Gabriel e viu Singer sussurrar outra vez em seu ouvido.

Os olhos de Gabriel continuaram teimosamente fixos na mesa à sua frente, seus dentes cerrados e a mandíbula tensa. Ele pegou sua taça de vinho, tomou um gole e voltou a pousá-la sobre a mesa, tudo isso sob o olhar atento de Julia.

Olhe para mim, Gabriel. Revire os olhos, esfregue o rosto, feche a cara... faça alguma coisa, qualquer coisa. Mostre que tudo isso não passa de um mal-entendido. Mostre que Paul está enganado.

– Julia? – A voz de Paul interrompeu seus pensamentos. – Quer dividir uma paella valenciana comigo? Eles só servem para dois. É muito boa. – Só então ele notou a palidez de Julia e o tremor em seus dedos. – Ei, você está bem?

Ela esfregou a testa.

– Estou. Paella está ótimo.

– Talvez fosse melhor pegar leve na sangria. Você não comeu muita coisa e está começando a parecer indisposta.

Paul estava preocupado que a tivesse chocado com suas revelações indecorosas, que ele não tinha o menor direito de compartilhar com uma colega. Então mudou de assunto, contando-lhe histórias sobre sua última viagem à Espanha e falando sobre sua fascinação pela arquitetura de Gaudí. Ela assentiu como se seguisse um roteiro e até fez uma ou outra pergunta, mas sua mente estava distante, tentando descobrir com quem exatamente tinha dividido lençóis uma semana atrás: o anjo caído que ainda possuía bondade dentro de si, ou alguém muito mais sombrio?

Ela notou que a mão esquerda da professora Singer tinha sumido de vista. Não conseguiu atrair o olhar de Gabriel, mas isso não impediu que a professora reparasse nela. Os olhares das duas se cruzaram no exato momento em que Gabriel parecia

empurrar a mão dela por baixo da mesa. Constrangida, Julia se virou para Paul, enquanto Singer lhe lançava um olhar de divertimento e curiosidade, que lentamente se transformou em fascínio.

Ansiosa por escapar do espetáculo sórdido que achava estar presenciando, Julia deixou a mesa, dando a Paul a desculpa esfarrapada de que não estava se sentindo bem. Subiu as escadas até o segundo piso e encontrou rapidamente o banheiro. Examinando seu rosto no espelho, tentou processar o que Paul lhe dissera. Seus pensamentos eram uma confusão vil de palavras e imagens macabras e sentia seu coração apertado.

Por que alguém iria querer apanhar? Gabriel e Ann... dor... controle... os dedos de Ann no colo de Gabriel... Ann batendo em Gabriel... Gabriel batendo em Ann.

Julia se apoiou na pia, lutando contra uma onda de enjoo. Não saberia dizer ao certo quanto tempo ficou ali, de olhos fechados, até que alguém entrou.

– Olá. – A professora Singer abriu um sorriso largo, revelando dentes brilhantes.

Julia ficou impressionada com o reflexo da luz que batia nos óculos da professora e enganava seu cérebro, dando-lhe a impressão de que os olhos verdes dela emitiam um brilho vermelho.

– Eu sou a professora Singer. É um prazer conhecê-la. – Ela estendeu a mão e Julia a aceitou com relutância, balbuciando uma resposta.

A mão da professora era fria, mas nem um pouco sem vida. Ela apertou a mão de Julia com firmeza e por muito mais tempo do que o normal. Quando a soltou, correu um dedo por sua linha da vida, como se a estivesse medindo de propósito. O gesto fez Julia tremer.

Ann inclinou a cabeça para um lado e estreitou os olhos.

– Achei que estivesse me esperando. Estou deixando você nervosa?

Julia franziu as sobrancelhas.

– Não, vim lavar as mãos. Acho que estou ficando gripada.

– Que pena. – A professora alargou ainda mais seu sorriso e se aproximou um passo. – Você me parece bem saudável. Tem uma pele linda.

– Obrigada. – Julia lançou um olhar em direção à porta, louca para escapar dali.

– Não por isso. Está de batom ou essa é a cor natural dos seus lábios? – Ela dobrou a cintura para a frente e olhou a boca vermelha de Julia de perto demais, seus rostos a poucos centímetros um do outro.

Julia recuou um passo.

– Hum, é a cor natural.

Ann deu mais um passo à frente.

– Extraordinário. Você sabe, é claro, que a cor natural dos lábios se repete em locais mais íntimos do corpo da mulher. Se a cor da sua boca é tão bonita, imagino que seja estonteante em outras partes.

Julia ficou boquiaberta.

– Olhe-se no espelho. Como eu poderia não tê-la notado lá embaixo? E, para minha sorte, você também reparou em mim. – Ann se aproximou mais um passo e baixou a voz. – Você gosta de assistir? – sussurrou ela. – Gostou de ver o que eu estava fazendo com ele debaixo da mesa?

Julia ficou vermelha.

– Não sei do que você está falando.

– A pele muda de cor em resposta a um aumento no fluxo sanguíneo, sabia? Como agora. – Ela sorriu, mostrando os dentes. – Eu envergonhei você, ou a excitei, então suas faces coraram, assim como os seus lábios. Mas algo aconteceu em outra parte também, não foi? – Ela baixou ainda mais o tom de voz: – E, lá embaixo, aposto que está implorando para ser acariciada e provocada... – Ela lambeu os lábios e tornou a sorrir. – Minha pequena pérola cor-de-rosa. Acho que você quer que eu a provoque. Você daria um belo bichinho de estimação.

Julia a encarou com uma expressão desafiadora.

– Não estou interessada em ser o bichinho de estimação de ninguém.

Isso fez a professora Singer recuar. A repentina demonstração de brio de Julia foi totalmente inesperada.

– Sou um ser humano, não um animal. Me deixe em paz. – Julia não sabia onde tinha arranjado coragem para enfrentar a professora Singer, mas foi o que fez.

Ann gargalhou.

– Seres humanos *são* animais, minha querida. Possuímos a mesma fisiologia que eles, reagimos da mesma forma a estímulos, temos as mesmas necessidades de comida, bebida e sexo. Alguns de nós somos apenas mais inteligentes.

Julia a fuzilou com o olhar.

– Sou inteligente o bastante para saber o que é um animal. E não estou interessada em trepar como um. Com licença.

Ela se esquivou da professora e seguiu para a porta.

– Se mudar de ideia, me procure – ronronou Ann.

– Sem chance – rebateu Julia.

Ela fugiu, respirando muito rápido enquanto começava a trotar pelo corredor.

Passos ligeiros a seguiam de perto. Ela soltou um grito agudo quando alguém a puxou para dentro de um recinto escuro, fechando e trancando a porta em seguida. Ela empurrou com violência um peito duro até que alguém segurou seus pulsos.

– Julianne.

Estava escuro demais para ver o rosto dele, mas ela reconheceu a voz e a sensação estranha que se espalhava em seus braços como um choque quando Gabriel a tocava. Parou de se debater.

– Por favor, acenda a luz. Estou... claustrofóbica. – Sua voz soou como a de uma criança assustada.

Ele a soltou e pegou seu iPhone, segurando-o como uma lanterna.

– Melhor assim?

Gabriel conteve o impulso de perguntar o que luz tinha a ver com claustrofobia. Passou um braço pelos ombros trêmulos de Julia e pressionou os lábios em sua testa.

– Julianne?

Ela correu os olhos à sua volta por alguns instantes e se deu conta de que eles estavam num armário de vassouras.

– Julianne? – repetiu ele, tentando chamar sua atenção. – Vi Ann seguir você. Está tudo bem?

– Não.

– O que ela fez?

– Disse que eu daria um belo bichinho de estimação – sussurrou Julia, de olhos baixos.

O rosto de Gabriel ficou sombrio.

– Ela tocou em você?

Julia fechou os olhos e secou algumas gotas de suor da testa.

– Só na mão.

Ele diminuiu o brilho do telefone para que os dois ficassem na penumbra, pois estava preocupado que Ann conseguisse ver a luz por baixo da porta.

– Era isso que eu temia. Por que não fez o que pedi?

– Já falei. Quando recebi seu torpedo era tarde demais. Não esperava que fossem dar em cima de mim num jantar da universidade. Pelo menos não alguém que não fosse você.

Gabriel resmungou.

– Ela estava observando você do outro lado da mesa e deve ter ficado excitada com sua timidez e sua beleza. Colocar você no mesmo lugar que a professora Singer é como balançar um cordeiro na frente de um lobo. – Ele meneou a cabeça e praguejou. – Tentei mantê-la longe dela.

Julia perscrutou os olhos dele.

– Não estava me evitando porque estava com ciúmes?

Gabriel bufou.

– É claro que estou com ciúmes. Mas essa é uma emoção nova para mim, Julianne. Não sei lidar com ela. Mesmo assim, teria implorado a Paul para levá-la para jantar em algum outro lugar, qualquer um, só para mantê-la longe dela.

– Você já se envolveu com a professora Singer?

O rosto de Gabriel ficou carregado e ele apertou os lábios em uma linha fina.

– Aqui não é o lugar para falarmos disso.

Julia balançou a cabeça e voltou a ficar enjoada. Esperava que Paul estivesse enganado. Mas a reação de Gabriel lhe dizia o contrário.

– Como pôde?

– Você está tremendo. Está passando mal?

– Por que não responde à minha pergunta?

– Julianne – começou Gabriel, com os dentes cerrados –, seu conforto e bem-estar são minhas únicas preocupações no momento. Não vou responder nada enquanto não estiver convencido de que você está bem. Mas, se vomitar, prometo segurar seu cabelo. – Ele abriu um sorriso.

– Não vou vomitar – murmurou ela. – Infelizmente, ela não é a primeira mulher a dar em cima de mim. Estou mais incomodada com o fato de você estar me escondendo alguma coisa.

Gabriel franziu as sobrancelhas diante da revelação dela, mas logo afastou suas preocupações.

– Julianne, acredite em mim quando digo que você não vai querer saber mais a respeito dela. Sua mente deve permanecer pura.

– Mas ela pode provocar você debaixo da mesa à vontade? Foi por isso que a professora Singer reparou em mim, Gabriel. Ela me pegou olhando.

O queixo dele se contraiu e Julia viu faíscas em seus olhos.

– Ela está me provocando. E, por motivos óbvios, não posso reagir e fazer uma cena. Esperava que ela fosse ignorar você e concentrar toda sua atenção perversa em mim. Estava enganado.

– Por que tive que descobrir por Paul que você teve um caso com ela?

– Paul falou isso?

Ela assentiu.

Gabriel praguejou e começou a esfregar os olhos com força, como se tentasse apagar uma imagem repulsiva.

– Não esperava que ela viesse assistir à minha palestra. Não compartilhamos dos mesmos valores ou interesses acadêmicos. Hoje foi a primeira vez que a vi em meses. Ela faz parte de um passado que não irá se repetir. Nem que eu viva para sempre.

– Paul disse que ela gosta de dor. Vocês eram... violentos um com o outro?

Ele cerrou os punhos dos lados do corpo, os tendões de seus braços saltando.

– Sim. Gostaria de poder dizer que ela fez o papel de sedutora diabólica e que eu fui coagido a me envolver com ela, mas não foi assim. De todo modo, não vou lhe explicar os detalhes sombrios do mundo daquela mulher. Nem um só pensamento seu pertence àquele lugar. Mas vou lhe dizer que durante um de nossos... encontros, ela fez algo que me tirou do sério. Então eu a fiz provar do seu próprio veneno. Minha atitude foi suficiente para dar um fim ao que estávamos fazendo e ela me expulsou de sua casa na

mesma hora.

– Ela bateu em você?

– Mais de uma vez – disse Gabriel com a voz rouca e soturna. – Essa era a graça.

– *Gabriel.* – O nome dele saiu da boca de Julia como um soluço e o coração dela foi imediatamente perfurado. – Como pôde? Como pôde deixar que ela tocasse você, quanto mais que o machucasse?

Ele a envolveu com seus braços e a apertou com força.

– Julianne, não quero que você ouça isso. Por favor, esqueça o que Paul disse. Esqueça que ela existe.

– Não posso. Não posso esquecer o que você falou em sua palestra hoje à tarde. Sua descrição do ato de fazer amor foi linda, mas não é isso que você quer. Ou talvez ache impossível que amantes sejam assim.

Gabriel cravou os olhos nos dela.

– É claro que é isso que quero. É claro que acho possível. Só nunca experimentei nada parecido. – Ele pigarreou. – Você não é a única virgem neste relacionamento.

Ela o encarou, surpresa.

– Então por que iria querer que alguém o machucasse? Já não sofreu o bastante?

O rosto dele assumiu um ar de angústia.

– Gabriel, sua vida é uma série de quartos secretos, trancados a chave. Não faço ideia do que me aguarda atrás dessas portas. E você não quer me dizer! Tenho que descobrir sobre sua ex-namorada através do seu assistente de pesquisa!

– Ela nunca foi minha namorada. E, quando eu lhe perguntei sobre Simon, você também não quis me contar nada. Estamos quites.

Julia se encolheu.

– Eu lhe contei sobre minha mãe.

Gabriel suspirou.

– Sim, contou. E ouvir o que aconteceu com você em St. Louis me feriu mais do que eu jamais poderia imaginar. Mais do que Ann e seus joguinhos. – Ele balançou a cabeça. – Tem razão. Eu deveria ter lhe contado sobre ela.

Ele transferiu seu peso de um pé para outro e enfiou as mãos nos bolsos da calça.

– Achei que, quando lhe contasse, você fosse sentir tanto nojo que sairia correndo. Perceberia que eu sou mesmo um demônio.

– Você não é um demônio. É um anjo caído que ainda possui bondade dentro de si. Um anjo caído que deseja fazer amor com uma mulher e tratá-la com ternura – sussurrou Julia, fechando os olhos. – Ouvir a respeito da professora Singer da sua própria boca teria sido muito melhor do que descobrir desta forma, ter o fato esfregado na minha cara sem que você ao menos olhasse na minha direção.

– Eu carrego uma enorme vergonha, Julianne, um fardo que felizmente você mal

conhece.

– Você não é o único pecador aqui, Gabriel. – Ela abriu os olhos e respirou fundo, bem devagar. – E é por isso que não posso julgá-lo por seus pecados. Você ainda a deseja?

– É claro que não! – Ele ficou imediatamente indignado. – Nós não tivemos um *relacionamento*, Julianne... apenas alguns encontros. Foi há mais de um ano e não saio com ela desde então. – Ele suspirou com força. – Se você insiste, vou lhe contar mais detalhes, mas não agora. Pode esperar até o final do jantar para ouvir minhas explicações? Por favor?

Ela mordeu o lábio, pensativa.

Gabriel pressionou sua boca contra a dela com cuidado, libertando o lábio de Julia com o seu e soltando-a devagar.

– Por favor, não se machuque. Isso me incomoda.

– Eu poderia dizer o mesmo a você.

Os ombros de Gabriel se curvaram para a frente e ele resmungou um pouco.

– Vou esperar até o final do jantar, mas só se me prometer que não vai deixá-la pôr as mãos em você.

– Com prazer.

Julia suspirou com força.

– Obrigada.

– Então você vai ficar?

Ela balançou a cabeça.

– Não conseguiria me sentar de frente para aquela mulher e comer. Ela embrulha meu estômago.

– Vou levá-la para casa.

– Você é o convidado de honra. Não pode ir embora.

Gabriel passou os dedos pelo cabelo, pensando.

– Pelo menos me deixe chamar um táxi para você. Vou tentar me liberar o mais rápido possível. Meu porteiro vai deixá-la entrar. – Ele enfiou a mão no bolso e pegou um maço de notas.

Ela afastou sua mão com um gesto.

– Tenho meu próprio dinheiro.

– Vou deixar meu cartão de crédito com você para pedir um jantar.

– Não vou conseguir comer.

Ele bufou e esfregou os olhos.

Ela se virou para ir embora, mas Gabriel estendeu a mão e segurou seu ombro.

– Espere. – Ele baixou os olhos para Julia e falou, em tom de súplica: – Quando vi você no auditório, meu coração saltou no peito. Você estava mais bonita do que nunca. Parecia... feliz. – Ele engoliu em seco. – Lamento ter estragado isso. Lamento não lhe ter

dito a verdade. Você acha... que consegue me perdoar?

– Você não pecou contra mim, Gabriel. – Os olhos dela se encheram de lágrimas. – Estou tentando descobrir até onde vai esse seu gosto pela dor e o que ele significa para nós. Tenho a sensação de que não faço ideia de quem você é de verdade, e isso me machuca.

Com essas palavras, ela saiu do armário de vassouras.

◆◆◆

As Parcas favoreceram Julia quando ela voltou à mesa do jantar. Enquanto pegava suas coisas e inventava uma desculpa para sair, Ann continuou enfurnada no banheiro. Uma segunda professora não estava à mesa.

Bastou um olhar para o rosto pálido e os olhos lacrimosos de Julia para Paul ter certeza de que não adiantaria tentar convencê-la a ficar. E, quando ela lhe contou a óbvia mentira de que estava com enxaqueca, ele não a questionou até os dois estarem do lado de fora do restaurante.

– Singer a seguiu até o banheiro, não foi?

Julia mordeu o lábio e assentiu.

Ele balançou a cabeça.

– Ela é uma predadora. É perigosa. Eu deveria ter alertado você. Está tudo bem?

– Sim. Mas preciso ir para casa. Sinto muito pela paella.

– Que se dane a paella. A única coisa que me interessa é você. – Ele se encolheu um pouco. – Se quiser dar queixa contra ela, posso acompanhá-la ao escritório do Comitê Disciplinar na segunda-feira mesmo.

– O que é isso?

– É o órgão que cuida das queixas de conduta imprópria contra membros do corpo docente e funcionários da universidade. Se quiser contar ao Comitê Disciplinar o que aconteceu com Singer, eu a ajudarei.

Julia balançou a cabeça.

– Não havia nenhuma testemunha. Seria minha palavra contra a dela. Vou tentar esquecer o que aconteceu, a não ser que ela volte a se aproximar de mim.

– A decisão é sua, mas você deveria saber que eu dei queixa contra ela no ano passado. Embora fosse a palavra dela contra a minha, a queixa de assédio continua na ficha dela. Singer agora se mantém longe de mim. Foi a melhor decisão que tomei na vida.

– Acho que prefiro não fazer isso, mas não vou descartar a hipótese. E sinto muito pelo que aconteceu com você.

– Não se preocupe comigo. Tenha um bom fim de semana e tente esquecer isso. Se precisar conversar, tem meu número. Nos vemos semana que vem.

Quando o táxi arrancou, Paul lançou-lhe um olhar encorajador e acenou.

Com as palavras do seu Virgílio ecoando nos ouvidos, Julia conferiu o celular. Viu um torpedo que tinha sido enviado logo antes de os professores chegarem ao Segovia:

Fique longe da Prof. Singer.
Não desgrude de Paul – ela o detesta.
Tenha cuidado. – G

Tarde demais, pensou ela com tristeza.

Assim que entrou no apartamento de Gabriel, Julia acendeu a lareira, na esperança de afugentar as sombras que rondavam o seu coração. Mas não adiantou muito. Na verdade, tudo o que queria era ir para a cama e enfiar a cabeça debaixo das cobertas. Mas sabia que não era hora de se esconder da realidade.

Não queria ser bisbilhoteira, mas logo se viu no quarto de Gabriel, ajoelhada no chão do seu closet. Estava procurando as fotografias em preto e branco, se perguntando se a professora Singer estaria em alguma delas. Seus cabelos certamente eram da cor certa. Mas as fotos não estavam mais ali. Julia vasculhou cada centímetro do closet e do quarto, até debaixo da cama. As fotos tinham sumido.

No lugar delas, havia seis quadros pendurados na parede, alguns abstratos, outros renascentistas, um de Tom Thomson, mas todos lindos e estranhamente... serenos. Gabriel havia redecorado seu quarto.

Julia parou em frente à cômoda, admirando a reprodução da *Primavera* de Botticelli que havia em cima dela. Foi então que seu olhar pousou sobre uma fotografia de 20x25cm numa moldura preta. Ela mostrava um homem e uma mulher dançando. O homem era alto, atraente, elegante e imponente, e olhava para a mulher com uma expressão intensa, quase ardorosa.

A mulher era baixinha e estava ruborizada, olhando para os botões da camisa dele. Usava um vestido roxo de um tom tão vibrante que parecia ofuscar todas as outras cores da fotografia.

Como ele conseguiu uma foto nossa dançando no Lobby?

Rachel, pensou.

Julia colocou a foto de volta no lugar e saiu do quarto, tomando o cuidado de deixar tudo exatamente como havia encontrado.

CAPÍTULO VINTE E UM

Enquanto Julia esperava em seu apartamento, Gabriel bancava o camaleão, misturando-se ao ambiente. Comportava-se de forma charmosa e cortês com seus colegas, mas, durante todo o tempo, seu estômago estava embrulhado e sua mente, a mil. Ele precisou se forçar a comer e recusou todas as bebidas. Estava convencido de que, ao voltar, encontraria o apartamento vazio. Julianne iria fugir.

Não era nenhuma surpresa – ele sabia que isso iria acontecer em algum momento. Só não esperava que *esse* seria o segredo que os separaria. Ele era indigno de Julia por vários motivos, que escondia como um covarde. Não era uma questão de amor, pois Gabriel não acreditava que ela fosse capaz de amá-lo um dia. Ele não merecia ser amado. Ainda assim, esperava conseguir cortejá-la por tempo suficiente para que o afeto e a amizade que sentiam os unissem, mesmo diante de parte da escuridão dele. Agora, era tarde demais.

Quando finalmente chegou em casa, ficou surpreso ao encontrá-la dormindo no sofá, seu rosto refletindo a mais perfeita paz. Tentou bravamente ficar parado, resistir ao impulso de tocá-la, mas não conseguiu. Estendeu a mão e acariciou de leve seus cabelos longos e sedosos, murmurando palavras tristes em italiano.

Ele precisava de música. Naquele instante, sentia necessidade de melodia e versos para aliviar sua agonia. Mas a única canção que combinaria com o momento era a versão de Gary Jules para “Mad World”. E Gabriel não queria estar ouvindo essa música quando Julianne o abandonasse.

De repente, os olhos dela se abriram. Ela notou que Gabriel não estava mais usando o colete e a gravata e tinha aberto os três primeiros botões da camisa. Também havia tirado as abotoaduras e enrolado as mangas.

Ele sorriu, mas a expressão em seu rosto era de cautela.

– Não queria acordá-la.

– Tudo bem. Estava só cochilando. – Ela bocejou e sentou devagar.

– Pode voltar a dormir.

– Não acho que seja uma boa ideia.

– Você comeu alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

– Por que não come algo agora? Posso fazer uma omelete.

– Estou enjoada.

Ele ficou irritado, mas não quis discutir, pois sabia que uma discussão muito maior estava por vir.

– Trouxe um presente para você.

– Gabriel, um presente é a última coisa de que preciso agora.

– Não concordo. Mas isso pode esperar. – Gabriel se remexeu no sofá, desconfortável, sem desgrudar os olhos dela. – Você está de cachecol e diante da lareira, mesmo assim continua muito pálida. Está com frio?

– Não. – Julia fez menção de tirar sua pashmina, mas os dedos longos e finos de Gabriel seguraram sua mão.

– Posso?

Ela recolheu a mão e assentiu, desconfiada.

Gabriel se aproximou e Julia fechou os olhos, sentindo seu perfume. Ele desenrolou gentilmente a pashmina de seu pescoço com ambas as mãos e a pôs no sofá, entre os dois. Em seguida, estendeu a mão para correr os nós dos dedos pelo pescoço de Julia.

– Você é tão linda – murmurou. – Não é de espantar que todos os olhos estivessem voltados para você esta noite.

Ela ficou tensa ao ouvir essas palavras e Gabriel recuou, contendo um gemido.

Gabriel fixou o olhar nos pés dela e Julia percebeu que, de tão distraída, não havia se dado o trabalho de tirar as botas. Mas ele não reclamou.

– Desculpe ter posto as botas em cima do sofá. Vou tirá-las.

Ela pegou um dos zíperes, mas ele se moveu depressa, ajoelhando no carpete.

– O que você está fazendo? – Ela arregalou os olhos, confusa.

– Estava admirando suas botas. Gostei muito delas. – Ele acariciou de leve os saltos altos.

– Rachel me ajudou a escolhê-las. Ela tem muito bom gosto, mas os saltos são altos demais.

Ele a encarou com um olhar sedutor.

– Seus saltos jamais poderiam ser altos demais. Mas deixe-me libertá-la. – O coração de Julia parou de bater por um instante ao som da voz rouca e devotada dele.

As mãos de Gabriel pairaram sobre os joelhos dela, onde começavam os zíperes.

– Posso?

Ela assentiu e prendeu a respiração.

Com reverência, ele abriu o zíper da bota e correu os dedos carinhosamente ao longo de sua panturrilha, até o tornozelo, libertando-a. Repetiu o procedimento na outra perna, largando as botas ao lado do sofá. Então ergueu o pé direito de Julia e começou a massageá-lo de leve com as duas mãos. Julia gemeu a contragosto e, com vergonha, mordeu o lábio com força.

– Pode demonstrar seu prazer à vontade, Julianne – disse ele, incentivando-a. – Isso renova minhas esperanças de que não sou completamente repulsivo para você.

– Não acho você repulsivo. Mas não gosto de vê-lo de joelhos – ela sussurrou.

A expressão de contentamento em seu rosto desapareceu.

– Quando um homem se ajoelha diante de uma mulher, é um gesto de cavalheirismo. Quando uma mulher se ajoelha diante de um homem, é indecente.

Julia soltou outro gemido involuntário.

– Como você aprendeu a fazer isso?

Ele a encarou, intrigado.

– Massagem nos pés – esclareceu ela, ficando ainda mais vermelha.

Ele suspirou.

– Com uma amiga.

Provavelmente uma das amigas das fotografias em preto e branco, pensou Julia.

– Sim – falou Gabriel, como se adivinhasse sua pergunta. – Eu gostaria de estender minhas atenções ao restante do seu corpo, mas duvido que uma massagem completa seja possível para nós, pelo menos por enquanto.

A expressão dele ficou um tanto carregada quando seus olhares se cruzaram.

Ele baixou os olhos, voltando sua atenção para o outro pé de Julia.

– Já anseio pelo seu corpo, Julianne. Não sou forte o suficiente para tocá-la com inocência, não se estiver deitada diante de mim coberta apenas por um lençol.

Eles passaram alguns instantes sentados em silêncio, enquanto Gabriel se ocupava dos pés de Julia. Algum tempo depois, ele se sentou sobre os calcanhares, correndo os dedos de leve ao longo da meia-calça dela.

– Posso levá-la para casa, se quiser, e deixamos para conversar amanhã. Ou, se preferir, pode ficar aqui. Você pode dormir na suíte e eu durmo no quarto de hóspedes. – Ele perscrutou seus olhos, inseguro.

– Não quero prolongar isso – sugeriu ela. – Gostaria de conversar, se não tiver problema.

– Por mim, tudo bem. Posso lhe oferecer uma bebida? – Gabriel gesticulou em direção à cozinha. – Posso abrir uma garrafa de vinho. Ou lhe preparar um drinque. – Ele a encarou com um olhar intenso. – Por favor, deixe-me fazer algo por você.

Uma chama se acendeu no corpo de Julia, inflamando-se e atravessando-a por inteiro. Mas ela a extinguiu.

– Um copo d'água, por favor. Preciso estar com a cabeça lúcida.

Ele se levantou e foi até a cozinha. Julia o escutou lavar as mãos e, logo em seguida, abrir as portas da geladeira e do freezer. Quando voltou, Gabriel trazia um copo alto cheio de água Perrier, gelo e fatias de lima-da-pérsia.

– Hã, Gabriel, você me dá licença por um instante?

– Leve o tempo que precisar. Volte quando estiver pronta. – Ele arriscou um sorriso, mas seu rosto estava tenso demais para torná-lo sincero.

Julia desapareceu com sua bebida e Gabriel supôs que ela estivesse aproveitando para

se preparar para a próxima revelação que ele iria fazer a respeito de sua existência infeliz e amaldiçoada. Ou talvez ela fosse se trancar no banheiro e exigir conversar com ele por trás da porta. Não que Gabriel fosse culpá-la por isso.

A mente de Julia estava a mil. Não sabia o que Gabriel iria dizer. Não sabia como ela própria reagiria. Era bem possível que descobrisse coisas que lhe tornariam impossível continuar se relacionando com ele e essa ideia a deixava arrasada. Pois, independentemente do que Gabriel houvesse feito e com quem, Julia o amava. A ideia de perdê-lo outra vez, depois da alegria do reencontro, era angustiante.

Gabriel estava sentado em sua poltrona de veludo vermelho, fitando a lareira com o olhar perdido. Vestido daquele jeito e taciturno como estava, parecia muito um personagem de algum romance das irmãs Brontë. Quando Julia se aproximou dele, pediu silenciosamente a Charlotte que Gabriel fosse como suas criações, e não como as de sua irmã Emily.

Perdão, Srta. Charlotte, mas Heathcliff me dá arrepios. Por favor, não deixe que Gabriel seja um Heathcliff. (Com todo o respeito, Srta. Emily.) Por favor.

De onde Julia estava, Gabriel não conseguia vê-la. Ela pigarreou para anunciar sua presença.

Ele gesticulou para o fogo.

– Venha se aquecer.

Ela fez menção de se sentar no carpete diante do fogo, mas Gabriel estendeu a mão para impedi-la. Ele forçou um sorriso.

– Por favor. Sente-se no meu colo. Ou na otomana, ou no sofá.

Ele ainda não gosta de me ver no chão, pensou Julia. Ela não se incomodava com a ideia de sentar no piso diante da lareira, mas ele se ofendia. Sem querer discutir por algo tão banal, ela recusou seu colo em favor da otomana e se sentou em silêncio, olhando para as chamas azuis e laranja. Já não pensava nele como o Professor, mas como Gabriel, o professor dela, seu amado.

Gabriel se remexeu em sua poltrona, perguntando-se por que ela quisera ficar tão longe dele. *Porque agora ela sabe o que você é e está com medo.*

– Por que não gosta de me ver de joelhos? – perguntou ela, quebrando o silêncio.

– Talvez nossa conversa de hoje à noite faça você entender. E meus motivos foram exacerbados e reforçados pelo que me contou em seu apartamento. – Ele fez uma pausa e a encarou com um olhar incisivo. – Você já é humilde demais normalmente, e as pessoas se aproveitam da sua natureza gentil.

– Alunos precisam se sujeitar a certas coisas. Todo mundo sabe disso.

– O fato de ser estudante não tem nada a ver com isso.

– Você sempre vai ser o professor talentoso e eu sempre serei sua aluna – comentou ela em voz baixa.

– Você se esquece de que eu a conheci muito antes de você ser uma aluna e eu, professor. E você não vai ser estudante para sempre. Estarei sentado na primeira fila quando der sua primeira palestra. Quanto ao seu preconceito contra professores, *se nos perfurarem, não sangramos*?

– *E se nos fizerem mal, não buscamos vingança?* – retrucou Julia.

Gabriel se recostou na poltrona, permitindo-se um sorriso de apreciação.

– Está vendo? Quem é o professor agora, Srta. Mitchell? Minhas únicas vantagens são a idade e a experiência.

– A idade não necessariamente traz sabedoria.

– É claro que não. Você é jovem, mas é esforçada, inteligente e está apenas no começo do que promete ser uma carreira longa e brilhante. Talvez eu não tenha feito o bastante para demonstrar minha admiração pela sua inteligência.

Ela ficou em silêncio, fingindo estar hipnotizada pelas chamas dançantes e vorazes.

Ele pigarreou.

– Ann não me machucou, Julianne. Quase nunca penso nela e, quando penso, é com arrependimento. Ela não deixou cicatrizes.

Julia lançou seus olhos transtornados em direção aos de Gabriel, de um azul enérgico e fervoroso.

– Nem todas as cicatrizes marcam a pele. Por que foi escolher logo ela?

Ele deu de ombros, virando-se para o fogo.

– Por que os seres humanos fazem as coisas? Porque estão buscando a felicidade. Ela me prometeu prazer selvagem e intenso e eu precisava me distrair.

– Você deixou que ela o machucasse porque estava entediado? – Julia ficou imediatamente enjoada.

O rosto de Gabriel ficou mais duro.

– Não espero que entenda. Mas, na época, eu precisava de algum tipo de distração. Minhas escolhas eram a dor ou o álcool e não estava disposto a fazer nada que pudesse chegar aos ouvidos de Richard e Grace. Eu tentei... interagir com mulheres, mas meus envolvimentos logo perdiam o encanto. Orgasmos sempre disponíveis, mas sem alma, podem se tornar cansativos, Julianne.

Vou me lembrar disso, pensou ela.

– A maneira como a professora Singer agiu com você durante a palestra... e depois no jantar... ela não se comporta como uma mulher desprezada.

– Se existe algo que ela despreza é a fraqueza. E não aceita fracassos. Tentar me controlar e não conseguir foi um golpe duro contra sua reputação e seu ego gigantesco. Ela não está interessada em alardear sua derrota.

– Você se importa com ela?

– Nem um pouco. Ela é um demônio desalmado e sem coração.

Julia olhou de volta para o fogo e franziu os lábios.

– Eu não começaria nada com Ann sem antes fazer um teste. E esse teste foi tudo o que houve entre nós. Em outras palavras, embora tenhamos... interagido, estritamente falando eu não me envolvi com ela.

– Você vai me desculpar, mas não conheço o vocabulário específico para entender o que está tentando me dizer.

– Estou tentando lhe explicar isso sem macular sua inocência além do absolutamente necessário. Não me peça que seja explícito.

– Você ainda quer o que ela tem a oferecer?

– Não. Foi um desastre.

– Com alguma outra pessoa?

– Não.

– Mas e quando a escuridão voltar? O que vai fazer?

Gabriel olhou para ela.

– Achei que tivesse sido claro. Você dispersa a escuridão, Beatriz. – Ele pigarreou. – Julianne.

– Diga que ela não está nas fotos.

– Claro que não. Eu gostava das mulheres que estão naquelas fotografias.

– Por que você foi expulso da casa dela?

Ele cerrou os dentes.

– Fiz algo que no mundo dela é absolutamente inaceitável. E não vou mentir e dizer que não gostei da expressão em seu rosto quando a obriguei a provar do seu próprio veneno. Mesmo que para isso tenha quebrado uma de minhas regras mais sagradas.

Julia estremeceu.

– Então por que ela ainda persegue você?

– Eu represento o fracasso dela, sua incapacidade de me controlar. E possuo certas habilidades.

Julia ruborizou, constrangida.

– Ann também se interessava pelo meu talento como pugilista. Quando descobriu que eu era boxeador e membro do Clube de Esgrima de Oxford, não me deixou mais em paz. Nós compartilhamos desses hobbies, infelizmente.

Julia passou os dedos pela cicatriz escondida debaixo dos seus cabelos.

– Não posso estar com uma pessoa que bate nos outros, Gabriel. Seja por raiva, por prazer ou por qualquer outro motivo.

– E não deveria. Não é de minha natureza ser violento com mulheres, mas sedutor. Ann foi uma exceção. E, se estivesse a par das circunstâncias, acho que me perdoaria.

– Também não posso estar com uma pessoa que quer apanhar. A violência me assusta, Gabriel. Por favor, entenda isso.

– Eu entendo. De verdade. Achava que o que Ann tinha a oferecer pudesse me ajudar a lidar com meus problemas. – Ele balançou a cabeça com tristeza. – Julianne, nada foi mais doloroso para mim do que o momento em que tive que olhar nos seus olhos e admitir meu envolvimento sórdido com ela. Quem me dera, para o seu bem, não ter um passado. Quem me dera ser tão bom quanto você.

Julia baixou os olhos para as próprias mãos, que se contorciam em seu colo.

– A ideia de alguém machucando você... tratando-o como um animal... – A voz dela começou a tremer e seus olhos se encheram de lágrimas. – Não me importa que você tenha feito sexo com ela. Não me importa que ela não tenha deixado marca alguma. O que não consigo suportar é a ideia de alguém machucá-lo, ainda mais se era isso que você queria.

Gabriel apertou os lábios, mas ficou calado.

– Só de pensar em alguém batendo em você, fico enojada.

Ele contraiu o maxilar ao ver duas lágrimas solitárias escorrerem pelas faces de Julia.

– Você deveria estar com uma mulher que o tratasse com carinho. – Ela secou o rosto com as costas da mão. – Prometa que nunca vai voltar para ela. Nem para alguém como ela.

Gabriel a encarou com um olhar incisivo.

– Prometi que você não precisaria me dividir com ninguém. Eu mantenho minha palavra.

Ela balançou a cabeça.

– Quando eu digo nunca, quero dizer para sempre. Depois de mim. Prometa.

Ele rosnou.

– Você fala como se fosse certo que haverá um depois.

Ela secou outra lágrima.

– Prometa que não vai se punir permitindo que as pessoas abusem de você. Não importa o que aconteça.

Ele cerrou os dentes.

– Prometa, Gabriel. Nunca mais vou lhe pedir nada, mas me prometa isso.

Ele estreitou os olhos e a analisou detidamente. Então, aparentemente satisfeito, assentiu:

– Eu prometo.

O corpo de Julia relaxou e ela deixou sua cabeça cair, física e emocionalmente exausta.

Durante toda a conversa, ele a observara com atenção, o rubor e a palidez se alternando em sua pele, a maneira como ela se remexia e puxava seu vestido. Doía-lhe mais do que ele poderia imaginar ver Julia tão transtornada. E a visão das suas lágrimas...

O anjo de olhos castanhos estava chorando pelo demônio. O anjo chorava porque a simples ideia de que alguém o machucasse lhe causava sofrimento.

Sem uma única palavra, ele a puxou para o seu colo. Pressionou a cabeça dela com carinho contra o peito, envolvendo-a com os braços.

– Chega de choro. Já vi lágrimas suas o suficiente para uma vida inteira – sussurrou ele, pressionando os lábios na orelha dela. – E não sou digno de nenhuma delas.

Ele suspirou, arrependido.

– Foi muito egoísmo meu procurá-la, Julianne. Você deveria estar com alguém da sua idade, que seja tão bom quanto você. Não com um monstro desnaturado como eu.

– Em alguns momentos, você é tão inocente quanto eu.

– Quando?

– Quando me abraça. Quando acaricia meus cabelos – sussurrou ela. – Quando estamos na cama.

O rosto dele assumiu uma expressão angustiada.

– Se não me quiser, basta dizer e eu desaparecerei da sua vida para sempre. Não quero que tenha medo do que pode acontecer se me rejeitar. Prometo que a deixarei ir embora, se é isso que quer.

Julia ficou calada, pois não sabia o que dizer.

– Sei que sou controlador e, como você já disse, autoritário. – A voz de Gabriel estava grave e tensa. – Mas nunca faria com você o que ela faz. Não vou machucá-la, Julianne. Seria incapaz disso. – Ele correu as pontas dos dedos pelo braço de Julia, sentindo-a arrepiar-se por causa tanto de suas palavras quanto de seu toque.

– Estava mais preocupada com o que Ann fez a você.

– Havia muito tempo que ninguém se preocupava comigo.

– A sua família se preocupa. E eu também, sabia? Antes mesmo de vir para Toronto. Pensava em você todos os dias.

Ele deu um beijo suave em seus lábios e Julia retribuiu com ternura.

– Apesar dos deslizes que cometi no passado, garanto que sempre preferi infligir prazer intenso e febril a minhas amantes e não dor. Algum dia, eu gostaria de lhe mostrar esse meu lado. Aos poucos, é claro.

Julia mordeu a parte de dentro da bochecha, tentando encontrar as palavras certas.

– Preciso lhe contar uma coisa.

– Diga.

– Não sou... tão inocente quanto você pensa.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ele, irritado.

Ela mordeu o lábio inferior, nervosa.

– Desculpe. Você me pegou de surpresa. – Gabriel esfregou os olhos.

– Tive um namorado.

Ele fechou a cara.

– Já sei disso.

– Nós, hum... fazíamos coisas.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Que tipo de coisas? – A pergunta lhe veio à boca antes de ele pensar no que estava dizendo, mas Gabriel logo mudou de ideia: – Não responda. Não quero saber.

– Não sou tão inocente quanto na época em que você me conheceu, o que significa que você tem, hum... uma percepção idealizada e falsa de mim.

Gabriel refletiu sobre aquela revelação por alguns instantes. Queria saber os detalhes, mas estava com medo do que ela pudesse dizer. A simples ideia de outro homem (quanto mais *ele*) persuadindo Julia a lhe dar prazer, ou mesmo tocando-a, o enfurecia. Tinha sérias dúvidas se conseguiria lidar com a confissão que ela estava ansiosa por fazer, fosse qual fosse.

– Você foi o primeiro a me beijar. O primeiro a segurar minha mão – admitiu ela.

– Fico feliz. – Ele pegou a mão de Julia e a beijou. – Quem me dera ter sido o primeiro em tudo o que você fez.

– Ele não chegou a tomar tudo de mim. – Julia se apressou em fechar a boca. Não queria ter dito isso.

Ao ouvi-la usar a palavra *tomar*, Gabriel teve pensamentos homicidas. Se um dia estivesse no mesmo lugar que *ele*, rasgaria sua garganta com as próprias mãos.

– Você não voltou, então comecei a namorar outro cara. Na Filadélfia. E as coisas, hum... aconteceram.

– Você quis que elas acontecessem?

Julia se contorceu no colo dele.

– Ele era meu namorado. E às vezes ficava... impaciente.

– Foi o que pensei. Ele era um desgraçado manipulador que seduziu você.

– Tenho livre-arbítrio. Não precisava ceder.

Gabriel ficou pensativo por alguns instantes. *Ciúme – a ideia das mãos e dos lábios dela tocando outra pessoa ou da boca de alguém nela. O corpo dela...*

– Não tenho direito de fazer essa pergunta, mas vou fazê-la assim mesmo. Você o amava?

– Não.

Ele tentou ocultar seu alívio erguendo o queixo.

– Nunca me toque ou me deixe tocá-la se não me desejar de verdade. Esta é uma promessa que exijo ouvir de você agora mesmo.

Julia piscou para ele, surpresa.

– Eu me conheço muito bem – prosseguiu ele. – Até o momento, tenho conseguido controlar minha paixão. Mas sei que já fui precipitado com você e já fiz com que se sentisse constrangida em mais de uma ocasião. Ficaria angustiado se descobrisse que as coisas avançaram entre nós só por você ter se sentido coagida.

– Eu prometo, Gabriel.

Ele assentiu para ela e pressionou os lábios em sua testa.

– Julianne, por que não me deixa chamá-la de Beatriz?

– Fico triste que você nunca tenha procurado saber meu nome.

Ela a encarou com um olhar intenso.

– Quero mais do que isso. Quero saber quem você é de verdade.

Ela sorriu.

– Então você ainda me quer? Ou prefere que eu a deixe ir embora? – Ele tentou manter a voz firme.

– É claro que ainda quero você.

Ele a beijou com carinho antes de colocá-la de pé e levá-la até a cozinha. Depois que ela se acomodou num dos banquinhos, ele foi até o balcão e pegou uma grande cúpula de prata. Sorriu para ela com um brilho travesso nos olhos, colocando a bandeja à sua frente.

– Torta de maçã caseira – anunciou Gabriel, removendo a cúpula com um floreio.

– Torta?

– Você disse que ninguém nunca assou uma torta para você. Agora não pode mais dizer isso.

Julia olhou para a sobremesa, incrédula.

– Foi você quem fez?

– Não exatamente. Foi minha empregada. Está feliz?

– Você mandou alguém assar uma torta só para mim?

– Bem, esperava que você dividisse comigo. Mas, se insiste em comê-la sozinha... – Ele deu uma risada.

Julia cobriu a boca com a mão e fechou os olhos.

– Julianne?

Como ela não respondeu, Gabriel começou a falar muito rápido:

– Você disse que gostava de torta. Quando me contou sobre quando era mais nova em St. Louis, disse que ninguém nunca tinha assado uma para você. Achei que... – Ele se interrompeu, de repente sentindo-se muito inseguro.

Ela chorava em silêncio, sacudindo os ombros.

– Julia? Qual o problema? – Sua voz soou desesperada enquanto ele a observava chorar outra vez. Ele deu a volta no balcão e envolveu seu corpo trêmulo com os braços. – O que eu fiz?

– Desculpe – disse ela, encontrando a voz.

– Querida, não peça desculpas. Só me diga o que fiz para que eu possa consertar.

– Você não fez nada de errado. – Ela secou as lágrimas. – Ninguém nunca fez nada parecido para mim antes. – Julia lhe abriu um meio sorriso. – Não sabia que tinha um

presente à minha espera aqui.

– Não quis aborrecê-la. Estava tentando deixar você feliz.

– São lágrimas de alegria. Mais ou menos. – Julia riu sem muito entusiasmo.

Ele a abraçou mais uma vez, soltando-a em seguida e passando seus cabelos para trás dos ombros.

– Acho que alguém precisa de uma sobremesa.

Gabriel cortou um pedaço grande de torta e segurou um garfo diante dela.

– Gostaria de lhe dar de comer. Mas vou entender se preferir que eu não faça isso.

Julia abriu a boca e Gabriel lhe deu um pedacinho de torta.

– Hummmmm. Está muito boa – falou ela de boca cheia, limpando as migalhas dos lábios.

– Que bom.

– Não sabia que você tinha uma empregada.

– Ela só vem duas vezes por semana.

– E cozinha?

– Às vezes. Tenho fases. Obsessões, na verdade, mas disso você já sabe. – Ele cutucou o nariz dela com o dedo. – Esta era uma receita da avó dela. Não vou lhe dizer o que ela pôs na massa para deixá-la quebradiça. – Gabriel lhe deu uma piscadela.

– E você? Não vai comer? – perguntou Julia.

– Prefiro ficar vendo você se deliciar. Mas isto não é um jantar decente. Gostaria que me deixasse cozinhar para você.

– Meu pai sempre come uma fatia de queijo com torta de maçã. Aceitaria um pouco de queijo, se você tiver.

Gabriel pareceu intrigado com aquele pedido, mas foi vasculhar a geladeira na mesma hora e logo lhe ofereceu um pedaço generoso de cheddar branco envelhecido de Vermont.

– Perfeito – murmurou ela.

Depois que terminou de comer a torta, ela ficou calada, refletindo se deveria ir para casa. Na verdade não queria, mas talvez depois de tantas lágrimas e drama Gabriel não quisesse mais que ela ficasse.

– Você não respondeu o meu bilhete – disse ele depois de um longo silêncio. – O que mandei junto com as gardênias.

– Escrevi um e-mail.

– Mas deixou algo de fora.

Julia fez uma pausa.

– Não sabia o que dizer sobre a parte de você querer me cativar.

– Você me disse que o diálogo com a raposa era sua parte favorita do livro. Achei que seria óbvio.

– Sei o que a raposa quis dizer. Já você... – Ela balançou a cabeça.

– Então vou lhe contar. Não espero que tenha confiança em mim, mas gostaria de conquistá-la. Talvez, depois que confiar em mim com sua mente, passe a fazer o mesmo com seu corpo. Isto é o que tenho em mente. Quero ficar muito atento a você... *aos seus anseios, necessidades, desejos*... e dedicar meu tempo a satisfazê-los.

– Como você vai me cativar?

– Mostrando a você com minhas atitudes que sou digno de confiança. E fazendo isto.

Gabriel parou diante de Julia e pegou seu rosto nas mãos, levando a boca a poucos centímetros da dela. Ela fechou os olhos e prendeu a respiração, esperando seus lábios se tocarem.

Mas eles não se tocaram.

O hálito quente que escapava dos lábios de Gabriel, abertos e projetados para a frente, flutuou até a boca de Julia. A língua dela despontou, umedecendo lentamente seu lábio inferior, ansiosa. A sensação do hálito de Gabriel sobre a umidade fez um arrepio percorrer sua espinha.

– Você está tremendo – sussurrou ele, jogando mais ar quente na boca de Julia.

Ela sentiu que ruborizava sob o toque de Gabriel, o calor se alastrando por seu rosto e seu pescoço.

– Estou sentindo você ruborizar, sua pele desabrochando, quente e corada.

Ele acariciou suas sobrancelhas e ela abriu os olhos, fitando dois grandes lagos azul-escuros.

– Suas pupilas estão dilatadas. – Ele sorriu, seus lábios mal roçando os dela. – E consigo ouvir sua respiração acelerar. Você sabe o que isso significa.

Julia perscrutou os olhos dele.

– *Ele* disse que eu era frígida. – Ela parecia envergonhada. – Fria como a neve. Isso o irritava.

– Só um moleque que não sabe nada sobre mulheres poderia ser tão cego e tão ridículo. Nunca pense isso de si mesma, Julianne. Sei por experiência própria que está longe de ser verdade. – Os lábios dele se curvaram num sorriso sedutor. – Percebo quando você está excitada, como agora. Vejo em seus olhos. Noto na sua pele. Consigo... sentir.

Gabriel passou um só dedo pelas sobrancelhas dela para relaxá-las.

– Por favor, não fique encabulada. Eu não estou. Isto tudo é sedutor e muito sensual.

Ela fechou os olhos e inalou seu perfume – Aramis, hortelã e bendito Gabriel.

Ele se permitiu uma risadinha.

– Acho que você está me dizendo que gosta do meu perfume. – Ele se inclinou para baixo, para que o nariz dela roçasse em seu pescoço. O perfume Aramis era mais forte ali.

– O que está fazendo? – perguntou ela.

– Estou alimentando o desejo, Julianne. Agora me diga o que quer. Você está corada, seu coração está acelerado e consigo ouvir sua respiração. *O que você deseja?* – Ele voltou a aninhar seu rosto nas mãos e aproximou sua boca da dela. Perto, mas ainda sem tocá-la.

– Quero beijar você – sussurrou ela.

Ele sorriu.

– Também quero.

Ela esperou. Mesmo assim, ele não se mexeu.

– Julianne – chamou ele.

Ela abriu os olhos.

– *Venha pegar o que quer.*

Ela respirou fundo, com força.

– Se você nunca der o primeiro passo, vou concluir que não me deseja. Que estou sendo exigente demais. Depois de uma noite como esta, você deveria ser a única pessoa a exigir algo. – Os olhos de Gabriel estavam arregalados e intensos, fixos nos dela.

Ele não precisou pedir outra vez. Para surpresa dos dois, Julia enlaçou o pescoço dele com os braços e o puxou para a frente. Quando seus lábios se encontraram, as mãos dele deslizaram até a base das costas de Julia, e ele se imaginou acariciando sua pele nua. Ela provocou o lábio inferior de Gabriel e o sugou para dentro da própria boca, imitando o gesto que ele havia feito antes. Era menos habilidosa, mas ele ficou igualmente satisfeito.

A serenidade do fervor dela o instigava e, em poucos instantes, Gabriel sentiu sua pele ficar mais quente e seu coração acelerar. Pois, enquanto sua língua explorava com maestria a boca de Julia, seu maior desejo era separar-lhe os joelhos recatados com os seus e pressionar o corpo contra o dela. E levá-la até o quarto para que pudessem se *relacionar*...

Ele se afastou, pousando as mãos em seus braços nus.

– Preciso parar.

Gabriel colou a testa à dela e suspirou com força.

– Desculpe – disse Julia.

Gabriel pressionou os lábios na testa dela.

– Nunca peça desculpas por respeitar seus desejos. Você é linda e sensual. E muito, muito excitante. Posso aproveitar sua companhia sem nos tornarmos mais íntimos, mas não posso beijá-la outra vez. Não agora.

Eles ficaram imóveis, abraçados um ao outro por vários minutos, até Gabriel abrir os olhos e acariciar seu rosto.

– Diga o que quer, Julianne. Sou seu esta noite. Quer que eu leve você para casa? Ou quer ficar aqui?

Ela roçou o nariz no maxilar de Gabriel.

– Gostaria de ficar.

– Então acho que é hora de ir para a cama.

Ele estendeu a mão e a ajudou a descer do banco.

– Você não acha estranho dividir a cama comigo?

– Quero você nos meus braços e na minha cama todas as noites.

Julia ficou calada por alguns instantes, enquanto pegava sua mochila.

– Isso incomoda você? – perguntou ele, franzindo o cenho.

– Não. Mas talvez devesse.

– Senti sua falta esta semana.

– Também senti sua falta.

– Durmo melhor quando você está nos meus braços. – Ele lhe abriu um sorriso cheio de ternura. – Mas é você quem escolhe onde quer dormir esta noite.

– Gostaria de ficar na sua cama. Com você – falou Julia, tímida. – Se você deixar.

– Jamais lhe negaria isso. – Ele a conduziu pelo corredor até o quarto.

Ela se sentou na cama e ele pegou a fotografia emoldurada em cima da cômoda.

– Você tem uma foto minha debaixo do travesseiro. Achei que deveria retribuir o favor. – Gabriel sorriu com malícia ao lhe entregar a foto.

Julia refletiu, tentando descobrir quando Gabriel teria descoberto que ela guardava uma antiga foto dele.

– Como conseguiu esta foto?

– Eu é que deveria lhe perguntar como você arranjou uma foto minha da época em que eu era da equipe de remo de Princeton.

Gabriel puxou sua camisa social de dentro da calça e a desabotoou, revelando a camiseta justa que apertava seu peito.

Julia ficou encabulada e desviou o olhar, amaldiçoando o dia em que os homens decidiram começar a usar camisetas por baixo da roupa. Observar Gabriel se despir era ainda mais sensual do que vê-lo enrolado numa pequena toalha roxa.

– Hum... ela estava no quadro de cortiça de Rachel. E eu a peguei na primeira vez que a vi.

Ele se inclinou para erguer o rosto de Julia e poder examinar sua expressão.

– Você a pegou? Roubou, quer dizer.

– Eu sei que não devia ter feito isso. Mas você estava com um sorriso tão maravilhoso. Eu tinha 17 anos e era uma idiota, Gabriel.

– Idiota ou apaixonada?

Julia desviou o olhar para o chão.

– Acho que você já sabe.

– Rachel tirou algumas fotos com o celular dela quando esteve aqui. Esta é a minha

favorita. Por isso decidi emoldurá-la. – Ele a examinou com atenção. – Não gostou?

Ela pareceu ficar agitada.

– Você está bonito.

Ele tirou a foto das mãos de Julia e a pôs com cuidado em cima da cômoda.

– No que está pensando?

– A maneira como você olhou para mim quando estávamos dançando... eu não entendo.

– Você é uma mulher linda. Por que eu não olharia para você?

– É o jeito como está me olhando na foto.

– Olho assim para você o tempo todo. – Ele a beijou de leve. – Estou olhando assim para você agora mesmo. – Gabriel afastou os cabelos do seu rosto. – Já volto.

Depois de vestir o que lhe serviria de pijama, Julia parou diante da porta do banheiro, iluminada por trás por uma luz branca.

– Pare – disse Gabriel.

Ele tinha voltado ao quarto durante sua ausência e estava deitado na cama, olhando para ela.

Julia baixou os olhos para suas roupas e se remexeu, nervosa. Tinha ficado em dúvida quanto ao que vestir. A maioria dos seus pijamas era infantil demais para ser usada na frente dele, e ela não tinha nenhuma camisola bonita. Não que fosse ter coragem de usá-la na cama com ele. Então, naquele momento, estava com uma camiseta azul-escura, que era grande o suficiente para ocultar seu peito, e um short de ginástica que tinha a logo da Universidade de Saint Joseph.

– Você está muito bonita.

Ela fez uma careta e estendeu a mão para apagar a luz.

– Espere. Parada onde está, na luz, você parece um anjo.

Ela assentiu para indicar que tinha ouvido da primeira vez, antes de ir em silêncio para junto dele.

Gabriel a puxou para um abraço afetuoso e, quando fez isso, Julia percebeu que ele também estava usando camiseta e short.

Eles faziam uma dupla curiosa. Mas agora suas pernas nuas poderiam se enroscar alegremente debaixo dos lençóis. Ele a beijou com ternura e se recostou no travesseiro, suspirando de prazer quando ela descansou a cabeça em seu peito, passando o braço por sua cintura.

– Lamento que você se sinta sozinha, Julianne.

Ela pareceu ficar intrigada com o comentário.

– No começo da semana, quando nos falamos ao telefone, você mencionou que se sente isolada, que não tem amigos.

Ela se encolheu ao se lembrar da conversa.

– E se eu lhe desse um gatinho ou um coelho? Algum animal para lhe fazer companhia

no seu apartamento.

– Gabriel, agradeço a intenção, mas você não pode simplesmente esbanjar seu dinheiro para resolver meus problemas.

– Eu sei. Mas posso gastá-lo tentando fazer você sorrir. – Ele tornou a beijá-la.

– A gentileza vale mais do que todo o dinheiro do mundo.

– E você vai tê-la. E muito, muito mais.

– Isso é tudo o que quero.

– Fique o fim de semana. Aqui. Comigo.

Julia hesitou apenas por um instante.

– Está bem – sussurrou.

Ele pareceu aliviado.

– Que tal um peixe? Eles estão na moda como animais de estimação.

Ela riu.

– Acho melhor não. Mal consigo cuidar de mim mesma, imagine de outra pobre criatura.

Gabriel ergueu o queixo dela para que eles se encarassem.

– Então deixe-me cuidar de você – sussurrou ele, seu olhar intenso e fixo.

– Você poderia ter qualquer mulher que quisesse, Gabriel.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Eu só quero você.

Ela descansou a cabeça no peito dele e sorriu.

– Estar sem você, Julianne, é como suportar uma eterna noite sem estrelas.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dois quase amantes estavam enroscados um no outro, as pernas nuas entrelaçadas numa cama grande, debaixo de um edredom de seda azul-claro e de luxuosos lençóis brancos. A mulher murmurava em seu sono, mexendo-se espasmodicamente, enquanto o homem, estático, desfrutava o prazer de sua companhia.

Ele poderia tê-la perdido. Deitado ao seu lado, estava consciente de que aquela noite poderia ter acabado de forma muito diferente. Ela não precisava tê-lo perdoado. Não precisava tê-lo aceitado. Mas fez as duas coisas. Talvez ele pudesse ousar ter esperanças de que...

– Gabriel?

Ele não respondeu, pois achou que ela ainda estivesse dormindo. Eram três da manhã e o quarto estava na mais absoluta escuridão, evidenciada pelas luzes da cidade que se esgueiravam pelas persianas.

Ela rolou de lado para ver o rosto dele.

– Gabriel? – sussurrou. – Você está acordado?

– Sim. Está tudo bem, querida, volte a dormir. – Ele a beijou de leve e acariciou seus cabelos.

Ela se apoiou em um dos cotovelos.

– Agora já estou bem acordada.

– Eu também.

– Podemos... conversar?

Gabriel logo se colocou na mesma posição que ela.

– Claro. Algum problema?

– Você está mais feliz agora do que antes?

Gabriel a encarou por alguns instantes e então apertou o nariz dela com o dedo.

– Por que essa pergunta tão profunda na calada da noite?

– Você disse que estava infeliz no ano passado. Fiquei me perguntando se está feliz agora.

– Sei muito pouco sobre a felicidade. E você?

Julia torceu a ponta do lençol com uma das mãos.

– Eu tento ser feliz. Tento me concentrar nas pequenas coisas e encontrar prazer nelas. A sua torta me fez feliz.

– Teria dado a torta para você antes, se soubesse que ela a faria feliz.

– Por que não está feliz agora?

– Eu vendi meu direito de filho mais velho por uma tigela de lentilhas.

– Você citando a Bíblia? – Julia se mostrou cética.

Gabriel se irritou.

– Não sou pagão, Julianne. Fui criado na igreja anglicana. Richard e Grace eram muito devotos. Não sabia disso?

Ela assentiu. Havia esquecido.

O rosto dele assumiu uma expressão extraordinariamente séria.

– Ainda acredito, embora não viva de acordo com essa crença. Sei que isso faz de mim um hipócrita.

– Todos os crentes são hipócritas, pois nenhum de nós vive à altura daquilo em que acredita. Eu também creio, mas não sou muito boa nisso. Só vou à missa quando estou triste, ou no Natal e na Páscoa. – Ela estendeu a mão e segurou a dele com força. – Se ainda acredita, deve ter esperança. Deve acreditar que a felicidade é possível para você também.

Gabriel soltou a mão dela e se deitou de costas, olhando o teto.

– Perdi minha alma, Julianne.

– O que você quer dizer com isso?

– Você está olhando para um dos poucos felizardos que cometeram *o pecado que leva à morte.*

– Como?

Gabriel suspirou.

– Meu nome é a mais amarga ironia. Estou mais perto de ser um demônio do que um anjo, e estou além da redenção, pois fiz coisas imperdoáveis.

– Você quer dizer... com a professora Singer?

Ele riu com amargura.

– Quem dera esses fossem meus únicos pecados. Mas, não, Julianne, fiz coisas piores. Por favor, apenas acredite no que digo.

Ela se aproximou mais um pouco. Seus traços delicados formaram vincos de preocupação e suas sobrancelhas se juntaram. Ela refletiu por alguns instantes sobre as palavras que Gabriel não tinha dito, enquanto ele deslizava dedos penitentes por seu braço.

– Sei que guardar segredos de você é doloroso. E sei que não conseguirei fazer isso para sempre. Mas, por favor, só lhe peço que me dê um pouco de tempo. – Ele suspirou devagar e baixou a voz. – Prometo que não vou fazer amor com você antes de lhe contar quem sou.

– É um pouco cedo para discutirmos isso, não acha?

Ele fechou o rosto e perscrutou os olhos dela.

– É?

– Gabriel, estamos apenas começando a nos conhecer. E já tivemos algumas surpresas.

Ele se encolheu.

– Você precisa saber das minhas intenções. Não pretendo seduzi-la para depois ir embora. Não pretendo guardar alguns dos meus segredos para depois de você ser totalmente minha. Estou tentando ser bom.

A promessa de Gabriel foi feita de boa-fé. Ele a desejava, por completo, mas, no tempo que passou acordado naquela noite, percebeu que não iria tirar sua virgindade antes de lhe revelar quem era de verdade. Embora a reação final dela a Ann tivesse lhe dado esperanças, ele ainda temia que suas revelações a afugentassem. Ela poderia encontrar alguém melhor. Não obstante, a ideia de Julianne com outra pessoa fazia seu coração fraquejar.

– Você tem consciência?

– Que tipo de pergunta é essa? – rosnou ele.

– Você acredita que existe uma diferença entre certo e errado?

– Claro!

– Sabe que diferença é essa?

Gabriel esfregou o rosto com as duas mãos e as manteve ali.

– Julianne, não sou um sociopata. A questão não é o que uma pessoa sabe ou não, mas o que ela faz.

– Então você não perdeu sua alma. Somente uma criatura que tenha alma pode saber a diferença entre certo e errado. Sim, você cometeu erros, mas se sente culpado por isso. Sente remorso. E, se ainda tem alma, não perdeu a chance de se redimir.

Gabriel abriu um sorriso triste e a beijou.

– Você parece Grace falando.

– Grace era muito sábia.

– E você também, Srta. Mitchell. Pelo que parece – concluiu Gabriel, zombando carinhosamente dela.

– Sou mesmo. Com uma mãozinha de Santo Tomás de Aquino, professor.

Ele estendeu a mão e puxou a camiseta de Julia um pouco para cima, para fazer cócegas em sua pele.

– Ah! Gabriel! Pare com isso! – Ela riu e se contorceu, tentando se desvencilhar dele.

Ele continuou por alguns instantes, só para ter o prazer de ouvir a risada dela ecoar pelo quarto escuro. Então a soltou.

– Obrigado, Julianne. – Ele acariciou seu rosto. – Você quase me convenceu.

Julia pousou o braço sobre a cintura dele, aconchegando-se à lateral de seu corpo, e inspirou seu perfume com prazer.

– Você sempre cheira bem.

– Agradeça a Rachel e Grace. Elas é que começaram a comprar Aramis para mim, há muito tempo. Continuo a comprá-lo por hábito. – Ele sorriu. – Acha que eu deveria

experimentar algum outro perfume?

– Não se foi Grace quem comprou esse para você.

O sorriso de Gabriel sumiu, mas ainda assim ele deu um beijo na testa dela.

– Imagino que seja uma boa coisa ela não ter comprado Brut.

Julia riu.

Eles ficaram totalmente imóveis por alguns minutos, antes de ela sussurrar algo no ouvido dele.

– Gostaria de lhe contar uma coisa.

Gabriel apertou os lábios e assentiu.

Apesar da escuridão, ela desviou o olhar, tímida.

– Você deveria ter me possuído no pomar. Eu teria deixado.

Ele traçou os contornos da sua face com um dedo.

– Eu sei.

– Sabe?

– Tenho prática em ler o corpo de uma mulher, Julianne. Naquela noite, você estava muito *receptiva*.

Ela ficou surpresa.

– Então sabia que eu...?

– Sabia.

– Mas não...

– Não.

– Posso saber por quê?

Ele demorou a responder, pensativo.

– Não achei que fosse certo. E estava tão feliz por ter encontrado você e tê-la nos meus braços... que isso foi suficiente. Foi tudo que precisei.

Julia se inclinou para perto dele e pressionou os lábios em seu pescoço.

– Foi perfeito.

– Quando formos passar o Dia de Ação de Graças lá em casa, eu gostaria de levá-la de volta ao pomar. Você iria comigo?

– É claro. – Ela deu um beijo a poucos centímetros da tatuagem dele, pois sabia que Gabriel se encolhia sempre que ela o tocava ali.

– Me beije – sussurrou ele.

Ela obedeceu, colando os lábios nos dele, decidida a prová-lo pelo tempo que Gabriel permitisse. Até que ele se afastou com um suspiro. A súbita quebra de contato a deixou triste e fez uma velha preocupação despontar em sua mente.

Gabriel sentiu que ela ficou tensa.

– Não confunda meu autocontrole com falta de desejo, Julianne. A paixão que sinto por você me incendeia. – Ele a fez mudar de posição com carinho, colocando-a de lado e

encaixando-se atrás dela, enterrando o rosto em seus cabelos. – Estou feliz por você estar aqui – sussurrou.

Julia queria lhe dizer que dormia melhor com ele do que sozinha. Queria lhe dizer que gostaria de dormir junto dele todas as noites e que o desejava ardentemente.

Mas não fez isso.

◆◆◆

Quando ela acordou na manhã seguinte, estava sozinha. Olhou o relógio antigo que Gabriel mantinha em sua mesa de cabeceira e ficou espantada ao descobrir que já era meio-dia. Tinha dormido muito mais do que devia.

Ele havia preparado um café da manhã continental para ela e deixara um bilhete apoiado numa taça de suco de laranja. Julia começou a comer o *pain au chocolat* enquanto lia o recado.

GABINETE DO PROFESSOR GABRIEL O. EMERSON

Querida,
Você estava dormindo tão profundamente que não quis acordá-la.
Saí para resolver algumas coisas na rua.
Ligue para mim quando acordar.
Fiquei muito grato por tê-la em meus braços durante toda a noite
e pelas suas palavras...
Se tenho uma alma, ela é sua.
Gabriel

Julia abriu um sorriso largo e tomou seu café com calma. Gabriel parecia feliz, e isso a deixou alegre. Ela lavou o rosto no banheiro e estava prestes a sair do quarto quando tropeçou em algo. Aprumando-se com um xingamento, viu que o obstáculo inconveniente era, na verdade, três sacolas brancas com as palavras Holt Renfrew. Ela as tirou do caminho quase com raiva e foi andando para a cozinha.

Ficou surpresa ao encontrar Gabriel sentado ao balcão, tomando um café e lendo o jornal. Ele usava calça preta e uma camisa de botão azul-clara, que ressaltava o azul dos seus olhos. Estava de óculos. Bonito como sempre. Julia se sentiu nua de short e camiseta.

– Olá. – Gabriel dobrou o jornal e largou a xícara de café. Abriu os braços, chamando-a com um gesto.

Ela se encaixou entre seus joelhos abertos e ele a abraçou com ternura.

– Dormiu bem? – sussurrou ele em meio aos seus cabelos.

– Muito bem.

Ele a beijou de leve.

– Devia estar cansada. Como se sente? – perguntou ele, encarando-a com expressão preocupada.

– Bem.

– Posso preparar um almoço para você, se quiser.

– Você já comeu?

– Belisquei alguma coisa com minha primeira xícara de café. Estava esperando para almoçar com você.

Ele tornou a beijá-la, dessa vez com mais força. Julia deslizou seus braços com timidez pelas costas dele, até afundar as mãos em seus cabelos. Gabriel reagiu mordiscando seu lábio inferior e recuando com um sorriso malicioso.

– Estava um pouco preocupado que você não estivesse aqui quando eu acordasse – disse ele.

– Não vou a lugar nenhum, Gabriel. Meus pés ainda estão doloridos de tanto andar com aqueles saltos ontem. Duvido que fosse conseguir chegar em casa, mesmo se quisesse.

– Posso dar um jeito nisso. Com a ajuda de um banho quente. – Ele moveu as sobrancelhas de modo sugestivo.

Julia ficou vermelha e mudou de assunto:

– Até quando você quer que eu fique?

– Para sempre.

– Gabriel, estou falando sério. – Ela balançou a cabeça, sorrindo.

– Até segunda-feira de manhã.

– Só tenho roupas para hoje. Preciso passar em casa para pegar algumas coisas.

Ele lhe abriu um sorriso indulgente.

– Posso levá-la até lá, se você insiste. Ou posso lhe emprestar o Range Rover. Mas, antes de você ir, tem algumas coisas à sua espera no quarto. Talvez não precise passar em casa.

– Que coisas?

Ele abanou as mãos.

– Coisas que uma pessoa pode vir a precisar quando fica na casa de um amigo.

– E onde você as comprou?

– Na loja em que Rachel comprou sua bolsa.

– Então são caras. – Julia fechou a cara e cruzou os braços.

– Você é minha convidada. As regras da hospitalidade determinam que eu satisfaça a *todos* os seus desejos. – A voz dele soou rouca, e ele passou a língua pelo lábio inferior.

Reunindo toda a sua força de vontade, Julia conseguiu ignorar a boca dele.

– Parece... ilícito que você compre roupas para mim.

– Do que você está falando? – Desta vez, ele pareceu irritado.

– Como se eu fosse algum tipo de...

– Pare. – Ele a soltou no mesmo instante, o olhar ficando carregado.

Ela o encarou de volta, preparando-se para o dilúvio que estava por vir.

– Julianne, por que você tem essa aversão à generosidade?

– Não tenho, não.

– Tem, sim. Acha que estou tentando suborná-la para que transe comigo?

O rosto dela ficou vermelho.

– É claro que não.

– Acha que espero que me pague com favores sexuais?

– Não.

– Então qual o problema?

– Não quero ter nenhuma dívida com você.

– Dívida? Então eu sou algum tipo de agiota medieval que cobra juros e, se você não pagar no prazo, exige meio quilo da sua carne?

– Não foi isso que eu quis dizer – sussurrou ela.

– Então o que foi?

– Que quero ser independente. Você é um professor, eu sou uma estudante e...

– Já falamos sobre isso ontem à noite. Um presente de um amigo não afeta em nada seu livre-arbítrio ou sua autonomia – disse ele, furioso. – Não queria que você tivesse que ir até sua casa. Nosso tempo juntos já é curto demais. Então atravessei a rua e pedi que minha personal shopper me ajudasse a escolher algumas coisas. Estava tentando ser legal. Mas, já que você não quer, vou devolver tudo.

Ele se levantou e deixou a xícara de café na cozinha. Então passou por ela sem dizer uma palavra e desapareceu no escritório.

Isso poderia ter saído melhor, pensou Julia.

Ela roeu as unhas, sem saber o que fazer. Por um lado, queria ser independente e não fazer o papel do pobre passarinho com a asa quebrada. Por outro, tinha bom coração e não gostava de causar sofrimento aos outros. Tinha visto os olhos de Gabriel. Por trás de sua explosão repentina, ele estava profundamente magoado.

Não tive a intenção de magoá-lo...

Gabriel era tão impositivo, tão forte, que Julia não havia se dado conta de que ele podia ser sensível. E por conta de algo tão banal quanto alguns presentes. Talvez ela fosse a única pessoa capaz de ver essa sensibilidade. Isso tornava o fato de tê-lo magoado ainda mais doloroso.

Ela se serviu de um copo d'água e o bebeu lentamente, tentando ganhar alguns minutos para pensar e, ao mesmo tempo, dar a ele um pouco de espaço. Quando estava indo para o escritório, o telefone tocou. Julia enfiou a cabeça pelo vão da porta e olhou na direção dele.

Gabriel estava sentado atrás da mesa, remexendo em alguns papéis enquanto falava ao telefone. Lançou um olhar para ela, apontou para o telefone e, sem emitir nenhum som, falou o nome *Richard*.

Ela assentiu e andou até a mesa, pegou uma caneta que não parecia cara e escreveu em um pedaço de papel: *Me perdoe*. Mostrou-lhe o papel e ele a olhou nos olhos. Assentiu em seguida, tenso.

Vou tomar um banho. Podemos conversar depois?

Ele leu o recado e tornou a assentir.

Obrigada por ser tão atencioso. Desculpe.

Então Gabriel estendeu a mão e segurou a de Julia. Pressionou os lábios na palma da mão dela, apertou-a de leve e depois a soltou.

Ela voltou ao quarto, fechando a porta atrás de si. Na mesma hora, colocou as sacolas em cima da cama e, relutante, começou a abri-las.

Na primeira, encontrou roupas femininas, todas do seu tamanho. Gabriel havia comprado para ela uma saia lápis preta clássica; uma calça Theory preta; uma blusa social branca de algodão estilo mullet com punhos franceses; e uma blusa de seda azul. Uma meia-calça com estampa de losangos, um par de meias três quartos e botas pretas de cano curto completavam o conjunto. Parecia uma coleção pequena e básica de um só estilista. Não queria parecer ingrata, mas ela já ficaria satisfeita com uma calça jeans, uma camisa de manga comprida e tênis.

Na segunda sacola, Julia encontrou lingerie e ficou chocada. Gabriel havia comprado um roupão de seda roxo elegante e obviamente caro e uma camisola do mesmo estilo, que ia até os tornozelos e tinha uma gola em V franzida. Ela ficou ao mesmo tempo surpresa e satisfeita com o recato e a sofisticação da camisola, pois de fato se sentiria confortável de usá-la na cama com ele, mesmo naquela etapa de seu relacionamento. No fundo da sacola, encontrou um par de sandálias de cetim roxas com saltos baixos. Para Julia, mais pareciam um risco para a saúde disfarçado de sandálias sensuais.

Está na cara que Gabriel tem uma queda por saltos... em qualquer tipo de calçado feminino.

A terceira e última sacola continha roupas íntimas. As faces de Julia ficaram vermelhas à medida que ela desembrulhava sutiãs meia-taça de renda, cada um com uma calcinha combinando, todos de um estilista francês. Havia um conjunto cor de champanhe, um azul-claro e outro rosa-claro. As calcinhas eram todas shortinhos de renda. Julia ficou ainda mais vermelha ao imaginar Gabriel vasculhando fileiras de roupas íntimas ousadas e caras, decidindo-se entre peças atraentes e elegantes e escolhendo os números dela com

precisão.

Ó deuses de todos os (namorados? amigos?) generosos, obrigada por ter afastado Gabriel das peças verdadeiramente provocantes... por enquanto.

Ela estava pasma. E também um pouco constrangida. Mas era tudo tão bonito, tão delicado, tão perfeito. *Ele pode até não me amar, mas se importa em me fazer feliz*, pensou Julia.

Depois de pegar o conjunto champanhe, a blusa branca e a calça preta, ela entrou no banheiro de Gabriel e tomou um banho. Não só a esponja roxa estava esperando por ela como miraculosamente o xampu, o condicionador e o sabonete líquido que ela costumava usar também estavam ali. Gabriel, com seu jeito obsessivo, havia pensado em tudo.

Ela estava usando com orgulho seu novo roupão e secando os cabelos com a toalha quando ouviu alguém bater à porta.

– Entre.

Gabriel enfiou a cabeça dentro do quarto.

– Tem certeza? – Ele notou os cabelos molhados de Julia, então seus olhos desceram pelas dobras do roupão roxo até os pés dela, descalços, subindo de volta para pousar na pele nua do seu pescoço.

– Estou decente. Pode entrar.

Gabriel se aproximou dela, seu olhar carregado e voraz.

– Você *é* decente, mas eu não.

Julia sorriu para ele com gratidão e ele retribuiu o sorriso, sua voracidade ligeiramente controlada.

Ele se recostou no tampo da cômoda e enfiou as mãos nos bolsos.

– Sinto muito.

– Eu também.

– Fiz uma tempestade num copo d'água.

– Eu também.

– Vamos fazer as pazes.

– Por favor – disse ela.

– Até que foi fácil. – Gabriel deu uma risadinha e pegou a toalha das mãos dela, jogando-a de lado. Puxou-a e a abraçou forte. – Gostou do roupão? – Ele correu os dedos pela seda com relutância.

– É lindo.

– Vou mandar devolver o resto.

– Não. Gostei de tudo. E mais ainda por você ter escolhido. Obrigada.

Os beijos de Gabriel podiam ser leves e carinhosos, como os que um menino daria em seu primeiro amor. Mas não naquele instante. Dessa vez, ele pressionou sua boca contra

a dela até Julia abrir os lábios e lhe deu um beijo longo e ardente antes de recuar. Então acariciou o rosto dela com as costas da mão.

– Eu teria escolhido uma calça jeans, mas Hilary, minha *personal shopper*, me convenceu de que é muito difícil comprar jeans para outra pessoa. Se quiser vestir algo mais informal, posso levá-la para escolher alguma coisa.

– Não preciso de mais uma calça jeans.

– Quero que saiba que escolhi tudo, menos as roupas íntimas. Isso ficou por conta de Hilary. – Ele notou a surpresa no rosto de Julia e se apressou em explicar: – Não queria constrangê-la.

– Tarde demais – balbuciou ela, um tanto decepcionada com aquela revelação.

– Julianne, preciso lhe explicar uma coisa.

Os olhos dele ficaram sérios e ela sentiu uma espécie de arrepio percorrer sua pele. Ele trocou seu peso de um pé para outro algumas vezes, parecendo procurar as palavras certas.

– Meu pai era casado e tinha uma família quando se envolveu com minha mãe. Ele a seduziu, a usou como se ela fosse uma prostituta e depois a abandonou. É doloroso para mim vê-la pensar que estou tratando você da mesma forma. É claro que, considerando meus antecedentes, não deveria me surpreender com sua reação, mas...

– Gabriel, eu não penso nada disso. É só que não gosto de me sentir como se precisasse ter alguém cuidando de mim.

Ele a olhou com atenção.

– Quero cuidar de você, mas não porque você precisa. É claro que você sabe cuidar de si mesma. Tem feito isso muito bem desde criança. Mas não precisa mais estar sozinha. Agora tem a mim. Quero mimá-la e fazer gestos extravagantes porque me importo com você. – Ele se remexeu, desconfortável. – Não posso dizer tudo o que sinto. A única coisa que posso fazer é demonstrar com atitudes. Então, quando você não deixa... – Ele encolheu os ombros com uma expressão angustiada no rosto.

– Nunca tinha pensado dessa maneira – disse ela baixinho.

– Sempre que faço algo por você, estou tentando demonstrar o que não posso expressar com palavras. – Ele deslizou os polegares pelas curvas das maçãs do rosto de Julia. – Não tire isso de mim. Por favor.

Julia respondeu colocando-se na ponta dos dedos e apertando seu corpo com força contra o peito dele, passando os braços em volta do seu pescoço e tomando a boca de Gabriel com a sua. Foi um momento de pura voracidade, promessa, entrega e necessidade.

Gabriel se entregou a ela, a tensão em sua mandíbula palpável, enquanto concentrava todo o seu ser unicamente naquela boca perfeita. Quando se separaram, estavam ofegantes.

Ele descansou o queixo no ombro de Julia.

– Obrigado – sussurrou.

– Acho difícil depender de outra pessoa.

– Eu sei.

– Seria mais fácil se você me incluísse nos seus planos, em vez de tomar decisões por mim. Eu me sentiria mais sua... parceira. Não que sejamos isso. – As faces dela ficaram rosadas.

Ele tornou a beijá-la.

– Eu quero que sejamos parceiros, Julianne. O que você está pedindo é justo. É só que às vezes eu me empolgo, especialmente no que diz respeito a você.

Julia assentiu contra o peito dele e, quando Gabriel pigarreou, ela se afastou para olhá-lo nos olhos.

– Um ano antes de morrer, meu pai teve uma crise de consciência e me incluiu em seu testamento. Deve ter achado que, ao deixar para mim a mesma fatia de bens que havia deixado para os filhos legítimos, estava expiando seus pecados. Você está olhando para uma absolvição ambulante.

– Sinto muito, Gabriel.

– Eu não queria aceitar. Mas, por conta dos investimentos que ele me deixou, tenho mais dinheiro agora do que quando ele morreu. Por mais rápido que eu gaste, nunca vou conseguir me livrar dele. Nunca vou me livrar do meu pai. Então, não perca tempo pensando em quanto as coisas custam. O preço delas é irrelevante.

– Por que aceitou a herança?

Ele a soltou e esfregou os olhos por trás dos óculos.

– Richard e Grace hipotecaram a casa para pagar pelos meus erros. Eu devia dinheiro a traficantes, o que significava que estava em perigo, e havia outros problemas...

– Eu não sabia.

– Seu pai sabia.

– Meu pai? Como?

– Richard estava determinado a me salvar. Quando confessei a gravidade da encrenca em que estava metido, ele decidiu ir atrás de todas as pessoas a quem eu devia dinheiro e pagá-las. Felizmente, ele telefonou para o seu pai antes.

– Por que ele faria isso?

– Porque seu pai conhecia um detetive particular que tinha contatos em Boston.

Os olhos de Julia se arregalaram quando ela se deu conta de sobre quem ele estava falando.

– Meu tio Jack.

Gabriel fechou a cara.

– Não sabia que ele era seu tio. Richard foi muito ingênuo. Não havia entendido que eu

devia a pessoas muito perigosas, que seriam capazes de matá-lo depois de pegar o dinheiro. Tom providenciou tudo para que seu tio e alguns amigos dele pagassem minhas dívidas, de forma segura, com o dinheiro de Richard. Quando saí da reabilitação, telefonei para o advogado do meu pai em Nova York e disse que aceitava minha herança. Quitei a hipoteca, mas nunca superei a vergonha. Richard poderia ter morrido por minha causa.

Julia apertou o rosto no peito dele.

– Você é filho dele, é claro que Richard iria querer salvá-lo. Ele ama você.

– O filho pródigo – balbuciou Gabriel.

Ele deslizou as mãos até o quadril de Julia e mudou de assunto.

– Quero que se sinta confortável aqui. Esvaziei uma das gavetas da minha cômoda e abri espaço no closet para as suas roupas. Gostaria que deixasse algumas coisas na minha casa para poder vir quando quiser. E vou lhe dar uma cópia da chave.

– Você quer que eu deixe minhas roupas aqui?

– Bem, preferiria que você ficasse, mas me contento com suas roupas – resmungou ele com um meio sorriso.

Julia se esticou e deu um beijo arrependido nos lábios dele.

– Vou deixar alguns dos seus presentes aqui e, da próxima vez que eu vier, eles estarão à minha espera.

O sorriso se espalhou pelo rosto dele, que assumiu uma expressão de malícia.

– Já que estamos falando sobre deixar algumas coisas aqui, talvez pudesse deixar algumas fotos.

– Você quer tirar uma foto minha... assim?

– Por que não? Você é linda, Julianne.

A pele dela se incendiou.

– Não acho que esteja preparada para deixar você tirar fotos eróticas minhas.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Estava pensando em fotos em preto e branco do seu perfil, do seu pescoço, do seu rosto... – Ele começou a traçar linhas sinuosas nas costas dela com as pontas dos dedos, um gesto carinhoso que buscava certificá-la do seu afeto.

– Por quê?

– Porque gostaria de poder olhar para você quando não estiver aqui. Meu apartamento fica muito vazio sem você.

Ela apertou os lábios, pensativa.

– Isso a incomoda? – Ele acariciou lentamente o queixo de Julia.

– Não. Você pode tirar as fotos. Mas prefiro estar totalmente vestida.

– Duvido que meu coração fosse aguentar vê-la sem roupas.

Julia sorriu para ele, que soltou uma gargalhada.

– Posso lhe fazer uma pergunta, Gabriel?

– Claro.

– Quando você for passar o Dia de Ação de Graças em Selinsgrove, vai ficar na casa de Richard ou num hotel?

– Vou ficar em casa, com toda a família. Por quê?

– Rachel disse que você costumava ficar em um hotel sempre que visitava a cidade.

– É verdade.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Porque sou a ovelha negra da família e Scott nunca me deixa esquecer disso. Era um alívio ter a opção de ir embora se as coisas ficassem desagradáveis.

– Você já levou alguma garota para casa?

– Nunca.

– Já quis levar?

– Não antes de você. – Ele se inclinou para a frente para beijá-la outra vez. – E, se pudesse escolher, você seria a primeira garota a dividir minha cama comigo na casa dos meus pais. Infelizmente, acho que isso não vai acontecer desta vez, a não ser que eu deixe você entrar escondida depois do anoitecer.

Julia deu uma risadinha, mas no seu íntimo ficou muito feliz.

– Richard me lembrou de que tenho que reservar suas passagens de avião. Por que não me deixa cuidar disso e depois resolvemos a questão do dinheiro?

– Posso comprar minha própria passagem.

– É claro que pode. Mas quero me sentar do seu lado. Vamos precisar sair para o aeroporto depois da minha aula, o que significa que teremos que pegar o último voo para a Filadélfia, por volta das nove da noite.

– Isso é tarde.

– Eu pretendia reservar um hotel na Filadélfia para quarta, já que vamos chegar quase às onze. A não ser que você queira ir de carro para Selinsgrove na mesma noite.

Julia balançou a cabeça.

– Por que simplesmente não pegamos um voo para Harrisburg?

– O último voo para lá é no meio da minha aula. Mas é claro que podemos ir no dia seguinte, se você preferir. Assim não precisaríamos ficar num hotel. – Gabriel a encarava fixamente, analisando-a.

– Não quero perder mais um dia. E seria gostoso ficar num hotel com você. – Ela sorriu.

– Ótimo. Vou fazer as reservas e alugar um carro.

– E quanto a Rachel e Aaron? Não deveríamos ir com eles?

– Eles vão na quarta-feira, depois do trabalho. Segundo Rachel, é minha

responsabilidade garantir que você chegue em casa em segurança. Ela espera que eu seja seu motorista e carregador. – Ele deu uma piscadela e sorriu.

– Ela sabe, não sabe?

– Rachel acha que sabe tudo. – O sorriso dele ficou mais tenso. – Não se preocupe. Eu cuido dela.

– Não é Rachel que me preocupa.

– Você não precisa se preocupar com nada. Somos apenas dois amigos que se conheceram numa cidade longe de casa. Vai ser mais difícil para mim do que para você.

– Por quê?

– Porque estarei junto de você o tempo todo sem poder tocá-la.

Ela baixou os olhos para os pés descalços e abriu um sorriso tímido.

Gabriel pegou sua mão e começou a acariciá-la.

– Quando é o seu aniversário?

– Não costumo comemorar.

– Por quê?

– Não tenho o hábito. – Seu tom de voz ficou defensivo.

– Bem, eu gostaria de comemorá-lo com você. Não me prive disso, Julianne. – Os olhos azuis de Gabriel transmitiam mais frustração do que aborrecimento.

Julia se lembrou da discussão que eles haviam tido sobre as roupas e decidiu que não queria brigar outra vez com ele tão cedo.

– Foi no dia 1º de setembro. Já passou.

– Não tem problema.

Ele a envolveu com os braços e esfregou o rosto no dela.

– Você está livre no sábado que vem? Se estiver, podemos comemorar seu aniversário.

– O que vamos fazer?

– Preciso mexer uns pauzinhos, mas vamos sair.

– Não acho que seja uma boa ideia sairmos os dois juntos... em público.

Ele fechou a cara.

– Deixe que eu me preocupe com isso. Aceita meu convite ou não?

Ele deslizou a mão pelo lado do corpo de Julia, bem onde ela sentia cócegas.

– Aceito e fico grata. Mas, por favor, não me faça cócegas. – Ela começou a rir antes que ele fizesse qualquer coisa.

Gabriel ignorou seu pedido e começou a mover os dedos pela sua pele até ela dar gritinhos de tanto rir. Ele adorava ouvi-la rir. E ela adorava os raros momentos em que ele era brincalhão.

Quando Julia finalmente recuperou o fôlego, começou a se desculpar.

– Perdoe-me por ter magoado você. Não é desculpa, mas ontem foi um dia difícil e, para completar, estou de TPM.

TPM?, pensou Gabriel. *Ohhh...* Ele a encarou, preocupado.

– Você está doente?

– Não, estou bem. Costumo ficar assim uns dias antes. Tenho certeza de que você não quer ouvir os detalhes.

– Se é algo que faz você se sentir mal ou aborrecida, é claro que quero ouvir os detalhes. Eu me importo com você.

– Talvez seja melhor marcar no seu calendário para saber quando deve me evitar. Isto é, se as coisas... – Ela deixou a frase no ar.

– Não vou fazer nada disso – disse Gabriel, tenso. – Quero você por completo, não só uma ou outra parte. E é claro que as coisas vão continuar entre nós. – *Espero*, pensou.

A revelação de Julia apresentou a Gabriel uma situação interessante. Não que ele tivesse esquecido a biologia. Era mais uma questão de que, graças ao seu estilo de vida, isso nunca tinha sido um problema para ele. Mulheres de TPM ou menstruadas não frequentavam o *Vestíbulo* em busca de sexo.

Ele raramente havia levado a mesma mulher para a cama mais de uma vez. E, mesmo quando isso acontecera, não tinham conversado sobre assuntos tão íntimos. Não se importaria em conversar sobre eles com Julianne. Gabriel queria ser capaz de prever seu estado de espírito, mesmo quando ela estivesse chorosa ou explosiva. A ideia o deixava perplexo, mas ainda assim o agradava.

– É melhor eu deixar você se vestir. Mas temos que conversar sobre outra coisa. – Gabriel a encarou com um olhar sério e, imediatamente, Julia se preparou para o pior.

– Voltei a falar com o meu advogado.

– E?

– Ele me aconselhou a ficar longe de você. Disse que a política de tolerância zero da universidade no que diz respeito a relacionamentos se estende tanto a alunos quanto a professores.

– O que isso que dizer?

– Que nós dois estaríamos correndo risco se nos envolvêssemos enquanto você estiver matriculada nas minhas aulas. Dependendo das circunstâncias, você poderia até ser expulsa.

Julia fechou os olhos e um resmungo escapou dos seus lábios:

– *Por que o universo está sempre conspirando contra nós?*

– Nós já sabíamos que a política estava em vigor, e sabíamos que ela era séria. Só precisamos manter as coisas como estão e continuar sendo discretos por mais algumas semanas. Assim que Katherine entregar suas notas, estaremos livres para ficar juntos.

– Estou com medo.

Gabriel ergueu a mão para tocar no rosto dela.

– De quê?

– Qualquer pessoa pode nos ver juntos, ou suspeitar de alguma coisa e dar queixa. Christa quer você e me odeia. Paul não gosta do jeito como você me tratava antes, então tenho certeza de que seria capaz de alegar que você me assediou. E a professora Singer... – Julia estremeceu. Ela não queria nem pensar no que passava pela cabeça da professora Singer.

– Não vou deixar nenhum deles expulsar você. Não importa o que aconteça. Nunca vai chegar a esse ponto.

Julia tentou protestar, mas ele a silenciou com os lábios, enchendo sua boca de beijos tranquilizadores e tentando demonstrar, sem palavras, quanto se importava com ela.

◆◆◆

Eles aproveitaram um lindo dia juntos. Riram, se beijaram e passaram horas conversando. Ele tirou diversas fotos de Julia em várias poses casuais, até que o constrangimento foi mais forte do que ela e Gabriel foi obrigado a guardar a câmera. Ele decidiu tirar uma ou outra foto dela dormindo naquela noite, pois Julianne ficava parecendo um anjo. E ele sabia que esse seria um tema cativante.

Depois do jantar, eles dançaram diante da lareira. Gabriel havia preparado uma coletânea com músicas picantes de Sting, mas Julia não conseguia se concentrar na letra. A cabeça dela estava atordoada, como sempre acontecia quando ele a beijava. Ela estava tão imersa nas sensações físicas e emoções que quase ficava zonza.

As mãos de Gabriel estavam afundadas em seus cabelos, acariciando sua nuca. Ele as deslizou até os ombros de Julia, depois até sua cintura, subindo de volta, de forma gentil e provocante, até os lados de seus seios. Duas mãos fortes os seguraram com carinho, massageando-os suavemente.

Julia se afastou.

Gabriel manteve as mãos onde estavam e abriu os olhos. A princípio, ele pareceu intrigado. Julia havia recuado e ele conseguia sentir o coração dela acelerar sob os seus dedos.

– Julianne? – sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça, com a pele vermelha e a boca aberta. Não tirou os olhos dele enquanto se aproximava de volta. Gabriel moveu um pouco as mãos, só para avaliar sua reação. Ela fechou os olhos e, quando os abriu, Gabriel viu algo completamente novo: ardor.

A visão do desejo repentino e intenso de Julia mexeu com ele, afetando não só seu estado de grande excitação como também seu estado emocional. Ela nunca havia olhado para ele daquela forma, cheia de inquietação e energia, como se ninguém nunca a houvesse tocado antes.

O coração de Gabriel disparou diante desse pensamento. Ele a atraiu com os olhos para

um beijo e colou seus lábios aos dela, acariciando-lhe os seios com mais vontade e esfregando os polegares nos mamilos que começavam a despontar sob sua blusa. Julia arquejou de prazer, o que incentivou Gabriel a ir além. Logo ele estava gemendo e pressionando com mais força seus corpos um contra o outro.

Mais!, exigiu seu corpo. Mais perto. Mais rápido. Mais forte. Mais. Mais. *Mais.*

– *Aaaaiiii* – gemeu ele, libertando-se dos lábios de Julia e movendo as mãos até o espaço seguro das suas omoplatas.

Ela pressionou o rosto no peito dele, com as emoções a mil. De olhos fechados, seus pés fraquejaram, mas Gabriel deslizou as mãos para baixo e a segurou pela cintura.

– Como você está?

– Feliz.

– A paixão é capaz de fazer isso – Ele lhe abriu um meio sorriso.

– Seus dedos também – sussurrou ela.

Ele a sentou em sua poltrona vermelha diante do fogo.

– Preciso tomar um banho.

Julia tentou recuperar a compostura. As técnicas de sedução de Gabriel a haviam deixado inebriada e desejosa... desejosa de coisas para as quais não estava preparada. Ainda.

O professor Emerson tem uma tara por seios, pensou ela com bastante fervor.

Algum tempo depois de Gabriel ter se afastado, Julia ficou imaginando o que tinha dado nele. Perguntava-se por que, de uma hora para outra, ele havia sentido necessidade de tomar outro banho. Quando a ficha caiu, Julia sorriu para si mesma.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O fim de semana que Julia passou com Gabriel foi talvez o mais feliz de sua vida. Ela o guardou na memória, carregando-o como um talismã por toda a semana – inclusive durante a aula de quarta-feira, apesar das constantes tentativas de Christa de humilhá-la ou constrangê-la e da insistência bem-intencionada, porém inoportuna, de Paul de que ela desse queixa contra a professora Singer.

A semana de Gabriel foi um inferno. Foi duro para ele não olhar para Julianne durante a aula e o esforço o deixou irritado. Christa quase o tirou do sério, implorando por reuniões extras para que pudessem (supostamente) conversar sobre sua proposta de tese. Ele rejeitou todos os seus pedidos, agitando a mão com desdém, o que só a fez redobrar seus esforços.

Já a professora Singer... ela enviou um e-mail para Gabriel.

gabriel
Foi bom revê-lo. Senti falta das nossas conversas.
sua palestra foi proficiente do ponto de vista técnico, mas fiquei decepcionada
ao vê-lo apresentar algo tão limitado.
você era ousado. E livre.
Talvez eu esteja reclamando demais...
você precisa abraçar sua verdadeira natureza
e se sujeitar a um pequeno treino.
Posso lhe dar o que você precisa.
Posso lhe dar **exatamente** o que você deseja.
Mme. Ann

Gabriel ficou olhando, irritado, para a provocação no melhor estilo dominatrix da professora Singer, o que ficava claro inclusive na cuidadosa ausência de letras maiúsculas em seu nome e nos pronomes que se referiam a ele. A repulsa que sentiu ao ler aquelas palavras deixou claro quanto ele havia mudado desde seu último encontro com Singer. Ela não exercia nenhum fascínio sobre ele, não o atraía nem um pouco. Talvez, antes mesmo de Julianne voltar, Gabriel já tivesse começado a seguir em direção à luz, uma jornada que foi alimentada e incentivada pela presença dela. A ideia o agradou.

Ele teve o cuidado de não responder nem apagar o e-mail. Em vez disso, fez

exatamente a mesma coisa que havia feito com suas mensagens anteriores – imprimiu-a e guardou numa pasta de arquivo em sua sala. Não iria dar queixa contra ela, uma vez que, a princípio, o envolvimento dos dois tinha sido consensual. Mas não teria pudores de ameaçá-la com suas próprias palavras se houvesse necessidade. Esperava que a obsessão de Singer por ele continuasse e ela se esquecesse completamente de Julianne.

Em um esforço para se distrair, Gabriel passou a maior parte de seu tempo livre naquela semana preparando-se para o aniversário de Julianne ou treinando no clube de esgrima da universidade. Qualquer uma dessas opções era mais saudável do que os hábitos aos quais costumava recorrer para extravasar.

Todas as noites ficava deitado na cama, olhando para o teto, pensando em Julianne e desejando que seu corpo quente e macio estivesse ao seu lado. Estava começando a ter dificuldade para dormir sem ela e, por mais que tentasse aliviar a tensão (de todas as formas possíveis), nada ajudava muito. Não conseguia se livrar de seu apetite por ela.

Fazia tempo que não tinha um encontro propriamente dito – desde Harvard, pelo menos. Ele se amaldiçoou pela tolice anterior de pensar que suas incursões predatórias ao *Vestíbulo* eram um substituto adequado ou preferível a algo real. Algo puro.

Mas não podia negar que sentia falta de sexo. Às vezes se perguntava até quando conseguiria manter aquele regime de castidade, se não seria vencido pelo desejo e acabaria recorrendo a suas técnicas de sedução para provar a doçura de Julianne. Não tinha intenção de se afastar dela. Não sentia falta da sensação de desapego ao sair sozinho da casa de uma amante e lavar do corpo seus vestígios como se fossem contagiosos. Não sentia falta do autodesprezo que o dominava ao pensar nas mulheres que havia conquistado no passado e que jamais teria apresentado a Grace.

Julianne era diferente. Com ela, Gabriel queria experimentar paixão e desejo, mas também ternura e companheirismo. E essa constatação, embora nova, continuava a assustá-lo e excitá-lo ao mesmo tempo.

◆◆◆

Na tarde de sábado, Julia leu e releu, ansiosa, o e-mail com os detalhes da comemoração do seu aniversário.

Feliz aniversário, querida.

Por favor, faça-me a honra de me agraciar com a sua presença no Royal Ontario Museum nesta noite de sábado, às seis horas.

Encontre-me na entrada da Bloor Street.

Estarei de terno e gravata e com um sorriso bobo quando você chegar.

Estou muito ansioso por gozar do prazer de sua companhia.

Com todo o meu afeto e a mais profunda saudade,

Ela aceitou o convite com empolgação, colocando o vestido roxo que Rachel tinha comprado, meia-calça preta e sapatos de salto alto Christian Louboutin. O museu ficava longe demais de seu apartamento para ela ir andando com aqueles sapatos (sem falar em quanto seria doloroso), por isso ela pegou um táxi. Chegou às seis em ponto, os olhos brilhando e as faces rosadas de entusiasmo.

Estou indo para um encontro com Gabriel. Nosso primeiro encontro de verdade.

Quase não importava que ele tivesse insistido em comemorar seu aniversário; a ideia de ter Gabriel só para si para uma noite romântica afastou de sua mente toda e qualquer preocupação. Julia sentia falta dele, apesar dos torpedos e e-mails furtivos e de um ou outro telefonema demorado.

O museu tinha passado por uma grande reforma e uma escultura de cristal no formato do casco de um navio despontava da parede de pedra original. Julia não gostava da junção entre moderno e vitoriano; preferia ou um, ou outro. Mas talvez fizesse parte de uma minoria.

Ao se aproximar da entrada, descobriu que o museu estava fechado. O quadro de horários indicava que o expediente havia se encerrado meia hora antes. Ela foi até a porta mesmo assim e ficou surpresa ao ser recebida imediatamente por um segurança.

– Srta. Mitchell? – perguntou ele.

– Sim.

– Seu anfitrião está esperando pela senhorita na loja de souvenires.

Julia agradeceu e seguiu seu caminho por entre as prateleiras de artesanato, brinquedos e quinquilharias. Um homem alto, impecável, num terno risca de giz azul-marinho com fendas laterais, estava parado de costas para ela. Assim que o viu – os ombros largos e os cabelos castanhos –, o coração dela saltou no peito. *Será que vai ser sempre assim? Será que vou ficar sem fôlego e com os joelhos bambos todas as vezes que o vir?*

Ela sabia a resposta antes mesmo de se aproximar dele. Como Gabriel não se virou, ela pigarreou.

– Professor Emerson, presumo.

Ele se virou depressa e, assim que a viu, arquejou de admiração.

– Olá, linda.

Ele pressionou os lábios contra os dela com um pouco mais de entusiasmo do que devia e a ajudou a tirar o casaco.

– Dê uma voltinha – pediu ele.

Julia girou lentamente.

– Você está deslumbrante.

Ele a puxou para seus braços e a beijou mais vigorosamente, prendendo os lábios dela

entre os seus e explorando sua boca.

Ela recuou, encabulada.

– Gabriel.

Ele a encarou com um olhar ardente.

– Vamos fazer mais disso hoje à noite. Temos o museu todo só para nós. Mas primeiro...

Ele esticou a mão para pegar uma caixa transparente que estava em cima de uma mesa baixa perto dali. Dentro da caixa havia uma grande orquídea branca.

– Para mim?

Ele sorriu com malícia.

– Estou tentando compensar o fato de ter perdido seu baile de formatura. Posso?

Ela abriu um sorriso radiante.

Gabriel tirou a flor da caixa e a prendeu no pulso dela com habilidade, fazendo um nó elaborado com a fita de cetim.

– É linda, Gabriel. Obrigada. – Ela o beijou com carinho.

– Venha.

Ela o acompanhou de bom grado, mas ele imediatamente percebeu seu erro e parou.

– Quero dizer, *por gentileza*.

Julia sorriu e entrelaçou seus dedos aos dele.

Eles se encaminharam para um amplo espaço aberto onde um pequeno bar improvisado tinha sido montado. Gabriel a conduziu até lá, pousando a mão na base das suas costas.

– Como você conseguiu fazer isso? – sussurrou ela.

– Fui um dos doadores da exposição florentina. Solicitei uma visita particular e eles concordaram com prazer.

Ele abriu um meio sorriso que quase fez Julia derreter e virar uma poça no chão, como no filme *O fabuloso destino de Amélie Poulain.*

O barman os recebeu calorosamente.

– Senhorita? – prontificou-se ele.

– Você sabe preparar Flirtinis?

– Naturalmente, senhorita. Num instante.

Gabriel arqueou as sobrancelhas e se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

– Nome interessante para um drinque. Uma prévia do que me espera?

Ela riu.

– Vodca de framboesa, suco de amora e abacaxi. Nunca tomei antes, mas li a receita na internet e me pareceu uma delícia.

Ele deu uma risadinha, balançando a cabeça.

– E o senhor? – perguntou o barman, entregando a bebida de Julia, enfeitada com uma pequena fatia de abacaxi.

– Água tônica com lima-da-pérsia, por favor.

Ela ficou surpresa.

– Não vai beber?

– Tem uma garrafa de vinho especial em casa. Vou me guardar para ela – disse ele com um sorriso.

Julia esperou Gabriel receber seu drinque para fazerem um brinde.

– Você pode trazer seu, como é mesmo?, *Flirtini* com você. Somos os únicos visitantes.

– Eu poderia ficar com um só desses a noite inteira. É bem forte.

– Temos todo o tempo do mundo, Julianne. A noite inteira gira em torno de você... seus anseios, necessidades, desejos. – Ele deu uma piscadela e a conduziu até um elevador. – A exposição é no andar de baixo.

Quando entraram no elevador, Gabriel se virou para Julia.

– Já lhe disse quanto senti sua falta esta semana? Os dias e as noites pareciam não acabar nunca.

– Também senti sua falta – respondeu ela, tímida.

– Você está linda. – Ele olhou para baixo, avaliando seus saltos. – Parece um sonho.

– Obrigada.

– Vou precisar de todo o meu autocontrole para não arrastá-la até a exposição de mobiliário vitoriano e fazer amor com você numa das camas de dossel.

Julia arqueou as sobrancelhas e deu uma risadinha, perguntando-se que tipo de reação aquela exposição em especial suscitaria.

Ele suspirou de alívio por seu comentário descuidado não ter feito com que ela fugisse. Precisaria ser mais cuidadoso.

Gabriel havia participado ativamente não só do financiamento da exposição de vários tesouros florentinos, mas também da seleção das obras. Enquanto andavam pelas salas, ele ofereceu breves palavras sobre algumas das peças mais impressionantes. Mas, durante a maior parte do tempo, os dois apenas passearam de mãos dadas, como um casal apaixonado, parando para se abraçar ou se beijar sempre que tinham vontade. O que acontecia com frequência.

Julia terminou sua bebida um pouco antes do previsto e Gabriel teve a gentileza de encontrar um lugar para que deixassem os copos. Ficou feliz por enfim terem as mãos livres. Ela era como uma Sereia para ele, uma voz irresistível. Ele acariciou seu pescoço, seu rosto, sua clavícula. Pressionou os lábios em suas mãos, seus lábios e seu pesçoço. Ela o consumia pouco a pouco e, quando abria um sorriso ou ria, Gabriel achava que iria pegar fogo.

Eles ficaram um bom tempo admirando o quadro *Madonna com a criança e dois anjos*, de Fra Filippo Lippi, pois era uma obra da qual ambos gostavam. Gabriel parou atrás dela, os braços aconchegados em volta de sua cintura.

– Você gosta deste quadro? – sussurrou Gabriel ao pé do seu ouvido, descansando o queixo em seu ombro.

– Muito. Sempre adorei a serenidade no rosto da Virgem.

– Eu também – disse Gabriel, deslizando os lábios do ponto onde o maxilar de Julia se juntava ao pescoço até debaixo de sua orelha e esfregando o rosto ali. – Sua serenidade é muito atraente.

Ela revirou os olhos.

– *Hummmmmm* – gemeu em voz alta.

Ele riu baixinho e repetiu o movimento, permitindo que a ponta de sua língua se movesse pela pele dela. Apenas um sussurro, apenas uma promessa, tão sutil que Julia pensou estar sendo acariciada pelos lábios dele.

– Gosta disso?

Ela respondeu erguendo a mão para segurar os cabelos de Gabriel. Esse era todo o incentivo de que ele precisava. Ele a virou e pressionou o corpo dela contra o seu, movendo os braços até a base de suas costas.

– Você é a verdadeira obra de arte – ele murmurou com a boca em seu pescoço. – Você é a obra-prima. Feliz aniversário, Julianne.

Julia puxou a orelha dele de leve com os lábios, então o beijou com carinho.

– Obrigada.

Gabriel a beijou com força, implorando sem palavras que ela se abrisse para ele. Suas línguas se moviam juntas, lentamente. Ele não tinha pressa. Estavam sozinhos num museu quase vazio. Ele beijou seus lábios e seu rosto, levando-a até um dos cantos da sala, imprensando-a com relutância contra a parede.

Os olhos dele estavam inseguros.

– Tudo bem?

Ela assentiu, sem fôlego.

– Se quiser que eu pare, é só falar. Não vou deixar as coisas irem longe demais... mas preciso de você.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele, puxando-o para si.

Ele a pressionou com cuidado contra a parede, moldando seu corpo ao dela. Cada músculo, cada superfície plana do corpo de Gabriel se encaixando nas curvas e na maciez do corpo de Julia. As mãos dele deslizaram até o quadril dela e então hesitaram. Ela se apertou com mais força contra ele em resposta. E, durante todo esse tempo, bocas e línguas continuavam sua exploração, insaciáveis. Os dedos longos e finos dele percorreram suas costas e desceram mais um pouco, até se afundarem na carne deliciosa de suas nádegas. Ele as apertou, inseguro, e sorriu no meio de um beijo quando Julia gemeu.

– Você é perfeita. Cada parte sua. Mas isto aqui... – Ele a apertou outra vez e começou

a beijá-la com vigor renovado.

– Está dizendo que gosta da minha bunda, professor?

Gabriel recuou para poder ver os olhos dela.

– Não me chame assim – ele meio que rosnou.

– Por que não?

– Porque não quero pensar nas regras da universidade que estou quebrando neste momento.

O sorriso dela desapareceu e Gabriel se arrependeu no mesmo instante.

– E eu jamais chamaria essa beleza que você tem aí atrás de *bunda*... ela é elegante demais para isso. Teria que criar uma palavra nova em folha só para descrevê-la em toda a sua glória.

Isso fez Julia rir, ao que ele a apertou novamente com as duas mãos.

O professor Emerson tem uma tara por bundas.

Os dedos de Julia preferiram os cabelos de Gabriel, acariciando-os e se emaranhando neles, empurrando sua cabeça em direção à dela. Ela conseguia sentir o coração dele batendo contra o seu peito. Sua respiração ficou ofegante, mas ela não se importou. Julia o amava. Amava-o desde os 17 anos. E ele nunca havia sido tão carinhoso com ela. Naquele instante, teria lhe dado tudo. Para o inferno com as consequências. *Que consequências?* Sua mente não conseguia nem identificá-las.

Os dedos dele começaram a se mover, acariciando suas curvas e apalpando sua carne. A mão direita de Gabriel deslizou para baixo para agarrar-lhe a coxa, puxando sua perna para cima. Ele passou a perna de Julia em volta da cintura e ela se apertou contra o seu corpo, como se dançassem um tango erótico contra a parede. Agora Gabriel não conseguia mais se mexer. Projetou o quadril para a frente, enquanto sua mão descia mais um pouco para sustentar a parte de trás da perna dela. Julia conseguia sentir a rigidez dele – uma pressão deliciosa e uma fricção tentadora.

Ela não conseguia parar de beijar por tempo suficiente para refletir sobre como havia dominado a arte do equilíbrio ou como conseguia respirar pela boca de Gabriel. Em um arroubo de coragem, tirou as mãos dos cabelos dele, acariciando-lhe os ombros e a cintura antes de explorar suas curvas apetitosas. Curvas que havia admirado significativamente em mais de uma ocasião. Curvas que eram firmes e musculosas sob seus dedos. Ela o puxou com força contra si, pressionando as mãos contra seu corpo para incentivá-lo.

Ele não precisava de incentivo. Suas mãos subiam e desciam pela meia-calça dela, acariciando-lhe a coxa. Aquilo era o paraíso. Respirar, ofegar, contorcer-se, beijar, sentir. Ele não encontrou nenhuma resistência. Nenhuma hesitação.

Ela o aceitava. Ela o queria. E seu corpo era macio, quente e muito receptivo.

– Julia, eu... nós precisamos parar. – Ele recuou.

Os olhos dela estavam fechados; seus lábios vermelhos, projetados para a frente. Agora ele ansiava ainda mais pela sua boca.

Afastando os cabelos do rosto dela, perguntou baixinho:

– Querida?

Julia abriu os olhos.

Ele colou a testa à dela e inalou seu hálito, em todo o seu perfume e doçura. Com uma última carícia, empurrou sua perna para trás e a ajudou a baixá-la. Julia retirou a contragosto suas mãos das nádegas de Gabriel. Então, por mais doloroso que fosse, ele estabeleceu certa distância entre os dois, pegando as duas mãos de Julia nas suas.

– Eu não deveria ter encurralado você desse jeito. Ou deixado as coisas irem tão longe. – Ele balançou a cabeça e conteve um xingamento. – Assustei você?

– Eu não disse *não*, Gabriel. – A voz suave dela ecoou no salão amplo. – E não estou assustada.

– Mas já sentiu medo de mim antes. Não se lembra da noite em que me perguntou sobre uma das minhas fotografias...? A mais agressiva... – Gabriel apertou os lábios.

– Conheço você melhor agora.

– Julianne, eu jamais tomaria nada de você nem tentaria coagi-la a fazer algo que não quisesse. Por favor, acredite em mim.

– Eu acredito, Gabriel. – Ela puxou uma das mãos dele e a espalmou sobre o seu coração, entre os seios. – Sinta como meu coração está batendo.

– Rápido demais. Como as asas de um beija-flor.

– É isso que acontece sempre que estou perto de você. Quando você me toca. Fui conquistada por você, Gabriel. Ainda não percebeu isso?

Ele arrastou o polegar por sua pele nua e transferiu gentilmente a atenção para o seu lábio inferior inchado.

– Eu fiz isso com você? Está doendo? – sussurrou ele.

– Só dói na sua ausência.

Ele pressionou os lábios nos dela com reverência.

– Você está me matando.

Ela jogou os cabelos para trás e sorriu.

– Mas vai ser uma morte muito, muito doce.

Ele riu e a puxou para um abraço.

– Vamos continuar nossa visita antes que meu contato decida nos expulsar por atentado ao pudor. Vou ter que conversar com ele para pegar as gravações das câmeras de segurança.

Gravações? Câmeras de segurança? Scheisse, pensou Julianne.

Hummmmmm. Mas pensando bem...

◆◆◆

Quando chegaram ao apartamento de Gabriel, eles já estavam rindo, um pouco altos por causa do álcool. A ânsia que sentiam um pelo outro tinha diminuído um pouco, mas continuavam a se tratar com carinho e afeto. Julia estava felicíssima. E eles tinham a noite inteira pela frente...

Gabriel a beijou na cozinha, insistindo que ela o deixasse fazer tudo.

– Mas quero ajudar.

– Podemos cozinhar juntos amanhã à noite.

Ela pensou no assunto por um instante.

– Não sei o que você acha, mas tenho a receita de frango à Kiev de Grace. Poderíamos fazê-la juntos. – Julia ergueu os olhos para ele, insegura.

– Scott costumava chamar esse prato de *frango gozado*. – Ele abriu um sorriso triste e tornou a beijá-la. – Há anos que não como frango à Kiev. Ficaria feliz se você me ensinasse.

Essa provavelmente vai ser minha única chance de lhe ensinar algo, Gabriel. Você é um deus do amor, entre outras coisas. Ela roçou os lábios nos dele e se acomodou num dos banquinhos da cozinha.

– O jantar de hoje é oferecido pelo Scaramouche. Já que Maomé não pode ir à montanha, a montanha precisa vir a Maomé.

– Sério?

– Está tudo aqui, inclusive um delicioso bolo de chocolate Grand Marnier da Pâtisserie La Cigogne. E tenho um vinho extraordinário que estava guardando e vou deixar decantar um pouco antes de começarmos a beber. – Ele lhe deu uma piscadela. – Comprei até velas para o bolo.

– Obrigada por esta noite maravilhosa, Gabriel. Foi... o melhor aniversário da minha vida.

– Ainda não acabou – falou ele, sua voz um pouco rouca e seus olhos azuis faiscantes. – Não lhe dei seu presente.

Julia ficou muito vermelha e olhou para as próprias mãos, perguntando-se se ele havia soado tão sensual de propósito. *Que "presente" será esse? Já sei qual eu gostaria de receber. Agora é oficial. Estou fantasiando sobre fazer amor com Gabriel...*

Os devaneios eróticos de Julia foram interrompidos pelo toque do seu celular. Ela foi até a bolsa e checou o aparelho com relutância.

– Não conheço o número – disse. – Mas o código de área é da Filadélfia.

Ela atendeu.

– Alô?

– Olá, Jules.

Julia inspirou devagar e com barulho. A cor desapareceu das suas faces, e Gabriel se aproximou imediatamente dela, sabendo que havia algo muito errado.

– Como conseguiu este número? – perguntou Julia antes de suas pernas virarem borracha e ela se deixar cair numa poltrona.

– Essa não foi uma recepção muito calorosa, Julia. Você vai ter que fazer melhor do que isso.

Ela passou o lábio inferior entre os dentes, sem saber como responder.

A pessoa do outro lado da linha suspirou teatralmente.

– Seu pai me deu seu telefone. Sempre gostei de conversar com ele. É um homem muito direito. Já não posso dizer o mesmo de você, que tem sido uma pirralha mimada.

Ela fechou os olhos e começou a inspirar e expirar muito depressa. Gabriel pegou sua mão e tentou colocá-la de pé, mas ela não se mexeu.

– O que você quer?

– Vou ignorar sua indelicadeza porque faz tempo que não nos falamos. Mas não abuse da sorte. – Ele baixou a voz até quase um sussurro: – Eu liguei porque queria saber como você está em Toronto. Ainda está morando na Madison Avenue?

A pessoa do outro lado da linha riu e Julia levou uma das mãos ao pescoço.

– Fique longe de mim. Não quero falar com você. Pare de telefonar para o meu pai.

– Eu não teria ligado para ele se você tivesse respondido aos meus e-mails. Mas, em vez disso, cancelou sua conta.

– O que você quer? – repetiu ela.

Gabriel fechou a cara para comunicar sua preocupação e gesticulou para que ela lhe desse o telefone. Julia balançou a cabeça.

– Tive uma conversa interessante com Natalie um dia desses – disse a voz.

– E daí?

– Ela falou que você talvez tenha algumas fotos que pertencem a mim.

– Não tenho nada seu. Deixei tudo para trás. Acho que você já sabe disso.

– Talvez sim. Talvez não. Só queria lhe dizer que vai ser uma pena se aquelas fotos um dia forem parar nas mãos da imprensa. – A voz se deteve. – Tenho um ou outro vídeo seu que poderia fazer circular. Fico imaginando o que seu pai acharia se visse uma gravação sua de joelhos com o meu...

Quando a descrição sórdida ecoou em seus ouvidos, Julia arfou ruidosamente e largou o telefone. Ele caiu no chão de madeira e deslizou em direção aos pés de Gabriel. A essa altura, Julia já estava correndo para o banheiro de hóspedes. O som da ânsia de vômito ecoou pelo corredor.

Para azar do homem que estava ligando, Gabriel tinha ouvido sua última ameaça. Ele pegou o telefone e o levou à orelha.

– Quem está falando?

– Aqui é Simon. Quem é você, porra?

Gabriel sibilou involuntariamente e seus olhos se estreitaram até virarem duas

pequenas fendas.

– Sou o namorado de Julianne. O que você quer?

Simon ficou calado por alguns instantes.

– Jules não tem namorado, seu otário. E ninguém a chama de *Julianne*. Passe o telefone para ela de novo.

Gabriel rosnou.

– É melhor você fazer o que ela disse e deixá-la em paz.

Simon deu uma risada ameaçadora.

– Você nem imagina com quem está lidando. Julia é instável. É uma garota muito problemática e precisa de ajuda profissional.

– Nesse caso, ainda bem que ela está saindo com um profissional.

– Ah, você é otário profissional? Sabe com quem está falando? Meu pai é...

– Preste atenção, seu filho da puta, você tem sorte de não estar na minha frente, ou então passaria a noite na sala de cirurgia para ter a cabeça costurada de volta ao corpo. Se eu ficar sabendo que voltou a procurá-la, *por qualquer meio*, irei atrás de você, e nem o seu pai, seja ele quem for, conseguirá tirá-lo do coma. Entendido? Nunca mais a procure.

Gabriel fechou o telefone com força e o atirou contra a parede. O celular se quebrou em vários pedaços, que se espalharam pelo chão.

Ele fechou os olhos e contou até cinquenta antes de se permitir ir atrás dela. Nunca havia sentido tanta raiva. Ou tido pensamentos tão homicidas. Era uma boa coisa que Julia precisasse dele. Senão tinha quase certeza de que teria caçado aquele moleque e acabado com a raça dele.

Gabriel serviu um copo d'água e o levou até Julia. Ela estava sentada na beira da banheira de cerâmica fria, cabisbaixa, abraçando o próprio peito, com as mãos trêmulas.

O que esse desgraçado fez com ela?

Quando ela baixou a mão para puxar a bainha da saia por sobre os joelhos, a visão de sua tentativa instintiva de manter algo parecido com recato fez Gabriel sentir um aperto no coração.

– Julia? – Ele lhe entregou a água.

Ela bebeu devagar, mas não respondeu.

Ele se sentou ao seu lado, puxando-a para junto de si.

– Ele lhe contou sobre quando nós estávamos juntos, não contou? – A voz dela soou grave, sem vida.

Gabriel a puxou mais para perto.

– Ele exigiu falar com você, mas eu lhe disse que não a procurasse mais.

Ela ergueu os olhos para Gabriel enquanto uma lágrima escorria lentamente de um deles.

– Ele não... falou nada a meu respeito?

– Balbuciou algumas incoerências até que o ameacei. – Gabriel fez uma careta. – E eu não estava brincando.

– Ele é terrível – sussurrou ela.

– Deixe que eu cuide disso. E, se for preciso ir até a Filadélfia falar com ele pessoalmente, é o que farei. E ele não vai gostar do que vai acontecer se eu precisar fazer essa viagem.

Julia mal ouvia as palavras de Gabriel. Simon fazia com que ela se sentisse usada. Suja. Patética. E ela não queria que Gabriel a visse dessa forma. Não queria que soubesse o que tinha acontecido. Jamais.

– Meu bem, o que ele queria?

– Acha que tenho algumas fotos dele e as quer de volta.

– Que tipo de fotos?

Julia fungou.

– Não sei. Devem ser bem ruins para ele estar tão preocupado.

– Você tem algo parecido?

– Não! Mas ele disse que tem vídeos meus. Vídeos pessoais. – Ela estremeceu. – Duvido que seja verdade, mas e se estiver enganada? E se ele forjar alguma coisa e mandar para o meu pai? Ou colocar na internet?

Gabriel engoliu sua repulsa e estendeu a mão para secar as lágrimas do rosto dela.

– Ele não vai fazer isso, a menos que seja muito burro. Enquanto achar que você tem algo que pode prejudicá-lo, não vai ser o primeiro a agir. Posso falar com seu pai e explicar que ouvi esse canalha ameaçar você. Então, independentemente do que ele colocar na internet, você vai poder dizer que é uma farsa criada por um maníaco.

Julia lançou um olhar de pavor para ele.

– Você não pode fazer isso. Meu pai já está incomodado por eu estar viajando para Selinsgrove com você. Ele não pode saber que estamos juntos.

Gabriel correu os dedos pelos cabelos dela antes de secar outra lágrima.

– Você não me contou isso. Não que eu o culpe. Mas você precisa lhe dizer o que aconteceu hoje à noite, para que ele não dê mais nenhuma informação a Simon.

Julia assentiu.

– Posso conversar com meu advogado amanhã. Você pode dar queixa contra ele e podemos tentar conseguir uma ordem de restrição. Também tentaremos descobrir se ele tem mesmo vídeos seus ou se está apenas blefando.

– Não quero que ele se sinta hostilizado por nada que eu faça. Você não entende... ele conhece pessoas poderosas.

Gabriel apertou os lábios. Queria instigá-la a agir, ou tomar alguma atitude por ela, mas Julia estava claramente traumatizada. E ele não queria transtorná-la ainda mais.

– Se ele voltar a entrar em contato, vou falar com meu advogado e aquele moleque vai comer o pão que o diabo amassou. Amanhã, vou levá-la para comprar um celular novo, com um número de Toronto. Você precisa pedir ao seu pai que mantenha o número em segredo.

Ele ergueu o queixo dela para poder olhar dentro dos seus olhos.

– Ele não pode lhe fazer mal. Eu prometo. – Gabriel abriu um largo sorriso. – Não se deixe enganar pelos meus óculos e minha gravata-borboleta. Sei me defender. E não vou deixar ninguém machucar você. – Ele beijou os lábios de Julia com inocência e acrescentou um pequeno beijo em sua testa. – Quando formos passar o Dia de Ação de Graças em casa, quando não estiver comigo você estará com seu pai. E eu estarei sempre a um telefonema de distância. Está bem?

Ela murmurou para informá-lo que tinha ouvido.

– Julia?

– Sim?

Ele a puxou mais para perto.

– A culpa é toda minha.

Ela o encarou com um olhar intrigado.

– Se não tivesse abandonado você naquela manhã... se tivesse voltado para procurá-la em Selinsgrove...

Ela balançou a cabeça.

– Eu tinha apenas 17 anos. Papai teria apontado uma arma para você.

– Eu deveria ter esperado.

Ela suspirou e seu rosto assumiu uma expressão angustiada.

– Você não sabe quanto eu me arrependo por não ter esperado por você. É por isso que nunca comemoro meu aniversário. E ele acabou de arruinar tudo de novo. – Ela começou a chorar baixinho.

Gabriel secou suas lágrimas com beijos.

– Esqueça esse cara. Agora somos só nós dois. Mais ninguém.

Julia queria acreditar nele. Mas, infelizmente, sabia que seu passado estava apenas começando a voltar para assombrá-la. Ela tremeu de medo ao pensar no que o feriado poderia trazer.

Julia tinha muito azar quando o assunto era o Dia de Ação de Graças.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Na noite de terça-feira, Julia teve um conversa muito tensa, ainda que "censurada", com seu pai sobre os acontecimentos do fim de semana anterior. Ela havia ligado para ele do seu novo iPhone, explicando por que tivera que trocar o número. Tom vinha tentando falar com ela havia três dias, mas sempre caía na caixa postal. Estava irritado.

– Pai, tive que mudar o número porque Simon me ligou.

– Ah, é? – A voz de Tom pareceu hesitante, o que deixou Julia desconfiada.

– Pois é. Disse que o senhor lhe deu meu número. Ele me ligou fazendo ameaças.

– Filho da puta – murmurou Tom.

– Vou lhe dar meu novo número, mas não quero que o dê para mais ninguém, especialmente Deb. A primeira coisa que ela faria seria passar para Natalie.

Tom continuou falando sozinho, como costumava fazer. Até perceber que havia outra pessoa do outro lado da linha.

– Não se preocupe com Deb.

– Ah, papai, eu me preocupo, sim! A filha dela ainda fala com Simon. E se ela contar a ele que irei passar o feriado na cidade? Ele poderia aparecer na sua casa!

– Você está exagerando. Ele não vai viajar até aqui. Tivemos uma conversa agradável na semana passada. Simon foi muito educado e disse apenas que você ainda está com algumas coisas dele. Não queria incomodá-la, então dei seu telefone a ele e falei que ele poderia ligar para você.

– Não tenho nada dele comigo! E, mesmo que tivesse, o senhor sabe que não quero falar com ele. Simon não é uma boa pessoa, pai. Ele age de um jeito com o senhor, mas, comigo... – Julia estremeceu um pouco.

– Tem certeza de que isso não é apenas um mal-entendido?

– Ameaças e intimidações costumam ser bem fáceis de entender, pai. Ele não tem o direito de falar comigo. Não tem o direito de ser meu amigo. E nenhuma desculpa no mundo vai consertar o que ele fez.

Tom suspirou.

– Está bem, Jules. Desculpe. Não vou dar seu número para ninguém. Mas tem certeza que não quer lhe dar uma segunda chance? Ele é de uma família excelente. E todos nós cometemos erros.

Julia revirou os olhos com tanta força que eles quase saltaram da sua cabeça e caíram no chão. Naquele instante, teve sede de vingança. Quis perguntar ao pai se ele teria aceitado sua mãe de volta caso tivesse visto o que ela viu ao chegar em casa aos 12 anos: Sharon debruçada sobre a mesa da cozinha com um de seus namorados atrás dela. Mas

não era vingativa, então não fez isso.

– O pai dele pode ser senador, mas Simon não deixa de ser um filho da puta. E o que ele quebrou não pode mais ser consertado. Acredite em mim.

Tom bufou.

– Está bem. Quando você vem?

– Na quinta-feira.

– Vai vir de carro com Rachel e Aaron?

– O plano é esse. Gabriel vai também. – Julia tentou tornar sua mentira convincente.

– Fique perto de Aaron e o mais longe possível de Gabriel.

– Por quê?

– Porque ele é uma maçã podre. Fico surpreso que não tenha sido preso. Tudo o que posso dizer é que ele tem sorte de ter se mudado para o Canadá.

Julia balançou a cabeça.

– Se ele fosse um criminoso, os canadenses não teriam lhe concedido um visto de trabalho.

– Os canadenses deixam todo mundo entrar. Inclusive terroristas.

Julia fez uma careta diante do preconceito do pai e continuou planejando sua visita, torcendo para que ele mantivesse sua promessa, por mais improvável que isso fosse.

◆◆◆

Depois de outra aula na qual Christa flertou descaradamente com Gabriel, Julia voltou para casa com Paul, que continuava a ser agradável e simpático. Eles zombaram do modelito *eu sou mais sexy do que você* e das botas de salto agulha *por favor, deixe-me seduzi-lo antes que você me reprove* de Christa, até Julia lhe dar boa-noite e entrar em seu apartamento. Ela preparou um jantar modesto – canja de galinha e chá Lady Grey – e admirou seus presentes de aniversário.

Depois de a comemoração ter sido interrompida de forma tão brusca por Simon, Gabriel lhe servira uma taça de vinho e insistira em que ela relaxasse diante da lareira enquanto ele preparava o jantar. Depois de jantarem à luz de velas e comerem o bolo, ele lhe deu seus presentes e a levou para a cama.

Gabriel havia passado a noite quase inteira em claro, acariciando as costas e os braços dela, as pernas dos dois se esfregando debaixo das cobertas. Ela acordou várias vezes, desnorteada por algum pesadelo, mas ele sempre estava ali para consolá-la e abraçá-la mais apertado. Ela se sentia segura com Gabriel, mas tinha medo de como ele reagiria ao descobrir a verdade. Isso se ela um dia conseguisse reunir coragem para lhe contar.

O iPhone tinha sido um presente... ou quase. Na manhã de domingo, quando Gabriel lhe estendeu, constrangido, os pedaços quebrados do seu celular, ela riu – e ele se sentiu grato por isso. Quando ele lhe explicou que tinha ficado com tanta raiva por Simon tê-la

aborrecido que destruiu seu telefone, Julia sorriu. Ela aceitou de bom grado o substituto mais sofisticado que ele lhe deu, assim como a respectiva aula sobre como usar o maldito aparelho.

Ele passou as fotos que Rachel havia tirado no Lobby para o telefone, para grande satisfação de Julia. Além disso, ajudou-a a gravar todos os seus contatos no aparelho, embora tivesse arqueado uma sobrancelha quando ela lhe explicou que precisaria digitar o nome "Dante Alighieri" ao inserir seu número. Também insistiu com teimosia em escolher seu próprio tom de chamada.

O principal presente de aniversário de Julia foi uma série de cópias digitais dos desenhos de Botticelli. Ele as havia reunido num livro especial com o nome dela gravado na capa, em letras douradas. Embora fossem apenas cópias, a coleção era inestimável. E ele escrevera uma dedicatória na guarda com sua caligrafia elegante.

Para a minha querida Julianne,
Feliz aniversário.
Que cada ano seja melhor do que o anterior
e que você seja sempre feliz.
Com minha eterna afeição,
Gabriel

Ela correu os dedos pela mensagem, traçando as voltas do *G* maiúsculo. Aquelas ilustrações eram, sem dúvida, o mais lindo presente que ganhara na vida.

Além disso, Gabriel lhe deu um pequeno álbum com fotografias em preto e branco. Em algumas delas, era possível reconhecê-la. As demais retratavam apenas parte de um rosto, ou um cacho de cabelo contra um pescoço longo e branco, ou uma garota rindo com os olhos fechados. Ela se sentia bonita quando Gabriel a beijava ou a tocava. Mas ver aquelas fotos lhe dava a sensação de que Gabriel via a sua beleza. Além de vê-la, ele a havia capturado, registrando-a para sempre.

Algumas daquelas fotografias eram sensuais, outras inocentes, umas eram doces. Nenhuma delas era constrangedora ou do tipo que pudesse envergonhá-la se fosse enviada para o seu pai ou publicada na internet. A sua favorita era uma em que ela estava de perfil, com dedos longos e brancos segurando seus cabelos, o rosto de um homem sombreado, pressionando os lábios em sua nuca. Aquela era uma foto que ela poderia imprimir em tamanho pôster e prender à parede em cima da sua cama – para o diabo com o quadro de Holiday.

Tome essa, Simon, seu idiota.

◆◆◆

– Por que você está me ligando? Aconteceu alguma coisa? Você fez alguma coisa com Julia? Juro por Deus, Gabriel, se você...

Gabriel afastou seu iPhone da orelha enquanto a irmã lhe dava um sermão.

– Não fiz nada com a Julia – interrompeu ele. – O ex-namorado dela ligou no sábado e ela ficou arrasada. Eu queria algumas respostas.

– Puta merda. Ela está bem?

– Ficou muito transtornada. Mas não quer me contar muita coisa.

– É claro que não. Por que falaria sobre isso com um professor?

Gabriel ficou irritado.

– Estávamos conversando sobre o feriado de Ação de Graças e fazendo planos para a viagem quando aquele filho da puta nos interrompeu.

– Quanta irritação, Gabriel. Por que está tão interessado?

– Porque aquele desgraçado, seja lá quem for, convenceu o pai dela a lhe dar seu número para que ele pudesse importuná-la.

– Porra – disse Rachel.

– Exatamente – falou Gabriel. – Então, antes que a leve de volta para Selinsgrove, onde ele talvez possa lhe fazer uma visita, eu queria saber com quem estou lidando.

Sua irmã ficou calada.

– Rachel? Estou esperando.

– Não sei o que você quer que eu diga. É o passado de Julia. Tem que perguntar a ela.

– Já disse que ela não quer falar no assunto.

– E podemos condená-la por isso? Se já sabe que ele é um filho da puta, então entende por que Julia não quer falar sobre ele. Não consegue nem pronunciar o nome do cara, para você ter uma ideia de como está amedrontada. – Rachel se interrompeu por alguns instantes e respirou fundo. – O pai de Simon é o senador John Talbot.

Gabriel pestanejou, reconhecendo o nome.

– E?

– Eles se conheceram quando eram calouros na faculdade. A princípio, Julia ficou perdidamente apaixonada, mas tive a impressão de que ele poderia ser difícil. Ela foi passar o último ano da graduação em Florença e, quando voltou, eles terminaram. Só voltei a vê-la quando fui visitar você. Aaron detestava Simon, então eu não andava muito com eles.

Gabriel bufou de raiva.

– Você não respondeu à minha pergunta. O que quer dizer com difícil? Está falando de violência? Infidelidade? Abuso emocional?

– Sinceramente, não sei de nada. Juntei algumas informações de uma conversa que tive com Natalie, a ex-colega de quarto de Julia. Simon era um babaca arrogante que gostava de ter Julia pendurada no seu braço. É óbvio que ele a deixou em frangalhos. Acho que

você pode imaginar o resto.

– Ele disse que Julia é perturbada, que precisa de ajuda profissional.

– O cara é um mentiroso desgraçado, Gabriel. O que esperava que ele dissesse? – Rachel suspirou de frustração. – O maior problema de Julia é *ele*. Se quer ajudá-la, facilite a vida dela em vez de dificultá-la. Espero que não esteja intimidando mais ainda minha amiga com essa sua arrogância. Ela já teve mais que o suficiente disso com Simon.

– Na verdade, estamos nos dando muito bem – confessou ele.

– Tão bem quanto nas fotos que mandei para você por e-mail? – Rachel soltou uma risadinha maliciosa.

– Temos um relacionamento profissional.

– Você pode enganar a todos, mas não a mim. Julia me contou que teve um encontro com alguém no sábado passado e, coincidentemente, você estava com ela quando Simon telefonou. Então me diga, Gabriel, você esteve com Julia antes ou depois do encontro dela? E como foi?

– Chegaremos a Selinsgrove na quinta-feira. Vou levar Julia para casa. – A voz de Gabriel soou fria.

– Ótimo. Acho que ela precisa falar ao pai que quer ficar com a gente. Se Simon for à cidade, não vai procurá-la por lá. E, Gabriel, obrigada pelo que você fez a respeito da casa. Papai está muito aliviado. Acho que todos nós estamos, inclusive Scott.

– Era o mínimo que eu podia fazer. Tchau, Rachel.

– Se machucar minha amiga, vou matar você. Trate de animá-la e *seja gentil*. Ou nunca vai convencê-la a sair do casulo. Um beijo.

– Eu... tchau.

Gabriel desligou sentindo-se um tanto desconfortável e voltou à tarefa de preparar a aula da semana seguinte.

◆◆◆

Com o fim do semestre se aproximando, a carga de estudos de Julia aumentou vertiginosamente. Além de escrever sua dissertação, ela precisava redigir trabalhos finais para os cursos, que deveriam ser entregues até o dia 4 de dezembro. Para completar, estava trabalhando nas candidaturas aos programas de doutorado.

Certa noite, ela e Gabriel haviam tido uma vaga conversa sobre isso. Ele sabia que ela queria ir para Harvard e estava concentrando grande parte de suas atenções nessa candidatura. O que não sabia era que a ideia de ir embora e deixá-lo para trás era quase insuportável para Julia, então, sem que Gabriel soubesse, ela também se candidatou à Universidade de Toronto.

Enquanto Julia passava a maioria dos dias e todas as noites trabalhando, Gabriel

enfrentava um mar de notas a serem lançadas e escrevia seu segundo livro. Ele preferiria passar as noites com Julia, mesmo que ambos estivessem ocupados, e às vezes conseguia convencê-la a estudar em seu apartamento; então ele ia para o escritório e ela espalhava seus papéis sobre a mesa de jantar. Mas geralmente não ficava muito tempo por ali. De alguma forma, sempre acabava na poltrona de veludo vermelha diante da lareira, mordendo a ponta de um lápis e escrevendo algo num caderno.

Depois de se verem tão pouco, foi com grande alívio que os dois arrastaram sua bagagem do apartamento de Gabriel até o táxi que os esperava no dia em que viajariam para o feriado de Ação de Graças. Esperando o taxista guardar a bagagem no porta-malas, Julia ergueu a cabeça e viu o vento de outono soprar os cabelos de Gabriel, jogando os fios diante dos seus olhos. Sem pensar, ela levantou a mão e afastou o cabelo do seu rosto, pressionando os lábios contra os dele. Ela acariciou seu rosto com ternura, tentando comunicar com os olhos o que não tinha coragem de dizer.

Gabriel retribuiu o olhar e a abraçou pela cintura. Ele a puxou para si e a beijou com mais força, explorando a base das suas costas através do casaco trespassado que ela usava. Julia foi a primeira a se afastar, rindo como uma colegial, enquanto ele afagava suas nádegas às escondidas, com um sorriso convencido.

– Ainda estou tentando encontrar a palavra certa – provocou ele, arriscando um último tapinha. – Embora *arrebitada* seja uma possibilidade.

– Comporte-se – alertou ela, voltando a brincar com seus cabelos.

– Preciso aproveitar – retrucou Gabriel, erguendo as sobrancelhas para ela. – Vou ter que ficar três dias na seca.

◆◆◆

Assim que eles chegaram ao Aeroporto Pearson, Julia ficou surpresa quando Gabriel a puxou para a fila exclusiva para a primeira classe e a executiva no guichê da Air Canada.

– O que estamos fazendo? – sussurrou ela.

– O check-in – sussurrou ele de volta, com um sorriso malicioso nos lábios.

– Mas eu só tinha dinheiro para a classe econômica.

Ele acariciou sua face com o polegar.

– Quero que se sinta confortável. Além do mais, da última vez que viajei na econômica, acabei sentado numa poça de urina, o que me custou uma calça caríssima.

Julia arqueou uma sobrancelha para ele.

– Tinha milhas suficientes para fazer o upgrade, então comprei passagens para a classe econômica e fiz isso. Tecnicamente, você só me deve o valor inicial. Não que eu queira o seu dinheiro.

Julia lançou um olhar intrigado para ele.

– Urina, Gabriel? Não sabia que a Air Canada tinha um setor para quem sofre de

incontinência.

Ele abanou a mão.

– Nem pergunte. Mas não vou passar por isso de novo. Além do mais, pelo menos eles nos dão bebidas e algo mais substancial do que pretzels. – Gabriel a beijou de leve e ela sorriu.

O voo para a Filadélfia transcorreu sem problemas. Depois de colocar o aparelho em modo avião, Gabriel deu continuidade ao seu curso básico para iPhone, mostrando a Julia os vários aplicativos instalados e perguntando se ela também os queria. Enquanto examinava os programas, encontrou a função iPod e foi descendo pelos arquivos de música: Mozart, Chopin, Berlioz, Rachmaninoff, Beethoven, Matthew Barber, Sting, Diana Krall, Loreena McKennitt, Coldplay, U2, Miles Davis, Arcade Fire, Nine Inch Nails...

Julia apertou um ícone por engano e foi parar na conta de e-mail de Gabriel na universidade. Enquanto tentava trocar para o aplicativo do álbum de fotografias, olhou rapidamente para a caixa de entrada e ficou chocada ao descobrir que tanto a professora Singer quanto uma *Paulina Grushcheva* haviam escrito para ele na semana anterior. Ela resistiu ao impulso de ler as mensagens e fechou o aplicativo. Gabriel, de óculos, lia um artigo de jornal e não percebeu o que acabara de acontecer.

Por que elas estão escrevendo para ele? A resposta era óbvia, mas isso não a impedia de fazer a pergunta a si mesma. Ela roeu uma unha, distraída.

Gabriel havia transferido para o iPhone várias das fotos em preto e branco de Julia, incluindo algumas que ela ainda não vira. Enquanto as passava na tela, ele se deu conta do que ela estava fazendo. Constrangido, tentou arrancar o telefone das suas mãos, mas ela o agarrou firme e começou a rir. Sem querer dar um espetáculo para os demais passageiros, ele se aproximou e sussurrou ao pé do ouvido de Julia, ameaçando beijá-la até ela desmaiar.

Ela lhe devolveu o telefone.

Julia se aconchegou ao lado de Gabriel, que guardou seus materiais de pesquisa e pegou um livro de capa dura na pasta.

– Que livro é esse? – A voz suave dela interrompeu seus pensamentos.

Ele lhe mostrou a capa. *Fim de caso*, de Graham Greene.

– É bom?

– Ainda estou no começo. Ele é considerado um grande escritor. É o roteirista de *O terceiro homem*, que é um dos meus filmes favoritos.

– O título é deprimente.

– Não é o que você está pensando. – Ele se remexeu no assento. – Bem, é e não é. É sobre fé, Deus e luxúria... Vou lhe emprestar depois que acabar de ler. – Gabriel sorriu com malícia para ela e se inclinou para mais perto, para poder roçar os lábios em sua

orelha. – Ou talvez possa lê-lo em voz alta para você quando estivermos juntinhos na cama.

As faces de Julia ficaram rosadas diante dessas palavras, mas ela sorriu.

– Eu gostaria disso.

Ele beijou de leve sua testa. Julia se aconchegou ao corpo dele e relaxou. Ele olhava para ela de vez em quando por sobre a armação dos óculos.

Não era fácil para Gabriel colocar em palavras o que sentia quando ela estava perto dele. Quanto ficava contente sempre que a tocava, ou quando eles estavam gozando de prazeres simples como música, literatura, comida e vinhos. Julia inspirava nele as emoções e desejos mais estranhos, como querer ler para ela; gozar inocentemente de sua companhia na cama; enchê-la tanto de presentes luxuosos como de presentes comuns; protegê-la de qualquer mal; e garantir que ela sorrisse todos os dias.

Talvez isso seja a felicidade, pensou ele. *Talvez isso seja quase o que Richard e Grace tinham.* A ideia o deixou intrigado.

Você a ama.

Gabriel se sobressaltou de repente. *De onde tinha vindo essa voz? Será que alguém dissera isso em voz alta?* Ele olhou depressa em volta, mas os demais passageiros da primeira classe estavam dormindo ou se entretinham com alguma outra coisa. Ninguém estava prestando atenção no professor agitado ou na beldade que cochilava ao seu lado.

É cedo demais. É simplesmente impossível. Não posso amá-la. Gabriel balançou a cabeça para a voz, fosse qual fosse sua origem, e voltou ao seu livro consideravelmente aflito.

Quando chegaram à Filadélfia, Gabriel foi ao estacionamento do aeroporto pegar o jipe Grand Cherokee que havia alugado.

– Que hotel você escolheu? – perguntou Julia, olhando para a escuridão pela janela.

– O Four Seasons. Conhece?

– Sei onde fica, mas nunca me hospedei nele.

– É muito bom. Você vai gostar.

O que Gabriel deixou de mencionar era que havia reservado uma suíte com vista panorâmica do Logan Circle. Também não contou a Julia que o quarto tinha um belo banheiro de mármore com uma banheira extraordinária. Julia notou a banheira antes mesmo de notar a vista. Isso sem falar no cesto de frutas que o gerente sempre oferecia aos clientes mais importantes.

– Gabriel – suspirou ela –, é lindo. Eu adoraria tomar um banho de espuma, mas...

Ele lhe abriu um sorriso e pegou seu cotovelo com carinho, conduzindo-a até o banheiro.

– Você vai ter toda a privacidade e seu acompanhante irá se comportar como um cavalheiro. – Ele se interrompeu e um brilho perverso lhe veio aos olhos. – A menos que

queira que eu lave suas costas. Nesse caso, terá que me vendar primeiro.

Julia sorriu.

– Poderíamos usar uma de suas gravatas – sussurrou ela.

Gabriel ficou boquiaberto. Então Julia começou a rir e ele percebeu que ela estava apenas provocando-o. *Danada*.

Ao observá-la retirar seu roupão e seus chinelos roxos da mala, ele logo percebeu que não teria como ficar sentado na sala de estar da suíte enquanto Julianne tomava um banho de espuma. Era demais para ele. Então inventou uma desculpa de que iria atrás de um jornal e desceu até o lobby. Resolveu não se sentar no bar, cheio de mulheres que pareciam capazes de comê-lo vivo. Em vez disso preferiu tomar uma taça de vinho e comer um sanduíche numa poltrona em um canto reservado. Pegou um exemplar do jornal *The Philadelphia Inquirer* e passou a hora seguinte se esquivando das tais mulheres, tentando bravamente não pensar no lindo corpo que se banhava na suíte.

Quando voltou ao quarto, o perfume de baunilha pairava no ar e Julia estava enroscada na cama como uma gata. Seu peito subia e descia num ritmo suave, seus longos cabelos negros espalhados pelo edredom verde. Ainda usava o roupão roxo e os chinelos.

Gabriel a observou dormir por alguns instantes e sentiu-se invadido por uma onda de emoção. Tentando compreender seus sentimentos, ocorreu-lhe que o desenvolvimento da relação entre os dois não estava sendo impedido apenas pela universidade. Estava sendo impedido também por ele, por seus segredos.

E pelos dela.

Ele havia decidido não fazer amor com ela até ter lhe revelado tudo. Embora fosse muito doloroso pensar nisso, Gabriel sabia que seria melhor esperar que ela fizesse o mesmo. Isso significava que Julianne precisaria se sentir confortável e segura o suficiente para enfim lhe contar o que havia acontecido com Simon. Senão ele só a conheceria em parte e não por completo. E eles precisavam se conhecer inteiramente.

Era importante para ele não violar a política da universidade, apesar de eles já a estarem violando em pensamento. Além disso, embora ele fantasiasse sobre levar o relacionamento físico deles adiante, a natureza das ameaças de Simon colocou um fim a essas fantasias.

Gabriel sabia, com base na receptividade dela, que Julia estaria disposta a usar as mãos ou a boca antes do fim do semestre. Isso com certeza aliviaria sua ânsia e saciaria alguns de seus desejos por um tempo. Mas, depois de ouvir o que Simon possivelmente havia gravado num encontro íntimo em especial, não havia a menor chance de Gabriel convencê-la a fazer isso. Ele estava determinado a tratá-la com carinho e respeito, a não apressar as coisas para sua satisfação pessoal. Embora jamais fosse usar esta palavra, Gabriel ansiava por *intimidade* em sua relação sexual com ela e, por causa do que suspeitava que tinha acontecido no passado de Julia, não permitiria que a primeira vez

deles fosse qualquer coisa menos que completa.

Gabriel sabia que, ao tomar essa decisão, ao resolver não fazer amor com ela sem antes revelar seus segredos, estava tornando cada vez mais improvável que eles algum dia chegassem a ter tamanha intimidade. No entanto, queria mais com ela, e não menos, e certamente não apenas o que seu ex-namorado conseguira – carícias no escuro que buscavam imitar a verdadeira conexão que o sexo tinha a oferecer. Carícias que sempre deixavam Gabriel um tanto insatisfeito.

Julianne merecia um homem disposto a lhe dar tudo, com ternura e paciência, e que estivesse interessado na união entre os dois, não apenas em usá-la para saciar seus desejos físicos. Ela merecia ser adorada, venerada até, especialmente em sua primeira vez. Gabriel preferiria ir para o inferno a lhe dar menos do que isso.

Ele suspirou com força e olhou o relógio. Eram quase duas da manhã. Os dois precisavam dormir. Ele tirou com cuidado as sandálias dos pés dela e a tomou nos braços, tentando puxar as cobertas. O roupão dela se abriu, revelando seu pescoço elegante, sua clavícula e um seio perfeito. O mamilo rosado brotava em meio à pela branca e leitosa. Tão delicado. Tão redondo.

Exatamente o que ele não precisava ver naquele momento.

Gabriel se esforçou para colocá-la debaixo das cobertas e ao mesmo tempo evitar que seu corpo ficasse ainda mais exposto. Então puxou com cuidado o roupão até ela estar coberta, resistindo ao impulso de tocar seu mamilo rosado com os dedos. Ou com os lábios. Aquela era uma visão que jamais esqueceria. Julianne era deslumbrante vestida, mas nua era como a Vênus de Botticelli.

Ele foi até a janela que dava para o Logan Circle e começou a remexer no cesto de frutas. Serviu-se de um copo de água Perrier e comeu uma maçã. Quando teve certeza de que conseguiria se controlar, vestiu uma camiseta e calças de pijama e se enfiou silenciosamente na cama.

O movimento fez Julia suspirar e se virar instintivamente, ficando de frente para ele. Esse gesto simples fez o coração de Gabriel inflar no peito. Mesmo adormecida, ela o reconhecia e o desejava. Ele a puxou, toda vestida, para os seus braços e lhe deu um beijo de boa-noite.

Enquanto pegava no sono, ele agradeceu a Deus por faltar apenas uma semana para o fim do semestre.

◆◆◆

Quando chegaram a Selinsgrove na tarde seguinte, foram imediatamente para a casa de Richard. Julia telefonou para o pai assim que pararam na garagem.

– Jules! Seja bem-vinda. Como foi o voo?

– Foi tranquilo. Tivemos que sair bem cedo, mas é bom estar de volta.

Tom suspirou alto.

– Jules, já falei a Richard que não vou poder me juntar a vocês. Deb ficou meio chateada por eu pensar em deixá-la sozinha no feriado, então falei que vou jantar com ela e as crianças hoje à noite. Rachel sugeriu que você dormisse na casa dela, para não ficar sozinha aqui em casa.

– Ah... – Julia olhou para Gabriel, indecisa.

– Deb falou que você é mais do que bem-vinda para se juntar a nós e que adoraria recebê-la.

– De jeito nenhum.

Tom bufou.

– Então talvez possamos nos encontrar amanhã no Kinfolks, para o café da manhã.

Julia futucou suas unhas, perguntando-se por que sempre ficava em segundo ou terceiro lugar na vida do seu pai.

– Está bem. Ah, e Jules, mande lembranças a Rachel e Aaron. E fique longe de Gabriel.

Ela ficou vermelha como um pimentão.

– Tchau, pai.

Desligou e olhou para Gabriel.

– Você ouviu isso, não ouviu?

– Ouvi. – Ele pegou a mão dela e acariciou sua palma com o polegar. – Temos alguns minutos antes que alguém perceba que já chegamos. Como Tom reagiu quando você lhe contou sobre Simon? Você não quis me falar antes.

Julia baixou os olhos para suas mãos unidas e ficou obervando Gabriel tocá-la.

– Julianne?

– Desculpe. Hum... ele disse que não iria dar meu número para ninguém.

A expressão de Gabriel ficou carregada.

– Você falou sobre o vídeo?

– Não. Nem vou falar.

– Ele é seu pai, Julianne. Não acha que ele deveria saber o que está acontecendo para poder protegê-la?

Julia deu de ombros e olhou pela janela.

– O que meu pai pode fazer? É a minha palavra contra a *dele*.

Gabriel parou de acariciar a palma da mão dela.

– Foi isso que seu pai disse?

– Não exatamente.

– E ele vai levar isso a sério?

– *Ele* o levou na conversa, como faz com todo mundo. Papai acha que tudo não passa de um mal-entendido.

– Por que ele acharia uma coisa dessas? Você é filha dele, pelo amor de Deus!

– Papai gostava muito *dele*. E não sabe quase nada sobre o que está acontecendo entre nós.

– Por que não contou a ele?

Julia se virou para Gabriel com uma expressão desesperada nos olhos.

– Porque eu não quero que ele saiba. Ele não acreditaria em mim mesmo, e não posso perdê-lo.

– Julia, não é possível que seu pai vá deserdá-la por você ter terminado com seu namorado.

– Ele passou a vida inteira de olho em mim para garantir que eu não ficasse igual à minha mãe. Não quero que me veja dessa forma. Ele é a única família que me resta.

Gabriel fechou os olhos e recostou a cabeça no banco do carro.

– Se aquele moleque a obrigou a fazer coisas que não queria, se ele a agrediu ou se aproveitou de você, então precisa contar ao seu pai. Ele tem que saber.

Julia suspirou devagar.

– Tarde demais.

Abrindo os olhos, Gabriel a encarou e aninhou seu rosto entre as mãos.

– Julia, preste atenção. Um dia você terá que contar a alguém.

Ela piscou para conter as lágrimas.

– Eu sei disso.

– Gostaria que esse alguém fosse eu.

Ela assentiu como se tivesse entendido, mas não fez nenhuma promessa.

Ele se inclinou para ela e deu um beijo inocente em seus lábios.

– Vamos. Devem estar todos esperando.

Assim que eles atravessaram a porta da frente, Julia se sentiu... estranha. Os móveis estavam dispostos como sempre. A decoração era a mesma, com exceção das flores frescas que Grace adorava deixar num grande vaso em uma das mesas de canto. Mas, assim que Julia saiu do hall e olhou em volta, percebeu que a casa parecia vazia, fria e solitária, mesmo estando cheia de pessoas. Grace era o coração daquele lar e agora todos sentiam sua ausência.

Julia estremeceu inconscientemente e, sem aviso, a mão de Gabriel se estendeu até a base das suas costas – uma pressão suave, um calor tranquilizante, e então ela não estava mais lá. Eles não tinham sequer trocado olhares. Ela sentiu o conforto abandonar seu corpo e se perguntou o que tudo aquilo significava.

– Julia! – Rachel veio quase correndo da cozinha. – Que bom que você chegou.

As duas amigas se abraçaram e então Rachel abraçou Gabriel. Scott, Aaron e Richard se levantaram de suas cadeiras e cumprimentaram os recém-chegados um de cada vez.

Julia tentou, com nervosismo, encontrar as palavras para dizer a Richard quanto lamentava não ter ido ao enterro, mas Rachel a interrompeu.

– Vamos tirar você deste casaco. Vou preparar Flirtinis para nós duas. Gabriel, fique à vontade. A cerveja está na geladeira.

Julia balbuciou algo que Gabriel não ouviu e desapareceu na cozinha com a amiga, deixando os homens voltarem a assistir ao jogo de futebol americano.

– Espero que Gabriel a tenha tratado bem durante a viagem – disse Rachel, começando a despejar uma série de ingredientes numa coqueteleira.

– Tratou, sim. Tive sorte por ele ter concordado em me trazer de carro, ou então teria precisado pedir carona. Papai decidiu passar a noite com Deb e os filhos dela. Acho que vou dormir aqui hoje. – Julia revirou os olhos, ainda desapontada por seu pai ter escolhido a namorada em vez dela.

Rachel abriu um sorriso compreensivo, oferecendo-lhe um Flirtini.

– Você precisa de uma bebida. E pode passar o feriado inteiro aqui, se quiser. Para que ficar sozinha em casa quando pode tomar drinques comigo?

Julia deu uma risadinha e tomou um gole bem generoso da bebida. Ela e Rachel ficaram conversando, botando o assunto em dia. Quando já estavam na segunda rodada de Flirtinis e a conversa começava a ficar mais picante, o jogo acabou, libertando os homens da grande TV de plasma na sala de estar. Grace tinha banido aquela coisa medonha para o porão. Richard a havia recuperado recentemente.

Os homens se juntaram a elas na cozinha, passando tira-gostos e garrafas de cerveja uns para os outros e insistindo em dar conselhos sobre o peru orgânico de Rachel, por mais que ela não os tivesse pedido.

– Você o deixou muito tempo no forno. Vai ficar seco. – Scott deu uma piscadela para Julia pelas costas de Rachel.

– Corta essa, Scott, ou eu vou cortar você.

Rachel abriu a porta do forno e começou a regar o peru, olhando ansiosa para o termômetro espetado nele.

– Está muito bonito, querida – disse Aaron.

Ele deu um beijo no rosto de Rachel, tirando de suas mãos o utensílio que ela usava para regar a carne, um pouco temeroso de que a noiva o usasse para atacar o irmão irritante.

Scott era o mais velho dos filhos biológicos de Grace e Richard, tinha cinco anos a mais do que Rachel. Ele era engraçado, alegre e adorava falar obscenidades. Com 1,92m, era alguns centímetros mais alto que Gabriel e ligeiramente mais pesado. Como Rachel, tinha os cabelos e os olhos do pai e um coração enorme, exceto quando o assunto era seu irmão adotivo.

– Julia, que prazer revê-la. Rachel me disse que você está se saindo muito bem no mestrado – disse Richard, sentando-se num banco vazio ao lado dela.

Julia sorriu. Richard tinha uma beleza clássica, com cabelos claros que começavam a

ficar grisalhos e olhos gentis. Ele era professor de biologia na Universidade de Susquehanna, especialista em anatomia humana, mais especificamente em neurônios. Apesar de sua inteligência e seu charme, geralmente era o último a falar; seu silêncio costumava ser complementado pela tagarelice de Grace. Sem ela, ele parecia... à deriva. Julia conseguia sentir sua solidão e vê-la nas rugas nos cantos dos seus olhos. Ele parecia mais magro e mais velho.

– Estou muito feliz por estar de volta, Richard. Sinto muito por não ter vindo em setembro. – Ela o encarou com uma expressão culpada e ele afagou sua mão. – Minhas aulas são ótimas. Gosto muito delas.

Julia lutou para não se remexer no banco, especialmente quando sentiu um par de olhos azuis intensos se fixarem nela.

– Gabriel me contou que você tem aula com ele.

– É, como está sendo isso? – perguntou Scott. – Consegue entender alguma palavra do que ele diz? Ou precisa de um tradutor?

Julia sabia que Scott estava apenas brincando, mas, pelo canto do olho, viu Gabriel se encolher.

– É meu curso favorito – disse ela baixinho. – A aula do professor Emerson é considerada uma das melhores do gênero na universidade. Em outubro ele deu uma palestra para mais de cem pessoas. O jornal da universidade chegou até a publicar uma foto dele.

Rachel arqueou as sobrancelhas e estreitou os olhos, lançando-os de Julia para Gabriel e vice-versa.

– *Professor Emerson?* Isso deve ser muito excitante, Gabe. Suas mulheres também costumam chamar você assim? Deve esquentar bastante as coisas na cama. – Scott soltou uma gargalhada retumbante.

– Em primeiro lugar, Scott, eu não tenho *mulheres*. E, não, a extraordinária *dama* com quem estou saindo no momento não me chama assim. – A voz de Gabriel soou fria e hostil enquanto ele saía às pressas da cozinha.

– Scott, pedi a você que se comportasse – falou Richard em voz baixa, mas em tom de censura.

– Pai, eu estava só brincando. Gabriel leva tudo muito a sério... alguém precisa dar uma relaxada nele. Além do mais, ele sempre foi galinha. Não falei nada de mais.

– Parece que Gabriel tem uma namorada. Tomara que ele seja feliz. – A voz de Aaron soou baixa e surpreendentemente compassiva.

Richard assumiu uma expressão estranha.

– Escutem aqui vocês todos. Este feriado já é difícil o suficiente sem essa merda passivo-agressiva. – A voz de Rachel sobressaiu às demais. Ela estava parada, com as mãos na cintura, olhando de cara feia para Scott. – Desculpe o linguajar, pai.

– Por que tudo tem que girar em torno dele? – Scott não estava mais brincando.

– Porque ele está se esforçando! O que é mais do que eu posso falar sobre você. Agora venha aqui e escorra essas malditas batatas e depois comece a amassá-las. Aaron vai tirar o peru do forno e, Julia, você pode buscar Gabriel? Quero que ele dê uma olhada na adega e escolha algumas garrafas de vinho.

– Eu posso fazer isso – protestou Richard. – Talvez devêssemos dar um tempo para ele.

– Ele já teve tempo suficiente. Desde que Scott concorde em se comportar. – Ela fuzilou o irmão com o olhar até ele assentir. – Além do mais, pai, preciso que o senhor corte o peru. *Julia*.

Rachel fez um gesto com a cabeça em direção ao andar de cima e Julia assentiu, saindo da cozinha. Ela subiu rapidamente as escadas e seguiu pelo corredor, detendo-se diante da porta entreaberta do antigo quarto de Gabriel. Bateu de leve.

– Entre. – Ele parecia irritado.

O quarto de Gabriel não tinha sido redecorado desde os seus 17 anos, exceto pela remoção dos antigos pôsteres de bandas e das fotos de mulheres seminuas. Havia uma cama de solteiro no meio do quarto, sob a grande janela panorâmica com vista para o bosque. Um armário alto e antigo se erguia contra uma das paredes e três estantes de livros imponentes e um velho aparelho de som cobriam a parede oposta. Quase toda a decoração era em tons de azul-escuro muito masculinos, inclusive o tapete.

Julia ficou observando Gabriel desfazer sua mala, dispondo de forma metódica as roupas dobradas em cima da cama. Quando a viu, ele se empertigou e sorriu.

– Agora entende por que prefiro ficar num hotel?

– Sinto muito, Gabriel. Eu deveria ter feito alguma coisa. Dito alguma coisa.

– Você tem que fazer o que eu faço normalmente: ficar quieta e aturar. – Ele largou o que estava em suas mãos e foi para o lado de Julia. – Foi boa ideia manter nosso relacionamento em segredo. Scott não me tem em alta conta, e associar você a mim poderia sujar sua reputação.

– Não me importo. Ele pode sujá-la à vontade.

Ele sorriu e acariciou seu rosto.

– Eu me importo. E muito. – Ele pigarreou. – Hoje à noite, depois que todos tiverem ido dormir, gostaria de levar você para passear.

– Eu adoraria.

– Pelo menos vou ter algo por que esperar.

Gabriel a puxou para um abraço ardoroso. A língua dele entrou imediatamente em sua boca e ele pousou as mãos em suas nádegas, apertando-as sem pudor.

Julia se permitiu esquecer que estava na casa do pai dele por alguns instantes antes de recuar com esforço.

– Nós... não podemos.

Gabriel estava com uma expressão alucinada nos olhos.

– *Mas eu preciso de você.* – Ele a agarrou e emaranhou as mãos nos seus cabelos. – Preciso de você, Julianne. Agora mesmo.

Julia se derreteu por dentro diante do desespero daquelas palavras. Ele arrastou os lábios pela curva do seu pescoço, esfregando o rosto no decote da blusa para poder mordiscar sua clavícula. Fechou a porta do quarto com o pé e abriu rapidamente os dois botões da blusa dela, afastando o tecido para revelar a pele perfeita logo acima do sutiã. Ele então a ergueu, apertando as curvas das suas nádegas e pressionando-a contra a porta, cruzando as pernas dela em volta da própria cintura. A proximidade, o contato direto entre os dois, deixou Julia ofegante.

Os lábios de Gabriel deslizaram pela parte de cima do seu peito, detendo-se para mergulhar a ponta da língua logo embaixo da renda cor-de-rosa. Julia jogou a cabeça para trás e gemeu, buscando os cabelos dele com as mãos e o puxando para a frente. Ele reagiu traçando com um dedo longo os contornos da meia-taça do sutiã, permitindo que sua mão deslizasse com cuidado para dentro, enquanto a outra segurava a parte de baixo da coxa direita de Julia.

Os olhos dela se arregalaram quando a palma quente da mão de Gabriel envolveu seu seio nu, a boca dele agarrada à pele da base do seu pescoço, sugando-a de leve. Por mais que lhe doesse, ela afastou a mão dele e mudou de posição, obrigando-o a soltar o seu pescoço.

– Gabriel, sinto muito. Não podemos fazer isso.

Ela ajeitou o sutiã depressa. Contorceu-se um pouco, mas Gabriel não a soltou. Ficando muito vermelha, ela evitou o brilho flamejante dos olhos dele.

– Sei que está chateado. E gostaria de poder consolá-lo, mas estão todos esperando lá embaixo. Rachel quer que você escolha o vinho para o jantar.

Gabriel olhou para ela com novos olhos e a largou no chão com cuidado. Ela abotoou às pressas a blusa e tentou ajeitar suas calças.

– Você me superestima.

Julia correu a ponta da sua bota de cano curto pela beirada do tapete.

– Duvido muito disso.

– O que fiz agora não foi nada apropriado ou gentil. Sinto muito.

Ele passou um dedo sobre a marca vermelha que havia surgido no ponto em que sua boca a provara e tornou a fechar a blusa de Julia, abotoando-a até em cima. Agora ela parecia uma crente.

Ela fitou aqueles olhos sombrios e perturbados.

– Gabriel, você ainda está cansado do dia de ontem e este é um feriado estressante. Sei que o que acabou de fazer não foi de propósito. Você se sente melhor quando me toca. E, para ser sincera, eu também. – Ela desviou o olhar para o chão.

– Venha cá – sussurrou ele, envolvendo-a num abraço caloroso. – Você está errada, sabia? Foi de propósito, sim. É claro que me sinto melhor quanto toco você. Mas me desculpe por tê-la atacado desse jeito. Não sei onde estava com a cabeça... – Gabriel pareceu sentir repulsa de si mesmo.

– Você não me machucou.

Ele sorriu contra os cabelos dela e deu um beijo em sua testa.

– Vou me esforçar para ser digno de você. Se não estivesse aqui, eu já teria ido embora.

– Não teria, não. Richard precisa de você. E você nunca o deixaria na mão.

Uma expressão angustiada cruzou o rosto de Gabriel como uma sombra. Ele a beijou outra vez, mais como um amigo do que como um amante, e se voltou para a sua mala.

Julia saiu do quarto e desceu as escadas, perguntando-se o que aconteceria durante o jantar. Parou por um instante no patamar para conferir sua aparência no espelho, esperando não estar com cara de quem tinha acabado de dar uns amassos às escondidas no professor.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Rachel havia planejado com antecedência a disposição da mesa. Ela se sentou no lugar de Grace, numa das extremidades, a fim de ficar perto da cozinha. Richard ocupou a outra cabeceira. Scott e Aaron se sentaram de um lado, e Julia e Gabriel, do outro. Julia conseguia sentir os olhos de Gabriel sobre ela, mas, para sua grande decepção, ele não tentou roçar nela por debaixo da mesa.

Rachel notou o novo visual de Julia, parecendo uma crente com a blusa abotoada até em cima, e lançou um olhar para Gabriel. Ele ignorou a irmã, concentrando toda a sua atenção em seu guardanapo de linho.

Antes de começarem a comer, Richard pediu que todos dessem as mãos para fazerem uma oração de agradecimento. Uma onda de energia passou da mão de Gabriel para a de Julia, fazendo com que ela a recolhesse na mesma hora. Os olhos de águia de Rachel perceberam o que acontecera, mas ela ficou calada, pois, no fim, Julia acabou dando a mão a Gabriel.

– Senhor, agradecemos por este dia e pelos vários presentes que nos deste. Obrigado pelos nossos pais, pelo nosso lar, pela nossa comida. Obrigado pela minha linda família e por podermos estar juntos, pela minha esposa maravilhosa, o amor da minha vida...

Seis pares de olhos se abriram imediatamente: cinco deles se voltaram para a cabeceira e o outro, um par de olhos acinzentados, se fechou imediatamente e foi coberto por duas mãos.

Tinha sido um deslize. A descrição de Grace havia escapado da sua boca, como sempre acontecia durante a oração de agradecimento. Mas o efeito foi dramático. Os ombros de Richard começaram a tremer.

– Ó meu Deus – murmurou Julia.

Num piscar de olhos, Rachel saiu de sua cadeira e foi passar os braços em volta dos ombros do pai, esforçando-se para conter o choro. Aaron se apressou em concluir a oração de Richard, como se nada tivesse acontecido, e, quando chegaram ao *Amém*, todos tiveram que enxugar uma ou duas lágrimas fugitivas. Eles então começaram a passar os legumes, o peru e o purê de batatas entre si.

Com exceção de Gabriel. Ele ficou parado, estoico, com as mãos cerradas dos lados do corpo, observando o pai adotivo chorar. Debaixo da mesa, Julia pousou uma mão hesitante sobre o joelho dele. E, como Gabriel não se encolheu nem afastou a mão dela, manteve-a ali. Pouco depois ele a pegou, apertando-a.

Julia sentiu o corpo inteiro de Gabriel relaxar antes de eles recolherem suas mãos. Durante a maior parte da refeição, ele entrelaçou seu pé esquerdo no pé direito dela,

mantendo em segredo o permanente contato entre eles.

Quando a família já estava comendo uma torta de abóbora que havia sido encomendada, Richard disse a Julia que se mudaria para a Filadélfia em janeiro, para começar num novo emprego como pesquisador no Centro de Neurociências do Temple University Hospital.

– O senhor vendeu a casa?

Richard lançou um olhar para Gabriel e então voltou a encarar Julia.

– Vendi. Comprei um apartamento perto de Rachel e Aaron. Vou poder me concentrar nas minhas pesquisas e não precisarei mais dar aulas. Ainda não estou pronto para me aposentar, mas gostaria de fazer algo diferente.

Julia ficou triste que a casa tivesse sido vendida, mas disse apenas coisas positivas sobre os planos dele. *Deve ser por isso que Gabriel quer visitar o pomar hoje à noite.*

– Então, Gabriel, por que não conta para todos nós sobre a viagem à Itália que está prestes a fazer? – Richard sorriu para o filho.

Várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Rachel e Aaron olharam para Julia. Ela continuou a comer a torta de abóbora como se nada tivesse acontecido, tentando bravamente aparentar naturalidade. E Gabriel pegou sua mão embaixo da mesa, cerrando os dentes. Julia quase conseguiu ouvir seu maxilar trincar.

– Você vai à Itália? Puxa, quem me dera ter uma conta recheada para poder fazer isso. Adoraria conhecer esse país. – Scott deu uma piscadela para Julia.

Richard lançou um olhar educado, porém ansioso, para Gabriel. Julia viu uma fagulha de raiva atravessar o rosto dele antes de desaparecer.

– Fui convidado para dar uma palestra na Galleria degli Uffizi, em Florença – anunciou ele, tenso.

– Quando? – perguntou Rachel.

– No começo de dezembro.

– E quanto tempo vai ficar fora? – perguntou Aaron.

– Umas duas semanas, talvez mais. Meus anfitriões têm muitos eventos planejados e espero poder fazer algumas pesquisas para o meu livro enquanto estiver por lá. Mas vai depender.

Gabriel apertou a mão de Julia, mas percebeu que ela estava sem vida. Ela se manteve concentrada na torta, mastigando-a pensativamente. Ninguém notou que seus olhos tinham ficado marejados. Ela não ousava olhar para Gabriel.

Depois do jantar a cozinha ficou cheia, todos ajudando a lavar e guardar a louça. Gabriel tentou falar com Julia a sós, mas foram constantemente interrompidos. Por fim, desistiu e acompanhou Richard até a varanda dos fundos. O restante da família se acomodou na sala de estar para ouvir uma terrível seleção de músicas dos anos 1980.

A trilha sonora tinha sido escolha de Scott. Quando ele se levantou para dançar

“Tainted Love”, do Soft Cell, Rachel e Julia zombaram impiedosamente dele. Aaron não entendia o que havia de tão interessante na música daquela década, ou qual era a graça da dança um tanto estranha de Scott, mas sorriu com educação, tomando sua cerveja.

Quando começou “Don’t You (Forget About Me)”, Julia decidiu que era hora de pegar outro drinque. Foi até a cozinha e ficou olhando pela janela para Gabriel e Richard, sentados em duas espreguiçadeiras, usando seus casacos de inverno.

– Oi, Julia. – Aaron apareceu atrás dela e pegou outra cerveja Corona na geladeira. – Quer uma?

– Obrigada. – Julia pegou a garrafa, agradecida.

– Lima-da-pérsia? – Ele apontou para várias fatias de lima-de-pérsia numa tigela sobre o balcão.

Depois de observá-la brigar para enfiar uma fatia pela abertura estreita da garrafa, Aaron se apiedou dela.

– Quer ajuda?

– Por favor.

Aaron era um especialista. Empurrou a fatia de lima-da-pérsia para dentro e, tapando o gargalo com o polegar, virou a cerveja de cabeça para baixo, mandando a fatia para o fundo da garrafa. Quando voltou a endireitá-la, tomou o cuidado de deixar a pressão sair bem devagar e, com uma expressão convencida, entregou a garrafa de volta a Julia.

– É assim que se faz – disse, com um sorriso.

Ela tomou um gole rápido e também sorriu. Ele tinha razão. Estava uma delícia.

– Você é um cara legal, Aaron. – Julia ficou surpresa ao se ouvir dizer essas palavras em voz alta.

Ele ficou vermelho.

– Como você está?

Ela deu de ombros.

– Tudo bem. O mestrado dá muito trabalho, mas acho que estou me saindo bem. Estou me candidatando a vários programas de doutorado para o ano que vem. Espero conseguir entrar em algum deles.

Aaron assentiu e a encarou com um olhar sério, porém compassivo.

– Rachel me disse que Simon telefonou. Não quero aborrecê-la, mas estamos os dois muito preocupados. Você está bem?

Julia piscou um pouco, assimilando o que tinha acabado de ouvir e percebendo que Gabriel devia ter contado a Rachel sobre o telefonema.

– Fiquei assustada. Mesmo tão longe, ele conseguiu me encontrar. Simon não ficou exatamente feliz com a nossa conversa.

Aaron afagou seu braço.

– Você está conosco. É parte da família e nós somos muito unidos. Se Simon aparecer,

darei um jeito nele. Estou mesmo louco por uma briga. Tem forma melhor de extravasar sua frustração do que dando uma lição num sujeito como ele? – Aaron sorriu e tomou um gole de cerveja.

Julia concordou com a cabeça, mas não sorriu.

– O que está havendo com o casamento? Rachel me disse que vocês escolheram uma data, mas quando perguntei sobre isso hoje, ela não quis me falar nada.

Ele balançou a cabeça.

– Não diga nada a ninguém, mas estávamos planejando nos casar em julho. Isso até Rachel ter visto o pai quase ter um colapso durante a oração. Ela me puxou de lado depois do jantar e disse que agora não havia a menor chance de levantar o assunto do casamento. Então voltamos à estaca zero: estamos noivos, mas sem data marcada. – Aaron baixou um pouco a cabeça e enxugou os olhos com as costas da mão.

Julia sentiu pena dele.

– Ela o ama. Vai se casar com você. Rachel só quer uma família feliz e um casamento grande e alegre. Vocês vão conseguir.

– E quanto à minha felicidade? – balbuciou ele, seu olhar duro por alguns instantes. Ele suspirou e balançou a cabeça. – Não quis dizer isso. Sério. Mas eu a amo. Há anos que a amo. Eu nunca quis que simplesmente morássemos juntos. Quero me casar com ela desde que terminamos o ensino médio. Mas Rachel sempre quis esperar. E essa espera está me matando, Jules.

– Algumas pessoas acham que casamento é só um pedaço de papel. Rachel tem sorte de que você não pense assim.

– Não é só um pedaço de papel. Quero estar diante de Rachel, de Deus e de todos os nossos amigos e fazer meus votos. Quero que ela seja minha. Não como namorada, mas como esposa. Quero o que Richard e Grace tinham, mas às vezes me pergunto se isso vai mesmo acontecer.

Julia passou timidamente um braço em volta do ombro de Aaron.

– Vai acontecer, sim. Não desista. Assim que Richard sair desta casa e se estabelecer em sua nova vida, Rachel vai perceber que não tem nenhum problema vocês voltarem a ser felizes. Estar aqui sem Grace é doloroso para todos. A casa fica tão vazia sem ela...

Aaron assentiu e virou o resto da sua cerveja.

– Scott decidiu pôr uma música lenta. Rachel vai querer dançar. Com licença.

Ele desapareceu na sala de estar, deixando Julia sozinha com sua cerveja perfeita e seus pensamentos nem um pouco.

Enquanto isso, Richard e o filho mais velho estavam sentados lá fora, aproveitando os presentes de Gabriel: charutos cubanos que ele havia trazido do Canadá e uma garrafa do uísque preferido de Richard, The Glenrothes.

– Grace nunca teria permitido isso dentro de casa – refletiu Richard, soprando anéis de

fumaça em direção ao veludo negro do céu de novembro.

– Tenho certeza de que ninguém vai se importar agora.

Richard abriu um sorriso triste para o filho.

– Mas eu me importaria. Por ela. Obrigado, por sinal. Esses charutos devem ser os melhores que já provei.

– Não tem de quê.

Eles brindaram e desejaram saúde um ao outro, caindo em silêncio para observar o bosque atrás da casa e o delicado brilho das estrelas no céu.

– Julia me pareceu bem. Vocês se veem com frequência?

Gabriel bateu casualmente a cinza do charuto no cinzeiro entre eles.

– Ela tem aula comigo.

– Está uma adulta. Parece mais confiante. – Richard tragou seu charuto, pensativo. – Sua universidade deve fazer bem a ela.

Gabriel deu de ombros.

– Grace a amava. – Richard observou o rosto do filho, que não esboçou reação. – Agora que estou de mudança, vamos precisar ter uma reunião de família sobre os móveis e... outras coisas. Acho que vai ser desagradável, mas creio que seria melhor ter essa conversa agora em vez de esperarmos até o Natal. Você vem passar o Natal aqui, não vem?

– Sim, só não sei que dia eu chegarei. Quanto aos móveis, Rachel e Scott podem ficar com tudo.

Richard apertou os lábios.

– Você também é da família. Não gostaria de ficar com nada? E aquele armário que Grace herdou da avó? Ele sempre ficou no seu quarto. Não o quer?

Gabriel analisou o pai por alguns instantes.

– Imaginei que o senhor fosse levar todas as coisas dela.

– É simplesmente impossível. Há algumas coisas de que não conseguirei me desfazer. Mas o resto... – Ele suspirou. – Para ser franco, esta é a coisa mais importante para mim. – Ele levantou a mão e mostrou sua aliança para Gabriel.

Gabriel ficou surpreso que ele ainda a estivesse usando, mas apenas por um instante. Algo lhe dizia que Richard a usaria por toda a vida.

– Grace queria que suas joias fossem divididas. Rachel deu uma olhada nelas ontem. Deixou algumas coisas em cima da cômoda do seu quarto.

– E quanto a Rachel?

– Ela está feliz com o que Grace quis lhe dar e o mesmo vale para Scott. Na verdade, eles queriam que Julia ficasse com alguma coisa, se você não se opuser.

Gabriel esfregou os olhos.

– Não, não me oponho. O que eles têm em mente?

– Grace tinha dois colares de pérolas. Um deles fui eu que dei, mas o outro ela herdou dos pais ou comprou quando ainda era estudante. Não sei direito. É este último que Rachel gostaria de dar para Julia.

– Por mim, tudo bem.

– Ótimo. Mas, antes de ir embora, não deixe de falar com Rachel sobre as outras coisas. Você vai querer levá-las.

Gabriel assentiu, desconfortável, concentrando sua atenção no charuto.

– Grace amava você. Ela não acreditava em favoritismo, sabe? Mas você era... especial. Ela acreditava que você tinha sido um presente de Deus. Só queria que fosse feliz.

Gabriel assentiu.

– Eu sei.

– Na verdade, queria que você encontrasse uma boa garota, se casasse, tivesse filhos e só *depois* fosse feliz. – Richard sorriu.

– Isso não vai acontecer, Richard.

– Você não sabe. – Ele estendeu sua mão com afeto e segurou de leve o braço do filho. – Grace nunca desistiu. Não desista também. Se tem uma coisa que sei sobre Grace é que ela ainda ama você e, sem dúvida, está acendendo velas e rezando pelo seu bem neste exato momento. Só está um pouco mais perto da fonte.

Por um instante, os olhos deles se encontraram. Por um instante, duas safiras e duas pedras cinzentas se encheram de lágrimas.

Reze por mim, Grace. Como vou conseguir viver sem você?, pensou Richard.

Os dois homens sopraram anéis de fumaça pela varanda, saboreando devagar seu uísque e suas lembranças. Ambos em silêncio.

Quando todos decidiram que era hora de ir para a cama, subiram as escadas quase em duplas, como animais seguindo a passos pesados para a Arca de Noé.

Gabriel puxou Julia um pouco para trás para que fossem os últimos. Quando todos já haviam desaparecido em seus aposentos, ele ficou parado diante da porta do quarto dela, encarando-a com uma expressão um tanto voraz. De repente, Julia ficou nervosa e fascinada pelos próprios pés.

Ele estendeu a mão, abrindo o botão de cima da blusa dela, e deslizou pelo seu pescoço.

– Desculpe por isso. – Ele tocou a marca que havia feito antes.

Julia manteve os olhos abaixados.

– Julianne, olhe para mim. – Ele puxou seu queixo para cima com um só dedo, fitando os olhos agitados dela. – Não queria marcá-la. Sei que você não pertence a mim, mas, se fosse minha, eu encontraria uma maneira melhor de mostrar isso para o mundo que não fosse deixar sua linda pele vermelha ou roxa.

Os olhos dela ficaram marejados. É claro que ela era de Gabriel. Desde o dia, anos

antes, em que pegara sua mão e o seguira pelo bosque.

– Espere aqui um instante. – Ele desapareceu em seu quarto, voltando com um suéter de caxemira verde muito familiar. – Para você.

Julia aceitou o suéter, mas o encarou com um olhar intrigado.

– Estava preocupado que você não fosse estar agasalhada o suficiente. Achei que talvez pudesse usar este suéter para irmos ao bosque.

– Obrigada. Mas não vai precisar dele?

Ele sorriu deliberadamente.

– Tenho outros. E gosto de pensar que algo meu esteja tão perto de você. Se pudesse escolher, você o usaria durante todo o feriado. – Ele ajeitou os ombros e se aproximou um passo. – Talvez esta seja uma maneira mais humana de marcá-la.

Os olhos de Gabriel brilharam na penumbra do corredor. Ele deu mais um passo à frente, como se pretendesse puxá-la para um abraço, e então Scott saiu atabalhoado do seu quarto, sem camisa e usando apenas uma cueca samba-canção. A cueca era estampada com carinhas sorridentes.

Assim que o viu e antes que o irmão pudesse falar qualquer coisa, Gabriel esticou a mão num gesto brusco.

– Boa noite, Julia – falou, tenso, apertando a mão dela.

Scott bufou alto e coçou a bunda enquanto seguia para o banheiro. Assim que a porta se fechou, Gabriel puxou Julia para seus braços e a beijou com ardor.

– Venho buscá-la daqui a uma hora. Vista algo quente e calce sapatos confortáveis.

Ele olhou para suas botas de salto alto com um suspiro. Doía-lhe se despedir delas, mas Gabriel sabia que era necessário.

– Boa noite, meu... – Ele se deteve de forma abrupta antes de desaparecer em seu quarto, deixando Julia sozinha no corredor.

Ela se perguntou qual seria a palavra que ele não tinha dito. Perguntou-se também se deveria lhe dizer que era sua.

Julia foi para o quarto e se agasalhou, envolvendo-se no perfume de Gabriel e em seu suéter de caxemira quentinho, que a cingia como o abraço de um amante.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A casa estava mergulhada na escuridão e todos já pareciam dormir a sono solto. Gabriel e Julia estavam parados na cozinha, olhando um para o outro.

– Não sei se você está bem agasalhada. Está muito frio lá fora – disse ele, gesticulando para a jaqueta dela.

– Não tão frio quanto Toronto – retrucou ela, rindo.

– Não vou manter você lá fora por muito tempo. Olhe só o que encontrei. – Gabriel ergueu um cachecol longo e largo, com grossas listras pretas e brancas. Ele o enrolou no pescoço de Julia, amarrando-o com habilidade na frente. – É da minha época em Oxford.

Julia sorriu.

– Adorei.

– Fica bem em você. Encontrei outra coisa, também.

Gabriel mostrou um velho cobertor que parecia estranhamente familiar.

Julia estendeu a mão e a correu pela bainha.

– É o mesmo?

– Acho que sim. Mas não creio que será quente o bastante, então trouxe mais dois. – Ele pegou sua mão e a conduziu até a varanda.

Estava mais frio e escuro dessa vez, mas parecia que o tempo não havia passado desde que Julia pegara a mão de Gabriel e o seguira pelo bosque. Ela respirou fundo com a lembrança e, enquanto atravessavam o quintal em meio à escuridão, Julia sentiu seu coração bater forte dentro do peito.

Gabriel apertou sua mão.

– O que foi?

– Nada.

– Dá para ver que você está nervosa. Fale comigo.

Ele soltou sua mão e passou o braço em volta da cintura dela, puxando-a para perto.

Ela reagiu abraçando a cintura dele.

– Na última vez em que estive neste bosque, eu me perdi. Você precisa prometer que não vai me abandonar aqui.

– Julianne, não vou abandoná-la. Você não entende quanto é importante para mim. Não consigo nem imaginar como seria perdê-la. – O tom de voz de Gabriel mudou, ficando mais grave e tenso.

A declaração dele a pegou de surpresa.

– Se por um algum motivo nos separarmos, quero que me espere. Prometo que a encontrarei.

Gabriel sacou uma lanterna do bolso e acendeu-a, produzindo um facho brilhante de luz e iluminando a trilha desgastada que se estendia diante deles e desaparecia em meio às árvores.

O bosque era assustador à noite: uma mistura de pinheiros viçosos e árvores sem folhas, à espera da primavera. Julia apertou a cintura de Gabriel com mais força, com medo de tropeçar em alguma raiz ou qualquer outra coisa e se estatelar no chão. Quando chegaram à beira do pomar, ele parou.

Parecia menor do que Julia se lembrava. A clareira coberta de grama era a mesma, assim como a pedra e as macieiras, mas não tão grandes e substanciais quanto em sua memória. Também parecia mais triste, como se tudo ali tivesse sido esquecido.

Gabriel a conduziu até o espaço que eles haviam ocupado tantos anos antes e estendeu meticulosamente o velho cobertor no chão.

– Quem comprou a casa de Richard? – perguntou ela.

– Como?

– Estava me perguntando quem teria comprado a casa. Tomara que não tenha sido a Sra. Roberts. Ela sempre quis comprá-la.

Gabriel a puxou para se sentar perto dele e estendeu sobre eles os outros dois cobertores. Ela se aninhou ao seu lado e ele a envolveu com os braços.

– Fui eu.

– Sério? Por quê?

– Não iria deixar a Sra. Roberts morar aqui e cortar todas as árvores.

– Então você a comprou por causa do pomar?

– Não conseguia suportar a ideia de que outra pessoa ficasse com ele e provavelmente o destruísse. Ou de nunca mais poder voltar aqui.

– Então o que vai fazer?

Ele deu de ombros.

– Meu corretor vai alugá-la. Gostaria de mantê-la como uma casa de veraneio. Não sei. Só não podia deixar que Richard a vendesse para um estranho.

– Foi muito generoso da sua parte.

– Dinheiro não significa nada para mim. Jamais poderei saldar minha dívida com ele.

Julia deu um beijo em seu rosto e Gabriel sorriu.

– Está confortável?

– Sim.

– Está bem aquecida?

Julia deu uma risadinha.

– Você está gerando uma bela quantidade de calor, então, sim.

– Você está muito longe.

Ela colou seu corpo ao dele e tremeu um pouco quando ele a pôs de lado em seu colo.

– Bem melhor assim – sussurrou ele, puxando a jaqueta dela um pouco para cima a fim de tocar a pele nua da base das suas costas.

– Posso fazer uma pergunta? – Julia o encarou, pensativa.

– Claro.

– Por que você não tem o sobrenome Clark?

Ele suspirou.

– Emerson era o nome da minha mãe. Achei que mudá-lo seria o mesmo que renegá-la. E não sou um Clark. Não de verdade.

Eles ficaram calados por alguns minutos, lidando, cada um a seu modo, com as lembranças e a realidade. Gabriel continuou acariciando as costas dela e Julia se aninhou no corpo dele. Ele não parecia estar com pressa de começar a conversar, então Julia resolveu falar primeiro.

– Eu me apaixonei por você no momento em que vi sua foto pela primeira vez. Fiquei tão surpresa por ter me notado na noite em que nos conhecemos... por ter querido que eu o acompanhasse.

Ele roçou os lábios nos dela, apenas por um instante, atiçando as chamas que ardiam sob a superfície.

– Você surgiu em minha escuridão. Lembra-se de quando me perguntou por que eu não dormi com você naquela noite? Agora está muito claro para mim: eu bebi da sua bondade e ela saciou meus anseios.

Julia teria afastado os olhos, constrangida, mas o olhar vulnerável de Gabriel os manteve ali, explorando as profundezas de dois lagos escuros e nebulosos.

– Não me lembro de tudo, mas me lembro de pensar que você era muito bonita. Seus cabelos, seu rosto, sua boca. Daria para escrever sonetos inteiros sobre a sua boca, Julianne. Quis beijá-la desde a primeira vez que a vi.

Julia colou seu peito ao dele e segurou seu pescoço com as duas mãos, puxando sua boca para a frente. Ela o beijou devagar, mas com paixão, mordendo-lhe o lábio inferior, explorando sua boca com a língua.

Ele espalmou as mãos nas costas dela, quase a levantando. Julia reagiu movendo as pernas para montar nele. Gabriel gemeu e a abraçou ainda mais forte. Começou a esfregar as mãos por sua carne, deslizando-as até a alça do sutiã de renda e descendo de volta até o cós da calça jeans, provocando-a e percorrendo as barreiras que delimitavam sua pele. Ela era tão macia, tão suave. Gabriel desejava poder vê-la à luz do luar. Desejava poder ver todo o seu corpo.

Ele se afastou quando a sentiu tremer.

– Você está bem, amor?

Ela se surpreendeu com o termo pouco familiar, mas um sorriso lento se espalhou em seu rosto.

– Mais do que bem. Eu... – Ela se interrompeu e balançou a cabeça.

– O que foi?

– Você é muito... intenso.

Sem pensar, Gabriel jogou a cabeça para trás e riu. As risadas fizeram seu peito vibrar, e Julia quase teve vontade de rir também. Se não achasse que ele estava rindo dela. Ele ergueu o polegar para puxar o lábio inferior dela do meio dos dentes.

– Se acha que isto é intenso, ainda bem que não sabe no que estou pensando agora.

Ele se remexeu debaixo dela e, se Julia não havia percebido antes, agora era impossível não notar. Havia rigidez e calor no ponto onde seus corpos se tocavam; havia rigidez, calor e a promessa de algo misterioso e prazeroso.

Julia corou diante da maneira como o corpo de Gabriel reagia a ela, mas não desviou os olhos dos dele.

– Fale, Gabriel.

– Quero que façamos amor porque me importo com você. Quero venerar seu corpo nu com o meu e descobrir todos os seus segredos. Quero lhe dar prazer, não por alguns minutos, mas por horas e dias a fio. Quero vê-la arquear as costas em êxtase e olhar nos seus olhos quando a fizer gozar. – Ele suspirou e balançou a cabeça, seu olhar ardente, porém decidido. – Mas não aqui. Está frio demais, é sua primeira vez e antes temos que conversar sobre algumas coisas.

Ele beijou com ternura sua testa, por medo de que ela pudesse interpretar o que ele dizia como uma rejeição.

– Quero que se sinta segura e à vontade. Quero adorar cada parte do seu corpo. E isso vai levar tempo. Ah... e precisaremos de mais conforto do que esta clareira pode oferecer. – Ele lhe abriu um sorriso sedutor e arqueou uma sobrancelha. – Mas é claro que o que eu quero não importa. A questão é o que *você* quer.

– Acho que meus sentimentos já estão bem claros.

– Estão? – A voz dele soou insegura.

Ela se inclinou para beijá-lo, mas tocou seu queixo em vez de seus lábios.

– Não estaria aqui com você neste frio se não quisesse.

– Mesmo assim, é bom ouvir isso.

– Gabriel Emerson, eu quero você – disse ela baixinho. – Na verdade, eu... – Ela mordeu o lábio com força para se impedir de dizer aquela palavra de três letras.

– Pode falar – sussurrou ele. – Não tem problema. Diga o que sente.

– Eu... quero que você seja o primeiro. Sou sua, Gabriel. Se você me quiser.

– É o que mais quero.

Dessa vez, foi Gabriel quem cobriu sua boca com a dele. Seu beijo foi repleto de promessa e determinação. Sua intensidade incendiou o corpo de Julia, deixando-a em polvorosa.

Gabriel a desejava. Seus beijos sempre haviam deixado isso claro, mas a linha que separava a voracidade do afeto era muito fácil de ser confundida. Ela não estava mais preocupada com essa linha, havia apenas o corpo dele pressionado contra o seu e as bocas unidas, enquanto eles exploravam um ao outro com as mãos. No pomar deles, que era o Paraíso, havia apenas dois quase amantes – mais nada nem ninguém.

À medida que os beijos ficavam mais apaixonados, Gabriel se reclinou devagar para trás sobre o cobertor, puxando-a até ele estar deitado de costas e ela em cima dele. O peito de Julia fez uma pressão contra o seu e um atrito prazeroso surgiu entre os quadris dos dois. Ela se moveu em cima dele, pressionando sua maciez e suas curvas sem pudor contra Gabriel. Julia nunca havia sentido nada parecido.

Ele lhe permitiu continuar, mas apenas por alguns instantes. Gabriel libertou os lábios de Julia e correu os polegares pelas maçãs do rosto dela, esfregando-as de leve, seu olhar em chamas.

– Eu a desejo ardentemente, Julianne, e não é só uma atração física. Preciso tê-la por completo. – Ele suspirou e balançou a cabeça. – Detesto fazer isso, mas precisamos conversar sobre algumas coisas.

– Como o quê, por exemplo?

– Como a minha viagem à Itália. Eu deveria ter lhe contado antes.

Ela se sentou devagar.

– Professores viajam a trabalho. Sei disso. – Ela baixou o olhar para o cobertor debaixo deles.

Gabriel também sentou.

– Julianne... – Ele ergueu seu queixo com um só dedo. – Não se esconda de mim. Diga-me o que está pensando.

Ela torceu as mãos.

– Sei que não tenho direito de fazer... exigências, mas fiquei magoada quando descobri que Richard ficou sabendo da sua viagem antes de mim.

– Você tem todo o direito de fazer exigências. Eu sou seu namorado. Deveria ter sido a primeira a saber.

– Você é meu namorado? – sussurrou ela.

– Sou mais do que isso. Sou seu amante.

As palavras de Gabriel, assim como sua voz, grave e sensual, fizeram um arrepio percorrer a espinha de Julia.

– Mesmo que não estejamos fazendo sexo?

– Amantes são íntimos de várias formas. Mas quero que saiba que desejo ter todo o tipo de intimidade com você e mais ninguém. Então o termo *namorado* não basta. E sinto muito por ter magoado você. Acabei contando a Richard sobre minha viagem à Itália quando conversamos sobre a casa, pois ela afetava nossos planos. Eu recebi o convite da

Uffizi meses atrás, muito antes de você vir para Toronto. Queria falar sobre o assunto, mas fiquei adiando até estarmos mais... à vontade um com o outro.

Ela o encarou, intrigada.

– Queria que seu presente de Natal fosse uma viagem a Florença. É claro que não quero ir sozinho. A ideia de deixá-la, de ficar longe de você... – A voz dele ficou rouca. – Tive medo de que fosse recusar o convite, que achasse ser uma tentativa de seduzi-la.

Julia franziu as sobrancelhas para ele.

– Quer mesmo que eu vá com você?

– Se você não me acompanhar, prefiro não ir.

Ela abriu um largo sorriso e o beijou.

– Então, obrigada pelo convite. Eu aceito.

Gabriel sorriu de alívio e enterrou o rosto em seus cabelos.

– Depois do que aconteceu com as roupas, fiquei convencido de que você recusaria. Posso reservar quartos separados, se preferir. E também posso comprar uma passagem em aberto para você poder voltar se quiser...

– Gabriel, eu disse sim. De todo o coração. Não consigo pensar em melhor companhia para visitar Florença e, por favor, me deixe dividir um quarto com você. – Ela o encarou com timidez. – O semestre vai ter acabado. Não estaríamos quebrando nenhuma regra se você... decidisse me levar para a sua cama e me possuir...

Ele a interrompeu com um beijo muito ardente.

– Tem certeza? Quer mesmo que eu seja o seu primeiro?

Julia lançou um olhar muito sério para ele.

– Sempre foi você, Gabriel. Nunca quis mais ninguém. Você é o homem que eu sempre esperei.

Ela iniciou um beijo suave que logo se tornou mais intenso. Em questão de instantes, Julia estava deitada em cima dele, seus corpos colados. Estava tão perto dele, daquilo, de tudo. E nunca quis estar tão perto, nem mesmo durante o tango erótico que haviam dançado no museu.

Ele recuou, ofegante, deslizando os lábios pelo pescoço dela. Tomando o cuidado de evitar a marca que havia deixado mais cedo, deu um beijo nos cabelos de Julia. Ela gemeu e emaranhou os dedos nos cabelos dele.

– É perigoso demais, amor. Não posso beijá-la da maneira que gostaria. Não conseguiria parar.

Apesar do seu protesto, as mãos dele percorreram de forma irresistível as nádegas de Julia e seu quadril em chamas, provocando-a e apertando o corpo contra o dela. Julia tentou beijá-lo outra vez, mas ele segurou seu rosto, acariciando-a de leve com a mão.

– Se continuarmos com isso, terei que possuí-la aqui mesmo – sussurrou ele. – Você merece algo melhor. Merece tudo e é o que pretendo lhe dar.

Julia inclinou o rosto, apoiado na mão dele.

– Considerando sua decisão, temos mais coisas ainda para conversar. – O tom brincalhão e sedutor havia sumido da voz de Gabriel. Ele pigarreou e respirou fundo duas vezes, deliberadamente. – Se decidir tomar pílula, ou se já toma, tudo bem. Mas preciso lhe dizer que não precisaremos de métodos contraceptivos.

– Não entendo.

– Não posso ter filhos, Julianne.

Ela o encarou, pasma.

– Isso é algo com que você sempre sonhou? Talvez eu devesse ter lhe contado antes. – Ele se remexeu, um tanto ansioso.

Julia ficou calada, assimilando aquela revelação.

– Não venho de uma família exatamente feliz. Já cheguei a cogitar que seria bom ter um marido e um bebê. Mas nunca pensei que esse tipo de coisa pudesse dar certo para mim.

– Por que não?

Ela deu de ombros e afastou o olhar.

– Nunca achei que fosse encontrar alguém capaz de me amar. Não sou muito sexy. E sou tímida. E fraca.

– Oh, Julia. – Ele a abraçou e beijou suas faces. – Você está enganada. É incrivelmente sexy. E está muito longe de ser fraca.

Ela brincou com a jaqueta de couro dele por alguns instantes.

– Lamento saber que você não pode ter filhos. Muitos casais têm dificuldade para engravidar.

Gabriel ficou tenso.

– A situação deles não tem nada a ver com a nossa.

– Por quê?

– A infertilidade deles é natural.

Julia notou Gabriel estreitar os olhos enquanto a observava com a expressão muito preocupada.

Ela ergueu a mão até seu rosto e tocou com carinho sua face.

– Você ficou muito decepcionado quando descobriu?

Ele segurou o pulso de Julia e tirou a mão dela de seu rosto.

– Foi um alívio, Julianne. E eu não descobri.

– Então como...?

– Tomei a decisão de me esterilizar quando saí da reabilitação.

Ela engoliu em seco.

– Oh, Gabriel, por quê?

– Porque uma pessoa como eu não deveria poder procriar. Eu lhe contei sobre o meu

pai. Falei como eu mesmo era quando estava usando drogas. Achei que seria irresponsabilidade minha deixar que houvesse qualquer chance de ser pai. Então cuidei disso e não vou voltar atrás. Decidi que não teria filhos. Nunca.

Gabriel voltou seu olhar penetrante para ela.

– Mas não contava com você. E agora quase me arrependo da minha decisão. Mas, sinceramente, Julianne, é melhor assim. Confie em mim. – O corpo dele ficou tenso de repente, como se estivesse se preparando para receber um ataque furioso. – Talvez agora você decida que é melhor não se envolver comigo.

– Gabriel, por favor. Só... preciso de um minuto. – Julia mudou de posição para se sentar ao lado dele, tentando processar aquela informação.

Gabriel fez o mesmo, puxando um dos cobertores sobre todo o corpo dela. Julia percebeu que ele tinha feito uma meia confissão, que o verdadeiro segredo era o acontecimento ou os acontecimentos que o haviam levado ao desespero. Esses acontecimentos não poderiam estar relacionados apenas à sua infância ou ao seu vício em drogas.

Isso importa? Será que algum segredo poderia destruir meu amor por ele?

Ele estava imóvel sob o luar, como uma estátua, esperando a resposta dela. Os minutos lhe pareciam horas.

Eu o amo. Nada que ele possa dizer será capaz de destruir esse sentimento. Nada.

– Sinto muito, Gabriel. – Ela jogou os braços em volta do seu pescoço. – Mas ainda quero você. Sei que algum dia talvez precisemos voltar a ter esta conversa, mas, por enquanto, vou aceitar o que me disse.

A princípio, ele ficou perplexo com a reação dela. Então foi desarmado pela bondade da sua aceitação. Teve dificuldade para encontrar as palavras.

– Julia, preciso lhe contar quem sou. O que sou. – disse ele com repentina obstinação.

– Vou ouvir tudo o que tem a dizer, mas continuarei a querê-lo. Sempre quis você, Gabriel.

Gabriel aninhou seu rosto entre as mãos e a beijou com carinho, como se a alma dele implorasse para se unir à dela.

– E eu sempre quis você, Julianne. Só você.

Ele a abraçou, sorvendo o consolo que ela oferecia. De repente, Gabriel pôde vislumbrar o futuro. Sentiu esperança. Teve fé de que talvez, apenas talvez, quando ela soubesse de tudo, pudesse olhar para ele com aqueles grandes olhos castanhos e lhe dizer que ainda o queria.

Você a ama. Aquela voz tornou a surgir do nada, mas dessa vez Gabriel a reconheceu. E sussurrou mentalmente um agradecimento.

– Você parece distante, amor. – Julia sorriu ao usar o novo termo que ele havia cunhado.

Ele a beijou de leve.

– Estou exatamente onde quero estar. Talvez esta não seja a melhor noite para compartilharmos todos os nossos segredos. Mas não posso levá-la para a Itália sem lhe contar tudo. E gostaria que você me contasse tudo, também. – Ele olhou dentro dos seus olhos com uma expressão muito séria. – Não posso lhe pedir que deixe o corpo nu na minha frente sem antes desnudar sua alma. Quero fazer o mesmo com você. Espero que entenda. – Gabriel tentou expressar seus sentimentos com os olhos, mostrar como estava pensando apenas nela ao acrescentar este pré-requisito.

Ela concordou lentamente com a cabeça. Gabriel pressionou seus lábios nos dela e Julia suspirou, descansando a cabeça no peito dele e ouvindo o ritmo constante e satisfeito do seu coração. O tempo passou ou ficou em suspenso. Dois quase amantes enroscados sob o céu escuro de novembro, com apenas as estrelas e o luar a iluminá-los.

◆◆◆

Na manhã seguinte, Julia acordou cedo e foi ao banheiro no fim do corredor para tomar um banho. Ela se vestiu, arrumou a mala e bateu à porta de Gabriel às oito da manhã. Mas ninguém respondeu. Colou a orelha à porta e tentou escutar algo. Não havia nenhum movimento dentro do quarto. Nenhum som.

Ela arrastou sua mala de rodinhas pelo corredor e a carregou escadas abaixo. Quando fez a curva para entrar na sala de estar, viu Richard e Rachel sentados num dos sofás. Rachel chorava e o pai tentava consolá-la.

Julia deixou a mala cair no chão sem querer e os dois olharam para ela, que pediu mil desculpas.

– Não se preocupe, Julia – disse Richard. – Você dormiu bem?

– Sim, obrigada. Tudo bem, Rachel?

A amiga secou os olhos.

– Tudo.

– Por que vocês duas não conversam enquanto preparo o café da manhã? Rachel gosta de panquecas de mirtilo, Julia. E você? – Ele se levantou e gesticulou na direção da cozinha.

– Obrigada, mas meu pai pediu que o encontrasse para tomar café no Kinfolks às nove.

– Posso levar você. Deixe-me só preparar umas panquecas antes.

Richard desapareceu e Julia sentou ao lado de Rachel no sofá, passando o braço em volta dos ombros da amiga.

– O que houve?

– Briguei com Aaron. Ele estava emburrado hoje de manhã, então perguntei qual era o problema. Ele começou a falar sobre o casamento e que estava se perguntando se eu iria mesmo marcar uma data. Quando falei que queria esperar, ele quis saber por quanto

tempo. – Ela jogou as mãos para o ar, frustrada. – Eu lhe disse o mesmo que tinha falado antes: *não sei*. Então Aaron me perguntou se eu queria que ele rompesse o noivado!

Julia inspirou com força, surpresa.

– Nós nunca brigamos. Mas ele estava tão irritado que não conseguia nem olhar para mim. Então, no meio da nossa conversa, simplesmente saiu, pegou o carro e foi embora. Não sei para onde nem se vai voltar – disse Rachel, soluçando.

Julia abraçou forte a amiga.

– É claro que ele vai voltar. Tenho certeza de que Aaron ficou chateado consigo mesmo por ter brigado com você e foi dar uma volta para esfriar a cabeça.

– Papai ouviu a briga. Então é claro que quis saber por que eu estava adiando o casamento. – Ela tornou a secar os olhos. – Disse que Aaron tinha razão, que eu não podia parar minha vida. Disse que mamãe ficaria chateada se soubesse que estou adiando as coisas por causa dela. – O rosto de Rachel se enrugou à medida que seus olhos se enchiam de mais lágrimas.

– Seu pai está certo... vocês dois merecem ser felizes. Aaron a ama muito. Ele só quer se casar. Está preocupado que você esteja em dúvida.

– Não estou em dúvida. Eu sempre o amei.

– Então diga isso a ele. Aaron a levou para uma ilha para se reaproximar de você depois do enterro. Tem sido paciente em todos os sentidos. Tenho certeza de que não se importa quando o casamento vai ser, só quer marcar uma data.

Rachel fungou com tristeza.

– Não fazia ideia de que ele estava tão aborrecido.

– Talvez seja melhor você tomar seu café da manhã e depois ligar para ele. Até lá, Aaron já vai ter se acalmado e vocês dois podem ir a algum lugar para conversar. Não vão conseguir resolver nada aqui, com tanta gente por perto.

Rachel estremeceu.

– Graças a Deus Scott não apareceu quando estávamos brigando. Ele teria me defendido e deixado Aaron mais irritado ainda.

Neste exato momento, a porta da frente se abriu e um homem alto, de cabelos castanhos, suado por conta do jogging, entrou. Seu cabelo estava desgrenhado e úmido e ele usava um conjunto esportivo Nike. Ao se aproximar das duas mulheres, tirou os fones de ouvido e apertou um ícone em seu iPhone.

Gabriel franziu as sobrancelhas para Rachel e Julia, sua expressão carregada.

– O que houve?

– Aaron e eu brigamos. – Mais lágrimas escorreram pelas faces de Rachel, o que deixou Gabriel aflito.

Ele se aproximou e a puxou para um abraço, dando um beijo no topo da cabeça da irmã.

– Sinto muito, Rach. Onde ele está?

– Foi embora.

Gabriel balançou a cabeça, frustrado. Doía-lhe ver a irmã chorar.

Antes que pudesse pedir mais detalhes, Richard veio da cozinha para anunciar que o café estava servido.

– E, Julia, me dê uns minutinhos que já levo você ao Kinfolks.

Gabriel soltou Rachel.

– O que está havendo?

– Julia vai encontrar o pai às nove.

Gabriel conferiu seu relógio.

– Mas não são nem oito e meia.

– Tudo bem. Posso tomar um café no restaurante e esperar por ele. – Julia evitou o olhar de Gabriel. Não queria ser inconveniente.

– Deixe-me tomar um banho que levo você. Tenho mesmo que passar na casa do meu corretor.

Julia assentiu e foi para a cozinha com Richard e Rachel. Gabriel, por sua vez, foi para o andar de cima. Enquanto comia as panquecas de mirtilo, Rachel tirou algo da bolsa e o prendeu em volta do pescoço de Julia.

Ela tocou o colar de pérolas, surpresa.

– O que é isso?

– Era da mamãe. Queremos que fique com algo dela.

– Não posso aceitar, Rachel. É você quem deve ficar com ele.

– Tenho outras coisas – disse ela, sorrindo.

– E quanto a Scott?

Rachel deu uma risadinha.

– Scott disse que pérolas não fazem o estilo dele.

– Queremos que fique com elas. – Richard lançou-lhe um olhar cheio de ternura.

– Têm certeza?

– É claro! – Rachel abraçou a amiga, grata pela oportunidade de retribuir sua gentileza de forma tangível.

Julia ficou desconcertada, mas conteve as lágrimas por Richard.

– Obrigada. Obrigada aos dois.

Richard deu um beijo paternal no topo da cabeça de Julia.

– Grace teria ficado muito feliz em vê-la usando algo dela.

– Preciso agradecer a Scott.

Rachel revirou os olhos e se esforçou para não bufar.

– Ele não vai acordar antes do meio-dia. Aaron e eu tivemos que ligar o rádio ontem à noite para não ouvir os roncos dele. – Ela ergueu os olhos para o rosto do pai, que

ostentava uma ligeira expressão de censura. – Desculpe, papai, mas é verdade. Enfim, traga seu pai para jantar amanhã à noite, Julia, e então você poderá agradecer a Scott.

Julia assentiu, correndo os dedos pelas pérolas, pensativa e maravilhada ao sentir como eram perfeitas e suaves ao toque.

◆◆◆

Gabriel e Julia não conversaram muito no trajeto até o restaurante. Quase todas as palavras que precisavam dizer um ao outro já haviam sido ditas. Eles ficaram de mãos dadas no carro, como dois adolescentes. Julia ficou radiante quando Gabriel lhe deu seu lenço do Magdalen College e lhe disse que queria que ela ficasse com ele. Quando chegaram ao restaurante, não havia nem sinal da picape de Tom.

– Parece que estamos com sorte. – Julia pareceu aliviada.

– Vamos ter que contar a ele um dia. Se quiser, posso fazer isso.

Julia virou a cabeça para ver se Gabriel estava falando sério. Ele estava.

– Ele me mandou ficar longe de você. Acha que você é um criminoso.

– Então é melhor deixar que eu conte. Você já sofreu abusos suficientes para uma vida inteira.

– Gabriel, meu pai nunca abusou de mim. Ele não é um homem ruim. É apenas... equivocado.

Gabriel esfregou a boca, mas ficou calado.

– Não vou falar nada antes de voltarmos para Toronto e o semestre ter acabado. Vai ser mais fácil explicar por telefone. É melhor eu ir agora. Ele vai chegar a qualquer momento.

Gabriel a beijou de leve, acariciando-lhe o rosto com as costas da mão.

– Me ligue mais tarde.

– Pode deixar. – Ela o beijou de volta e saiu do jipe.

Ele pegou a bagagem dela do banco de trás e a colocou a seus pés, inclinando-se para a frente para sussurrar em seu ouvido:

– Já estou fantasiando sobre a nossa primeira vez.

Julia ficou vermelha e balbuciou:

– Eu também.

Tom Mitchell era um homem de poucas palavras. Tinha uma aparência incrivelmente comum: estatura e corpo medianos, com cabelos e olhos castanhos igualmente medianos. Apesar de ser um fiasco como pai e de qualquer fracasso de que possa ser culpado como marido, era um voluntário dedicado e uma figura muito ativa no dia a dia do município. Na verdade, gozava de excelente reputação entre os cidadãos de Selinsgrove e sua opinião era solicitada em tudo que dizia respeito à cidade.

Justiça seja feita: ele e Julia passaram um dia agradável juntos. Os frequentadores

assíduos do Kinfolks a receberam calorosamente e Tom pôde se gabar com eles sobre como a filha estava se saindo bem no mestrado e que estava se candidatando ao doutorado em Harvard.

Ele a levou de carro pela cidade para lhe mostrar alguns dos novos projetos imobiliários, ressaltando quanto Selinsgrove tinha crescido durante sua ausência, mesmo que curta. Também a levou a uma aula de treinamento em primeiros socorros que estava sendo ministrada no posto de bombeiros, para que os colegas de Tom pudessem lhe dizer quanto seu pai falava a seu respeito. Mais tarde, foram fazer compras, pois, por vários motivos, ele não mantinha muita comida em casa. À noitinha, Tom deixou de ver seu jogo de futebol para assistir a um filme antigo com a filha. Sim, era a versão do diretor de *Blade Runner: O caçador de androides*, mas os dois queriam vê-lo e gostaram bastante.

Quando o filme acabou, Julia lhe deu uma cerveja para incentivá-lo a ficar vendo futebol enquanto ela preparava o famoso frango à Kiev de Grace para o jantar. Quando enfim se viu sozinha, ela enviou uma breve mensagem para Gabriel.

G, estou fazendo o frango à Kiev de Grace e uma torta de limão com merengue para papai.
Ele está assistindo ao futebol. Espero que tenha tido um ótimo dia.
Ligo por volta das 6:30. Sua Julia. Bjs

Alguns minutos depois, quando Julia enchia duas travessas de frango à Kiev – uma para aquela noite e outra para Tom congelar –, seu iPhone apitou, anunciando uma nova mensagem.

Minha Julia, estou com saudades. Também estamos assistindo ao futebol.
R e A fizeram as pazes e marcaram uma data.
Parece que Richard faz milagres, ou talvez tenha sido você?
Não sabe como é importante para mim ouvi-la dizer que é minha.
Aguardo ansiosamente sua ligação. Eu sou seu, Gabriel. Bjs

Julia praticamente flutuou na cozinha de tão nas nuvens que estava por conta das palavras de Gabriel e dos momentos que haviam passado juntos na noite anterior. Seu sonho finalmente se tornaria realidade. Depois de anos sonhando, Gabriel seria o seu primeiro homem.

Todas as lágrimas, toda a angústia e humilhação que havia sofrido nas mãos de Simon já estavam esquecidas. Ela havia esperado pelo homem que amava e agora iria ter a primeira vez que sempre desejara. E em *Florença* ainda por cima. Julia tinha muito que agradecer, incluindo o colar de pérolas em seu pescoço. Estava certa de que havia uma

mãozinha de Grace naquilo tudo, por isso sussurrou algumas palavras de agradecimento.

Quando terminou de preparar a comida, pôs uma das travessas de frango à Kiev no forno e levou a segunda ao porão. Abriu o freezer e ficou surpresa ao encontrar um monte de refeições congeladas, guardadas em potes de plástico ou embrulhadas em papel-alumínio, muitas das quais com bilhetes assinados *Bjs, Deb*.

Julia resistiu à ânsia de vômito que sentiu ao vê-las. Deb Lundy era uma boa mulher e parecia cuidar bem de Tom. Mas sua filha, Natalie, era bem diferente, e Julia não conseguia nem imaginar quanto ficaria incomodada se Deb e Tom decidissem morar juntos ou, pior ainda, se casar. Isso seria perturbador em mais de um sentido.

Julia afastou todos os pensamentos sobre Deb e Natalie da cabeça e se concentrou exclusivamente em preparar a sobremesa preferida do pai: torta de limão com merengue. Ele preferia a que era servida no Kinfolks, mas Julia fez uma mesmo assim.

Ela estava levando a torta ao forno quando o telefone tocou. Tom o atendeu e, em poucos segundos, estava praguejando alto. Após algumas frases curtas que pareciam relacionadas ao trabalho, ele bateu o fone no gancho com força e desapareceu no andar de cima. Quando voltou, estava vestindo seu uniforme.

– Jules, preciso sair.

– O que houve?

– Um incêndio na pista de boliche. O pessoal já está por lá, mas estão achando que talvez seja um incêndio criminoso.

– No Best Bowl? Como?

– É o que vou descobrir. Não sei a que horas estarei de volta. – Ele já estava quase na porta quando parou e curvou os ombros. – Desculpe ter arruinado seu jantar. Estava louco para comermos juntos. Até logo.

Julia observou o pai sair de ré com a picape e ir embora. Sem dúvida Gabriel já estaria no meio do jantar com sua família, então Julia achou melhor não lhe mandar mensagem nenhuma. Iria esperar até as seis e meia e telefonar, conforme o combinado.

Quando o alarme do timer soou, ela tirou a torta do forno e inalou o aroma doce e cítrico. Enquanto esperava que ela esfriasse, embrulhou o frango à Kiev e o guardou na geladeira. Ainda estaria bom no dia seguinte. Ela jantaria apenas um sanduíche.

Cerca de 15 minutos depois, Julia ouviu a porta abrir e fechar. Apressou-se em pegar um prato a fim de servir uma fatia de torta para Tom.

– Como conseguiu voltar tão rápido? A torta acabou de ficar pronta – gritou ela em direção ao hall.

– Fico feliz em ouvir isso, Jules.

Ao som daquela voz, o prato escapou dos dedos de Julia e se espatifou no velho piso de linóleo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Simon foi até a cozinha e se deteve ali, apoiando-se no portal, de braços cruzados. Ela olhou, em estado de choque, para um rosto bonito de olhos azuis, emoldurado por cabelos louros e curtos.

Julia gritou e saltou em direção à porta, tentando passar correndo por ele. Simon levou sua mão grande à maçaneta, bloqueando o caminho. Ela agarrou o braço dele para evitar cair para trás.

– Por favor – implorou. – Me solte.

– Isso por acaso é jeito de me receber? Depois de todo esse tempo? – Ele sorriu, puxando seu braço de volta e empertigando seu corpo de 1,80m.

Julia se encolheu sob o batente da porta, correndo os olhos ao redor, nervosa.

Simon a fez recuar para dentro da cozinha. Não era um homem muito grande, mas nem por isso deixava de ser intimidador. Quando conseguiu encurralá-la, passou os braços por sua cintura, puxando-a para um abraço apertado.

– Simon, me largue. – Ela arquejava e se contorcia.

Ele a apertou ainda mais, um sorriso malicioso cortando seu rosto de orelha a orelha.

– Deixe disso, Jules. Relaxe.

Ela se debateu em seus braços.

– Eu tenho namorado. Me solte!

– Não me importo que tenha namorado.

Simon aproximou seu rosto do dela e Julia teve medo de que ele a beijasse. Mas não. Em vez disso, pressionou o corpo contra o dela e o percorreu com as mãos, sorrindo diante do desconforto dela. Algum tempo depois, recuou.

– Nossa, continua a mesma pedra de gelo. Achei que seu namorado tivesse dado um jeito nisso. – Os olhos dele deslizaram por seu corpo com uma expressão de luxúria. – Pelo menos sei que não estou perdendo nada. Embora ainda seja um insulto que você tenha dado para ele, e não para mim.

Julia se desvencilhou dele e disparou para a porta da frente, abrindo-a e apontando para fora.

– Vá embora. Não quero falar com você. E meu pai estará de volta a qualquer momento.

Simon a seguiu devagar, como um lobo atrás de um cordeiro.

– Não minta para mim. Sei que ele acabou de sair. Parece que está havendo um probleminha lá no Best Bowl. Alguém ateou fogo ao lugar. Ele vai demorar horas.

Julia pestanejou, nervosa.

– Como sabe disso?

– Ouvi no rádio. Estava pela vizinhança, então me pareceu o momento perfeito para vir lhe fazer um visita.

Ela tentou parecer calma enquanto considerava suas opções. Sabia que não tinha a menor chance de correr mais do que ele e não queria se arriscar a irritá-lo ao tentar fazer isso. Se ficasse dentro de casa, pelo menos poderia tentar alcançar seu celular, que estava na cozinha.

Ela estampou um sorriso falso no rosto e tentou parecer simpática.

– Foi legal da sua parte. Mas nós dois sabemos que acabou. Você encontrou outra pessoa e está feliz. Vamos deixar o passado para trás, o.k.?

Ela tentou esconder seu nervosismo e se saiu muito bem.

Até ele se aproximar e começar as passar as duas mãos pelos seus cabelos longos, puxando os fios para junto do próprio rosto para cheirá-los.

– Não fui feliz com ela. Não tinha nada a ver com felicidade, mas com sexo. E ela não é o tipo de garota que eu poderia apresentar aos meus pais. Você, por outro lado, pelo menos era apresentável. Mesmo que fosse uma decepção.

– Não quero falar sobre isso.

Ele puxou a porta para longe do alcance de Julia e a fechou com um baque.

– Ainda não terminei. E não gosto de ser interrompido.

– Desculpe, Simon.

– Chega de enrolação. Você sabe por que estou aqui. Quero as fotos.

– Já falei. Não estão comigo.

– Não acredito em você. – Ele fechou a mão em volta do pescoço de Julia e a puxou para si.

– Você quer mesmo fazer esse tipo de jogo comigo? Eu já vi o que Natalie tem. Sei que as fotos existem. Se entregá-las a mim agora, continuaremos amigos. Mas não me provoque. Não viajei três horas para aturar suas merdas. Não me importa quantas pérolas tenha no pescoço, *você não é nada*. – Ele começou a puxar o colar, forçando os nós que havia entre as pérolas.

Julia ergueu as mãos para impedi-lo.

– Por favor, não faça isso. Este colar era de Grace.

– Ah, era *de Grace*. Mil perdões. Gastei mais dinheiro com você em uma semana do que o valor deste colar. – Ele tornou a puxá-lo, desafiador.

Julia engoliu em seco e ele viu a garganta dela estremecer.

– Natalie está mentindo. Não sei o que ela quer, mas já falei que deixei para trás todas as fotos suas que tinha. Não tenho por que mentir para você. Por favor, Simon.

Ele riu.

– Bela atuação. Mas não passa disso: uma atuação. Sei que está com raiva de mim pelo

que aconteceu, então acho que decidiu pegar algo para se vingar.

– Se isso fosse verdade, por que não as usei? Por que não as enviei para um jornal ou ameacei você, pedindo dinheiro em troca? Por que as guardaria por um ano? Não faz sentido!

Ele a puxou para si e colou os lábios à sua orelha.

– Você não é exatamente esperta, Jules. Não me custa acreditar que esteja de posse de algo que não saiba como usar. Por que não continuamos esta conversa lá em cima? Posso procurar as fotos e você pode tentar melhorar meu humor. – Ele sugou o lóbulo da orelha de Julia, mordendo-o de leve.

Julia inspirou e expirou algumas vezes, tentando reunir toda a coragem possível. Ergueu a cabeça para fitar seus olhos azuis e frios.

– Não vou fazer nada até você tirar as mãos de mim. Por que não consegue ser gentil?

O olhar de Simon ficou sombrio por um instante, mas então ele a soltou.

– Ah, vou ser gentil com você. – Ele começou a acariciar seu rosto. – Mas espero algo em troca. Se eu não sair daqui com as fotos, terei que sair com outra coisa. Então é melhor ir pensando no que pode fazer para pôr um sorriso no meu rosto.

Julia se encolheu de medo.

– As coisas mudaram mesmo, não é? Vou gostar muito disso.

Ele a puxou para os seus braços e pressionou a boca aberta e voraz contra a dela.

◆◆◆

Às seis e meia, Gabriel pediu licença da mesa de jantar e foi à sala de estar, preparando-se para receber a ligação de Julia. Mas ela não telefonou.

Ele checou o caixa postal. Nenhuma mensagem de Julia. Nenhum novo torpedo dela. E nenhum e-mail. Às dez para as sete, discou o número do celular dela. Alguns toques depois, caiu na caixa postal.

– Julianne? Você está aí? Me ligue.

Ele encerrou a chamada e usou um aplicativo do iPhone para encontrar o número da casa de Tom. O telefone tocou várias vezes. Então a secretária eletrônica atendeu. Gabriel desligou sem deixar recado.

Por que ela não está atendendo? Onde está? E Tom, cadê?

Uma terrível suspeita invadiu sua mente. Sem querer desperdiçar nem um segundo, Gabriel saiu correndo pela porta da frente sem falar com ninguém. Deu a partida no jipe e seguiu em disparada para a casa de Tom, tentando falar com Julia ou seu pai várias vezes no caminho. Se um policial o parasse por excesso de velocidade, melhor ainda.

◆◆◆

A vitória de Simon estava tão próxima que ele conseguia sentir seu gosto. Sabia que

Julia não era forte e estava acostumado a usar suas fraquezas em benefício próprio. Quando ela olhou dentro dos seus olhos e implorou que ele acreditasse que ela não estava com foto alguma, Simon acreditou. Era muito mais provável que Natalie estivesse tentando armar uma cilada para ela, tentando distrair a atenção de seu próprio jogo de vingança. Quando voltou a segurar Julia nos braços, ele desistiu de procurar as fotos. Agora, sua missão era bem diferente.

Sem se deixar intimidar pelo telefone que tocava na cozinha, alternando-se com alguns compassos de "Message in a Bottle", que era o toque do iPhone de Julia, Simon continuou a beijá-la, puxando-a de modo que ela montasse sobre ele no sofá de seu pai.

Ela ainda era frígida. Mal conseguia tolerar as investidas de Simon, os braços e o corpo sem vida. Nunca havia gostado da língua dele em sua boca. Na verdade, nunca havia gostado de nada ali e mesmo agora se contorcia nos braços dele. Mas o desconforto dela o excitava e, quando ele deslizou a língua pela dela, sentiu sua excitação crescer, fazendo pressão contra o zíper da calça jeans.

Ele a beijou até ela criar coragem para empurrar seu peito com os punhos. Foi então que Simon soube que estava na hora de partir para outras atividades. Quando começou a desabotoar a blusa de Julia, ela se debateu.

– Por favor, não faça isso – protestou, chorosa. – Me solte, por favor.

– Você vai gostar. – Ele deu uma risadinha, inclinando-se para apertar a bunda dela, apalpando-a, enquanto ela tentava escapar do seu colo. – Vou me assegurar disso. Só então irei soltá-la.

Ele arrastou a boca pelo queixo de Julia, descendo pelo lado esquerdo de seu pescoço, chupando um pedaço de pele.

– Imagino que você não vá querer repetir nossa última briga, não é mesmo, Julia?

Ela estremeceu.

– Julia?

– Não, Simon.

– Ótimo.

Como estava de olhos fechados, ele não viu o chupão evidente no lado direito do pescoço de Julia. Mas não teria feito diferença. Simon já estava decidido a marcá-la. Uma bela mordida para que seu namorado no Canadá visse o que sua namoradinha andava aprontando. Uma marca que serviria para acertar as contas entre os dois. Ele sugou seu sangue até a superfície da pele e, para completar, cravou os dentes ali.

Ela gritou de dor.

Ele lambeu sua pele de leve, saboreando seu gosto – uma mistura de salgado, doce, sangue e Julia. Quando terminou, recuou para admirar seu trabalho. Ela precisaria usar gola rulê para cobrir a mordida. Ele sabia que Julia não gostava de gola rulê. A marca era monstruosa, feroz e vermelha e exibia a grande arcada dentária de Simon. Era

perfeita.

Julia ergueu os olhos para ele através dos seus cílios incrivelmente longos e Simon notou uma mudança em seus olhos. Ele se inclinou para a frente, ansioso, e lambeu os lábios. De repente, a palma da mão dela atingiu seu rosto num tapa violento. Num piscar de olhos, Julia correu em direção às escadas para fugir para o segundo andar.

– Sua piranha desgraçada! – berrou Simon, disparando atrás dela e alcançando-a com facilidade.

Logo antes de ela chegar ao topo da escada, ele agarrou seu tornozelo com as duas mãos e o torceu. Ela caiu de joelhos, gritando de dor.

– Vou lhe dar uma lição que você nunca vai esquecer – disse ele, movendo-se para agarrar os cabelos dela.

Julia urrou e Simon puxou sua cabeça para trás.

Debatendo-se alucinadamente, ela o chutou com força com o pé ileso e, por milagre, conseguiu acertar a virilha de Simon, fazendo-o soltar seus cabelos e cambalear escada abaixo. Então foi mancando até seu quarto e trancou a porta enquanto ele se encolhia de dor.

– Espere só até eu pegar você, sua piranha! – gritou ele, com as duas mãos na virilha.

Julia travou a porta do quarto com uma cadeira e começou a puxar uma cômoda. Velhos porta-retratos chacoalharam uns contra os outros em cima do móvel antigo quando ela tentou movê-lo e uma boneca de porcelana caiu no chão, se despedaçando. Ignorando a dor no tornozelo, ela mancou até o outro lado da cômoda, empurrando-a freneticamente com impulsos curtos e desesperados. Simon gritava palavrões, lutando com a maçaneta.

Por fim, ela conseguiu pôr a cômoda na frente da porta. Queria apenas ganhar tempo para dar um telefonema antes de Simon invadir seu quarto. Ela mancou até o telefone na mesa de cabeceira, mas, na pressa, acabou derrubando-o no chão.

– Merda!

Pegou o aparelho e, com os dedos trêmulos, começou a discar o número do celular de Gabriel. Caiu direto na caixa postal. Enquanto ela esperava o bipe, Simon atirou seu corpo contra a porta. Julia observou, horrorizada, a velha porta ceder e começar a se soltar das dobradiças.

– Gabriel, venha para a casa do meu pai agora mesmo. Simon está aqui tentando arrombar a porta do meu quarto!

Simon xingou e rosnou, jogando-se de forma incansável contra a porta. Assim que conseguisse arrombá-la, viraria a cômoda para pegar Julia.

Acabou. Estou morta, pensou ela.

Não conseguia imaginar um desfecho em que escapasse sem ficar gravemente ferida, ou coisa pior. Percebendo que não poderia esperar nem mais um segundo, ela largou o

telefone e abriu a janela, preparando-se para subir no telhado e talvez pular. No instante em que tentava passar por cima do peitoril, viu o jipe de Gabriel chegar cantando pneus. Ele saiu correndo do carro e atravessou o quintal em disparada.

Gabriel gritou o nome dela e Simon o xingou. Passos leves e rápidos ecoaram nas escadas, seguidos pelo som de corpos se chocando e de uma enxurrada de palavrões. Algo muito pesado desabou no chão. Alguém saiu rolando pelos degraus.

Julia se aproximou devagar da porta quase destruída, esforçando-se para ouvir o que estava acontecendo. Os barulhos agora pareciam vir do lado de fora. Quando mancou de volta para a janela, viu Simon caído na grama do quintal. Ele xingava e segurava o nariz. Sem fôlego, ela o observou se levantar, cambaleante e com sangue escorrendo pelo rosto. Num piscar de olhos, o sangue do nariz de Simon se misturou ao da sua boca quando um gancho de direita de Gabriel cortou seu lábio e arrancou alguns dentes.

– Filho da puta! – Simon cuspiu os dentes e se lançou para cima de Gabriel. Apesar da óbvia desvantagem, ele conseguiu acertar um soco no peito do seu oponente.

Gabriel cambaleou para trás, sem ar. Simon deu outro passo à frente, disposto a aproveitar a fragilidade do adversário. Gabriel se recuperou depressa, esmurrando a barriga do outro com as duas mãos. Simon se encolheu de dor e caiu de joelhos.

Gabriel ajeitou os ombros sem pressa e virou a cabeça de lado, estalando o pescoço. Parecia extraordinariamente relaxado em seu paletó de tweed e sua camisa social. Era como se estivesse a caminho de uma reunião de professores na universidade, em vez de dando uma surra no filho de um senador.

– Levante daí – ordenou Gabriel com uma voz que fez o sangue de Julia gelar.

Simon gemeu.

– Eu falei para você *levantar daí*! – Gabriel se agigantou sobre ele como um anjo vingador: lindo, terrível e sem nenhuma misericórdia.

Como Simon não se moveu, Gabriel pegou-o pelos cabelos e jogou sua cabeça para trás.

– Se *pensar* em chegar perto dela outra vez, vou matar você. O único motivo para ainda estar vivo é porque Julianne ficaria triste em me ver ir para a cadeia. E não vou largá-la depois do que você fez, seu filho da puta doente. Se uma foto ou um vídeo de alguém minimamente parecida com ela for parar na internet ou num jornal, irei atrás de você. Já lutei dez assaltos com uns irlandeses do sul de Boston e sobrevivi para me gabar disso. Então não pense que vou hesitar em esmagar sua cabeça da próxima vez.

Gabriel recuou e arrebentou o queixo de Simon com um direto de esquerda. Ele desabou no chão e ficou totalmente imóvel. Tirando um lenço do bolso de trás da calça de lã, Gabriel limpou o sangue das mãos como se não fosse nada. Neste exato momento, Julia surgiu na porta da frente e foi mancando em sua direção.

– Julia! – Ele a pegou em seus braços quando ela quase caiu dos degraus de entrada. –

Você está bem?

Ele a pousou no chão com cuidado, puxando-a contra o peito.

– Julia? – Ele afastou os cabelos dela para trás para poder vê-la.

Seus lábios estavam vermelhos e inchados, havia arranhões em seu pescoço, seus olhos estavam alucinados e... o que era aquilo? Uma marca enorme de *mordida*?

Aquele animal desgraçado a mordeu!

– Você está bem? Ele...?

Gabriel baixou os olhos até suas roupas, com medo do que pudesse ver. Mas não, as roupas dela não estavam rasgadas e Julia continuava vestida, embora sua blusa estivesse desabotoada.

Ele fechou os olhos e agradeceu a Deus por não ter chegado mais tarde. Quem sabe o que poderia ter encontrado?

– Venha comigo – falou com voz firme, tirando o paletó e colocando-o em volta dos ombros dela. Ele se apressou a abotoar sua blusa e então a carregou até o banco do carona do jipe, fechando a porta em seguida.

– O que aconteceu? – perguntou ele, entrando no carro.

Julia segurava seu tornozelo machucado e murmurava para si mesma.

– Julia?

Como ela não respondeu, ele estendeu a mão para afastar os cabelos de cima dos seus olhos.

Ela se encolheu em direção à porta.

Ele parou no ato.

– Julia, sou eu. Gabriel. Vou levá-la para o hospital. Está bem?

Ela não deu sinal de ter ouvido. Tampouco tremia ou chorava. *Está em estado de choque*, pensou ele. Gabriel sacou seu telefone e digitou um número.

– Richard? Aconteceu algo com Julia. – Ele se interrompeu e olhou para ela. – O ex-namorado dela apareceu e a atacou. Estou levando-a para o hospital em Sunbury. Sim, você pode nos encontrar lá, se quiser. Até já.

Gabriel tornou a olhar para Julia, na esperança de que ela fizesse algum contato visual.

– Richard está indo nos encontrar em Sunbury. Vai ligar para um amigo dele que é médico.

Como Julia não reagiu, ele ligou para o auxílio à lista para descobrir o número do Posto de Bombeiros de Selinsgrove. Deixou uma mensagem urgente para Tom, explicando o que tinha acontecido e que estava levando Julia para o hospital.

É culpa do maldito pai dela. Por que ele a deixou sozinha, porra?

– Eu dei um tapa nele. – A voz de Julia, aguda e estranha, invadiu seus pensamentos.

– Você o quê?

– Ele me beijou... eu dei um tapa nele. Sinto muito. Sinto muito. Nunca mais vou fazer

isso de novo. Eu não queria beijá-lo.

Naquele terrível instante, Gabriel ficou grato por ter que levá-la ao hospital. Se não precisasse cuidar dela, teria voltado e acabado com a raça de Simon. Sem dúvida.

Ela começou a falar coisas sem sentido. Primeiro, murmurou algo sobre *ele* tê-la beijado e sobre Natalie; depois algo sobre como ele, Gabriel, não iria querê-la mais porque ela estava marcada e seria péssima na cama...

O que aquele desgraçado fez com ela?

– Sssshhh, Beatriz. Olhe para mim. Beatriz.

Julia levou alguns instantes para perceber que Gabriel a estava chamando pelo seu antigo apelido, mas então olhou para ele, os olhos frenéticos se focando lentamente em seu rosto.

– A culpa não foi sua, está bem? Não foi sua culpa que ele a tenha beijado.

– Eu não queria trair você, Gabriel. Sinto muito – sussurrou ela.

O tom da sua voz, o pânico em seus olhos... Gabriel engoliu a bile que lhe subiu à garganta.

– Julia, você não me traiu, está bem? Estou feliz que tenha batido nele. Ele mereceu. Ele merecia coisa muito, muito pior.

Gabriel balançou a cabeça, perguntando-se, horrorizado, o que teria de fato acontecido antes de ele chegar.

◆◆◆

Quando Richard chegou ao hospital, encontrou o filho e Julia na sala de espera. Gabriel acariciava seus cabelos e falava baixinho com ela. Foi uma cena comovente, mas o nível de intimidade entre os dois o surpreendeu. E muito.

Enquanto esperavam o amigo de Richard chegar, ele examinou com cuidado o tornozelo de Julia. Ela soltou um gritinho. Richard lançou um olhar de esguelha para Gabriel, que mordia os nós dos dedos para se controlar.

– Não acho que seu tornozelo esteja quebrado, mas está certamente ferido. Gabriel, por que não vai buscar uma xícara de chá e talvez alguns biscoitos para nós?

Gabriel tirou a mão da boca.

– Não vou sair de perto dela.

– Vai ser rápido. Só quero conversar um pouco com Julia.

Gabriel assentiu com relutância e desapareceu na direção da cafeteria.

Richard não pôde deixar de notar o pescoço de Julia. A marca da mordida estava clara, já o chupão, nem tanto. Ele lançou um olhar para onde seu filho estivera pouco antes. O chupão não era recente. Era óbvio que tinha sido feito uns dois dias antes. Pelo jeito, a relação entre Gabriel e Julia era mais íntima do que ele pensava.

– Grace trabalhava como voluntária neste hospital, sabia?

Julia assentiu.

– Ao longo dos anos, ela exerceu várias funções, mas na maior parte do tempo trabalhava com vítimas de abuso doméstico. – Ele suspirou. – Viu muitos casos tristes, alguns envolvendo crianças. Alguns deles inclusive terminaram em morte.

Ele olhou dentro dos olhos de Julia.

– Vou lhe dizer o que Grace costumava falar para os seus pacientes. Não é culpa sua. Não importa o que fez ou deixou de fazer, você não mereceu isso. E não sei se já senti tanto orgulho do meu filho quanto estou sentindo agora.

Ela baixou os olhos para o tornozelo ferido e continuou calada.

Logo em seguida, um senhor asiático de aparência agradável se aproximou deles.

– Richard – disse ele, estendendo a mão.

Richard se pôs de pé e apertou a mão do amigo.

– Stephen, deixe-me apresentá-lo a Julia Mitchell. Ela é uma amiga da família. Julia, este é o Dr. Ling.

Stephen meneou a cabeça e pediu a uma enfermeira que ajudasse Julia a ir até um consultório. Ele também foi para lá instantes depois, assegurando a Richard que a trataria como se fosse sua própria filha.

Sabendo que Julia estava em boas mãos, Richard decidiu ir até a cafeteria para se juntar ao filho. Assim que chegou ao corredor, pôde ouvir Gabriel discutindo com Tom Mitchell. Aos gritos.

– Acho que sei julgar as pessoas melhor do que você. – Tom falava a centímetros do rosto de Gabriel, tentando intimidá-lo fisicamente, mas Gabriel o enfrentava de igual para igual.

– Bem, está na cara que isso não é verdade, Sr. Mitchell, ou então eu não teria precisado arrastar aquele animal de dentro da sua casa antes de ele estuprar sua filha na porra do quarto dela.

– Ei, vocês dois! Estamos num hospital. Vamos resolver isso lá fora – disse Richard com firmeza, andando em direção a eles.

Tom cumprimentou rapidamente o amigo, então voltou sua atenção para Gabriel.

– Fico feliz que Julia esteja bem. E, se foi você quem salvou minha filha, eu lhe devo uma. Mas recebi um telefonema de um policial dizendo que você deu uma surra no filho do senador Talbot. Como posso saber que não foi você quem começou tudo isso? Você é um viciado!

– Posso fazer um exame de sangue. – Os olhos de Gabriel faiscaram. – Não tenho nada a esconder. Em vez de se preocupar com o filho do senador, não acha que deveria se importar um pouco mais com sua filha? Proteger Julianne era a *sua tarefa*. Como pai. E fez um trabalho de merda nesse sentido durante toda a vida dela. Pelo amor de Deus, Tom. Como pôde ter mandado Julia de volta para morar com a mãe quando ela era

criança?

Tom cerrou os punhos com tanta força que quase estourou os vasos sanguíneos das mãos.

– Você não sabe do que está falando, então é melhor calar a boca. É muita audácia sua me dar um sermão sobre minha filha. Não passa de um viciado em cocaína com um histórico de violência. Se eu voltar a vê-lo perto dela, vou chamar a polícia.

– Não sei do que estou falando? Ora, Tom, não se faça de idiota! Estou falando de todos aqueles homens que entravam e saíam do apartamento de St. Louis e comiam sua ex-mulher na frente da sua garotinha. *E você não fez absolutamente nada*. Na verdade, finalmente a resgatou antes que ela engrossasse as estatísticas de abuso infantil. Mas depois a mandou de volta. Por quê? Ela era uma delinquente aos 9 anos de idade? Era muito carente? Ou você estava ocupado demais sendo chefe voluntário dos bombeiros?

Tom olhou para Gabriel com uma expressão de puro ódio. Precisou de todo o seu autocontrole para não lhe acertar um soco ou pegar sua espingarda de caça na picape e lhe dar um tiro. Mas não iria fazer nenhuma das duas coisas ao lado de uma sala de espera cheia de testemunhas. Tudo o que fez foi xingar Gabriel mais algumas vezes e seguir a passos firmes até a recepção para pagar a conta do hospital.

Quando ela voltou, de muletas, Tom já havia se acalmado. Estava parado diante da porta da sala de emergência com as mãos nos bolsos, cheio de culpa.

Gabriel andou até Julia imediatamente, franzindo as sobrancelhas ao ver seu tornozelo enfaixado.

– Você está bem?

– Não está quebrado. Obrigada, Gabriel. Não sei o que teria... – Julia engoliu suas palavras à medida que lágrimas escorriam por seu rosto pela primeira vez naquela noite.

Gabriel colocou o braço em volta do ombro dela e beijou sua testa com ternura.

Tom ficou observando a interação entre sua filha e o violento, porém corajoso, viciado em cocaína e andou até Richard. Os dois amigos conversaram por um minuto antes de trocarem um aperto de mãos.

– Jules? Você quer ir para casa? Richard disse que, se preferir, é bem-vinda para ficar na casa dele. – Tom remexeu os pés, sem jeito.

– Não posso ir para casa.

Julia se afastou de Gabriel e envolveu o pai com um braço. Os olhos dele se encheram de lágrimas e Tom sussurrou um pedido de desculpas ao pé do ouvido da filha antes de sair do hospital.

Richard se despediu do casal, deixando Julia enxugar suas lágrimas.

Gabriel se voltou para ela no mesmo instante.

– Podemos comprar os seus remédios no caminho de volta para a casa de Richard. Você certamente pode pegar emprestadas algumas roupas de Rachel, ou minhas até. A

não ser que queira passar em casa para fazer uma mala.

– Não posso voltar lá – choramingou ela, encolhendo-se.

– Não há necessidade.

– E quanto a *ele*?

– Não precisa mais se preocupar com ele. A polícia já o deteve.

Julia olhou Gabriel nos olhos e quase se perdeu na ternura e no zelo que irradiavam deles.

– Eu te amo, Gabriel.

A princípio, ele não esboçou nenhuma reação. Simplesmente ficou parado ali, como se não tivesse ouvido. Mas então a expressão em seu rosto se amenizou. Ele a puxou para o seu lado, com muletas e tudo, e beijou seu rosto sem dizer nada.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Depois do jantar, Scott foi visitar um amigo. Quando voltou para casa, ficou chocado ao encontrar duas viaturas na porta da garagem. A agente Jamie Roberts estava interrogando Julia na sala de estar, enquanto o agente Ron Quinn fazia o mesmo com Gabriel na sala de jantar. Richard já havia sido interrogado.

– Alguém pode me explicar por que a polícia está na minha casa? O que Gabriel fez agora? – Scott estava parado na cozinha, olhando para a irmã e o pai.

Aaron foi até a geladeira e pegou uma cerveja Samuel Adams. Abriu a garrafa e a entregou para Scott.

– Simon Talbot agrediu Julia.

Scott quase cuspiu sua cerveja.

– O quê? Ela está bem?

– Aquele desgraçado mordeu minha amiga – disse Rachel. – E quase quebrou o tornozelo dela.

– Ele chegou a... – começou Scott, sem rodeios, mas não conseguiu pronunciar as palavras.

Rachel balançou a cabeça.

– Eu perguntei a ela. Talvez não devesse, mas perguntei. Ela disse que não.

Todos suspiraram aliviados.

Scott pousou a cerveja com força no balcão.

– Bem, onde ele está? Vamos, Aaron. Alguém precisa dar uma lição nesse sujeito.

– Gabriel chegou antes de nós. Ron me disse que precisam levar Simon ao hospital para prender sua mandíbula de volta no lugar. Gabriel arrebentou a cara dele.

Scott arqueou as sobrancelhas.

– O professor? Por que ele faria isso?

Aaron e Rachel trocaram olhares de cumplicidade.

– Gostaria de fazer uma visita àquele filho da puta mesmo assim. – Scott estalou os dedos da mão direita. – Só para termos uma conversinha.

Aaron balançou a cabeça.

– Ouça o que está dizendo. Você é um promotor público; ele é filho de um senador. Não pode bater nele. Além do mais, Gabriel já fez o serviço. A polícia vai prendê-lo assim que os médicos acabarem de dar um jeito nele.

– Você ainda não explicou por que Gabriel sujaria suas belas mãos por causa da Julia. Ele mal a conhece.

Rachel se inclinou sobre a ilha da cozinha em direção ao irmão.

– Eles estão namorando.

Scott ficou pasmo.

– Como é que é?

– Você ouviu bem. Eles estão... juntos.

– Puta merda. O que Julia está fazendo com ele?

Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, Gabriel entrou na cozinha. Ele olhou para os rostos preocupados de seus parentes e franziu as sobrancelhas.

– Onde está Julianne?

– Ainda está sendo interrogada. – Richard sorriu para o filho mais velho e pôs a mão em seu ombro. – Estou muito orgulhoso de você pelo que fez por Julia. Posso dizer que estamos todos gratos por ter chegado a tempo.

Gabriel apertou os lábios e assentiu, desconfortável.

– Você merece uma medalha por ter espancado Simon Talbot. Mas também merece uma surra por se meter com Julia. Você não é bom o suficiente para ela. – Scott largou a cerveja outra vez e tornou a estalar os dedos.

Os olhos de Gabriel encararam o irmão com um brilho frio.

– Minha vida pessoal não é da sua conta.

– Agora é. Que tipo de professor come as alunas? Já não tem mulheres suficientes?

Rachel respirou fundo e caminhou lentamente em direção à porta, afastando-se do iminente conflito titânico.

Os punhos de Gabriel se cerraram dos lados do seu corpo e ele se aproximou um passo do irmão maior, porém mais jovem.

– Se falar assim de Julianne mais uma vez que seja, vamos trocar mais do que palavras.

– Ei, os dois, chega dessa palhaçada de Caim e Abel. A polícia está aí e a irmã de vocês está ficando assustada. – Aaron se meteu entre eles, pousando de leve a mão no peito de Scott.

– Julia não é o tipo de garota que você come e depois dá um pé na bunda. Ela é para casar – disse Scott por sobre o ombro de Aaron.

– Você acha que não sei disso? – retrucou Gabriel com evidente hostilidade.

– E você não acha que ela já teve sua cota de canalhas?

Richard ergueu a mão.

– Scott, já chega.

Ele olhou para o pai com uma expressão intrigada.

– Gabriel salvou Julia de uma agressão. – Richard meneou a cabeça devagar.

Scott olhou o pai como se ele tivesse dito que a Terra era plana. E todos, menos ele, já soubessem disso.

Rachel se intrometeu, disposta a mudar o rumo da conversa:

– A propósito, Gabriel, não sabia que você conhecia Jamie Roberts. Estudou com ela

no ensino médio?

– Estudei.

– Vocês eram amigos?

– Mais ou menos.

Todos os olhos focaram Gabriel, que deu meia-volta e desapareceu.

Richard esperou alguns minutos o clima de tensão se dissipar antes de voltar sua atenção para o filho que tinha ficado na cozinha.

– Gostaria de ter uma conversa com você – falou com voz calma porém firme.

Os dois subiram as escadas e entraram no escritório de Richard, que fechou a porta.

– Sente-se – ordenou o pai, apontando uma cadeira em frente à sua mesa. – Quero falar com você sobre sua atitude em relação ao seu irmão.

Scott se sentou de frente para o pai e se preparou para o que estava por vir. Richard só levava os filhos até o escritório para as conversas mais sérias.

Ele gesticulou para a reprodução de *O retorno do filho pródigo*, de Rembrandt, orgulhosamente exposta em uma das paredes.

– Você se lembra da parábola que inspirou esse quadro?

Scott assentiu devagar. Ele estava encrencado.

◆◆◆

Julia se sentou na cama com as costas eretas, ofegante.

Foi só um pesadelo. Foi só um pesadelo. Você escapou.

Precisou de alguns instantes para controlar a respiração acelerada. Mas, quando percebeu que estava em segurança no quarto de hóspedes dos Clark, e não debaixo de Simon no chão do seu antigo quarto, conseguiu relaxar. Um pouco.

Julia se inclinou para acender o abajur. Embora tenha dispersado a escuridão, a luz não foi suficiente para animá-la. Ela pegou o copo d'água e os analgésicos que Gabriel havia deixado ali ao levá-la para a cama, várias horas antes. Ele tinha se enroscado do seu lado, totalmente vestido, e a abraçara até ela adormecer. Porém não estava mais ali.

Preciso dele.

Mais do que dos analgésicos, da luz ou do ar, Julia precisava de Gabriel, precisava sentir o corpo dele em volta do seu, ouvir a voz dele sussurrar palavras de consolo. Ele era a única pessoa que poderia fazê-la se esquecer do que tinha acontecido. Julia precisava tocá-lo. Precisava beijá-lo para apagar seu pesadelo.

Tomou os analgésicos para aliviar a dor em seu tornozelo e em seguida foi pulando num pé só até o quarto de Gabriel para aliviar a dor em seu coração. Fez o máximo de silêncio possível, tentando ouvir qualquer movimento ou passo nos outros quartos. Quando ficou convencida de que não seria pega de surpresa, abriu lentamente a porta de Gabriel, entrou e a fechou atrás de si.

Seus olhos precisaram de alguns instantes para se ajustar à penumbra. Ele não havia aberto as persianas e estava deitado no que normalmente seria o lado dela da cama de casal. Julia se perguntou se era adequado dizer que um dos lados da cama era seu. Ela mancou até o outro lado, puxou as cobertas e colocou um joelho no colchão.

– Julianne. – O sussurro de Gabriel a assustou.

Ela levou a mão à boca para não soltar um grito.

– Pare.

Julia ficou petrificada. Quando finalmente voltou a si, ela baixou a cabeça.

– Hum, desculpe. Não deveria ter incomodado você.

Ela foi tomada pela vergonha e pestanejou para conter as lágrimas, virando-se devagar para ir embora.

– Não foi isso que eu quis dizer. Espere.

Julia o observou afastar as cobertas e se levantar, de costas para ela. Gabriel estava nu e a luz das estrelas que entrava pelas frestas das persianas se espalhou pelas costas dele. Era uma espécie de ilusão de ótica, os delicados pontos de luz que dançavam pelo seu corpo atlético. Ela pôde ver suas omoplatas e sua coluna, assim como os músculos inferiores das suas costas, onde a pele se esticou quando ele se inclinou para procurar a calça do pijama.

E, naturalmente, o traseiro e as pernas mais bonitos que ela já vira...

Depois de vestir a calça, ele se virou para encará-la, seu peito e ombros lindamente esculpidos na penumbra, o dragão tatuado um pouco apagado, mas sempre presente.

– Agora você pode vir se deitar comigo. – Ele deu uma risadinha. – Achei que ficaria nervosa se me encontrasse nu.

Julia revirou os olhos. Não gostava quando Gabriel ria dela, mas ele tinha razão.

– Venha cá – sussurrou ele, estendendo um braço e puxando-a para perto, de modo que, quando eles se deitassem, a cabeça de Julia descansasse naturalmente em seu peito. – Eu tinha programado o despertador para ir dar uma olhada em você. Ele iria tocar daqui a 15 minutos. Como está o tornozelo?

– Doendo.

– Tomou os comprimidos que deixei?

– Tomei. Ainda não fizeram efeito.

Gabriel mudou de posição com cuidado para pegar a mão dela e pressionar os lábios com ternura em seus dedos.

– Minha pequena guerreira. – Ele acariciou seus cabelos, correndo as pontas dos dedos pelos seus cachos. – Não consegue dormir?

– Tive um pesadelo.

– Quer falar sobre isso?

– Não.

Ele a abraçou mais forte só para indicar que tinha escutado e que, se ela mudasse de ideia, estaria disposto a ouvir.

– Pode me beijar? – perguntou ela.

– Achei que, depois do que aconteceu, você não iria querer que eu a tocasse.

Julia inclinou a cabeça para levar os lábios aos dele, pondo fim à conversa.

A boca de Gabriel foi suave e gentil, mal se movendo contra a dela. Ele conseguia sentir que a boca de Julia ainda estava sensível e amaldiçoou mentalmente Simon por tê-la marcado daquele jeito. Mas Julia não queria saber disso. Ela queria sorvê-lo, deixar que o fogo de Gabriel a engolisse, a ponto de ele ser tudo o que conseguisse sentir, tudo em que conseguisse pensar.

Abrindo a boca, ela correu a língua pelo lábio dele, saboreando sua doçura. Então a enfiou na boca de Gabriel, banhando a língua dele com a sua e deixando-a bailar como uma dançarina de tango sobre ela. Os dedos de Gabriel se apertaram em seus cabelos, puxando a cabeça dela para trás com carinho. Então foi a vez de a língua dele empurrar a de Julia para trás, penetrando-a e acariciando-a.

O prazer arrebatador que o afeto sem pressa dele lhe proporcionava fez Julia gemer. Enquanto o beijava, não conseguia pensar em mais nada. Ela manteve seu tornozelo machucado afastado para protegê-lo e levou as mãos aos cabelos de Gabriel, puxando-os e retorcendo-os.

Gabriel gemeu, mas não parou. Ela sentiu o corpo dele começar a se enrijecer ao seu lado, aplicando pressão contra a sua coxa nua. Ele desceu a mão direita pelo lado do corpo de Julia, deixando-a pairar sobre o relevo de um seio antes de esfregá-la pelas costelas e depois pelo quadril. Gostava da maneira como a camiseta sem mangas e o short de ioga de Rachel lhe caíam, apertando suas curvas e expondo uma grande faixa de pele muito branca ao longo dos ombros e em cima dos seios. Julia era linda, mesmo naquela penumbra. De repente, ela estava deitada de costas, com ele sobre ela, sustentando o peso com os braços. O joelho de Gabriel se enfiou entre as pernas dela, que se abriram de boa vontade.

Ela queria mais. Precisava de mais. Sua respiração estava ofegante e saía em arquejos. Julia se recusava a soltar os cabelos dele, forçando suas bocas a continuarem juntas.

Gabriel reagiu acariciando os seios dela por cima da camisa com seus dedos longos, fazendo pressão suficiente para lhe causar arrepios e fazê-la querer mais, porém não para saciar seus desejos. Então ele recuou, apoiando-se em um dos braços com os olhos fechados. Essa era a chance dela. Sem pensar no que estava fazendo, pegou a bainha da camisa e tentou tirá-la.

Gabriel segurou sua mão e interrompeu o movimento. Colou os lábios aos dela e logo ambos usavam suas línguas para provocar um ao outro, ofegantes. Julia libertou suas mãos debaixo das de Gabriel quando ele se moveu para acariciar a parte de cima da sua

coxa, envolvendo a cintura dele com a perna à medida que ele colava ainda mais seu corpo ao dela. Agora que suas mãos estavam livres, nada a impedia de arrancar a camisa. Ela tornou a encontrar a bainha e começou a puxar, contorcendo-se debaixo do peito nu dele.

As duas mãos de Gabriel agarraram as suas.

– Julianne – sussurrou ele, com dificuldade de respirar. – Por favor... pare. – Ele recuou para se ajoelhar ao lado dela, tentando recuperar o fôlego.

– Você não quer? – A voz dela era inocente, o que fez o coração de Gabriel se apertar no peito.

Ele balançou a cabeça e fechou os olhos. Enquanto Julia assimilava sua resposta negativa, todas as crueldades que Simon lhe dissera na vida começaram a ecoar em seus ouvidos.

Você é uma puta idiota. Vai ser péssima de cama. Você é frígida. Nenhum outro homem jamais vai querer você.

Julia virou-se de lado, desvencilhando-se de Gabriel e tirando os pés de cima da cama para pousá-los com cuidado no chão. Queria chegar à porta antes que um soluço brotasse de sua garganta. Mas, antes que pudesse apoiar o peso do seu corpo no tornozelo bom, dois braços longos e fortes envolveram sua cintura e ela estava presa.

Gabriel a abraçou por trás e a puxou para si, fazendo com que suas pernas pendessem juntas da beirada da cama e as costas de Julia ficassem coladas ao seu peito nu. Ela conseguia sentir o coração acelerado e a respiração de Gabriel contra as suas omoplatas. Era uma sensação estranha, porém especialmente erótica.

– Não vá – sussurrou ele, beijando de leve a ponta de sua orelha.

Ele se inclinou para a frente para levar a boca ao lado direito do seu pescoço, esfregando-se nela.

Julia fungou.

– Não quis aborrecê-la. Você está muito machucada? – Como ela não respondeu, Gabriel tornou a beijar sua orelha e a abraçou mais forte.

– Não fisicamente – conseguiu responder Julia, contendo um soluço.

– Então me diga – sussurrou ele. – Como machuquei você?

Julia jogou as mãos para o alto, frustrada.

– Você diz que me quer, mas, quando finalmente crio coragem para me jogar nos seus braços, me rejeita.

Gabriel respirou fundo e ruidosamente junto à orelha dela. Julia sentiu os braços dele se retesarem e seus tendões pressionarem sua pele. E outra coisa, mais embaixo, pressionar a curva das suas nádegas.

– Acredite, Julianne, não estou rejeitando você. É claro que a desejo. Você é linda. Encantadora.

Gabriel baixou a cabeça para beijar seu rosto.

– Já conversamos sobre isso. Nosso momento está chegando. Você quer mesmo que nossa primeira vez seja hoje à noite?

Julia hesitou e essa foi toda a resposta de que ele precisava.

– Mesmo que esteja pronta, querida, eu não faria amor com você esta noite. Você está machucada, o que significa que temos que esperar um pouco. Preciso ter certeza de que está totalmente recuperada antes de experimentarmos... várias *posições*.

Ela conseguia perceber o sorriso dele colorindo as palavras. Gabriel estava tentando fazê-la rir.

– E, o que é mais importante, tem isto aqui também. – Gabriel mudou de posição, inclinando-se para o lado esquerdo dela e correndo um dedo de leve pela mordida em seu pescoço.

Ela se encolheu ao toque de Gabriel, o que fez uma chama de raiva se acender dentro dele. Ele inspirou e expirou várias vezes para controlar suas emoções, então deu muitos beijos carinhosos perto da marca, até ela suspirar e deixar sua cabeça relaxar no ombro dele.

– Você estava em posição fetal há poucas horas. Eu não seria um bom amante se me aproveitasse da sua fragilidade. Faz sentido?

Julia refletiu sobre aquelas palavras e assentiu devagar.

– Você passou por uma experiência assustadora hoje. É claro que quer se sentir segura, protegida. Isso não é nenhum crime, Julianne. E eu quero ajudá-la, meu amor, você nem sabe quanto. Mas há muitas maneiras de fazer isso. Não precisa tirar a roupa para chamar minha atenção. Ela já é sua. Toda sua. Não tem que fazer sexo comigo para que eu faça você se sentir desejada.

Gabriel deu um beijo em seu pescoço e a mudou de posição, deitando-a de costas.

Ele se deitou de lado perto dela, apoiando-se no cotovelo e olhando para os seus olhos arregalados e tristes. A começar pelos seus cabelos, iniciou uma série de carícias suaves e demoradas. Afagou-lhe seu rosto para enxugar suas lágrimas. Correu os dedos pelo seu queixo, pelo contorno do rosto, pelas sobrancelhas. Em seguida, passou para o pescoço e desceu pelas linhas da clavícula.

Ela arquejou quando os dedos dele deslizaram pelo seu esterno, percorrendo o espaço entre os seus seios até o abdome, onde traçaram desenhos em sua pele nua. Gabriel espalmou a mão sobre o seu corpo e se inclinou para beijar a parte de cima dos seus seios.

Quando recuou, os olhos dela estavam fechados.

– Querida?

As pálpebras dela se abriram.

– Nesta cama, só existimos nós dois. Eu e você. Você é tudo o que importa. – Ele

correu a mão pela curva da sua cintura, descendo-a pelo lado esquerdo do quadril, onde a apertou com carinho. – Se quiser voltar para o seu quarto, eu a acompanharei até lá. Se quiser dormir sozinha, deixarei você em paz. Só preciso saber o que *você* quer e, desde que esteja ao meu alcance, eu atenderei. Mas, por favor, querida, não me peça para tirar sua virgindade. Esta noite não.

Julia refletiu sobre o que ele disse e engoliu em seco.

– Quero ficar aqui. Não durmo bem sem você.

– Eu mal consigo dormir sem você do meu lado. Fico feliz que também se sinta assim. – Ele beijou os lábios de Julia e começou a deslizar a mão pela sua coxa, arrastando-a de volta até a curva de sua nádega. – Você sabe que me importo com você, não sabe?

Ela assentiu e tocou o peito de Gabriel, que se inclinou para a frente, roçando os lábios no pescoço dela, onde a pele continuava intacta.

– Me desculpe por ter feito isso. – Gabriel rodeou com os lábios a marca do dia anterior, que já começava a desaparecer.

Julia olhou dentro dos seus olhos culpados.

– Não peça desculpas, Gabriel. Foi diferente.

– Preciso ter mais cuidado com você.

Ela suspirou.

– Você é muito cuidadoso comigo.

– Vire-se, querida.

Os olhos dela ficaram intrigados, mas ela deitou de barriga para baixo e moveu a cabeça de modo a poder olhar para Gabriel, confiando plenamente nele.

Ele se ajoelhou ao seu lado e afastou seus cabelos com carinho.

– Relaxe. Quero que se sinta tão bonita quanto é.

Ele começou a massageá-la com as duas mãos, de forma lenta e suave, explorando cada centímetro do seu corpo. Então pegou seus pés e os ergueu, dando atenção especial ao peito deles e aos calcanhares.

Ela gemeu baixinho.

Gabriel riu.

– Você se lembra de quando dormiu na minha casa depois daquela aula desastrosa?

Julia assentiu, mordendo o lábio.

As sobrancelhas dele se uniram.

– Você estava muito desconfiada de mim. É claro que tinha todo o direito, mas mesmo naquela época eu já havia decidido que... Você está segura comigo, amor. Eu juro.

Quando Gabriel terminou de massagear seus pés, subiu de volta pelo seu corpo, permitindo que seus lábios explorassem os locais que suas mãos haviam visitado, roçando-os, beijando-os, mordiscando-os.

Julia estudou seus olhos e o que viu refletido neles foi um afeto profundo. Quando ele

se deitou do seu lado, ela o beijou intensamente.

– Obrigada, Gabriel – sussurrou.

Ele abriu um sorriso de satisfação, emaranhando os dedos em seus cabelos longos.

Foi nesse espaço de paz e segurança que Julia percebeu que o momento dela tinha chegado. Eles já haviam concordado em desnudar suas almas antes de seus corpos. E havia uma parte dela que estava cansada de guardar segredos. De guardar os segredos *dele*.

Gabriel já havia compartilhado com ela partes do seu passado. Por que ela se recusava a fazer o mesmo? Seria doloroso pronunciar as palavras, mas talvez fosse mais doloroso ainda manter aquele assunto não explicado entre eles. Ela respirou fundo, fechou os olhos e começou a falar sem rodeios.

– Eu o conheci durante meu primeiro ano na faculdade... – Ela pigarreou algumas vezes e prosseguiu com um sussurro: – Ele frequentava a Universidade da Pensilvânia. Já tinha ouvido falar do seu pai, mas não era por isso que estava interessada nele. Gostava dele porque ele era engraçado, simpático e nós sempre nos divertíamos juntos. Naquele primeiro Natal, ele apareceu na minha casa para me fazer uma surpresa. Sabia que eu gostava de coisas italianas, então comprou uma Vespa vermelho-maçã para mim. Ou *vermelho-Julia*, como ele dizia.

Gabriel ergueu as sobrancelhas.

– É claro que meu amor por tudo o que fosse da Itália era influência sua. Mas eu já havia perdido as esperanças de reencontrá-lo. Achei que não se importava comigo, então tentei seguir em frente. Os pais dele aprovavam nosso relacionamento e éramos sempre convidados a Washington para visitá-los ou para eventos políticos na Filadélfia. Ficamos alguns meses saindo juntos sem compromisso, mais como amigos, na verdade, então ele me disse que queria mais. Eu concordei. As coisas começaram a mudar depois disso. Ele queria mais de tudo e passou a ser exigente. – As faces de Julia ficaram muito vermelhas na escuridão.

Gabriel sentiu a temperatura da pele dela aumentar, então começou a massagear de leve seus ombros.

– Ele dizia que sexo era um direito seu como meu namorado. Quando falei que não estava pronta, ele me chamou de frígida. Isso só me deixou ainda mais determinada a esperar. Não estava esperando por você, especificamente, mas não queria me sentir pressionada a fazer sexo. Sei que isso soa pueril.

– Julianne, não é nada pueril afirmar que é *você* quem deve decidir com quem vai dormir ou não.

Ela abriu um pequeno sorriso.

– Quanto mais ele insistia, mais eu tentava compensar cedendo em outros aspectos. Ele era extremamente possessivo. Não gostava que eu saísse com Rachel, provavelmente

porque ela não gostava dele. Eu fazia de tudo para evitar conflitos. E, hum... ele não era sempre agradável.

Ela fez uma pausa, tentando descobrir como contar a próxima parte.

– Ele batia em você? – Gabriel se forçou a soar calmo.

– Não exatamente.

– Isso não é uma resposta, Julianne. *Ele batia em você?*

Ela conseguia sentir o corpo de Gabriel começar a tremer de raiva. Não iria mentir, mas estava preocupada com o que ele poderia dizer quando lhe contasse a verdade. Então escolheu as palavras com muito cuidado:

– Ele me empurrou algumas vezes. Natalie, minha colega de quarto, teve que afastá-lo de mim uma vez.

– Você entende que, mesmo que ele tenha apenas empurrado você, ainda é agressão, não entende?

Quando Julia evitou seus olhos, ele prosseguiu:

– Vou querer voltar a esse ponto. Alguma outra hora.

– Sinceramente, as coisas que ele me dizia eram muito piores do que qualquer uma que tenha feito. – Ela riu baixinho. – No geral, ele me tratava melhor do que a minha mãe. Embora às vezes eu preferisse que ele me batesse. Eu poderia aguentar um soco e estaria acabado em questão de segundos. Teria sido melhor do que ouvi-lo dizer o tempo todo que eu era frígida e imprestável. – Ela estremeceu. – Se ele me batesse, eu ao menos poderia ter contado ao meu pai. Poderia ter lhe mostrado o hematoma e ele teria acreditado em mim.

Ele ficou indignado com a confissão de Julia, o que aumentou ainda mais a raiva que ele sentia de Simon e do pai dela. Apesar do silêncio paciente de Gabriel, ela quase conseguia ouvir as engrenagens girando em sua mente.

– Nunca sentia que era boa o suficiente para ele, que certamente concordava com isso. Já que eu não queria fazer sexo, ele exigia... hum, outras coisas. Mas eu não era muito boa. Ele dizia que, se aquilo servisse de indicativo de como as coisas seriam na cama, eu seria péssima. – Ela tornou a rir, brincando com os cabelos, nervosa. – Eu não iria lhe contar isso, mas acho que você tem o direito de saber antes que eu o decepcione. Por que você iria me querer se, além de frígida, também não consigo agradar a um homem de outras maneiras?

Gabriel soltou, sem pensar, uma série de blasfêmias que arrepiariam os cabelos de qualquer pecador.

Julia continuou muito quieta, seu nariz se remexendo um pouco, como o de um ratinho. Ou de um coelho.

– Julianne, olhe para mim. – Ele pousou a mão de leve no rosto dela, esperando até seus olhares se cruzarem. – Tudo o que ele disse para você é mentira. Você precisa

acreditar em mim. Ele falava essas coisas para controlá-la. É claro que eu a desejo. Olhe só para você! Você é linda, afetuosa e inteligente. É clemente e gentil. Talvez não perceba isso, mas você desperta essas qualidades em mim. Você me faz *querer* ser gentil e carinhoso. E, quando fizermos amor, serei assim com você.

Ele pigarreou e sua voz ficou rouca:

– Uma pessoa tão generosa e passional quanto você *jamais* poderia ser horrível quando o assunto é sexo. Só precisa de alguém que a faça sentir-se segura o suficiente para se expressar. Então a tigresa virá à tona. Ele não merecia ver esse seu lado e você estava certa em não mostrá-lo a ele. Mas o nosso caso é diferente. Ontem à noite, na noite que passamos no museu e até mesmo hoje mais cedo, vi sua paixão. Eu a senti. E é de tirar o fôlego. *Você* é de tirar o fôlego.

Julia olhou dentro dos seus olhos intensos com uma admiração muda.

– Você me disse que acredita em redenção – sussurrou ele. – Então prove. Perdoe a si mesma. Esqueça a vergonha que sente, seja lá do que for, e se permita ser feliz. Porque, sinceramente Julianne, isso é tudo o que desejo para você. Quero que seja feliz.

Julia sorriu e o beijou, deliciando-se momentaneamente com seu toque e suas palavras. Depois de alguns instantes, porém, recuou, sabendo que a pior parte da história ainda estava por vir.

– Eu queria fazer intercâmbio no meu último ano de faculdade. Ele não queria que eu fosse. Então me candidatei sem ele saber e só lhe dei a notícia perto de viajar. Ele ficou furioso, mas pareceu superar com o tempo. Enquanto eu estava na Itália, ele me escrevia e-mails maravilhosos e me mandava fotos. Dizia que me amava. – Ela engoliu em seco. – Ninguém nunca tinha me amado antes.

Julia parou, respirou fundo e prosseguiu:

– Não vim passar o Natal ou as férias de verão em casa porque estava fazendo alguns cursos extras e passeando um pouco. Quando voltei, no final de agosto, Rachel me levou às compras para me dar as boas-vindas. Grace tinha lhe dado algum dinheiro e as duas me presentearam com um vestido muito bonito e um par de sapatos Prada.

Ela se ruborizou.

– Ah, você já viu esses sapatos. Eu os usei no nosso primeiro encon... quero dizer, quando você me levou para jantar.

Ele correu os dedos pela curva do pescoço de Julia.

– Tudo bem, Julianne, pode chamar de nosso primeiro encontro. É como eu penso naquele dia. Embora eu tenha sido um babaca.

Ela tornou a respirar fundo.

– Ele fez grandes planos para comemorar meu aniversário. Rachel insistiu em me ajudar a me arrumar no apartamento dela e depois eu deveria ir encontrá-lo no Ritz-Carlton. Mas acabei esquecendo minha câmera. Então dei uma passada no meu quarto

no alojamento.

Julia começou a tremer. Cada músculo, cada parte do seu corpo chacoalhava como se fizesse muito frio.

Gabriel a envolveu em seus braços.

– Não precisa me contar mais nada. Já ouvi demais.

– Não. – A voz de Julia estava trêmula, mas ela continuou: – Preciso contar a alguém. Nem Rachel sabe de tudo.

Ela inspirou e expirou algumas vezes.

– Abri a porta e o quarto estava escuro, exceto pela luminária na mesa da minha colega. Mas o aparelho de som de Natalie estava ligado e tocava "Closer", do Nine Inch Nails. Fui uma idiota e achei que tivesse esquecido o rádio ligado. Estava prestes a desligá-lo, mas, antes que eu desse um passo, vi os dois. – Julia ficou totalmente imóvel. Como uma estátua.

Gabriel esperou.

– Simon estava comendo Natalie na minha cama. Fiquei tão chocada que não consegui me mexer. A princípio, achei que não podia ser ele. Então pensei que não podia ser ela. Mas eram. E... – Sua voz se transformou num sussurro: – Ela era minha colega de quarto desde o primeiro ano. Antes disso, fomos amigas na escola. Os dois me viram parada ali, olhando para eles como uma imbecil. Então ele riu e disse que transava com ela desde o segundo ano de faculdade. Eu fiquei parada ali porque, sinceramente, não conseguia entender o que ele estava dizendo. Natalie se aproximou de mim, nua, e disse que eu deveria me juntar a eles.

Julia fechou a boca na mesma hora. Mas era tarde demais. Ela havia pronunciado as palavras. Tinha dito em voz alta. E foi invadida novamente por toda a agonia e o terror que sentiu naquele dia. Ela se ajoelhou na cama e escondeu o rosto no peito de Gabriel. Mas não chorou.

Gabriel a abraçou com força e beijou o topo de sua cabeça. *Eu deveria tê-lo matado.*

Ele agradeceu mentalmente por não ter sabido disso na ocasião. Ou certamente teria matado Simon. *Ele é um filho da puta. Pretendia foder Julianne como um animal. Apenas treinou com a colega de quarto dela antes.*

Eles ficaram algum tempo abraçados, enquanto ela tentava se livrar da vergonha e Gabriel tentava afastar seus pensamentos homicidas. Quando sentiu o coração dela desacelerar, ele começou a sussurrar em seu ouvido. Disse quanto se importava com ela. Disse que ela estava segura com ele. Então perguntou baixinho se eles poderiam conversar um pouco.

Julia assentiu.

– Julia, sinto muito pelo que aconteceu com você. – Ele balançou a cabeça. – Também sinto muito que não tenha crescido numa casa em que um homem e uma mulher se

amassem e dividissem a mesma cama. Eu tive esse privilégio. Você sabe como eram Richard e Grace, sempre se tocando, sempre rindo. Nunca o ouvi levantar a voz para ela. Nunca a ouvi fazer um único comentário sarcástico ou grosseiro. Eles eram o casal perfeito. E, por mais que seja constrangedor pensar que seus pais tenham tido uma vida sexual, era óbvio que eles eram muito apaixonados. Quando Richard veio ter a infame "conversa" comigo, ele citou um trecho do *Livro de Oração Comum*, um voto que fez a Grace no casamento: "Com este anel eu vos desposo, *com meu corpo eu vos venero*. E de todos os bens mundanos eu vos doto."

– Já ouvi essas palavras em algum lugar. São lindas.

– São mesmo. E, no contexto da minha conversa um tanto constrangedora com Richard, ele me mostrou que um voto é a promessa que o marido faz de que irá amar sua esposa e não só usá-la para o sexo. Ele disse que esse voto expressava a ideia de que fazer amor é um ato de veneração. O marido *venera* a esposa com seu corpo ao amá-la, se entregar a ela e levá-la ao êxtase.

Gabriel limpou a garganta, que ficou seca de repente.

– Acho que podemos dizer sem medo que o que você testemunhou com seu namorado foi algo selvagem e desprezível. Sei que viu coisas parecidas quando era criança em St. Louis, coisas que uma garotinha jamais deveria ver. Talvez tenha achado que uma relação sexual fosse apenas isso e talvez tenha achado que todos os homens eram como *ele*, predadores cruéis que usam e abusam de suas vítimas. O modo como Richard descreveu o ato de fazer amor, no entanto, foi completamente diferente. Disse que ele é o mais intenso de todos os prazeres, pois o contexto lhe dá a liberdade e a permissão de explorar seus próprios desejos em todas as suas formas, quer eles sejam ávidos e vorazes, quer serenos e delicados. A questão é que a base que sustenta esse ato é o mútuo respeito e a generosidade e não tomar nada à força ou usar ninguém.

Gabriel colou os lábios à orelha dela e sussurrou:

– Eu me afastei muito do estilo de vida de Richard, mas sempre quis o que ele e Grace tinham. Quando lhe disse que pretendia venerá-la com o meu corpo, estava falando sério. De todo o coração. Nunca tomarei nada de você. Só lhe darei. Na minha cama ou fora dela.

Julia sorriu, encostada no peito dele.

– Estamos os dois recomeçando nossas vidas. *As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!*

Ela ergueu a cabeça e beijou seus lábios de leve, sussurrando palavras de agradecimento. O que ele disse a consolava. Embora não afastasse a dor ou apagasse as lembranças, ouvi-lo dizer que não a recriminaria por suas fraquezas passadas era um alívio para Julia. Pois, de fato, uma das coisas que mais a envergonhavam era o fato de ela ter *permitido* que alguém a tratasse tão mal. Era por isso que havia mantido segredo.

Era por isso que tinha medo de se expor.

– Agora me sinto um babaca maior ainda por ter feito aquela brincadeira sobre os Nine Inch Nails quando estávamos no Lobby. Não é à toa que você ficou tão transtornada quando mencionei aquela canção.

Julia assentiu de leve.

– Assim que voltarmos para Toronto, vou mudar a programação do meu rádio e nunca mais voltarei a ouvir aquela estação. – Ele pigarreou. – Amor, você não precisa falar sobre o assunto se não quiser. Mas estou curioso para saber o que contou ao seu pai. Eu lhe devo desculpas por ter discutido com ele no hospital. Disse coisas que não devia.

Ela o encarou, intrigada.

– Falei que ele não deveria ter mandado você de volta para morar com sua mãe. Que a função dele como pai era protegê-la e que ele tinha fracassado.

Julia ficou surpresa. Ninguém, nem mesmo Rachel ou Grace, jamais tinha confrontado Tom sobre as escolhas dele. Ninguém. Uma expressão de assombro se espalhou em seu belo rosto.

– Você não está zangada comigo? – Ele parecia surpreso.

– Como poderia? Obrigada por me defender, Gabriel. Ninguém nunca fez isso antes.

Ela tomou suas mãos e beijou os nós ligeiramente inchados dos seus dedos e os lugares em que a pele estava cortada. Suas feridas de guerra eram-lhe tão caras quanto seus olhos bonitos e expressivos.

– Não contei tudo para o meu pai. Só que peguei Natalie e *ele* juntos e que não poderia mais morar com ela. Isso criou um problema, já que meu pai estava namorando a mãe dela. Mas ele nunca reclamou.

– Quanta nobreza da parte dele – disse Gabriel com sarcasmo.

– Passei alguns dias em Selinsgrove tentando me acalmar e papai me levou de volta para a faculdade. Ele me tirou do alojamento e me colocou numa quitinete. Você teria rido do apartamento, Gabriel. Era menor do que o de Toronto.

– Eu não teria rido. – Ele pareceu magoado.

– Só digo isso porque você é tão melindroso. Teria odiado aquele apartamento mais do que odeia o atual.

– Julianne, não odeio seu apartamento. Como já disse, odeio o fato de você ter que morar lá. O que aconteceu em seguida, depois que você voltou para a faculdade?

– Eu me escondi. Eles meio que começaram a namorar e eu tinha medo de encontrá-los, então evitava todos os lugares em que poderia ser vista. Frequentava as aulas, aprimorava meu italiano, me dedicava às candidaturas para a pós e ficava em casa. Eu meio que... me isolei.

– Rachel comentou alguma coisa.

– Não fui uma boa amiga para ela. Depois daquela noite, parei de atender suas ligações.

Não falava nem com Grace, embora ela tenha me escrito uma carta linda. Enviei um cartão de Natal para a sua família, mas estava me sentindo humilhada demais para explicar o que tinha acontecido. Rachel sabe que peguei *os dois* juntos, porque Natalie acabou contando para ela. Mas não sabe como foi ruim. E não quero que saiba.

– Tudo o que você me contar ficará entre nós.

– Não quis admitir que tivesse sido tão burra a ponto de me meter numa situação daquelas. Que tivesse me sujeitado a ele por tanto tempo. Que não tivesse sido capaz de enxergar que eles estavam juntos. Quis fingir que tudo aquilo havia acontecido com outra pessoa. – Ela ergueu os olhos para o rosto de Gabriel, que lhe pareceu surpreendentemente compreensivo.

– Por favor, nunca mais diga que é burra. Eles é que deveriam se envergonhar de terem tratado você desse jeito. Eles são os vilões dessa história, não você. – Ele beijou-lhe a testa duas vezes e enterrou o rosto em seus cabelos. – Acho que precisamos dormir um pouco, querida. Foi um longo dia e queremos que você melhore logo.

– A sua família não vai se incomodar quando descobrir que estamos juntos aqui?

– Eles já descobriram que somos um casal. E acho que, em sua maioria, estão de acordo.

– *Em sua maioria?*

Gabriel bufou.

– Richard não tem objeções quanto ao nosso namoro, mas é conservador quando o assunto é sexo. Então, embora eu tenha prometido que não faríamos nada na casa dele, ele preferiria que dormíssemos em quartos separados. Mas tenho certeza de que fará vista grossa esta noite e amanhã por conta do que aconteceu com você.

– E quanto a Rachel e Aaron? Eles dormem no mesmo quarto.

– Richard não gosta disso, mas, em sua cabeça, pelo menos eles estão prestes a se casar. Rachel sempre me apoiou em tudo e acho que ela está do nosso lado.

– E quanto a Scott?

– Scott é muito protetor em relação a você e sabe que eu era um libertino, então...

– Você não era libertino. Estava apenas se sentindo solitário.

Ele a beijou com carinho.

– É muita bondade sua dizer isso, mas nós dois sabemos que não é verdade.

Os dois se reclinaram e Julia descansou a cabeça no peito dele, correndo os dedos pela parte de cima de seu corpo. Cantarolou para si mesma enquanto remoía as palavras de Gabriel, sobre como ele se importava com ela e queria venerá-la. Essas eram, talvez, as palavras mais importantes que tinha ouvido na vida. Ela deslizou um dedo titubeante pelo peito dele, traçando os contornos da sua tatuagem.

Gabriel se apressou a cobrir a mão dela com a sua.

– Não faça isso – sussurrou, afastando a mão de Julia.

– Desculpe. O que é M.A.I.A.?

Julia o ouviu prender a respiração.

– Você não quis falar disso da outra vez. Mas, já que estávamos contando segredos, achei que...

Gabriel começou a esfregar os olhos com a mão livre, mas não a soltou.

– Maia é um nome. – A voz dele ficou áspera.

– Você... a amava?

– É claro que sim.

– Vocês ficaram muito tempo juntos?

Ele tossiu.

– Não era esse tipo de amor.

Julia o apertou com força e fechou os olhos.

Mas Gabriel continuou acordado, olhando para o teto por muito, muito tempo.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ao acordar no dia seguinte, Julia encontrou Gabriel sentado na beirada da cama, totalmente vestido e a observando. Ela bocejou e se espreguiçou sob os raios de sol que entravam pelas persianas.

– Bom dia – disse ela com um sorriso.

Ele se inclinou e a puxou para um abraço caloroso.

– Já estou de pé faz algum tempo, mas voltei agora há pouco para ver como você estava. Você fica muito serena quando está dormindo. – Ele a beijou com ternura, então foi até o closet pegar um suéter.

Julia se virou de barriga para baixo e o devorou com os olhos sem pudor, admirando o modo como sua camisa social ajustava-se aos ombros. De onde estava agora, também podia admirar seus glúteos, apertados na calça jeans preta.

Isso sim é um belo traseiro, pensou ela.

Gabriel olhou para ela por sobre o ombro.

– Como?

– Eu não falei nada.

Ele mordeu os lábios, como se tentasse conter um sorriso.

– Ah, não?

Aproximou-se dela e se inclinou para sussurrar no seu ouvido.

– Não sabia que era do tipo que gostava de *bunda*.

– Gabriel!

Um tanto constrangida por ter sido pega no flagra, ela deu um tapinha de leve no braço dele e os dois começaram a rir.

Ele a agarrou pela cintura, puxando-a para o seu colo.

– Mas quero deixar bem claro que minha bunda está muito lisonjeada.

– Ah, é? – Ela arqueou uma sobrancelha.

– Extremamente. E ela gostaria que eu lhe transmitisse seus melhores cumprimentos e, ah, que lhe dissesse que ela está ansiosa por conhecê-la com mais *intimidade* em Florença.

Julia balançou a cabeça para ele e se inclinou para a frente, implorando por um beijo. Foi recompensada com um contato breve, porém cheio de ternura, antes de Gabriel recuar.

Ele ficou sério de repente.

– Preciso conversar com você sobre algumas coisas.

Ela mordeu o lábio e esperou.

– Simon foi preso e responde por várias acusações. O pai dele enviou o advogado da família para ajudá-lo e já existem boatos sobre um acordo judicial.

– Sério?

– Pelo jeito, o senador quer manter essa história sórdida fora dos jornais. Scott telefonou para o promotor público e conseguiu que ele garantisse dar prioridade máxima ao caso. Scott deixou bem claro que todos nós gostaríamos que a pena fosse prisão e não algum tipo de centro de reabilitação ou tratamento. Mas, levando em conta os contatos de Simon, acho pouco provável que isso aconteça.

Julia fez um lembrete mental para agradecer a Scott por ele ter se manifestado em sua defesa.

– E quanto a você? Corre algum risco?

Gabriel sorriu.

– O advogado da família Talbot ameaçou dar queixa. Por sorte, meu irmão teve uma conversa breve, porém esclarecedora, com ele, em que comentou que a imprensa ficaria muito interessada em ouvir a nossa versão da história. Não vou ser indiciado. Nem preciso dizer que todos os envolvidos já estão cheios de Scott.

Julia fechou os olhos e expirou devagar. A ideia de que algo pudesse acontecer com Gabriel era dolorosa, especialmente porque tinha sido ela a trazer aquele problema para os dois.

– Preciso tomar um banho e trocar de roupa – disse ela, abrindo os olhos.

Gabriel lançou um olhar tórrido para ela e correu um só dedo por todo o seu braço.

– Adoraria tomar esse banho com você, mas temo que isso fosse escandalizar minha família.

Julia ficou arrepiada.

– Bem, não posso permitir que sua família fique escandalizada, professor Emerson.

– Sem dúvida, Srta. Mitchell. Seria mesmo chocante. Então, em prol do decoro, minha bunda muito lisonjeada e eu iremos nos abster de tomar banho com a senhorita. – Ele se inclinou para a frente, com os olhos brilhando. – *Por ora.*

Julia riu e ele a deixou ir para o banho.

Quando Julia saiu do banheiro, encontrou Gabriel andando de um lado para outro no corredor.

– Algum problema?

Ele balançou a cabeça.

– Queria me assegurar de que você não tinha tropeçado ou coisa parecida. Onde estão suas muletas?

– No meu quarto. Estou bem, Gabriel.

Ela passou por ele mancando. Quando encontrou sua escova de cabelos, começou a arrastá-la desajeitadamente pelos cachos longos e embolados.

– Deixe-me fazer isso. – Gabriel se aproximou dela e tirou a escova de sua mão.

– Vai pentear meu cabelo?

– Por que não?

Ele puxou uma cadeira, incentivando Julia a sentar, então parou atrás dela e começou a correr os dedos lentamente desde as raízes até as pontas dos fios, desembaraçando-os.

Julia fechou os olhos.

Gabriel continuou por alguns instantes antes de levar os lábios à sua orelha.

– Está gostando?

Ela murmurou para ele, ainda de olhos fechados.

Ele riu e balançou a cabeça. Ela era tão doce e fácil de agradar. E ele queria desesperadamente agradá-la. Quando acabou de desembaraçar os fios, deslizou a escova com cuidado pelos cabelos, penteando-os devagar, uma parte de cada vez.

Julia jamais havia pensado em Gabriel fazendo aquilo, nem em seus sonhos mais loucos. Mas havia algo de instintivo na maneira como ele a tocava e a sensação dos dedos longos dele cuidando dos seus cabelos aquecia sua pele. Ela só podia imaginar as alegrias que a aguardavam em Florença, quando pudesse desfrutá-lo por inteiro. *Sem roupas*. Ela se apressou em cruzar as pernas.

– Estou seduzindo você, Srta. Mitchell? – sussurrou sua voz açucarada.

– Não.

– Então não devo estar fazendo isso direito. – Ele conteve uma risadinha e desacelerou os movimentos, pressionando os lábios contra a ponta da orelha dela. – Embora meu verdadeiro objetivo seja fazê-la sorrir.

– Por que você é tão gentil comigo?

Os dedos dele pararam.

– Que pergunta incomum para se fazer ao seu amante.

– Estou falando sério, Gabriel. Por quê?

Ele tornou a mover os dedos pelos seus cabelos.

– Você tem sido gentil comigo desde que nos conhecemos. Por que eu não faria o mesmo? Não acha que merece ser tratada com gentileza?

Julia decidiu não se aprofundar mais em sua pergunta original. Apesar de estar transtornada na noite anterior, ela se lembrava de ter confessado seu amor por ele no hospital. Mas sua declaração tinha ficado sem resposta.

Isto é suficiente, pensou ela*. As atitudes dele, sua gentileza, sua proteção. É mais do que suficiente. Não preciso de palavras.*

Julia o amava tanto que chegava a doer; sempre o amara e esse sentimento ardia tão intensamente que mesmo durante os dias mais sombrios de sua vida o brilho dele não havia se apagado. Mas então Gabriel não parecia retribuí-lo.

Quando terminou de pentear seus cabelos, ele insistiu em lhe preparar algo para comer.

Mais tarde, sentaram-se juntos na cozinha, fazendo planos para a noite, até o telefone tocar e Richard aparecer com o aparelho sem fio nas mãos.

– É seu pai – disse ele, estendendo-o para Julia.

Gabriel o interceptou e tapou o bocal.

– Você não precisa falar com ele. Posso cuidar disso.

– Vamos ter que conversar em algum momento. – Julia desceu do banco e seguiu com suas muletas para a sala de jantar.

Richard balançou a cabeça para o filho.

– Você não pode se intrometer entre Julia e Tom.

– Ele não tem sido grande coisa como pai.

– Mas é o único pai que ela tem. E Julia é a alegria da vida dele.

Gabriel estreitou os olhos.

– Se ele ao menos se importasse com ela, a teria protegido.

Richard pousou a mão no seu ombro.

– Pais cometem erros. E, às vezes, é mais fácil enterrar a cabeça na areia do que admitir que seu filho está em apuros. E que a culpa é sua. Sei disso por experiência própria.

Gabriel franziu os lábios, mas ficou calado.

Dez minutos depois, Julia voltou. Apesar de Richard continuar na cozinha, Gabriel a puxou para um abraço e lhe deu um beijo no rosto.

– Tudo bem?

– Meu pai quer me levar para jantar hoje à noite – disse Julia.

Richard pareceu interpretar isso como sua deixa para ir embora e subiu para o escritório.

– Você quer vê-lo?

– Vai ser desagradável, mas concordei.

– Julianne, você não é obrigada a fazer nada. Eu posso levar você para jantar no lugar dele.

Ela balançou a cabeça.

– Ele está se esforçando, Gabriel. É meu pai. Preciso lhe dar uma chance.

Gabriel balançou a cabeça, frustrado, mas resolveu não discutir com ela.

Às seis em ponto, Tom Mitchell estava à porta dos Clark, calça e camisa sociais e gravata, que ficava puxando, sentindo-se desconfortável. Não estava acostumado a usá-las. Mas por Julia...

Richard se apressou em lhe dar as boas-vindas, conduzindo-o até a sala de estar enquanto esperavam Julia descer.

– Tem certeza de que quer ir? – Gabriel estava recostado na cama, observando Julia passar batom com a ajuda do seu espelhinho de mão.

– Não vou dar um bolo no meu próprio pai. Além do mais, Rachel vai arrastar Richard

para assistir a uma comédia romântica e você vai sair com os rapazes. Eu iria acabar ficando sozinha aqui.

Gabriel se ergueu da cama e andou até ela, passando os braços em volta da sua cintura.

– Você não ficaria sozinha. Ficaria comigo. E sei entreter uma dama. – Gabriel começou a dar beijos molhados atrás da orelha dela para persuadi-la. – Você está deslumbrante – sussurrou ele.

Ela corou.

– Obrigada.

– Vejo que Rachel lhe arranjou um lenço.

Ele tocou a ponta do lenço Hermès de seda azul que sua irmã havia enrolado habilidosamente no pescoço de Julia para ocultar a marca da mordida.

– Era de Grace – disse Julia baixinho. – Foi um presente de Richard.

– Richard gostava de mimá-la. Especialmente em Paris.

– Você é muito parecido com ele. – Ela se colocou na ponta dos pés para lhe dar um beijo no rosto.

– Espere só até chegarmos a Florença. – Ele a puxou para perto e a beijou com paixão antes de soltá-la.

– Então, para onde vai com os rapazes? Para alguma... boate de strip-tease? – Julia ergueu os olhos o o observou por baixo de seus cílios. Seria impossível ficar mais encantadora.

Gabriel fechou a cara.

– Você acha que eu faria isso?

– Não é isso que os homens fazem quando saem sozinhos à noite?

Ele acariciou seu rosto com as costas da mão.

– Você acha que Rachel aprovaria que fôssemos a um lugar desses?

– Não.

– E quanto a mim, acha que é isso que quero?

Julia afastou o olhar e não respondeu.

– Por que eu olharia para outras mulheres quando tenho a mais bela do mundo na minha cama todas as noites? – protestou ele, beijando-a de leve. – A única mulher que quero ver nua é você.

Julia deu uma risadinha.

– Qual foi mesmo a minha pergunta? Já me esqueci.

Ele sorriu com malícia.

– Ótimo. Venha cá.

◆◆◆

Mais tarde, quando a casa estava escura e todos já haviam se recolhido, Julia entrou às

escondidas no quarto de Gabriel vestindo apenas uma camisola azul simples. Ele estava sentado na cama, lendo, de óculos e sem camisa, os joelhos dobrados para cima numa posição relaxada.

– Ora, ora. Olá. – Ele sorriu, largando o livro *Fim de caso* na mesa de cabeceira. – Você está linda.

Ela largou as muletas e correu os dedos pela camisola, agradecida.

– Obrigada por ter ido até a casa do meu pai pegar minhas coisas.

– Não tem de quê. – Ele estendeu a mão e ela subiu na cama ao seu lado.

Gabriel a beijou antes de notar que ela ainda usava o lenço Hermès de Grace. Ele puxou uma das pontas.

– Por que ainda está usando isto?

Julia baixou os olhos.

– Não quero que veja minha cicatriz.

Ele ergueu o queixo dela.

– Você não precisa se esconder de mim.

– Ela é feia. Não quero que você se lembre do que aconteceu.

Ele olhou bem no fundo dos olhos dela. Então começou a desenrolar o lenço. Gabriel o fez deslizar de leve pela nuca de Julia, até cair em sua mão. Ela ficou toda arrepiada à medida que a seda percorria sua pele de forma sensual, aliada ao olhar ardente de Gabriel. Ele largou o lenço na mesa de cabeceira e se inclinou para beijar a marca em seu pescoço várias vezes.

– Nós dois temos cicatrizes, Julianne. As minhas só não estão na pele.

– Queria que não tivéssemos – sussurrou ela. – Queria ser perfeita.

Gabriel balançou a cabeça.

– Você gosta de Caravaggio?

– Muito. O quadro *O sacrifício de Isaac* é o meu preferido.

Ele assentiu.

– Sempre gostei mais de *A incredulidade de São Tomé*. Richard tem uma reprodução dele no seu escritório. Eu o estava admirando hoje.

– Sempre achei esse quadro... estranho.

– Ele é estranho. Jesus surge diante de São Tomé após a ressurreição e Tomé toca com o dedo a ferida deixada pela lança do lado do corpo dele. É muito profundo.

Julia não via profundidade naquilo, então ficou quieta.

– Se você for esperar que sua cicatriz desapareça, Julianne, vai ficar esperando para sempre. Cicatrizes nunca desaparecem. A pintura de Caravaggio deixou isso claro para mim. Feridas podem se fechar e talvez até sejamos capazes de nos esquecer delas com o tempo, mas as cicatrizes são para sempre. Nem mesmo Jesus perdeu as suas.

Gabriel esfregou o queixo, pensativo.

– Se eu tivesse me dado o trabalho de deixar de ser egoísta, teria percebido isso. E teria tratado Grace e minha família com mais carinho. Teria tratado você com mais carinho em setembro e outubro. – Ele pigarreou. – Espero que me perdoe pelas cicatrizes que eu lhe deixei. Sei que são muitas.

Julia sentou no seu colo e o beijou vigorosamente.

– Você já foi perdoado há muito tempo e por muito mais do que ter deixado cicatrizes. Preferiria que não falássemos mais sobre isso.

Os dois quase amantes compartilharam de um instante de silêncio antes de Gabriel lhe perguntar como tinha sido a noite.

Julia se remexeu em seu colo.

– Ele chorou.

Gabriel arqueou as sobrancelhas. *Tom Mitchell chorou. Não acredito.*

– Ele descreveu o que encontrou ao chegar em casa. E, quando lhe contei o que havia acontecido antes de você me salvar, ele chorou. Eu falei das brigas e das coisas que *ele* costumava me dizer. Então meu pai caiu em prantos, bem no meio de um restaurante chique. – Ela balançou a cabeça. – Nós dois choramos. Foi um espetáculo.

Gabriel afastou os cabelos do rosto dela para enxergá-la melhor.

– Sinto muito.

– Eu precisava dizer algumas coisas e ele ouviu... talvez pela primeira vez na vida. Pelo menos ele está tentando. Já é um grande passo. E, quando tiramos tudo isso do caminho, conversamos sobre você. Ele quis saber há quanto tempo estamos saindo juntos.

– E o que você disse?

– Falei que não muito, mas que eu... gostava de você. Disse que você fez muita coisa por mim e que eu me importava com você.

– Contou a ele sobre meus sentimentos?

Ela assumiu uma expressão acanhada.

– Bem, não cheguei a falar que quer fazer amor comigo em Florença, mas disse que achava que você também gosta de mim.

Gabriel fechou a cara.

– Eu *gosto* de você? Sério, Julianne? Foi o melhor que conseguiu dizer?

Ela encolheu os ombros.

– Ele é meu pai. Não quer ouvir detalhes sentimentais. Quer saber se você ainda usa drogas e se mete em brigas. E se é fiel a mim.

Gabriel se encolheu.

Ela o abraçou forte.

– É claro que falei para ele que você é um cidadão-modelo e que me trata como uma princesa. E que não mereço você.

– Bem, isso não é verdade. – Ele beijou sua testa. – Eu é que não mereço *você*.

– Até parece.

Eles se beijaram com carinho por alguns instantes. Então Gabriel tirou os óculos e os colocou em cima do seu livro. Apagou a luz e a abraçou por trás, sentindo-se feliz.

Quando já estavam pegando no sono, Julia sussurrou:

– Eu te amo.

Como Gabriel não respondeu, Julia supôs que ele já estivesse sonhando. Suspirou baixinho e fechou os olhos, aconchegando-se em seu peito. Gabriel flexionou seu braço forte envolvendo a cintura dela, apertando-a mais ainda contra si.

Ela o ouviu respirar fundo e fazer uma pausa.

– Julianne Mitchell, eu também te amo.

CAPÍTULO TRINTA

Julia acordou na manhã seguinte sentindo algo quente perto de seu coração e um hálito suave soprando seu pescoço. Quando baixou os olhos, viu a mão grande de Gabriel envolvendo seu seio direito enquanto eles dormiam de conchinha. Ela riu e se remexeu.

Ele resmungou por causa do movimento repentino.

– Bom dia, Gabriel.

– Bom dia, minha linda. – Os lábios dele encontraram a face de Julia e a beijaram.

– Suponho que tenha... dormido bem.

– Muito bem. E você?

– Bem, obrigada.

– Isto incomoda você? – Ele a acariciou de leve sobre a camisola.

– Não. É gostoso. – Ela se virou para encará-lo.

Ele deslizou a mão pela base das suas costas, para puxá-la para um beijo intenso.

– Julianne... – Ele afastou alguns fios de cabelo de cima dos olhos dela. – Gostaria de lhe dizer uma coisa.

Ela franziu a testa.

Ele correu um só dedo pelas suas sobrancelhas, desfazendo as linhas de preocupação que haviam surgido ali.

– Não precisa ficar preocupada. É uma coisa boa. Eu acho.

Ela o encarou, ansiosa.

Os olhos dele se arregalaram, graves e sérios.

– *Eu te amo.*

Ela pestanejou e um sorriso se espalhou devagar pelo seu rosto.

– Eu também amo você. Achei que estava ouvindo coisas quando você disse isso na noite passada.

Ele a beijou com ternura.

– E eu achei que você tivesse me ouvido.

– Você já disse isso para mim antes, sabia?

– Quando?

– Na noite em que eu o salvei de Christa. Eu o pus na cama e você me chamou de Beatriz. E disse que me amava.

Ele engoliu em seco.

– Julianne, me desculpe por ter levado tanto tempo para dizer isso como devia.

Ela passou os braços pelo pescoço dele e pressionou a testa contra sua barba por fazer.

– Obrigada.

– Não, querida, eu é quem deveria estar agradecendo. Eu... nunca me senti assim antes. Agora percebo quanto tempo desperdicei. – O olhar de Gabriel ficou triste.

Julia o beijou de leve.

– Nós dois tínhamos muito que amadurecer. Foi melhor assim.

– Eu me arrependo da maneira como tratei aquelas outras mulheres. E de ter desperdiçado meu tempo com elas. Você sabe disso, não sabe?

– Eu me arrependo de ter estado com *ele*. Mas não há nada que possamos fazer agora além de ficarmos felizes por termos nos reencontrado.

– Quem me dera pudéssemos passar o dia inteiro na cama. – A voz dele soou melancólica de repente.

Ela riu.

– Acho que isso chocaria sua família.

– Muito provavelmente. Merda!

Os dois riram até suas risadas se transformarem em beijos apaixonados.

Ela foi a primeira a recuar.

– Posso lhe perguntar uma coisa?

O maxilar de Gabriel se retesou.

– Claro. – *Não me faça muitas perguntas esta manhã, Julianne. Não posso lhe contar tudo na casa de Richard.*

– Que tipo de lingerie você gosta de ver numa mulher?

O maxilar de Gabriel relaxou na mesma hora e seus lábios se curvaram num sorriso perverso.

– Por que está perguntando isso? É algum tipo de pesquisa? – Ele deu uma risadinha, pegando a mão dela e pressionando os lábios nos nós de seus dedos.

Ela baixou os olhos para suas mãos unidas.

– Queria fazer umas compras antes da nossa viagem. Estava me perguntando do que você... gosta.

Ele a encarou com um olhar tórrido, repleto de desejo.

– Julianne, eu sou homem. Se fosse lhe dizer que tipo de lingerie prefiro, a resposta seria *nenhuma*. – Ele ergueu o queixo para olhar nos olhos dela. – Você é linda. Quando penso em estar com você, planejo admirar sua beleza sem pressa. Seu rosto, seus ombros, seus seios, cada parte sua. Penso nas curvas cor de creme, rosadas e macias que irei venerar com o meu corpo.

Ele a empurrou com carinho, deitando-a de costas para se ajoelhar entre suas pernas.

– Vista algo que faça *você* se sentir bela e confortável, pois quero que seja assim quando estivermos juntos. – Ele capturou sua boca e a beijou com fervor.

Quando recuou, ela o encarou com um olhar travesso.

– Tão confortável quanto uma roupa de ginástica?

Ele pareceu intrigado.

– Se você se sente confortável assim, sem dúvida não vou me opor.

Ela ergueu o pescoço e esfregou a ponta de seu nariz no dele.

– Você é um fofo, sabia? Mas estava falando sério quando perguntei. Quero escolher algo de que você goste.

– Vou gostar de qualquer coisa, desde que *você* a esteja vestindo.

Ele tornou a beijá-la e, dessa vez, se permitiu o luxo de baixar seu peito nu e aproximá-lo do dela, mas sem tocá-lo. O calor e a eletricidade saltaram entre as peles dos dois e logo Julia estava sem fôlego.

– Alguma preferência de cor? – perguntou ela, ofegante. – Ou de estilo?

Agora ele estava rindo baixinho e acariciando seu rosto, que se ruborizava sob os seus dedos.

– Bem, nada de preto ou vermelho.

– Achava que essas fossem as cores mais comuns. Costumam ser consideradas *sedutoras*.

Ele se moveu para o lado dela e sussurrou em sua orelha:

– Você já me seduz. Estou enfeitiçado, arrebatado e muito, muito excitado.

O quarto pareceu ficar mais quente e ela esqueceu qual era sua próxima pergunta. Por fim, se lembrou:

– Então nada de preto ou vermelho. Alguma cor favorita?

– Você é teimosa, hein? Acho que ficaria bonita com cores claras, como branco, cor-de-rosa, azul. Posso imaginá-la usando algo clássico, com seus cabelos caindo em cascata sobre os ombros. Mas o importante não é o que eu acho e sim o que você acha. Então me parece que é você quem deve escolher. – Ele sorriu. – É claro que eu talvez aproveite para comprar uma coisinha ou outra quando estivermos por lá. Mas, para a nossa primeira vez, tudo o que importa é o que *você* quer. O que faz você se sentir especial, sexy e valorizada. É isso que *eu* quero, porque amo você.

– Eu também amo você.

Julia sorriu para ele e Gabriel achou que seu coração fosse derreter. Ela tomou o rosto dele em sua mão, correndo o polegar pelo seu queixo anguloso. Gabriel descansou a cabeça na mão dela e fechou os olhos. Quando tornou a abri-los, eles estavam lúcidos, brilhantes e muito vorazes.

Ela teve que desviar o olhar.

– Preciso me arrumar. A que horas temos que partir para a Filadélfia?

Ele começou a beijar sua clavícula de um ombro até o outro.

– Depois (*beijo*) do café da manhã (*beijo*). Nosso voo é por volta da hora do jantar (*beijo*) e precisamos chegar cedo ao aeroporto. (*Dois beijos*.)

Ela tornou a beijá-lo e desapareceu no corredor com suas muletas.

No andar de baixo, Richard estava muito agitado, preparando e servindo o café da manhã de domingo para a família faminta. Scott comia tudo o que via pela frente ou que outra pessoa não tivesse pegado antes, enquanto Rachel e Aaron analisavam fotografias de locais para festas de casamento na Filadélfia no BlackBerry de Aaron.

Rachel cumprimentou o irmão e sua melhor amiga assim que eles entraram na cozinha:

– Vejam só quem chegou.

– Tenho que devolver isto para você – sussurrou Julia, começando a desatar o lenço que havia amarrado no pescoço.

– Não precisa. Mamãe gostaria que ficasse com ele.

Julia agradeceu à amiga puxando-a para um abraço. Sentiu-se mais uma vez grata pela sua generosidade, e também por Grace, cuja presença igualmente generosa nunca parecia estar longe deles.

Scott serviu um copo de suco de laranja para Julia, que se sentou.

– Você parece feliz hoje. – disse ele.

– E estou. De verdade.

– Nunca deixe que ele a trate mal – sussurrou ele com uma expressão séria no rosto.

– Ele mudou, Scott. Ele... me ama – falou ela em voz baixa, para que ninguém mais ouvisse.

Scott olhou para ela, surpreso.

– Meu Deus! – ele murmurou. Então trocou seu peso de um pé para o outro, desconfortável, e mudou de assunto: – A audiência para analisar o pedido de fiança de Simon deve ter sido ontem. O advogado dele estava tentando libertá-lo. – Ele lançou um olhar cauteloso para Julia. – Ainda não consegui descobrir o que aconteceu.

Julia demorou alguns instantes para registrar o que Scott estava dizendo, mas, quando entendeu, foi dominada pela ansiedade. Derrubou o copo de suco de laranja sem querer, transformando seu café da manhã em um desastre pegajoso e encharcado.

Ela piscou várias vezes, tentando se recompor e enxugar sua mais recente trapalhada, xingando-se por estar tão nervosa.

Gabriel já deve estar cansado de me ver derrubando coisas. Sou uma perfeita idiota.

Antes que ela pudesse se levantar, a mão de alguém surgiu diante do seu rosto. Julia ergueu a cabeça e deparou com um par de olhos cor de safira muito preocupados. Gabriel moveu um pouco a mão, incentivando-a a pegá-la. Puxou-a para o seu lado e sentou-a em outro banquinho, beijando rapidamente sua testa.

– Você está segura agora – sussurrou ele. – Não vou deixá-lo chegar perto de você.

Como se as palavras não bastassem, Gabriel esfregou os braços de Julia para reconfortá-la.

Enquanto Richard preparava outro waffle, Gabriel pegou seu café da manhã arruinado

e se encaminhou para a pia.

– Deixe que eu cuido disso. Sente-se com a sua namorada. – A voz de Scott soou grave e emburrada atrás do ombro de Gabriel. – E me desculpe.

Ninguém percebeu a interação sutil entre os dois irmãos: o filho pródigo e o filho obediente. Seus olhos se cruzaram e eles trocaram um olhar de compreensão, talvez até de perdão. Gabriel assentiu, agradecido, e se sentou ao lado de Julia, passando o braço em volta da sua cintura e murmurando palavras tranquilizadoras em seu ouvido até ela parar de tremer.

Ele precisava tirá-la de Selinsgrove.

Quando já estavam no carro, indo embora, Julia fechou os olhos e suspirou aliviada. Tinha sido uma manhã emotiva. Despedir-se da sua família emprestada era sempre difícil. E despedir-se do pai depois dos acontecimentos do feriado tinha sido extenuante.

– Você está triste por partir? – Gabriel estendeu a mão para acariciar seu rosto.

Ela abriu os olhos.

– Parte de mim queria ficar. E parte de mim mal podia esperar para deixar tudo para trás.

– Eu sinto o mesmo.

– O que meu pai falou para você quando apertou sua mão?

Gabriel se remexeu no banco do motorista.

– Ele me agradeceu. Disse que sabia que você poderia ter ficado muito mais ferida. – Gabriel correu seus dedos longos pelos de Julia, levando a mão dela aos lábios. – Também me pediu que ficasse de olho na garotinha dele. Disse que você era tudo para ele.

Isso fez uma lágrima escorrer pelo rosto dela. Julia a enxugou e olhou pela janela. As coisas entre ela e o pai certamente haviam mudado.

No voo de volta para Toronto, Julia se aconchegou em Gabriel, deixando de lado sua proposta de dissertação para descansar a cabeça no ombro dele.

– Preciso tomar algumas providências para a nossa viagem – disse ele, dando um beijo no topo da cabeça dela.

– Quando nós vamos?

– Minha ideia é partir logo depois das aulas de sexta-feira. Mas, se você for comigo, precisarei esperar Katherine lançar suas notas. Minha palestra é dia 10 de dezembro. Será que podemos viajar no dia 8?

– Acho que sim. Tenho trabalhos finais para entregar na sexta. Além disso, Katherine espera receber uma primeira versão de parte da minha dissertação nessa data. Suponho que ela vá lançar minhas notas em poucos dias, então provavelmente poderei viajar no dia 8, sim. Quando você pretende voltar?

Gabriel moveu o braço para envolver o corpo de Julia.

– Rachel insiste em que estejamos em casa para o Natal. E isso inclui você. Então poderíamos sair da Itália no dia 23 ou 24 e, em vez de voltarmos para Toronto, ir direto para a Filadélfia. A menos que queira passar o Natal comigo na Itália.

Julia riu.

– Eu jamais correria o risco de incorrer na fúria de Rachel. E meu pai também espera que eu venha, embora saiba que não poderei ficar na casa dele. – Ela estremeceu involuntariamente.

Gabriel a apertou.

– Então pode ficar comigo. Reservaremos um hotel. Nunca mais vou dormir sem você.

Ela corou diante desse comentário e sorriu.

– Teremos duas semanas para aproveitar Florença. Ou, se preferir, podemos viajar para Veneza e Roma. Poderíamos alugar uma casa de campo na Úmbria. Conheço um lugar muito bonito perto de Todi. Gostaria de mostrá-lo a você.

– Desde que eu esteja em sua companhia, meu amor, podemos ir a qualquer lugar.

Ele apertou os lábios por alguns instantes.

– Que Deus a abençoe por isso – balbuciou Gabriel.

– Rachel vai marcar o casamento para o final de agosto, isso se o lugar que eles querem estiver disponível. Fico me perguntando por que ela quer esperar tanto – disse Julia, tentando extrair alguma informação de Gabriel.

Ele deu de ombros.

– Conhecendo minha irmã, ela vai precisar de alguns meses para se assegurar de que as pessoas certas estejam informadas e de que o casamento será transmitido pela CNN.

Os dois riram.

– Acho que Rachel vai querer formar uma família logo – disse Julia. – Não sei o que Aaron pensa disso.

– Ele a ama. Quer se casar com ela. Deve estar empolgado com a perspectiva de o amor da vida dele carregar seu filho.

Ele se interrompeu por um instante, virando-se para encará-la.

– Julianne, é um problema para você que eu não possa...?

– Não exatamente. Pelo menos por enquanto. Quero terminar meu mestrado, depois me dedicar ao doutorado. Também quero dar aulas. – Ela deu de ombros. – Talvez essa seja a vantagem de namorar uma mulher mais jovem.

Gabriel bufou.

– Você me faz parecer velho. Mas, quando tiver 30, vai mudar de ideia, se não antes. E, quando isso acontecer...

Ela fechou a cara e balançou a cabeça.

– O que espera que eu diga? Que não quero você? Não vou dizer isso. Amo você, Gabriel, por completo. Por favor, não me afaste quando finalmente conseguimos nos

aproximar. – Ela fechou os olhos. – Isso dói.

– Me perdoe – sussurrou ele, beijando sua mão.

Ela aceitou suas desculpas e tentou relaxar, esgotada por conta das emoções do dia.

Gabriel esfregou os olhos para pensar. Mas logo percebeu que, para isso, precisaria de espaço e tempo longe dela.

Não vou precisar afastá-la quando lhe contar sobre Paulina...

◆◆◆

A primeira semana de dezembro foi a última de aulas. No geral, foram dias tranquilos. Gabriel e Julia fizeram sua parte e mantiveram distância um do outro. Todas as noites ele preparava a palestra para a Galleria degli Uffizi em seu apartamento espaçoso, enquanto ela se dedicava incansavelmente a seus trabalhos finais e sua dissertação, em sua pequena toca de Hobbit.

Eles trocavam mensagens de texto obsessivamente:

Querida, estou com saudades. Não quer vir para cá? Bjs, G

Julia sorriu para a tela do iPhone de tal forma que até o aparelho ficou vermelho. Então digitou sua resposta:

G, também tenho saudades. Estou terminando um artigo de arrancar os cabelos para um curso sobre Dante. Devo ficar acordada a noite inteira.

O professor é um gato, mas muito exigente. Amo vc, Julia.

Ela voltou sua atenção novamente para o laptop e continuou a revisar seu artigo para Katherine. Em poucos minutos, seu iPhone voltou a apitar:

Querida, você está com sorte: sou especialista em Dante.

Por que não termina o artigo aqui?

Posso ajudá-la com ele... a noite inteira... Bjs, G

P.S.: Gato e mais o quê?

Julia deu uma risadinha ao ler a mensagem e respondeu:

Caríssimo especialista em Dante, além de gato, meu professor é quente como fogo.

Sei o que o seu convite para passar a noite toda incluiria...

E daí não conseguiria terminar meu artigo.

Vamos deixar para sexta? Bjs e abs, Sua Julia.

Ela ficou olhando o iPhone, esperando o próximo torpedo. Mas ele só chegou quando Julia estava no banheiro.

> Querida Julia, isso é bem quente. O fato de você ter rejeitado meu convite me afundou numa solidão sem fim, que agora precisarei afugentar com uma dose de uísque e dois capítulos de Graham Greene.
> Seus bjs e abs quase compensaram esse desgosto. Amo vc, G.
> P.S.: Você é quente como o sol, só que muito mais encantadora.

Julia sorriu e enviou uma breve mensagem dizendo-lhe quanto o amava. Então passou o resto da noite trabalhando.

Eles enfim se encontraram pessoalmente na quarta-feira, na última aula do curso, que foi ainda mais interessante por conta do comportamento bizarro de Christa Peterson. Ela passou a aula inteira calada. Estava vestida com elegância, com um suéter de caxemira cor de berinjela que se colava de forma sedutora a seu peito e suas nádegas. Sua maquiagem estava perfeita; os cabelos, soltos; e seu penteado, impecável. Mas tinha uma expressão amarga. O tempo todo manteve os braços cruzados diante dos seios volumosos, de forma defensiva.

Quando o professor Emerson fez uma pergunta que ela sabia responder, recusou-se a levantar a mão. Quando ele olhou por cima da armação dos óculos para ver se conseguia convencê-la a participar, ela fez uma careta e desviou o olhar. Se sua mente não estivesse voltada para o *Paradiso* de Dante, talvez ele tivesse ficado apreensivo. Mas não ficou.

Não era só o silêncio de Christa que se mostrava bizarro, mas também sua ostensiva hostilidade em relação a Julia, para a qual reservou os olhares mais ameaçadores.

– Que bicho mordeu Christa? – sussurrou Julia para Paul assim que a aula terminou.

Ele riu com sarcasmo.

– Talvez ela finalmente tenha percebido que Emerson nunca vai aprovar sua proposta de tese e esteja cogitando mudar de carreira. Tem uma boate de strip-tease na Yonge Street que está precisando de dançarinas. Talvez ela tenha o perfil. Ou não.

Então foi a vez de Julia rir.

– A propósito, adorei seu lenço. Muito francês. – Paul abriu um sorriso amistoso para ela. – Presente do namorado?

– Não. Foi minha melhor amiga que me deu.

– Fica bem em você.

Julia sorriu. Então os dois guardaram seus livros e voltaram andando para casa em meio à neve fraca que caía, contando histórias (ligeiramente editadas) sobre seus respectivos dias de Ação de Graças.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Na sexta-feira, o professor Emerson estava de péssimo humor. Ele havia passado uma semana quase inteira sem Julianne e tinha sido obrigado a vê-la ir embora com Paul depois da aula, sem que pudesse ao menos olhar na direção deles. Tivera que manter distância quando tudo o que queria era tocá-la e dizer a todos que ela era sua. Enquanto dormia nu na escuridão, foi visitado por demônios e escarnecido e oprimido por pesadelos – que geralmente eram refreados pela simples presença dela, cuja luminosidade superava a da estrela mais brilhante. Uma estrela que em breve não estaria mais em sua vida.

Gabriel sabia que precisava lhe contar seus segredos antes que eles embarcassem. Portanto, lamentava ter passado sozinho aquela que era (possivelmente) sua última semana com Julianne. Ele havia mudado sua passagem e feito todas as reservas para Julianne acompanhá-lo até Florença, mas fizera tudo isso com certo desânimo e não sem contratar um seguro de cancelamento de viagem, pois acreditava sinceramente que ela o abandonaria. Temia o momento em que os seus olhos grandes e inocentes ficariam sombrios e ela o rejeitaria, considerando-o indigno de seu amor. Mas Gabriel não iria permitir que ela oferecesse, desprevenida, sua inocência para um demônio como ele. Não seria o Cupido e ela Psiquê.

Isso, sim, seria demoníaco.

Consequentemente, foi com uma frieza indisfarçada que a recebeu na sexta à noite quando ela chegou para o jantar. Deu um beijo fraternal em sua testa e abriu passagem, fazendo um gesto para que ela entrasse.

Abandonai toda a esperança, pensou ele.

Julia sabia que havia algo de errado e não só porque conseguia ouvir os acordes de *Madame Butterfly* de Puccini vindo da sala de estar. Geralmente Gabriel a recebia com um abraço e alguns beijos apaixonados antes de tirar seu casaco. Em vez disso, ficou parado onde estava, sem nem fazer contato visual com ela, esperando que Julia falasse.

– Gabriel? – Ela ergueu a mão para tocar seu rosto. – Algum problema?

– Não – mentiu ele, virando a cabeça para o lado. – Quer uma bebida?

Julia resistiu ao impulso de insistir e, em vez disso, pediu uma taça de vinho. Esperava que ele fosse mais comunicativo durante o jantar.

Mas não foi assim. Gabriel serviu o jantar em silêncio e, quando Julia tentou falar sobre o rosbife só para ser educada, ele respondeu com monossílabos. Ela lhe disse que havia terminado todos os seus trabalhos do semestre e que Katherine Picton concordara em lançar suas notas antes do dia 8 de dezembro, mas Gabriel se limitou a assentir em

resposta, olhando fixamente sua taça de vinho, que logo estaria vazia.

Julia nunca o vira beber tanto. Já o encontrara bêbado na noite em que o salvou no Lobby. Mas esta noite era diferente. Ele não estava galanteador e feliz, mas atormentado. A cada taça de vinho, ela ficava mais e mais preocupada, porém, sempre que abria a boca para dizer algo, vislumbrava uma tristeza fugaz no rosto dele e desistia. Ele foi ficando cada vez mais frio e distante, até que, quando serviu a torta de maçã que a empregada tinha feito, Julia a dispensou com um gesto e exigiu que ele silenciasse Maria Callas para que pudessem conversar.

Isso o tirou do seu devaneio, uma vez que a torta (e a ópera) era o ápice do seu jantar. Da sua Última Ceia.

– Não há nada de errado – bufou ele, indo até o aparelho de som para interromper a ópera.

– Gabriel, não minta para mim. Você está claramente aborrecido. Me diga qual é o problema. Por favor.

A visão de Julianne, da inocente Julianne, com seus grandes olhos castanhos e sua testa agora franzida, quase o desarmou.

Por que ela tem que ser tão doce? Tão generosa? Por que tem que ser tão compassiva? Ter uma alma tão bela?

A culpa que ele sentia se multiplicou. Talvez fosse uma boa coisa que não a tivesse seduzido. Assim o coração dela se curaria mais depressa, já que eles não haviam se conhecido sexualmente. Haviam passado apenas algumas semanas juntos. Suas lágrimas secariam depressa e talvez ela encontrasse um amor tranquilo e sereno com alguém bom e confiável, como Paul.

A ideia embrulhou terrivelmente seu estômago.

Sem dizer nada, ele foi até o aparador e pegou um dos decantadores e um copo de cristal. Voltou para seu lugar e se serviu de dois dedos de uísque. Bebeu metade de uma vez só e largou o copo com força. Esperou a ardência em sua garganta passar. Esperou que a bebida fosse absorvida em suas entranhas, dando-lhe coragem e o fortalecendo. Mas precisaria de muito mais uísque para embotar a dor em seu coração.

Ele respirou fundo.

– Tenho algumas coisas... desagradáveis para lhe contar. E sei que, quando terminar, você me deixará.

– Gabriel, por favor, eu...

– Por favor, me deixe falar. – Ele passou as mãos pelos cabelos de maneira frenética. – Antes que eu perca a coragem.

Gabriel fechou os olhos e tornou a respirar fundo. Quando os abriu, olhou para ela como um dragão ferido.

– Você está olhando para um assassino.

Os sons chegaram aos ouvidos de Julia, mas não penetraram sua consciência. Ela achou que tivesse escutado mal.

– Não apenas sou um assassino como tirei uma vida inocente. Se conseguir ficar no mesmo recinto que eu por alguns minutos, irei lhe explicar como isso aconteceu. – Ele esperou por alguma reação, mas, como ela continuou sentada em silêncio, prosseguiu: – Fui fazer o mestrado no Magdalen College, em Oxford. Disso você já sabe. O que não sabe é que, enquanto estava lá, conheci uma americana chamada Paulina.

Julia inspirou o ar com força e Gabriel se interrompeu. Todas as vezes que ela perguntara sobre Paulina, ele tinha desconversado. Havia tentado fazê-la acreditar que Paulina não era uma ameaça, mas Julia se recusara a aceitar isso. É claro que Paulina ameaçava a intimidade cada vez maior entre eles. Aquela mulher o havia feito sair correndo no meio de um jantar, em outubro. E, antes de fugir, Gabriel tinha parado diante dela, transtornado, e citado Lady Macbeth. A expectativa fez Julia estremecer de leve.

– Paulina era uma aluna da graduação. Era atraente, alta e majestosa com seus cabelos louros. Gostava de dizer às pessoas que era descendente da aristocracia russa, uma espécie de Anastásia. Ficamos amigos e costumávamos passar o tempo juntos de vez em quando, mas nossa relação nunca foi física. Eu estava saindo com outras garotas e ela sofria por outra pessoa...

Ele pigarreou, nervoso.

– Eu me formei e fui para Harvard. Mantivemos contato por e-mail durante um ou dois anos, de forma muito casual, e então ela me disse que tinha sido aprovada para o mestrado em Harvard. Estava estudando para se tornar uma especialista em Dostoiévski. Precisava de ajuda para encontrar um lugar onde morar, então falei sobre uma vaga no meu prédio. Ela se mudou em agosto daquele ano.

Ele olhou para Julia, estudando seu rosto. Ela assentiu, tentando ocultar seu temor.

– O ano em que ela chegou foi o mais difícil da minha vida. Eu estava trabalhando na minha tese e ainda era assistente de pesquisa de um professor muito exigente. Ficava acordado até altas horas escrevendo e dormia muito pouco. Foi quando comecei a usar cocaína.

Ele baixou o olhar e começou a remexer as mãos, tamborilando com os dedos na mesa.

– Eu costumava sair para beber com o pessoal do doutorado nos fins de semana. De vez em quando nos envolvíamos em brigas. – Ele riu. – Eu nem sempre era um exemplo de bom comportamento, e às vezes saíamos só para arranjar confusão. Mas pelo menos serviu para alguma coisa, como Simon pode testemunhar.

Ele se inclinou para a frente na cadeira, descansando os braços sobre os joelhos. Julia ficou observando suas pernas balançarem de nervosismo. A cada frase Gabriel ficava mais agitado, o que indicava que ele estava se aproximando da beira do abismo em que

havia escondido seu segredo.

– Certa noite, alguém apareceu com um pouco de cocaína. Achei que talvez fosse me ajudar a ficar acordado para trabalhar. Foi assim que comecei. Eu a usava como estimulante e alternava com álcool. Achava que, como estava em Harvard, eu era um usuário respeitável de drogas recreativas. Achava que estava no controle. – Ele suspirou com força e baixou o tom de voz: – Ledo engano. Paulina estava sempre por perto. Ela batia à minha porta a qualquer hora, porque eu estava sempre acordado. Enquanto eu escrevia, ela ficava sentada no meu sofá, lendo ou preparando chás russos. Começou a cozinhar para mim. Quando estava usando cocaína, eu não comia muito. Só ingeria algo de nutritivo por causa dela.

Então o tom de voz de Gabriel ficou mais sombrio, como se a culpa que havia dentro dele cravasse as unhas em suas entranhas, tentando se libertar. Vendo a pergunta nos olhos dela, ele contraiu o maxilar.

– Ela sabia sobre a cocaína. A princípio, tentei esconder, mas ela estava sempre do meu lado. Por fim, desisti e comecei a cheirar na frente dela. Paulina não se importava.

Ele passou a evitar o olhar de Julia. Parecia envergonhado.

– Paulina era superprotegida. Era totalmente inocente quanto a drogas e a muitas outras coisas. Eu fui uma má influência. Certa noite, ela tirou as roupas e sugeriu que cheirássemos carreiras no corpo um do outro. Eu não estava com a cabeça no lugar, é claro, e ela estava nua...

Ele expirou devagar e balançou a cabeça, mantendo os olhos em suas mãos agitadas.

– Não vou inventar desculpas. A culpa foi minha. Ela era uma boa menina, acostumada a conseguir o que queria. E ela queria a mim, o viciado do andar de baixo. – Gabriel esfregou o queixo com as costas da mão e de repente Julia percebeu que ele não tinha feito a barba naquela manhã.

Ele se remexeu na cadeira.

– Na manhã seguinte, disse a ela que tinha cometido um erro. Não estava interessado em monogamia. A cocaína me fazia querer sexo, embora com o passar do tempo tenha prejudicado minha capacidade de alcançar a satisfação. Carma, imagino. Eu estava acostumado a ter mulheres diferentes todo fim de semana. Mas, quando lhe contei tudo isso, ela disse que não se importava. Eu podia dizer ou fazer qualquer coisa, podia tratá-la da pior forma possível, mas Paulina sempre voltava. Então ficamos assim. Ela agia como se fosse minha namorada e eu agia como se ela fosse alguém que eu podia levar para a cama quando quisesse. Não me importava com ela, só comigo mesmo, com as drogas e com minha maldita tese.

Julia sentiu seu coração se encolher no peito. Ela sabia que Gabriel nunca tinha desejado uma companheira. Ele era um homem extremamente bonito e sensual. As mulheres se estapeavam para chamar sua atenção. Julia não gostava do passado dele,

mas o aceitava e dizia a si mesma que não tinha importância.

Mas Paulina era diferente. Julia sabia disso por instinto, desde a primeira vez em que ouvira o seu nome. Por mais que acreditasse que Gabriel não estivesse mais envolvido com ela, o que ele estava começando a descrever era muito mais sério do que uma noite de sexo casual. O espectro verde da inveja se enroscou em seu coração, apertando-o.

Gabriel se levantou e começou a andar de um lado para outro.

– Tudo desmoronou quando ela me disse que estava grávida. Eu a acusei de tentar me dar um golpe e falei para ela se livrar do bebê.

O rosto dele se contorceu de emoção e ele pareceu angustiado.

– Ela chorou. Ajoelhou-se e disse que era apaixonada por mim desde Oxford e que queria ter um filho comigo. Eu não quis ouvir. Em vez disso, lhe dei dinheiro para fazer um aborto e a expulsei do meu apartamento como se ela fosse um saco de lixo.

Gabriel gemeu, um lamento atormentado que pareceu vir das profundezas da sua alma. Ele esfregou os olhos com os dedos.

Julia levou sua mão trêmula à boca. Não esperava nada parecido. Mas, à medida que sua mente trabalhava num ritmo frenético, várias peças do quebra-cabeça que era o professor Emerson começavam a se juntar.

– Depois disso, fiquei um bom tempo sem vê-la. Supus que tivesse feito o aborto. Nem me dei o trabalho de descobrir, para você ter uma ideia do traste que eu era. Alguns meses depois, entrei na cozinha pela manhã e encontrei uma impressão de um ultrassom na minha geladeira. Com um bilhete.

Ele se recostou, afundando-se na poltrona, e enterrou a cabeça nas mãos.

– Ela escreveu: *Esta é a sua filha, Maia. Ela não é linda?* – As palavras de Gabriel foram estranguladas por um soluço que lhe escapou do peito. – Eu conseguia ver os contornos da cabecinha e do nariz dela, seus braços e pernas minúsculos. As mãos e os pés pequeninos. Ela era linda. Um bebê lindo e frágil. Minha garotinha. *Maia.* – Ele engoliu outro soluço. – Eu não sabia. Não era real. *Ela* não era real até eu ver sua imagem e... – Gabriel estava chorando.

Julia viu as lágrimas escorrerem pelo rosto dele e sentiu um aperto no peito. Com seus próprios olhos se enchendo de lágrimas, ela fez menção de se aproximar de Gabriel, mas ele ergueu a mão para impedi-la.

– Eu disse a Paulina que ajudaria a criar o bebê. Naturalmente, eu estava quebrado. Havia gastado todo o meu dinheiro com drogas e já devia para o meu fornecedor. Paulina sabia disso, mas, de alguma forma, ainda me queria. Nós voltamos e ela ficava lendo no meu sofá enquanto eu escrevia a tese. Ela largou as drogas e tentou tomar conta se si mesma e do bebê. Eu tentei parar, mas não consegui.

Ele ergueu a cabeça para encarar Julia.

– Quer ouvir o resto? Ou já está pronta para ir embora?

Julia não hesitou. Ela andou até Gabriel e passou os braços em volta dos seus ombros.

– É claro que quero ouvir o resto.

Ele a abraçou forte, mas apenas por alguns instantes antes de afastá-la e enxugar o rosto com as costas da mão. Ela ficou parada do seu lado, um pouco constrangida, ouvindo-o continuar sua confissão.

– Os pais de Paulina moravam em Minnesota. Não eram ricos, mas mandavam dinheiro para ela. Grace também costumava me mandar dinheiro sempre que eu telefonava. Não sei como, mas conseguimos segurar as pontas. Ou, pelo menos, adiar o inevitável. Mas eu gastava a maior parte do dinheiro com drogas. – Ele deu uma risada macabra. – Que tipo de homem tira dinheiro de uma mulher grávida para torrar em cocaína? – Gabriel se apressou em prosseguir: – Uma noite, em setembro, tomei um porre. Fiquei uns dois dias fora e, quando finalmente voltei para casa, desmaiei no sofá. Nem consegui chegar ao banheiro. Acordei de ressaca na manhã seguinte. Desci cambaleando o corredor e vi sangue no chão.

Gabriel cobriu os olhos com as palmas das mãos, como se tentasse apagar o que via. Julia prendeu a respiração, esperando sua próxima revelação.

– Segui o rastro de sangue e encontrei Paulina caída numa poça vermelha no banheiro. Tentei tomar o pulso dela, mas não consegui. Achei que ela estivesse morta.

Ele ficou calado por alguns instantes.

– Se tivesse ido ver como ela estava quando cheguei, poderia ter chamado uma ambulância. Mas não fiz isso. Estava chapado e apaguei, sem me importar com mais ninguém além de mim mesmo. Quando eles me disseram que ela havia perdido o bebê, não tive dúvidas de que a culpa era minha. Aquilo podia perfeitamente ter sido evitado. Era como se eu a tivesse matado com minhas próprias mãos.

Ele ergueu as mãos diante do rosto e as virou devagar, como se as estivesse vendo pela primeira vez.

– Sou um assassino, Julianne. Um viciado assassino.

Ela abriu a boca para contradizê-lo, mas ele se apressou em interrompê-la:

– Paulina passou semanas no hospital, primeiro com problemas físicos, depois com depressão. Tive que pedir uma licença de Harvard porque estava drogado e bêbado demais. Devia milhares de dólares para algumas pessoas perigosas e não tinha como arranjar o dinheiro. Paulina tentou se matar no hospital, então eu quis interná-la numa clínica psiquiátrica particular, onde ela seria bem tratada. Quando telefonei para os pais dela implorando ajuda, eles me disseram que eu era uma desgraça. Que só nos ajudariam se eu me casasse com ela.

Ele fez uma pausa.

– Eu teria feito isso. Mas Paulina estava instável demais para eu tocar no assunto. Então decidi cumprir minhas obrigações para com ela e depois me matar. Isso daria fim

aos nossos problemas.

Gabriel levantou a cabeça para encará-la, seus olhos frios e sem vida.

– Agora você entende, Julianne? Sou um dos condenados. Minha indiferença perversa causou a morte de uma criança e destruiu de forma irreversível o futuro promissor de uma jovem mulher. *Teria sido melhor se tivessem amarrado uma pedra ao meu pescoço e me atirado no mar.*

– Foi um acidente – disse Julia baixinho. – A culpa não foi sua.

Ele riu com amargura.

– Não foi minha? Não fui eu que transei com Paulina e fiz um bebê? Não fui eu que a tratei como uma puta, fiz com que ela se viciasse em drogas e a pressionei a abortar? Não fui eu que cheguei chapado em casa e nem me importei em ver se ela estava no meu apartamento?

Julia pegou as mãos dele e as apertou com força.

– Gabriel, preste atenção. Você contribuiu para a situação, sim, mas foi um acidente. Se ela sangrou tanto, é porque havia algo de errado com o bebê. Se você não tivesse chamado a ambulância, Paulina poderia ter morrido. Você salvou a vida dela.

Gabriel não ergueu os olhos, mas ela moveu sua mão até o queixo dele e o obrigou a encará-la.

– Você a salvou. Você mesmo disse que queria o bebê. Não queria que a criança morresse.

Ele se encolheu diante do toque de Julia, mas ela se recusou a soltá-lo.

– Você não é um assassino. Foi só um trágico acidente.

– Você não entende. – A voz dele era fria, sem vida. – Sou exatamente igual a *ele*. *Ele* usou você e eu usei Paulina. Fiz mais do que usá-la. Tratei-a como se ela fosse um brinquedo e lhe dei drogas, quando deveria tê-la protegido. Que tipo de demônio eu sou?

– Você não é *nem um pouco* parecido com ele – sibilou Julia, subjugada por suas próprias emoções. – Ele não sente o menor remorso pelo que fez comigo e, se tivesse uma chance, faria tudo de novo. Ou pior.

Ela respirou fundo e prendeu o ar.

– Gabriel, você cometeu erros. Fez coisas terríveis. Mas se arrepende delas. Há anos que vem tentando compensar seus erros. Isso não conta para nada?

– Todo o dinheiro do mundo não vale o preço de uma vida.

– Uma vida que você não tirou – retrucou ela, seus olhos faiscando.

Ele escondeu o rosto nas mãos. Não esperava que a conversa fosse tomar esse rumo.

Por que ela ainda está aqui? Por que ainda não me abandonou?

Ela recuou um passo e o observou por alguns instantes. Conseguia sentir o desespero que vinha de dentro de Gabriel como uma onda enquanto tentava encontrar, freneticamente, um jeito de chegar até ele.

– Você conhece *Os miseráveis*, de Victor Hugo?

– É claro – balbuciou ele. – O que isso tem a ver com o assunto?

– O herói se liberta do pecado e faz uma penitência, cuidando de uma garotinha como se ela fosse sua própria filha. Mas, ao mesmo tempo, é caçado por um policial, que está convencido de que ele não se regenerou. Você preferiria ser o homem que faz a penitência ou o policial?

Gabriel não respondeu.

– Acha que deve sofrer por seu pecado para sempre?

Nenhuma resposta.

– Porque parece que é isso que está dizendo. Não quer se permitir ser feliz. Não quer se permitir ter filhos. Você acha que perdeu sua alma. Mas e quanto à redenção, Gabriel? E quanto ao perdão?

– Não mereço nada disso.

– Que pecador merece? – Ela balançou a cabeça. – Quando lhe contei o que aconteceu com *ele*, você me disse que eu deveria me perdoar e me permitir ser feliz. Por que não consegue fazer o mesmo?

Ele baixou os olhos para o chão.

– Porque você era a vítima. Eu sou o assassino.

– Digamos que isso seja verdade. Qual seria a penitência adequada, Gabriel? Como seria feita a justiça?

– *Olho por olho* – murmurou ele.

– Muito bem. Olho por olho significa que, já que você é responsável pela morte de uma criança, precisaria salvar a vida de outra. Para que a justiça seja feita, você precisa compensar esse mal com uma vida. Não com dinheiro ou presentes, mas com uma vida.

Gabriel ficou imóvel, mas Julia sabia que ele estava ouvindo.

– Você salvou a vida de Paulina, mas sei que em sua opinião isso não conta. Então precisa salvar a vida do filho de outra pessoa. Não estaria pagando pelo seu pecado dessa forma? Ou pelo menos oferecendo algum tipo de reparação?

– Isso não traria Maia de volta. Mas já seria alguma coisa. Talvez me tornasse menos... mau. – Gabriel encurvou os ombros e baixou a cabeça.

A dor em sua voz quase partiu o coração de Julia, mas ela prosseguiu bravamente:

– Você precisaria encontrar uma criança em perigo ou à beira da morte e salvá-la. Essa seria a sua redenção.

Ele assentiu com desânimo, abafando um gemido.

Julia se ajoelhou e tomou as mãos dele nas suas.

– Será que não entende, Gabriel? Eu sou essa criança.

Ele levantou a cabeça e a encarou como se Julia estivesse louca, seus olhos marejados fitando os dela.

– Simon poderia ter me matado. Ele ficou tão furioso quando lhe dei um tapa que arrombaria a porta do meu quarto e me mataria. Mesmo se eu tivesse ligado para a Emergência, eles nunca teriam chegado a tempo. Mas você me salvou. Arrancou Simon da frente da minha porta. Impediu que ele voltasse a entrar na casa. Se estou viva agora, é apenas por sua causa. Eu sou a garotinha de Tom e você salvou minha vida.

Ele permaneceu imóvel, totalmente sem palavras.

– Uma vida por uma vida, foi o que você disse. Você acha que ceifou uma vida, mas agora salvou outra. Precisa se perdoar. Pode pedir perdão a Paulina, pode pedir perdão a Deus, mas precisa se perdoar.

– Não é suficiente – ele sussurrou, seus olhos grandes e tristes ainda molhados de lágrimas.

– Nada vai trazer sua filha de volta, é verdade. Mas pense no presente que deu a Tom: sua única filha. Transforme a nossa dívida em penitência. Você não é um demônio, é um anjo. O meu anjo.

Gabriel olhou para Julia em silêncio, tentando decifrar seus olhos, seus lábios, sua expressão. Quando terminou, estendeu a mão e a puxou para seus braços, acomodando-a em seu colo. Ele a abraçou pelo que pareceu uma eternidade, enquanto suas lágrimas escorriam pelo ombro dela.

– Sinto muito – sussurrou ele. – Sinto muito por ter esperado tanto para lhe contar isso. Sinto muito que minha história seja verdade. Eu destruí sua fé em mim. Sei disso.

– Ainda amo você.

Ela tentou consolá-lo murmurando em seu ouvido, deixando-o extravasar seu sofrimento através das lágrimas. E, quando elas finalmente secaram, Julia tocou os botões da camisa branca dele e começou a abri-la depressa, antes que ele pudesse perguntar o que ela estava fazendo. Tirou a camisa dele, revelando seu peito nu, e correu os dedos em volta da tatuagem. Então, muito devagar, Julia baixou os lábios até a boca do dragão e a beijou.

Quando recuou de volta, Gabriel a encarava em muda admiração.

Ela tirou seu lenço e ergueu a mão dele com cuidado, para que tocasse a marca de mordida em seu pescoço, que já estava um pouco mais fraca, mas continuava ali. Ele se encolheu e fechou os olhos.

– Nós dois temos cicatrizes. E talvez você tenha razão, elas não vão desaparecer. Mas eu sou a sua redenção, Gabriel. Minha vida é o seu presente para um pai que poderia ter perdido sua filha para sempre. Obrigada.

– Sou um hipócrita. – A voz dele estava rouca. – Falei a Tom que ele era um pai terrível. Que tipo de pai eu fui?

– Um pai jovem. Inexperiente. Deveria ter ficado longe das drogas. Mas queria Maia. Você mesmo disso isso.

Ele estremeceu quando eles se abraçaram apertado.

– Nada que eu diga irá trazê-la de volta. Mas, se servir de consolo, acredito que sua garotinha está cantando junto com os abençoados no Paraíso. Com Grace. – Julia enxugou as lágrimas dele. – Tenho certeza de que Grace e Maia gostariam que você encontrasse o amor e o perdão. Que elas rezariam pela sua redenção. Jamais pensariam que você é mau.

– Como pode ter certeza disso? – sussurrou ele.

– Aprendi com você. O canto 32 do *Paraíso* de Dante descreve o lugar especial que Deus reservou para as crianças. *Pois é delas o Reino dos céus*. E, no Paraíso, existe apenas amor e perdão. Não há ódio ou maldade. Somente paz.

Gabriel a puxou para si e eles se abraçaram com força. Julia jamais poderia ter imaginado o segredo de Gabriel. E, embora estivesse alarmada com a maneira como o temperamento melancólico dele havia moldado seu sofrimento, não podia negar que esse sofrimento era real.

Não foi ela que havia amado uma criança e depois a vira morrer. Portanto, foi tomada pela compaixão e pelo desejo de ajudá-lo a reconhecer seu próprio valor e aceitar que podia ser amado, apesar dos pecados que cometera. Sentada em seu colo, com as lágrimas dele ainda molhando sua blusa, a imagem do que Gabriel Emerson era ficou clara como a água para Julia. Em muitos sentidos, ele não passava de um garotinho assustado, com medo de que ninguém perdoasse seus erros. Ou o amasse apesar deles.

Mas ela o amaria.

– Gabriel, não é possível que você esteja confortável nesta poltrona.

Ele assentiu.

– Venha. – Ela se levantou e pegou sua mão, colocando-o de pé. Conduziu-o até o sofá e o incentivou a sentar enquanto acendia a lareira.

Gabriel tirou os sapatos e Julia fez com que ele se esticasse no sofá e pousasse a cabeça em seu colo. Ela traçou as sobrancelhas dele com os dedos e começou a corrê-los por seus cabelos desgrenhados. Ele fechou os olhos.

– Onde está Paulina agora?

– Em Boston. Quando recebi minha herança, criei um fundo fiduciário para ela e lhe comprei um apartamento. Ela já entrou e saiu da reabilitação algumas vezes. Mas está sendo bem cuidada e voltou para Harvard em regime de meio-período um ou dois anos atrás.

– O que houve na noite em que ela telefonou durante o nosso jantar?

Gabriel lançou um olhar intrigado para ela antes de a compreensão iluminar seu rosto.

– Tinha me esquecido de que você ouviu aquele telefonema. Ela tinha bebido e se envolveu num acidente de carro. Estava tão histérica ao telefone que pensei que teria que pegar um avião para lá. Ela só me liga quando está em apuros. Ou quando quer alguma

coisa.

– Então o que aconteceu?

– Voltei correndo para o meu apartamento, mas, antes de sair para o aeroporto, liguei para o meu advogado em Boston. Ele a encontrou no hospital e me assegurou de que ela não estava tão gravemente ferida quanto me fizera pensar. Mas foi processada uns dois dias depois. Não tive escolha senão contratar alguém para defendê-la. Ela anda bem comportada ultimamente, mas de vez em quando acontece uma coisa dessas.

Talvez fosse o brilho crepitante do fogo. Ou talvez o estresse de ter revelado seu segredo mais obscuro. Mas, naquele instante, Gabriel pareceu incrivelmente velho e cansado para os seus 30 e poucos anos.

– Você a ama?

Gabriel balançou a cabeça.

– Não acho que meus sentimentos por ela possam ser chamados de amor, embora sinta algo por ela, sim. Nunca me *acostumei* com ela, para minha grande vergonha. Mas não poderia abandoná-la. Não com a família dela tão longe e se recusando a ajudar. Eu fui a causa dos seus problemas e o motivo pelo qual ela provavelmente jamais terá outro filho. – A voz de Gabriel oscilou e ele estremeceu.

– É por isso que decidiu não ter filhos.

– *Olho por olho*, lembra? Quando ela chorou nos meus braços e me contou o que havia acontecido, tomei a decisão. Foi difícil convencer um médico a fazer a operação. Todos diziam que eu era jovem demais e mudaria de ideia. Mas, por fim, encontrei um que concordou. Estranhamente, eu me senti aliviado na época.

Ele estendeu a mão para acariciar a curva da face de Julia.

– Contei a ela sobre você. Paulina sempre foi ciumenta, mas sabe que não posso lhe dar o que ela quer. Nosso relacionamento é... complicado. Ela sempre fará parte da minha vida, Julianne. Preciso que entenda isso. Isto é, se você ainda...

Ela colou seus lábios aos dele.

– É claro que ainda amo você. Você dá apoio a Paulina e a ajuda quando ela precisa. É a coisa mais decente a fazer.

– Acredite, Julianne, sou tudo, menos decente.

– Você se importaria... de me contar sobre a sua tatuagem?

Ele se sentou para tirar a camisa, que largou sem cerimônia sobre o tapete persa. Então se reclinou no colo de Julia e fitou seus olhos, que irradiavam aceitação e zelo.

– Eu a fiz em Boston logo que saí da clínica de reabilitação.

Julia tornou a beijar o dragão muito, muito de leve.

Ele respirou fundo ao sentir sua boca contra a pele nua do seu peito.

Ela moveu as mãos para acariciar seus cabelos, na esperança de que isso fosse consolá-lo.

– O que o dragão representa?

– O dragão sou eu, ou as drogas, ou as duas coisas. O coração é o meu e está partido, obviamente. Maia sempre estará dentro dele. Você deve pensar que é horrível ter algo tão mórbido e feio no meu corpo. Para sempre.

– Não, Gabriel, não acho nada isso. É como... um memorial.

– Paulina estava grávida de uns cinco meses quando perdeu o bebê. Ela não estava com a cabeça no lugar, e nem eu, então não fizemos um funeral. Alguns anos atrás, mandei colocarem uma lápide para Maia em Boston.

Ele pegou a mão de Julia e beijou sua palma.

– Ela não está enterrada lá – disse ele com uma voz angustiada.

– Sua garotinha não estaria lá de qualquer forma, Gabriel. Ela está com Grace agora.

Ele fez uma pausa e encarou Julia, seus olhos tornando a se encher de lágrimas.

– Obrigado por dizer isso – sussurrou ele, pressionando os lábios nos dela outra vez. – Há dois anjos de pedra na lápide, um de cada lado. Queria que fosse bonito.

– Tenho certeza de que é lindo.

– Você já recebeu parte do memorial dela.

Julia o encarou com uma expressão intrigada.

– A sua bolsa. Eu a batizei em homenagem a ela: *Maia Paulina Emerson*.

Ela enxugou uma lágrima que lhe escapou de repente.

– Me perdoe por ter tentado devolvê-la. Eu não sabia.

Gabriel se ergueu para beijar seu nariz.

– Sei que não, meu amor. Na época, não estava preparado para explicar como a bolsa era importante para mim. Só queria que você a recebesse. Ninguém mais era digno dela. – Ela tornou a beijá-la com carinho.

– Devo confessar que perguntei a Rachel sobre essa história. Ela não fazia ideia do que se tratava.

– A única pessoa que sabe sobre Maia e Paulina é Richard. Grace também sabia. A situação toda me causava muita vergonha. Eles acharam que já era suficiente que Scott e Rachel soubessem das drogas. Mas ninguém sabe sobre a tatuagem. Só você.

Ela emaranhou os dedos nos seus cabelos, instando-o a encontrar a paz.

– O seu Puccini me assustou – sussurrou ela.

– Me pareceu... apropriado.

Ela balançou a cabeça.

– Foi como tratei Paulina. Ela me amou por anos a fio e não fui capaz de retribuir. – Ele encolheu os ombros, desconfortável, e fitou Julia com intensidade. – Eu jamais trataria você como uma borboleta, como algo que eu tivesse capturado por diversão. Jamais a prenderia em uma folha de papel e arrancaria suas asas.

Ela balançou a cabeça, uma expressão de angústia atravessando seu rosto bonito.

– Gabriel, por favor. Eu confio em você. Você *não é* o Pinkerton de Puccini. Eu sei disso.

Como prova de sua afirmação, ela o beijou, movendo sua boca em sintonia com a dele até precisar recuar para recuperar o fôlego.

– Não mereço você – sussurrou ele.

– Talvez nós não mereçamos um ao outro, mas posso escolher quem amo. E escolho você.

Ele franziu o cenho como se não acreditasse nela.

– Por favor, deixe-me amar você. – A voz dela falhou nas duas últimas palavras e uma lágrima desgarrada escorreu por seu rosto.

– Como se pudesse sequer cogitar viver sem você. – Ele a puxou para si, a paixão desesperada de sua alma torturada unindo os dois.

Ela o acompanhou movimento a movimento, tomando e recebendo tudo ao mesmo tempo enquanto se inclinava sobre o belo homem que descansava a cabeça cansada em seu colo. A boca dele encontrou seus pulsos e deu beijos molhados neles, sugando com carinho a parte delicada em que as veias pálidas eram cobertas por uma pele fina como papel de arroz.

– Me perdoe, Julianne, mas preciso de você. Minha doce, doce amada. Preciso muito de você. – Os olhos dele eram duas chamas azuis e sua voz estava áspera.

Antes que Julia percebesse o que estava acontecendo, Gabriel mudou de posição para se sentar no sofá e ela estava montada sobre ele. Seus troncos estavam colados, as mãos dele veneravam a leve inclinação da base das suas costas e a curva das suas nádegas por cima da calça de lã.

Julia buscou no fundo de sua mente uma das fotografias em preto e branco do quarto de Gabriel. E, naquele instante, reconheceu através dos seus próprios olhos a beleza e a paixão que havia nela. Pôde ver todo o desejo, a necessidade, o desespero e o amor incondicional e profundo que tinham sido libertados pela revelação dos segredos mais sombrios.

Ele sentiu o amor que havia no beijo dela, no seu abraço, na maneira como os seus dedos roçavam sua nuca e a superfície da sua tatuagem, traçando os contornos do seu peito como se o cobrissem de beijos. Ela lhe daria tudo. Faria qualquer coisa para afastar sua dor, incluindo oferecer a si mesma.

O sacrifício de Isaac.

Com os dedos trêmulos, ela abriu os botões da sua blusa e a tirou de sobre os ombros. Um leve arquejo escapou da boca de Gabriel, ecoando o som da seda que caía lentamente no chão.

Ela era a sua redenção.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Julia acordou totalmente nua na manhã seguinte.

Ao menos foi o que achou.

Os dois estavam entrelaçados na cama de Gabriel. A cabeça de Julia descansava no ombro dele, que tinha o braço esquerdo estendido sobre o quadril direito dela, suas pernas encaixadas como duas tesouras e seus quadris colados um ao outro.

Ela moveu uma das mãos pelas costas de Gabriel até encontrar o algodão macio que cobria suas lindas curvas, que Julia explorou sorrateiramente. Então olhou para o espaço entre os dois e notou que estava usando seu sutiã e sua calcinha cor-de-rosa.

Em seu sonho, eles haviam se jogado nus na cama e feito amor por horas e horas. Gabriel tinha colocado seu corpo sobre o dela e prendera seu olhar como um ímã enquanto a penetrava devagar, até eles se fundirem. Um círculo eterno, sem começo e sem fim. Ele a havia venerado com seu corpo e suas palavras, e foi mais emocionante e encantador do que ela jamais ousaria imaginar.

Mas foi apenas um sonho. Ela suspirou e fechou os olhos à medida que os acontecimentos da noite anterior lhe voltavam à mente. Tristeza e alívio se misturaram, espalhando-se por seu coração. Tristeza pela perda e pelo desespero de Gabriel; alívio pelo fato de todos os segredos dos dois enfim terem sido revelados.

Gabriel murmurou seu nome, os olhos dele se movendo debaixo das pálpebras em um sono profundo. A noite anterior o deixara esgotado, em cacos. Julia beijou seu rosto e se desvencilhou com cuidado dos seus braços, caminhando nas pontas dos pés até o banheiro.

Quando se olhou no espelho, viu cabelos rebeldes e desgrenhados, maquiagem borrada em volta dos olhos e lábios inchados de tanto beijar. Vários chupões, de cores suaves e indolores, salpicavam-lhe o pescoço e o peito. Ele tinha sido um amante gentil, porém ardente.

Ela lavou o rosto e penteou os cabelos, prendendo-os num rabo de cavalo alto e trocando com ousadia seu roupão roxo por uma camisa de botão de Gabriel. Em seguida, foi até o corredor pegar o *Globe and Mail* e acenou um bom-dia tímido para o vizinho de Gabriel, que parecia nervoso, mas não exatamente infeliz. O vizinho olhou através dos óculos sem armação para as pernas bem torneadas dela antes de recuar para seu apartamento como um rato assustado. Não estava acostumado a ver tamanha beleza tão cedo pela manhã, isso sem falar que estava vestindo apenas uma calça de pijama do Super-Homem, de origem duvidosa.

Quando Julia entrou na cozinha, deparou com a bagunça que não haviam arrumado

depois do jantar, suas mãos e mentes ocupadas demais para se lembrar de questões tão triviais. Depois de comer uma fatia de torta de maçã com queijo cheddar de Vermont, Julia se ocupou em deixar o apartamento de Gabriel impecável como antes. Demorou mais do que tinha previsto.

Quando a cozinha estava um brinco, como Gabriel ainda não havia levantado da cama, ela se serviu de uma caneca grande de café e sentou-se com o jornal em sua poltrona favorita diante da lareira. A visão da camisa social dele e da sua blusa de seda caídas uma sobre a outra no chão fez suas faces corarem e levou um sorriso aos seus lábios.

E isso, infelizmente, é mais do que teríamos logrado.

Gabriel a havia impedido. Ela teria se entregado a ele alegremente, pois o amava. Para Julia, a questão não era *se* faria amor com ele, mas *quando*. Mas Gabriel tinha murmurado algo em seu peito nu e a fizera parar.

Ele havia sentido muito medo de que ela o abandonasse ao descobrir sobre seu relacionamento com Paulina e a trágica morte de sua filha. Mas, pelo contrário, a confissão dele os aproximou mais ainda. Pelo menos Julia conseguira deixar isso claro.

E, em três dias, talvez, estaremos tão juntos quanto um casal pode estar. Em dois dias, partiriam para a Itália e ela acompanharia Gabriel a sua palestra como sua namorada. E, quando a temporada deles em Florença chegasse ao fim, talvez viajassem para Veneza ou para a Úmbria como amantes.

Apesar de tudo pelo que ela e Gabriel haviam passado, Julia se sentia muito à vontade vestindo sua camisa e sentada em sua poltrona. Eles eram feitos um para o outro, Julia acreditava nisso. E, desde que as Parcas não conspirassem contra os dois, alcançariam a felicidade. Pelo menos era o que ela esperava. No entanto, a consciência de que Paulina era capaz de deixar Gabriel transtornado com um único telefonema era perturbadora.

Mais de uma hora depois, Gabriel surgiu na sala de estar, coçando a cabeça e bocejando. Seu cabelo estava desgrenhado, com exceção de um cacho errante e perfeito que parecia ter se apaixonado pela sua testa. Ele usava uma calça jeans desbotada, seus óculos e mais nada. Não estava nem de meias. (Parêntese: até os pés de Gabriel eram atraentes.)

– Boa tarde, meu amor. – Ele acariciou o rosto dela com os dedos e se inclinou para lhe dar um beijo. – Gostei da sua... roupa. – Os olhos dele pousaram na pele nua visível logo abaixo da bainha da camisa.

– Eu digo o mesmo. Seu estilo está bastante *casual* esta manhã, professor.

Ele se inclinou para a frente para encará-la com um olhar tórrido.

– Srta. Mitchell, você tem sorte de eu ter decidido me vestir. – Ele riu baixinho quando ela ficou vermelha como um pimentão, e desapareceu dentro da cozinha.

Ó deuses de todas as virgens que estão planejando fazer amor com namorados que são deuses do sexo (perdão pela blasfêmia), por favor, não me deixem entrar em combustão

espontânea quando ele finalmente me levar para a cama. Preciso muito que Gabriel me leve ao orgasmo, principalmente depois de ontem à noite. Por favor. Por favor...

Poucos minutos depois, ele reapareceu e se afundou no sofá com sua xícara de café, coçando a barba por fazer com uma das mãos. De onde estava, franziu o cenho na direção dela.

– Você está muito longe. – Ele afagou o próprio joelho, num convite.

Ela sorriu e foi até Gabriel, permitindo que ele a acomodasse em seu colo. Ele puxou a camisa de Julia para cima e envolveu seus quadris com o braço, descansando-o à vontade sobre seu shortinho de renda.

– E como está a Srta. Mitchell esta manhã?

– Cansada – suspirou ela. – Mas feliz. – Julia lançou um olhar para ele. – Se é que posso dizer isso.

– Pode, sim. Também estou feliz. E, meu Deus, muito aliviado. – Ele fechou os olhos e recostou a cabeça, suspirando com muita força. – Estava certo de que iria perdê-la.

– Por quê?

– Julianne, se formos analisar a relação custo-benefício, eu seria um investimento de alto custo, alto risco e baixo retorno.

– Que bobagem. Não é assim que vejo você.

Ele lhe deu um meio sorriso.

– Isso porque sua alma é generosa e compassiva. Embora deva admitir que, durante todo esse tempo, mantive ocultas minhas melhores qualidades e aptidões. – A voz dele ficou rouca e a fagulha familiar de sensualidade se acendeu em seus olhos azuis. – Mas estou ansioso para colocar todas elas a seu serviço repetidas vezes, *ad infinitum*, até você estar cansada delas e de mim. E total e deliciosamente saciada.

Julia engoliu em seco.

Ele se ergueu para beijar a testa dela, largando o café na mesa lateral para envolvê-la em seus braços.

– Obrigado por ter ficado.

– Eu amo você, Gabriel. Precisa entender que vou estar sempre do seu lado.

Ele a abraçou em resposta, mas permaneceu calado.

– E não precisa me conquistar sexualmente, porque já me conquistou – sussurrou ela. – Sua melhor qualidade é seu coração, Gabriel, não suas habilidades sexuais. Foi pelo seu coração que eu me apaixonei.

Ele ficou tanto tempo em silêncio que Julia achou que o havia irritado. Ou insultado.

Não é muito inteligente insultar as habilidades sexuais de um amante em potencial antes *de ter tido a oportunidade de experimentá-las.* Ela abriu a boca para se desculpar, mas ele a interrompeu.

Beijou-a com firmeza, de boca fechada, e o beijo logo se tornou um cabo de guerra de

lábios, uma brincadeira carinhosa de línguas e uma troca de carícias.

Quando Gabriel recuou, ele a apertou contra o peito e sussurrou em seu ouvido:

– Você me desnuda por completo. Enxerga através de tudo. É a única que, depois de saber toda a verdade, ainda me quis. Só você foi capaz disso, minha amada.

Ela já sabia, por instinto, que Gabriel usava sua sexualidade como um escudo para manter afastada a intimidade e o amor verdadeiros. Mas, ao ouvir sua confissão, percebeu quanto todos aqueles anos deviam ter sido dolorosos e solitários para ele, e tudo isso depois de passar pelo sofrimento de ter sido invisível para sua própria mãe e de precisar se adaptar à realidade de ser uma criança adotada. Ao se dar conta de tudo isso, somado à tristeza que ele sentia por ter perdido Maia, Julia se esforçou ao máximo para conter as lágrimas, pois não queria aborrecê-lo, mas não conseguiu.

– Sssshhh, não chore – sussurrou Gabriel. Ele enxugou suas lágrimas e beijou sua testa. – Amo você. Por favor, não chore. Não por minha causa.

Ela se aninhou em seus braços e tentou conter as lágrimas. Ele esfregou suas costas, afagando-a com carinho repetidas vezes. Quando estava mais calma, Julia falou:

– Eu amo você, Gabriel. E não posso deixar de pensar que Grace estaria muito orgulhosa.

Ele fechou a cara.

– Não tenho tanta certeza disso. Mas ela certamente ficaria orgulhosa de você e de tudo que conquistou.

Julia sorriu.

– Grace tinha o dom da misericórdia.

– Tinha mesmo. Interessante você ter escolhido essas palavras. Um dos livros preferidos dela se chamava *A Severe Mercy*, ou seja, uma misericórdia difícil. Ela passou anos tentando me convencer a lê-lo. Devo ter um exemplar em algum lugar no escritório. Talvez devesse procurá-lo.

– É sobre o quê?

– Um jovem casal. O homem acaba indo estudar em Oxford e, se não me engano, se torna um *protégé* de C. S. Lewis. É uma história real.

– Eu adoraria visitar Oxford, ver aqueles bares onde os escritores tomavam cerveja e elaboravam suas histórias. Katherine Picton fala muito sobre Oxford.

Gabriel beijou sua testa.

– Eu adoraria levá-la. Posso lhe mostrar as estátuas no Magdalen College que inspiraram Lewis a escrever sobre os animais de pedra de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa.* Podemos ir em junho, se você quiser.

Julia sorriu e retribuiu o beijo.

– Se você me emprestar o livro de Grace, posso levá-lo para a Itália. Vai ser bom ter algo para ler durante as nossas férias.

Gabriel sorriu com malícia e cutucou a ponta do nariz dela com um dedo.

– Acha mesmo que vou deixar você ter tempo para ler?

Ela ficou vermelha e balbuciou uma resposta evasiva, mas então Gabriel prosseguiu, com uma expressão grave no rosto:

– Sinto muito por termos precisado parar ontem à noite. Não é justo que eu a provoque daquele jeito e simplesmente...

Ele vasculhou os olhos dela em busca de uma reação.

Ela o envolveu com os braços e o puxou para si com ternura.

– Foi uma noite cheia de emoções. Fiquei feliz por estar perto de você e dormir nos seus braços. Só queria consolá-lo da melhor maneira possível. Não precisa se desculpar.

Ele pegou seu rosto com as duas mãos.

– Julianne, a sua presença já me consola. Mas eu estava exausto, e andei bebendo... ou seja, uma receita infalível para o desastre. – Ele balançou a cabeça e pareceu ficar envergonhado. – Não queria que nossa primeira vez juntos fosse tão pesada, com os fantasmas do meu passado pairando no ar. Quero que estejamos em um lugar só nosso, para criarmos lembranças novas e felizes.

– É claro. Embora eu deva dizer que fiquei muito feliz com as nossas *interaçõe*s da noite passada. – Ela riu baixinho e o beijou.

Ele retribuiu o beijo com entusiasmo.

– Então não está chateada?

– Gabriel, você é um cavalheiro. Vale a pena esperar por você. Que tipo de pessoa eu seria se desse um ataque porque você disse *pare*? Se fosse eu a dizer isso, esperaria que você aceitasse e não que ficasse nervoso.

Ele fechou a cara.

– Claro, Julianne. Você sempre pode dizer *pare.*

– Bem, o que vale para a menina vale também para o menino.

– Quer dizer que agora eu sou um *menino*? – Ele tornou a beijá-la.

– Melhor do que ser um *vovô*.

– Ah, não. – Ele a apertou com força. – Nada de piadas sobre nossa diferença de idade. Já sou sensível o suficiente quanto a esse assunto.

Ela mexeu no cabelo.

– Nossas almas devem ter mais ou menos a mesma idade. Então que diferença faz?

Ele puxou seu rabo de cavalo.

– Você é incrível. É inteligente, engraçada e, minha nossa, é deslumbrante. Ontem à noite, enquanto eu beijava seus seios... – Gabriel pousou a mão com reverência sobre o coração dela. – Você rivaliza com a musa de Botticelli.

– Botticelli?

– Nunca notou que vários de seus quadros apresentam a mesma mulher? Ela é o tema

da minha palestra na Galleria degli Uffizi: a musa de Botticelli.

Julia sorriu para ele com doçura, também pousando a mão em seu coração.

– Mal posso esperar.

– Eu tampouco.

Depois de um banho solitário, Julia teve que se esforçar para convencer Gabriel a deixá-la sair de perto dele para fazer umas compras. Ele insistiu em acompanhá-la. Mas quando ela finalmente explicou que queria comprar lingerie, *sozinha*, ele cedeu.

– Prometa que vai ficar comigo até viajarmos para a Itália – pediu ele, encarando-a.

– Preciso fazer as malas. Minha mala e todas as minhas coisas estão no meu apartamento.

– Quando acabar de fazer suas compras, pegue um táxi para casa e arrume sua bagagem. Depois peça ao motorista que a traga de volta para cá. Tenho que resolver alguns assuntos, mas você tem a chave e o cartão de segurança para entrar sozinha.

– E que tipo de assunto o professor Emerson tem que resolver hoje?

Ele lhe abriu um sorriso sedutor e Julia sentiu seu shortinho de renda escorregar pelos seus quadris como se quisesse se jogar no chão.

– Talvez eu também precise comprar alguns, digamos, *artigos de uso pessoal*. – Ele se inclinou para a frente para colar os lábios à orelha dela, sua voz um sussurro aveludado: – Eu lhe disse que era um bom amante, Julianne. Confie em mim. Estarei preparado para todas as suas necessidades.

Julia estremeceu por causa do modo como o hálito dele soprou por seu pescoço, quase fazendo tremular o lenço que ela tinha passado a usar sempre para esconder a cicatriz. Não fazia ideia do que Gabriel estava insinuando, mas foi seduzida pela maneira como aquelas palavras saíram de sua boca.

Ela era sua, de corpo e alma.

◆◆◆

Enquanto Julia escolhia peças de lingerie para acrescentar a sua pilha cada vez maior de roupas para experimentar, seu iPhone apitou. Ela se apressou em conferi-lo e encontrou um torpedo:

O que você está olhando? – G

Ela deu uma risadinha e digitou uma breve resposta:

Coisas muito pequenas. – Julia

Gabriel respondeu no mesmo instante:

Pequenas como? – G
P.S.: Mande fotos.

Julia revirou os olhos e clicou em *Responder*:

Pequenas demais. Nada de fotos. Estragaria a surpresa. Bjs, Julia.

A próxima mensagem de Gabriel demorou um pouco mais a chegar.

Meu amor, nenhuma foto poderia estragar a experiência de ver você em toda a sua glória pela primeira vez... tamanha é a sua beleza. Bjs, G.

Os dedos de Julia não conseguiam digitar rápido o suficiente.

Obrigada, Gabriel. Amo você.

A última mensagem de Gabriel chegou assim que ela entrou no provador:

Também amo você, querida. Divirta-se... Volte logo para mim. – G

Os dois dias seguintes foram uma correria, à medida que Gabriel concluía suas obrigações administrativas na universidade e se certificava de que todas as notas haviam sido lançadas. O semestre finalmente havia terminado.

Julia fez uma visita especial a um spa para se permitir ser um pouco mimada antes da viagem. Por causa de sua baixa tolerância à dor e de hipersensibilidade generalizada, ela recusou polidamente qualquer sugestão da esteticista que envolvesse depilação com cera.

Gabriel tinha mantido a maior parte dos seus planos de viagem em segredo, pois queria surpreendê-la. Então foi com espanto que, ao chegar a Florença num dia mais quente do que o normal para dezembro, ela atravessou, feliz, as portas do Gallery Hotel Art. O hotel era sofisticado, moderno, bem próximo da Ponte Vecchio, a favorita de Julia, e a poucos minutos da Ponte Santa Trinita, retratada na pintura de Holiday de Dante e Beatriz.

O recepcionista, Paolo, os saudou imediatamente. Embora Gabriel nunca tivesse se hospedado ali antes, Paolo tinha sido instruído pelo Dottore Massimo Vitali, diretor-executivo da Galleria degli Uffizi, a ser o mais cortês possível com o professor Emerson e sua *fidanzata*. Na verdade, o próprio Paolo acompanhou o carregador e os namorados até a suíte no sétimo piso, que era chamada de Cobertura Palazzo Vechio.

Julia arquejou de espanto quando os homens se separaram à sua frente, como o mar Vermelho, para ela poder entrar primeiro. Era, provavelmente, a suíte mais bonita que já

tinha visto. O chão era de madeira de lei escura, contrabalanceado pelas paredes claras. A sala de estar era decorada com móveis elegantemente modernos e uma parede de vidro deslizante que a separava do quarto.

O quarto em si era espaçoso e contava com uma cama grande com uma colcha e travesseiros brancos e impecáveis. A poucos passos de distância, havia uma porta de vidro que se abria para uma *terrazza* panorâmica, permitindo que a luz forte do sol se espalhasse pela cama, iluminando-a. Um dos banheiros ostentava uma enorme banheira de pedestal, parecida com a que Julia havia usado no hotel da Filadélfia, enquanto o outro tinha uma ducha e duas penteadeiras do mesmo estilo. Gabriel olhou para a banheira e decidiu que precisava dividi-la com Julianne naquela mesma noite.

Mas a atração principal da cobertura era a *terrazza* em si, que oferecia uma vista extraordinária do Duomo, do Palazzo e das colinas que os cercavam. Julia se visualizou enroscada com Gabriel no futon confortável que dominava a *terrazza*, com uma taça de Chianti, observando o céu estrelado. Ou talvez (ela se ruborizou) fazendo amor com ele à luz de velas sob aquelas mesmas estrelas.

Orgasmos com Gabriel à luz das estrelas...

Assim que ficaram sozinhos, Julia o abraçou com força e lhe agradeceu repetidas vezes por ter escolhido um quarto tão bonito.

– É tudo para você, meu amor. – Ele a beijou com carinho. – Tudo para você.

Sinceramente, tudo o que ele queria era deitar Julianne na cama e fazer amor com ela naquele instante, mas ela não havia dormido bem no avião e Gabriel sabia que estava cansada. Ela bocejou duas vezes seguidas e deu uma risadinha quando ele tentou beijá-la.

– É melhor eu tomar um banho e dar um pulo na Uffizi. Tudo bem se eu deixar você sozinha? Você poderia tirar uma soneca, se quiser, ou posso pedir ao recepcionista para marcar uma massagem para você no spa.

Os olhos de Julia brilharam diante da última oferta, mas ela sabia que estava sonolenta demais para aproveitar a massagem.

– Uma soneca me parece uma boa ideia. Sei que não é a melhor estratégia para se acostumar com o fuso, mas vou ser uma companhia muito mais agradável durante o jantar e, hum... *mais tarde*, se dormir um pouco agora. – Ela corou.

Gabriel correu um só dedo pelo contorno do seu queixo.

– Vou dizer isso só uma vez, Julianne. *Não há pressa.* Podemos ir com calma hoje à noite e apenas relaxar. Embora ache que seria gostoso se experimentássemos a banheira. *Juntos.* – Os lábios dele se curvaram para cima em um meio sorriso sensual.

– Eu ia gostar disso.

Ele beijou seu nariz e riu baixinho.

– Pedi alguns produtos de banho especiais da *Farmacia di Santa Maria Novella*. Se

você gostar de alguma fragrância, podemos usá-los. Enquanto isso, vou fazer nossas reservas de jantar para as nove ou nove e meia.

– Ótimo. Aonde iremos?

Ele abriu um largo sorriso.

– Ao Palazzo dell'Arte dei Giudici. Conhece?

– Já passei por ele, mas não, não sabia que havia um restaurante ali.

– Estou ansioso por mostrá-lo a você. – Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou de leve. – Pedi um cesto de frutas e algumas garrafas de água com gás. Coloque o que quiser na conta do quarto. – Ele tornou a sorrir. – Mas deixe a garrafa de champanhe para dividir comigo mais tarde. *Na banheira.*

Julia olhou para os próprios pés.

– Você está me mimando.

Gabriel ergueu o queixo dela.

– Não, meu amor, não estou mimando você. Estou apenas tratando-a como você merecia ter sido tratada desde o início. Você passou a vida inteira cercada de tolos. E eu fui o maior deles.

– Gabriel, você pode ser muitas coisas, menos tolo. – Ela se colocou na ponta dos pés para roçar os lábios nos dele antes de ir tomar uma ducha.

Poucas horas depois, Gabriel voltou do agradável encontro com seu amigo Massimo Vitali. Enquanto tomavam um *espresso*, os dois cavalheiros falaram sobre a palestra de Gabriel na noite seguinte e sobre seus planos para um banquete suntuoso que seria realizado dentro da Galleria degli Ufizzi em sua homenagem. Gabriel ficou muito grato pelo gesto, porém mais por causa de Julianne do que por si mesmo, pois só conseguia pensar em como ela ficaria feliz em participar de uma festividade como aquela. E em sua galeria de arte favorita.

Ao voltar para a cobertura, Gabriel atravessou a sala de estar até o quarto e encontrou Julia adormecida bem no meio da cama, sobre as cobertas. Ela usava pijamas de cetim cor de champanhe, seus cabelos longos espalhados ao redor da cabeça como uma auréola cor de mogno. Parecia uma Bela Adormecida de cabelos castanhos.

Gabriel a observou dormir por alguns instantes e deu um beijo em sua face. Como ela não se mexeu, decidiu se servir um drinque e sentar no terraço até a hora de acordá-la. Na verdade, ficou feliz por ter um momento só para si para planejar os próximos dias e sonhar com eles. Tinha a sensação de que o peso do mundo tinha sido retirado dos seus ombros. Ela sabia a verdade sobre Paulina e Maia, e ainda assim o amava. E eles haviam conseguido escapar da ira do Comitê Disciplinar e sobreviver ao semestre juntos. Ele tinha muito a agradecer.

Julia não é o tipo de garota que você come e depois dá um pé na bunda. Ela é para casar. As palavras de Scott ecoaram em seus ouvidos.

Scott tinha razão. Julianne era especial: uma beldade inteligente e compassiva que amava com paixão e tinha uma generosidade sem limites. Ela merecia muito mais do que um caso, embora Gabriel se recusasse a pensar na relação deles nesses termos, não importava o que as pessoas pudessem dizer. Ele acariciou sorrateiramente a pequena caixa de veludo que havia escondido no bolso do paletó. A ideia de estar em um relacionamento sério sempre lhe parecera remota. Julianne havia mudado tudo isso.

Naquela noite, seu plano era lhe mostrar quanto a amava. Adorá-la e fazê-la relaxar. Um banho de espuma, uma massagem... qualquer coisa que estivesse ao seu alcance de modo a deixá-la à vontade para lhe mostrar seu corpo. Julianne ainda era tímida e ele queria que ela se sentisse sexy e desejável. Simon tinha causado danos profundos em sua autoconfiança. Ela achava que era frígida. Achava que era desastrada e sexualmente inapta. Tinha medo de desapontar Gabriel quando eles enfim fizessem amor.

Gabriel sabia que precisaria de tempo para dissipar essas mentiras e curar essas feridas. Estava decidido a fortalecer sua autoconfiança pouco a pouco, a ajudá-la a ver a si mesma como ele a via: uma mulher sensual, atraente e fogosa.

A única maneira de fazer isso seria ir com calma, ser paciente e assertivo. Estava ansioso por demonstrar seu amor e deixar à disposição dela todo o seu conhecimento erótico. Ela jamais exigiria esse tipo de coisa, esse tipo de atenção, o que tornava a ideia de lhe oferecer tudo muito mais gratificante.

Se o relacionamento deles estivesse mais maduro e se Julianne fosse menos tímida, Gabriel iria sugerir que eles fizessem amor no terraço panorâmico. A ideia da pele de Julianne brilhando à luz das estrelas fez o coração dele subir à garganta e suas calças se apertarem. Mas fazer sexo ao ar livre provavelmente seria muito estressante para ela e Gabriel preferiria ir para o inferno antes de forçá-la a fazer qualquer coisa que a deixasse remotamente constrangida.

Pelo jeito, vamos ter que voltar aqui...

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Às oito horas daquela mesma noite, a Srta. Julianne Mitchell estava dando os últimos retoques no cabelo enquanto seu amado, parado à porta do banheiro, a observava com uma expressão tórrida. Ele a adorava. Isso ficava claro em cada olhar, em cada toque e na maneira como observava fixamente seus gestos mais simples.

Ela enroscou o cabelo e o prendeu, puxando em volta do rosto algumas mechas que Gabriel ansiava enrolar nos seus dedos. Sua esteticista em Toronto tinha lhe dado um pequeno tubo de corretivo extraforte, do tipo que era usado para ocultar as piores cicatrizes. Era tão eficaz que Julia não precisava mais usar um lenço para esconder a mordida de Simon. O simples fato de poder se esquecer daquela marca a encheu de alegria, especialmente porque o lindo lenço de Grace não combinaria com sua roupa nova.

Ela usava um vestido de seda verde-esmeralda – com mangas longas e decote em V, como ela gostava, a bainha roçando a parte de cima de seus joelhos. Usava meia-calça preta, presa à qual havia uma surpresa, e estava prestes a calçar seus Prada de salto agulha preto. Observando-a se inclinar para a frente para calçar os sapatos, Gabriel prometeu a si mesmo comprar mais deles. Eles surtiam um efeito incrível nas pernas dela e no seu decote quando ela se inclinava.

– Permita-me – disse ele, agachando-se diante dela em seu terno azul-marinho bem passado.

Ele pegou a mão de Julia e a colocou no seu ombro para ajudá-la a se equilibrar, erguendo seus pés um de cada vez e calçando os sapatos.

– Obrigada – ela murmurou.

Gabriel ergueu um sorriso para ela e beijou sua mão.

– Por você eu faço tudo, Cinderela.

Julia pegou seu casaco três quartos preto no closet e estava prestes a vesti-lo quando Gabriel o tirou da sua mão.

– Permita-me – protestou ele. – Quero enchê-la de cuidados.

– É só um casaco, Gabriel. Não se preocupe.

– Sim, eu sei que é um casaco. Mas, para mim, é uma oportunidade de me comportar como um cavalheiro e reverenciá-la. Por favor, não me prive disso, Julianne.

Ela corou de vergonha e assentiu devagar. Não estava acostumada a receber tanta atenção, exceto de Gabriel, é claro. Queria ser bem-educada e deixá-lo cuidar dela, mas aquilo era mais do que ela esperava ou achava que merecia. Julia se ergueu para beijá-lo e sussurrou um agradecimento. Ele tomou seu braço e os dois desceram juntos e se

encaminharam para o restaurante.

Julia e Gabriel andaram lentamente pelas ruas de paralelepípedos do Palazzo Vechio até o Palazzo dell'Arte dei Giudici e Notai, rindo e recordando visitas anteriores a Florença. Precisavam caminhar devagar, pois passear por Florença com saltos agulha era bastante desafiador. Por sorte, Gabriel havia tomado o braço de Julia para conduzi-la devidamente, o que lhe possibilitou andar com as costas eretas e também evitar grande parte dos assobios e gracejos dos jovens florentinos. A cidade não tinha mudado muito desde a época de Dante.

O restaurante que Gabriel tinha escolhido se chamava Alle Murate. Ele ficava no salão de uma guilda medieval do século XIV, a uma breve caminhada de distância do Duomo, e ostentava afrescos incríveis do período, que incluíam um retrato do próprio Dante. Julia ficou tão impressionada com a beleza das obras de arte expostas que, quando se deu conta, estava se afastando um pouco do maître que os conduzia até sua mesa.

Gabriel havia reservado um espaço discreto na galeria suspensa, que dava para o salão principal, bem embaixo do teto abobadado. Era a melhor mesa da casa, pois oferecia a melhor e mais próxima vista da iconografia medieval. Quatro anjos congelados em afrescos flutuavam acima deles. Julia pegara a mão de Gabriel e a apertava. Ela estava em êxtase.

– É lindo. Obrigada. Não fazia ideia de que estes afrescos estavam aqui.

O entusiasmo dela o fez sorrir.

– Amanhã à noite será melhor ainda. Massimo disse que minha palestra está marcada para depois do horário de encerramento do museu e que haverá uma recepção com dignitários e acadêmicos locais. Mais tarde, um banquete será servido dentro da Galleria. Vai ser um evento semiformal, e nós seremos os convidados de honra.

Julia abriu um pequeno sorriso.

– Não trouxe nada elegante o suficiente para um evento semiformal.

– Tenho certeza de que ficaria linda em qualquer coisa. Mas entendo se não quiser usar o mesmo vestido duas vezes. Então parece que vou ter que levá-la às compras.

– Tem certeza de que não prefere ir sozinho? O banquete é em homenagem à sua palestra, então você estará muito ocupado. Talvez vá ficar mais confortável se puder... se socializar livremente.

Ele estendeu a mão para afastar um cacho do seu rosto.

– Julianne, eu não estou apenas encorajando sua presença: ela é necessária. Não gosto de ir a eventos sociais sozinho. Nunca gostei. Garanto que tê-la ao meu lado vai ser o único prazer que a noite me oferecerá. Não quer se juntar a mim? – O rosto dele assumiu uma expressão preocupada.

– Estar em sua companhia é sempre um prazer. Mas as pessoas vão me perguntar quem eu sou e o que faço... isso não vai ser constrangedor para você?

O rosto dele ficou imediatamente carregado.

– É claro que não! Esperei até o final do semestre para poder gozar da sua companhia em público e apresentá-la como minha namorada. E não é vergonha nenhuma ser aluna de mestrado. Metade das pessoas no banquete deve ter sido pós-graduanda em algum momento. Você é adulta, é inteligente e linda...

Ele abriu um sorriso malicioso.

– *Eu* vou ter que ficar perto de *você* para manter meus rivais bem longe. Eles irão rodear você como lobos, competindo pela atenção da mulher mais bonita da festa.

Julia expressou sua gratidão com um sorriso e se inclinou para beijá-lo.

– Então eu ficarei encantada em acompanhá-lo.

Em resposta, ele pressionou a boca nas costas e na palma da mão dela, beijando também seu pulso e movendo os lábios com carinho até a manga do seu vestido, que então empurrou para cima, expondo a pele nua do braço de Julia à sua boca. Ela pestanejou quando Gabriel começou a dar beijos molhados e demorados na pele delicada do seu braço. Ele arrastou a boca até o espaço sensível na dobra do seu cotovelo e o chupou de leve. Pois Gabriel sabia, ao contrário de Julia, que a parte de dentro do cotovelo de uma mulher era uma zona especialmente erógena.

O som do garçom pigarreando atrás deles serviu apenas para desacelerar as investidas de Gabriel. Julia ficou muito vermelha ao ser pega em flagrante, o que fez Gabriel soltar seu braço com relutância.

Enquanto tomavam uma garrafa de vinho toscano e comiam seus *antipasti*, Gabriel lhe perguntou sobre o seu intercâmbio, onde ela tinha morado e o que costumava fazer. Quando ela falou que visitava a Uffizi quase todos os dias para admirar as obras-primas de Botticelli, ele ficou pensando se não haveria mesmo algo chamado destino. E se perguntou como pôde ter tido a sorte de encontrá-la não só uma, mas duas vezes.

Depois que terminaram de comer os pratos principais e ficaram em silêncio, olhando um nos olhos do outro e trocando beijos inocentes, Gabriel soltou a mão dela e remexeu no bolso do paletó.

– Tenho algo para você.

– Gabriel, esta viagem já é um presente, e agora você quer comprar um vestido para mim. Não posso...

Ele balançou a cabeça.

– Isto é diferente. Antes de eu lhe dar o que tenho aqui, quero que me prometa que não vai recusar.

Julia olhou dentro dos seus olhos azuis sérios. Ele não estava brincando. Na verdade, seu tom era muito grave. Ela se perguntou o que estaria escondido na palma da sua mão direita.

– Não posso prometer nada sem saber do que se trata.

Ele fez uma careta.

– Promete que vai manter a mente aberta?

– Claro.

– Estenda a mão.

Julia obedeceu e Gabriel colocou uma pequena caixa de veludo preto em sua palma. Ela inspirou com força.

– Não é uma aliança. Então pode voltar a respirar. – O rosto dele sorria, mas seus olhos estavam tensos.

Ela abriu a caixa e ficou chocada com o que encontrou. Aninhados em meio à seda negra, havia dois brincos solitários grandes, redondos e perfeitos de diamantes. Cada pedra tinha cerca de um quilate.

– Gabriel, eu... – Ela tentou encontrar mais palavras, mas não conseguiu.

– Antes de recusar o presente, preciso lhe contar a história desses brincos. Você ouviria? Por mim?

Ela assentiu, hipnotizada pelas pedras reluzentes.

– Eles eram de Grace. Richard os deu para ela na primeira vez em que disse que a amava. Ele não precisou estar muito tempo junto dela para se apaixonar perdidamente. Reza a lenda que vendeu seu carro para comprar esses brincos.

Julia ficou boquiaberta. Ela os reconheceu. Grace os usava com muita frequência.

– Quero que fique com eles.

Ela balançou a cabeça e fechou a caixa com cuidado e reverência, estendendo-a para Gabriel.

– Não posso. Eram da sua mãe. É você quem deve ficar com eles.

– Não.

– Gabriel, por favor. Então eles devem ficar para Rachel ou Scott.

– Rachel e Scott ficaram com outras coisas. Richard deu esses brincos para mim. – Gabriel estava entrando em pânico e tudo em que conseguia se concentrar era no pequeno pedaço de veludo cercado pela sua pele de porcelana. Ele apertou um pouco os olhos. – Se os recusar, vou ficar muito magoado. – Suas palavras mal passavam de um sussurro, mas atingiram Julia como se tivessem sido gritadas.

Ela engoliu em seco e precisou de um minuto para colocar seus pensamentos em ordem.

– Sinto muito. Eles são lindos. E não consigo nem expressar como estou maravilhada por você querer que eu fique com eles, mas isto não está certo.

Ela notou o humor de Gabriel passar de magoado para irritado, de modo que baixou o olhar para a toalha de mesa à sua frente, escondendo seus olhos.

– Você me entendeu mal, Julianne. Não estou dando esses brincos para você porque acho que deveria ter algo de Grace. Eles não são o equivalente a um lenço ou a um colar

de pérolas.

Ela mordeu a parte de dentro da boca, esperando que ele prosseguisse.

Ele se inclinou e pressionou a palma da mão contra o rosto dela.

– Estou lhe dando esses brincos para comemorar o fato de já ter lhe dado meu coração. – Ele engoliu em seco à medida que buscava os olhos dela com os seus. – Esta é minha maneira de dizer que você, Julianne, é o amor da minha vida, e quero que sempre tenha algo meu consigo. Será que não entende? Esses diamantes representam o meu coração. Você não pode recusá-los.

Julia viu em seus olhos que ele estava falando muito sério. Ela sabia que, se Gabriel tivesse lhe dado um anel de noivado, teria ficado chocada, mas acabaria aceitando. Não havia nenhuma outra pessoa no mundo para ela, somente ele. Então por que hesitava?

Por um lado, havia o seu orgulho e, por outro, havia a ideia, dolorosa e inaceitável, de que ela iria magoá-lo se recusasse o seu presente. Julia não queria magoá-lo. Ela o amava, o que significava que sua decisão já estava tomada.

– Eles são lindos. Este é o presente mais bonito que já recebi, depois do seu amor. Obrigada.

Ele beijou seus dedos, agradecido.

– Grace ficaria feliz por termos nos encontrado. Eu acredito nisso, Julianne. Acredito que ela está olhando para nós lá de cima e nos dando sua bênção. E acredito que ficaria exultante em saber que pude dar seus brincos para a mulher que amo.

Ele sorriu, estendendo a mão e puxando-a para um abraço apaixonado.

– Obrigado – sussurrou ele.

Depois de beijá-la, ele tirou a caixa da sua mão e a ajudou a colocar os brincos. Então pressionou um beijo cheio de ternura em cada uma das suas orelhas.

– *Meravigliosa.*

Julia soltou uma risada nervosa.

– Todos lá embaixo estão olhando para nós.

– Todos não. O garçom está na cozinha – disse ele com um sorriso malicioso e os dois riram.

Ele capturou seu olhar e se inclinou para a frente para sussurrar em seu ouvido:

– *Como você é linda, minha querida! Ah, como é linda!*

Julia ficou muito vermelha ao ouvir Gabriel recitar poesia erótica hebraica para ela e murmurou sua resposta contra o pescoço dele:

– *A noite toda procurei em meu leito aquele a quem o meu coração ama, mas não o encontrei. Vou levantar-me agora e percorrer a cidade, irei por suas ruas e praças; buscarei aquele a quem o meu coração ama.*

Gabriel respondeu com um sorriso lento e surpreso e a beijou até o garçom voltar.

Quando Julia recusou a sobremesa e a garrafa de vinho já estava vazia, o alegre casal

voltou, como se andasse nas nuvens, em direção ao hotel.

– Como estão seus pés? – Gabriel baixou os olhos, cheio de desejo, para os seus belos sapatos de salto alto.

Ela apertou sua mão.

– Não consigo senti-los. Não consigo sentir nada neste momento além de felicidade.

Ele sorriu para ela com ternura.

– Minha doce amada.

Ele escolheu um só cacho de cabelo e o enrolou com carinho em volta do dedo antes de soltá-lo.

– Você aguentaria fazer um pequeno desvio? O Duomo é lindo à noite, e eu nunca a beijei sob a sombra dele.

Julia concordou com a cabeça e ele a conduziu até a igreja, para eles poderem admirar o domo de Brunelleschi. Era uma incrível proeza de arquitetura renascentista, um gigantesco domo oval com um telhado ladrilhado que se erguia sobre uma bela igreja. Eles caminharam até estarem diante da estrutura, perto do Batistério que havia em frente, olhando de sua fachada até o topo. Mesmo à noite, era de tirar o fôlego.

Gabriel a puxou para o seu peito e a beijou com paixão, enrolando os dedos nas mechas soltas do seu cabelo.

Julia gemeu quando ele arrastou os lábios até o lóbulo da sua orelha, sugando-o devagar para dentro da sua boca.

– Você não faz ideia do que sinto por saber que eu lhe dei isso – falou ele, roçando o nariz contra o brinco. – Em saber que você usará meu amor para que todos vejam.

Julia reagiu beijando-o com voracidade.

Com os dedos entrelaçados, eles se viram atraídos até a Ponte Santa Trinita, onde Dante viu Beatriz. Parados na ponte, eles olharam para o rio Arno, iluminado à noite pelas luzes dos edifícios às suas margens.

– Julianne – murmurou ele, segurando-a nos seus braços enquanto observavam o fluxo do rio.

– Gabriel. – Ela ergueu um sorriso para ele e inclinou o rosto para ser beijada.

A princípio ele a beijou de leve, mas logo seus beijos ficaram mais e mais vorazes. Ele recuou, ciente de que estavam se tornando um espetáculo para os transeuntes que atravessavam a ponte.

– Estou muito contente por ter reencontrado você. Nunca estive tão feliz. – Ele acariciou preguiçosamente o rosto de Julia e pressionou os lábios contra a testa dela.

Impulsiva, ela estendeu a mão e agarrou sua gravata de seda, puxando-o de modo que seus rostos ficassem a centímetros de distância.

– Eu quero você – sussurrou Julia. E, com essas palavras, puxou Gabriel para mais perto ainda e o beijou.

E que beijo! Lá estava a tigresa, emergindo por trás da fachada da gatinha. A paixão de Julia, incendiada pelo amor dele, inundou a boca de Gabriel à medida que ela tentava lhe mostrar como o desejava. Suas mãos, que normalmente ficavam pousadas nos braços ou nos cabelos dele, abandonaram a gravata para explorar seu peito e suas costas, apalpando seus músculos através das roupas e apertando-o com força contra si.

Sua agressividade o deixou encantado. Ele reagiu racionalmente, ciente da beirada da ponte às suas costas e dos grupos de jovens inconvenientes que continuavam a passar por ali.

Quando estavam os dois ofegantes, ela levou os lábios à sua orelha.

– Me possua. Agora.

– Tem certeza disso? – perguntou ele com a voz rouca, acariciando-lhe os quadris e as nádegas.

– De todo o coração.

Ele correu o polegar pelo seu lábio agora inchado.

– Só se você estiver pronta.

– Eu sempre quis você, Gabriel. Por favor, não me faça esperar mais.

Ele riu baixinho.

– Então é melhor sairmos desta ponte.

Ele tornou a beijá-la e pediu licença para dar um rápido telefonema. Foi um breve diálogo em italiano e parecia que Gabriel estava confirmando algo com o recepcionista do hotel, mas Julia não conseguiu ouvir tudo. Ele voltou suas costas para ela deliberadamente e falou em sussurros.

Quando ela lhe perguntou o que ele estava aprontando, Gabriel sorriu.

– Você vai ver.

Eles demoraram um pouco mais do que deveriam para voltar ao hotel, uma vez que não conseguiam dar muitos passos sem puxarem um ao outro para um beijo apaixonado. Houve risadas e carícias; abraços cheios de ternura e palavras sussurradas de sedução; e um ou outro tango contra a parede de um beco escuro.

Mas a sedução, na verdade, já estava completa. Pois ela havia ocorrido em um velho pomar, anos atrás.

Quando Gabriel conduziu Julia até a cobertura e dali para a *terrazza*, ambos vibravam com uma eletricidade mútua de desejo extremo. O que fez Julia demorar alguns instantes para notar a transformação. Velas tinham sido espalhadas por toda parte e acrescentavam uma luminosidade quente e crepitante à luz das estrelas. O ar estava perfumado de jasmim. Almofadas e uma manta de caxemira os convidavam a se reclinarem no futon.

Havia uma garrafa de champanhe num balde de gelo e, perto dela, Julia viu um prato de morangos cobertos de chocolate e algo que parecia tiramisu. Por último, notou a música: Diana Krall.

Gabriel surgiu atrás dela e envolveu sua cintura com os braços, roçando o nariz contra sua orelha esquerda.

– Está gostando do que vê?

– É lindo.

– Tenho planos para você esta noite, meu amor. Temo que esses planos não incluam dormir até muito, muito mais tarde.

Julia estremeceu diante do tom da sua voz, grave e sensual.

Ele a abraçou com mais força.

– Estou deixando você nervosa?

Ela balançou a cabeça.

Ele começou a beijar seu pescoço de leve, percorrendo sua pele com os lábios.

– Uma declaração de desejo – murmurou ele. – Mas, esta noite, vou fazer valer essa declaração ao levar você para a minha cama e torná-la minha amante.

Ela voltou a estremecer e, dessa vez, ele dobrou o braço ao longo da sua clavícula, colando-a ao seu corpo.

– Relaxe, querida. Hoje à noite tudo o que importa é o prazer. O seu prazer. E pretendo satisfazê-la a noite inteira.

Ele beijou seu rosto e então a virou devagar.

– Preliminares são essenciais. E, já que isto é uma novidade para nós dois, gostaria de fazer algumas coisas antes. – Ele vasculhou seus olhos em busca de uma reação.

– Eu sou sua, Gabriel.

Ele sorriu e a abraçou com carinho.

– Quero que você explore seus sentidos: audição, paladar, visão, tato. Quero estimular e excitar você lentamente. – Ele baixou a voz. – Mas, acima de tudo, quero ensinar seu corpo a reconhecer o homem que a venera, através somente do meu toque.

– Eu já reconheço você, Gabriel. Não há mais ninguém.

Ele lhe deu um beijo intenso e se deteve quando os acordes de "Besame mucho" ecoaram pelo ar.

– Quer dançar comigo?

– É claro. – *Como se eu fosse capaz de recusar a chance de tê-lo em meus braços...*

Ele a puxou para perto e ela pressionou com gratidão os lábios contra o seu queixo.

– Esta é a nossa música? – Ela acariciou seu lábio com um dos dedos.

– Deveria ser. Lembro-me de cada detalhe daquela noite. Do seu cabelo. Do seu vestido. Você estava deslumbrante. E eu fui um grosso. Só de pensar nas coisas que falei... – Ele balançou a cabeça. – Como pôde me perdoar?

Julia o censurou com o olhar.

– Gabriel, você está me dando o conto de fadas que eu nunca pensei que fosse ter. Por favor, não estrague isso.

Arrependido, ele beijou seus lábios e a abraçou com mais força, correndo a mão pelas suas costelas. Gabriel sabia, ao contrário de Julia, que as costelas de uma mulher eram outra zona erógena.

Enquanto oscilavam ao ritmo da música, ele cantou baixinho para ela, despejando sua alma nas palavras em espanhol, porém modificando-as um pouco para Julia saber que ele jamais a deixaria ir embora. Ele não se contentaria em lhe dar menos do que a eternidade e o próprio inferno não conseguiria impedi-lo de manter sua promessa. Gabriel apenas não tinha falado as palavras em voz alta.

Ainda.

Ela ergueu a cabeça e olhou para a boca dele, memorizando seu volume e suas curvas, a maneira como o lábio inferior se enroscava para baixo. Então a tomou com a sua, sem pressa, emaranhando os dedos nos cabelos de Gabriel. Ele era pura doçura e calor, voracidade e anseio, amor e devoção. E o beijo dele penetrou a alma de Julia, fazendo até as pontas dos dedos de seus pés sentirem sua adoração e seu desejo.

Dois corpos pressionados um contra o outro em uma dança amorosa, repletos de expectativa.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Julia se recostou na banqueta do terraço, fitando com alegria os olhos faiscantes de Gabriel. Ele havia tirado o paletó e afrouxado a gravata, mas se recusava a tirá-la, lembrando-se de como tinha sido excitante quando Julia a puxara na Ponte Santa Trinita.

Ela estava cativada por ele – pelo seu nariz, suas maçãs do rosto, seu queixo anguloso, seus magníficos olhos azuis sob as sobrancelhas escuras e pelos cabelos do peito que despontavam do colarinho aberto da sua camiseta branca.

Ele estava de lado, virado para ela, descansando a cabeça na mão, o braço apoiado no cotovelo, o joelho direito dobrado, servindo champanhe. Eles brindaram ao seu amor e tomaram o Dom Pérignon vintage favorito de Gabriel antes de ele se inclinar para capturar os lábios dela com os seus.

– Gostaria de alimentar você – murmurou ele.

– Sim, por favor.

– Feche os olhos. Apenas prove.

Julia confiava nele, então fechou os olhos e sentiu algo tocar seu lábio inferior; em seguida, estava dentro da sua boca: chocolate, morango doce e suculento e a sensação do polegar de Gabriel roçando sua carne. Abrindo os olhos, ela o agarrou pelo punho, puxando seu polegar para dentro da boca, lentamente.

Ele arregalou os olhos e gemeu. Ela deslizou seu polegar pela língua, tocando-o de leve e chupando-o com determinação, antes de girar a boca ao longo da sua ponta para saborear qualquer resquício de chocolate. Gabriel tornou a gemer pelo modo como Julia olhou para ele sob os cílios, encarando-a com uma mistura de paixão e surpresa.

Ela o soltou e afastou o olhar.

– Não queria alimentar suas esperanças. Um dedo é uma coisa, mas sou péssima em...

Gabriel interrompeu sua autodepreciação com os lábios, beijando-a de forma quase violenta. Acariciou seu pescoço de cima a baixo com um só dedo enquanto explorava sua boca com a língua. Quando recuou, os olhos dele estavam em chamas.

– Pare de se depreciar. Não quero mais ouvir esse tipo de coisa. O que nós temos é só nosso. Não julgue prematuramente a si mesma, a mim ou o que podemos ser juntos.

Ele lhe deu um beijo de leve no rosto, como se quisesse abrandar a rispidez do seu tom de voz, e roçou os lábios contra a orelha dela.

– Além do mais, não tenho dúvidas de que você é excelente *naquilo*. Uma boca tão talentosa quanto a sua seria incapaz de decepcionar nesse sentido. – Ele lhe deu uma piscadela maliciosa.

Ela ficou tão vermelha quanto as frutas, mas não respondeu.

Ele continuou a lhe dar morangos cobertos de chocolate, alternados por pequenos goles de champanhe, até ela recusar a sobremesa para retribuir o favor.

Pegando um garfo, ela o encheu de tiramisu e arqueou uma sobrancelha ansiosa para ele.

– Feche os olhos.

Gabriel obedeceu e ela enfiou o garfo com delicadeza entre seus lábios. Ele gemeu alto, pois a sobremesa estava deliciosa. Melhor ainda foi o prazer de ser alimentado por sua amada. Julia se preparava para lhe servir outro pedaço quando ele a interrompeu.

– Acho que se esqueceu de algo, Srta. Mitchell – disse ele, lambendo seu lábio inferior.

Ele agarrou a mão dela, arrastando dois de seus dedos por uma pequena porção da sobremesa e colocando-os languidamente dentro da boca. Como sempre, não teve pressa, sugando com carinho cada dedo, deslizando sua língua por eles antes de chupá-los desde a base até a ponta.

Enquanto Gabriel venerava seus dedos com a boca, o corpo de Julia clamava por ele. Não conseguia deixar de imaginar sua língua habilidosa mergulhando em seu umbigo e descendo mais ainda, até onde nenhuma boca jamais havia estado...

– Está feliz, amor?

Julia abriu os olhos e pestanejou.

– Sim. – A voz dela estava trêmula.

– Então me beije.

Ela o puxou pela gravata, exatamente como Gabriel queria, e ele cedeu alegremente, virando-se e ficando quase em cima dela, o joelho encaixado entre as coxas de Julia. Ele era pura ternura, beijos molhados e dedos longos que acariciaram suas costelas de cima a baixo e desceram até suas nádegas, apertando-as com força. Ela sentiu o calor do seu peito através da camisa à medida que ele se pressionava contra os seus seios, assim como a rigidez dele contra a sua coxa, e queria mais, mais... em cima, no meio, *dentro* dela...

Ele recuou e pegou a mão de Julia, beijando-a.

– Venha para a cama.

– Podemos fazer aqui.

Ele franziu a testa a princípio, mas logo voltou a sorrir e beijou-lhe o nariz.

– Nada disso. Quero você na minha cama. Além do mais, está frio aqui fora. Não quero que pegue uma pneumonia.

Ela pareceu um pouco desapontada.

Ele se apressou em consolá-la:

– Se ainda tiver vontade, podemos tentar de novo amanhã. Mas, hoje à noite, é melhor ficarmos entre quatro paredes. Encontro você lá dentro. Não precisa ter pressa.

Gabriel lhe deu um beijo contido e ficou observando suas nádegas enquanto ela atravessava o terraço e entrava no quarto. Ele se recostou na banqueta e jogou o braço

sobre o rosto, ajeitando-se sem pudor mais de uma vez debaixo da sua calça de lã azul-marinho. A expectativa era insuportável. Nunca estivera tão excitado, tão pronto para abrir as pernas dela diante de si e possuí-la sem nenhuma inibição. Mas não se permitiria fazer isso.

Não naquela noite.

Como pôde ter achado excitante comer uma mulher que nem conhecia em um dos banheiros do Lobby? Como pôde ter acreditado que orgasmos sem nome e sem rosto poderiam saciá-lo? Tinha passado toda a sua vida ajoelhado diante do altar de um deus silencioso e ausente que prometia tudo, mas oferecia algo fugaz que sempre o deixava insatisfeito. Ele havia transitado pela luxúria disfarçado de *Eros*. Mas nada poderia estar mais longe da realidade.

Que grande inutilidade! Nada faz sentido!

Tudo tinha mudado desde o reencontro com Julia e, especialmente, desde que se apaixonara por ela. Ela o havia escancarado e tirado sua virgindade emocional, mas o fizera de forma muito paciente e gentil. Ele não retribuiria de outra forma.

Enquanto Gabriel refletia sobre as possíveis maneiras de venerá-la, Julia estava recostada na penteadeira do banheiro, tentando recuperar o fôlego. As preliminares sensuais de Gabriel eram o equivalente a um bombardeio de sedução. Não havia mais volta. Era impossível conter a tremenda e irresistível atração que sentiam um pelo outro.

Ó meu Deus, como eu o desejo.

Ela se analisou no espelho, ajeitou o cabelo, retocou a maquiagem e escovou os dentes. Cheirosa e refrescada, procurou sua camisola ou seu roupão, mas então percebeu que, de tão atordoada pela paixão, havia entrado no banheiro errado. Sua lingerie estava no outro.

Merda.

Ela poderia tirar as roupas e se envolver em um dos roupões turcos pendurados atrás da porta. Mas aí não faria o menor sentido ter comprado lingerie. Poderia tentar ir às escondidas até o outro banheiro, mas para isso precisaria atravessar o quarto, e Gabriel certamente já teria saído do terraço àquela altura. Sem dúvida estaria recostado na cama, em toda a sua glória.

Julia estremeceu de ansiedade só de pensar. Será que deveria tomar um banho antes ou simplesmente sair enrolada numa toalha? Será que deveria tirar a roupa toda e ficar só de calcinha?

Enquanto seu cérebro ficava na dúvida quanto à melhor forma de fazer sua entrada, Gabriel arrumou o terraço e transferiu tudo o que havia ali para dentro. Dispôs as velas pelo quarto, reunindo várias delas ao lado da cama. Ajustou a música e pôs para tocar a lista que havia criado especialmente para aquela noite. Batizou a lista de “Fazendo Amor com Julia” e estava bastante orgulhoso dela. Posicionou alguns itens de uso pessoal no

criado-mudo e apagou todas as luzes.

Então esperou.

E esperou. Mas ela não apareceu. Ele começou a ficar preocupado.

Foi até o banheiro e encostou a orelha na porta. Não conseguia ouvir nada, nem mesmo o barulho de água corrente ou o roçar de seda. Seu coração subiu-lhe à garganta. E se ela estivesse com medo? Ou chateada com alguma coisa?

E se ela tiver me trancado do lado de fora?

Ele respirou fundo e bateu à porta.

– Entre.

Gabriel ficou surpreso ao ser convidado a entrar. Ele abriu a porta com cuidado e espiou dentro do banheiro. Julia estava parada em frente ao espelho. Parecia acanhada.

– Você está bem?

– Estou.

Ele fechou a cara.

– Qual o problema?

– Nenhum. Eu só... Gabriel, você pode me abraçar? Eu fiz um monte de planos, então entrei aqui e congelei e... – Ela correu na direção dele.

O rosto de Gabriel ficou preocupado.

– A culpa é toda minha, amor. Talvez eu tenha exagerado.

Ela balançou a cabeça e afundou o rosto no peito dele.

– Não, sou eu que estou pensando demais, como sempre.

– Então pense no quanto você é amada, minha linda. Esta noite vou lhe provar isso.

Gabriel a beijou com ternura e, quando ela levantou o rosto, sorrindo, ele a ergueu do chão para levá-la até a cama.

Julia não teve medo. Achou que talvez fosse ter, mas, quando Gabriel a pegou nos braços, detendo-se a cada passo para beijá-la, começou a relaxar. Ela o amava. Ela o queria. E sabia que ele sentia o mesmo.

Ele a largou na beirada da cama e olhou para ela com ternura. Julia ficou sem ar; era o mesmo olhar que ele lhe lançara no pomar. No pomar deles. Ela então o desejou ainda mais.

– Você apagou as luzes – comentou.

– A sua pele é linda. Vai ficar especialmente atraente à luz das velas. – Ele beijou sua testa. – Formas como as suas teriam inspirado homens das cavernas a fazer pinturas rupestres. – Gabriel se ajoelhou diante dela e retirou lentamente seus sapatos de salto alto.

– Tem certeza? – sussurrou ela.

Ele se sentou e olhou para ela, afastando um cacho da frente dos seus olhos.

– Só se você tiver, amor.

Ela sorriu.

– Estou falando... dos sapatos. Posso ficar com eles.

Ele não podia negar que a ideia o excitava. Mas estava preocupado com o conforto dela e haveria muito tempo para outros momentos mais lúdicos.

– Eu não deveria ter deixado você andar pelos paralelepípedos com saltos tão altos. Deve ter sido doloroso. Nada de sapatos esta noite.

Ele acariciou seus pés devagar, deslizando o polegar ao longo da parte de cima deles, buscando relaxá-la e também excitá-la. Ela começou a gemer; era delicioso. Quando se perguntou por um instante qual seria a sensação do polegar dele contra outras partes do seu corpo, um arrepio percorreu sua espinha.

Gabriel se interrompeu.

– Você está tremendo. Podemos parar agora mesmo.

– É de prazer – murmurou ela.

Ele continuou a acariciar os pés de Julia por alguns minutos antes de suas mãos subirem pelas panturrilhas dela e se deterem atrás dos seus joelhos. Os dedos mágicos de Gabriel provocaram aquela zona erógena oculta, a ponto de quase fazê-la gritar. À medida que sua respiração acelerava, ela não conseguia manter os olhos abertos.

Ele conhece os caminhos do corpo de uma mulher... alguém conhece alguma coisa. Do que eu estava falando?

Na verdade, ele conhecia melhor o seu corpo do que ela própria, o que era uma constatação lamentável. Ela estremeceu ao pensar nos prazeres que a aguardavam quando ele movesse suas mãos um pouco mais para cima.

Como se estivesse lendo sua mente, Gabriel abandonou seus joelhos e subiu até as coxas, pressionando-as e separando-as um pouco para correr seus polegares para cima e para baixo, detendo-se antes de chegar ao topo da sua meia-calça. Estava tentando ao máximo ir com calma, garantindo que ela aproveitasse cada movimento e certificando-se de não pular nenhuma etapa.

– Gabriel, por favor, não se sente no chão. – Julia estendeu a mão para ele, que a beijou.

– Toda esta noite é um presente. Apenas o aceite. – Um sorriso repuxou os cantos dos seus lábios perfeitos. – São Francisco de Assis aprovaria minha atitude.

– Mas também quero fazer você feliz.

– Você já me faz feliz, Julia. Mais do que imagina. Ajudaria se eu confessasse que também estou nervoso?

– Por que você estaria nervoso?

– Quero lhe dar prazer. Não estive com uma virgem desde que perdi minha própria virgindade. E isso foi há muito, muito tempo. Nós iremos bem devagar. Quero que relaxe e fique o mais à vontade possível. E, se em algum momento se sentir

desconfortável, quero que me diga. Na mesma hora. Pode fazer isso por mim?

– Claro.

– Eu me importo com você, Julianne. Você é preciosa para mim. E uma das coisas que considero mais preciosas é a sua voz. Por favor, me diga o que quer, do que precisa, *o que deseja*... – A voz dele ficou rouca ao dizer as últimas três palavras e um tremor involuntário percorreu o corpo dela.

Ela se inclinou para pressionar os lábios contra os dele.

– O que desejo é que você pare de se ajoelhar para mim, Gabriel. Então levante do chão. – Ela tentou soar ameaçadora, mas Gabriel apenas sorriu para ela.

Olá, Tigresa...

– Só um minuto, eu já volto. – Ele desapareceu dentro do banheiro mais próximo e Julia conseguiu ouvir o som de água corrente na pia.

Ele voltou logo em seguida e a encontrou se levantando e estendendo as mãos para as costas do vestido. Gabriel moveu suas próprias mãos imediatamente para cobrir as dela.

– Eu gostaria de fazer isso. – A voz dele soou áspera.

Ele abriu lentamente o zíper do vestido de Julia, olhando bem no fundo dos seus olhos. Então afastou a seda verde de cima dos seus ombros. O tecido farfalhou ao cair no chão, como se suspirasse, também seduzido por ele.

Julia usava uma combinação de cetim cor de marfim, cuja bainha roçava o topo da sua meia-calça preta com cinta-liga. Gabriel ficou sem fôlego ao vê-la, pois ela parecia um anjo. Um anjo de olhos castanhos com cabelos negros presos no topo da cabeça, a pele branca e leitosa, usando uma combinação cor de marfim sobre roupas íntimas de renda preta. Uma mistura de virtude com a possibilidade de *erotismo*.

Ele estendeu um dedo exploratório para tocar uma das cintas-ligas.

– Por essa eu não esperava.

Julia ficou vermelha.

– Sei que não gosta de preto, mas, sinceramente, não esperava que você fosse me ver com elas. Achei que fosse trocar de roupa.

– Ei. – Ele ergueu seu queixo com carinho e acariciou-lhe a face ruborizada. – *Você está deslumbrante.* E nunca falei que não gosto de preto. Mas, se quiser se trocar, eu espero.

Ele a encarou, ansioso, mas ela balançou a cabeça. Já havia esperado demais. Correu as mãos pelo seu peito forte antes de puxá-lo para si pela gravata. Deu-lhe um beijo intenso e desatou o nó, tentando ser o mais sinuosa possível, deslizando a gravata pela nuca dele para então largá-la no chão, sem cerimônia. Em seguida, desabotoou sua camisa e a jogou, junto com a camiseta que ele usava por baixo, em cima da gravata. Enquanto Gabriel ficava parado diante dela, seminu, Julia colou a boca ao seu peito, envolvendo a parte de cima das suas costas com os dois braços, para sentir os músculos de seus

ombros e mais abaixo.

– Estou sentindo seu coração bater – ela sussurrou.

– Por você – disse ele com uma expressão ardente no rosto.

Ela sorriu, tocando seu abdome e sua cintura. A pele dele estava quente, muito mais que a dela, e extremamente convidativa. Desafivelar seu cinto e desabotoar suas calças foi um pouco estressante, mas ele pousou sua mão tranquilizadora sobre as dela e a ajudou quando tanto o cinto quanto a calça se recusaram a cooperar. Quando o viu diante dela apenas de cueca boxer, já tendo tirado seus sapatos e meias, ela respirou fundo, esperou que ele assentisse e puxou a peça que faltava para baixo.

Ela recuou um passo para admirá-lo. Lambeu os lábios e abriu um sorriso. Largo. Gabriel era maravilhoso.

Era provavelmente genética, ou talvez uma dádiva dos deuses, ou uma combinação das duas coisas, acentuada por sua dieta e seus exercícios. Mas, à medida que os olhos de Julia percorriam seu corpo musculoso e bem definido, algo dentro dela se aqueceu e derreteu. Ela sentiu o calor invadir seu útero e descer um pouco mais, especialmente quando notou o V que se estendia a partir dos quadris dele. Ele era uma versão moderna do *Davi* de Michelangelo, mas com proporções muito mais harmoniosas e mãos de uma beleza indizível. Talvez fosse de mau gosto, porém ela ficou mais do que satisfeita ao notar quanto Gabriel era maior do que *ele*.

Carma... comemorou sua consciência. Ela conteve uma risadinha, mordendo o lábio com força para não se comportar como uma colegial diante da sua extraordinária descoberta.

Gabriel notou sua reação estranha, mas ficou calado. Conteve um sorriso convencido, dizendo a si mesmo que aquele talvez não fosse o melhor momento para brincar sobre o seu tamanho. Não queria intimidá-la e sabia muito bem quanto ele era bonito, especialmente agora que estava tão excitado.

Tudo por causa dela.

– Posso? – Gabriel se aproximou e seus dedos pairaram sobre os cabelos dela, esperando sua permissão.

Ela assentiu e ele começou a retirar os grampos, um a um, fazendo os cachos caírem sobre os ombros de Julia. Ela fechou os olhos e desfrutou a sensação dos dedos de Gabriel percorrendo seus cabelos. Lembrou-se do dia em que ele a penteara na casa de Richard.

Ele desembaraçou cada cacho com ternura, da raiz à ponta, até os cabelos longos de Julia emoldurarem-lhe o rosto como uma cortina negra. Gabriel roçou a curva do pescoço dela antes de seus dedos encontrarem as alças da combinação. Então as tirou de cima do seu ombro. Julia ficou parada diante dele com seu sutiã e o shortinho de renda pretos, o último preso pelas cintas-ligas à meia-calça da mesma cor.

Perfeição erótica combinada com o rubor da inocência.

Ela era mesmo linda. Mas o olhar atento de Gabriel a deixava nervosa. Ela não gostava que a olhassem fixamente por muito tempo; ficava constrangida. Então ele a puxou para si, beijando-a até sentir seus ombros relaxarem.

– Julia, eu gostaria de ver você por completo – sussurrou.

Ela assentiu e ele tirou devagar sua meia-calça, soltando as presilhas e desenrolando-a lentamente pelas suas pernas, detendo-se por um instante para acariciar outra vez a parte de trás de seus joelhos. A respiração pesada dela em seu ouvido o assegurou de que ele estava fazendo aquilo como devia. Gabriel então foi para trás dela e deu vários beijos em seus ombros, antes de desprender com cuidado seu sutiã. Ela o puxou para a frente e o largou aos seus pés, pensando em como suas roupas ficavam sexies emboladas no chão.

Gabriel segurou os seios dela por trás, colando o corpo ao seu. Ele a acariciou suavemente, roçando-lhe os mamilos com os polegares e abrindo a boca para prestar homenagem à pele abaixo da sua orelha. Então deslizou as mãos até suas costelas, parando para afagá-las antes de agarrar a carne em seu quadril com os dedos. Continuou a provocar a pele abaixo da sua orelha com a língua enquanto tirava sua calcinha.

Julia estava finalmente nua, em toda a sua glória.

Ele a abraçou pela cintura, girando-a para que ela o encarasse e notando o modo como seus olhos estavam colados ao chão, enquanto arrastava seu lábio inferior carnudo entre os dentes. As mãos de Julia ficaram agitadas e Gabriel soube que ela estava prestes a se cobrir de volta.

– Você é uma deusa.

Ele libertou seu lábio, arrastando o polegar com cuidado até a curva da sua boca antes de erguer-lhe o queixo.

Gabriel correu os olhos deliberadamente pelo seu corpo, dos pés à cabeça, para que ela pudesse ver quanto ele a admirava.

– Quando for um velho e não conseguir me lembrar de mais nada, vou me lembrar deste momento. A primeira vez que meus olhos viram um anjo em carne e osso. Vou me lembrar do seu corpo e dos seus olhos, do seu rosto e de seus lindos seios, das suas curvas e disto.

Ele contornou seu umbigo com a mão antes de arrastá-la com carinho até os seus cachos mais íntimos.

– Vou me lembrar do seu perfume, do seu toque e da sensação de amá-la. Mas, acima de tudo, vou me lembrar da sensação de olhar para a verdadeira beleza, interna e externa. Pois você é bela, minha amada, de corpo e alma, generosa de espírito e de coração. E nunca verei nada mais bonito do que você deste lado do Paraíso.

Ele a envolveu em seus braços, enchendo-a de beijos suaves, tentando comunicar com os lábios quanto a amava. Tocou seus brincos de diamantes e levou a boca ao lóbulo da

sua orelha.

– Depois de vê-la nua, exijo que a única coisa que você use na minha presença daqui em diante sejam esses brincos. Todo o resto é supérfluo.

Julia deu um beijo apressado em seus lábios antes de se reclinar na cama, lançando um olhar tímido na direção dele. Gabriel teve que inspirar e expirar com força para se recompor, pois a visão de Julia nua e convidativa quase o levou à ruína.

– Por que não se deita de barriga para baixo, querida? Gostaria de admirar suas lindas costas.

Ela sorriu e se virou, dobrando os braços e descansando a cabeça neles. Gabriel pairou sobre o seu corpo, com uma expressão satisfeita no rosto, beijando suas omoplatas.

Como na minha fotografia em preto e branco favorita, pensou ela.

– Você é estonteante, Julia, de todos os ângulos. Uma verdadeira obra de arte.

Ele correu um dedo pela sua coluna, detendo-se quando ela estremeceu sob o seu toque; então acariciou uma de suas nádegas.

– Você trocou a música – comentou ela, reconhecendo a canção romântica "And You Give", de Matthew Barber.

Ele apanhou um pequeno frasco de óleo de massagem com perfume de sândalo e tangerina e pôs um pouco na mão, aquecendo-o antes de começar a esfregar seus ombros. Julia fechou os olhos e suspirou.

– Apenas sinta – disse Gabriel.

Ele beijou seu rosto e continuou a fazer os movimentos suaves, descendo pelas costas dela sem pressa, até estar explorando as duas covinhas acima da curva de suas lindas nádegas.

– Essas covinhas são lindas. – Ele pressionou os lábios primeiro em uma, depois em outra.

Julia se encolheu, então Gabriel parou. Quando prosseguiu, ela começou a relaxar. Depois do que pareceu uma hora, ele estava sussurrando em seu ouvido, instigando-a a se virar. Ela sentiu com se estivesse flutuando numa nuvem. Pestanejou para ele, um sorriso preguiçoso se espalhando em seu rosto.

Ele se inclinou para esfregar seu nariz no de Julia, colocando-se sobre ela, uma perna entre as suas e a outra do lado do seu corpo, os cotovelos apoiados perto dos dela.

– Você é maravilhosa – sussurrou, baixando-se até seus corpos roçarem um no outro.

Então começou a beijar suavemente seu pescoço e sua clavícula, enquanto continuava a massagear a parte da frente do seu corpo com uma das mãos.

Julia adorava a maneira como seus seios roçavam o peito firme de Gabriel, e a sensação do abdome rígido dele contra a sua maciez – a maneira como a mão forte dele deslizava para debaixo de sua bunda, puxando seus quadris contra os dele.

– Você não sabe quanto eu a desejo – murmurou ele em seu pescoço. – Como você é

sensual. – Ele esfregou o nariz na cavidade na base do seu pescoço, detendo-se para contorná-la com a língua.

Sem aviso, Julia arqueou as costas e gemeu alto de prazer. Suas mãos encontraram as costas de Gabriel e começaram percorrer seus músculos, parando sobre os quadris dele e forçando-os para baixo.

– Ainda não, amor.

Ele a venerou com sua boca, com seus lábios, mordiscando-a de leve e adorando sem pressa o corpo da sua amada. Julia ficou tensa quando ele beijou o osso do seu quadril, provando a pele com a língua antes de sugá-lo com a boca.

– Qual o problema? – murmurou ele, esfregando o nariz na parte de baixo da sua barriga, indo de um lado para outro de seu quadril.

– Ninguém nunca... – Ela se calou, envergonhada.

Ele sorriu com malícia, enchendo-a de beijos e percorrendo sua carne com a língua. *É claro que ele nunca fez isso com você. Além de ser um filho da puta, era um idiota.*

– Querida, abra as pernas.

Os olhos de Julia ficaram apreensivos e um pouco desconfiados, mas ela obedeceu. Ficou observando Gabriel avaliá-la com o olhar e depois erguer os olhos ao encontro aos seus. Ele sorriu e começou a acariciá-la com os dedos. Julia gemeu.

A princípio, ele a tocou de leve, testando-a com um só dedo e movendo-o com cuidado. Então a tocou com dois dedos, curvando-os para cima à medida que começava a fazer pequenos círculos com o polegar. Gabriel não parou de olhar nem por um instante para o rosto dela, atento a qualquer sinal de desconforto, ouvindo sua respiração acelerar à medida que seus dedos curvados encontravam seu ponto G. Ele inclinou a cabeça, admirado, levando os lábios ao topo da parte interna da sua coxa, provocando-a antes de abocanhar sua carne e chupá-la sem pudor, enquanto continuava a fazer os movimentos com a mão. Era uma combinação extraordinária.

Julia arqueou seu corpo, gozando e dando um gemido tão alto que quase soou como um grito. Gabriel continuou a tocá-la, mas chupou-a cada vez mais devagar até ela se debater e tentar fechar as pernas. Ele levou sua boca à dela e a beijou com ternura.

– Obrigada – sussurrou ela, sentindo-se leve como uma pluma. *Deveria ser um crime ter dedos tão habilidosos... e que boca...*

– Você gostou disso?

Ela assentiu, com a respiração pesada e os olhos um pouco alucinados.

Ele duvidava que o filho do senador alguma vez tivesse encontrado seu ponto G e esse pensamento fez seu peito inflar de orgulho. Estava louco para apresentá-la a todos os outros locais do seu corpo que possibilitariam a ele lhe dar prazer, um a um. Gabriel arrastou seu dedo de cima do pescoço dela, contornando um seio e descendo até o ponto da sua coxa em que agora havia uma nova marca. Ele pressionou de leve a pele

avermelhada.

– Está doendo?

– Não. Mas como...?

– Esta parte da sua coxa é muito sensível. Um homem egoísta ou apressado a ignoraria para tocá-la aqui primeiro. – Ele moveu seu dedo para acariciá-la de leve entre as pernas.

Ela ainda estava sensível, por isso saltou na cama. Ele recolheu a mão e voltou a afagar-lhe a coxa.

– Julia, a única compensação das minhas experiências anteriores é que você terá tudo o que aprendi ao seu dispor. A partir de agora, a única mulher à qual estou interessado em dar prazer é você.

Ela se estendeu para tocar seu rosto e ele descansou a cabeça em sua mão, fechando os olhos. Julia pressionou o polegar na boca dele, sentindo seu lábio inferior carnudo, e o puxou para a frente para lhe dar um beijo apaixonado. Ele reagiu colocando seu corpo sobre o dela e o coração de Julia acelerou, acreditando que o momento da união era iminente.

Ela tornou a agarrar suas nádegas, puxando-o para perto. Ele abriu um sorriso paciente e afastou um de seus braços.

– Esta não é uma boa posição. Preciso mover você.

– Achei que... não está certo, você em cima e eu embaixo?

– Esta é a pior posição para se perder a virgindade – explicou ele, beijando o ombro dela.

– Acho que vou gostar.

Gabriel recuou.

– Não na sua primeira vez. Eu poderia machucar você sem querer.

Machucar?, pensou ela.

Ele sentiu um aperto no peito ao notar a preocupação que atravessou os olhos dela. Gabriel colocou uma de suas mãos em cada lado do rosto de Julia.

– Não vou machucá-la, Julianne. Não sou um adolescente. Não sou *ele*. Vou ser muito gentil. É por isso que não podemos fazer assim.

– Por quê?

– Por causa dos ângulos. Do meu peso sobre você, mesmo que o distribua pelos joelhos. Da gravidade. Se você estiver em cima, poderá controlar os movimentos, a profundidade da penetração. Estou lhe dando o controle. Confie em mim – sussurrou ele, beijando sua orelha.

Ele continuou a acariciá-la, murmurando palavras de adoração com a boca em sua pele macia, quase translúcida. Então envolveu suas costas com os braços, erguendo-a da cama e trocando de posição para ficar deitado de costas, com ela sobre ele.

Quando Julia se deitou sobre o seu peito, ele sussurrou palavras de Dante em italiano

para ela:

Color di perle ha quasi in forma, quale
convene a donna aver, non for misura;
ella è quanto de ben pò far natura;
per esemplo di lei bieltà si prova.
De li occhi suoi, come ch'ella li mova,
escono spirti d'amore infl ammati,
che fèron li occhi a qual che allor la guati,
e passan sì che 'l cor ciascun retrova:
voi le vedete Amor pinto nel viso,
là 've non pote alcun mirarla fiso.

Gabriel louvou sua beleza e sua bondade, comparando-a a uma pérola e declarando que o seu semblante era a própria expressão do Amor. Julia agradeceu suas belas palavras com um sussurro e ficou imóvel para ouvir o coração de Gabriel bater sob o seu ouvido. Mal conseguia acreditar que estava com aquela pessoa, com aquele homem que havia amado por tanto tempo, nos seus braços. Não conseguia parar de tocá-lo, percorrer cada músculo, cada tendão perfeito com seus dedos. Ela traçou suas sobrancelhas, a reentrância acima do meio do seu lábio superior sensual, suas costeletas, suas orelhas...

Ele se esticou para cima para beijá-la, deslizando a língua por seus lábios e sugando o inferior, carnudo, para dentro da boca. Por alguns instantes, suas peles se colaram, dois corpos nus unidos e deitados um sobre o outro. As mãos de Julia continuaram a explorar as formas de Gabriel, seu rosto, seu peito, seus quadris. Ela começou a acariciar sua ereção de leve, hesitante, dando beijos e mais beijos em seu pescoço enquanto o tocava.

Ele gemeu no ouvido dela, demonstrando o prazer que sentia. Uma onda de confiança a invadiu e ela começou a fazer movimentos mais firmes, acelerando o ritmo ao mesmo tempo que levava os lábios ao peito dele, beijando seu peitoral e sua tatuagem. Gabriel também estava ofegante.

– Deixe-me venerar você com o meu corpo, Julia – falou, com a voz rouca, sem querer que sua satisfação iminente ocorresse nas mãos dela.

Julia o soltou e ele agarrou suas coxas, separando-as com carinho, fazendo-as descansar uma de cada lado de seus quadris estreitos. Julia o sentiu debaixo dela, erguendo-se por vontade própria entre as suas pernas. Ela se remexeu um pouco, uma expressão preocupada espalhando-se como uma sombra em seu lindo rosto.

Gabriel pousou sua mão sobre o coração dela. O pequeno músculo dentro de Julia se agitou freneticamente ao seu toque.

– Você está bem?

Ela se inclinou para a frente, permitindo que seus cabelos lhe cobrissem o rosto como uma tela.

Ele empurrou seus cabelos para trás dos ombros para enxergá-la melhor.

– Por favor, não se esconda. Quero ver você.

Julia mordeu o lábio inferior e desviou o olhar.

– O que foi?

Ela balançou a cabeça.

– Querida, este não é um bom momento para ser tímida. *Diga para mim.*

Julia olhou para o peito dele, tentando ao máximo não encarar o dragão, que zombava dela.

– Não foi assim que imaginei – ela sussurrou, tão baixo que ele precisou se esforçar para ouvi-la.

– Então me diga como imaginou.

– Achei que você estaria... *em cima* de mim. – *Seu estandarte sobre mim é o amor.*

– Não vou negar que gosto de ficar por cima, mas você é muito pequena, querida, e muito delicada. Estou preocupado que...

– Sei que fiz você esperar muito tempo, Gabriel. – A voz dela mal passava de um sussurro. – Não me importo se você não puder ser cuidadoso comigo. Se precisar ser... agressivo.

O comentário dela o transtornou, pois por trás daquelas palavras Gabriel reconheceu não a voz dela, mas a de Simon. *É claro que ela pensa assim – foi desse jeito que* ele *a tratou. Homens são cães sem autocontrole e ela é apenas um brinquedo para o alívio sexual deles.* A ideia o enojava, mas ele lutou para não deixar transparecer sua repulsa. Ele pousou a mão em seu rosto e a afagou com carinho.

– Julia, eu amo você. Se fosse capaz de ser agressivo com você só porque me fez esperar, então não deveria estar se entregando a mim. Você é uma pessoa, não um brinquedo. Não quero usá-la. Quero lhe dar prazer. Muito prazer. – Com essas palavras, ele a encarou com seus olhos grandes e escuros, baixando a voz até ela se tornar um mero sussurro: – Quero você para sempre, não só por esta noite. Então, por favor, deixe-me amá-la do meu jeito.

Ele implorou que ela aceitasse sua palavra. Não queria ter que explicar *por que* estava preocupado e que tipo de consequência estava tão determinado a evitar. Haveria tempo suficiente para isso pela manhã.

– Tudo o que sempre quis foi que alguém me amasse – disse ela baixinho.

– Você tem isso agora.

Ele levou a boca até os seus seios, segurando um deles com a mão e enterrando o rosto no outro. Eles eram perfeitos. Ideais em peso e tamanho, naturais e belos. *Botões de rosa e creme.* Gabriel se lembrou da noite em que viu um deles pela primeira vez,

despontando por baixo do roupão roxo no hotel na Filadélfia. Como havia desejado tê-lo em sua boca. Ele a atiçou com a língua, lambendo-a suavemente, e então sugou seu mamilo, sentindo-o enrijecer ainda mais.

Julia jogou a cabeça para trás, emitindo sons inarticulados. Gabriel observou atentamente sua reação. Queria que ela ficasse excitada e, se atingisse o orgasmo somente com aquilo, tudo bem. Tornaria o que estava por vir muito mais fácil.

– Relaxe, amor. Você não precisa resistir – falou ele, dedicando sua atenção ao outro seio dela.

Julia estremeceu ao ouvir suas palavras e começou a se esfregar contra ele, seus olhos fechados, deslizando para a frente e para trás. Em poucos minutos, Gabriel sentiu o corpo dela se contrair e relaxar em seguida, encurvando-se por fim. Ela abriu os olhos, pestanejou e então lhe deu um sorriso quase lânguido.

E muito obrigada pelo segundo orgasmo...

Ela logo tomou a iniciativa de beijá-lo, murmurando seu afeto através dos lábios inchados. Quando recuou, ele se estendeu para pegar algo de cima da mesa de cabeceira. Ela o observou se desvencilhar debaixo dela, espremendo uma substância transparente na sua mão direita e esfregando-a de forma um tanto bruta em si mesmo, para cima e para baixo.

Ele notou a expressão no rosto dela e se apressou em explicar:

– Vai ser mais fácil para você assim.

Julia ficou muito vermelha. Ela sabia o que era aquilo, embora nunca houvesse tido necessidade de usar nada parecido. Ficou envergonhada por não ter pensado ela mesma em comprar aquele produto. Tinha vindo a Florença despreparada.

– Você é muito gentil.

A boca dele se curvou em um meio sorriso convencido.

– Eu disse que estaria preparado para todas as suas necessidades. – Ele a beijou e se reclinou de volta no travesseiro. – Posso usar uma camisinha, se você tiver mudado de ideia.

– Com todos os testes que você fez, não acho que temos motivo para nos preocupar.

– A escolha ainda é sua.

– Confio que você tenha me contado a verdade sobre tudo.

– Estou feliz em ser o seu primeiro.

Ela abriu um largo sorriso diante da declaração dele.

– Quero que seja o único, Gabriel. – Ela o beijou com paixão, seu coração acelerado e preenchido por causa das suas palavras. Dos seus gestos. – Mas quero lhe pedir uma coisa.

– O que você quiser.

– Quero que fique por cima.

Quando a testa de Gabriel se franziu e ele estava perigosamente perto de fechar a cara, Julia se inclinou sobre o seu corpo, determinada.

– Você já se mostrou um amante generoso. Mas não é uma boa ideia me deixar no controle quando não sei o que fazer. Fico nervosa. Não vou conseguir relaxar e me concentrar na sensação. Por favor... – Ela acrescentou as últimas palavras como um adendo, insegura, pois não queria ter que discutir com ele. Gabriel lhe pedira para expressar seus desejos e era isso que ela estava fazendo.

Só então ele percebeu quanto era estressante para ela estar sobre ele, nua e exposta, responsável pelo que fosse acontecer. No futuro, quem sabe? Mas não na primeira vez. Apesar de seus medos, não poderia negar isso a ela. Ele assentiu, uma ligeira tensão visível em seu maxilar, e com um só movimento ágil Julia estava deitada de costas e ele estava de joelhos entre suas pernas.

O sorriso dela foi como o sol nascente. Pois era assim que sempre tinha imaginado sua primeira vez.

– Obrigada – murmurou ela, beijando-o com ternura.

– Você precisa de tão pouco para ficar feliz.

– Eu não chamaria isso de *pouco* – disse Julia com uma risadinha, esfregando a coxa contra ele.

Ele sorriu com malícia, saboreando aquele momento lúdico.

Neste instante, a música mudou e Julia ergueu os olhos para ele, intrigada.

– Como se chama esta canção?

– "Lying in the Hands of God", da Dave Matthews Band.

– Gosto dela.

– Eu também.

Ela o encarou com curiosidade.

– Por que a escolheu?

– Pela letra, pela melodia... – O sorriso dele ficou mais largo à medida que seus olhos faiscavam. – *Pelo ritmo.*

– Ah, é?

– Sinta. Concentre-se no ritmo. É perfeito para fazer amor.

Ele agarrou seus quadris e pressionou o corpo contra o dela, deslizando para cima e para baixo ao ritmo da música, sabendo que ela gostaria do contato tanto quanto ele.

Ela gemeu, parando de rir, e começou a empurrar o corpo na direção dele.

– Respire fundo, amor – sussurrou ele.

Como ela inspirou, ele a penetrou só um pouco. Julia fechou os olhos e desfrutou a sensação.

Depois que Gabriel teve aquela pequena prévia de como seria estar dentro dela, seu corpo o instigou a penetrá-la com mais força e mais rápido. Contudo, ele sabia que

qualquer estocada sua a machucaria. Ele a queria. Queria estar dentro dela. Mas pôs seus desejos de lado e permaneceu totalmente imóvel, distribuindo seu peso entre os cotovelos, que estavam apoiados ao lado dos ombros dela, lambendo e chupando seus seios.

Depois que Julia teve aquele gostinho de como seria estar conectada a ele, ser preenchida por ele, quis mais. Muito mais. Quis recebê-lo por completo.

– Cuidado – alertou Gabriel quando ela ergueu os quadris, disposta a atraí-lo mais para dentro. – A próxima parte vai ser desconfortável.

Como Julia não abriu os olhos, ele colocou a mão em seu rosto, correndo o polegar por sua face.

– Olhe para mim. Olhe nos meus olhos. – Ele a encarava fixamente quando ela obedeceu. – Eu lhe darei tudo. Aceite meu corpo, minha alma. Me aceite por completo.

Os olhos dela se arregalaram e ela inspirou com força quando ele a penetrou.

Gabriel se deteve na mesma hora, agarrando o quadril dela e segurando-a com firmeza, para garantir que nenhum dos dois se movesse.

– Sinto muito, querida – murmurou ele, movendo sua mão até o rosto dela e começando a acariciá-la. – Essa foi a pior parte, eu juro. Você está bem? – Ele vasculhou seu rosto, ansioso, em busca de qualquer sinal de lágrimas.

Mas não havia nenhum. Não tinha sido tão doloroso quanto ela esperava. Tampouco era totalmente confortável, mas a sensação de tê-lo dentro de si, as emoções que ela via em seu rosto, nos seus olhos, tudo isso a distraía das pontadas de dor que sentia lá dentro... Era quase demais para ela.

Ela queria mais. Mais dele. Mais *disso* e mais dos *dois*... queria vê-lo desmoronar em cima dela e saber que eles tinham feito aquilo juntos. Queria descobrir a beleza de um ritmo só deles. A música rodopiava e se erguia à sua volta, uma cadência tentadora que ela estava ansiosa por acompanhar. Julia sorriu e Gabriel sentiu o sorriso dela viajar todo o caminho até o seu coração, apaziguando seus temores. Sem quebrar o contato visual, ele começou a entrar e sair dela com uma lentidão enlouquecedora.

Julia piscou depressa ao sentir Gabriel dentro de si. As mãos dela deslizaram dos músculos tensionados das suas costas até suas nádegas, acariciando-lhe as curvas e sentindo suas investidas ritmadas sob o seu toque. Ele se equilibrou em um cotovelo, traçando desenhos sensuais ao longo das suas costelas e por sobre o seu ombro. Ela era magnífica: seus cabelos longos e negros espalhados pelo travesseiro branco; seus olhos castanhos arregalados e profundos, cravados nos dele; sua boca, vermelha e aberta, à medida que ela começava a gemer a cada investida sua.

Gabriel moveu a mão para espalmar seus dedos longos sobre o traseiro dela, conduzindo e movimentando seu corpo num ritmo cauteloso. Ele havia esperado tanto tempo... Ela observou as sobrancelhas dele se unirem e seus dentes morderem o lábio

inferior. Eles se moviam, não depressa, mas com determinação, a conexão sincronizada de dois amantes que se recusavam a desviar os olhos um do outro.

Julia viu diversas emoções nos olhos dele: amor, zelo, paixão, adoração, afeto, *desejo erótico*... Gabriel a olhava como se ela fosse a única mulher do mundo, como se não houvesse nada mais no seu universo particular além deles dois e da música sensual que pairava no ar enquanto ele fazia amor com ela, pontuada pelos sons que escapavam dos dois.

Julia escutava seus próprios gemidos e arquejos, abandonando qualquer constrangimento em ouvir sons sexuais saírem espontaneamente de sua garganta. Gabriel adorou ouvir os gemidos dela, que o estimularam e o deixaram mais excitado ainda, como se isso fosse possível. Ele estendeu a mão na direção dela e, à medida que sua velocidade aumentava, começou a acariciá-la ao ritmo das suas investidas. A maneira como Julia apertava as nádegas dele indicava o seu prazer, ao mesmo tempo que ela lutava para manter os olhos abertos.

– *Olhe para mim*. Quero ver seus olhos quando você gozar. – A voz de Gabriel soou tão intensa quanto a expressão em seu rosto.

Ela arregalou os olhos e gritou à medida que os dedos dele aceleravam. Julia se contraiu como um nó apertado demais e se deixou cair de repente, gloriosamente.

Sussurros eróticos e palavras de adoração murmuradas encheram os ouvidos dela. Ele não tinha dito palavras grosseiras. Julia estava distraída demais para se concentrar nesse fato surpreendente. Não tinha como saber se era um amante eloquente, que gemia e exclamava ao sabor de seus impulsos e êxtases. Mas naquele local, quer ele fosse sagrado ou não, suas declarações espontâneas tinham sido castas e puras.

– Eu te amo. Eu te amo. Eu te amo – entoou Gabriel sobre ela, em sincronia com seus movimentos.

Julia gozava de uma *satisfação* intensa, sem paralelos, que fluía através do seu corpo. Não se parecia com nada que já houvesse experimentado. E, antes que pudesse se recuperar do orgasmo, sentiu Gabriel penetrá-la fundo e gritar seu nome.

Ele desmoronou, tomando cuidado para distribuir seu peso entre os cotovelos, invadido por uma onda de emoção à medida que o clímax o abandonava. Ele a abraçou com força, sussurrando-lhe palavras doces em italiano, esperando que ela abrisse os olhos.

Eu amo esta mulher. Mais do que a minha própria vida...

Sua linda Beatriz não era mais uma virgem. Ele havia tomado – e ela havia lhe dado – o que Dante nunca obtivera. Ele rezou silenciosamente para ela jamais se arrepender da decisão que a tinha levado para a sua cama, ou de tê-lo escolhido como primeiro amante.

Ele mudou de posição para ficar ao seu lado e estendeu um dedo para traçar os contornos do queixo de Julia. Só então notou que a cor havia se espalhado por seu pescoço, peito e mais para baixo. A pele do interior das suas coxas havia assumido um

tom muito rosado, quase vermelho e Gabriel reprimiu um arrependimento que lhe causou repugnância.

Ó meu Deus, eu a machuquei.

– Julia?

Então seus cílios se abriram. A princípio, seus olhos estavam arregalados e sem foco. Julia o viu e o mais belo sorriso brincou lentamente nos lábios dela. Ela se sentia como uma pluma sendo levada por uma brisa de verão. Era tão melhor do que qualquer outra coisa... vê-lo e ouvi-lo, tocá-lo e prová-lo e então, finalmente, gloriosamente, o clímax bruto, selvagem e cru.

Ele suspirou e lhe deu um beijo intenso.

– Você está bem?

– Sim – ronronou ela.

– Eu amo você. Só quero fazê-la feliz, vê-la sorrir. Para sempre.

– Assim eu vou chorar. – Julia não conseguiu continuar; não tinha palavras. Ela o beijou de olhos fechados, deliciando-se nos braços do seu amante. Do seu primeiro. E último.

– Não chore, minha doce amada. – Ele beijou seus cílios, acariciando-lhe o rosto.

De repente, ele não estava mais lá. Julia se viu sozinha na cama grande, que parecia ainda maior e mais fria na sua ausência. A sensação dolorosa de perda foi imediata, mas sua mente ainda estava lenta, entorpecida por sua primeira incursão naquele êxtase. Antes que pudesse estender sua mão pelo lençol em busca dele, Gabriel estava colado ao seu lado.

– Deixe-me ver, querida – sussurrou ele, hesitante.

Ela não fazia ideia do que ele estava pedindo, então se limitou a concordar com um gemido. Com dedos hesitantes, ele pegou seus joelhos; uma mão gentil levantou um deles, inclinando-o e abrindo as pernas dela, mas sem escancará-las. Agora os seus olhos estavam abertos.

Gabriel se interrompeu quando seus olhares se cruzaram.

– Só uma olhadinha para me certificar de que você está bem.

Quando ele se limpou no banheiro, não notou nenhum vestígio de sangue. Perceber isso o aliviou mais do que ele seria capaz de expressar. Ele baixou os olhos e logo estava suspirando, seus ombros relaxados. Em seguida, pressionou algo quente e macio entre as pernas dela.

Julia se encolheu.

– Desculpe.

Ele tornou a pressionar o pano úmido contra sua pele sensível. Havia algumas pequenas manchas cor-de-rosa nele, mas nada de alarmante. Na verdade, ele preferiria que não houvesse mancha alguma, mas cor-de-rosa era infinitamente melhor do que vermelho.

– Eu estou bem. Você só me pegou de surpresa. – A voz de Julia saiu trêmula, mas só porque ela ainda estava nas nuvens, e sentir Gabriel tocá-la *ali* havia intensificado a sensação.

Ele pegou um copo d'água da mesa de cabeceira e o pôs na mão dela, chacoalhando um frasco de remédio para depositar dois pequenos comprimidos brancos na outra.

– Ibuprofeno – apressou-se em explicar. – Para a dor.

– Não está tão forte, Gabriel. Eu nem chamaria de *dor*.

– Por favor – ele implorou.

Julia ficou intrigada com a reação exagerada dele, mas preferiu não discutir e jogou os comprimidos rapidamente na boca, bebendo toda a água do copo. Estava sedenta.

Depois que acabou de acalmá-la e limpá-la, Gabriel a tomou em seus braços, cobrindo sua testa de beijos, e a levou até o banheiro.

Julia ouviu o barulho de água corrente antes de eles atravessarem a porta.

– O que está acontecendo? – conseguiu perguntar, levantando a cabeça.

– Deixe-me cuidar de você, querida. – Ele tornou a beijar sua testa e a pôs com cuidado dentro da banheira grande e convidativa.

A água quente e as bolhas com perfume de rosas eram reconfortantes. Julia continuava sonolenta, mas aos poucos as coisas foram entrando em foco. Ela abriu os olhos e viu Gabriel de pé diante dela, ainda nu, ainda glorioso, conferindo a temperatura da água com os dedos e ajustando as torneiras.

– Continua com sede?

Ela assentiu.

Ele desapareceu por alguns instantes e voltou com um líquido vermelho-escuro numa taça de vinho.

– Suco de cranberry com água tônica – disse ele. – Vai lhe fazer bem.

Julia arqueou uma sobrancelha para ele, perguntando-se como ele tinha se tornado um especialista em prevenir problemas femininos. Mais uma vez, porém, decidiu não se aprofundar na questão. Bebeu com sofreguidão e lhe entregou a taça vazia.

– Você trocou a música. O que está tocando?

– "Sogno", de Andrea Bocelli.

– É bonita – murmurou ela.

– Não tanto quanto você.

Ele fechou a água e entrou na banheira atrás de Julia, passando suas pernas longas em volta dela e puxando-a para junto do seu peito. Os dois suspiraram de contentamento. Ela recostou a cabeça no seu ombro e ele acariciou seus cabelos, seu toque suave e gentil.

– Foi... bom para você? – sussurrou ela.

Foi muito mais do que isso, pensou ele.

– Nunca havia experimentado nada parecido. Você foi perfeita. Você *é* perfeita. – Ele pressionou os lábios no topo da cabeça dela e ela se aconchegou em seus braços. – E muito, muito sexy. E para você?

– Foi muito melhor do que eu sonhava. Obrigada.

Gabriel começou a correr suas mãos pela pele escorregadia e molhada em volta das costelas dela.

– Por que o banho? – perguntou ela, remexendo-se um pouco contra ele ao sentir sua nova ereção contra as nádegas.

Os lábios dele encontraram sua orelha.

– Quis cuidar de você.

– Obrigada, Gabriel, por ser tão gentil comigo. Sei que a experiência não teria sido tão agradável se acontecesse com outra pessoa.

Ele beijou seus cabelos.

– Você merece muito mais e alguém muito melhor do que eu, Beatriz – sussurrou ele. – *La gloriosa donna della mia mente*.

– Meu Dante. – Ela se virou para beijar seu peito molhado. – Quando vamos poder fazer de novo?

Gabriel sorriu.

– Só amanhã. Antes você precisa melhorar.

Ela se contorceu um pouco.

– Mas não está tão ruim. Você foi muito cuidadoso.

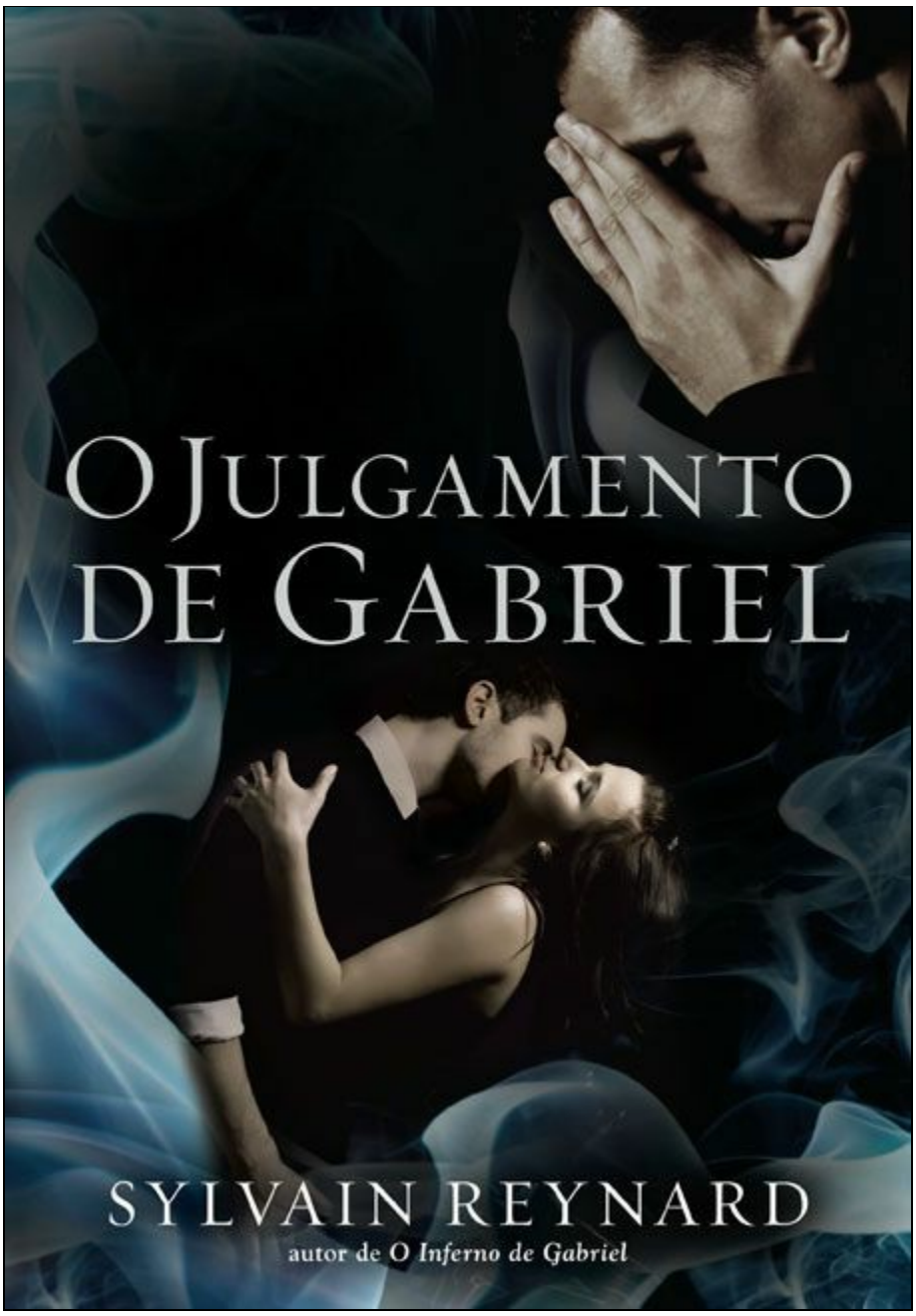
– Depois de tudo o que compartilhamos, só quero abraçá-la e ficar perto de você. Descanse nos meus braços e saiba que eu a amo. Faremos amor novamente muito em breve.

Sentindo-se reconfortada, Julia se permitiu relaxar plenamente contra o corpo dele. Ela agradeceu aos deuses das banheiras grandes, amantes sensuais e banhos de espuma com perfume de rosas. (Não necessariamente nessa ordem.) E agradeceu também aos deuses das virgens que estavam prestes a transar com seus namorados que eram deuses do sexo (perdão pela blasfêmia) pelo maior de todos os orgasmos. Três vezes.

Nas primeiras horas da madrugada, os amantes do Paraíso se entrelaçaram, carne contra carne, sonolentos e saciados, numa cama grande e branca. Luz e escuridão, inocência e experiência beijaram-se e acariciaram-se em meio à ternura e à aceitação criada pelo amor que sentiam. O anjo negro sussurrou em italiano para sua musa até ela adormecer em seus braços, mais feliz do que nunca.

Ela era amada.

CONHEÇA UM TRECHO DA SEQUÊNCIA



O julgamento de Gabriel

PRÓLOGO

Florença, 1290

O poeta deixou o bilhete cair no chão com a mão trêmula. Ficou alguns instantes sentado, imóvel como uma estátua. Então, cerrando os dentes com força, levantou-se e atravessou sua casa em alvoroço, ignorando mesas e objetos frágeis, desdenhando os demais moradores.

Desejava ver apenas uma pessoa.

Ele cruzou as ruas da cidade depressa, quase correndo, a caminho do rio. Parou à beira da ponte – a ponte deles –, seus olhos umedecidos vasculhando avidamente a margem mais próxima, em busca de qualquer vislumbre de sua amada.

Não havia nem sinal dela.

Ela jamais voltaria.

Sua amada Beatriz se fora.

CAPÍTULO UM

O professor Gabriel Emerson estava sentado na cama, nu, lendo o jornal florentino *La Nazione*. Havia acordado cedo na cobertura Palazzo Vecchio do Gallery Hotel Art e pedira o serviço de quarto, mas não conseguiu resistir à tentação de voltar para a cama e ficar observando a jovem dormir. Ela estava deitada de lado, virada para ele, respirando suavemente. Um diamante brilhava em sua orelha, suas faces estavam rosadas por causa do calor. O sol entrava pelas janelas panorâmicas, iluminando a cama.

As cobertas, deliciosamente amarrotadas, recendiam a sexo e sândalo. Seus olhos azuis brilharam, explorando-a sem pressa, a pele exposta, os cabelos longos e negros. Quando tornou a voltar sua atenção para o jornal, ela se mexeu um pouco e gemeu. Preocupado, ele atirou o jornal de lado.

Ela puxou os joelhos para junto do peito, enroscando-se na cama. Murmúrios escaparam de seus lábios e Gabriel se inclinou para mais perto, tentando decifrar o que ela dizia. Mas não conseguiu.

De repente, seu corpo se contorceu e ela deu um grito de cortar o coração. Seus braços se debateram, lutando com o lençol que a cobria.

– Julianne?

Ele pousou de leve a mão sobre seu ombro nu, mas ela se encolheu ao toque.

Começou a balbuciar o nome dele repetidamente, o tom de voz cada vez mais apavorado.

– Julia, estou aqui – disse ele, elevando a voz.

No instante em que tornou a estender a mão para tocá-la, ela se sentou na cama com as costas eretas, ofegante.

– Você está bem?

Gabriel se aproximou, resistindo ao impulso de tocá-la. Ela respirava com dificuldade e, sob o olhar vigilante dele, cobriu os olhos com a mão trêmula.

– Julia?

Após um longo minuto de tensão, ela o encarou com os olhos arregalados.

Ele fechou a cara.

– O que houve?

Ela engoliu em seco.

– Um pesadelo.

– Sobre o que era?

– Eu estava no bosque atrás da casa dos seus pais, em Selinsgrove.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram atrás dos óculos de armação preta.

– Por que você sonharia com isso?

Ela respirou fundo, cobrindo os seios com o lençol e levando-o até o queixo. A coberta, volumosa e branca, engoliu suas formas delicadas antes de ondular como uma nuvem por sobre o colchão. Aos olhos dele, ela parecia uma estátua ateniense.

Ele correu os dedos com carinho por sua pele.

– Julianne, fale comigo.

Ela se contorceu sob seu olhar penetrante, mas ele se recusou a soltá-la.

– O sonho começou muito bonito. Nós fizemos amor à luz das estrelas e eu adormeci em seus braços. Mas, quando acordei, você tinha sumido.

– Está me dizendo que sonhou que fiz amor com você e depois a abandonei? – A voz dele ficou mais fria para disfarçar seu desconforto.

– Eu já acordei no pomar sem você antes – disse ela a meia voz, em tom de censura.

O fogo de Gabriel se apagou na mesma hora. Ele pensou naquela noite mágica seis anos antes, quando eles se conheceram e apenas conversaram e ficaram abraçados. Ele havia acordado na manhã seguinte e ido embora, deixando sozinha uma adolescente adormecida. A ansiedade dela era compreensível e até comovente.

Um a um, Gabriel abriu e beijou os dedos cerrados dela, arrependido.

– Eu amo você, Beatriz. Não vou abandoná-la. Você sabe disso, não sabe?

– Doeria muito mais perder você agora.

Franzindo a testa, ele passou um braço em volta dela, pressionando seu rosto contra o peito. Uma enxurrada de lembranças lhe invadiu a mente enquanto ele pensava nos acontecimentos da noite anterior. Tinha visto Julia nua pela primeira vez e a iniciara nas intimidades do sexo. Ela compartilhara sua inocência com ele, que acreditava tê-la feito feliz. Sem dúvida havia sido uma das melhores noites da sua vida. Ele refletiu sobre isso por alguns instantes.

– Você se arrepende da noite passada? – perguntou.

– Não. Estou feliz que você tenha sido o primeiro. Foi o que eu sempre quis, desde que nos conhecemos.

Ele pousou a mão no rosto dela, acariciando sua pele com o polegar.

– É uma honra ter sido o seu primeiro. – Ele se inclinou para a frente, seu olhar fixo. – Mas também quero ser o seu último.

Ela sorriu e ergueu os lábios de encontro aos dele. Porém, antes que Gabriel pudesse abraçá-la, as badaladas do Big Ben ecoaram pelo quarto.

– Deixe isso para lá – sussurrou ele, irritado, esticando o corpo sobre o dela e obrigando-a a se deitar.

Ela lançou um olhar por sobre o ombro dele, em direção ao iPhone que tocava em cima da mesa.

– Achei que ela não fosse mais ligar para você.

– Não vou atender, então não tem importância. – Ele se ajoelhou entre as pernas dela e a descobriu. – Na minha cama, só existimos nós dois.

Ela perscrutou os olhos dele enquanto Gabriel colava seu corpo nu ao dela.

Ele se inclinou para a frente a fim de beijá-la, mas ela virou a cabeça.

– Ainda não escovei os dentes.

– Não me importo.

Ele baixou os lábios até seu pescoço, beijando-o e sentindo sua pulsação acelerada.

– Prefiro fazer a toalete antes.

Ele bufou, frustrado, e se apoiou num dos cotovelos.

– Não deixe Paulina estragar as coisas entre nós.

– Não vou deixar.

Ela tentou rolar de baixo dele e levar o lençol, mas Gabriel o agarrou. Olhou para Julia por sobre a armação dos óculos, os olhos faiscando de malícia.

– Preciso do lençol para fazer a cama.

Os olhos de Julia se desviaram do tecido branco preso entre os dedos dele e foram até o seu rosto. Gabriel parecia uma pantera prestes a atacar. Ela lançou um olhar para a pilha de roupas no chão. Estavam fora do seu alcance.

– Qual o problema? – perguntou ele, contendo um sorriso.

Julia ficou vermelha e segurou o lençol com mais força. Com uma risadinha, Gabriel o soltou e a puxou para seus braços.

– Não precisa ser tímida. Você é linda. Se eu pudesse escolher, você nunca mais se vestiria.

Gabriel pressionou os lábios no lóbulo da orelha dela, roçando o brinco de diamante. Estava seguro de que Grace, sua mãe adotiva, teria ficado feliz em saber que Julia recebera seus brincos. Com outro breve beijo, ele se virou, sentando-se na beirada da cama.

Ela correu para o banheiro, mas não antes de Gabriel conseguir ter um vislumbre de seu traseiro encantador quando ela largou o lençol, imediatamente antes de cruzar a porta.

Enquanto escovava os dentes, ela pensou no que havia acontecido. Fazer amor com Gabriel tinha sido uma experiência muito intensa, e seu coração ainda estava abalado. O que não era nenhuma surpresa, levando-se em conta a história dos dois. Ela o desejava desde os 17 anos, quando haviam passado uma noite inocente juntos num pomar, mas, ao acordar na manhã seguinte, ele tinha desaparecido. Como estava bêbado e drogado quando tudo aconteceu, Gabriel se esquecera dela. Julia só voltou a vê-lo depois de seis longos anos, mas ainda assim ele não se lembrou de imediato.

Quando o reencontrou, no primeiro dia do curso que Gabriel ministrava na pós-graduação da Universidade de Toronto, ele lhe pareceu atraente porém frio, como uma estrela distante. Na época, não acreditava que pudessem se tornar amantes. Achava

impossível que o professor temperamental e arrogante correspondesse a seu afeto.

Havia muitas coisas que ela não sabia. O sexo era uma forma de conhecimento, e agora ela sentia uma pontada de ciúme que nunca havia experimentado. A simples ideia de que Gabriel havia feito com outra mulher (no caso dele, com muitas outras) o que fizera com ela lhe dava um aperto no peito.

Ela sabia que os encontros de Gabriel eram diferentes do que eles haviam compartilhado – aventuras que nada tinham a ver com amor ou afeto. Mas ele despira aquelas mulheres, vira-as nuas e as penetrara. Quantas delas não desejaram mais depois de terem estado com ele? Paulina havia desejado. Ela e Gabriel tinham mantido contato ao longo dos anos, desde que conceberam e perderam um bebê juntos.

A nova maneira de Julia encarar o sexo mudou sua compreensão do passado dele e a tornou mais solidária com o drama de Paulina. E ainda mais precavida contra perder Gabriel para ela ou para qualquer outra mulher.

Sentindo-se invadida por uma onda de insegurança, Julia se agarrou a uma das pias do banheiro. Gabriel a amava, ela acreditava nisso. Mas também era um cavalheiro e por isso jamais revelaria que a relação deles o deixara insatisfeito. E quanto ao seu próprio comportamento? Ela havia feito perguntas e falado em momentos nos quais imaginava que a maioria das amantes teria ficado calada. Tinha feito muito pouco para agradá-lo e, quando tentou, ele a impedira.

Julia voltou a ouvir as palavras do ex-namorado, girando em sua mente como gritos de condenação:

Você é frígida. Vai ser péssima de cama.

Ela deu as costas para o espelho, refletindo sobre o que poderia acontecer se Gabriel estivesse insatisfeito com ela. O espectro da traição mostrou sua cabeça maléfica, trazendo consigo visões de quando ela encontrou Simon na cama com sua colega de quarto.

Ela empertigou os ombros. Estava confiante de que, se convencesse Gabriel a ser paciente e ensiná-la, poderia dar prazer a ele. Gabriel a amava e lhe daria uma chance. Ela pertencia a ele, como se seu nome estivesse gravado a ferro e fogo em sua pele.

Quando saiu do banheiro, ela o viu através da porta aberta do terraço. No caminho, se distraiu por um belo vaso de flores roxo-escuras e lírios mais claros, matizados, em cima da mesa. Alguns amantes teriam comprado rosas vermelhas de caules longos, mas Gabriel, não.

Ela abriu o cartão que estava aninhando entre as flores.

Minha querida Julianne,
Obrigado pelo seu inestimável presente.
A única coisa que tenho de valor é o meu coração.

Ele é seu,
Gabriel.

Julia releu o cartão duas vezes, seu coração inflando de amor e alívio. As palavras de Gabriel não pareciam as de um homem insatisfeito ou frustrado. Quaisquer que fossem suas aflições, Gabriel não parecia compartilhar delas.

Ele estava tomando sol no futon, sem os óculos, com seu peito gloriosamente exposto. Com seu corpo musculoso, de quase 1,90m de altura, era como se o próprio Apolo tivesse se dignado a lhe fazer uma visita. Notando sua presença no terraço, ele abriu os olhos e deu um tapinha no próprio colo. Julia se juntou a ele, que a abraçou e beijou apaixonadamente.

– Ora, ora. Olá – murmurou ele, afastando do rosto dela um cacho solto. Ele a analisou com atenção. – Qual o problema?

– Nada. Obrigada pelas flores. São lindas.

Ele roçou os lábios nos dela.

– Não tem de quê. Você parece preocupada. É por causa de Paulina?

– Estou chateada por ela ligar para você, mas não é isso. – O rosto de Julia se iluminou. – Obrigada pelo cartão. Ele diz o que eu precisava desesperadamente ouvir.

– Fico feliz. – Ele a abraçou mais apertado. – O que está incomodando você?

Julia remexeu no cinto do roupão por alguns instantes, até que Gabriel pegou a mão dela. Ela o encarou.

– A noite de ontem foi tudo o que você esperava?

Gabriel expirou com força, surpreso com a pergunta.

– Por que isso?

– Sei que deveria ter sido diferente para você. Eu não fui muito... ativa.

– Ativa? Do que você está falando?

– Não fiz muita coisa para lhe dar prazer. – Ela ficou vermelha.

Ele acariciou sua pele de leve com a ponta de um dedo.

– Você me deu muito prazer. Sei que estava nervosa, mas desfrutei imensamente de tudo. Pertencemos um ao outro agora, em todos os sentidos. O que mais a está perturbando?

– Exigi que trocássemos de posição quando você preferia que eu ficasse por cima.

– Você não exigiu nada, você *pediu*. Para ser sincero, Julianne, eu gostaria de ouvi-la exigir coisas de mim. Quero saber que você me deseja tão loucamente quanto eu a desejo. – A expressão de Gabriel relaxou e ele desenhou círculos em volta dos seios dela. – Você sonhava que nossa primeira vez fosse de uma determinada maneira. Eu quis lhe dar isso, mas estava preocupado. E se você se sentisse desconfortável? E se eu não fosse cuidadoso o suficiente? A noite passada foi uma primeira vez para mim também.

Ele a soltou, serviu café e leite vaporizado de duas jarras separadas numa xícara para preparar um *latte* e pousou a bandeja de comida entre os dois na banqueta. Havia folhados e frutas, torradas e Nutella, ovos cozidos e queijo, além de vários *Baci Perugina* que Gabriel havia subornado um funcionário do hotel para que fosse comprar, além do extravagante buquê de lírios do Giardino dell'Iris.

Julia desembrulhou um dos *Baci* e o comeu, fechando os olhos de prazer.

– Você pediu um banquete – comentou.

– Acordei faminto hoje. Teria esperado você, mas... – Ele balançou a cabeça enquanto pegava uma uva e a encarava com um olhar faiscante. – Abra a boca.

Julia obedeceu e ele pôs delicadamente a uva, correndo o dedo de forma tentadora por seu lábio inferior.

– Você precisa beber isto, por favor.

Ele lhe entregou uma taça de suco de cranberry com água tônica.

Ela revirou os olhos.

– Você é superprotetor.

Ele balançou a cabeça.

– É assim que um homem se comporta quando está apaixonado e quer que sua amada fique saudável para todo o sexo que planeja fazer com ela.

Ele deu uma piscadela convencida.

– Não vou perguntar como você sabe esse tipo de coisa. Dê isso aqui.

Ela pegou a taça da mão dele e bebeu o suco, os olhos fixos nos de Gabriel, que ria.

– Você é adorável.

Ela lhe mostrou a língua antes de preparar um prato de café da manhã.

– Como está se sentindo hoje? – perguntou Gabriel com um ar de preocupação.

Ela comeu um pedaço de queijo Fontina.

– Bem.

Ele apertou os lábios com força, como se a resposta dela o desagradasse.

– Fazer amor muda as coisas entre um homem e uma mulher – disse ele, instigando-a.

Ela perdeu a cor na mesma hora.

– Hum... você não está feliz com o que fizemos?

– É claro que estou. Quero descobrir se você está. E, pelo que me disse até o momento, estou preocupado que não esteja.

Julia brincou com o tecido do seu roupão, evitando o olhar perscrutador de Gabriel.

– Quando eu estava na faculdade, as garotas que moravam no meu andar costumavam se juntar para falar dos namorados. Uma noite, contaram histórias sobre a primeira vez delas. – Ela mordiscou a ponta de um dos dedos. – Poucas tinham coisas boas a dizer. A maioria das histórias eram terríveis. Uma tinha sofrido abuso sexual quando criança. Outras haviam sido forçadas pelo namorado ou pelo cara com quem estavam saindo.

Várias disseram que a primeira vez tinha sido desastrosa e decepcionante: um namorado gemendo e terminando rápido demais. Eu pensava que, se isso era o máximo que poderia esperar, seria melhor continuar virgem.

– Que coisa horrível!

Ela ficou olhando fixamente para a bandeja de café.

– Eu queria ser amada. Decidi que seria melhor ter uma relação casta, afetuosa e intelectual, por meio de cartas, do que um relacionamento sexual. Tinha minhas dúvidas se algum dia encontraria alguém capaz de me dar as duas coisas. Simon certamente não me amava. E agora que estou numa relação com um deus do sexo, não posso lhe oferecer nada parecido com o prazer que ele me dá.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Deus do sexo? Não é a primeira vez que você diz isso, mas, acredite, não sou...

Ela o interrompeu, olhando bem fundo nos seus olhos.

– Por favor, me ensine. Tenho certeza de que a noite de ontem não foi tão, hum... satisfatória quanto costuma ser para você, mas prometo que, se tiver paciência comigo, irei melhorar.

Ele praguejou disfarçadamente.

– Venha cá.

Gabriel a puxou, fazendo-a contornar a bandeja, e tornou a sentá-la em seu colo, envolvendo-a com os braços. Ficou calado por alguns instantes antes de suspirar com força.

– Você acha que minhas relações anteriores eram totalmente satisfatórias, mas está enganada. Você me deu algo que eu nunca tive: amor e sexo juntos. É a única que foi minha amante no verdadeiro sentido da palavra.

Ele a beijou com carinho, como se confirmasse de forma solene suas palavras.

– A expectativa e os encantos de uma mulher são cruciais para a experiência. Posso dizer sem medo que nunca tive nada parecido com os seus encantos e nunca experimentei tamanha expectativa. Acrescente a isso a experiência de fazer amor pela primeira vez... Faltam-me palavras.

Ela assentiu, mas algo no seu gesto o inquietou.

– Juro que não estou bajulando você. – Ele fez uma pausa, como se ponderasse bem o que diria em seguida. – Sob o risco de parecer um homem de Neandertal, talvez eu deva lhe dizer que a sua inocência é extremamente erótica. A ideia de que eu possa ser o homem que irá lhe ensinar sobre sexo... de que alguém tão recatada seja também tão passional... – Ele deixou a frase no ar, encarando-a com um olhar intenso. – Você poderia se tornar mais habilidosa na arte do amor se aprendesse novos truques e novas posições, mas não pode se tornar mais atraente ou mais sexualmente satisfatória. Não para mim.

Julia se inclinou para a frente e o beijou.

– Obrigada por cuidar tão bem de mim ontem à noite – sussurrou ela, corando.

– Quanto a Paulina, deixe que eu me preocupe com ela. Por favor, esqueça que ela existe.

Julia voltou a atenção para o café da manhã intocado, resistindo ao impulso de discutir com ele.

– Não quer me contar sobre a sua primeira vez?

– Acho melhor não.

Ela se ocupou com um folheado enquanto tentava pensar num assunto mais seguro. As dificuldades financeiras da Europa logo lhe vieram à mente.

Ele esfregou os olhos com as duas mãos, cobrindo-os por alguns instantes. Sabia que seria muito fácil mentir, mas, depois de tudo o que Julia lhe dera, ela merecia conhecer seus segredos.

– Você se lembra de Jamie Roberts?

– Claro.

Gabriel baixou as mãos.

– Foi com ela que perdi a virgindade.

Julia arqueou as sobrancelhas. Jamais gostara de Jamie e de sua mãe controladora, que nunca tinham sido muito simpáticas com ela. Nem imaginava que a agente Roberts, que tinha investigado a agressão de Simon contra ela um mês antes, pudesse ter sido a primeira mulher de Gabriel.

– Não foi a melhor experiência do mundo – falou ele, baixinho. – Na verdade, diria que foi até traumatizante. Eu não a amava. Havia certa atração, é claro, mas nenhum afeto verdadeiro. Nós estudamos juntos no ensino médio. Um belo dia, ela se sentou do meu lado na aula de história. – Gabriel deu de ombros. – Começamos a flertar e a dar uns amassos depois da escola e, com o passar do tempo... – Gabriel fez uma pausa antes de prosseguir: – Jamie era virgem, mas mentiu sobre isso. Não fui nada cuidadoso com ela. Fui egoísta e estúpido. – Ele praguejou. – Ela disse que não tinha machucado muito, mas vi sangue depois. Fiquei me sentindo um animal e me arrependi para sempre do que havia acontecido. – Gabriel se encolheu e Julia sentiu a culpa irradiar do seu corpo. Sua descrição dos fatos quase lhe embrulhou o estômago, mas também explicava muita coisa.

– Que terrível! Sinto muito. – Ela apertou sua mão. – É por isso que estava tão preocupado ontem à noite?

Ele assentiu.

– Ela enganou você – disse Julia.

– Mas meu comportamento foi imperdoável, mesmo depois. – Ele pigarreou. – Ela achou que tivéssemos um relacionamento, mas eu não estava interessado. O que só

piorou as coisas, é claro. Eu evoluí de um simples animal para um animal *babaca*. Fazia anos que eu não falava com ela. Quando a encontrei, no Dia de Ação de Graças, pedi que me perdoasse. Ela foi extremamente gentil. Sempre me senti culpado por tê-la tratado mal. Mantive distância de virgens desde então. – Ele engoliu em seco. – Até ontem à noite. Primeiras vezes deveriam ser doces, mas quase nunca são. Enquanto você estava preocupada em me dar prazer, eu estava preocupado em lhe dar prazer também. Talvez tenha sido cauteloso demais, superprotetor, mas jamais me perdoaria se machucasse você.

Julia deixou o café da manhã de lado e acariciou o rosto dele.

– Você foi muito gentil e generoso. Nunca senti tanta alegria na vida, e isso porque você me amou não apenas com seu corpo. Obrigada.

Como se quisesse provar que ela estava certa, Gabriel a beijou com intensidade. Julia gemeu quando as mãos dele se emaranharam em seus cabelos. Ela passou os braços em volta do pescoço dele. Gabriel deslizou as mãos entre seus corpos até a parte da frente do roupão dela, abrindo-o com hesitação. Ele ergueu a cabeça, uma pergunta em seus olhos.

Ela assentiu.

Ele começou a beijar de leve seu pescoço e subiu para puxar o lóbulo da sua orelha com a boca.

– Como está se sentindo?

– Ótima – sussurrou ela enquanto os lábios de Gabriel deslizavam por seu pescoço.

Ele se moveu para que pudesse ver o rosto dela, deslizando uma das mãos até a parte de baixo do seu abdome.

– Está doendo?

– Um pouco.

– Então é melhor esperarmos.

– Não!

Ele riu, seus lábios se abrindo em seu sorriso sedutor característico.

– Ontem à noite você estava falando sério quando disse que queria fazer amor aqui fora?

Ela estremeceu diante da maneira como a voz dele a incendiava, mas retribuiu o sorriso, enroscando os dedos pelos seus cabelos e puxando-o para mais perto. Gabriel abriu o roupão dela e começou a explorar suas curvas com as duas mãos antes de descer a boca para beijar seus seios.

– Você ficou tímida comigo hoje de manhã. – Ele deu um beijo reverente na altura do coração dela. – O que mudou?

Julia esfregou o rosto na pequena covinha no queixo dele.

– Acho que sempre vou ficar um pouco encabulada por estar nua. Mas quero você. Quero que olhe nos meus olhos e diga que me ama enquanto se move dentro de mim.

Vou me lembrar disso até o dia em que eu morrer.

– Eu não vou deixá-la esquecer – sussurrou ele.

Ele a despiu e a deitou de costas.

– Está com frio?

– Não nos seus braços – sussurrou ela, sorrindo. – Não prefere que eu fique em cima? Gostaria de experimentar.

Ele arrancou seu próprio roupão e a cueca samba-canção e cobriu o corpo de Julia com o seu, pousando as mãos em suas faces.

– Alguém lá fora poderia ver você, querida. E isso seria inaceitável. Só eu posso ver este corpo lindo. Embora os vizinhos e passantes talvez consigam *ouvi-la*... pela próxima hora, mais ou menos... – Ele deu uma risadinha enquanto ela respirava fundo, um tremor de prazer descendo até os dedos dos seus pés.

Ele a beijou, afastando o cabelo do seu rosto.

– Meu objetivo é ver quantas vezes consigo satisfazê-la antes de não conseguir mais me conter.

Ela sorriu.

– Isso me parece muito bom.

– Também acho. Então, deixe-me ouvir você.

O céu azul ruborizou diante de tamanha paixão, enquanto, lá no alto, o sol florentino sorria, aquecendo os amantes apesar da brisa suave. Ao lado deles, o café com leite de Julia ficou frio e aborrecido por ter sido tratado com tamanho desdém.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben

A cabana, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento, de Patrick Rothfuss

A passagem, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE
OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
curta a página facebook.com/editora.arqueiro
e siga @editoraarqueiro no Twitter.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 @editoraarqueiro

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Dedicatória
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Conheça um trecho da sequência “O julgamento de Gabriel”
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos